



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO**

ANNI DE NOVAIS CARNEIRO

**SAÚDE, ARTIVISMOS E PEDAGOGIA FEMINISTA: A FEMINÁRIA MUSICAL
NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

Salvador, Bahia
2019

SAÚDE, ARTIVISMOS E PEDAGOGIA FEMINISTA: A FEMINÁRIA MUSICAL
NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ANNI DE NOVAIS CARNEIRO

Figura 1 – “Dia de Iansã” Feminária Musical no Terreiro do Gantois, 2017



ANNI DE NOVAIS CARNEIRO

SAÚDE, ARTIVISMOS E PEDAGOGIA FEMINISTA: A FEMINÁRIA MUSICAL
NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, da Universidade Federal da Bahia, obtenção de grau como Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.
Área de concentração: Mulheres, Gênero e Feminismo.
Linha de pesquisa: Gênero, Arte e Cultura.
Orientadora: Professora Doutora Laila Andresa Cavalcante Rosa.

Salvador, Bahia
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

de Novais Carneiro, Anni
SAÚDE, ARTIVISMOS E PEDAGOGIA FEMINISTA: A
FEMINÁRIA MUSICAL NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA / Anni de Novais Carneiro. --
Salvador, 2019.
337 f.

Orientador: Laila Andresa Cavalcante Rosa.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em
Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e
Feminismo) -- Universidade Federal da Bahia, Núcleo
de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

1. Pedagogia Feminista. 2. Saúde. 3. Feminária
Musical. 4. Artivismo. 5. Universidade. I. Andresa
Cavalcante Rosa, Laila. II. Título.

SAÚDE, ARTIVISMOS E PEDAGOGIA FEMINISTA: A FEMINÁRIA MUSICAL
NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Laila Andresa Cavalcante Rosa
Orientadora e Presidenta da Sessão (PPGNEIM/PPGEMUS/UFBA)

Prof. Dr. Eduardo Oliveira
1º Examinador (Faculdade de Educação/DMMDC/UFBA)

Prof.^a Dr.^a Denise Vieira da Silva
2ª Examinadora (Pró Reitora de Desenvolvimento de Pessoas da UFBA)

Prof.^a Dr.^a Maíra Kubík Mano
3ª Examinadora (PPGNEIM/UFBA)

Prof.^a Dr.^a Darlane Silva Vieira Andrade
4º Examinadora (PPGNEIM/UFBA)

Salvador, 19 de setembro de 2019

Com carinho,

Dedico este estudo às minhas e meus mais velhos que me embalaram
e seguem me embalando em braços amorosos e fortes,
em especial minha mãe Glória Novais e meu pai Hannibal Carneiro
e minhas avós e avôs (*in memoriam*),
Tertuliano e Vanda Carneiro,
Zenaide e Hélio Novais.

Dedico esta produção preche de amor à Iara,
minha filha flor.

Tese dedicada à Feminária Musical, grupo revolucionário, em especial a cada interlocutora e
interlocutor que colaborou com essa construção, partilhando generosamente sua trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao NEIM, ou, ainda, às pessoas que constituem esse Núcleo tão relevante historicamente, território de transgressão e (re)existências na Universidade, que se amplia e se reinventa, síntese entre os fazeres teóricos e articulações no campo social desde seu nascimento. Neste espaço, uma riqueza de perspectivas, afetações e encontros especiais se deram, e seguem.

Grata à minha orientadora, inspiradora, Laila Rosa, pela jornada transbordante de aprendizados, de trocas, de afeto e beleza. Agradeço a oportunidade especial de espelhamentos e tanta nutrição experimentada na Feminária Musical.

Agradeço às pessoas interlocutoras, parceiras da pesquisa, em especial à Cris Lima, por ser uma Feminária de pés firmes no chão, cuidando da memória, das aberturas e fechamentos.

Agradeço aos participantes da banca de qualificação e defesa, Maíra Kubík, Denise Vieira, Clélia Prestes, Eduardo Oliveira e Darlane Andrade, pelos olhares atentos e por todas as preciosas colaborações, pelas provocações e pela delicadeza.

Sou grata às companheiras e companheiros de jornada na pós-graduação, às amigas.

Agradeço imensamente à minha filha Iara, força de vida que transformou tudo em mim, convocação constante de aprendizado e refinamento da minha escuta e aprimoramento no campo relacional.

Grata pela parceria amorosa do meu companheiro Henrique Gerbase, entusiasta e provocador nos meus caminhos de criação.

Agradeço profundamente o cuidado e suporte da minha mãe Glória Novais e do meu pai Hannibal Carneiro, que colaboraram durante todo processo, sobretudo no apoio ao cuidado de Iara.

Grata aos meus sogros, Jairo Gerbase e Angélica Teixeira, também parceiros na rede de cuidado.

Grata pelo suporte financeiro fornecido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, garantindo que eu pudesse me dedicar ao exercício da pesquisa de modo integral, em grande parte do tempo de jornada.

Gratidão pelo que se deu.

Gotas de água juntas se transformam em chuva.

Axé, Aiyabaomi bobo.

(Força de todas as rainhas das águas)

Mãe Beata de Iemanjá, 2008.

RESUMO

Esta tese consiste em uma investigação acerca das trajetórias das participantes da Feminária Musical: Grupo de Pesquisa e Experimentos Sonoros, grupo artista híbrido da Escola de Música e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia, no que tange à sua produção de conhecimento sobre mulheres e música no Brasil, com destaque para as compositoras e este lugar potente da criação musical como espaço de poder e suas experimentações autorais poético-musicais e performáticas. As hipóteses iniciais referiam-se à compreensão de uma potente experiência de Pedagogia Feminista, com um caráter afetivo e de promoção de saúde experimentado na Feminária Musical. E, ainda, havia uma hipótese de reconhecimento da Universidade como espaço de contradição, potência de crescimento e experimentação de relações saudáveis, como também espaço de experiências densas, violentas nutridas pelas matrizes de desigualdades racismo, sexismo, LGBTQI+fobia, classismo etc. Apoiada em autoras dos Feminismos Negro e Pós-Colonial, com destaque para Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Glória Anzaldúa, Audre Lorde, bell hooks e Nilma Lino Gomes, indicam-se as compreensões acerca dos enlaces entre Saúde, Saúde Mental, Bem Viver, Afetividade, Pedagogia Feminista e Autocuidado. São investigadas as experiências vividas na Universidade, com destaque para a experiência no referido grupo, bem como, as repercussões dessa experiência grupal e ativismos, com relação à subjetivação e movimentos de resistência, ou, ainda, à existência experimentada com saúde e afeto que também me atravessam enquanto mulher negra e participante desde o final do ano de 2014, sendo, portanto, uma pesquisa participante engajada e feminista. A metodologia consistiu em uma investigação qualitativa, na qual foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 26 pessoas. Os dados coletados foram amplificados com base na epistemologia qualitativa, através da análise de conteúdo. Os resultados encontrados no estudo corroboraram as hipóteses levantadas inicialmente. A Feminária Musical, de fato, apresenta-se como um grupo extremamente potente, que, através de uma Pedagogia Feminista e do ativismo, implicada com uma construção de saber e relações libertárias mantém-se como espaço ímpar dentro da Universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde. Pedagogia feminista. Universidade. Bem viver. Feminária musical.

RESUMEN

Esta tesis consiste en una investigación sobre las trayectorias de las participantes de Feminaria Musical: Grupo de Investigación y Experimentos de Sonido - grupo híbrido activista de la Escuela de Música y el Centro de Estudios Interdisciplinarios sobre Mujeres de la Universidad Federal de Bahía, con respecto a sus experimentos de autor poético-performativo en el grupo y en la universidad en general. Las hipótesis iniciales se referían a la comprensión de una poderosa experiencia de Pedagogía Feminista, con un carácter afectivo y de promoción de la salud experimentado en Feminine Musical. Además, existía una hipótesis de reconocimiento de la Universidad como un espacio de contradicción, poder de crecimiento y experimentación de relaciones saludables, así como un espacio de experiencias densas y violentas alimentadas por las matrices de desigualdades racismo, sexismo, LGBTQI + fobia, clasismo, etc. Con el apoyo de las autoras de los feminismos negros y poscoloniales, con énfasis en Sueli Carneiro, Lélia González, Gloria Anzaldúa, Audre Lorde, bellhooks y Nilma Lino Gomes, la comprensión de los vínculos entre Salud, Salud mental, Vida saludable, Afectividad, pedagogía feminista y autocuidado. Las experiencias vividas en la Universidad se investigan, con énfasis en la experiencia en el grupo referido, como las repercusiones de esta experiencia grupal, activismos, en relación con los movimientos de subjetividad y resistencia o incluso la existencia experimentada con salud y afecto. La metodología consiste en una investigación cualitativa, en la que se entrevistó a 26 personas en base a un cuestionario de entrevista semiestructurada. Los datos recopilados se amplificaron con base en la epistemología cualitativa, a través del análisis de contenido. Los resultados encontrados en el estudio corroboraron las hipótesis planteadas inicialmente. El Musical Femenino, de hecho, se presenta como un grupo extremadamente poderoso, que a través de una Pedagogía Feminista y el activismo implicado con una construcción de conocimiento y relaciones libertarias sigue siendo un espacio único dentro de la Universidad.

PALABRAS-CLAVE: Salud. Pedagogía feminista. Universidad. Buen vivir. Femenidad femenina.

ABSTRACT

This thesis consists of an investigation about the trajectories of the participants of the Feminine Musical: Research and Sound Experiments Group - hybrid activist group of the School of Music and the Center for Interdisciplinary Studies in Women of the Federal University of Bahia, about its author. poetic-performative in the group and the university in general. The initial hypotheses referred to the understanding of a powerful experience of Feminist Pedagogy, with an affective and health-promoting character experienced in the Feminine Musical. In addition, there was a hypothesis of recognition of the University as a space of contradiction, power of growth and experimentation of healthy relationships, as well as a space of dense and violent experiences fed by the matrices of racism, sexism, LGBTQI + phobia, classism, etc. . With the support of the authors of black and postcolonial feminisms, with emphasis on Sueli Carneiro, Lélia González, Gloria Anzaldúa, Audre Lorde, bell hooks and Nilma Lino Gomes, understanding the links between Health, Mental Health, Healthy Living, Affectivity, Pedagogy. feminist and self-care. The experiences lived at the University are investigated, with emphasis on the experience of the referred group, as the repercussions of this group experience, the activisms, in relation to the movements of subjectivity and resistance or even the existence lived with health and affection. The methodology consists of a qualitative investigation, in which 26 people were interviewed based on a semi-structured interview questionnaire. The collected data were amplified based on qualitative epistemology, through content analysis, and the results found in the study corroborated the hypotheses raised initially. The female musical, in fact, is presented as an extremely powerful group, which through feminist pedagogy and activism involved with the construction of knowledge and libertarian relations, remains a unique space within the University.

KEYWORDS: Health. Feminist pedagogy. University. Well Live. Female femininity.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – “Dia de Iansã” Feminária Musical no Terreiro do Gantois, 2017
- Figura 2** – Determinantes sociais: por Dahlgren e Whitehead (1991) 33
- Figura 3** – “Início da Jornada”. Registro de uma performance realizada com a primeira formação da Feminária Musical no ano de 2013, na Faculdade de Educação da UFBA, durante I Encontro de estudantes negros, indígenas e quilombolas da UFBA. No registro, da esquerda para direita: Laurisabel Assil, Laura Cardoso, Eric Assmar e NeilaKadhí. 77
- Figura 4** – “Somos Todas Cláudia”. Registro da performance intitulada: “Somos Todas Claudia” na Defensoria Pública, lançamento da Campanha de apoio à comunidade LGBTQ+ em situação de rua e que teve o projeto de Mafá Santos como um dos pilares – aula de percussão pra mulheres em situação de rua, no ano de 2015. No registro, da esquerda para direita: Thalita Batuk, Mafá Santos, Laila Rosa, Bruna Santos e Cris Lima. 77
- Figura 5** – “Saudando as Ayabás”. Registro da performance intitulada: “Ayabás”, realizada Museu de Arte da Bahia (2018). No Seminário “ConFabulações: Teatro-Máscara-Ritual e Mostra de Comicidade Feminina”. No registro, da esquerda para direita: Fran Ribeiro, Ana Paula fiúza, Alexandra Martins, Nzinga Mbandi, Cris Lima, Laila Rosa e Anni Carneiro. 78
- Figura 6** – “Em casa”. Registro realizado por Alexandra Martins de reunião da Feminária Musical, na casa de Laila Rosa (2016). 91
- Figura 7** – “Celebrando o encontro”. Roda de conversa: “Protagonismo das mulheres em Salvador” com a convidada a convidada Josy Garcia, na Escola de Música- UFBA, na data 13/07/2017. 93
- Figura 8** – “Em roda”. Registro da Oficina performática “O que me move” com a professora Dra Nadir Nóbrega, dia 05 de novembro de 2015, realizada na Escola de Música da UFBA. 94
- Figura 9** – “Fora do Objeto”. Registro realizado por Alexandra Martins: ensaio da Feminária Musical, momento de experimentação e criação sonora, na casa de Laila Rosa (2016). 95
- Figura 10** – “(Com)Partilhando caminhos”. Registro do Encontro Novembro Negro nas: diálogos sobre raça, gênero e sexualidade nas artes visuais, educação, literatura, moda e música. Realizado no terreiro do Gantois, Mesa da Feminária Musical, partilhas das participantes. Em novembro de 2017. 95
- Figura 11** – “Cris Lima”. Registro da primeira apresentação do vídeo Filhas da Terra, ocorrido em Performance homônima, na terra 10ª Semana de Biologia da UFBA, atividade de parceria entre a Feminária Musical e PET Comunidades Indígenas. Realizado no Auditório do Pavilhão de Aulas da Federação I da UFBA, no dia 31 de agosto de 2015. No registro um quadro da produção audiovisual e palco da performance. 98
- Figura 12** – “Roda ancestral”. Registro da primeira apresentação do vídeo Filhas da terra, ocorrido em performance homônima, na terra 10ª Semana de Biologia da UFBA, atividade de parceria entre a Feminária Musical e PET Comunidades Indígenas. Realizado no Auditório do Pavilhão de Aulas da Federação I da UFBA, no dia 31 de agosto de 2015. Na imagem, parte final da performance. 98

Figura 13 –“Sobre o cuidar”. Registro de Laila Rosa do Encontro de Mulheres do Alto das Pombas, organizado pelo Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, com a participação da Feminária Musical, em homenagem às mães, no Colégio Tertuliano Góes no Alto das pombas, federação. No ano de 2015, mês de maio. 99

Figura 14 – “Saudando Iemanjá”. Registro de Performance “Iemanjá” realizada em atividade comemorativa ao dia das Consciência Negra pelo GRUMAP, no Colégio Tertuliano Góes no Alto das pombas, federação. No ano de 2016 99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Performances, informações e relatos

79

LISTA DE SIGLAS

ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais
EMUS	Escola de Música da Universidade Federal da Bahia
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GRUMAP	Grupo de Mulheres do Alto das Pombas
HUPES	Hospital Universitário Professor Edgar Santos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IHAC	Instituto de Humanidades Artes e Ciências
ONU	Organização das Nações Unidas
PET	Programa de Extensão Universitária
PPG	Programa de Pós-Graduação
REDOR	Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ESCRIVIVÊNCIAS, MANANCIAS DE SABERES E BUSCAS	19
ESPELHAMENTOS E REFLEXÕES: REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	19
FEMINÁRIA MUSICAL: APROXIMAÇÕES DO CAMPO E DAS INTERLOCUTORAS	45
CAPÍTULO 1. FEMINÁRIA MUSICAL: GRUPO DE PESQUISA E EXPERIMENTOS SONOROS, CIRANDA DE MULHERES, SABERES E AFETOS	49
1.1 HISTÓRIA DO GRUPO E PRODUÇÕES: PELOS OLHARES DAS INTERLOCUTORAS	49
1.2 CATEGORIAS DE AÇÃO: RELATOS POÉTICOS E REGISTROS IMAGÉTICOS	73
1.2.1 Performances	74
1.2.2 Encontros do grupo de pesquisa	90
1.2.3 Rodas de conversa	93
1.2.4 Oficinas	94
1.2.5 Ensaios	94
1.2.6 Organização de eventos	95
1.2.7 Escritas coletivas	96
1.2.8 Material audiovisual	97
1.2.9 Relações intergrupos, parceiras e colaboradoras permanentes	99
1.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	100
CAPÍTULO 2. PONTES PARA ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E ALINHAVOS (RE) EXISTENCIAIS	102
2.1 PONTES, RIOS E CORRENTEZAS QUE ENLAÇAM FEMINISMOS NEGRO, DECOLONIAL E SAÚDE	102
2.2 CATEGORIAS SAÚDE MENTAL E BEM VIVER: NUTRINDO E SUSTENTANDO	122
2.3 CATEGORIA JORNADA UNIVERSITÁRIA: ENCONTROS, FRAGMENTAÇÕES E POTÊNCIAS	139

2.4 REDES DE APOIO: JORNADAS DE CRESCIMENTO	175
2.4.1 Fora da Universidade	177
2.4.2 Dentro da Universidade	183
2.5 ARTE, CORPORALIDADES E PERFORMANCES: ARTIVISMOS COMO POTÊNCIA	206
2.6 CATEGORIA ARTE: SENTIDOS E PROPÓSITOS	212
CAPÍTULO 3. SOBRE TORNAR-SE ACADÊMICA: TENSIONAMENTOS, PROCESSOS GRUPAIS, IDENTIFICAÇÃO E PERTENÇA	222
3.1 PSICOLOGIAS: COLABORAÇÕES PROVOCATIVAS PARA PENSAR A ACADEMIA	222
3.2 PSICOLOGIA SOCIAL E GRUPOS OPERATIVOS: PENSANDO PROCESSOS, VÍNCULOS E SÍNTESES DIANTE DAS DIFERENÇAS	230
3.3 CATEGORIA JORNADAS NA FEMINÁRIA MUSICAL	234
3.4 FEMINISMOS NEGRO E DECOLONIAL: AMEFRICANIZANDO O FEMININO SAGRADO E AS ARTES	239
CAPÍTULO 4. “ENSINANDO A TRANSGREDIR”: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA, FEMINISMO NEGRO E DECOLONIAL NA DÍADE DOCENTE-DISCENTES	243
4.1 POR PEDAGOGIAS CORPORIFICADAS, CONTEXTUALIZADAS E DEMOCRÁTICAS	243
4.2 FAZERES PEDAGÓGICOS NA FEMINÁRIA	252
4.3 COMO SE CONFIGURA UMA PEDAGOGIA FEMINISTA?	269
4.4 CATEGORIAS AUTOCUIDADO E BEM VIVER: GARANTINDO A EXISTÊNCIA	279
5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A JORNADA	310
5.1 LIMITES, POSSIBILIDADES E TRANSBORDAMENTOS	310
REFERÊNCIAS	318
APÊNDICES	328
APÊNDICE A. ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DE ENTREVISTA	329

APÊNDICE B. ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO - COORDENADORA DO GRUPO	331
APÊNDICE C. DADOS DAS ENTREVISTAS	333
APÊNDICE D. PERFIL SOCIOECONÔMICO E IDENTITÁRIO DAS PESSOAS INTERLOCUTORAS	334
APÊNCICE E. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	337

INTRODUÇÃO: ESCRIVIVÊNCIAS, MANANCIAS DE SABERES E BUSCAS

Sou Anni

Sou mulher, hoje de mãos dadas com a menina.

Sou amor, amor à casa, às flores, às frutas, às folhas, minha bebê.

Minha filha.

Minha filha me leva para todos os lugares, dentro de mim, na minha cidade.

No mundo.

Sou água banhando, águas claras, límpidas, banho de mar, mergulho, rio cor de âmbar.

Pedra quente.

Sou festa, alegria-força.

Hoje mais silêncio.

Sou quadrilha, abraço, sorriso, gargalhadas de doer a barriga.

Choro. Choro. Chorarô.

Sinto a dureza da vida e t-o-d-ab-e-l-e-z-a.

TODA POTÊNCIA.

Venho aprendendo a me cuidar, a fazer da dança da vida ciranda consciente.

Discussão, diálogo, limite, a b e r t u r a.

Movimento-quietude-movimento¹.

ESPELHAMENTOS E REFLEXÕES: REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Diante da importância de explicitar o meu lugar de fala, pautada na Teoria do Ponto de Vista (*StandpointTheory*), de Harding (2004), ou melhor, nas escrituras de tantas mulheres negras, a exemplo de Maria Carolina de Jesus (1960) e Conceição Evaristo (2013), busco elucidar o meu processo de aproximação da temática e os delineamentos desta tese. Sou mulher, negra, jovem, cisgênera, heterossexual até então, soteropolitana, vivo e experimento o

¹ Escrito durante uma aula, na condição de docente, na qual discentes foram convidadas/os a escrever sobre si. 2018.

mundo através das sensações, das imagens, da afetividade, do corpo, primordialmente, até a adultês.

Sou natural de Salvador, Bahia, filha de um casal de pessoas negras, oriundas de famílias inter-raciais do interior da Bahia – Mucugê, Feira de Santana e São Gonçalo dos Campos. Sou a primeira de ambas famílias a cursar um doutorado e optar pela carreira acadêmica. Importante dizer que sou filha de uma mulher que por muito exerceu atividades como assistente social e que me apresentou, desde muito cedo, suas preocupações e atividades no campo da garantia de direitos, atuações em saúde e meio ambiente, com populações vulneráveis, bem como meu, pai que de outras formas apresentou-me a potência do afeto e articulações de cuidado. Sou mãe de Iara, nascida no meio do processo do doutoramento, hoje com dois anos. Psicóloga, Arteterapeuta Junguiana e Bacharela em Humanidades.

Desde muito cedo valorizei os estudos como possibilidade transformadora que busquei alcançar ao longo dos anos e sigo. A partir de minha própria experiência e baseando-me na premissa feminista de que “o pessoal é político”, hoje percebo essa possibilidade que outrora foi individualizada, de forma ampliada, em que a educação representa um veículo fundamental para a transformação social.

Não defendo uma perspectiva neoliberal de “vencer na vida” através dos estudos, mas de como, através da educação formal (também informalmente, sobretudo, nos movimentos sociais), é possível refletir e colocar-se na vida enquanto sujeito político na construção de ações que visem à transformação social. E, como a saúde, compreendida de modo amplo, contextualizada sociohistoricamente passa a ser trabalhada de modo engajado, orientada pelo enlace entre os campos cultural, político, educacional e artístico.

Estudei durante longo período em uma mesma escola, construtivista, que favoreceu o contato com aspectos culturais diversos, políticos e sociais de ordem local e global muito definidores do meu percurso, das minhas lutas da atualidade. Foi na escola, sobretudo que vivi relações interpessoais e pude experimentar e fortalecer habilidades do que penso que hoje se materializa em alteridade. Foi na escola que pude iniciar o alinhamento de forma mais consciente as minhas matrizes negra e indígena, ainda que isso só tenha se assentado na minha adultês.

Diante das circunstâncias já atentava para questões de violência contra a mulher, discriminações de classe social, racismo e sexismo que somente anos mais tarde organizei de forma teórica no universo acadêmico e na militância feminista.

Ao final do ensino médio dei-me conta de que tinha três caminhos profissionais desejados: as Ciências Sociais, o Serviço Social e Psicologia. Optei por aquele que é ponte

entre o campo da saúde e das ciências humanas, a Psicologia, que me permitiu trânsito e sínteses entre esses.

O uso da escrita sempre foi um recurso caro para mim, lugar de encontro comigo, de expressão fácil, de elaboração, de permitir o transbordar, escritas todas para mim, algumas para outras pessoas. A forma de expressão escrita para pessoas amadas sempre foi um prazer também, uma necessidade, forma de dizer o que não saía tanto pela boca. Depois, a escrita passou a ser usada para trabalhos, artigos, provas, avaliações e, sem perceber, a escrita passou a ser quase automática, adequada às normas, bastante direta, pouco metafórica, pouco afetiva. Foi aí, então, que percebi que a escrita acompanhava a vida, já corrida, para cumprir metas, ia se esvaziando de sentido, de beleza, de prazer.

O mesmo aconteceu com as outras expressões, ou, ainda pior, como não estavam no rol das obrigações, foram deixadas de lado. O desenho, as pinturas, a dança, até a fotografia, o desejo de fazer música ficaram adormecidos. Cheguei a fazer teatro e modelagem com argila nesse meio tempo. Fui vendedora de orquídeas por um período, o que era um prazer, pois proporcionava o contato com plantas e pessoas. Prioridades e mais prioridades intelectuais foram tomando a cena. A preocupação em tornar-me boa profissional, em inserir-me no mercado de trabalho, em ser uma pessoa reconhecida, qualificada, “séria”, emergiram, e daí me envolvi cada vez mais com a academia e com uma fragmentação bem esperada nessa jornada, naturalizada e até desejada para “intelectuais”.

A essa altura, no meio da graduação em Psicologia na Faculdade Ruy Barbosa, ainda desidentificada com grande parte do que vinha conhecendo em Psicologia, iniciei um curso novo. Na época, compus a primeira turma do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Naquele espaço pude integrar uma série de questões sociais e políticas à Psicologia e fui aproximando-me da Psicologia Social e, com isso, cursei uma formação na área. Muito mais do que isso, essa integração deu-se a partir dos espaços, dos diálogos com pares e com algumas docentes, com destaque para Carol Barreto e Denise Vieira da Silva. Os componentes do Bacharelado de Gênero, curso também recente no período, trouxeram-me para o ápice da possibilidade de questionamentos e afirmação de identidades, o que vinha se adensando em outras experiências, nos processos pessoais, mas que ganhou densidade no espaço acadêmico, sem dúvida.

Sempre identifiquei-me com trabalhos em grupo. Pensava-me psicóloga atuando com grupos em situação de vulnerabilidade. Ainda na Faculdade, aproximei-me da Terapia Comunitária. Pude experimentá-la na prática e encontrar na Psicologia Social muitas identificações. Esses espaços foram bastante formativos para mim e seguem assim com os

passos dados até então. No Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades tive contato com componentes curriculares de dança, saúde, cultura, conexões diversas, visões amplas e interdisciplinares que me arrebatam.

Nesse caminho, construindo um entendimento do meu papel enquanto Psicóloga, do que era preciso para tornar-me uma boa profissional, fiz muitas costuras e ampliei meu olhar para essa ciência e os fazeres da clínica e docência. As opressões sempre incomodaram-me, mas eu desconhecia o nome das matrizes de desigualdades sociais, não sabia como operavam, lutava para dar conta dos atravessamentos vividos, mas sem sabê-las de forma tão consciente, mais organizada. Isso não diminui em nada as minhas experiências, transgressões, mas sabê-las tem fortalecido minha autonomia e possibilitado-me ações cada vez mais conscientes e articuladas.

Esse olhar mais crítico para o racismo, o sexismo e a LGBTQI+fobia veio nas discussões e reflexões suscitadas nos componentes curriculares cursados durante os últimos semestres do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, no curso de Graduação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), o Bacharelado de Gênero e Diversidade, com a docente Carol Barreto, mulher negra artista inspiradora. Junto a isso e a processos psicoterapêuticos é fortalecida a minha identidade de mulher negra, que concomitantemente vai revelando alguns outros marcadores, privilégios e alguns atenuantes. As aulas que mais me mobilizavam convocavam e incluíam as subjetividades de todas presentes e o meu olhar para academia foi também sendo nutrido de desejo de permanência, de experimentação e transgressão.

Já psicóloga, tive algumas experiências com grupos, uma delas mais duradoura, com um grupo de mulheres idosas de um bairro considerado periferia da cidade de Salvador, por meio de uma Organização não Governamental, na qual pude começar a me atentar para uma série de questões, dentre elas, pela força daquele grupo de mulheres que tinham mais de 30 anos de existência, colaboração e afetividade. Percebo quanto aquele espaço era promotor de saúde para elas e para mim. Juntas, elas compartilhavam experiências, saberes, acolhiam, questionavam, sorriam e viviam uma rede de cuidado para os momentos difíceis. Encontrava-me diante de uma rede de vínculos, de cuidados, em um espaço promotor de saúde. Outra experiência foi com um grupo de mulheres gestantes e puérperas em uma maternidade de Salvador, em uma atividade de extensão do Bacharelado Interdisciplinar, espaço de partilha de experiências e informações, que incluíam a defesa do parto humanizado e do parto natural, acolhida de toda complexidade que envolve a experiência da gestação para a família.

Completamente identificada e apaixonada pelas mulheres produtoras de conhecimento no escopo dos feminismos negro e decolonial, escolhi dar continuidade à minha formação acadêmica e ingressei no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) para o mestrado. Inspirada na experiência de extensão na maternidade, acompanhei gestantes e familiares em assistência no processo gestacional. O objetivo inicial da dissertação era investigar representações e experiências de mulheres que viveram partos naturais, tendo em vista a relação dessas com seus corpos e autonomia, já sabendo, em algum nível, da jornada que eu experimentaria tempos depois.

Em minha dissertação, o trabalho foi redirecionado por questões do campo, mas, sobretudo por uma busca com a qual eu me identificasse naquele momento da vida, e passou a discutir padrões de beleza e elementos identitários em grupo de mulheres negras da periferia de Salvador, no bairro de Plataforma. Mulheres essas participantes do bloco carnavalesco *Bloco do Bacalhau*, no qual estava explícito o valor desse espaço de experiência de grupalidade, e estar num coletivo de mulheres fazia toda diferença.

Os dados coletados apontaram para um aprofundamento das questões de gênero e raça, problematizando a branquidade e o papel da grande mídia, ao reiterar hierarquias e valorização dos padrões brancos e eurocentrados, em detrimento de estéticas diversas. Ao longo da coleta de dados em campo, realizei cinco oficinas com o grupo de mulheres de Plataforma, nas quais, em alguns momentos, desenhos foram solicitados. A experiência foi de grande riqueza, ampliando minha relação com a cidade, com a história do território e do *Bloco do Bacalhau*, ensaiando também dar o merecido destaque ao lugar das experimentações artísticas nesse processo.

Naquele mesmo ano iniciei uma especialização em Arteterapia Junguiana, na qual estudei e vivenciei a arte como processo, como experiência de subjetivação, de autoconhecimento e transformação. Destaco os processos terapêuticos vividos por mim, individuais e em grupo durante a última década como espaços de enorme importância para a minha saúde. Ênfase os trabalhos grupais como espaços potentes de encontro comigo e com a/o outra/o, cuidado com as bordas e fortalecimento de autonomia.

Vivi processos grupais recentes em dois momentos, um deles no mestrado e outro no doutorado, o primeiro com mote de expressão da criatividade e autoconhecimento e um segundo com o grupo terapêutico chamado *Uivo*, baseado no livro *Mulheres que correm com Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, ambos apenas de mulheres e conduzidos por mulheres. Destaco que eu já vinha trabalhando, estudando, nos processos de pesquisa, atendendo e tudo

aproximava-me dos enlaces entre arte, saúde, afetividade, cultura e matrizes de desigualdade e atravessamentos, com destaque para a subjetividade.

No ano de 2014, conheci a Feminária Musical: Grupo de Pesquisa e Experimentos Sonoros, e encantei-me pelo trabalho, pela liberdade, pela afetividade existente no grupo, pela experimentação sonora, corporal, pela ousadia, tudo isso dentro da academia, com a condução amorosa e crítica de Laila Rosa. Entendi a potência da proposta dessa experiência em grupo e senti-me convocada a participar. Compreendia que era um espaço de afetividade, cuidado, educação para a transgressão e que eu merecia viver esses enlaces.

Ao final do mestrado, em 2015, cursei um componente curricular ministrado por Laila Rosa, chamado Músicas e Feminismos, que me provoca a fazer articulações acerca da música e lançar outro olhar para a performance dentro do Bloco do Bacalhau. Bloco esse historicamente importante para a comunidade, outrora analisado como espaço de performances de gênero transgressoras por Cecília Sardenberg (1997). Dei-me conta, então, do grupo que foi escolhido, um bloco de carnaval, manifestação síntese, celebração-manifesto, que inclui a corporalidade e a expressão de modo muito integral.

Passei a mergulhar no universo da Feminária, conhecendo possibilidades de transgressão e de valorização de outros saberes e experiências no âmbito da academia, conheci outras escritas livres realizadas por feministas negras e pós-coloniais e fui convidada a fazer o mesmo, a escrever com liberdade, escrever de outras formas dentro da academia. A escrita livre ganhou respaldo teórico no conceito norte-americano de escrita performática, ou melhor, escrevivência, conceito emprestado da literatura de Conceição Evaristo, que fortalece a importância das nossas escritas, e evidencia, para mim o valor da literatura, a literatura como fonte rica de imersão na cultura e nas questões pessoais, subjetividades.

No I Congresso Internacional do Pensamento de Mulheres Negras, que ocorreu naquele mesmo período, meu encantamento pelas escrevivências acentuou-se com o entendimento da centralidade das religiões de matrizes africanas e ameríndias nas lutas e expressões artísticas de pessoas negras e indígenas, na enorme sabedoria que circula esses espaços, a força e o poder das mulheres que estão à frente destas casas. Encantei-me ainda mais com as performances e artes, notando também a feira como espaço político, de fortalecimento de autonomia por meio dos fazeres com as mãos – o artesanato, as comidas – e de afeto.

Com tudo isso, escolhi escrever e pesquisar sobre escrevivências em meu projeto de tese, pretendendo, inicialmente, investigar representações e experiências de mulheres negras em escritas literárias, blogs e composições a partir de escrevivências. Em seguida, diante das

performances, atividades realizadas em extensões da Feminária e das minhas experiências em Arteterapia, descolei meu olhar e ampliei o leque de possibilidades, compreendendo que outras expressões artísticas, para além da escrita favorecem, também, o fortalecimento de autonomia e processos de subjetivação. Portanto, fomentam a manutenção da saúde e do bem viver.

Inspirada na escrita de Conceição Evaristo, Glória Anzaldúa, bell hooks², Audre Lorde, Laila Rosa e outras que exercitam a escrita livre em textos acadêmicos, proponho-me o desafio de escrever com maior liberdade, utilizando diferentes tipos e formas de referências. Anzaldúa (2000) discorre sobre como é difícil esse exercício de desconstrução, de sair do lugar do ensino tradicional; denuncia a desvalorização da fala da mulher negra/mestiça, em detrimento do modelo hegemônico. Descolar-se das regras, transgredir, é essencial para encontrar-se, para encontrar outras pessoas. Assim são possíveis novos olhares, esses se dão pelas experiências compartilhadas de relações, e não por intermédio da teoria crua.

Della Pollok (1998) e Heather Carver (2007) sistematizaram em conceito a possibilidade de escrita mais livre, sendo nomeada escrita performática, a qual pretende abrir espaços, possibilidades, promover a liberdade da escrita, no que diz respeito à forma e ao conteúdo dentro da academia, algo já praticado por muitas teóricas, principalmente feministas negras e pós-coloniais. Expressões que envolvem o si mesmo e uma negociação com o outro. A escrita performativa abrange uma conciliação do eu acadêmico com o eu em outras esferas, na vida cotidiana. A Metodologia do Coração, de Ronald Pelias, utilizada para embasamento desse conceito, é conectora de experiências e visões de mundo não estereotipadas, descentradas das elites, favorecendo, assim, a integração do sujeito, de suas experiências, o compartilhamento de questões pessoais envolvidas no processo, bem como a maior valorização de outros tipos de saberes e referências.

Anzaldúa, por sua vez, valoriza a escrita como reconciliação da pessoa consigo, com o que há de negro e mestiço (ameríndio) em nós, com o que se entende feminino, o escuro, o mistério, o sagrado, a complexidade. Amplio o que ela atribui à escrita para todos os tipos de expressões artísticas, pensando na escrita como arte – na dança, música, teatro, performances, artes plásticas, têxteis, esculturas, fotografia, poesias, entre tantas outras –, como exercícios de poder, modos de compartilhar, aproximar, “[...] para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia” (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

² A autora estadunidense Gloria Jean Watkins, adotou o nome social bell hooks, homenagem a sua bisavó Bell Blair Hooks, optando pela grafia em minúsculo, que será usada ao longo do trabalho.

A escrevivência funciona como processo que favorece o exercício da liberdade, as transgressões, possibilitando uma compreensão mais integral das pessoas, dos fenômenos, propiciando, assim, o aprendizado, a troca de experiências, o movimento de autorreflexão, e processos de subjetivação.

Eu digo, mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Acabe com os ruídos dentro da cabeça deles. Sua pele deve ser sensível suficiente para o beijo mais suave e dura o bastante para protegê-la do desdém. Se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza de estar de costas para o vento. Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psiquê em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos (ANZALDÚA, 2000, p.235).

Somada às categorias gênero e raça, há, ainda, a importância de discutir nacionalidade, classe, geração, sexualidade, religião. Com base nesses marcadores da diferença, atuam as matrizes de desigualdade: sexismo, racismo, LGBTQI+fobia, classismo. Sobre mulheres negras/mestiças, de terceiro mundo e pobres:

Se você não se encontra no labirinto em que (nós) estamos, é muito difícil lhe explicar as horas do dia que não possuímos. Estas horas que não possuímos são as horas que se traduzem em estratégias de sobrevivência e dinheiro. E quando uma dessas horas é tirada, isto significa não uma hora em que não iremos deitar e olhar para o teto, nem uma hora em que não conversaremos com um amigo. Para mim isto significa um pedaço de pão (MARAGA, 1983 apud ANZALDÚA, 2000, p. 232).

O corpo não é apenas o lócus de construção e inscrição cultural, é também materialização da subjetividade da pessoa, de sua leitura sobre o mundo e sobre si. A forma de ser e estar no mundo dá-se por intermédio desse corpo inteiro, apesar da tentativa de valorizar determinadas experiências em detrimento de outras, apesar da fragmentação dos corpos e das tentativas de controle dos mesmos, com base em ideologias dominantes do Norte Global. Segundo hooks (2005), vive-se de acordo com as convicções tramadas, instituídas por interesses socioculturais hegemônicos e tendenciosos que se referenciam nas potências “cosmopolitas” – leia-se Europa e Estados Unidos da América. Pode-se pensar que a desvalorização do corpo, das culturas tradicionais, oralidades, práticas integrativas, alternativas, reafirma as tensões vividas no campo dos saberes e poderes.

Neste estudo, opto por focar as dimensões da saúde, do prazer, da criatividade, dos movimentos de agência, transgressões, experimentadas na academia por meio das narrativas das interlocutoras participantes, ex-participantes e colaboradoras da Feminária Musical: Grupo de Pesquisa e Experimentos Sonoros.

Mãe Beata de Iemanjá (2006) define a multiplicidade das experiências em saúde:

Existem vários tipos de saúde. Existe a saúde da mente – nossa mente tem a capacidade de criar doenças. Existe a saúde da alma, dos olhos – você vê uma coisa linda e teu coração bate. Esse é o prazer dos olhos, mas também da alma (MÃE BEATA DE IEMANJÁ, 2006, p. 18).

Essa compreensão da saúde da alma, dos olhos se aproxima da idéia de Estética da Existência de bell hooks, ao passo que o que é belo e sentido no coração diz de um lugar do que é afetivamente familiar, próximo, entrelaça-se com a história pessoal. E, ainda, sobre saúde, política, economia e feminismos, Mãe Beata de Iemanjá sintetiza: “Quando falamos sobre a saúde da mulher ou quando discutimos o custo de vida no supermercado, estamos fazendo política. A luta de uma mulher ajuda a outra a crescer” (MÃE BEATA DE IEMANJÁ, 2006, p. 19).

Nesse sentido, Sueli Carneiro (2006, p. 22) indica a urgência da discussão da saúde e do corpo enquanto *lócus* privilegiado de existência:

Falar de saúde é dar expressão ao corpo. É escutá-lo como corpo expressivo, sensível, vulnerável, transcendente. Falar de saúde da mulher negra é também falar do corpo estético-político, pois, é do corpo – marcado por experiências pessoais singulares de exclusão, pelos poderes sociais hostis – de onde parte o poder e a ética da mulher negra. Designar a diferença racial como direito afirmado nas lutas das mulheres por acesso a atendimento digno à saúde, integridade corporal, autonomia e respeito a valores e crenças é apontar formas diversas e criativas de inclusão.

O CORPO É FATO. É CELEBRAÇÃO DO MUNDO.³

Sueli Carneiro (2006, p.41)

Adoto aqui o conceito de Bem viver, que vem ganhando força nos movimentos feministas negros e que se relaciona ao direito à vida, aos espaços, proposição de caminhos que garantam melhores condições de vida para as mulheres negras, combatendo o racismo estrutural e o impacto nas identidades de sujeitos. Contrapõe um sistema capitalista neoliberal, propondo uma forma mais responsável de manejo dos territórios, da terra, tendo como premissa também o resgate de valores ancestrais. Em manifesto realizado em meio à mobilização para a terceira Marcha de Mulheres Negras em São Paulo⁴, no ano de 2018, o coletivo que organiza afirmou:

³Tomo a liberdade de fazer citações de formas diversas, a fim de dar destaque às palavras, aos escritos das autoras.

⁴Documento “MARCHA DAS MULHERES POR NÓS, POR TODAS NÓS E PELO BEM VIVER! EXIGIMOS O FIM DA NEGLIGÊNCIA E VIOLÊNCIA DO ESTADO”. Disponível em <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2018/07/manifesto.pdf>. Acesso em 4 jan. 2018.

Reivindicamos o Bem Viver por acreditarmos em outras formas de gestão do coletivo e do individual. Ao exigir outra economia, sustentada nos princípios de solidariedade, reciprocidade, responsabilidade e integralidade, o Bem Viver nos inspira a criar alternativas às relações exploratórias do capitalismo. [...] Vamos garantir o direito de sermos livres e donas de nossos corpos, sem nenhuma interferência de fundamentalistas de qualquer natureza. Marchamos pela construção de um novo marco civilizatório que seja antirracista, anticapitalista e que contemple as mulheres negras de forma estrutural. Não há mudança real que não passe por nós, mulheres negras!

O Bem Viver é um conceito que articula diversas demandas, sendo síntese de questões que se costuram entre o material e o subjetivo, entre sujeitos e coletividade, entre questões de ordem econômica, cultural, territorial, trazendo à baila uma leitura crítica e uma posição demarcada das mudanças necessárias para que as mulheres negras tenham suas vidas preservadas, com acesso a direitos, à liberdade e ao prazer.

A arte sem cunho estético, no sentido de belo e feio, antropológicamente contou a história dos primeiros humanos. Caçadas, invasões, rituais, acontecimentos do cotidiano, entre muitos outros, são encontrados nas pinturas rupestres. Pode-se inferir e dizer que já era a arte comunicando e historiando para o homem contemporâneo a sua ancestralidade. Ao longo da história da humanidade, é inevitável a presença da arte entrelaçada na vida. O ser humano manifestou através dela seus conteúdos internos e os externos apreendidos por ele. Modificou-se e alterou a realidade reinventando a si mesmo e ao mundo. O filósofo Spinoza propõe que um verdadeiro problema é aquele cuja solução é sempre uma invenção.

A arte contou os sofrimentos, as questões, os momentos políticos, as conquistas, as vitórias e até mesmo a presença da mentira como jogo de poder. Assim, a arte expressa as nuances da vida e ainda é um poema sem final, pois o ser humano também é uma obra inacabada. A Filosofia utiliza-se do conceito de estética, que etimologicamente fala da percepção, sensação, sentimento, diferente do citado anteriormente. A estética na Filosofia é a reflexão que permite a compreensão do mundo pelo seu aspecto sensível, apreensão intuitiva do mundo concreto e a forma como a relação do homem consigo mesmo e do homem mundo constituir-se-á. Nesse sentido, a estética pode ser compreendida como expressão de uma ideia no campo da sensibilidade para apreender a essência (REZENDE, 2009). O autor José Dettoni traz a seguinte reflexão:

Viver esteticamente é exclusividade humana. Não é possível aos anjos nem aos irracionais, porque estes não têm a dimensão espiritual e aqueles não têm a material. Os homens têm as duas. A arte não é produto nem só do corpo nem só do espírito. É da dupla dimensão humana. Os homens se tornam deuses, isto é, vive um nível mais humano, ao “dançar”, ao vivenciar a arte (produzindo-a ou fruindo-a). Pela vivência estética, o homem transcende a individualidade, transformando-se em personagem. Nesse estado, o

indivíduo não é mais ele; torna-se representante dos humanos de qualquer tempo e de qualquer espaço, acima de qualquer tipo de divisão e de classificação. Torna-se anônimo, no sentido positivo, universal: ele é mais do que todos os nomes individuais e individualizantes. A vivência estética ultrapassa o nível dos interesses, entra na vida gratuita, despida, livre, densa e intensa (DETONI, 2009, p. 98).

Neste estudo, a proposta de compreensão estética da arte ultrapassa o nível dos interesses, percorrendo a vida despida, estética no sentido de expressão, sentimento, sensação para comunicar, para chorar a dor de quem a executa.

Thalita Couto (2012) destaca em seus estudos a materialidade da música. A autora a compreende como uma instância de participação, não apenas representação, sendo metonímia antes do que uma metáfora. Valho-me dessa compreensão para expandi-la para outras experimentações artísticas, como a dança, a fotografia, as expressões plásticas, o tecer e todas outras. Essa concepção apresentada pela autora assenta-se nos estudos de Gary Tomlinson (2007), que, a partir de uma interlocução com as artes e cultura asteca, reitera a substancialidade já compreendida por esse povo, sendo parte da realidade e da materialidade.

Enquanto as culturas ocidentais atribuem à música, e às outras artes caráter de representação, abstração, a cultura asteca, e pode-se dizer: culturas ameríndias e africanas, a tem como parte do mundo palpável, de uma realidade material. Segundo Thalita Couto (2012, p. 119), é possível compreender a música (a arte) como “potência de ação”, relacionada a uma dimensão de contaminação, transbordando a dimensão da comunicação, “[...] capaz de criar, modificar, desestabilizar a condição dos seres que com ela interagem”.

Artivismo, neste estudo, apóia-se na definição de Laila Rosa e Carol Barreto (2018, p. 24) e refere-se a “[...] um processo criativo pautado pela amorosidade e coletividade, a arte como o fortalecimento de pessoas, de amizades, de encontros, e, igualmente, de intervenção e crítica social.” Segundo Elaine Azevedo (2015, p. 503), define-se artivismo também como “[...] orquestração criativa de valores simbólicos ligados a experiências particulares [...]”, promotores de encontros de ordem colaborativa, que transbordam as dimensões de espaços formais de fazer arte.

Elaine Azevedo (2015, p. 503) elenca características relativas a esse tipo de fazer artístico:

Pode ocorrer em diferentes espaços para além dos legitimados espaços comerciais ou formais de arte; as práticas tem uma temporalidade particular; utiliza de estratégias informais e democratizantes de divulgação; as praticas são tipicamente colaborativas; estimula a participação e a socialização do público; enfoca os processos e as interações humanas; utiliza materiais baratos; reproduzíveis e impermanentes, expande as fronteiras estáticas; enfatiza a idéias que podem ir além do objeto físico e da experiência visual;

demanda a construção de uma linguagem crítica comum de uma documentação histórica abrangente.

O Artivismo Feminista refere-se a esse fazer pautado pelas epistemologias feministas, com destaque, neste estudo, para a compreensão do Feminismo Negro, elaborando produções pautadas nessa base.

Diante da experiência com o Artivismo da Feminária Musical, através de múltiplas linguagens e processos criativos ricos em partilhas em grupo, neste momento, formado majoritariamente por mulheres negras acadêmicas, ao qual faço parte, escolhi ter como interlocutoras as participantes do próprio grupo, entendendo a composição heterogênea com base nas múltiplas experiências de vida e lugares de fala, espaço de experiência pessoal potente e observação rica. Compreendi que nesses espaços, nos fazeres dentro desse grupo, em relações, era possível articular as discussões que são mais tocantes para mim e dar destaque à minha experiência enquanto universitária e participante da Feminária Musical. Diante disto, articulam-se as temáticas: Bem Viver, Corpo/Saúde e Arte, com as teorias basilares Feminismo Negro, Epistemologia decolonial e Psicologia Social.

Assim sendo, a pesquisa que sustentou esta tese teve como objetivo geral: investigar, tomando por base as vozes das interlocutoras, suas experiências na comunidade acadêmica da Universidade Federal da Bahia, compreendendo esse como um espaço de disputa de saberes-poderes, relativas à arte, saúde, afetividade e processos grupais, com destaque para as experiências na Feminária Musical. Questiona-se a existência de espaços democráticos dentro da academia: as pessoas que compõem a Universidade e a própria instituição movimentam-se em direção ao Bem Viver e à transformação social? Como compreender a atuação da Feminária nesse sentido? Foram os objetivos específicos:

- a) Destacar trajetórias das interlocutoras relacionadas a contextos educacionais (sobretudo graduação e pós-graduação), no que tange à arte, saúde, expressão e afetividade;
- b) Analisar possíveis relações entre o exercício de experimentações em artes, autoconhecimento, subjetivação/movimentos de autonomia e processos de saúde, na Universidade, sobretudo para/na a Feminária Musical;
- c) Identificar marcadores identitários e suas possíveis repercussões nos processos de saúde vividos pelas interlocutoras.

As minhas hipóteses referem-se a inferências de que as relações na Universidade são produtoras de tensões e adoecimentos, mas também de saúde, bem viver e que essa potência universitária de conexão de saberes, desejo de investigação e partilha ocorre com/na

Feminária Musical, com as experimentações artísticas e com as relações horizontalizadas e afetivas. E, ainda, infiro que a convivência e as experimentações na Feminária favorecem processos de autocuidado e autonomia das participantes, bem como fortalecimento de espaços democráticos na academia e para além dessa.

Neste momento, há uma efervescência de questões relativas a processos de saúde, doença, violências dentro da comunidade acadêmica, inclusive em todo Brasil, que se apresentam a partir de eventos, ocorrências de mortes, suicídios, conflitos, evasão, entre outros marcadores. A partir disso, surgem extensões e atividades propostas pela própria instituição universitária, docentes e discentes, a fim de acolher e encaminhar ações de cuidado em saúde, com destaque para saúde mental e integridade física, bem como pesquisas que investigam tanto os processos de adoecimento, quanto os processos de resistência, reconhecimento e reparação. Desse modo, compreendo a necessidade de fortalecer, visibilizando essas questões, de um lugar que promove um olhar para a potência dos sujeitos, dos encontros com afetividade, acolhimento e criatividade, para o que há de saudável na academia e precisa ser nutrido.

Por conseguinte, nesta tese, pretende-se apresentar entrelaçamentos dos Feminismos Negro e Decolonial, Psicologia, Artivismos, Pedagogias para libertação, Afetividade, Saúde e Bem Viver. Visa-se a evidenciar o quão necessário é pautar a equidade sócio cognitiva, de gênero e étnico-racial, a fim de horizontalizar os diferentes saberes e campos de conhecimento e, assim, as vidas das pessoas. Compreendo essas expressões artísticas como experiências formadoras de subjetividades, fortalecedoras de identidades, corporalidades, saúde e bem viver.

Entende-se, aqui, saúde como conceito complexo, que transborda a dimensão de oposição à doença, que diz respeito ao bem-estar geral, qualidade de vida. Diante disso, propõe-se lançar um olhar para a saúde compreendida como auto-referenciada, pautada em saberes e práticas locais, distanciadas do movimento de medicalização e desapropriação de saberes populares. E, ainda, compreendendo saúde como algo deveras complexo e que inclui todas as dimensões da vida do sujeito, com destaque para a afetividade, subjetividade e corporalidade. Entende-se, aqui, saúde como conceito complexo, integral:

[...] é um lugar privilegiado de explicitação do que somos. Para nós, saúde vai além da oposição à doença e aproximam-se do conceito de bem-estar geral, físico, mental e psicossocial, definido pela Organização Mundial de Saúde. Num passo adiante, propomos uma definição de saúde que inclui a busca de equilíbrio dinâmico com a vida e seus elementos, seres vivos e mortos, humanos, animais, plantas, minerais. E essa busca traduz-se numa responsabilidade individual e coletiva. Responsabilidade que pode ser lida

também como poder de realização, como podem significar os termos axé (do ioruba) e muntu (do banto) (WERNECK, 2006, p. 10).

Segundo Mãe Beata de Iemanjá (2006), saúde da mulher envolve discussões acerca dos custos de vida, a exemplo dos valores dos alimentos no supermercado, e que isso é fazer política. Para ela, a luta de uma mulher auxilia no crescimento da outra. Essa belíssima colocação envolve dimensões de anterioridade, ancestralidade e sororidade, para pensar como a luta das mulheres e as conquistas das mulheres são experimentadas em coletivo, em comunidade. E, ainda, que as dimensões de condições e acessos no cotidiano, de garantias, referem-se diretamente ao exercício de fazer política e tensionamentos no tecido social:

Existem vários tipos de saúde. Existe a saúde da mente – nossa mente tem a capacidade de criar doenças. Existe a saúde da alma, dos olhos – você vê uma coisa linda e teu coração bate. Esse é o prazer dos olhos, mas também da alma. Fui criada à base do azeite-de-dendê, comendo pimenta, farinha, mingau, cuscuz, vatapá, acarajé, tudo isso. Sou uma mulher forte e gosto de namorar. Sei que tenho esse direito (MÃE BEATA DE IEMANJÁ, 2006, p. 18).

Busco na conceituação das interlocutoras mais referências, sentires, para balizar essa compreensão. Assim, escolho costurar suas falas com as articulações teóricas e minhas leituras, numa perspectiva de co-criação, uma escrita feita por muitas mãos, ou melhor, muitos corpos. Alexandra Martins (2018) aponta que: “Saúde é produzir artisticamente, saúde é criatividade, é criação, saúde é uma inquietação boa no meu corpo que me faz movimentar, tanto intelectualmente quanto fisicamente”.

Aproximo-me do dito por Alexandra Martins em entrevista (2018), compreendendo saúde como movimento, corporalidade e criação. Saúde relaciona-se a ter recursos para viver. Havendo saúde, haverá crença em si mesmo, na vida e nas possibilidades de busca dos desejos: “Estando saudável é possível as coisas que são caras a si, coisas que fazem sentido para vida, para as dimensões de existência”.

Importante indicar as articulações entre Saúde Coletiva, Psicologia Social, Ciências Sociais (Antropologia e Feminismos). Com o surgimento da perspectiva compreensiva/hermenêutica, tem-se uma compreensão de que a sociedade não é exterior ao indivíduo, o foco é direcionado para a ação social, sendo a ação entendida como reciprocamente orientada. As teorias contemporâneas contrapõem a sociologia da não liberdade, lançam um olhar para os processos instituintes, rupturas. Desse modo, os estudos orientam-se mais para os sujeitos e subjetividades, o chamado primado do sujeito, que valoriza os significados das condutas sociais e interações e pauta o conceito de intersubjetividade.

Dessa forma, diante de diversas abordagens contemporâneas, a exemplo do Interacionismo Simbólico, da Teoria Ator-rede, Etnometodologia e Sociologia Fenomenológica, muitas leituras acerca da saúde são reorientadas, ou melhor, novas problematizações são possíveis, a exemplo da compreensão da centralidade do sujeito para a construção da história, das estruturas, e, ainda, do corpo e da experiência como elementos primeiros do contato do sujeito com o mundo.

No campo da Saúde coletiva, deu-se um longo processo para que a saúde passasse a ser compreendida como algo multideterminado e atravessado fortemente pelas dimensões sociais. Por isso, destaco os Determinantes Sociais de Saúde (DSS) como importantes indicadores de novas e mais complexas leituras no campo da saúde. Segundo Buss e Pellegrini Filho (2007, p. 78):

[...] os DSS são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. A comissão homônima da Organização Mundial da Saúde (OMS) adota uma definição mais curta, segundo a qual os DSS são as condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham. Nancy Krieger (2001) introduz um elemento de intervenção, ao defini-los como os fatores e mecanismos através dos quais as condições sociais afetam a saúde e que potencialmente podem ser alterados através de ações baseadas em informação.

Essa dimensão de reconhecimento deu-se com o crescimento dos estudos dentro do campo de saúde acerca das iniquidades em saúde, desigualdades de saúde de populações vulneráveis, destacando o impacto disso na vida dos sujeitos, com índices de mortalidade e adoecimento.

Figura 2 – Determinantes sociais: por Dahlgren e Whitehead (1991)



Os DSS são apresentados neste modelo como camadas, compreendendo como as dimensões interatuam-se, considerando o impacto do macro, das dimensões mais estruturais para as dimensões mais individuais. Pode-se pensar que, dentro das dimensões identitárias, cabe a inclusão de tantos outros marcadores, destacando a dimensão racial ausente na imagem. Segundo Souza, Silva e Silva (2013, p. 44):

[...] existem diversas abordagens que tentam explicar os mecanismos que produzem as iniquidades, com destaque para: 1) o enfoque nos aspectos físicos e materiais, considerando que as diferenças de renda influenciam a saúde devido à escassez de recursos dos indivíduos e à falta de infraestrutura comunitária; 2) o enfoque nos aspectos psicossociais, que leva em conta que os indivíduos percebem as desigualdades sociais por mecanismos psicobiológicos diferentes, a partir de suas diferentes experiências; 3) o enfoque nos multiníveis, buscando integrar os aspectos pessoais e grupais, sociais e biológicos em uma interação dinâmica, histórica e ecológica; 4) o enfoque que busca analisar as relações entre a saúde das populações, as desigualdades nas condições de vida e o processo de associação entre indivíduos e grupos, trabalhando em torno da coesão social, solidariedade e confiança entre as pessoas, no que alguns autores chamam de “capital social”.

Atualmente, fica evidente a importância de se discutir as desigualdades sociais e marcadores como gênero, sexualidade, raça e classe, entre outros. Questões sobre raça, racismo e o diálogo pretendido com os feminismos negro, decolonial e o pensamento de mulheres negras abrangem questões econômicas, políticas e sociais, e, portanto, a saúde. É indispensável problematizar a influência dos discursos hegemônicos sexista, racista, heteronormativo e capitalista na manutenção das desigualdades sociais e nas repercussões

disso na saúde das pessoas não brancas, não heterossexuais, de pessoas com baixa renda, com destaque para mulheres.

Pensando na saúde de mulheres negras, em termos de adoecimentos, muitos são os desdobramentos das relações e opressões vividas cotidianamente. As matrizes de desigualdades terminam por vulnerabilizar esse grupo, tendo em vista as combinações identitárias outrificadas diversas. Destaco, aqui, o racismo institucional, a exemplo das violências obstétricas, que permeiam também os espaços de atendimento e assistência à saúde, espaços e relações que devem ser de cuidado à saúde, retroalimentadas pelo fortalecimento de estigmas e repercussões em todas as áreas da vida, incluindo trabalho, vida afetiva, relação com o corpo e sexualidade.

O enfoque dado por mim diz respeito aos cuidados em saúde com base nas matrizes amefricanas⁵, portanto, africanas e ameríndias, que foram historicamente desvalorizadas e consideradas ilegítimas, assim como o cuidado de pessoas pertencentes a esses grupos sociais, a fim de investigar representações desses saberes e fazeres ancestrais, que, por diversos movimentos de resistência, mantêm-se vivas, ativadas na atualidade, além das repercussões desse não cuidado ou das violações de direitos, com destaque para o campo da saúde.

Entendo que é importante favorecer um movimento de ruptura da hierarquização de saberes, fazeres e sujeitos e da necessidade do fortalecimento de um pensamento decolonial, localizado, gestado por nós, representado em nossas diversidades, levando em conta os saberes, as culturas africanas e ameríndias e o adensamento de relações interpessoais e de cuidado, pautadas no respeito à diferença, à humanização e à integralidade.

Percebem-se grandes aproximações entre as abordagens contemporâneas, que são a síntese teórica estrutura-ação, e as teorias feministas pós-coloniais. Ambas apontam a fluidez das fronteiras de demarcações de identidades, os exercícios de resistência, agência dos sujeitos, que tencionam a todo o momento diante das opressões da estrutura, a historicidade como elemento imprescindível, que aponta para as constantes atualizações, campos de possibilidades no futuro.

E, ainda, o questionamento das dicotomias mente/corpo, conhecimento/ação e corpo/consciência. Compreende-se que a ação não é guiada primordialmente pela consciência, com isso há um alargamento do campo da subjetividade e aponta-se para um fazer ciência que contempla uma compreensão corporal, mais integral, que se propõe a síntese de elementos considerados dicotômicos, que promove uma ruptura na hierarquização desses elementos,

⁵ Tomando como partida o conceito de Amefricanização, de Lélia Gonzalez, que se refere a um movimento de valorização das culturas africana e indígena, portanto, de descolonização do pensamento.

valores. A saúde passa a ser entendida como prática discursiva. Reitera-se que não há realidade dada e destaca-se o caráter subjetivo do olhar que cada sujeito lança sobre a realidade, ou seja, o que há são experiências e conhecimentos situados, localizados.

A interlocutora Alessandra Góes (2018), em entrevista, traz um olhar complementar para conceituar saúde: “Acho que é se respeitar acima de tudo, reconhecer os seus limites físicos, emocionais, espirituais.”. Essa é uma dimensão caríssima às mulheres, compreendendo e destacando as relações de gênero, nutridas por tecnologias de gênero patriarcais, que atravessam as mulheres (de diferentes formas), trazendo a centralidade para as relações, para o outro, para a doação, a naturalização da invasão dos limites, nas mais diversas camadas do ser.

Contemplam-se, assim, as dimensões que costumam ser fragmentadas, como subjetividade, corpo, dimensão social, ambiental, relacional, estrutural.

O argumento central é que por meio das expressões artísticas genuínas e engajadas, é possível desenvolver uma diversidade de políticas de agência, movimentos de resistência e encontro consigo – subjetivações, com destaque para as mulheres negras.

Patricia Hill Collins (2016) aponta para a experiência em comunidade como algo relativo à libertação e à acolhida, compreendendo esse lugar da grupalidade, com senso de coletividade e nutrição dos vínculos, entendida como uma rede de apoio, ou melhor, de afeto. Para as pessoas negras, após processos coloniais, escravidão e negação da humanidade, foi relacionado o lugar das paixões, dos arroubos, ao que há de instintivo e emocional, compreendido como campo oposto à racionalidade.

Partindo do Feminismo Negro, compreendemos, então, a reposicionalidade desse lugar, ocupamos o lugar de contato com o sensível, com o que há de mais rico e sábio da experiência, entendendo a potência disso para a produção de conhecimento, de saberes engajados, transformadores. A sabedoria é extraída do cotidiano, expressa das mais diversas formas, a criação como modo de vida. Na existência em comunidade, o conhecimento relacional, inclusivo, com sentido, afeto e história dá-se cotidianamente.

Entendo, então, que as Artes são ciências, formas de investigação, de conhecimento, de sistematização, sendo também intelectualidade, corporalidade pulsante, uma codificação da vida em ação, bell hooks (1995) faz uma correlação preciosa e conceitua a Estética da Existência, lido por mim como: tudo que faz sentido para mim, que contém teor afetivo, é belo. Assim, valoro a minha trajetória, honro a minha cultura, a minha história. A estética é política. A Ética do cuidado é arte.

Desse modo, compreendo que as interlocutoras trazem conceitos riquíssimos. Apoio-me nelas para delinear o conceito de arte, mas começo trazendo o que compreendo e experimento. Arte é alimento, é beleza, e beleza, nesse sentido, da estética do afeto. É por poder ver beleza nas coisas que conseguimos nos conectar com a história, com o som, cheiros, texturas, com as qualidades daquele material. Então, pra mim, arte é essa possibilidade de conexão, de expressão, de experimentação de si, de fortalecimento de si, de discurso sobre si, de processos que são curativos; processos que são extremamente reparadores.

Arte é esse lugar de estar em casa (confortável para viver o desconforto). É esse lugar de despir-se; é esse lugar de afrouxar os julgamentos, a auto-exigência, a idéia de perfeição. Então, a arte é encanto, é beleza, é criação, é transgressão, é liberdade também. É surpresa, é espelho. Arte é conexão com ancestralidade, é conexão com a história da família, é trabalho, é valor, é afeto.

Ariana Silva (2018), interlocutora desta tese, em entrevista, correlaciona o processo criativo e a arte. Para ela, a arte seria a materialidade desse processo de criação humana:

[...] para mim a arte é a ação da criatividade mesmo, entendeu? Que eu acho que o ser humano como um todo é muito criativo. É a ação da criatividade. Pra mim, o ser humano nasceu pra criar. E quando a pessoa consegue executar isso, pra mim isso é arte. E é isso, eu acho que a arte pode ou não influenciar a vida das outras pessoas, mas é, é a ação da criatividade que conta.

Sobre a experiência com a arte, com o simbólico, com o poético, a também interlocutora Carol Barreto (2018) diz do encontro consigo através da afetação que o contato move:

O que é arte pra mim: sopro de vida. Quando eu comecei a me ocupar lá no início da graduação e me intrigar sobre essa questão “como é que a arte me arrebatava tanto? Como é que eu leio poesia e o meu racional não acompanha o que a poesia produz em mim?”, sabe? Eu comecei a observar muito o meu contato com, com, com a poesia e com a literatura nesse sentido, de “gente, eu não consigo apreender o que é que isso produz em mim porque está além do racional”. Ou seja, o racional não é tudo.

Fran Ribeiro (2018), em entrevista, delinea a arte enquanto possibilidade de expressão, de materialidade, de conciliação com a sensibilidade, afetividade, relacionada a um engajamento:

Arte pra mim é transformação, é transmutação, ela é resistência e ela é possibilidade de você falar e viver coisas através de outra linguagem que talvez menos racional e mais sensitiva, mais afetiva. Não vou dizer menos preocupada porque a arte pra mim ela tem que ser preocupada, preocupada como é que ela vai te satisfazer, mas pensando também o limite de pensar outra pessoa que tá ali e que pode também, sei lá... Um processo de se transformar através da arte que você produz ou gerar uma empatia, uma curiosidade, um interesse. Arte pra mim interfere no bem estar, interfere na saúde mental, a arte acaba sendo um tratamento, uma medicina, uma válvula de escape. A arte você consegue ver o mundo um pouco mais

colorido quando ele tá extremamente cinza, você vai lá, lê uma poesia, você vai lá, escuta uma música, ou você desenha, ou você dança isso é, é como se você transcendesse acho que a arte é transcendência também.

E, ainda, Laura Cardoso (2018), em entrevista, traz uma dimensão ancestral, intuitiva e ritualística da arte, para pensar, também, o estar em comunidade, a manutenção dos fazeres culturais e a conexão com a territorialidade:

A arte é a comunicação primeira do universo, né? A comunicação mais intuitiva e instintiva que a gente tem com as coisas, eu acho. Na história da humanidade, sabe? a forma como as pessoas se conectam verdadeiramente com elas mesmas e com os outros, a gente festeja, se a gente for parar pra olhar a história, cultura. Em diferentes culturas a gente vai encontrar coisas que se conectam, que é a forma como as pessoas celebram de maneira ritualística ou não, mas nem sempre religiosos, mas, muitas vezes rituais são celebrações de vida, a forma como as pessoas, os seus modos de fazer e de viver culturalmente as coisas, né? As nossas práticas cotidianas são muito artísticas, se a gente for parar pra pensar, a forma que a gente celebra várias vezes ao ano as mesmas coisas, a forma como a gente se conecta em determinadas situações, tudo isso tem muita musicalidade, tudo isso tem muito corpo nesses momentos. Então eu acho que a arte, ela parte de uma estruturação disso, desses modos de vida e quando eu parto pra estudar música popular é justamente por essa vontade de entender um pouco mais sobre isso também, sobre como a vida em comunidade é importante pra essa configuração do que é arte, sabe? Que são os modos como a gente se conecta um com o outro, e é engraçado porque normalmente tem som, tem corpo e tem comunicação, tem a linguagem, seja literária, seja visual... Então acho que a arte, ela é mesmo que um reflexo desses modos de vida mesmo, da forma como as pessoas se conectam mesmo, emocionalmente umas com as outras, nas diferentes linguagens, eu acho que é um pouco isso assim.

Compreende-se, neste estudo, a potência da arte enquanto expressão política e o quanto pode ser sintetizada na palavra Artivismo. Compreendo ser a junção dos termos arte e ativismo, pautando a arte enquanto campo de transformação social, possibilidade de reparação e renovação, reinvenção de existências.

Audre Lorde (1984) entende o erótico como poder, indicando que a perpetuação de opressões faz movimentos, restrições de fontes de poder como essa, a fim de extinguir possibilidades de transformação, sentidos e prazer:

O erótico é um lugar entre a incipiente consciência de nosso próprio ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um senso íntimo de satisfação ao qual, uma vez tendo vivido a completude dessa profundidade de sentimento e reconhecido seu poder, não podemos, por nossa honra e respeito próprio, exigir menos que isso de nós mesmas (LORDE, 1984, p. 10).

Entende-se, assim, que o erótico está ligado ao prazer de modo geral⁶, e que esse prazer está ligado ao que é mais precioso para cada pessoa, ao que lhe faz sentir a si mesmo, mas, na sociedade ocidental, foi estimulado que os sujeitos o caluniem e desvalorizem, o que

⁶Compreende-se, também, a potência e a necessidade de discutir o prazer sexual de mulheres negras.

se relaciona muito diretamente com o conceito de Estética da existência de bell hooks, já apresentado.

Convive-se com um modelo que visa à supressão do erótico na vida, distanciando o prazer do cotidiano. É demandado o máximo de si, todo tempo, na vida, no trabalho, que ganha centralidade. A excelência é o ideal a ser atingido e isso tem grandes custos para a saúde das pessoas, para as relações. Esse fluxo chega à comunidade acadêmica, de forma particular, dialogando com a colonialidade dos saberes e práticas educacionais, com destaque para as pedagogias ou formas de relação entre docente-discente, discente-conhecimento.

Todas essas exigências terminam por consumir demais as pessoas e incapacitar processos, e o erótico é justamente a contramão disso, não é sobre o fazer, o realizar, mas refere-se sobre o

[...] quão penetrante e inteiramente nós podemos sentir durante o fazer; e uma vez que saibamos o tamanho de nossa capacidade de sentir esse senso de satisfação e realização, podemos então observar qual de nossos afãs vitais nos coloca mais perto dessa plenitude (LORDE, 1984, p. 11).

Logo, no que tange a esse microcosmo que é a Universidade, a lógica capitalista está assentada no produtivismo e adentra esgarçando alguns fios importantes nessa tessitura de construção de comunidade. Como ficam os processos? Os afetos? O tempo de produção, de investimento, ao invés de reprodução? Há tempo para cuidar-se? Destina-se tempo para isso? Onde fica o erótico? Há lugar para a experimentação? Para o prazer?

Destaco a importância do enlace das temáticas, pensando a Universidade como *lócus* privilegiado de formação de pessoas, espaço de grande potência de transformações na vida dos sujeitos, da comunidade e da sociedade. Entendo que as pautas urgentes evidenciam a necessidade do cuidado em saúde, de relações saudáveis – sejam modelos de condutas respeitadas e equânimes. Assim, a pauta das relações de gênero, sexualidades, relações étnico-raciais, de classes, origens, territórios, religiões e outros marcadores de identidades, é necessária na atualidade, na medida em que temos um compromisso ético e político de colaborar para relações de alteridade em todos os espaços, com destaque, aqui, para a comunidade acadêmica.

A Universidade, como microcosmo da sociedade, é espaço de experimentação dos impasses culturais, tensionamentos nas relações e processos de saúde e doença. A academia, como espaço tradicionalmente de celebração da intelectualidade, de premissas de uma ciência clássica, tradicional e que se propõe ao universal, reforça a cisão mente-corpo, racionalidade-sensibilidade, inteligência-afeto, na maioria das relações e práticas experimentadas. Desse modo, entende-se um esvaziamento de sentido, de prazer, dos processos experimentados, uma

fragmentação que se dá no corpo e que denuncia o mal estar nesse, por meio dos processos de adoecimento corporal e de relacionamentos. Como é possível uma realidade de criação, saúde, desejo de investigação, autoria, autonomia, em espaços de confinamento, práticas de reprodução, relações hierárquicas?

Em decorrência das hierarquizações e dos privilégios dos grupos dominantes, os demais grupos são outrificados, tornam-se mais vulneráveis. Eduardo Marandola e Daniel Hogan (2006) destacam que a vulnerabilidade é um fenômeno característico da sociedade pós-moderna, refere-se às condições que restringem a capacidade de resposta de um indivíduo ou grupo, relaciona-se a incertezas, riscos e perigos.

Ainda hoje, no século XXI, carrega-se o saldo negativo do racismo iniciado em meados do século XVIII e que hoje se apresenta em novas versões. Existem cada vez mais denúncias, maior consciência das pessoas que sofrem discriminações o que atesta essa continuidade de práticas e discursos racistas.

Ao se fixar uma identidade como norma, elege-se arbitrariamente, com base em constructos enviesados, as identidades diversas são outrificadas, invisibilizadas, tornam-se indesejáveis, reforçadoras das distinções entre normalidade e anormalidade. Desse modo, Tomaz Silva (2000, p. 75) destaca que “[...] a identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido”.

Segundo a V Pesquisa Nacional de Perfil dos Graduandos das IFES - 2018 (ANDIFES, 2019), divulgada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), a Universidade pública está mais acessível. Destaco a importância das Políticas Afirmativas de Governos anteriores que colaboraram para uma ampliação do acesso de estudantes negras/os e de baixa renda. Compreende-se a disputa existente nesse espaço historicamente branco e de elite que passa a ser, cada vez, mais acessado e desejado por outras parcelas da população, as parcelas outrificadas. Com o acesso mais ampliado, junto também, no caso da Universidade Federal da Bahia, ao projeto Universidade Nova, diferentes perfis de estudantes passam a ser possíveis, ainda que a permanência siga como questão, sobretudo, digna, saudável.

A pesquisa indicada apresentou que a população de pessoas negras, mulheres não negras, pessoas com renda *per capita* de até um salário mínimo e meio e estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas têm crescido consideravelmente nas universidades públicas brasileiras. Essa pesquisa foi realizada com estudantes de cursos de graduação de 65 instituições federais de ensino do país, 63 universidades e dois centros de educação tecnológica, entre os meses de fevereiro e junho no ano de 2018. Foram encontrados

resultados muito relevantes, que mostram que há uma maioria de mulheres no contingente de estudantes, perfazendo 54,6% do total de pessoas matriculadas. Destaca-se que a maioria de estudantes atualmente é de pessoas negras, distribuindo-se entre pretos e pardos, 51,2%, e quase dois terços dos universitários, totalizando 64,7%, são oriundos de escolas públicas. E, ainda, mais de 70% das pessoas universitárias brasileiras possuem renda *per capita* de até um salário mínimo e meio.

Com isso, pode-se indicar que esse campo de saber-poder, passa a ser também um campo acirrado de tensionamento, visto o momento político-econômico do país na atualidade, no qual as discussões acerca do fascismo e necropolítica⁷ ganham destaque com o governo declaradamente antiético, anti-vida e anti-diversidade.

Vivemos um momento de reconhecimento e visibilização das questões relativas a processos de saúde e doença na Universidade. Elencaram-se atividades de extensão realizadas na UFBA, dentre elas o *Psiu*, o *Aceita!*, o *Sankofa* e ofertas de serviço psicológico e ouvidoria da Universidade, que se propõem a atender a uma demanda crescente, ou ainda, que sai do lugar de naturalização do silenciamento.

Isso se mostra ainda um início de jornada de adensamento de fazeres, sobretudo institucionais, para reconhecimento de uma necessidade de políticas de permanência de estudantes e relações saudáveis, bem como toda comunidade acadêmica. Incluir discussões acerca das matrizes de opressão, bem como uma postura relacional de respeito a diversas existências, corpos, subjetividades, compreendendo que há um tensionamento e uma demanda social, é, por isso, um compromisso ético e político de uma instituição formativa. Entende-se que existem grupos com diferentes percursos e atuações que se propõem a fortalecer lógicas, cosmovisões integradoras e decoloniais, a exemplo da própria Feminária Musical, do grupo de Pesquisa e práticas *Rede Africanidades* e do *Ubuntu*, coletivo que tem ofertado cursos em educação pautada na cosmovisão africana.

Pensando na saúde de mulheres negras em termos de adoecimentos, muitos são os desdobramentos das relações e opressões vividas cotidianamente. As matrizes de desigualdades terminam por vulnerabilizar esse grupo, tendo em vista as categorias raça, gênero, classe, geração, religião, entre outras tantas. Essa exclusão, que, de certo modo, repercute na saúde desse grupo, restringe as mulheres negras a posições de subalternidade,

⁷Termo cunhado pelo filósofo Achille Mbembe, que articula o conceito de “biopoder”, de Foucault, e os de “estado de sítio” e “estado de exceção”, de Agambem para evidenciar o poder de soberania de decidir quem vive e quem morre. Nesse sentido, evidencia como se articulam as formas contemporâneas que submetem a vida à morte. O estado de exceção e a inimidade são consideradas bases normativas que autorizam o direito de matar determinados corpos. E que corpos são esses? Os corpos considerados “outros”.

retroalimentadas pelo fortalecimento de estigmas e repercussões em todas as áreas da vida, incluindo trabalho, vida afetiva, relação com o corpo e sexualidade. O que constitui uma violência simbólica, apresentada em imagens, a qual, através do ideal de beleza estética e saúde, ligado à branquidão, gera saldos negativos para as subjetividades de mulheres negras e de outras raças e etnias, que reverberam em sua saúde e na relação consigo. Além disso, o comportamento e espaços ocupados por mulheres negras nessas mídias são, em grande parte, representações negativas, estigmatizantes e limitadoras.

O enfoque dado por mim diz respeito aos cuidados em saúde, movimentos de autocuidado e cuidado em rede, com base nas matrizes amefricanas. Tomando como partida o conceito de Amefricanização de Lélia Gonzalez, que se refere a um movimento de valorização das culturas africana e indígena, historicamente desvalorizadas e consideradas saberes ilegítimos, portanto, de descolonização do pensamento. Compreendo que é urgente adensar movimentos de ruptura da hierarquização de saberes, fazeres e existências, e da necessidade do fortalecimento de um pensamento decolonial, localizado, gestado por nós, representado em nossas diversidades, levando em conta os saberes, as culturas africanas e ameríndias:

No pensamento de Lélia, o núcleo da amefricanidade é constituído pela cultura negra que, informando toda a cultura brasileira, se expressa na cotidianidade de nossos falares, gestos, movimentos e modos de ser que atuam de tal maneira que deles nem temos consciência. É isso que caracteriza a cultura viva de um povo. Entretanto, a cultura negra não é apenas o samba, o pagode, ou o *funk*. Mas ela também é o rock, o *reggae*, o *jazz*. Ela não é apenas o ‘nós vai’ e o ‘nós come’. Mas a musicalidade e as pontuações discursivas que nos diferenciam dos falares portugueses e africanos (BAIROS, 2006, p.51).

Luiza Bairos (2006) faz uma leitura deveras rica do conceito de Amefricanidade de Lélia Gonzalez, apresentando a sua expressão via criatividade, pela experiência das artes. E, ainda, a aponta como uma saída teórica que permite revelar as dimensões simbólicas do racismo – dito como a neurose cultural brasileira – que se soma ao sexismo, enquadrando as mulheres negras em três noções: mulata, doméstica e mãe preta, o que as restringe a uma dimensão de objetificação, sexualização e exploração de trabalho, além do cuidado do outro como uma via de subjetivação.

Destaca-se, também dentro desse conceito, o racismo que subordina mulheres negras e índias, inferiorizando-as por não serem corpos, subjetividades eurocentradas. Como mecanismo de deslegitimação, Lélia Gonzalez (198, p. 134), através de suas articulações com a psicanálise lacaniana indica que a essas mulheres imputa-se a categoria de “infans” e para quem tutela, a categoria de sujeito-suposto-saber.

A primeira categoria relaciona-se a uma tutela, sendo essas pessoas não autorizadas a falarem, nem de si: “[...] designa aquele que não é sujeito do próprio discurso, na medida em que é falado pelos outros [...]”. E a segunda categoria articula-se “[...] às identificações imaginárias com determinadas figuras, às quais se atribui um saber que elas não possuem.” Nesse sentido, “[...] nós, mulheres e não-brancos temos sido falados, definidos e classificados por um sistema ideológico que nos infantiliza” (quando não desumaniza) e, por outro lado, práticas que se propõem libertárias, ao não reconhecer experiências diversas, terminam por reproduzir um discurso colonialista, que viola formas de existências. A esse respeito, é preciso radicalizar e ampliar a luta.

Ana Paula Fiúza (2018) indica a importância da compreensão e fortalecimento das alianças de parentesco entre mulheres negras e indígenas. Destaca que essas mulheres reivindicam o direito ao Bem Viver, pautando modos de vida em harmonia com a Natureza, lançando um olhar amplo para a vida, compreendendo que a cura humana está relacionada a cura de todos os seres. Nesse sentido, a autora delinea o Bem Viver:

O bem viver integra o equilíbrio entre o físico, o mental, o emocional e o espiritual, perpassa por questões objetivas e subjetivas. A reivindicação pelo direito às subjetividades que fogem dos padrões normativos ainda é motivo de luta e resistência para estas mulheres, reproduzir a memória e os costumes das suas ancestrais ainda é motivo de exclusão social. A existência da diversidade nas subjetividades pode ser entendida como um elemento de combate à superioridade moral que se coloca como símbolo de peso para a constituição e manutenção da colonização e manutenção de poderes e privilégios hegemônicos (FIÚZA, 2018, p.2).

Jurema Werneck (2006) afirma que em nossos fazeres cotidianos cria-se e recria-se a África no Brasil, que se unifica por meio do encontro de mulheres. Com isso, entendo que nos fazeres cotidianos, nos encontros de mulheres negras, indígenas e mestiças, criamos e recriamos um território, físico e simbólico Amefricanizado.

As abordagens contemporâneas, síntese teórica estrutura-ação e as teorias feministas pós-coloniais apontam a fluidez das fronteiras de demarcações de identidades, os exercícios de resistência, agência dos sujeitos, que tensionam a todo o momento, diante das opressões da estrutura, a historicidade como elemento imprescindível, que aponta para as constantes atualizações, campos de possibilidades no futuro e, ainda, o questionamento das dicotomias mente/corpo, conhecimento/ação e corpo/consciência, a ação não é guiada primordialmente pela consciência.

Diante disso, há um alargamento do campo da subjetividade e aponta-se para um fazer ciência que contempla uma compreensão corporal, mais integral, que se propõe a sínteses de

elementos considerados dicotômicos, os quais promovem uma ruptura na hierarquização desses elementos, valores.

O conceito de raça adotado no presente trabalho refere-se à raça social, conforme Antonio Sérgio Guimarães (2003). Diz respeito a constructos sociais pautados em ideias científicas biologicistas que, embora superadas, seguem legitimando representações e identidades mantenedoras do sistema de diferenças e privilégios. A raça é uma nomeação colonialista, a priori, uma forma de classificar e identificar, sobretudo, hierarquizar. Ainda fundamentada nas concepções da ciência moderna, racista do século XIX, circula no imaginário social em forma de representações, as correlações entre tipos físicos, características fenotípicas e características psicológicas, comportamentais, estéticas e morais pautadas em uma escala de valores completamente díspar.

Racismo refere-se a atos advindos de pessoas ou de instituições os quais reproduzem a hierarquização das diferenças, destinando privilégios para um grupo, o que legitima e perpetua desigualdades sociais, políticas e psíquicas. No Brasil, discussões sobre racismo ainda geram grandes resistências, estando relacionado com a perpetuação da ideia de democracia racial (GUIMARÃES, 2003) e isso certamente está ligado ao interesse da elite branca que não deseja colocar em discussão seus privilégios. Assim, o racismo não é uma ideologia que justifica as desigualdades, mas sim, um mecanismo, um sistema de manutenção dessas.

Entende-se que as hierarquias sociais terminam por gerar maior vulnerabilidade para determinados grupos e isso varia de acordo com marcadores como gênero, classe, raça, sexualidade, geração, origem, religião. Segundo Elisabete Bilac (2006), as Ciências Sociais passaram a utilizar a noção de vulnerabilidade das Ciências Ambientais para abalizar a capacidade de indivíduos e grupos de enfrentamento dos riscos sociais.

A introdução das estruturas de oportunidades permite pensar a oposição agência individual *versus* estrutura social, isto é, as/os atrizes/atores sociais não agem em um vazio, no qual dependem somente de sua capacidade de gestão de ativos, mas em um contexto histórico e social formado de oportunidades e de constrangimentos, uma vez que as estruturas de oportunidades dependem de fatores macrossociais (BILAC, 2006).

Bilac dá destaque aos fatores macrossociais, à estrutura, mas aponta para a existência do tensionamento constante entre esses fatores e agência individual, portanto, ser vulnerável não significa ser vítima, como destaca Veena Das (2011). As mulheres são comumente as figuras centrais na chefia familiar e capital social e, por isso, são contempladas por programas e ações sociais, visando ao desenvolvimento comunitário e diminuição da pobreza. Aponta-se

que em países “pobres”, sobretudo na América Latina, “[...] as mulheres com baixa renda são aquelas que têm os mais fortes laços comunitários e de parentesco e, com frequência, estão também engajadas em atividades de ajuda mútua, através de redes informais” (BILAC, 2006, p.61).

Veena Das (2011, p. 18) aponta a importância da fala por parte de sujeitos, com destaque para mulheres, de suas experiências, inclusive de testemunho de violências de todas as ordens, como forma de manter a possibilidade de estar com os outros, de elaborar a relação entre violência e subjetividade, e assim o passado entrecruza o presente, para além de uma experiência-memória traumática, de uma violência-ferida, mas como “como conhecimento venenoso”. A autora indica que, neste sentido, se dá:

[...] uma espécie de conhecimento que funciona pelo sofrimento, porque o sofrimento é o reconhecimento apropriado do modo como a vida é, nesses casos, e, em geral: captar seja um amor ou uma tragédia pelo intelecto não é suficiente para ter um conhecimento humano real, falta um pedaço da verdadeira compreensão (DAS, 2001, p. 35).

Desse modo, aponta-se para a importância de levarem-se em conta as experiências vividas, as repercussões nos sujeitos (corporais, subjetivas, emocionais) e a possibilidade de construção de um novo – e ao mesmo tempo, antigo, ancestral – conhecimento que não se pretende frutificar apenas através do intelecto, mas também pelas paixões, pelos afetos, pelo corpo inteiro, pelo prazer.

FEMINÁRIA MUSICAL: APROXIMAÇÕES DO CAMPO E DAS INTERLOCUTORAS

A Feminária Musical integra a linha de pesquisa Gênero, Arte e Cultura, no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre as Mulheres (NEIM), desde o ano de 2012. As ações da Feminária articulam os eixos de pesquisa e extensão, orientados por Laila Rosa, educadora fluida, que completa o tripé do ensino no próprio grupo e nos componentes curriculares que facilita na Escola de Música e no Programa de Pós-Graduação do NEIM. As ações empreendidas pela Feminária são diversas e incluem encontros, rodas de conversa, produção de materiais audiovisuais, interlocuções e vivências poético-musicais que nutrem as performances que ocorrem dentro e fora do ambiente acadêmico.

As performances são a materialização dos processos vividos grupalmente, entendendo o valor e materialidade das experiências que possibilitam a sua organização. Os principais temas tangenciados são embasados pelas epistemologias feministas, com destaque para o feminismo negro e decolonial, com enlaces com as artes, etnomusicologia e culturas. Tudo

isso é mediado e construído através dos processos relacionais, de dinâmicas disparadoras, exercícios de experimentação e improvisações. Há um assentamento do campo teórico nas práticas vividas em grupo, as subjetividades são acolhidas e nutridoras das discussões e desdobramentos e, ainda, há uma interlocução muito grande com os movimentos sociais, com destaque para mulheres negras, tendo como parceiras as mulheres do Grupo do Alto das Pombas.

A Feminária Musical agrega pessoas que estão vivendo processos na universidade, de graduação, pós-graduação e docência, como também pessoas que estão em processo de inserção nesse universo acadêmico e, ainda, aquelas que vivem seus processos em outros universos. O grupo contou com pesquisadoras da graduação, bolsistas de pesquisa que, desde 2012, realizam uma investigação aprofundada acerca da visibilidade de mulheres na música no Brasil, e pós-graduandas, mestrandas e orientandas que passam e costuram suas realidades de pesquisa ao temário do grupo, destacando sempre as identidades combinadas – gênero, sexualidades, raça e religião:

O projeto Feminária Musical ou epistemologias feministas em música no Brasil IV: etnografias, saberes e vivências poético-musicais, iniciou em 2012, tendo como enfoque teórico e metodológico os estudos da música em suas subáreas do conhecimento (educação musical, etnomusicologia, musicologia, performance e composição) em especial a etnomusicologia por ela romper com os padrões de músicas eruditas da Europa e pelo campo de pesquisas em que o objetivo assenta-se além do mero conhecimento de música (JESUS, 2017, p. 1).

A pergunta orientadora do segundo ano de pesquisa foi: “O que (não) se produz sobre mulheres e música no Brasil?”, com recorte temporal inicial entre os anos de 2007 e 2011, que, em seguida, estendeu-se para um recorte temporal de 30 anos. Há uma compreensão de que o conhecimento é uma prática social e política, devendo ser engajada, com posicionamento político apresentado, e que o olhar, as lentes utilizadas pela pesquisadora irão orientar os caminhos de escolha, as leituras, os ditos e os silenciamentos. Portanto, essa postura favorece um fazer mais comprometido, consciente das possibilidades e limites.

No ano de 2017, quinto ano do grupo, foi desenvolvido um plano de trabalho em pesquisa inédito, intitulado *Feminária Musical IV: processos criativos, trocas de saberes e vivências poético-musicais, exercício de catalogação da memória de todas as atividades desenvolvidas*, escrito por Bruna Santos de Jesus, bolsista de pesquisa de iniciação científica na Feminária Musical, no período de sua investigação cursava o Bacharelado em Gênero e Diversidade no NEIM.

Entendendo o valor da nossa produção enquanto grupalidade, a dimensão de produção diversa e afetiva e, ainda, a condição de um olhar privilegiado de quem experimenta esse grupo, sigo, na ampliação dessa memória, com desdobramentos de escuta das narrativas das interlocutoras que já passaram e/ou seguem no grupo. Esse é um exercício de autoria, de sentir-se autorizada a contar a própria história, história da família, dos grupos que se participa, sistematizando experiências de beleza, transgressão e co-criação.

Atualmente, o grupo é composto por um coletivo de vinte e sete pessoas. Até o primeiro semestre do ano corrente, era composto por pessoas cisgênero, tendo ingressado no mês de julho Tertuliana Pereira, mulher piauiense transexual. Desse coletivo, oito pessoas são doutorandas, três mestrandas, duas bolsistas de iniciação científica e colaboradoras sem vínculo direto com a Universidade. A maioria das pessoas declarou-se como negra, sendo esse grupo formado por pessoas de origens diversas. Há Maria Belga, oriunda de Bruxelas – Bélgica, e interlocutoras oriundas de outros estados brasileiros (Recife, Minas Gerais, Brasília, São Paulo, Alagoas, Goiás, entre outras) e cidades do interior da Bahia (Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas, Feira de Santana etc.). O grupo apresenta-se heterogêneo no que tange às orientações sexuais: metade do grupo é composto de mulheres lésbicas e bissexuais (incluindo uma interlocutora que se identificou como “sexualidade livre”) e a outra metade se identificou como heterossexual (ainda que algumas interlocutoras indicassem caráter de fluidez na sexualidade e uma delas identificou-se como “heterossexual ampla”).

Com intento de apresentar alinhada condutora deste estudo, indico os caminhos trilhados ao longo do mesmo, destacando a organização do escrito. No capítulo um deste trabalho, *Feminária Musical: Grupo de Pesquisa e Experimentos Sonoros, Ciranda De Mulheres, Saberes e Afetos*, é apresentada a Feminária Musical, abordando seu histórico, seu funcionamento e frentes de atuação e co-criação, bem como memória de performances e outras produções, incluindo registros imagéticos. Ainda nesse capítulo são indicados os caminhos metodológicos que assentam o estudo.

No capítulo dois, *Pontes para Articulações Teóricas e Alinhavos (Re)Existenciais*, iluminam-se os aportes teóricos do estudo, que alinhavam Feminismo Negro, Decolonial, Saúde e Bem Viver. E, em seguida, começam a ser apresentados os resultados e discussões fruto do campo, das colaborações das interlocutoras. São apresentadas as categorias Saúde, Saúde Mental e Bem Viver, destacando a compreensão e trajetória das interlocutoras no que tange a esses temas. *A posteriori*, apresentam-se discussões que indicam tensionamentos e contradições vividas no ambiente universitário, localizando com um breve panorama o momento institucional vivido.

Ainda no segundo capítulo, é apresentada a categoria de análise Experiências na Universidade, destacando as dimensões que emergiram das partilhas das interlocutoras, apresentando os encontros, fragmentações e tensionamentos, bem como potências de trânsitos na Universidade. Nessa categoria, são apresentadas, também, interlocuções acerca das experiências com relação às Redes de Apoio dentro e fora da Universidade.

O capítulo dois segue apresentando uma discussão acerca do Artivismo como categoria de ação-reflexão-transformação, indicando a abertura e discussão de outra categoria de análise, Arte - sentidos e propósitos, na qual são indicadas as interlocuções acerca do significado, ou melhor, dos sentidos da experiência artística na trajetória das interlocutoras⁸.

O terceiro capítulo, *Sobre Tornar-Se Acadêmica: Tensionamentos, Processos Grupais, Identificação e Pertença*, inicia-se com a articulação entre as dimensões das Psicologia da Educação, Social e Feminista e como elas colaboram para o (re)pensar da academia, seus dispositivos e aspectos interrelacionais. Ademais, são apresentadas discussões acerca do funcionamento de grupalidades e potência disso através da lente da Psicologia Social de Pichón Rivière. Em seguida, é apresentada a categoria de análise Jornadas na Feminária Musical, na qual as interlocutoras abordaram sua história no grupo e o que as vincula ao grupo.

No capítulo quatro, *Ensinando a Transgredir: Pedagogia da Autonomia, Feminismo Negro e Decolonial na Díade Docente-Discentes*, são apresentadas costuras entre as pedagogias consideradas libertárias, indicando caminhos democráticos e éticos, tão urgentes nos campos da educação, aqui se destacando o ambiente universitário. O capítulo segue apresentando as categorias de análise Fazeres Pedagógicos na Feminária Musical e Pedagogia Feminista, destacando as discussões apresentadas pelas interlocutoras acerca do temário. Ao final desse capítulo, é apresentada a última categoria de análise, Autocuidado, articulada à categoria já trabalhada, Bem Viver, iluminando caminhos de existência saudáveis e afetivamente revolucionários.

Por fim, são apresentadas as *Considerações Sobre a Jornada*, indicando os enlaces encontrados, a corroboração das hipóteses levantadas inicialmente e novos achados. Com isso, são apresentados os limites e as possibilidades do trabalho, bem como, os transbordamentos.

⁸Opto por usar o termo interlocutoras no feminino, tendo em vista que o maior contingente de pessoas colaboradoras se identifica com o gênero feminino.

CAPÍTULO 1. FEMINÁRIA MUSICAL: GRUPO DE PESQUISA E EXPERIMENTOS SONOROS, CIRANDA DE MULHERES, SABERES E AFETOS

Sobre o nascer e o gestar

Há nove meses tenho mais água no meu corpo.

Tenho águas, mares, rios, inundações, transbordamentos, enchentes, vazantes, ondas, sou uma concha.

Há pouco mais de nove meses gesto Iara e a mim.

Nessa jornada, vamos crescendo, nos movimentando, relaxando, contraindo.

Nossos corpos dançam juntos, cada uma a seu ritmo.

Nascemos todos os dias e nesse gestar encontro as minhas mais velhas, as suas-minhas histórias, encontro o meu propósito, minhas verdades.

16/03/2017⁹

1.1 HISTÓRIA DO GRUPO E PRODUÇÕES: PELOS OLHARES DAS INTERLOCUTORAS

Laila Rosa, professora e focalizadora da Feminária Musical, tem uma trajetória longa de dedicação ao campo da etnomusicologia, desde o ano de 1999, como bolsista em programa de Iniciação Científica, sempre alinhada às questões de relações de gênero, sexualidade, relações étnico-raciais nas músicas de cultos sagrados afro-brasileiros e afro-indígenas, em seus processos formativos acadêmicos. Com esse mergulho profundo, ficou evidente a escassez de produções acerca das interlocuções entre música e marcadores identitários, embasados nas epistemologias feministas.

A Feminária Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros é um grupo que integra a linha de pesquisa Gênero, Arte e Cultura do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA) e atualmente é formado por professor@s e alun@s de diferentes unidades da UFBA e também por artistas colaborador@s que têm contribuído de forma significativa para a pesquisa e para pensar novas propostas que unam pesquisa e produção artística coletivas. Com o grupo realizamos encontros semanais para discutir textos sobre músicas e feminismos em geral, questões concernentes à área da etnomusicologia, além da condução da nossa pesquisa (ROSA, 2013, p. 4).

⁹Escrito feito em um dos encontros no qual eu e outra participante estávamos nos momentos finais de gestação, foi um encontro da Feminária de acolhimento, celebração e confirmação do nome Iara.

Segundo Laila Rosa, Eric Hora e Laurisabel Silva (2013, p. 1), orientadora e seus orientandos da Escola de Música, nesse período, participantes da primeira célula do grupo, indicam que esse “[...] emergiu a partir da necessidade de se criar um espaço de discussão, reflexão, experimentação e intervenção artística, a partir de parâmetros etnomusicológicos feministas e pós-coloniais”. A Feminária Musical surgiu no ano de 2012, logo após o ingresso de Laila Rosa como professora da Escola de Música, e nasceu do desejo de nutrição do enlace entre o artístico, o político e o teórico, entendendo que esse enlace está dado, a princípio, orientado pela investigação do que há de produção de conhecimento sobre mulheres e música no país, a partir de uma leitura e experiência de mulheres musicistas de tentativas de silenciamentos, apagamentos desses fazeres, desses corpos.

O grupo nasceu heterogêneo e cresceu em diversidade. É formado por musicistas e pessoas de outras áreas. Hoje, com seis anos de história, é composto majoritariamente por mulheres negras com formações diversas, como jornalismo, teatro, psicologia, bacharelado em humanidades e em gênero e diversidade, contando, também, com colaboradoras das áreas de moda e design, escritas poéticas e teatro. Há uma conexão com a ancestralidade amefricana evidenciada nas escolhas de referências teóricas, bem como o processo relacional estabelecido e os processos de experimentação e performances. As últimas performances homenagearam as Yabás, termo cunhado para designar “Mãe Rainha” e que circunscreve as orixás femininas: Yemanjá, Oxum, Obá, Iansã, Ewá e Nanã.

Laila Rosa, Eric Hora e Laurisabel Silva (2013, p. 1) apontam que:

Buscamos assim, dialogar com propostas que questionem e rompam com padrões culturais e artísticos racistas, sexistas e heteronormativos, criando assim, um espaço alternativo para nós mesm@s que fazemos parte do grupo e que temos identidades e trajetórias tão distintas.

Entende-se que esse espaço alternativo é um território de construção de outras realidades dentro do universo acadêmico, espaço de prática de relações horizontalizadas e afetivas, de práticas de uma pedagogia feminista, antirracista, decolonial. As principais discussões e experimentações atualmente tangenciam decolonialidade, ancestralidade, gênero, sexualidade, racismo e branquidade.

Sobre o nascimento do grupo e desdobramentos, em entrevista, Laila Rosa rememorou:

Em dois mil e doze, chegaram os primeiros pós-graduandos, Laurisabel e Eric. Meus primeiros, os orientandos do mestrado em etnomusicologia. E aí, Michael Iyanaga, tava fazendo intercâmbio aqui de doutorado, e aí ele foi colaborador também. E então a gente se encontrava toda semana lá em casa, num café, tal. E era bem legal assim, foi bem bacana. E um ano depois a gente publicou o capítulo daquele livro “Estudo sobre Corpo, Gênero e

Música” de Michael. Ele tá aqui inclusive, Michael Iyanaga. Ele é um estadunidense nisei. E ele tá aqui agora. Inclusive, ele convidou a gente, Carol e eu, pra Virgínia. Ele agora é professor da universidade lá em Virgínia, nos Estados Unidos, e a gente já tá com a passagem comprada, a gente vai em outubro. É super parceiro, Michael! Porque foi uma passagem relâmpago, assim. Mas ele super é etnomusicólogo e aquela coisa. Ele era orientando do Anthony Seeger, que é uma figura super importante da etnomusicologia, da etnografia da música, tal. E aí ele veio assim, aí também mergulhou nos estudos de gênero, cabeça bem aberta. Porque tem uma abertura dos estudos de gênero e música nos Estados Unidos, muito mais do que aqui, então era uma coisa que ele tinha familiaridade e abertura, embora ele não pesquisasse nas pesquisas dele, mas ele também, não era um estranhamento, muito menos uma desqualificação. Pelo contrário. Ele super, ele ajudou super a gente na parte da análise dos dados, no final assim, do artigo. Ele foi primordial! Aí Neila encabeçou o plano de trabalho das compositoras. Porque a idéia era assim: “[...] vamos fazer um mapeamento sobre o que existe? O que não, né? Entre aspas, existe sobre mulheres e música no Brasil”. Então era os periódicos, é, das principais universidades, os anais das principais associações de música no Brasil, em todas as subáreas, de musicologia, etnomusicologia e educação musical, performance e composição. Então... Teses e dissertações em Música. E aí, era aterrorizante assim, porque não tinha nada. Aí a gente ficou: “bom, mas aí a pesquisa da gente vai dizer só que não tem? Nem minimamente? Não. Vamos criar novos dados” né? E aí essa coisa do conhecimento situado né? Eu tô na coisa da composição né? Tava na época, eu tava começando a gravar meu disco. Então, de, desse lugar de compositora, que eu demorei tanto pra assumir justamente porque não me sentia autorizada, porque não tinha uma formação em composição. Mas desde, desde Recife assim, eu já compunha. Mas eu não considerava o que eu compunha, como composição né? E até que eu, e até que eu vi que vários homens compunham e coisas assim, que considerava simples e que tinha outra relação com as suas composições, e que como nós mulheres, no campo da composição, como a gente demora pra reconhecer assim, o que é uma composição, como se fosse uma coisa “ah!”, super. Então eu queria entrar nessa, e Neila é compositora também, né? Então tinha tudo a ver. Aí Luciano ficou fazendo mapeamentos periódicos e Sheila do, das teses e dissertações no banco digital das teses e dissertações. E aí foi massa, um monte de dados. E aí a coisa da Feminária mesmo, da gente se encontrar lá em casa, de tomar chazinho, cafezinho, e já fazer num outro formato também. Sempre tem uma coisa de corpo, de improvisação experimental né? E aí, de já fazer performance. Então em dois mil e doze também veio a parceria com Carol, aí eu toquei sozinha com Carol no desfile performático dela, no Gamboa e depois lá no NEIM a gente fez performance no simpósio do NEIM de dois mil e doze, que eu organizei junto com Aline Bonetti e Rabeca Sobral. E aí em dois mil e doze, chegaram os primeiros pós-graduandos, Laurisabel e Eric. Meus primeiros, os orientandos do mestrado em etnomusicologia. E aí, Michael Iyanaga, tava fazendo intercâmbio aqui de doutorado, e aí ele foi colaborador também. E então a gente se encontrava toda semana lá em casa, num café, tal. E era bem legal assim, foi bem bacana. E um ano depois a gente publicou o capítulo daquele livro “Estudo sobre Corpo, Gênero e Música”. Super, assim, assumindo uma etnomusicologia feminista e uma pedagogia feminista anti-racista né? Porque se fala muito em etnomusicologia engajada, mas etnomusicologia engajada não é declaradamente feminista, nem debate o feminismo né? E aí tem toda uma ressalva. Então eu fico feliz assim, de ver que os meninos

também tão abrindo assim. Eric acrescentou no trabalho dele, ele disse que tem uma discussão sobre marcadores sociais. Ítalo, que depois veio também, sobre música instrumental. Aí todo mundo assim, o próprio Iuri Passos fez a disciplina comigo e acabou, assim, escrevendo um artigo lindo sobre as mulheres tocando atabaque. Aí a gente vê essa movimentação né? Uma mudança, nas mentes e nos corações né?

Laila Rosa fala do nascimento da Feminária Musical e da rede relacional que possibilitou inúmeras trocas e experiências envolvendo criações e trabalhos, reconhecendo lacunas no campo da etnomusicologia, bem como nos feminismos dentro dos espaços acadêmicos formais. Laila Rosa diz dos estudantes aliados que passaram a discutir e visibilizar em seus trabalhos e práticas dimensões dos debates feministas pautando questões identitárias e desigualdades.

A metodologia deste trabalho é qualitativa e, ainda, identificada como uma pesquisa participante engajada e feminista, compreendendo a minha posicionalidade e lugar de fala, como mulher negra (entre outras tantas identidades já apresentadas), inserida como participante da Feminária Musical desde o final do ano de 2014.

Neste trabalho, a coleta de dados deu-se através da rede, de forma conjunta com as fundadoras do grupo de pesquisa. Foi realizada uma memória de todas as pessoas participantes e colaboradoras ao longo da história do grupo. Com isso, foram contatadas todas as interlocutoras/es, totalizando 35 pessoas no período, sendo a maioria de mulheres negras. Foram realizadas 26 entrevistas, com base em roteiro semi-estruturado destinado para participantes (ativas e inativas) e colaboradoras (Apêndice A) e um roteiro semi-estruturado direcionado à focalizadora Laila Rosa (Apêndice B). Em momento qualificativo, compreendeu-se que o número de entrevistas realizadas considerava uma amostra representativa e por conta da robustez do material, optou-se pela não continuidade das entrevistas. Os dados coletados foram amplificados com base na epistemologia qualitativa, através da análise de conteúdo.

Conheci todas as interlocutoras e interlocutores ao longo desses anos como participante da Feminária, exceto Eric Assmar e Ítalo Neno – os conheci no momento da entrevista. As entrevistas foram iniciadas em fevereiro de 2018 e terminaram no mês de julho, tendo sido realizadas, em sua maioria, no primeiro semestre do ano indicado. Todas as pessoas interlocutoras mostraram-se disponíveis para o contato, tendo algumas dificuldades pontuais de agendamento para as entrevistas. A maioria das entrevistas teve duração entre uma hora e uma hora e meia, duas delas chegando a mais de duas horas e meia (uma delas chegou próximo a quatro horas), sendo que uma pequena parte foi bem sucinta (menos de

uma hora). Foi elaborada uma tabela contendo dados das entrevistas realizadas, com tempo de duração e data de realização (Apêndice C).

Importante destacar que existem vínculos afetivos com todas as pessoas que encontrei ao longo desses anos em grupo. Com algumas pessoas tive um tempo maior de convivência e com outras não, sobretudo as pessoas em pós-graduação, que estiveram mais ausentes em alguns momentos, e, ainda, no período de gravidez e primeiros meses após o nascimento de minha filha estive ausente em reuniões, mas sempre conectada aos movimentos do grupo.

Esse estudo trouxe-me, a princípio, grandes questões e bloqueios, pensando o meu lugar no coletivo e o exercício de uma escrita que me atravessa profundamente, compreendendo o tensionamento e o desafio de apresentar uma perspectiva minha, bem verdade, muito nutrida e também orientada pelas colaborações das interlocutoras, mas um recorte dessa nossa experiência vivida em coletivo. O exercício foi pouco a pouco tornando-se mais fluido e, ao passo que fui entrevistando as interlocutoras e algumas partilhas foram se dando, foi possível sentir um terreno mais seguro e possível de adentrar, desde o meu lugar de fala, desde esse saber corporificado.

O grupo passou por diversos ciclos. Desde que o acompanho e desde que passei a fazer parte, houve ciclos de mudanças de pessoas participantes, de atividades desenvolvidas por Laila Rosa. Ao longo do meu estudo, como dito, ausentei-me das reuniões no período de puerpério (parte dele), por conta de licença maternidade. O grupo passou por diversas fases e destaco esse caráter fluido da composição, bem como das atividades que vão sendo organizadas a partir dos desejos de todos, de convites para atividades, apresentações e da condução que, por vezes, é assumida pelas integrantes do grupo. Há uma abertura para propostas e facilitações de experimentações.

Após realizar a revisão de todas as entrevistas, elaborei um quadro (Apêndice D), intencionando sistematizar os dados socioeconômicos e identitários das pessoas interlocutoras do estudo. Nesse quadro constam: nome, idade, raça/cor, identidade de gênero, orientação sexual, origem, bairro que vive, renda (nº de salários mínimos), filhas/os (número e idade), religião, relacionamento afetivo/sexual, e formação/ocupação. Desse modo é possível uma visão coletiva das pessoas entrevistadas, reiterando (de modo mais sintético) seus lugares de fala.

A fim de aproximar as interlocutoras, destaco os principais marcadores identitários e parte de suas trajetórias, visibilizando os lugares de fala mais amplamente e, ainda, uma apresentação pessoal à pergunta “Quem é você hoje?”. Foi realizada a opção de manutenção

dos nomes das interlocutoras, a fim de visibilizar os processos vividos e as identidades, entendendo a função política dessa enunciação.

A seguir, apresento-as.

Alessandra Góes Alves

28 anos, nascida em São Paulo capital, atualmente residente da sua cidade natal, com sua família nuclear, mulher cisgênera, gênero feminino, branca, heterossexual, vive um relacionamento afetivo-sexual no momento, não possui religião. Jornalista, autônoma no momento, sem renda fixa, não está participando de grupos no momento, pratica yoga, meditação e faz caminhada. Feminária inativa presencialmente no momento.

[...] uma mulher que eu acho que a partir dos privilégios que tem, tenta buscar o que tenho pra oferecer pros outros, pra coletividade, buscar ser parte de um todo, fazer algo que seja pra além de mim, sabe? E que está em busca [...] em muitos sentidos. Desde que eu terminei a faculdade no final de dois mil e dezesseis. Busca profissional porque quando eu saí de São Paulo eu não queria continuar morando com meus pais e aquela vidinha regrada e as coisas que eu já conhecia, sabe? Busca de trabalho também porque eu sentia que de alguma maneira São Paulo tinha muita oportunidade, mas é muito saturado também, muita gente e tal e nessa parte de jornalismo é gente da América latina inteira que vai buscar. Me parecia um pouco saturado, principalmente o mercado jornalístico mais tradicional de grandes empresas e tal. Busca espiritual também, acho que eu preciso me conectar eu já tinha pensado nisso há uns três anos, desde que eu voltei do intercâmbio basicamente. Busca. Acho que esse meu traslado de lugar é um dos sintomas disso também. Busca de lugar nos quais eu me identifique e tal. Salvador teve uma identificação também, mas também Salvador tem muitas questões e eu me perguntei muito. Mais perguntas do que qualquer outra coisa de Salvador. Isso me instiga muito a voltar também. Acho que é uma mulher que ta em busca, sabe? Eu não sinto muito medo hoje. Sinto muita coragem e gratidão. Em busca, eu estou aberta e querendo me conectar com o jornalismo que é uma coisa que eu gosto muito de fazer apesar de todas as críticas que eu tenho, todas as crises e tal. É o mercado, a linha de trabalho, os editoriais, é uma coisa que eu gosto de fazer é ouvir gente, escrever, entrevistar, mas acho que é isso, eu tô aberta às possibilidades, com algumas coisas na cabeça, mas tô em busca.

Alexandra Martins Costa

34 anos, signo de peixes com ascendente em escorpião, natural de Brasília, residente de Salvador, bairro Ondina, Alto da Sereia. Reside com uma “pá de gente”, seis mulheres, “cada uma com sua fatia”, convivem e partilham algumas coisas da alimentação, mas cada uma arca em separado com seus custos da casa. Mulher cisgênera, gênero feminino, “não branca”, lésbica, não vive um relacionamento afetivo-sexual no momento, não possui religião, mas “gosta de religiões politeístas”, está sem renda fixa no momento. É graduada em artes visuais e jornalismo, trabalha como autônoma no momento, com renda aproximada a dois salários mínimos. Hoje é mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos

Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM - UFBA). Pesquisa acerca da auto-organização das compositoras soteropolitanas, a partir de três grupos: *Som das Binha*, *Palavra Preta* e *Sonora*. Participa de grupos de palhaçaria: *Desconcerto em Ri Maior*, *Coral de palhaças/os*, *Rede de Palhaças*, *Coletivo fora da Casinha* e a *Feminária*. É performer.

“Alexandra é uma pessoa tranquila, ao mesmo tempo que é tranquila também é, tipo... A mente é super agitada, assim, coração super agitado, mas tranquila, ainda assim. Eu acho que querendo se organizar”.

Ana Paula Fiúza

36 anos, natural de Cruz das Almas - Bahia, reside sozinha em Salvador, na Federação, mulher cisgênera, negra, heterossexual, não vive relacionamento afetivo-sexual no momento. É graduada em Letras e Museologia, Mestra em Museologia (UFBA), com o trabalho na comunidade de Terra Mirim, envolvendo gênero, memória e patrimônio. Atualmente sem trabalho fixo, participa da *Feminária* como experiência de grupalidade.

Hoje eu me vejo como um poço da resistência, né. Porque diante de toda essa opressão econômica e eu resistindo para me tornar a mulher que eu quero ser, então eu me defino como resistência nesse momento. Bem, eu quero ser uma mulher acadêmica, mas que vive outras coisas além da academia. Quero viver momentos intensos com minha família, quero ter um relacionamento com todos. Desde que há coisa a coisa que eu gosto. Quero me dedicar ao surf, que é uma onda que tá chegando pra mim agora. E me dedicar mais a uma coisa que me realiza, que é o veganismo. E quem sabe sobreviver economicamente através disso que eu sou.

Anni Carneiro

30 anos, natural de Salvador, mulher cisgênero, gênero feminino, negra, “heterossexual até então”, mãe de uma menina de dois anos. Residente no bairro Rio Vermelho, reside com filha e companheiro, homem cisgênero. Não possui religião, porém, cada vez mais aberta para as religiões de matrizes africanas, também aberta à espiritualidade de modo geral. Psicóloga, psicoterapeuta, arteterapeuta, pesquisadora, doutoranda no PPGNEIM (UFBA), no momento sem uma renda fixa.

Uma mulher que, a cada minuto, se descobre e se abre mais pra se conhecer e pra se revelar também pras outras pessoas, no sentido de buscar, cada vez mais me alinhar com o meu propósito, com os meus desejos, com o que me move, com o que me dá prazer, acolhendo e aceitando tudo o que há de mais complicado e denso também internamente. Então eu me vejo como uma mulher muito mais madura hoje do que há tempos atrás, né? Caminhando muito nesse sentido, caminhando com um propósito bem claro, assim, numa direção rumo, rumo aos meus desejos e nesse crescimento mesmo. Sinto que tem um ancoramento, uma coragem interna e uma crença, uma confiança em mim, na vida, muito grande! Que isso me ajuda a caminhar, isso me dá forças pra encarar a minhas vulnerabilidades, as minhas fragilidades, os meus não-saberes. Às vezes isso estremece, mas eu encontro o caminho de volta. Então eu me vejo como essa mulher que tá no movimento de abraçar a

simplicidade da vida, a impermanência das coisas, e de, cada vez mais, me sentir confortável com essa com essa vida, Com essa falta de controle que a gente tem na vida, e acolher e ver beleza né? Nessa simplicidade, nessa mudança de papéis, nessa mudança que a vida nos convoca todo dia. Experimentar essa mudança de lugar, de ciclos de vida, morte e vida. É... Que traz pra gente a dimensão da permanência, da impermanência, da construção, da desconstrução, da devastação e do crescimento, do florescimento de novo. Então... Eu sinto que é esse o momento de vida, tem sido essa descoberta, e na verdade, esse aterramento, enraizamento de saberes, desejos, crenças, que me fazem bem, que me nutrem.

Ariana da Silva

34 anos, natural de São Paulo-SP, reside em Salvador, atualmente na Federação, mora sozinha, mulher cisgênero, gênero feminino, negra, lésbica, vive um relacionamento afetivo-sexual no momento com uma mulher cisgênera, também da Feminária. Religião budista. Recebe bolsa como pesquisadora, correspondente a um salário mínimo e meio. Graduada em Relações Internacionais e em História, pesquisa atualmente “mulheres negras lésbicas que fazem rap na América Latina, mapeamento e análise das músicas dessas mulheres”.

Nossa, eu acho que eu sou uma pessoa muito mais madura, assim. Se tiver uma palavra que me define né? Sei lá, nos últimos dez anos, não sei como é que explica isso, é amadurecimento. Mas eu acho que eu também me tornei também uma pessoa mais dura, sabe? Eu era mais, acho que eu era mais maleável. É isso. Eu me tornei mais dura, comigo e com as pessoas também à minha volta. Assim, sabe? Aquela pessoa “ai, não levo mais desaforo pra casa!”, tipo... Se eu achar que eu tenho que ser sua amiga, eu vou ser sua amiga pro resto da vida, agora se eu achar que não também, tipo... Acabou a amizade ali. E nem precisa ter motivo, assim. Cê não fez nada, só acabou, comecei e acabou, assim. E isso não é muito bom assim, isso (pausa) não sei. Eu não sei o quanto isso é bom. Isso, eu acho que só vou saber daqui há uns anos. Mas eu acho que eu me tornei uma pessoa mais madura e mais dura com o passar do tempo.

Bruna dos Santos de Jesus

31 anos, natural de Salvador-BA, reside em São Rafael/Pau da Lima, mulher cisgênera, gênero feminino, negra, bissexual, vive uma relação afetiva com uma mulher cisgênero, também da Feminária Musical. Não possui religião, mas “é aberta ao candomblé”. Reside com os pais e com a filha de quatro anos. A renda familiar é em torno de cinco salários mínimos. É Bacharela em Gênero e Diversidade (UFBA) e trabalha em uma casa de eventos infantis.

Eu sou Bruna dos Santos de Jesus, com nome e sobrenome, carrego (os nomes) da minha mãe e do meu pai, sou mãe de Abayomi, sou uma mulher negra, bissexual, analista nos estudos de gênero e diversidade, não tenho religião definida, mas sou adepta do candomblé, e é isso.

Carol Barreto

38 anos, natural de Salvador-BA, “mas sou Santamarense”, residiu toda infância, adolescência e parte da adultês em Santo Amaro da Purificação, residente em Salvador, mora sozinha, mulher cisgênera, gênero feminino, negra, “estou heterossexual ampla”. Vive relacionamentos “amplos”. Sua religião é umbanda, graduada em letras e pós-graduada em moda, design em moda, artista, docente no Bacharelado em Gênero e Diversidade BEGD/NEIM, pesquisadora do NEIM, doutoranda no Instituto de Artes, Ciências e Humanidades Milton Santos, pesquisa sua jornada como artista, produções em moda. Colaboradora da Feminária Musical.

Hoje eu me vejo como uma pessoa mais leve, pela sensação de ter conseguido estabelecer algumas, alcançar algumas metas de vida que eu sempre tive. Então alcançar essas metas artístico-profissionais que, como sempre, estiveram muito imbricadas com a militância, sempre me preocuparam muito! Então eu vivi num túnel daquele objetivo, suplantando vários outros elementos da minha vida que eu não deixei de viver, mas que eu não coloquei como, eu não dividi de maneira equilibrada a atenção. E eu acredito que foi necessário mesmo e que se não fosse assim, né? Vindo de onde eu vim, fazendo o que faço, a maioria das coisas não teria acontecido. Então, passada essa fase, eu me vejo hoje realmente num momento de transmutação né? Não é só de transformação, é de transmutação no sentido pleno da palavra, tanto no sentido de me entender definitivamente como artista e perceber quantos marcadores sociais me fizeram evitar isso, mesmo tendo formação na área de Arte né? Eu estudei Literatura e Teoria da Arte, eu nunca consegui me ver naquelas descrições do que era processo criativo, do que era ser artista. Então consegui definitivamente me situar nesse sentido, e a partir do momento que eu consegui me situar, eu consegui experimentar, romper outras fronteiras, e isso hoje me faz... Eu consigo me sentir mais humana, sabe? Eu consigo me sentir mais uma potência de ser humano do que uma potência de profissional. E eu sempre estive na potência da profissional, naquele túnel, naquela, naquele objetivo, e alguns entendimentos, algumas experiências, algumas outras aberturas, né? E caminhos da vida mesmo bons e, a priori, vistos como ruins, me fizeram hoje conseguir me sentir como ser humano.

Cristiane Lima

38 anos, natural de Salvador- BA, residente em Salvador, na Federação, reside com a família, somando seis pessoas. Sua renda família é de aproximadamente quatro salários mínimos. Mulher cisgênera, gênero feminino, negra, bissexual. No momento não está em relacionamento afetivo-sexual. É “espírita progressista”. Bacharela Interdisciplinar em Humanidades (IHAC-UFBA) e graduanda em História (UFBA). Participa de um grupo religioso espírita e da Feminária Musical, na qual esteve desde a formação do grupo e permanece em atividade.

Eu já nadei um bocado viu, já nadei muito! Hoje eu já e vejo... mais confiante em mim, menos ansiosa em relação ao que eu espero; uma pessoa

com as emoções um pouco mais controladas, (o que mais?). É tão difícil falar da gente, é que a gente não se vê, pensa em ir pro outro, mas a gente nunca se vê! Em algumas coisas eu já amadureci bastante, alguns medos também já consegui superar, alguns sentimentos de mágoa também já consegui avançar, não superar, mas avançar; consigo compreender mais coisas que me acontecem comigo, muito mais compreensiva em relação a vida e as coisas que acontecem que já aconteceu, consigo ter uma visão mais madura, isso também eu atribuo ao meu conhecimento da doutrina espírita que me ensinou muito, também minha abertura em querer aceitar as coisas e estar aberta também a aprender; valorizo mais as coisas, consigo dar mais valor às coisas, consigo ver a vida por uma outra ótica que eu não via, estou mais positiva, eu era muito mais, parecia um lado muito mais pesado, agora pra mim fica um muito mais leve agora, com essa mudança de ótica a vida ficou muito mais leve, consigo ser mais grata! Acho que é isso. Consigo também rever algumas atitudes minhas que eu achava que era certa, hoje eu consigo às vezes, mesmo que depois eu tenha uma ação que eu venha reprovar, mas eu consigo ainda ter essa visão mais... Que eu estava errada mesmo, tinha que rever isso, mesmo que não é o momento o sentimento não seja o que seria adequado, apropriado, mas eu já consigo ter essa visão, esse balanço, consigo ver o que serve pra mim o que não serve; uma coisa que eu aprendi muito ao longo desse tempo é não me violar mais, fazer nada que venha a agradar o outro e que me viole, não me taxando de egoísta, mas que eu também não posso viver em função, de ou para, eu tenho que viver em função de mim mesma, sem que eu não... Não viole ninguém, o espaço de ninguém, o direito de ninguém, me respeitar na verdade, me aceitar, e é isso! Se fosse há alguns anos antes, eu não tinha essa... Conseguiria visualizar isso, hoje eu já consigo visualizar, e certas coisas consigo aceitar mais na verdade e reclamar menos, já reclamei muito, minha vida só era reclamar, resmungar, hoje eu reclamo menos, não que eu tenho deixado de reclamar, porque a gente não muda de um dia pra outro né, mas reclamar menos, perceber mais; eu sempre ouvi muito, mas na verdade eu não escutava, na verdade não percebia muito, ouvia muito, mas não dava, não conseguia dar é... Estou deixando mais eu me seguir pela minha intuição, pela minha voz interior... Me abrir mais com meus guias espirituais, ouvir mais eles, porque eu era totalmente fechada em relação a isso, a pesar de ser espírita não conseguia me conectar e hoje acho que mudou muita coisa pra mim, eu me sinto muito mais leve, não tem nem comparação, não consigo mais ver as coisas que acontecem e levar... Os problemas consigo ver com mais maturidade com mais segurança, vendo várias possibilidade de resolver, não só uma forma de resolver, então acho que hoje eu sou uma pessoa, como é que se diz... Grata eu já sou, acho que consegui me encontrar, comigo mesma, na verdade eu não me conhecia, eu não sabia quem eu era, não era nem quem eu queria, eu queria muita coisa, não verdade não sabia o que eu queria, não sabia quem eu era, não tinha noção de que, quando a gente descobre nossas potencialidades também né, a gente vê que as coisas só dependem da gente, né, e como gente vive pra que as coisas, o universo conspire a nosso favor e é isso que eu vejo, hoje eu me sinto uma pessoa em paz, aceito minha família do jeito que ela é, me aceito do jeito que eu sou, meus amigos do jeito que eles são... Claro que tem dias que a você está mais propício pra se aborrecer, mas não acordo de mal humor, acordo normal, “ah, vou ficar de mal humor durante o dia” não, num acordo, não acordo nunca de mal humor, nunca acorde mal humor, eu durmo bem e acordo melhor ainda graças a Deus, isso aí pra mim nunca foi problema. Pode acontecer alguma coisa durante o dia, mas

nunca durma de mal humor e nunca acorde de mal humor, nunca. Mas eu estou bem!

Débora Campelo

38 anos, soteropolitana, reside em Salvador, no bairro Tancredo Neves/Beiru. Mora com a filha de um ano e oito meses, Zahara. Mulher cisgênera, gênero feminino, negra, não possui religião, não está em relacionamento afetivo-sexual. Pedagoga, atua como assistente pedagógica em uma escola, com renda de aproximadamente dois salários mínimos. Está no final do curso Bacharelado em Gênero e Diversidade (NEIM-UFBA), pesquisando sobre povos tradicionais na educação à distância. Atualmente inativa na Feminária.

Como eu me apresentaria... (risos) Ai, eu diria que Débora é uma mulher negra mesmo. Uma mulher negra, periférica, estudante, que tem um objetivo na vida, né? Que eu sei que é difícil, mas eu tenho um... Um sonho de seguir carreira acadêmica. Então, é, é algo que eu ainda tenho, que eu ainda luto, apesar dessas loucuras todas da vida e dessa complicação toda. Uma pessoa que luta, né? Pra chegar nesse objetivo, que almeja esse objetivo. Que é mãe, e que é mãe solteira (risos), que é mãe que está no estado civil “solteiro”, que é muito mais complicado. E... Não só complicado pelas responsabilidades da vida, né? E com as responsabilidades com a criança, mas complicado também pelo olhar da sociedade. Mesmo nós estando em dois mil e dezoito, no século vinte e um. O olhar da sociedade é bem complicado com relação a isso. Agora mesmo, eu fui passar dia das mães, eu fui comprar, um é... Passei, tem duas senhoras aqui na rua que tiveram muito presente comigo na minha gestação. E, me conhecem já há muitos anos. Então, comprei duas rosas. Sempre dia das mães eu compro alguma coisa de lembrancinhas pra elas. Aí eu comprei duas rosas, que ia ser muito rápido entregar as rosas pra elas, nesse processo de comprar a rosa, eu conheço, eu já moro aqui há muitos anos né? Então, todo mundo já se conhece. Aí eu fui comprar as rosas, então você vê, aí uma pessoa que me conhece falou: “e aí, como é que tá seu bebê? Tá bem?”, tá lá, pergunta e você responde. Mas já é uma outra pessoa também que já lhe conhece, e quando pergunta sobre sua bebê, cê sente o sorriso no canto da boca, sabe? Como se sempre tivesse, de alguma forma, mostrando pra você, tipo assim, a situação. Como se você tivesse fazendo... Como se aquilo fosse algo de muito feio, muito errado... Como se fosse uma reprovação. Por você não ter um homem do seu lado, tendo um filho. Então é muito ainda, hoje em dia, é muito complicado. Então acho que ser mãe é complicado, mas uma mulher que é mãe solo é muito mais difícil. É muito mais difícil quando não se tem essa, essa ajuda e essa presença, dessa outra pessoa na vida da criança. Né? E nessas responsabilidades. Então... Eu acho que você marcar, quando você é mãe você marcar que é mãe solo, eu acho que tem outro peso.

Deusi Magalhães

57 anos, natural de Uberlândia, Minas Gerais. Reside em Salvador, na Barra. Mulher cisgênera, gênero feminino, heterossexual. Casada, mora com o marido. Possuem renda de aproximadamente vinte salários mínimos. Sobre raça/etnia:

Eu acho que sou misturada. A cor da minha pele é branca, inegável, olhos azuis, porém, eu sou bem brasileira. Mistureba total, negro, índio, português. E acabei de descobrir um pouco de holandeses também

(gargalhada)”. Não possui religião, porém: “[...] frequento vários, às vezes eu vou no Centro, às vezes eu vou no Candomblé, às vezes eu vou numa igreja, então eu não sigo nenhuma religião. Mas eu tenho a minha crença. Eu acredito no Universo, acredito na potência do Universo, nesse Deus maior que move esse Universo que seria essa energia.

Deusi Magalhães é atriz e diretora de teatro, cinema e TV, participa de grupos que enlaçam sua profissão e demandas políticas, a exemplo do Movimento Sedes e da Cooperativa Baiana de Teatro.

Bem, eu sou uma pessoa que acredita que a vida, a melhor parte dela é formada de coisas simples. Então, hoje, eu... Eu sou uma pessoa mais tranquila. Eu consigo levar a vida de uma forma mais em paz. Eu sou atriz, eu trabalho, mas não me desespero mais com nada. Também, nunca procuro achar que a vida é competitiva ou contrária. Acho que a vida é afetiva. Então, eu me vejo hoje como uma mulher madura que lida com as dificuldades inúmeras. Mais feliz, mais tranquila, aceitando os desafios. Às vezes as coisas são difíceis mesmo e faz parte da vida. E hoje, eu acho que tenho mais maturidade, não entro em depressão mais. Eu acho que consegui certo equilíbrio. Lógico que tem momentos de tristezas, mas a tristeza faz parte da vida e eu curto a minha tristeza, ela passa e as coisas vão... Vão caminhando.

Ellen Carvalho

37 anos, cidade de origem São Paulo, mas como mora em Salvador desde os quatro meses de idade considera-se soteropolitana. Residente no bairro dos Barris, com marido, filho de seis meses e um gato. Tem renda familiar de aproximadamente sete salários mínimos. Mulher cisgênera, gênero feminino, é bissexual, é casada com um homem cisgênero. Aproximação com religiões de matrizes africanas, com destaque para o Ifá¹⁰. É frequentadora da Seicho-No-Ie, filosofia oriental. É psicóloga, musicista, musicoterapeuta, mãe de Kaléo.

É, mãe (risos). Uma coisa legal que aconteceu nesse mergulhar pra dentro, assim foi que, como você sabe, eu não dizia a ninguém que eu sou psicóloga, eu não gostava de falar. Ainda não gosto porque começa: “ai, já que você é psicóloga então, deixa eu conversar todos os meus problemas da minha vida”, um saco (risos). Ai, mas eu olhei pra dentro de mim, eu achava que isso era incômodo. Eu olhei pra dentro de mim e vi que não é um incômodo, eu gosto. Eu, pra mim, eu gosto de ser psicóloga. Não gosto dessas chaticezinhas, mas eu gosto de ser psicóloga. Então eu diria assim: mãe, psicóloga, musicoterapeuta, musicista, né? As questões profissionais também percebi isso, né? Mergulhando. Que as questões profissionais são muito identitárias pra mim, entende? Eu não me sinto eu se eu não tô fazendo música, e isso no puerpério foi um drama. Entendeu? Tipo: “eu vou enlouquecer! Não sou mais eu! Eu amo música!”, foi bem assim. E... E como elas me constroem muito também. Eu ouvi muitos relatos de mães que “ah, eu vou abandonar a profissão pra cuidar só do bebê” e tal, achei lindo, mas eu me perguntei: “eu faria isso? Gostaria de fazer isso? Não”. Então, tão rápido e imediato, assim: “nãooooo”. Eu preciso trabalhar fora, né? Assim, com outra coisa. Preciso.

¹⁰Ifá é o oráculo, composto pelosodus, destino. A partir dele se dá uma orientação espiritual de matriz africana.

Eric Assmar

30 anos, soteropolitano, residente em Salvador, na Graça, mora com a mãe e a namorada, mulher cisgênera. Homem cisgênero, gênero masculino, branco, heterossexual. Músico, produtor, professor e radialista, com renda flutuante, variável entre cinco e dez salários mínimos. Pesquisador, doutorando na Escola de Música (UFBA), no último ano, pesquisando sobre o ensino do instrumento guitarra. Relata participar de um grupo de pesquisa ligado ao ensino coletivo de violão, na Escola de Música, esteve no início da formação Feminária, mas hoje está inativo.

Um cara que tem que ter gratidão por todas essas coisas, um cara que tem a sorte de poder ter uma condição privilegiada de fazer o que gosta, cê tem um reconhecimento artístico dentro dos nichozinhos nos quais eu trabalho, eu percebo que as pessoas reconhecem esse meu trabalho, gostam, prestigiam. Isso é bacana pra gente né? Cê se sente sendo útil minimamente às pessoas. Acho legal por isso. (pausa) E Eric é uma pessoa em constante atualização. Eu tô sempre (pausa) descobrindo que eu não era aquilo que eu achava. (risos)

Fran Ribeiro

30 anos, natural de Contagem - Minas Gerais, residente em Maceió. Mora com a família nuclear. Mulher cisgênera, gênero feminino, “amefricana”, lésbica, não possui uma religião, materna dois gatos, vive um relacionamento afetivo-sexual. Jornalista, mestra pelo PPGNEIM, iniciando a jornada como professora no Bacharelado em Gênero e Diversidade BEGD/NEIM. Atua como autônoma no momento. Na Universidade, participa da Feminária Musical e fora da Universidade está articulando, com parceira, um coletivo que é uma “iniciativa de comunicação popular feminista”.

Eu sou uma pessoa que um pouco perdida ultimamente se bem que ultimamente agora eu acho que tenho que deixar de me achar perdida e começar a me achar literalmente já que os caminhos estão se acertando. Vivi o limbo depois do mestrado assim, é... Eu sou uma mulher que ta tentando me entender enquanto mulher também, que é o ser mulher que colocam pra gente, às vezes eu me vejo como uma pessoa ainda inocente, ainda muito menina, e não tão mulher, acho que as minhas atitudes atravessam esse meu lugar assim também, sabe? É de não entender as responsabilidades como uma possibilidades de crescimento, mas acabar sendo não sei um processo de dificuldade assim, sabe? De lidar com essa responsabilidade. Tipo, não sei se você passou por isso, outras pessoas passaram por isso achar difícil ser adulto e ai eu acho que passei muito tempo me prendendo nesse lance, “ai que difícil ser adulto!” na real já sou adulta tem um tempo, já moro fora tem um tempo, já vivo sozinha já tem um tempo, hoje eu me vejo como uma mulher que ta aprendendo a ser sozinha e que é entender essa solidão de forma positiva, né? Pra poder inclusive buscar minha autonomia. É como e fui na minha família eu sou a única filha vamos dizer assim, eu sempre tive muita gente pra me ajudar a fazer as

coisas isso gerou uma certa dependência inclusive no meu relacionamento anterior e aí é eu comecei a perceber nesses últimos tempo uma necessidade de buscar essa autonomia, um sentimento de fazer as coisas andarem, caminhar e botar elas pra frente, as idéias que e tenho botar no papel e executá-las. Acho que eu sou essa mulher que hoje ta buscando essa alteridade mesmo, essa consciência de poder ser quem eu quiser ser enquanto lésbica, enquanto mulher, que ta atrás de entender sua origem, sabe? Que é o que eu to pesquisando no doutorado.

Helen Campos

33 anos, natural de Feira de Santana- BA, reside hoje em Salvador, no bairro da Federação, com o companheiro (homem cisgênero) e o filho com quatro anos. Mulher cisgênera, gênero feminino, negra, heterossexual. Possui renda familiar de aproximadamente cinco salários mínimos. Graduada em Comunicação, mestra e doutoranda (no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação – FACOM, na UFBA), atualmente pesquisando ativismo em cantautoras, *“como é que ocorre uma experiência estética entre um corpo que ouve, no caso da música, que ouve uma musicalidade e esse objeto estético que seria a música”*. Está em um grupo de pesquisa sobre estética na FACOM.

O resumo da minha trajetória é essa tem um perfil muito de vida acadêmica, eu fiz a graduação em jornalismo na UNEB em Juazeiro aí depois que eu terminei eu vim para cá e fiz uma especialização, aí sofri um bocado porque eu não passava no mestrado eu acho que daí veio um pouco dessa auto cobrança; eu queria muito a FACOM, e aí FACOM tinha muito dessa fama e é real, ela tem muito desse conceito de competência, de produção. Então eu fui muito nisso, por três vezes eu cheguei na banca e não entrei, e aí entrei na UNEB no Pós Crítica em Alagoinhas e lá também foi muito transformador porque lá tem uma pegada bem marxista, mas era só marxista assim, apesar de falar de mulher, mas eram leituras muito mais voltadas pro marxismo, para uma questão marxista, essa questão econômica forte, então me deu uma sacudida política. E aí quando eu fui pra FACOM eu me deparei com uma série de perspectivas, e de expectativas em relação do que é uma doutoranda da FACOM, e eu já não me enquadrava mais em um monte de coisa, já era mãe, eu pari na metade do mestrado foi um processo também bem difícil; porque queriam que eu desse conta do prazo, e eu precisei prorrogar por três meses, eu precisei ter bolsa por esses três meses. E eu disse: Olha eu produzi pra caramba, eu agora preciso que a instituição me acolha, “não mas ninguém nunca ficou grávida nessa condição” ninguém sabia o que fazer comigo,comigo. Então foi bem difícil. Aí eu trouxe afeto, pra pensar afeto dentro da pesquisa, e pensar de uma forma meio filosófica mesmo, afeto quando eu digo que eu gosto de um cabelo crespo, ou que eu não gosto desse tipo de musicalidade; “o que é que tem aí nessa afetação do não gostar, do gostar, de sentir?”

Italo Neno

28 anos, natural de Petrolina-PE, hoje reside em Aracaju-Sergipe, bairro central, com a esposa. Homem cisgênero, gênero masculino, pardo, heterossexual, cristão evangelho quadrangular, com renda familiar de aproximadamente cinco salários mínimos. Musicista e

professor de música. Mestre pela Pós-graduação em Música (UFBA), atualmente doutorando em Música na Universidade de Aveiro, em Portugal. Investiga a prática musical denominada criação-performance, partilhada em música, ação de criar música no momento da performance feita por ele, com musicistas parceiros/as, uma pesquisa artística. Participa de dois grupos de música, um deles instrumental, grupos que se reúnem para praticar futebol e grupo da igreja que frequenta. Membro inativo da Feminária Musical.

Eu sou uma pessoa reservada, organizada e dedicada em tudo que me proponho a fazer. Sou música e músico, sou cristão, sou esposo, sou irmão, sou amigo. Estou sempre em atividade, me desafiando a novas conquistas. Estou feliz aonde cheguei e sei que posso ir mais longe.

Jorgete Lago

40 anos, origem Belém do Pará, reside em sua cidade natal, morou um tempo em Salvador durante o doutorado. Reside sozinha. Mulher cisgênera, gênero feminino, negra, heterossexual. Musicista, professora universitária, leciona componentes curriculares nos cursos de Licenciatura Plena em Música, Pedagogia e Letras, e é professora de artes na rede de ensino municipal. Doutora em Etnomusicologia. Participa de dois grupos de pesquisa na Universidade, Grupo de Estudos Musicais na Amazônia (GEMAM) e Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Eneida de Moraes (GEPÉM). Também participa de um grupo de corrida.

Em primeiro lugar como eu falei, falo na tese e falei na defesa que essa ida a Salvador e principalmente eu vejo assim como divisores de uma nova etapa para mim a entrada na Feminária, no grupo. Foi a partir da entrada, a convivência com vocês, as leituras que eu nunca tinha me deparado foi a primeira vez mesmo que eu fiz leitura com essa discussão e mais as próprias performances é que um outro, uma outra Jorgete se revelou que eu ainda não tinha observado, principalmente nesse aspecto da questão de gênero e da questão principalmente da raça, que de sexualidade. Isso realmente não sei, claro sexualidade no sentido de tá né nesse movimento de ter outra possibilidade, mas ainda me mantendo nessa identidade heterossexual eu sei das portas da oportunidades, não fechada e achar que vai ser assim até o fim, mas principalmente a questão da discussão do feminismo, da mulher e todas essas situações que são colocadas para mulher e para mulher negra. Mesmo não passando por algumas situações mais traumatizantes, mais impactantes relacionada até a questão do racismo e sexismo, pelo menos não tenha percebido, a gente vai lembrar do que percebe na verdade, foi isso que realmente marcou e aí hoje eu posso dizer com mais com firmeza, convicção o que eu pelo menos me mostro, tem coisas que possa mudar, mas foi isso. Hoje a minha afirmativa é essa de mulher negra, intelectual com uma formação teórica baseada nessas discussões, essa que é mais a minha definição queria passar para um lado um pouco mais ativo, ainda não consegui aqui em Belém ver qual vai ser esse meu caminho, mas por enquanto acredito que vai ser meus trabalhos tanto na escola como na universidade que talvez apareça ou surja essa oportunidade. Mas hoje eu sou Jorgete, paraense, belenense, nascida e criada aqui com uma identidade que tem muito a ver com a região onde eu nasci a região Amazônica, negra,

não chega a ser negra de periferia, como diz no sentido da pobreza mais miserável que acomete em muitas situações, passei por uma situação pouco mais tranquila, de estudo e que me fez chegar até aqui, mas uma pessoa que fala de dentro da academia, mas também com pé no ensino fundamental, no convívio com a cultura popular como eu tive e das minhas experiências também que no final elas contam para essa visão que eu tenho hoje de mim.

Laila Rosa

39 anos, origem Recife, Casa Amarela, periferia, residente de Salvador, bairro Rio Vermelho, reside com duas gatas. Mulher cisgênera, gênero feminino, branca, bissexual. “Tenho fé nos orixás, e também na parte afro-indígena da Jurema”. Hoje é frequentadora do Umbandaime. Musicista, rabequeira, cantautora, professora e pesquisadora (Escola de Música e Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres – UFBA), terminando a formação em Hatha Yoga. Possui renda aproximada de dez salários mínimos. Iniciará, em breve, um pós-doutorado, no qual vai pesquisar vozes de curandeiras ancestrais.

Eu sou uma alma. Uma alma que tá aprofundando. Suas raízes e descobrindo o perfume de sua essência. Nesse autoconhecimento com essas ferramentas todas que eu já mencionei né? Da música, do yoga, do veganismo, é... Do ativismo, da militância, e também de uma produção do conhecimento feminista, anti-racista e do amor.

Laura Cardoso

25 anos, natural de Bernardino de Campos-SP, residente em Salvador, no bairro da Saúde, reside sozinha. Possui renda em torno de dois salários mínimos. Mulher cisgênera, gênero feminino, branca, lésbica, vive um relacionamento afetivo-sexual, religião Candomblé. Graduada em música (UFBA), esteve no início da formação do grupo Feminária Musical, mas atualmente está inativa. É professora de música, com destaque para o trabalho com musicalização infantil.

Acho que Laura é uma aspirante de muitas coisas assim né, enfim, é uma musicista, educadora em constante formação, eu enxergo muito meu trabalho na minha vida, eu tenho vivido meu trabalho vinte e quatro horas por dia, eu acho que acaba que meu trabalho também me dá um pouquinho de sentido da vida então, as coisas estão muito atreladas, é um trabalho que exige uma responsabilidade social e cultural num âmbito de vida e de transmissão de, na verdade nem diria transmissão diria comunicação com o outro, que te exige uma entrega muito grande para além da rotina do tempo, do horário e do salário sabe, então acaba que vai virando um principio de vida assim sabe, “Faz música por quê? Você estuda porque?” quem é Laura começa a passar muito por esse ponto assim, Laura que se conecta musicalmente com quem? Laura que trás a vivência musical pra que ambiente, que setores? Aí acaba que eu vivo muito isso né enfim, estou trabalhando a semana toda e a música o tempo todo, então acho que Laura é muito isso, essa entrega né, é quase uma devoção assim né, a música, ao trabalho, mas é isso também, eu sou muito sonhadora, então eu acho que essa coisa de se comunicar com o mundo é uma coisa que eu tenho muito em mim assim, então Laura também é muito aventureira, Laura gosta de viajar,

gosta muito de se comunicar, de conversar com as pessoas e de enfim, de vivenciar o mundo, a natureza, então acaba que essas coisas também vão me constituindo como pessoa né, assim, Laura gosta dos ambientes abertos, Laura gosta do dia, Laura gosta do sol, Laura gosta de estar com as pessoas, nem sempre consegue, mas assim... Eu acho que até a minha escolha pela minha profissão passa muito por isso né, a música foi entrando na minha vida justamente por quem Laura é no sentido que Laura gosta de estar sempre com gente por perto sabe, eu não me sinto me desenvolvendo, crescendo sozinha sabe, acho que a música ela precisa muito dessa conexão com o outro né, tanto na educação quanto na prática instrumental, quanto você toca com alguém para alguém, você toca alguém né emocionalmente, então assim, uma relação que precisa do outro pra sobreviver e eu sou uma pessoa meio carente nesse sentido assim sabe, carente dessa energia humana assim de estar com as pessoas, eu acho que é um pouco isso assim sabe.

Laurisabel da Silva Assil

36 anos, soteropolitana, residente de Salvador, no Nordeste de Amaralina. Mora com a mãe. Mulher cisgênera, gênero feminino, negra, heterossexual. No momento, não está em um relacionamento afetivo-sexual. Religião espírita, “mas me identifico com o budismo também”. Musicista, flautista, professora de flauta transversal e doce, compositora, pesquisadora de música, doutoranda na Escola de Música, investigando sobre o carnaval no Nordeste de Amaralina: “*estudo em torno das manifestações culturais musicais que se apresentam durante o carnaval e na influência delas na formação identitária das pessoas do bairro*”. Possui renda de aproximadamente três salários e meio. Esteve no início da fundação da Feminária, mas “[...] *no momento não participo da Feminária, mas me considero Feminária, não estou lá por dificuldades de horário*”. Participa do grupo de pesquisa “[...] *da professora Angela Lühning, que pesquisa egressos da pós-graduação*”. Fora da Universidade participa como membro ativa do *Som das Binha*, “*coletivo de mulheres instrumentistas, cantoras, compositoras que faz ações na cidade por aí a fora*”, e, ainda, é fundadora participante de uma banda de samba de mulheres, na qual toca principalmente percussão.

Então nesse momento eu também me sinto um ser humano em construção. Está todo dia, todo dia, toda hora, todo minuto, todo segundo me pensando e refletindo sobre minha caminhada, minhas relações, sobre o que eu tô fazendo. Até o respirar é refletido por mim, né? Então, eu sou uma pessoa que busca a reflexão, a auto-percepção e a partir disso a resignificação, significação de tantas outras coisas, hábitos, concepções, tudo isso.

Maiara Pereira

27 anos, natural de Macaúbas-BA, reside em Salvador, na Pituba, com a irmã e gatos. Mulher cisgênera, gênero feminino, branca, “estou heterossexual”. Antropóloga, mestranda em Antropologia (UFBA), pesquisando sobre Zaidê Machado Neto, “pesquisa feita em

arquivo histórico, fazer um histórico da antropologia na Bahia, a partir da presença da figura Zaidê”. Atualmente sem renda. Inativa na Feminária, no momento.

Eu tô buscando me reencontrar, na verdade, eu tô tentando... Bem psicológica. (pausa) por um momento, eu né? Sou essa menina, que tá em busca de um sonho do mestrado, mas tô tentando também lidar com coisas do passado, superar coisas do passado, melhorar o meu presente; é, focar no que eu pretendo fazer agora, é... Me reconhecer em todo o meu processo, assim, na verdade, entendeu? Reconhecer o que o passado foi pra mim, e o que o presente vai ser pra mim, o que eu pretendo fazer agora nesse momento. Então, nesse momento, assim, “quem é Maiara?” talvez seja essa pessoa que tá tentando uma busca, um equilíbrio, de... Sabe? De construção mesmo novamente e tal.

Maria Belga

45 anos, origem Bruxelas – Bélgica, residente de Salvador, em São Lázaro/Federação. Mãe de três filhos, reside com “a filha mais velha (16 anos) e o filho menor (três anos)”. Mulher cisgênera, gênero feminino, branca “européia, de etnias misturadas de origem russa, polonesa, belga e alemã”, bissexual. Não possui religião: “respeito muito o candomblé”. Possui renda em torno de quatro salários mínimos. Graduada em Engenharia Comercial na Bélgica, o que corresponde ao nível de mestrado concluído. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação Pós-Cultura, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos (IHAC-UFBA), pesquisando a trajetória do músico soteropolitano Tiganá Santana, com o qual trabalhou durante uma década. É produtora cultural, tradutora e instrutora de yoga. Participante do Maracatu Ventos de Ouro.

Eu sou uma mãe, mulher, e estou na luta, (risos) pra exigir respeito, né? Que nem sempre é tão óbvio. Mas, eu sinto que, que eu tenho esses desafios de pôr limite, se não, muitas vezes, têm muitos masculinos que são acostumados à pisar né? Luta de poder. Então eu acho que é isso, que, pra mim, hoje me define. E que colocar mais limites né? Onde vou, onde não vou, até quando você me faz, se você fala pra mim dessa forma e eu não quero, ou se, né? “Não, isso aqui não dá pra mim!”. É essa postura de mulher de, dentro de uma estrutura machista, que não coopera.

Mafá Santos

26 anos, natural de Salvador-BA, residente no Engenho Velho da Federação, mora sozinha. Mulher cisgênera, gênero feminino, negra, lésbica, religião Ifá “culto tradicional Yorubá”. Percussionista e graduanda no curso Bacharelado em Gênero e Diversidade, pesquisa “os processos de aprendizagem das mulheres percussionistas no universo percussivo de Salvador”. Renda de aproximadamente meio salário mínimo. Participa de um grupo de pesquisa com Darlane Andrade (NEIM- UFBA), que aborda a aplicabilidade em relações dos aprendizados adquiridos no Bacharelado. Participa do *Maracatu Meia-boca*, *Maracatu Ventos de Ouro*, grupo do Ebé (grupo espiritual) e Feminária Musical.

Sou uma pessoa em processo de autoconhecimento e enquanto isso, eu percebo que... Estou tentando fugir dos títulos, mas eles acompanham a gente, eu sou filha, sou amiga, ex-namorada, mas eu sou confusa, sou bipolar, são coisas que a gente não fala né, "Menina que é que você é?", eu sou percussionista, sou moradora do engenho velho da federação, não sei, mas para agregar tudo isso, quem é você sendo isso? Eu sou bipolar, sou alguém que me saboto ao extremo, ao extremo, todas as coisas que me trarão felicidade eu vou dar um jeito estragar, isso é bom né, pra ter essa dimensão para que eu não faça mais, mas também lidar com isso é complicado! E não é algo que a gente simplesmente sabe. Tem uma Música que ela fala alguma coisa: "Vai florescer o ser divino que está dentro de você!", mas para florescer esse ser divino, você precisa saber quem você é, mas quem você é mesmo, quem é essa pessoa, Mafá? Porra uma pessoa que tem um monte de coisas, que tem um monte potenciais que não sabia, de caminhos, de entender porque da religiosidade sempre estava na minha vida e entender agora que eu tenho um caminho e que eu serei próspera e feliz se eu seguir esse caminho, mas eu posso não seguir né, é isso, livre arbítrio, você pode ser tudo isso, posso ser uma grande percussionista, posso ser uma grande professora, inclusive a forma que eu me comunico com as pessoas tem muito disso e eu não sabia, então é isso, eu estou num processo de autoconhecimento, essas são algumas coisas que eu sei sobre mim!

Neila Kadhí

33 anos, soteropolitana, residente em Salvador, Campo Grande, reside com a companheira e a sogra. Tem a guarda compartilhada de duas gatas. Mulher cisgênera, gênero feminino, “negra clara, mestiça”, bissexual. Musicista, produtora musical, com renda entre um e três salários mínimos. Graduanda no Bacharelado Interdisciplinar em Artes (IHAC). Participa do grupo de *Antônia Pereira*, na Escola de Teatro. Atualmente inativa na Feminária, ativa no Som das Binha.

Eu me apresento sempre como cantora, compositora, instrumentista, canceriana, adoro dizer que eu sou filha de Laura, que eu sou neta de Laura. Digo que eu sou filha de Neidisom também, mas às vezes eu não tô com muita vontade de dizer (risos) é isso. Hoje eu me sinto uma adulta, mas muito conectada com a menina Neila. Assim, que sonha em ser e se realizar profissionalmente como cantora assim. Eu me sinto realizada, mas eu gostaria de ser mais próspera com o meu trabalho, prosperar financeiramente, assim a estabilidade... Eu até já me sinto mais assim já fiz mais as pazes com essa estabilidade e acho que a estabilidade é importante na vida, mas eu gostaria de ter menos ansiedade, menos angústia com essa coisa de pagar as conta. Ter tranquilidade de, por exemplo, para planejar ter filhos e aí eu acho que isso talvez seja a parte do sucesso que esteja faltando assim na vida profissional. Mas me sinto alguém muito realizada, amorosamente, por exemplo, gosto da família que eu tenho, me sinto uma pessoa privilegiada: privilegiada de amigos, de família, de amor. Acho que é tudo que eu sou.

Nzinga Mbandi

26 anos, natural de João Monlevade, Minas Gerais, atualmente residente em Salvador-BA, no bairro Garcia, sozinha. Mulher cisgênera, gênero feminino, negra, heterossexual.

Candomblecista. Graduada em Ciências Políticas, mestra e doutoranda pelo PPGNEIM, com renda mensal de um salário mínimo e meio. Pesquisa “discursos sobre gênero, raça e religiosidade nos Congados em Minas Gerais”. Realiza consultoria acadêmica e é participante ativa da Feminária Musical.

Eu me vejo assim num processo de, sempre de transformação, me vejo hoje como uma pessoa mais segura de muitas coisas, principalmente em relação a estar nos espaços. Desde cedo eu fui uma criança muito tímida, mais fechada, então nunca gostei muito de estar em lugares com muita gente, lugares públicos, a pesar de sempre ter tido a facilidade pra falar, mas não por eu gostar, minha mãe mesmo me obrigava porque no entendimento dela eu precisava ser sociável, como mãe ela achava que ela estava fazendo bem, mas apesar de falar bem em público, me dar bem com as pessoas, eu sou bastante introspectiva, mas é um processo que tem me ajudado a me redescobrir, me reorganizar, me ajudar eu ter minhas coisas. Hoje, exatamente em dois mil e dezoito, agora Janeiro terminando, tem sido um ano até mais tranquilo em relação a dois mil e dezessete que eu vivi um ano bastante conturbado, que significou muito pra eu estar nesse processo mais tranquilo, foi um ano que eu tive muitas crises que os médicos identificam como surto, surto psicótico e eu fomos internada três vezes, quatro vezes né e aí deram o diagnóstico de transtorno bipolar, que pra mim foi muito complicado porque eu sou meio que contra essa perspectiva muito medicalizante assim, mas no momento onde a crise estava muito... Até por falta de acesso a alguns equipamentos, eu recorri aos remédios mesmo, eu fiquei o ano passado todo praticamente tomando cerca de quinze comprimidos por dia, de substancias diferentes assim, isso meio que me deixou ano passado mais reclusa, porque são medicamentos que interferem muito né, nessa questão da gente e tudo mais, com o tempo eu fui me recuperando e não aceitando tanto essa idéia de transtorno,[...] eu não estou tomando mais remédio, não tenho crises já tem algum tempo e consegui entender que sim, tem algumas características que eles chamam de transtorno bipolar que até tem, mas eu não estou encarando isso como uma doença sabe, estou trabalhando em cima disso e me reorganizando melhor em coisas que eu sei que por exemplo me ajudam, tem uma alimentação equilibrada, fazer um exercício físico, ter uma rotina mais organizada que me ajuda até por essa questão do doutorado, que é uma coisa que eu queria muito conseguir fazer esse processo, mas assim, no meio dessas coisas todas fiz o processo, antes eu estava morando numa comunidade do terreiro, hoje eu estou morando sozinha, que no início foi algo que eu tive muito medo depois por causa das crises as vezes, de morar sozinha e passar mal e não ter ninguém, mas hoje eu já estou, já tem quatro meses que eu estou morando sozinha, tá tranquilo, mas passar por esse momento de questionamento de coisas que eu defendia, que eu não sei se hoje eu quero mais defender, muito também dessa perspectiva de feminismos, de como encarar essas questões de gênero e raça sabe, de uma maneira mais tranquila, também vejo muito nesse processo assim, algumas coisas com dificuldade porque por exemplo, uma das coisas que essas crises me afetou muito foi na questão da memória, então eu tive muita perda da memória que esta sendo mais difícil pra mim reconstruir, então como também eu não estou fazendo nenhum tipo de acompanhamento no momento, tá sendo mais difícil, mas eu tenho procurado algumas opções, estudado algumas opções dentro da minha perspectiva, então hoje eu me vejo bem, bem assim nesse sentido de entender melhor as coisas.

Rabeca Sobral

39 anos, natural de Fortaleza-CE, residente em Salvador, no bairro Rio Vermelho, sozinha. Mulher cisgênera, gênero feminino, negra. Destaca o reconhecimento e valorização da sua ancestralidade indígena, bissexual. No momento está sem renda fixa. Licenciada em Ciências Sociais e Bacharelado em Ciência Política, mestra e doutora pelo PPGNEIM, pesquisadora associada ao Grupo de Pesquisa *A Cor da Bahia*. Graduanda do Bacharelado de Dança (UFBA), colaboradora do Observatório da Lei Maria da Penha (PPGNEIM-UFBA), tem um “esclitório estúdio”, no qual realiza tutoria de estudantes, organiza a publicação de livros próprios e outros projetos pessoais.

É, uma das minhas novas identidades recentes que eu tenho aprendido a lidar, enfim, ainda estou aprendendo a lidar, é de ser doutora. De ser doutora nesse país com essa conjuntura atual né? De ser uma jovem recém doutora. Essa é uma questão. E, por exemplo, na minha família, como ninguém teve essa trajetória ainda mais de pós-graduação né? Pra muitas pessoas o que é ser doutora, por que um doutorado né? Isso é uma coisa até estranha né? Já ouvi pessoas falarem assim: “nossa! Mas doutorado é só pra pessoa ter problema de saúde mental”, (risos). Pessoas que relativamente são instruídas, que tem experiências vastas em outros campos, que a gente sabe que as trocas. Eu falei: “olha, desculpa, mas isso não é privilégio de doutorado”, sabe? Pra ter ideia de, até de pensar isso pra projeto de país né? De alguma forma, esse diploma nesse lugar, nessa universidade, sobre esses sistemas, ter um diploma em estudos feministas, né? No meu caso ter essa pretensão de trabalhar com, de querer trabalhar com educação popular, né? De alguma forma, tá interessada nas políticas públicas de desenvolvimento regionais, nacionais, setoriais... Avanços de democracia, experiências de cidadania... De alguma forma, essas questões tão muito ligadas a o que eu sou hoje, o que é que representa essa construção dessa profissão, desses títulos não é? E ao mesmo tempo, lidar com esse tempo dos tempos, de que ser doutora não significa automaticamente ter salário de doutora, significa automaticamente ter oportunidades de trabalho pra doutora né? A gente tá vendo essa, de alguma forma, o ataque à educação brasileira né? Eu acredito que a educação é a maior revolução, é o maior caminho realmente de avanço social que pode criar um embate realmente à essa realidade de desigualdade social, é, de injustiça. Mesmo que não vá só, só pela educação, eu entendo como um carro chefe dessa possibilidade. Então, ter uma PEC que limita recursos pra educação brasileira, que incide no orçamento das universidades públicas, que precariza-se as condições de trabalho, de não ter as oportunidades, de diminuir as oportunidades efetivas né? E aumentar as terceirizações, quarteirizações. Criar essa discussão de direito de terceirizado, a gente tá vendo que aqui infelizmente, mesmo sendo interessante, mas as experiências EAD têm precarizado as oportunidades de trabalho. A gente vê que transforma professor, mesmo doutora, em tutor né? E com uma bolsa que não se regulariza, é a mesma há sete anos. Não reconhece realmente as, as possibilidades pra esse diploma né? E a própria demanda que esse trabalho exige. Então, de alguma forma, realmente é vibrar esses diplomas, essas oportunidades realmente contra esse, esse golpe, que tira direitos, que tira oportunidades e que incide não só pra essa geração de agora, mas pras próximas gerações, pra essas gerações que tão

envelhecendo também e que, de alguma forma, vai influenciar em muitos resultados. De desenvolvimento ou de retração mesmo na nossa economia. Então acho que hoje a Rabeca tá lidando com todas essas inquietações em torno desse diploma, né? A gente sabe que nos países desenvolvidos, que tão realmente em prosperidade econômica mesmo com suas questões, um doutor, uma doutora são várias possibilidades de oportunidades de trabalho com estudantes, em muitas frentes diferentes além de sala de aula. E queira ou não, no meu caso foi um investimento e uma construção que toda a sociedade brasileira inclusive que nem, que nem entrou na universidade, que pagou pra que tivéssemos profissionais de alta qualidade para isso. Né? Então, a questão da inquietação do momento é essa, entre tantas outras né? De alguma forma, isso tudo tá ligado com essa perseguição aos defensores de direitos humanos, tá aí o caso da Marielle Franco e do Anderson pra comprovar. Tá aí o caso da Matheusa, da estudante trans da UFRG. São, porque esses são os temas, esses são os assuntos, essas são as questões da agenda política, feminista, anti-racista, queer, que existe hoje né? No qual a gente, de moradia, de permanência na cidade, de permanência na universidade né? É essa a, essas são as principais questões dessa agenda política né? De alguma forma, é, o golpe, ele incide exatamente nessas questões né? Ele vem pra exatamente combater essas questões, negar essas questões, anular essas questões, matar essas questões que são pessoas, são vidas, são corpos. Com cores, com localidade, com idade, né?

Sérgio Brito

33 anos, cidade de origem Salvador-BA, residente durante boa parte da vida em Itaparica, hoje reside em Salvador, no bairro Alto de Coutos, com a companheira. Homem cisgênero, gênero masculino, heterossexual, possui uma companheira cisgênera. Sua religião é o candomblé. Tem uma filha. Renda em torno de quatro salários mínimos. Graduado em Música, professor, pesquisador, doutorando na Escola de Música (UFBA). Investiga sobre “[...] aplicativos de música e uso de aparelhos móveis, celular smartphone e tablets, por crianças”. Participa do “grupo de pesquisa com Ângela, com egressos do curso de música da pós-graduação” e da Feminária Musical.

É porque a academia é um marcador importante e eu considero definidor do que eu sou hoje, isso do ponto de vista da representação familiar, da representação social, assim enquanto negro, enquanto estudante, pesquisador então academia é um marcador do lugar que eu vim até o lugar que eu moro digamos assim, porque eu sou, ainda sou morador de comunidade, embora tem aquela coisa de que você vai tendo formação mais ampla, mais titulação, mais alta. Você mais saindo da comunidade isso acontece muito, isso é inegável, isso é uma coisa que acontece muito. Você lá em Paripe, vai chegar lána Pituba, continua, mas a comunidade, enfim, é esquecida lá na sua trajetória e hoje eu ainda moro em comunidade popular e todas as comunidade que eu morei são dessas mesma. Já morei em Boa Vista de Lobato, Mirante de Periperi, Águas Claras, ai eu morei na Sete Portas ali pegando Nazaré, depois fui morar em Águas Claras, aí fui morei perto ali da Boca do Rio e hoje moro em Fazenda Coutos, morei na Mata Escura e depois Fazenda Coutos, quer dizer sempre to lá bem naquela coisa periférica ali, enfim, tendo isso como marcador. Por que eu to dizendo isso como marcador, porque assim, quando eu saí da Ilha, terminado o ensino médio, tipo o ensino médio acabou formação geral, você faz o quê? Nada,

Você não é nada! Você fez uma formação que é uma formação geral que tem no ensino médio que antigamente tinha os cursos, voltaram um pouco mais os cursos mais técnicos, mas na minha época você forma em formação geral você não tem nada ou você vai trabalhar na Ilha de Itaparica ou você vai trabalhar em alguma loja, ou algum mercado, ou consegue algum trabalho na prefeitura, concursos não tinha muito, inserção nos mercado era pequena, então, era vir pra cá tentar alguma coisa, então eu sai da ilha pra fazer isso. Então, passei um período fazendo pré-vestibular social essa coisa que você dá o ofício pra ter o módulo e eu fiz pré-vestibular bem assim eu “traseirava” em ônibus pré-vestibular ir e voltar em fundo de ônibus porque não tinha dinheiro de transporte, tocar pra ganhar super pouco eu já tocava violão, tocava sete cordas, tocava baixo, então tocar pra conseguir uma grana, então qualquer 20 reais que eu conseguisse tocando já era o transporte pro pré-vestibular. E eu entrei na universidade num momento super importante, que foi o primeiro ano das ações afirmativas na UFBA que foi o vestibular 2004 pra entrar 2005 e foi no ano que eu passei sabe assim. Foi importante conseguir isenção do vestibular, que dinheiro para inscrição era cara na época, era uns 80 reais, mais ou menos. Ainda não era acesso a partir do ENEM então consegui isenção, passei no vestibular e foi muito marcante pra minha família. Porque minha mãe tinha feito rede UNEB, você sabe o que é rede UNEB? UNEB municípios. As pessoas que são leigas precisam estar com ensino superior, então minha mãe fez aquele vestibular e fez rede UNEB na ilha e minha tia entrou aqui na UFBA pra Letras. Então, foram duas pessoas que, tipo, deram o pontapé na família no ensino superior ninguém então elas foram uma das primeiras depois foi eu e um primo meu passamos juntos no vestibular 2004. Primeiro vestibular das Cotas, pra mim foi muito marcante, porque assim na minha comunidade não tinha ninguém que tipo, que veio pra estudar música e a galera descreditava, ninguém acreditava até o pessoal que tocava comigo, “não velho eu to estudando porque eu quero fazer vestibular” “isso aí não tem nada a ver você não vai passar nesse negócio” e hoje, dando um salto enorme... Aí falando rapidinho do vestibular era 20 vagas pra licenciatura em música e eu sempre repetia pra mim: “eu quero uma vaga, ali tem 19 uma vaga é minha, tem 19 vagas” eu sempre no cursinho 20 vagas “relaxe é pouco concorrido” era coisa de 5, 6 por vaga “eu disse não, tem 19 e uma vaga é minha” aí, quando saiu o resultado, eu passei em vigésimo sabe, então era aquela vaga sabe limiar, ali, a divisão, ali, a ultima vaga foi a minha, então, pra mim, foi muito significativo foi tipo: “velho por um triz você não ta fora”, mas importante era tá dentro então eu agarrei com unhas e dentes aquilo ali e entrei no curso é tipo aquela pessoa que nunca bebeu água e mergulha no rio e se afoga, sabe? E eu entrei bem nessa perspectiva de aprender mesmo tanto que tem aquela coisa do escória né? Entrei em vigésimo e no final do ano meu score era o terceiro entrei na onda mesmo eu participava muito de grupo de cotista na época porque do Conexão de Saberes muito nosso papel na Universidade muita coisa, já os cotistas “essa galera aí não vai vingar não”, e às vezes eu ficava até com medo de dizer que eu era cotista por causa disso e qualitativamente a gente avançou muito assim eu com toda sede mesmo e aí reforcei essa idéia de fazer carreira acadêmica a partir disso, por isso que eu fui procurar o PIBIC, procurar fazer logo seleção do mestrado, tanto que antes de colar o grau já tinha passado na seleção do mestrado por conta dessa onda de perseguir, de ser representação. E aí na minha família a partir dessa inserção minha e do meu primo uma série de outros primos começaram a entrar na universidade, tias, e foi o ultimo boom sabe, um boom assim minha vó fica super feliz com isso, fez 80 anos e nunca tinha visto isso a geração dela, a geração de minha

mãe não tinha isso, então essa questão acadêmica é um marcador importante sabe, e hoje eu sou o único, a única pessoa da minha família que entrou no doutorado e isso materna e paterna quer dizer é muito significativo é muito representativo por mais que a gente diga pra gente sabe que nós somos estudantes, que é uma etapa legal que é marcante pra gente enquanto titulação, enquanto lugar de fala, mas a gente não tá aqui pra se sobressair tá e não estar digamos assim, a gente não vai ostentar que fazemos doutorado mas pelo menos, mas pra nossa família é muito importante sabe hoje primas menores elas já pensam assim eu quero fazer graduação eu na minha infância nem sabia o que era graduação e quando elas visualizam que tem uma pessoa que faz doutorado, mestrado ou coisa assim elas já vêem que há uma possibilidade enorme delas serem coisa do tipo sabe, então a representação familiar em benefício social é muito importante pra mim por isso que eu carrego essa coisa de estudar até quando não dê mais. Então hoje eu sou o que eu estudo também, eu sou um homem negro, 33 anos, tem uma trajetória já de não diria de sofrimento, mas de vivências pela questão da paternidade, depois descobrir que a paternidade foi enganada assim eu cresci com isso mesmo com essa base mentirosa porque eu era pai eu me sentia pai eu vivenciava ser pai e depois com ascensão no mercado de trabalho, começar a dar aula escola e quando eu cheguei em Salvador ninguém me conhecia, eu não era um da coisa, uma que eu não morava aqui obviamente ninguém me conhecia, mas hoje é engraçado que quando eu chego nos lugares eu encontro muita gente conhecida e tipo muito engraçado porque embora eu esteja em Salvador há uns 10 anos desde 2004 início de 2004 até hoje 14 anos né, eu me sinto da ilha de Itaparica sabe, por mais que eu só vá lá de vez em quando é pertencimento é sentimento e assim eu chego nos lugares eu conheço muita gente é difícil chegar num lugar e não conhecer ninguém encontrar um monte de gente conhecida eu sou assim difícil chegar num lugar passa shopping encontro monte de aluno é engraçado se sentir estrangeiro e conhecer tanta gente sabe eu me sinto uma pessoa importante hoje por mais que não sei a mas eu me sinto importante eu me sinto pertencente a um a uma rede de conhecimento, eu me sinto importante dentro do que eu faço da minha sala de aula, na escola que eu trabalho, por menor que seja meu conhecimento ser reconhecido enquanto profissional isso é bacana eu nunca fiz terapia, mas acho que seria importante fazer pra me localizar enquanto pessoa apesar hoje eu sou basicamente o que eu faço estudante, professor, companheiro da minha namorada pai e filho ah sim e neto eu me sinto muito família eu sou basicamente isso eu não sinto outra coisa eu não me sinto uma pessoa, um garotão, eu gosto de muita coisa eu gosto de cinema eu gosto de música eu gosto demais de música eu não me sinto uma pessoa que tá vagante no mundo eu me sinto isso aqui eu me sinto estudante saio daqui vou pra casa faço comida aí amanhã eu vou da aula eu me sinto o que eu faço aí e vou ver minha filha eu ligo pra ela eu me sinto isso eu sou isso hoje.

Thalita Batuk

30 anos, natural de Goiatuba, Goiás, atualmente residente em Salvador, no Alto de Ondina. Mora com um gato, com renda em torno de um salário mínimo. Mulher cisgênera, gênero feminino, “sexualidade livre”, espiritualista, não branca. Bacharela Interdisciplinar em Artes (IHAC-UFBA). Trabalha como percussionista. Participa e toca nos grupos *Maracatu Ventos de Ouro* e *Maracatu Santo Antônio*. Atualmente inativa na Feminária Musical.

Eu sou musicista, eu me identifico assim. Acho que, acho que se eu não tivesse a música, talvez eu estaria meio perdida assim no mundo. Mas eu sinto também que eu tenho uma longa caminhada assim, pra mim ainda nessa, nessa área mesmo. Eu não sei, porque a gente tem um péssimo hábito de se cobrar muito né, eu sou muito assim comigo. Mas me vejo como musicista, mas eu vejo que preciso caminhar muita coisa ainda pra chegar onde eu quero dentro da música mesmo. Eu não almejo um reconhecimento, assim de “ah eu tô fazendo sucesso!”. Mas de eu sentar comigo mesmo e falar assim “agora você tá bem. Tá tocando bem. Você consegue fazer um trabalho, sozinha, se for o caso você destreza para fazer isso, você domina bem”. Acho que seria o ponto pra mim seria esse, tá satisfeita com o quão bem eu esteja tocando. Não que isso seja um status social, mas que pra mim eu fique satisfeita com o quão eu tô desenvolvendo dentro da música. Acho que é isso.

A partir dessas apresentações pode-se indicar que há um contingente de 23 mulheres e três homens participantes, ainda que o grupo seja aberto. Há, contudo, uma predominância de mulheres. Destaca-se, também, que, de modo geral, são pessoas negras (pretas e pardas) e oriundas de classes populares. No grupo de interlocutoras, vale indicar que há um contingente de quatro mulheres mães, sendo que três delas viveram gestação, puerpério e maternidade ao mesmo tempo em que se dedicam às suas jornadas acadêmicas. Indico que sou a quarta mulher do grupo a ter essa experiência. Há, ademais, um dos entrevistados, pai, vivendo essa jornada ao passo que constrói sua trajetória acadêmica.

Enfatizo, ainda, que a maior parte das interlocutoras não possui uma religião, mas boa parte dessas apresenta-se conectada às religiões ou práticas ritualísticas afrobrasileiras e ameríndias. Dentre as pessoas que possuem religião a maior parte está inserida nesse bojo (incluindo o Candomblé, a Umbanda, o “Umbandaimé” e o Ifá), duas apresentaram-se como espíritas e apenas um como cristão. A faixa etária do grupo é bastante variada, tendo uma maior parcela do grupo próxima aos 30 anos de idade. Nesse mesmo sentido, há uma variação enorme da renda das interlocutoras, variando de meio salário a 11 salários mínimos e, ainda, uma das interlocutoras declarou possuir renda familiar de 20 salários e algumas interlocutoras indicaram não ter um trabalho fixo e, conseqüentemente, não possuem uma renda fixa, somando nove interlocutoras nesta condição.

1.2 CATEGORIAS DE AÇÃO: RELATOS POÉTICOS E REGISTROS IMAGÉTICOS

Entendendo o valor das atividades desenvolvidas pelo grupo, como espaços de espelhamentos e movimentos formativos, ressalto as atividades em que consistem, incluindo falas das interlocutoras sobre esses processos, quando perguntadas sobre quais momentos mais as afetaram neste espaço.

1.2.1 Performances

Laila Rosa (2010) destaca como dois teóricos do campo da Performance Victor Turner e Richard Bauman. Turner apresenta o conceito de performance cultural como sinônimo de agência ativa de mudança ou, ainda, um olhar da cultura lançado sobre si com criatividade. Enquanto Bauman destaca a performance como arte verbal, linguagem, entendendo-a como meio comunicativo, como forma de falar, dotada de consciência, o que faria com que a audiência percebesse de modo mais intenso o que é comunicado.

Patricia Sawin (2002) avança na compreensão de performance, evidenciando que a teoria generalizada da performance não leva em conta as subjetividades gendradas das autoras e receptoras e as interseccionalidades. É preciso ter em vista a importância de situar, explicitar a autoria e o que há de subjetivo, de marcadores sociais e história, como corrobora Elie Hisama (2000 apud ROSA, 2010, p. 8): “[...] minhas análises, acima de tudo, não falam com uma autoridade despersonalizada, elas são marcadas pela minha própria identidade”. Assim, coloca-se a necessidade de reformulação do conceito de pessoa como categoria de vastas possibilidades, em negociação com o contexto e com as relações de poder, o que aponta para as estruturas como influentes na construção das subjetividades, mas também é preciso evidenciar que há negociação, o diálogo constante entre posições pessoais, individuais e coletivas, ligadas a ideologias hegemônicas.

Historicamente, as mulheres, principalmente negras, estiveram à margem da cultura escrita, protagonistas das tradições orais, o que envolve a expressão dos valores e informações via corporalidade, via expressão de maneira mais ampla.

As performances são apresentações públicas, realizadas pela Feminária Musical, desde o início da jornada no grupo. É um momento de transbordamento do que o grupo vive para outras pessoas, a possibilidade de contaminar com o desejo de fazer arte e do não julgamento, da não autorização para nos nomearmos, reconhecermos como fazedoras de arte. É o momento de exercício do que é chamado de Artivismo.

Artivismo é essa compreensão de um fazer artístico, dotado de força política, anunciando o engajamento da autora e de sua obra, de sua ação. As apresentações incluem sempre espaços para momentos de improviso do grupo e um momento final de improviso coletivo, de interação e exercício de improvisação ou experimentação sonora, corporal em coletivo:

Em nossas performances buscamos ainda a criação fora dos cânones acadêmicos musicais. Retomando o princípio feminista da horizontalidade e da dialogicidade freireana, pensamos o processo criativo como acessível a tod@s, não necessariamente ligado ao domínio técnico instrumental ou da

teoria musical vigente nos ambientes acadêmicos através da improvisação experimental com voz e movimentos corporais (ROSA; HORA; SILVA, 2013, p. 7).

As performances nascem de ensaios, geralmente poucos encontros, nos quais os conteúdos surgem e as criações são feitas de forma muito orgânica e sem direcionamentos unilateralizados. A metodologia de criação envolve, em geral, um momento de “laboratório”, ou melhor, de alquimia pessoal/coletiva, de contato de cada sujeito com suas emoções, histórias de vida, interesses, discursos. Por vezes, esse momento é experimentado através de apreciação musical, ou de uma escrita espontânea. Muitas metodologias foram experimentadas, diferentes recursos já foram utilizados como disparadores desses processos criativos, a exemplo da visualização e do desenho. Desse modo, entende-se que o grau de intimidade, confiança e de partilha sempre tende a crescer e a condição de acolhimento, criação e improvisação com confiança também. Tendo isso em vista, algumas interlocutoras destacaram esse momento de vivência em performance como espaços de muito aprendizado e desenvolvimento de habilidades, fortalecimento de autonomia e prazer.

Importante destacar a potência da experimentação da performance, que envolve um processo complexo de criação e exposição, que envolve uma construção pessoalizada, autorreflexiva. Pode-se pensar o quão potente e transformador é esse processo de autorreconhecimento, conexão e colaboração grupal e, também, o quão importante e inovador é experimentar isso dentro de uma universidade, com destaque para programas de pós-graduação, que, por herança eurocêntrica, de modo geral, priorizam modos de saber apenas através da racionalidade, de uma intelectualidade fragmentada, de um corpo iluminado pela metade.

Sobre a minha experiência em performances, destaco o quanto esse exercício configura-se um desafio potente. Eu passava mal nas primeiras performances, mas sempre tive muito prazer em estar no palco. Sempre tive muita alegria em me apresentar artisticamente, desde que isso não envolvesse falar. O prazer de dançar no palco acompanha-me e já tinha tido experiências na infância com isso, assim como no início da adolescência. Naquela época, eu achava muito feliz toda a produção, toda organização, toda construção, o ensaio, a caracterização: performar encanta-me ainda hoje. É algo que me faz bem, me dá alegria, me dá prazer. Eu desejava muito viver esse encontro e essas experimentações corporais.

Ao serem perguntadas sobre as atividades realizadas, experimentadas na Feminária Musical, a maioria das interlocutoras destacou uma performance. Foi questionado, também,

como se sentiam, ao apresentarem-se em público e uma parcela, sobretudo, as mulheres negras do grupo indicaram dificuldades e sensações densas nesse exercício, mas também indicaram o quanto foram compreendendo esse espaço, como importantes oportunidades de ampliação do seu canal de expressão e posicionamento. Ariana Silva (2018) relatou o desafio experimentado, mas o quanto foi satisfatória essa experiência, sobretudo por tê-la vivido coletivamente:

Esse bagulho de se apresentar em público, né? Que tipo, é uma, é algo que me incomoda, mas, em grupo eu faço, entendeu? (risos) Eu não faria sozinha, mas se eu tô com outras pessoas, eu acho que eu faço. E, e você vencendo essas, essas barreiras que a gente mesmo põe. A questão das intervenções, participar de algumas intervenções da Feminária, pra mim, (pausa) foi sei lá, foi vencer um obstáculo, mas que, okay. Me deixou bem, sabe? Fiquei bem com isso e tá legal!

Nesse sentido, Bruna Santos (2018) afirma: “sou muito tímida, e aí teve um avanço através das performances, perder a vergonha com o público, acho que esse momento de trânsito.” Eric Assmar (2018) relata o quanto sente benefícios nos exercícios de experimentação, improvisação e performance, proporcionando um aprofundamento na conexão consigo, com o corpo e com as outras pessoas:

Aquela coisa das performances que Laila sugeria pra gente fazer com a turma toda... A gente explorar os silêncios e os sons do corpo, isso é um negócio bem legal. Que você fazia que, acho que deixa a gente mais conectado com o corpo né? Então propõe múltipla conexão entre as pessoas.

E, ainda, sobre a experiência das performances, destaco o relato de Laila Rosa, que indica o quanto a experiência da performance é mobilizadora para ela: “Sempre é forte né? Sempre é muito forte! Que mexe com todo mundo né? Não é o tema, não é o conceito, são nossas vidas, nossos corpos. Nossas histórias, nossas trajetórias. E também empatia né? Então mexe, né? É bem forte. É... nossa, muita coisa!”

Fica evidenciado na fala das mulheres o quão mobilizante é a experiência da performance e o quanto essa exposição e apropriação articula-se com processos de conhecimento e afirmação de si, dos corpos. Assim como Bruna Santos, eu indico que se vai ganhando um lugar mais confortável, nessa exposição ao passo que vamos experimentando e nutrindo a segurança no fazer e na própria grupalidade, como Ariana traz.

Figura 3 – “Início da Jornada”. Registro de uma performance realizada com a primeira formação da Feminária Musical no ano de 2013, na Faculdade de Educação da UFBA, durante I Encontro de estudantes negros, indígenas e quilombolas da UFBA. No registro, da esquerda para direita: Laurisabel Assil, Laura Cardoso, Eric Assmar e Neila Kadhí.



Figura 4 – “Somos Todas Cláudia”. Registro da performance intitulada: “Somos Todas Claudia” na Defensoria Pública, lançamento da Campanha de apoio à comunidade LGBTQ+ em situação de rua e que teve o projeto de Mafá Santos como um dos pilares – aula de percussão pra mulheres em situação de rua, no ano de 2015. No registro, da esquerda para direita: Thalita Batuk, Mafá Santos, Laila Rosa, Bruna Santos e Cris Lima.



Figura 5 – “Saudando as Ayabás”. Registro da performance intitulada: “Ayabás”, realizada Museu de Arte da Bahia (2018). No Seminário “ConFabulações: Teatro-Máscara-Ritual e Mostra de Comicidade Feminina”. No registro, da esquerda para direita: Fran Ribeiro, Ana Paula fiúza, Alexandra Martins, Nzinga Mbandi, Cris Lima, Laila Rosa e Anni Carneiro.



A fim de apresentar uma memória, segue descrição de performances que ocorreram nesses anos de Feminária Musical, em ordem cronológica, com relatos ao lado de cada evento, sendo aqueles destacados em *itálico*, respostas das interlocutoras sobre os eventos e performances que mais foram significativos na sua jornada no grupo e as outras descrições realizadas por mim e Laila Rosa.

Quadro 1 – Performances, informações e relatos

Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
Simpósio do NEIM	2012	Pátio do Pavilhão Raul Seixas	Laila Rosa, Eric Assmar e Laurisabel Assil	Laila - Foi uma colaboração entre o BaphãoQueer, o bailarino André Singleton (Nova York) e da cantora Candice Fias. A Feminária Musical tocou para André performar utilizando figurino de Carol Barreto, assim como o BaphãoQueer.
Lançamento coleção Carol Barreto no evento Gayboa	2012	Teatro Movimento, Escola de Dança da UFBA Gamboa Nova, nos Aflitos	Laila Rosa, Eric Assmar e Laurisabel Assil	Laurisabel - A primeira, primeira das participações que a gente fez foi no desfile de Carol Barreto. Um desfile que ela fez, acho que com os alunos dela da Unime de moda e que para mim foi marcante. Foi a primeira vez que eu toquei num desfile, fazer trilha para um desfile de moda e os desfiles de Carol são sempre... Não podia deixar de ser, então foi muito impactante tá naquele momento de primeiro muito feliz com aqueles alunos. Acho que era o último desfile de formação da disciplina e de ver o quanto tinham refletido nas roupas as construções e desconstruções que a gente tinha sofrido durante a matéria. Sobretudo no que diz respeito às discussões de raça, de gênero, de classe enfim, e ver as famílias deles lá também foi muito massa e tudo isso era uma trilha que a gente tava fazendo, que não era dada. Era uma trilha de improvisações e isso tudo foi construído a treinar e uma experiência muito legal.
Lançamento do cd Água Viva: um disco líquido Participação da Feminária no show	08 de Novembro de 2013	Teatro Eva Herz na Livraria Cultura, Salvador Shopping	Ariadila Queiroz, Carol Barreto, Cris Lima, Eric Assmar, Laila Rosa, Laura Cardoso, Laurisabel Assil, Maiara Diana, Neila Kadhí e Rabeca Sobral	

Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
Encontro Novembro Negro nas Artes: diálogos sobre raça, gênero e sexualidade nas artes visuais, educação, literatura, moda e música.	29 de Novembro à 12 de Dezembro de 2013	Escola de Música, Canela	Cristiane Lima, Ellen Carvalho, Italo Neno, Jorgete Lago, Laila Rosa, Laura Cardoso, Laurisabel Silva e Maiara Diana	
Ato de combate às homo-lesbo-transfobia	15 de Maio de 2014	Hall da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa, Campus Ondina	Ana Paula Fiuza, Cristiane Lima, Ellen Carvalho, Felipe Fernandes, Jorgete Lago, Laila Rosa, Neila Kadhí e Rabeca Sobral	
Cerimônia de posse das novas coordenadoras do NEIM – UFBA (Janja Araujo e Laila Rosa)	15 de Maio de 2014	Auditório do Pavilhão de aulas Raul Seixas, São Lazaro	Cristiane Lima, Deusi Magalhães, Laila Rosa e Rabeca Sobral	
Vigília Feminista: Sobre a Mortalidade Materna. (organizada pelo Grupo Odara com a participação da Feminária Musical)	03 de Junho de 2014	Calçada da Reitoria da UFBA, Canela	Ana Paula Fiuza, Bruna S. Jesus, Cristiane Lima, Deusi Magalhaes, Jorgete Lago, Maiara Diana e Rabeca Sobral	Rabeca - <i>Tem um que eu tenho muito carinho, eu gosto muito de todos! Na verdade. Eu acho que sempre é uma experiência diferenciada. Mas tem uma que eu gosto muito que é muito especial pra mim, que foi uma articulação muito importante que a Laila fez, que marcava essa discussão da morte materna, sobre os índices, os altos índices da morte materna por questões de aborto ilegal. Que a gente fez na Reitoria, na verdade foi no ponto de ônibus na frente da Reitoria. Pra mim foi assim, tão marcante! Porque a gente teve um trabalho de corpo, de, de preparação mesmo artística, com Deusi Magalhães né? Que é uma parceira extremamente potente, adoro os trabalhos dela! E ela teve essa, tem essa dedicação desse trabalho de corpo com gente muito (pausa), mesmo curto assim, já teve um impacto grande. Eu vi pessoas que mal abriam a boca na reunião, viravam tigresas assim, pra</i>

				<p><i>recitar uma poesia que, tipo, na hora todo mundo “Hã!”, de tão inesperado que foi isso. Foi fantástico! E levar pra rua, que eu acho que isso é muito uma ação do feminismo de base. Eu e Laila que fizemos parte desse grupo das Jovens Feministas, a gente chamou muito essas ações, assim. E trazer essa discussão da legalização do aborto pro espaço público, demarcar a importância dessa pauta, dessa agenda política feminista. Porque é um debate de extrema relevância, atualíssimo! E que precisa avançar, precisa ter garantia em questão mesmo de legislação. Tem até um dos trechos da música feminista, do poutpourri, que eu trago um pouco alguns repertórios também desses movimentos feministas que eu participei nessa caminhada né? De desde dois mil e um. E teve essa experiência das Jovens Feministas, e as Jovens Feministas tinham uma música que era assim: (pausa) “jovens feministas vêm aqui para dizer, nossos corpos não são máquinas reprodutivas nem enfeite pra material, pra comercial de TV. Legalize já! Legalize já! Que nenhuma mulher pode morrer por fazer um aborto ilegal. Discrimine já! Discrimine já! Que nenhuma mulher pode ser presa por fazer um aborto ilegal”. E essa realmente é... uma das questões que a gente não pode abrir mão.</i></p>
Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
<p>Performance poético-musical: “Chamaram-me Negra” – III Bienal da Bahia: é tudo Nordeste?</p>	<p>31 de Julho de 2014</p>	<p>Arquivo Público, Projeto Quinta nas Quintas</p>	<p>Ana Paula Fiuza, Bruna Jesus, Cristiane Lima, Deusi Magalhães, Diego Rosa, Jorgete Lago, Laila Rosa, Maiara Diana e Thalita Batuk</p>	<p>Cristiane- <i>A gente fez uma performance em cima do poema de Vitória Santa Cruz, Gritaram-me Negra, que foi o mesmo que a gente fez no congresso de mulheres negras, a gente ensaiou uma semana, acho que foi duas semanas que a gente ensaiou e a gente conseguiu apresentar, a gente só num foi melhor porque tinha o monstro do arquivo público que estava na frente da gravação, a gente botou o tripé pra filmar lá e o cara filmou o dele e ficou na frente da nossa câmera, mas foi muito boa a apresentação. Porque o poema fala sobre como Vitória Santa Cruz descobre que ela é negra a partir de uma ação racista, de uma atitude racista e como eu posso dizer..., eu sei que eu gostei do poema, me identifiquei com o poema de certa forma e assim, eu tinha visto o poema, esse vídeo antes, que Thalita levou pra gente apresentar e é muito bonito, achei muito lindo esse poema de Vitória Santa Cruz.</i></p> <p>Jorgete - <i>Foi aquela que a gente fez na semana lá da Bienal que a gente fez ali no museu historiográfico eu acho que sobre racismo científico, foi que eu</i></p>

			<p><i>tinha acabado de voltar da Alemanha que eu tive lá o episódio lá no dia do jogo que eu tava andando sozinha, aqueles dois, acho que estavam bêbados né, aqueles dois rapazes alemães, mas eles foram para cima de mim tipo aquele episódio “gritaram-me, Negra” foi muito interessante como encaixou essa situação lá em , eu sozinha lá em Hildesheim, a noite indo pegar o táxi e esses dois e na verdade eles queriam me atacar, mas aí chegou o motorista de táxi aí eles só né só me ofenderam pelo menos estava me chamando de negra e tudo mais e aí a Laila “não a gente vai relatar a partir desse poema da Vitória Santa Cruz essa situação” e aí foi lá que foi o impacto de ter vivido a primeira experiência né racista mesmo, ainda mais no país que a gente acha que não vai passar por isso como a Alemanha e tem ali naquele lugar que tava tratando né dessa exposição de racismo científico e todo aquele ambiente ali também foi bastante interessante, mas no sentido de parar para refletir de dizer “olha, Jorgete borá, já tava achando que tu tinha algum desconto por conseguir ir para Alemanha, tá no doutorado, mas tu ainda é negra e pode ser que algum momento o racismo te puxa o tapete” nos lugares e situações que... Imagina eu tava caminhando e aparece aqueles dois do nada né e aí fiquei com medo deles realmente me baterem e eu não ia aguentar aqueles dois homens me batendo eu tava sozinha dois homens enormes. Passei bastante a refletir de mais cuidado a todas essas situações e mais atenta para não achar que tava tudo certo porque eu estava né bem situada por estar fazendo doutorado, por ser uma professora de Universidade, com o nível socioeconômico, com capital cultural, intelectual, que nada né as coisas pegam a gente pelo pé a performance mais marcante devido a essa experiência que eu trouxe lá.</i></p>
--	--	--	---

Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
Show de abertura de Laila Rosa no Seminário Nacional Mulher e Cultura	28 de Outubro de 2012	Quadrilátero da Biblioteca Pública do Estado, Barris	Ana Paula Fiúza, Cristiane Lima, Ellen Carvalho e Laila Rosa	
Seminário Nacional Mulher e Cultura. Performance Pelo Protagonismo das Mulheres na cultura	31 de Outubro de 2014	Escadarias da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Barris	Ana Paula Fiúza, Bruna Jesus, Cristiane Lima, Jorgete Lago, Deusí Magalhães, Laila Rosa, Maiara Diana e Thalita Batuk	
Pocket Show CD “Água Viva” de Laila Rosa.	26 de Novembro de 2014	Teatro Livraria Cultura Paço da Alfândega, Recife.	Anni Carneiro, Cristiane Lima, Jorgete Lago, Laila Rosa e Rabeca Sobral	<i>Anni - Esse show, e minha participação na Feminária, acompanhando Laila, marcou a minha entrada oficial no grupo. Esse momento especial me conectou com a produção linda de Laila “Água Viva”, uma obra que traz a dimensão das águas para uma interlocução direta com o feminino sagrado, com as deusas, orixás femininos das águas. Para mim as músicas foram presentes e a experimentação no palco com Cristiane, Jorgete e Rabeca uma grande brincadeira, apesar do frio na barriga. Dançamos e cantamos em dupla enquanto Laila cantava e tocava rabeca e guitarra elétrica. Foi uma experiência de muita alegria e contato com o público, que era majoritário de mulheres participantes do evento da REDOR¹¹, no qual estávamos envolvidas também.</i>
I Congresso Internacional sobre o Pensamento das Mulheres Negras no Brasil e na Diáspora Africana e I Workshop Mulheres Negras Pensando as Práticas Sociais,	11 de Dezembro de 2014	Escola de Medicina da UFBA, Pelourinho	Ana Paula Fiúza, Anni Carneiro, Anne (neta de dona Dalva) Bruna Jesus, Cristiane Lima, Ellen Carvalho, Jorgete Lago, Laila Rosa, Lenna Bahule e Mestra	<i>Anni - Este Congresso foi idealizado e organizado por Claudia Pons Cardoso e Jurema Werneck, com o apoio da então ministra Luiza Bairros. Laila Rosa ficou responsável pela frente artístico-cultural e a Feminária Musical atuou de diversas formas na operacionalização do Congresso, dando suporte e realizou uma performance, um sarau poético musical com microfone aberto no encerramento do Congresso. Esse evento me proporcionou grandes experiências. Foi marcante por ter acontecido dentro da primeira Faculdade de Medicina da Bahia UFBA, no terreiro de Jesus, espaço histórico, território de história densa de resistência e beleza. Vários</i>

¹¹18º Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR).

Culturais e Políticas. (Performance Fora do Objeto, com microfone aberto)			Joana Cavalcante	<i>enfrentamentos foram vividos neste espaço, com muitas regras e tradição de circulação de uma parcela da população. O evento contou com convidadas muito especiais, Omolara Oyerunke, Sueli Carneiro e feministas locais super potentes. A performance da Feminária no evento iniciou com música e dança, com “Fora do Objeto”, depois disso o microfone ficou aberto e as participantes da Feminária circularam cantando, dançando e acompanhando quem se aproximava para declamar poesias ou cantar. Foi um momento de celebração do evento.</i>
Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
XVIII Simpósio Baiano de Pesquisadoras/es Sobre mulheres e Relações de Gênero e territorialidades: dimensões de Gênero, Desenvolvimento e Empoderamento das mulheres. Performance Poético-musical “Somos todas Cláudia”	27 de Março de 2015	Auditório Raul Seixas, Federação	Ana Paula Fiúza, Anni Carneiro, Bruna S. Jesus, Cristiane Lima, Deusi Magalhaes, Fran Ribeiro, Laila Rosa, Mafá Santos, Rabeça Sobral e Salete Maria	<p>Rabeça- <i>Que falava sobre essas desigualdades, as matrizes de combate a machismo, sexismo, racismo, transfobia. Porque, sobretudo, porque acho que pela primeira vez essa perspectiva de trabalhar arte, a partir de um ativismo né? De uma perspectiva política, eu acho que foi a primeira vez que teve destaque dentro de um simpósio feminista norte e nordeste. Pelo menos, é, de uma forma que tentou-se criar institucionalmente eventos, mesas, performances. Que pelo menos nesse simpósio, que eu acompanho há tantos anos, eu nunca tinha visto, dessa forma. Então pra mim foi um marco que, acho que a minha tese bebe muito nessa, nesse novo paradigma sabe?</i></p> <p>Thalita - <i>Foi um simpósio, um seminário. Eu até apresentei nesse evento. Mas a gente fez “Me chamo Cláudia. A gente fez uma performance da Cláudia, que foi muito forte, assim, eu não tinha visto o vídeo e a gente fez a performance na hora, e eu sentir que na nossa performance era muito forte. E aí gente faz um “Me chamo Maria” também, que cada uma desenvolveu, na Feminária, uma escrita sobre mulheres que podiam ser alguém na família ou uma mulher qualquer, que passe por uma realidade qualquer, uma dura realidade qualquer. Todo mundo fez o seu “Me chamo Maria” e no momento... eu sentia algo forte em tudo. Por um momento eu vi muita gente chorando na platéia. Eu me arrepiava, enfim. Foi um momento muito forte, eu acho. Que eu me lembre. Muito forte, assim. menina, eu acho que eu devo ter alguma ligação com Iansã, viu. Porque era tudo vermelho no dia, teve também um canto que a gente fez que foi da “Gira”, “Meu pai veio de Aruanda e a nossa mãe é Iansã” (canta). E aí todo mundo cantava esse trecho. Todas as meninas que estavam participando. Na verdade, deixa eu voltar um pouco. Porque a gente começou a performance fazendo um poema de... eu não me lembro o nome da poetisa que estava também presente. A</i></p>

				<p><i>gente começou fazendo os poemas dela que já eram muitos fortes. Falando também de mulheres, de algumas realidades. A gente já começou assim a performance, depois a gente desceu, é porque é um auditório. Então a gente desceu o auditório, fomos lá pra frente e aí já começou o “Me chamo Maria”. Foi uma performance que eu me arrepiei a todo momento. Na hora de cada uma fazer o seu canto do “Meu pai veio de Aruanda...” (canta). A voz de cada uma acho que tinha muita carga ali também de... tanto do envolvimento que a gente teve para a construção da performance e sobre... e ao que se dedicava a performance quanto a realidade de cada uma também. Acho que foi tudo muito forte. O vermelho me marca muito nessa performance, sabe? E aí eu me arrepiava muito nessa performance. Quando eu vi que as pessoas estavam chorando eu falei “Nossa, não tá forte só pra mim, então. É de verdade tudo isso”.</i></p>
Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
Ato contra a redução da maioria penal do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas com a participação da Feminária	29 de Maio de 2015	Alto das Pombas, Federação	Ana Paula Fiuza, Anni Carvalho, Cristiane Lima e Mafá Santos	Anni - Esse ato aconteceu em dois momentos, um primeiro de preparo dos cartazes e apoio ao GRUMAP e um segundo momento de caminhada pelo bairro, acompanhadas de equipamento de som e distribuição de um material impresso que discorria sobre o perigo da redução da maioria penal e os discursos hegemônicos que incidiam. Todo processo foi muito belo, o GRUMAP é um grupo de longa história em seu território, que congrega mulheres de diversas faixas de idade.
Performance Rainha do Mar do 25 de julho Abertura do Curso de extensão: Gestão e salvaguarda do patrimônio cultural dos povos e comunidades de terreiro	14 de Julho de 2015	Auditório da Escola de Administração da UFBA, Vale do Canela	Alexandra Costa, Ana Paula Fiúza, Anni Carneiro, Cris Lima, Deusi Magalhães Fran Ribeiro, Iraildes Andrade e Laila Rosa	Anni - Essa performance foi uma homenagem a Yemanjá, na qual Cristiane Lima representou a orixá. Nessa performance cantamos saudando a orixá e dançando, fluindo com as águas, brincando com os sentidos através do contato direto com o público, através do cheiro da lavanda, toque com rosas e música. Esteticamente belíssimo, estavam todas vestidas de branco, como geralmente fazemos em todos eventos e Cristiane estava coberta pelo azul de Iemanjá. Foi apresentado um vídeo sobre mulheres da história e a música escolhida para canto e improvisos vocais e percussivos foi Iemanjá, Rainha do Mar (Cantora: Maria Bethânia Compositores: Roberto Mendes e Capinan, link: https://www.youtube.com/watch?v=dkKDzkYbIkk).

Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
Filhas da terra 10º Semana de Biologia Atividade de parceria entre a Feminária Musical e PET Comunidades Indígenas	31 de Agosto de 2015	Instituto de Biologia da UFBA	Vídeo: Alexandra Costa, Ana Paula Fiúza, Anni Carneiro, Bruna Santos e Cristiane Lima. Performance: Ana Paula Fiúza, Anni Carneiro e Cristiane Lima.	Anni - <i>Filhas da Terra, que a gente fez com o PET Indígena, e que, nossa! Pra mim foi uma experiência, assim, de conexão com a ancestralidade indígena maravilhosa! Tanto o vídeo que a gente produziu antes da apresentação, quanto a própria apresentação. Então o vídeo foi, assim, uma grande beleza pra mim fazer e estar lá nessa gravação. E depois, a performance foi ma-ra-vi-lho-sa! Foi linda! Eu me arrepiei de emoção, a gente cantou um canto indígena, fez uma roda, apresentamos também! E eu me senti em casa, me senti de fato conectada com essa realidade, com esses saberes, com essa história.</i>
Conferência Livre de Políticas para as Mulheres – NEIM	15 de Outubro de 2015	Universidade Federal da Bahia Campus de Ondina, PAF III	Alexandra Costa, Ana Paula Fiúza, Anni Carneiro, Bruna Santos e Cristiane Lima.	Anni - <i>Essa performance foi conjunta com as mulheres do PET Comunidades Indígenas. Apresentamos o vídeo Mulheres da Terra e performamos ao som de cantos indígenas e afrobrasileiros, dançamos e cantamos em círculo.</i>
Oficina performática “O que me move” com a professora Dra Nadir Nóbrega	05 de Novembro de 2015	Escola de Música da UFBA	Ana Paula Fiúza, Anni Carneiro, Bruna S. Jesus, Cris Lima, Deusi Magalhães, Fran Ribeiro, Laila Rosa, Laura Cardoso e Thalita Batuk	Anni - <i>Nadir Nóbrega, nos provocou a nos conectar com a expressão corporal através da dança, do jogo da improvisação e da conexão com a criança interna de cada participante. A oficina trouxe expressões surpreendentes, ao final cada grupo apresentou uma coreografia.</i>
Congresso 70 anos da UFBA: Ocupação Feminista – Mulheres Criando	16 de Julho de 2016	Campus de Ondina UFBA	Ana Paula Fiúza, Cristiane Lima, Alexandra Costa, Deusi Magalhães, Fran Ribeiro, NeilaKadhí e Laila Rosa	
Ocupa UFBA- Dissidências sexuais	18 de Outubro	Campus Ondina UFBA	Ana Paula Fiuza, Ariana Silva, Bruna	

e artivismos <i>queer</i> com a participação da Feminária	de 2016		S. Jesus, Cristiane Lima, Naiara Gramacho e Thalita Batuk	
Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
Dia Nacional de Visibilidade Trans com Viviane Vergueiro	26 de Janeiro de 2017	Escola de Música da UFBA	Ariana Silva, Cristiane Lima, Laila Rosa e Thalita Batuk	Laila - <i>Os bate-papos, bate-papo com Vivi Vergueiro foi uma emoção lá, na escola de música. Acho que foi a primeira trans a chegar e falar de transfeminismo e música, na escola de música, sabe? Em um evento da Feminária, assim. Muito emocionante! [...] que tem um público, a maioria é de fora, não é da escola de música, mas é na escola de música. O diretor da escola de música foi lá, é... Receber, acolher, José Maurício. Assim como ele foi no Gantois também, super parceiro, sabe? Então o acolhimento, assim, especial. Agora existe.</i>
Bate-papo sobre música e poesia com a poeta e compositora Tatiana Nascimento.	01 de Junho 2017	Escola de Música da UFBA	Alexandra Costa, Alessandra Alves, Ariana Silva, Bruna S. Jesus, Cris Lima, Deusi Magalhães, Maria Belga, Neila Kadhí, Nzinga Mbandi, Laila Rosa e Thalita Batuk	Alessandra - <i>Acho que quando a Tatiana foi conversar com a gente, nossa, foi maravilhoso. Eu me senti de coração apertado, tipo: meu deus, quantas referências e quantas perspectivas.</i>
I Semana de Gênero e Educação	2017	IFBA Feira de Santana	Ariana Silva, Bruna S. Jesus, Cris Lima.	Ariana - <i>Eu tinha acabado de chegar na Feminária, eu acho que... eu ainda não tinha nem oficialmente entrado no mestrado. Eu tinha saído na lista de aprovação, e aí teve uma intervenção lá no IFBA, de Feira de Santana, (risos) e, como é que é?... Era pra declamar um poema... né? A gente cantava a musiquinha, era pra, pra fazer a performance no (inaudível) Maria, e falar um pouco das nossas pesquisas. Essa foi a mais marcante e que era uma semana que falava de, de diversidade sexual, e tal. Num, num IFBA né? Que geralmente é um, um espaço de carreiras tecnológicas e que (pausa) é um ambiente geralmente machista, homofóbico e tal. Né? Os IF's no geral. Mas foi massa, foi legal! Assim, eu fiz e eu gostei de fazer.</i>

Roda de Conversa sobre o protagonismo das mulheres em Salvador com a convidada Josy Garcia	13 de Julho de 2017	Escola de Música da UFBA, Canela	Ana Paula Fiuza, Ariana Silva, Bruna S. Jesus, Cristiane Lima, Nzinga Mbandi e Thalita Batuk	Alessandra - <i>Olha, eu acho que quando as meninas do maracatu foram conversar com a gente, que a Talita levou, foi incrível. Vê uma mulher conduzindo um grupo de maracatu que é regido basicamente... Pode continuar? É... Vi o grupo de maracatu, vi a experiência dá Josi enquanto comandante do grupo de maracatu e vi aquelas mulheres ali, assim de alguma maneira eu me sinto muito ligada à percussão tanto que eu fui atrás, aula de pandeiro, atabaque e acho que o sarau fortaleceu muito isso. É uma coisa que eu já tava afim à um tempo atrás e o sarau...</i>
Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
Encontro Novembro Negro nas Artes: diálogos sobre raça, gênero e sexualidade nas artes visuais, educação, literatura, moda e música.	Novembro 2017	Terreiro Gantois, Federação	Ana Paula Fiuza, Alessandra Alves, Alexandra Costa, Anni Carneiro, Bruna S. Jesus, Cristiane Lima, Nzinga Mbandi, Laila Rosa, Carol Barreto, Adriana Gabriela, Fran Ribeiro e Thalita Batuk	Alessandra - <i>Enfim eu sempre chorava quando a gente cantava as músicas, eu sempre chorava, sempre chorava e acho que o encontro no Gantois foi muito especial assim está com vocês. E... Acho que é isso, o encontro no Gantois foi incrível porque eu nunca fui sozinha, não ia sozinha e não queria tratar aqueles lugares como lugares turísticos e aí quem me chamar eu não vou assim... esse encontro no Gantois é um terreiro histórico, está naquele espaço sagrado com as mulheres da Feminária, com a proposta que vocês levaram e tal e vê por exemplo a Vivi, uma mulher trans ali falando e poetisas e produtoras e estilistas eu acho que foi uma das coisas mais bonitas que eu vivi em Salvador, foi muito, muito assim especial.</i> Nzinga - <i>Essa última atividade do encontro né, do Gantois, foi muito bom eu gostei muito, eu estive na mesa, mas também estive acompanhando nos outros dias e foi uma experiência muito rica, no sentido de ter outras mulheres, achei muitas mulheres negras falando dessa questão da tradição, de nós mulheres na tradição e estar ali no Gantois foi muito forte pra mim e acredito também pra outras meninas, o fato também de ter sido um evento organizado muito nas carreiras, porque a gente não teve mesmo realmente tempo de fazer como a gente gostaria, mas teve o envolvimento muito grande todo mundo pra que acontecesse e no final foi muito lindo, foi muito impactante pra todo mundo, eu gostei muito desse evento, me marcou muito. Eu senti assim, justamente a possibilidade de estar fazendo algo acadêmico, mas fora dessa universidade doente entendeu, tipo assim, a gente fez algo acadêmico ali, estava produzindo algo acadêmico, mas com uma leveza, com o contato com outros espaços sabe, de você estar fazendo falas, exemplo de eu ter compartilhado a mesa com Vivi, uma mulher trans dentro de um</i>

				<i>espaço como o candomblé que ainda é muito resistente a essas falas né, e fomos muito bem recebidos, então eu sentia a possibilidade de fazer algo dentro do aspecto acadêmico de maneira não (inaudível), acho que muito nesse aspecto.</i>
Evento	Data	Local	Participantes	Relatos
Seminário ConFabulações: Teatro-Máscara- Ritual e Mostra de Comicidade Feminina	17 de Maio 2018	Museu de Arte da Bahia, Vitória	Ana Paula Fiuza, Alexandra Costa, Anni Carneiro, Cristiane Lima, Nzinga Mbandi, Laila Rosa e Fran Ribeiro	Anni - <i>Nesta performance as Yabás foram homenageadas, cada participante representou, com toques no figurino da cor referente a cada divindade. Prontamente escolhi Oxum, representação de tudo que é. Orixá que me conecto a muito, antes mesmo de muitas identificações e chamamentos. E dessa forma, cada participante escolheu em ensaio quem representaria. Começamos a performance com um canto, em seguida cada representante louvava com uma apresentação da orixá e uma saudação a figura representada. Ao final realizamos uma grande roda cantando para Yemanjá, convidando todas as pessoas presentes no evento para cantar e se movimentar conosco. Fizemos um enorme círculo e foi um momento mágico, de muita conexão, no qual só estavam mulheres e o retorno ao final foi de muita satisfação com a beleza do momento por parte de quem estava lá.</i>
<i>Workshop</i> Corpo, Gênero e Arte “Som do Encontro”	26 de Julho de 2018	Terreiro Casa Branca, Vasco da Gama	Ana Paula Fiúza, Alexandra Costa, Anni Carneiro, Fran Ribeiro e Letícia Argolo	Anni - <i>Esse é o evento mais recente, até o momento, no qual estivemos de forma bastante orgânica, improvisando e apostando no “aqui agora” durante a condução do Workshop. A Atividade foi delineada grupalmente, como sempre, e realizamos um primeiro momento de apresentações, usando dinâmicas de improvisação sonora, em seguida vivemos uma sensibilização e movimentação corporal. O terceiro momento envolveu o contato em diversos níveis (visual e tátil, explorando qualidades de toque) entre as participantes através de consignas dadas pela focalizadora, em seguida todas as pessoas foram convidadas a dançar algumas músicas escolhidas, em duplas e depois grupalmente, por fim, tivemos o momento de partilhas.</i>

Destaco que, ao observar as temáticas escolhidas pela Feminária Musical ao longo da passagem de tempo, é possível ver que as performances iniciaram-se pautadas na apresentação do próprio grupo e das pessoas participantes como “Fora do Objeto”, composição coletiva que será abordada mais adiante, indicando o lugar de fala do grupo e convidando à celebração da diferença e à apropriação do sujeito de suas identidades e desejos. Muitas performances, inicialmente, incluíam essa música e uma proposta de improvisação coletiva.

Com o passar do tempo, as temáticas foram encaminhando-se para uma dimensão mais poético-musical, com o *Me chamo Maria*, nascido de poesias pessoais e improvisação, trazendo uma perspectiva de reconhecimento de atravessamentos comuns entre mulheres e, ainda, identificações e escritas de si e de sua história, através de escritas livres e performance poética. Em seguida, as performances orientaram-se no sentido de fazer referência e saudação às Orixás, às Ayabás, sendo a primeira a ser homenageada Yansã, numa performance que também incluía uma referência a *Somos todas Cláudia*, fazendo menção à morte cruel de Cláudia Silva Ferreira, morta e arrastada por 350 metros por um carro da Polícia Militar, no Rio de Janeiro, no ano de 2014.

Em seguida foram feitas performances em homenagem a Iemanjá, e por fim uma homenagem a todas as Ayabás e uma referência ao Xamanismo, com uma roda de improvisação com cânticos de cura. No último encontro conduzido por Laila foi realizada uma vivência na mata do campus de Ondina, também nesse sentido, com o uso do tambor xamânico e referências a deusas e orixás. Pode-se compreender que essa fase mais recente da Feminária é um reflexo das identificações do grupo e com os processos experimentados por Laila Rosa, que, neste momento, pesquisa vozes curandeiras de mulheres no México.

1.2.2 Encontros do grupo de pesquisa

Realizamos encontros semanais de partilhas de todas as ordens, teóricas, afetivas, experimentações sonoras, corporais, articulações para ações, momentos de ensaio e informes. Durante os encontros, partilham-se também os processos de investigação das pesquisadoras participantes, orientações grupais, movimentos dialógicos de experiências reflexivas e musicais, bem como articulações para intervenções junto à sociedade civil.

Figura 6 –“Em casa”. Registro realizado por Alexandra Martins de reunião da Feminária Musical, na casa de Laila Rosa (2016).



Destaco relatos das interlocutoras que indicaram os encontros do grupo de pesquisa como momento importantíssimo, experimentado ao longo de sua trajetória no grupo. A esse propósito, Débora Campelo indicou quando os momentos de partilha em roda foram de veras marcantes, momentos de partilha genuína, vulnerabilidades acolhidas, segurança:

Os momentos de roda me marcam muito. Os momentos de roda, das experimentações, estar em roda pras experimentações me marcam muito! Pra mim, se eu pensar na Feminária, eu penso na roda, penso naquele momento de roda. Então, eu me senti como se, é você aprender a se libertar um pouco. Eu aprendi a me libertar um pouco com o Feminária. Que eu sempre fui muito dura, em relação a questão, eu sou... Apesar de ser muito sensível, sou muito chorona (risos), sou uma pessoa muito sensível, muito chorona. Eu tenho dificuldade de colocar pra fora as coisas, não digo de falar, mas colocar pra fora a emoção em si. E às vezes parecer bobo, né? Acho que a gente acaba sempre tendo um medo de parecer bobo, de parecer que você tá falando bobo. E nesses momentos de roda do Feminária, que por isso são momentos que ficou mais pra mim, me dão mais sentido, e quando eu penso no Feminária eu penso na roda. Porque era um momento em que eu colocava pra fora. Tinha condição de colocar pra fora coisas que, se fossem em outro espaço, poderia parecer bobo. Mas que naquele momento, você podia colocar o que era seu. Ter a liberdade de colocar o que era seu e não parecer bobo. Então eu comecei a poder experimentar um pouco disso, né? Dessa liberdade que trazia esse momento.

Entendo como de grande relevância destacar dessa colocação da interlocutora Débora Campelo o quanto a possibilidade de livre expressão, sem medo de julgamento, é necessária para uma convivência respeitosa e um desenvolvimento coletivo, num exercício de um espaço

de participação democrática e acolhimento da diferença. Vale ressaltar o quanto a Universidade, bem como todos os espaços de educação possuem esse compromisso, mas que, no entanto, são poucos os espaços, as grupalidades que o fazem, tendo em vista a relevância indicada pela colaboradora, bem como relatos subsequentes. Neila Kadhí, por sua vez, relata o quanto os encontros, as reuniões da Feminária são mobilizadoras, no sentido de afetar, de reverberar subjetivamente de modo importante:

Os encontros com a Feminária sempre me mobilizam assim, das coisas mais simples né que, por exemplo, ser um lugar onde muitas das vezes onde a gente tem um exercício, por exemplo, de começar uma reunião dizendo quais coisas boas aconteceram na sua semana, e eu acho isso um exercício maravilhoso que me impulsiona, por exemplo, a trazer mais esse pensamento de me conectar mais as coisas importantes e a essas vitórias que a gente tem diariamente na nossa vida. Então, a Feminária me mobiliza nesse sentido.

Segundo Neila Kadhí, na Feminária Musical ela sente-se convocada ao exercício de reconhecimento e valorização de si, de suas conquistas e ressalta o quanto isso impacta positivamente sua vida. Laura Cardoso relata que estar na Feminária proporcionou uma reconexão consigo, no exercício orgânico e coletivo de fazer música:

[...] a Feminária me trouxe de volta pra um lugar que eu tinha perdido um pouquinho em mim, que é essa coisa de fazer música de forma mais colaborativa e de forma mais emotiva, de forma mais enfim, outra relação né, uma relação menos técnica, menos racional que é muito o que o processo acadêmico te leva a fazer, sabe que eu estava me perdendo ali um pouquinho naquele caminho? E trazer mais a coisa pro corpo, mais a coisa pra dentro, do emocional, porque Laila, ela tem uma forma de trabalho, de integrar outras práticas e outras linguagens que é muito bacana, então assim, era um relaxamento que a gente fazia às vezes nos encontros, as práticas de grupo, então as rodas que a gente fazia na Feminária, as rodas de criação, de improvisação, os relatos, então as coisas traziam a arte e traziam esse discurso feminista, mas por uma perspectiva artística, sobre um olhar artístico, um olhar musical e isso foi muito importante pra eu não me perder no caminho acadêmico sobre aquela linguagem que não era minha praia, mas que estava me sendo exigida sabe, naquele ambiente hostil e masculino, então foi um lugar que eu “Opa, espera aí, é só isso mesmo, na minha infância eu também fazia música desse jeito sabe, me conectando com os outros sabe”, então lá naqueles eventos de teatro que eu participava, que eu trabalhava, a gente também usava muito corpo, muita experimentação, então acho que foi meio que um retorno também a minha trajetória e até mesmo na educação musical a Feminária também foi muito importante, de entender que esse processo dessas linguagens do corpo e da improvisação, e da experimentação coletiva foi muito importante, porque não se tinha pré requisitos também, eram pessoas de varias áreas diferentes e a gente conseguia fazer musica dali sabe, todo mundo fazia música de igual pra igual, isso até pra educação, pra o que eu entendo de educação musical isso também é importante, de perder essa noção da minha cabeça, desse nivelamento que precisa existir, dessa heterogeneidade das coisas assim sabe e entender que não, a música acontece a partir dessas praticas mesmo,

a partir dessas conexões que se estabelecem, então também foi importante nesse sentido.

Laura Cardoso indica em sua fala o quanto esse exercício orgânico de criação e de parceria, de vinculação foi fragmentado em dado momento em sua jornada acadêmica, indicando atravessamentos do patriarcado, do machismo nas relações dentro de um ambiente de maioria de homens, sobretudo no lugar de docentes. Pode-se indicar que esse recorte, feito por Laura, reverbera em diversos estudos que indicam impactos nas subjetividades e permanência de estudantes em suas jornadas acadêmicas devido a relações disfuncionais dentro de um ambiente no qual figuras privilegiadas não possuem uma postura de reconhecimento de si e de empatia para com as outras existências.

Entende-se que esse espaço torna-se nutridor dos vínculos. Espaço experimentado como espaço de encontro, integração e de rede de apoio, o que será corroborado nas falas das interlocutoras mais adiante. É importante ressaltar que o grupo é aberto para pessoas inseridas no contexto acadêmico e para além dele. As interlocutoras destacaram esse momento das reuniões como espaço de horizontalidade, afetividade e confiança.

1.2.3 Rodas de conversa

As rodas de conversa são os momentos em que contamos com convidadas externas ou internas para partilhas de suas jornadas, experiências, investigações, abertas à comunidade.

Figura 7 –“Celebrando o encontro”. Roda de conversa: “Protagonismo das mulheres em Salvador” com a convidada a convidada Josy Garcia, na Escola de Música- UFBA, na data 13/07/2017.



1.2.4 Oficinas

As oficinas são atividades primordialmente corporais, sonoras e abertas à comunidade. São realizadas, de modo geral, por convidadas. Constituem-se em momentos de criação, experimentação e centralidade da corporalidade.

Figura 8 –“Em roda”. Registro da Oficina performática “O que me move” com a professora Dra Nadir Nóbrega, dia 05 de novembro de 2015, realizada na Escola de Música da UFBA.



1.2.5 Ensaios

Os ensaios acontecem quando há uma performance agendada. Ocorre em alguns momentos nos encontros do grupo de pesquisa e, em algumas circunstâncias, são marcados momentos de ensaio, inclusive no local onde será realizada a performance. Vale destacar que, por conta da liberdade experimentada, os ensaios são poucos e, geralmente, acontecem momentos antes da apresentação.

Figura 9 – “Fora do Objeto”. Registro realizado por Alexandra Martins: ensaio da Feminária Musical, momento de experimentação e criação sonora, na casa de Laila Rosa (2016).



1.2.6 Organização de eventos

A organização de eventos é pertinente aos eventos internos, promovidos pelo próprio grupo, como já mencionado, a exemplo das oficinas e das rodas de conversa, bem como de eventos em parceria, com o *I Congresso Internacional do Pensamento de Mulheres Negras* e do *Encontro Novembro Negro nas Artes*.

Figura 10 –“(Com)Partilhando caminhos”. Registro do Encontro Novembro Negro nas: diálogos sobre raça, gênero e sexualidade nas artes visuais, educação, literatura, moda e música. Realizado no terreiro do Gantois, Mesa da Feminária Musical, partilhas das participantes. Em novembro de 2017.



1.2.7 Escritas coletivas

As escritas coletivas contemplam uma música e textos, dentre eles, artigos escritos coletivamente, a exemplo do primeiro artigo escrito no ano de 2013 por Laila Rosa, Eric Hora e Laurisabel Silva, chamado *FEMINÁRIA MUSICAL: GRUPO DE PESQUISA E EXPERIMENTOS SONOROS*, apresentado no *Fazendo Gênero 10*. O segundo foi escrito no ano seguinte, para o evento *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT)*, por Laila Rosa, Jorgete Lago, Rebeca Sobral, Ítalo Araújo, Cristiane Lima, Ellen Carvalho, Laura Cardoso, Maiara Amaral e Neila Alcântara, intitulado *ROMPENDO COM OS SILENCIAMENTOS: CANTANDO GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE MULHERES E MÚSICA NO BRASIL*.

A música *Fora do Objeto*, escrita coletiva feita por quatro mulheres, é uma bela síntese das questões experimentadas no grupo e provocadas nas interlocuções com outras pessoas. A música foi bastante usada nas performances e atividades do grupo, sobretudo, nos primeiros anos de atividade.

Fora do Objeto¹²

(NeilaKhadí, Laila Rosa, Laura Cardoso, LaurisabelAssil)

Se você se sente fora do objeto,
 Se é plural e num se esquentando de saber
 Que amanhã o hoje aqui vai ser completo.
 E afinal ser diferente quer dizer o quê?
 Quer dizer o quê?
 Se você se sente fora do objeto
 E se pensa que pra ser é compreender.
 Sem saber que não saber é ser completo.
 E então sabedoria quer dizer o quê?
 Se você se sente fora do objeto,
 Se é plural e não te alcança a prisão.
 Dança alta, leve e clara a sua mente.
 E não importa o diferente,
 O que importa é ser.

¹² Vídeo de divulgação do ENNA, com música pataxó no início. Ítalo Neno toca piano. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=sj_DtgrQZL4. Acesso em ago. 2019.

Se você se sente fora do objeto
Se é ímpar e não tem porque esconder.
Pois o ontem pode ser redescoberto.
E a princípio, eu te pergunto então,
Quem é você? Se você se sente...
E você se sente?

A música problematiza as diferenças que incidem em hierarquizações, opressões e, portanto, cerceamentos de existências. Questiona e, ao mesmo tempo, convoca que usemos as diferenças como possibilidades de reconhecimento de quem somos, propondo uma resignificação, uma transgressão que se dá ao assumir quem se é, ao bancar a diferença, o que nos distancia dos padrões hegemônicos e expectativas de ser mulher, e permite-nos a aproximação de uma integralidade, uma conexão com o sentir, tão pouco valorado, especialmente no espaço acadêmico tradicional.

1.2.8 Material audiovisual

O Vídeo “Filhas da Terra”¹³ é uma produção realizada por participantes da Feminária Musical, em parceria com mulheres do Programa de Extensão de Comunidades Indígenas, PET Indígena da UFBA. A criação foi coletiva e a gravação foi realizada por Alexandra Martins, nos jardins na Praça das Artes, na UFBA, como uma produção que comporia a performance a ser realizada pelo grupo com o mote de *Filhas da terra*, destacando as questões da terra para a cultura indígena.

¹³Disponível em <https://www.facebook.com/feminariamusical/videos/815505495236004/>. Acesso em ago. 2019.

Figura 11 –“Cris Lima”. Registro da primeira apresentação do vídeo Filhas da Terra, ocorrido em Performance homônima, na terra 10ª Semana de Biologia da UFBA, atividade de parceria entre a Feminária Musical e PET Comunidades Indígenas. Realizado no Auditório do Pavilhão de Aulas da Federação I da UFBA, no dia 31 de agosto de 2015. No registro um quadro da produção audiovisual e palco da performance.



Figura 12 – “Roda ancestral”. Registro da primeira apresentação do vídeo Filhas da terra, ocorrido em performance homônima, na terra 10ª Semana de Biologia da UFBA, atividade de parceria entre a Feminária Musical e PET Comunidades Indígenas. Realizado no Auditório do Pavilhão de Aulas da Federação I da UFBA, no dia 31 de agosto de 2015. Na imagem, parte final da performance.



1.2.9 Relações intergrupos, parceiras e colaboradoras permanentes

Existem relações entre grupos de parceria e colaboração: Programa de Extensão de Comunidades Indígenas (PET Indígena/ UFBA), com o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas (GRUMAP) e com o coletivo KIU: Coletivo Universitário pela Diversidade Sexual, bem como existem as colaboradoras permanentes: Carol Barreto, moda-artista, pesquisadora, professora; Deusi Magalhães, atriz-artista; e Adriana Gabriela, artista, atriz, poetisa e pesquisadora.

Figura 13 –“Sobre o cuidar”. Registro de Laila Rosa do Encontro de Mulheres do Alto das Pombas, organizado pelo Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, com a participação da Feminária Musical, em homenagem às mães, no Colégio Tertuliano Góes no Alto das pombas, Federação. No ano de 2015, mês de maio.



Figura 14 – “Saudando Iemanjá”. Registro de Performance “Iemanjá” realizada em atividade comemorativa ao dia das Consciência Negra pelo GRUMAP, no Colégio Tertuliano Góes no Alto das pombas, federação. No ano de 2016



1.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A técnica de coleta de dados adotada durante a pesquisa foi participativa. Obtiveram-se os dados por meio de entrevistas individuais, realizadas durante o ano de 2018, sobretudo no primeiro semestre, orientadas por roteiros específicos, sendo um deles direcionado para as participantes do grupo, colaboradoras e Laila Rosa.

Os roteiros abordaram um nível de realidade composto por um universo de significados, crenças, valores e experiências. Esses possuíam uma primeira parte com questões abertas, relativas aos marcadores identitários, e introduziam alguns temas gerais, abertos para questões de dinâmicas familiares, relacionais e grupais. A segunda parte trazia questões sobre o temário da investigação, perguntas abertas a respeito da compreensão do sujeito, de si mesmo e seus processos, bem como o que é saúde, bem viver, saúde mental e arte; e uma parte final tocava diretamente na relação da pessoa com a Feminária Musical e seus processos dentro do grupo.

Ao serem convidadas para a entrevista, as interlocutoras foram informadas sobre todos os procedimentos da pesquisa, inclusive de que poderiam desistir a qualquer tempo da mesma. As pessoas convidadas tiveram acesso a um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice E), que detalhava o processo da entrevista e evidenciava os pontos principais da investigação, inclusive que as entrevistas seriam áudio-gravadas e o quesito confidencialidade foi dialogado. Acordou-se que cada pessoa assinalaria o que não desejariam que fosse divulgado após a entrevista.

Nessa pesquisa, os riscos implicados foram de baixa gravidade, de risco mínimo, tendo em vista a Resolução 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Os procedimentos não implicaram riscos maiores do que os encontrados no cotidiano das entrevistadas, uma vez que não se trata de uma pesquisa experimental. Há mínima possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase da pesquisa ou decorrente dessa. Foi garantida para as participantes da pesquisa a liberdade de desistência e confidencialidade dos dados e informações fornecidas.

Este estudo enquadra-se na categoria de investigações que empregam técnicas e métodos retrospectivos de pesquisa, não se propondo realizar intervenção ou modificação intencional alguma, no que tange às variáveis fisiológicas, psicológicas e sociais de interlocutoras que vierem a participar do mesmo.

Os benefícios desta análise dizem respeito à aquisição de conhecimento generalizável, que tem sua definição na resolução 196/96 como: “O conhecimento generalizável consiste em teorias, relações ou princípios ou no acúmulo de informações sobre as quais estão baseados, que possam ser corroborados por métodos científicos aceitos de observação e inferência” (BRASIL, 1996). Inclui-se, entre os benefícios, a possibilidade de devolutiva à instituição acerca dos resultados encontrados, os quais poderão embasar o delineamento de novas práticas de apoio às mulheres por parte dessas instituições.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, este estudo foi submetido à Plataforma Brasil e encaminhado para análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA, aprovado sob o número 14283419.0.0000.5531.

Pretende-se, com este trabalho, colaborar com a comunidade acadêmica, favorecendo a problematização das práticas relacionais dentro da Universidade, dando visibilidade a uma prática pedagógica feminista, com a perspectiva da importância da experiência de processos grupais com a experimentação de pertencimento, acolhimento, indicando os desdobramentos disso, conforme indicado pelas interlocutoras. Há o comprometimento com a colaboração da comunidade acadêmica e para além dela, favorecendo uma forma de entendimento dos fatores que podem concorrer para transformações sociais.

A análise de dados foi realizada a partir de um exercício de análise de conteúdo, sendo organizada nas seguintes categorias consideradas: Saúde e Saúde Mental, Arte, Experiências na Universidade/Comunidade Acadêmica e Redes de Apoio, Jornada na Feminária Musical, Pedagogia na Feminária Musical e Pedagogia Feminista e, por fim, Auto Cuidado e Bem Viver.

CAPÍTULO 2. PONTES PARA ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E ALINHAVOS (RE) EXISTENCIAIS

Me chamo Maria

Tenho 25 anos, minha carapaça é jovem, a sua espessura vêm crescendo a cada dia.

Cada dia que preciso me defender, me esquivar, confrontar.

Sinto tudo, sinto muito.

Desejo poder sentir menos medos, ver menos perigos.

Desejo trilhar meus caminhos cada vez mais fortalecida, mais atenta.

19/03/2015¹⁴

2.1 PONTES, RIOS E CORRENTEZAS QUE ENLAÇAM FEMINISMOS NEGRO, DECOLONIAL E SAÚDE

Ao falar, neste estudo, em mulheres negras, apoio-me em Jurema Werneck (2010, p.2) para indicar a heterogeneidade deste grupo composto por uma:

[...] diversidade de temporalidades, visões de mundo, experiências, formas de representação, que são constitutivas do modo como nos apresentamos e somos vistas ao longo de séculos da experiência diaspórica ocidental.

Segundo Patrícia Hill Collins¹⁵ (1991 apud BAIROS, 1995, p. 462) o feminismo negro respalda-se nos tópicos centrais: “1) de uma história de luta, 2) a natureza interligada de raça gênero e classe, 3) o combate aos estereótipos ou imagens de controle, 4) a atuação como mães professoras e líderes comunitárias, 5) e a política sexual”. Pode-se dizer que o principal articulador do Feminismo Negro é o racismo. Avtāh Brah (2006) aponta para o que seria uma nova compreensão de sujeitos ou a visibilidade da diversidade de experiências:

O negro do “feminismo negro” inscrevia uma multiplicidade de experiências ainda que articulasse uma posição particular de sujeito feminista. Além disso, ao trazer para o primeiro plano uma ampla gama de experiências diaspóricas em sua especificidade tanto local quanto global, o feminismo negro representava a vida negra em toda sua plenitude, criatividade e complexidade (BRAH, 2006, p. 357).

Brah (2006) traz inúmeras importantes contribuições para a discussão sobre raça. Ela evidencia que a raça é um marcador inerradicável de diferença social e sinaliza que o negro e

¹⁴Escrito feito em um dos encontros da Feminária Musical.

¹⁵COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: knowledge, consciousness and Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 1991. Tradução Luiza Bairos (1995).

o branco não são categorias fixas, e que é preciso desessencializá-las, já que são historicamente contingentes. Além disso, a categoria negro/a abrange uma enorme diversidade de experiências, uma vez que o ser social possui identidades.

Audre Lorde (1984) ressalta a potência da visibilização das diferenças, dos marcadores sociais, do caráter arrogante do feminismo que desconsidera as diferenças, que homogeneiza as experiências, não considerando raça/etnia, sexualidade, geração, nacionalidade, classe, não destacando uma perspectiva relativa às mulheres negras, pobres, terceiro-mundistas e lésbicas.

As diferenças não devem ser vistas como algo a ser tolerado e sim como necessariamente dialéticas e com grande potencial para criatividade, para o desenvolvimento de novas formas de ser e estar no mundo. Para ela “Diferença é aquela conexão crua e poderosa na qual nosso poder pessoal é forjado”, o que, para mim, significa que a diferença, ou a soma de diferenças que somos é o que carrega nossa história, nossa força.

A sobrevivência de mulheres que somam marcadores desvalorizados, subalternizados não é uma habilidade acadêmica:

[...] é aprender a estar sozinha, impopular e às vezes insultada, e a fazer causa comum com aquelas outras identificadas como estruturas externas, para definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender a tomar nossas diferenças e torná-las forças (LORDE, 1984 , p. 111).

Em geral, a mulher branca que tem algum privilégio, grosso modo, está cercada de negras e negros trabalhando para organizar e facilitar a sua vida, além do trabalho doméstico, espaço esmagadoramente feminino e negro. Sobre a ausência ou presença reduzida de mulheres negras lésbicas terceiro-mundistas em conferências, eventos e nas bibliografias de cursos, graduações, pós-graduações revela-seo cenário já descrito. Faz-se deveras importante que esse cenário se altere, que passemos a valorizar e nos referenciar por essas mulheres, mulheres próximas de nossas realidades. É preciso fazer o exercício da descolonização.

Em *Mulheres, cultura e política*, Angela Davis (2017, p. 53), no capítulo que em seu título já revela e coaduna com a discussão de saúde deste estudo, *Doentes e cansadas de estarmos doentes e cansadas: A política de saúde para as mulheres negras*, Davis discute a precarização da saúde das mulheres negras estadunidenses, tendo em vista a não existência de assistência à saúde gratuita e outras questões que indicam as articulações do racismo, classismo e sexismo. Algumas questões indicadas por ela aproximam-se da realidade brasileira. A autora inicia o capítulo indicando que “A política não se situa no pólo oposto ao da nossa vida”, afirmando que ela permeia a existência humana e se apresenta nas dimensões mais íntimas, o que remonta à frase de Simone De Beauvoir, “O pessoal é político”, mote do

chamado feminismo de segunda onda, que traz uma leitura potente das dimensões da experiência pessoal, íntima, relacional.

Davis (2017) faz referência a Audre Lorde, sua caminhada em busca de saúde, compreendendo corpo, mente e espiritualidade, conectada às grandes lutas de ordem social, política e econômica. Davis indica que há um atravessamento denso das questões políticas e sociais nas experiências de mulheres negras, inimigas do bem-estar físico e emocional. Davis discute como a saúde passa a ser mercadoria e, ainda, com custos fora do alcance de parcelas da população pretas e pobres.

Glória Anzaldúa (2004), em seu texto *Los movimientos de rebeldía y las culturas que traicionam*, descreve sua experiência de vida, movimentos de rebeldia realizados por ela, ao longo de sua história. Ela aponta o quanto se sentia oprimida por sua cultura e que, por isso, se afasta desta, *a priori*, para se encontrar. Evidencia o sofrimento vivido pelas imposições culturais, a inflexibilidade do que era demandado, as desigualdades de gênero e algumas mudanças e conquistas das mulheres.

Anzaldúa (2004) faz um elogio à rebeldia e descreve sua cultura, influenciada pela cultura ocidental com a colonização, enaltece a rebeldia e a autonomia. A autora relata que precisou abandonar sua terra para poder encontrar-se, ter acesso a si, que estava debaixo de uma personalidade imposta por sua cultura. Salienta que foi a primeira da família a sair de sua cidade, mas que não abandonou sua cultura, sua terra, carregou-a consigo. Segundo ela, não havia nada em si que sua cultura aprovasse: ela gostava de ler, pintar e escrever ao invés de realizar as atividades de cuidado com a casa e com os irmãos, comportamento previsto para mulheres.

Anzaldúa destaca que a cultura é construída por aqueles que detêm o poder, os homens, e esses fazem as regras, as leis e as mulheres submetem-se e as transmitem. Faz uma descrição dos papéis de gênero, tempos atrás, mencionando que para as mulheres eram possíveis três papéis: na igreja como monja, em casa como mãe ou prostituta nas ruas. Hoje, segundo Anzaldúa, outras opções são possíveis, para poucas mulheres, por meio da educação e da profissão, gerando autonomia (ANZALDÚA, 2004).

O egoísmo é algo condenado, principalmente para as mulheres. A humildade e a generosidade são qualidades valorizadas. A família também é uma importante instituição, que reforça discursos como esse, entretanto, Anzaldúa relata a ambiguidade de discursos: enquanto se envia a mensagem de que a mulher deve cuidar com todas as forças de seus filhos, envia-se também a mensagem de que ela deve acatar tudo o que seu marido disser.

Então, a autora questiona “¿Cuál debíamos ser, la fuerte o la sumisa, la rebelde o la conformista?” (ANZALDÚA, 2004, p. 76).

Sobre a contramão da sexualidade, a autora afirma que, para as mulheres lésbicas, a máxima forma de exercer a rebeldia é através de sua conduta sexual. Essas se opõem às proibições morais e, assim, sentem-se ameaçadas. Anzaldúa (2004) afirma que a cultura molda as crenças das pessoas e que o olhar dessas se dá a por intermédio da cultura e isso apresenta-lhes uma versão da realidade.

Breny Mendonza (2012) aponta para um adensamento de uma articulação na América Latina, ao destacar o movimento indígena como vanguarda que vem atuando com base numa nova racionalidade política, contra a colonialidade do poder nas sociedades latinas. Essas sociedades promovem uma nova prática política, que redefine a democracia ocidental liberal e uma ruptura epistemológica que abre espaço para conhecimentos subalternizados pelo eurocentrismo.

Ochy Curiel (2009) apresenta como urgente a produção de conhecimento como meio de fortalecer a proposta decolonizadora, em prol da transformação. Costa (2009) assinala, de modo muito pertinente, que a crítica pós-colonial está em consonância com a crítica a novas formas de identidade política. Curiel (2009) salienta que o feminismo nasce situado em um determinado tempo e espaço e os feminismos, hoje, precisam considerar vários tempos e espaços, incluir, falar acerca das diferenças.

Ochy Curiel delinea o conceito de descolonização como uma proposta epistemológica “[...] como política para explicitar y compartir ciertas posiciones críticas y también las propuestas de varias feministas [...] de la autonomía y la radicalidad, [...] perspectiva que articula la raza, la etnia, la clase y la sexualidad como pilares centrales” (CURIEL, 2009, p. 1).

O conceito de Descolonização está relacionado a processos de independência de povos e territórios, que outrora foram colonizados, dominados e submetidos a culturas estrangeiras, em todas as instâncias – política, econômica, social, por exemplo. Com esse processo, surgem estudos pós-coloniais, subalternos, a epistemologia do Sul:

Se trata del cuestionamiento del sujeto único, al eurocentrismo, al occidentalismo, a la colonialidad del poder, al tiempo que reconoce propuestas como la hibridación, la polisemia, el pensamiento otro, subalterno y fronterizo. Estas propuestas críticas del feminismo latinoamericano y caribeño son posiciones de oposición al feminismo ilustrado, blanco, heterosexual, institucional y estatal, pero sobre todo un feminismo que se piensa y repiensa a sí mismo en la necesidad de construir una práctica política que considere la imbricación de los sistemas de dominación como el sexismo, racismo, heterosexismo y el capitalismo,

porque considerar esta “*matriz de dominación*” como bien la denominó la afroamericana Hill Collins (Collins, 1999) es lo que da al feminismo un sentido radical (CURIEL, 2009, p 3).

Quijano define eurocentrismo como a construção de conhecimento no mundo baseado na cultura, idéias européias, gerador de construções de subjetividades e intersubjetividades entre europeus e não europeus, além de fortalecer os binarismos – civilização e barbárie, escravos e senhores – e a universalização da epistemologia européia/ocidental (CURIEL, 2009).

Por isso, Ochy Curiel (2009) reitera que homens colonizados e mulheres ocidentais possuem privilégios e, por esse motivo, possuem certa cumplicidade com os colonizadores, enquanto as mulheres negras e, ainda mais, as lésbicas, não possuem nenhum tipo de privilégio.

Segundo José da Conceição Marques e Páez (2006), os estereótipos são estruturas cognitivas constituídas de expectativas e informações que orientam ou, ainda, determinam julgamentos sobre grupos e integrantes desses. Dessa forma, os marcadores de gênero, raça, sexualidade e religião aparecem como destaques nesses processos de julgamentos, com base na aparência ou aspectos tidos como biológicos, que são lidos e significados culturalmente.

O gênero é uma importante categoria de análise, entretanto, esse marcador é construído e representado de acordo com a localização da pessoa nas relações globais de poder, logo, estão envolvidos processos econômicos, sociais, políticos e ideológicos. Não se é apenas mulher, e sim “mulher de classe trabalhadora”, “mulher negra lésbica”, por exemplo, e somado a isso existem infinitas categorias, identificações. Destaca-se nessa produção a leitura de que o marcador gênero é reorientado quando atravessado pelo racismo.

Segundo Maria Aparecida Bento (2002), no Brasil, questões relativas à raça e ao branqueamento são basicamente relacionadas a pessoas negras e, assim sendo, o problema é considerado desse grupo, excluindo a dimensão relacional aí existente. Ainda que em situação de pobreza, o branco terá um privilégio simbólico, portanto, as análises apenas acerca de classes sociais não dão conta da questão. Em camadas populares, os negros possuem um déficit consideravelmente maior em todas as áreas, dentre elas educação, saúde, trabalho.

O legado da escravidão existe para negros e brancos. Os brancos possuem uma herança simbólica, concreta e material, em decorrência da exploração do trabalho de negros durante quatrocentos anos e, ao silenciar isso, há a obrigatoriedade de indenizar as pessoas negras. Por esse motivo, ficam escondidos, então, esse silêncio e cegueira, que não permitem prestar contas, não compensar, não indenizar.

Assim, políticas compensatórias afirmativas são amplamente criticadas e entendidas como protecionistas pelo grupo branco, ou são compreendidas como favores feitos pela elite dominante. Essas políticas são temidas pelo impacto que causam e geram benefícios simbólicos mediante representações positivas, já que qualquer grupo ou sujeito precisa de referenciais positivos para a manutenção de sua autoestima e auto-conceito, o que valoriza suas características, e, conseqüentemente, fortalece o grupo.

Há um grande investimento para a preservação do grupo branco como grupo de referência da condição humana, como norma. É através de todos os meios de comunicação social que são repetidos modelos de famílias, de sujeitos de maioria branca: “[...] temos um Homo sinicus, um Homo arabicus, um Homo africanus, e o homem, o homem normal, bem entendido, fica sendo o homem europeu do período histórico, isto é, desde a antiguidade grega.”(SAID, 1990, p. 107), o que já aponta que esse sujeito padrão é homem e, ainda, dentro do grupo de mulheres, também historicamente oprimidas, a questão racial fica evidente.

A psicóloga Maria Aparecida Bento (2002), pesquisadora no campo da Psicologia e relações étnico-raciais, salienta que ao longo de seu trabalho com grupos de feministas ficou evidente o silenciamento sobre as relações raciais, na medida em que a mulher negra não é citada, tampouco os privilégios das mulheres brancas. O branqueamento é analisado comumente como um problema do grupo negro, como meio de ascensão social, a partir de casamentos inter-raciais ou alterações corporais, estéticas. Entretanto, o que é evidenciado por estudiosos da escola paulista é que existe um desejo de “europeização” da elite branca e isso revela que não somente grupos negros sentem-se desconfortáveis com sua condição racial, aspirando aproximar-se do europeu ou norte-americano. É uma questão que alcança brasileiras e brasileiros, então, pode-se pensar que além do problema da desvalorização da identidade negra, há, também, um problema de identidade nacional, ou melhor, que esses problemas são intercambiáveis.

bell hooks (2004) demarca a diferença de experiências vividas por mulheres negras, com especificidades e maior carga de opressão. Essa exclusão que restringe as mulheres negras a papéis subalternizados, quando presentes, geram fortalecimento de estigmas e repercussões em todas as áreas da vida, incluindo trabalho, vida afetiva, relação com o corpo e sexualidade. Isso constitui uma violência simbólica, apresentada em imagens, que, através do ideal de beleza estética, ligado ao embranquecimento, gera saldos negativos para as subjetividades de mulheres negras e de outras raças e etnias. Além disso, o comportamento e

espaços ocupados por mulheres negras nessas mídias são, em grande parte, representações negativas, estigmatizantes e limitadoras.

[...] há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima (CARNEIRO, 2003, p. 122).

Somos pessoas com múltiplas e complexas identificações e, por vezes, contraditórias, que ocorrem quando há um sentido de pertencimento com relação a algum grupo social e, por isso, as identidades têm caráter histórico, plural, fluido. Construir uma identidade negra positiva em nossa sociedade não é tarefa fácil, tendo em vista os discursos hegemônicos dominantes de branquidade.

O racismo tem sua forma institucional correspondente a práticas discriminatórias racistas, promovidas pelo Estado de maneira direta ou indireta, que se dá por intermédio do isolamento de grupos negros em bairros, empregos e escolas específicas ou, ainda, o tratamento desprivilegiado em instituições estatais, na exclusão de personagens negros ou reprodução de representações negativas desses na educação, por exemplo, além de propagandas, novelas, revistas que seguem retratando grupos negros em condição de inferioridade, por meio de representações preconceituosas (GOMES, 2005).

Pode-se destacar que o racismo institucional atravessa as instituições de ensino de diversas formas, compreendendo desde a sua localização territorial, demanda de aporte financeiro para permanência, deslocamento necessários, gasto com materiais, até a própria grade curricular, cosmovisão eurocentrada, que orienta os processos e relações de trabalho.

Segundo Rosa (2010), as mulheres amefricanas possuíam acesso aos saberes e práticas de seu povo, de seu grupo, em que a oralidade era o principal elemento de transmissão e construção de conhecimentos. Historicamente, fora da cultura escrita, as mulheres amefricanas são protagonistas de tradições orais. A oralidade, assim como outros elementos constitutivos de grupos ameríndios e africanos, e outros decorrentes como os quilombolas, ribeirinhos, sertanejos, foram minimizados pelos discursos hegemônicos, mas seguem com bastante valor, sobretudo em seus grupos, comunidades.

Ana Maria Galvão e Antônio Batista (2006) apresentam um panorama acerca da oralidade e da escrita, pautada numa visão ocidental que parece não romper com a fragmentação, com a divisão desses elementos e, por esse motivo, é interessante, pois se mostra como reflexo de nossa sociedade, que persiste em repetir modelos eurocentrados para tudo, inclusive para fazer o que é compreendido como ciência. Segundo afirmam, o caráter

oral da linguagem começa a ser assimilado por parte da academia, principalmente na área dos estudos de letras, por via do primado oral da linguagem de Saussure.

Fica evidente nas teorizações mais antigas sobre a oralidade e escrita, a hierarquização desses elementos, sendo a oralidade compreendida como “primária”, menos significativa e a escrita como a responsável por inúmeras mudanças sociais e dotada de maior complexidade. Alguns autores consideraram o advento da escrita como divisor entre o pensamento “selvagem” e o pensamento “civilizado” (GALVÃO E BATISTA, 2006). Isso porque se criou um abismo entre esses dois elementos, para reiterar a valorização de uma cultura sobre a outra, no caso a cultura branca sobre as outras, aqui com destaque para as africanas e ameríndias.

Entende-se, assim, que o letramento não criou uma nova cultura, mas, junto a outros elementos, fez emergir mudanças de diversas ordens, significando que foi utilizada, especialmente, de acordo com discursos hegemônicos. A escrita, segundo Walter Ong (1986), favoreceu a separação entre o saber, aprendizagem acadêmica, da sabedoria, distanciando o conhecido do conhecedor, por meio de uma “objetividade” que se propunha universal e linear, mas que se construiu artificial, distanciada, descorporificada e inacessível para grande parte das pessoas.

Resgato, aqui, a descrição da oralidade, sem a intenção de hierarquizar e destacá-la como mais admirável, mas com o intuito de apresentar sua importância e função social. Nas culturas em que oralidade tem grande poder, a palavra é carregada de simbolismo, de significados. A fantasia e as emoções estão mais presentes. A ancestralidade, e, portanto, as trocas são mediadas por pessoas, presencialmente. Assim, as/os anciãs/ãos tem seus saberes reconhecidos:

O conhecimento exige um grande esforço e é valioso, e a sociedade tem em alta conta aqueles anciãos e anciãs sábios que se especializam em conservá-lo, que conhecem e podem contar as histórias dos tempos remotos. Pelo fato de armazenar o conhecimento fora da mente, a escrita – e mais ainda a impressão tipográfica – deprecia as figuras do sábio ancião, repetidor do passado, em favor de descobridores mais jovens de algo novo (ONG, 1998, p. 52).

Pode-se pensar que o Feminismo Negro realiza uma reparação nessa dimensão de fragmentação e hierarquização das linguagens. Ainda que faça uso da linguagem escrita de modo bastante corrente, a transgredir de modo a promover a emergência da oralidade, fazendo uma síntese, ao apresentar linguagens diversas. Ressaltam, também, a dimensão da ancestralidade, legitimando e valorando os saberes populares, as anciãs e anciãos.

Há, inclusive, mais lugar para o corpo. A performance encontra-se mais presente, como salientam Ana Maria Galvão e Antônio Batista (2006, p.416): “[...] o aprendizado se dá, em grande medida, somaticamente: todo o corpo, mediante movimentos rítmicos, é utilizado nos processos de memorização”. O compartilhar de experiências e saberes ocorre entre pessoas, o que caracteriza uma troca pessoal, afetiva, que valoriza o saber local e suas histórias, principalmente.

O Feminismo Negro indica isso, e isso é experimentado de forma bastante profunda na Feminária Musical. Todas as atividades experimentadas no grupo fazem essa convocação da experiência integral, da compreensão dessa corporalidade inegável.

Audre Lorde (1984) evidencia que como a experiência de adoecimento repercutiu subjetivamente nela, relata que passou a se questionar sobre seu silêncio, o que mais lhe dava medo: “Questionar e dizer o que pensava podia provocar dor, ou a morte”. A autora expõe que os pequenos silêncios que fizera só a haviam traído. Aguardava que em outro momento falasse ou que outros pudessem falar, mas encontrou em si força e ressignificou o medo.

Segundo Lorde (1984), os silêncios não protegem e as tentativas de falar, de compartilhar, aproximam outras mulheres, o que parece ser a chave para a construção de um repertório de palavras que cabem no mundo desejado. Nas entrevistas, interlocutoras indicaram dimensões diversas das tentativas de silenciamento ocorridas nas dinâmicas sociais, com destaque para o machismo e para uma introjeção desse cerceamento de expressão, gerando “vergonha”, “insegurança” e “bloqueio”, como indicado pelas interlocutoras Bruna dos Santos e Ariana Silva.

Audre Lorde (1984, p. 2) articula que compartilhamos da tirania do silêncio, somos educadas a fazê-lo, e provoca: “Que palavras ainda lhe faltam? O que necessita dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio?”. Somos formadas nos espaços de ensino formal para isto; aprendemos a engolir, a não dizer, a não nos expormos, e isso adocece. Aprendemos a nos calarmos diante das violências vividas, por medo do outro, por medo de uma violência maior, e isso adocece. Entretanto, diversos espaços de fortalecimento de autonomia e de contradiscursos hegemônicos também existem; espaços pautados na sabedoria tradicional, por exemplo. Pode-se destacar, aqui, uma correlação com os fazes da Feminária Musical, proposta de integração, de papéis na vida, dimensões da experiência e expressão, criação. Num exercício coletivo de aprendizado de escuta sensível e partilha de si, vão sendo fortalecidas e reparadas dimensões subjetivas das colaboradoras.

Nesse sentido, fica evidente o poder da cultura na construção de identidades e, mais ainda, a falta de reconhecimento como uma negação da existência do sujeito. Segundo Munanga (2012, p. 5): “[...] a arma essencial dos colonizadores era a imposição aos povos colonizados das imagens negativas contra eles forjadas”, o que pode gerar um ódio de si paralisante, já que o reconhecimento de si pelo outro é uma necessidade humana de ordem vital. Logo, para se libertarem, esses povos devem primeiramente distanciar-se dessas imagens depreciativas de si. Essa idéia tornou-se crucial em algumas correntes feministas e em debates sobre o multiculturalismo.

Segundo Ki-Zerbo (2006), as mulheres dispõem de uma grande capacidade criadora, iniciativa surpreendente que pode se dar em diversos campos, e vem garantir, a longo prazo, sua libertação absoluta. Segundo Elaine Rabinovich, Edite Diniz e Ana Cecília Bastos (2009), esse potencial criador e de iniciativa das mulheres descendentes de africanos e indígenas pode incrementar o uso de soluções para a área de saúde, levando em conta os recursos locais, naturais, tendo em vista que os conhecimentos, saberes e práticas, por elas demonstrados, continuam operando, embora haja tentativas de silenciamento.

Destacam-se os saberes e fazeres ancestrais com relação à saúde, bem viver e autocuidado, fazendo referência (reverência) às mulheres negras e indígenas: xamãs, mães de santo, cacicas, benzedeiras, rezadeiras, parteiras, bruxas, sambadeiras, anciãs.

Pensando na saúde de mulheres negras muitos são os desdobramentos das relações e opressões vividas cotidianamente. As matrizes de desigualdades terminam por vulnerabilizarem esse grupo, tendo em vista as categorias raça, gênero, classe, geração, religião, entre outras tantas. Destaco, aqui, as violências obstétricas, o racismo institucional que permeia também os espaços de atendimento, espaço que devem ser de cuidado à saúde. Vilma Reis (2006) traz uma questão relacionada à não legalização do aborto e como isso impacta a vida, destacando os altos índices de mortalidade materna. Diversos estudos indicam e correlacionam as vulnerabilidades, riscos e adoecimentos.

Angela Davis (2017), assim como é indicado no livro *Saúde das Mulheres Negras*, reitera o maior acometimento de mulheres negras no caso de doenças crônicas (cardiovasculares, hipertensão, artrite, diabetes), e a pobreza como questão que deixa as pessoas com adoecimentos mais suscetíveis ao câncer – a exemplo da maior taxa de mortalidade por câncer de mama, apesar de existir um maior índice dessa doença entre mulheres brancas. No Brasil, destacam-se doenças como microcefalia e outras, em decorrência da falta de saneamento básico e limpeza do território no qual residem.

Segundo Angela Davis (2017, p. 53):

Por motivos que dispensam explicações, a pobreza aumenta a vulnerabilidade a doenças mentais. De todos os grupos deste país, as mulheres negras tem as taxas mais altas de admissão em serviços ambulatoriais de psiquiatria. Artivistas da área de saúde afirmam que a maioria das mulheres negras adultas vive em estado de estresse psicológico.

Em *Tornar-se negro: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*, escrito em 1983, Neusa Santos Souza, psiquiatra e psicanalista, comentou acerca dos atravessamentos do racismo e o sofrimento psicológico. A autora indica que uma das formas do exercício da autonomia individual dá-se ao passo que a pessoa afirma a sua identidade a partir de um discurso construído de/por si mesmo e que, para tal, faz-se necessário o conhecimento da realidade concreta, entendendo, a esse respeito, as dinâmicas sociais e os tensionamentos envolvidos.

Neusa Souza caminha na direção de fortalecer um conhecimento que favorece a construção de um discurso da pessoa negra sobre ela mesma, com foco no campo emocional. A autora indica que a ascensão social não garante, em absoluto, a experiência de afrouxamento da racialização e discorre sobre “saber-se negra/o” como a experiência de um massacre, atravessamentos de exigências absurdas, expectativas alheias confusas e constrangimentos recorrentes.

Pode-se pensar que, depois de 36 anos, existem deslocamentos, mudanças, mas ainda vivem-se todos esses atravessamentos do racismo e, ainda, num momento especial de tensionamento social no Brasil, em decorrência do momento político do governo.

O enfoque dado por mim diz respeito aos cuidados em saúde com base nas matrizes amefricanas, portanto, africanas e ameríndias, que foram historicamente desvalorizadas e consideradas ciências ilegítimas, a fim de investigá-las e reafirmar a potência transformadora desses saberes e fazeres ancestrais, que, por diversos movimentos de resistência, mantêm-se vivas, ativadas na atualidade. Entendo que é importante favorecer um movimento de ruptura da hierarquização de saberes, fazeres e sujeitos e da necessidade do fortalecimento de um pensamento decolonial, localizado, gestado por nós, representados em nossas diversidades, levando em conta os saberes e as culturas africanas e ameríndias.

José Barros e Maria Lina Teixeira (2008) indicam o quanto o candomblé – e aqui incluo todas as religiões de matrizes africanas, como espaços de construção do ser, através do cantar das folhas – é compreendido como território de extrema importância na vida de pessoas negras no período colonial, como forma de reagrupamento e resistência política. A autora e o autor destacam, também, as Irmandades da Igreja Católica como espaços de articulação importantes naquele período histórico. E, ainda hoje, podemos destacar esses como espaços

de manutenção, reparação e construção de práticas de liberdade e conexão com as ancestralidades e consigo mesmo.

Compreendem-se as religiões de matrizes africanas como complexos culturais que são dotados de um conjunto de significados transmitidos historicamente, espaços de experiência de enraizamento, conexão com a terra (desde um lugar histórico e sagrado) e pertencimento. Mãe Beata de Iemanjá (2008, p. 21) destaca que o candomblé foi e segue como um importante responsável pela manutenção de diversos aspectos culturais do “pensar coletivo negro”. Aspectos esses que são de reparação e proteção no que tange à vida dos sujeitos e, portanto, sua saúde.

Angela Davis (2018) discute em *As lutas progressistas contra o insidioso individualismo capitalista* que o capitalismo global e as ideologias que configuram o neoliberalismo atuam de modo a fortalecer o individualismo como importante recurso. Desse modo, faz-se necessário identificar os perigos nesse caminho. Para Davis, se não houver uma atenção e contra-movimento em relação à promoção do individualismo, as lutas progressistas – antirracismo, antissexismo, entre outras – estarão fadadas ao fracasso.

Compreende-se, então, uma convocação para o fortalecimento da experiência comunitária, de coletividade, desconstruindo as falácias acerca da meritocracia e de narrativas que destacam sujeitos como heróis/heroínas, de modo que as pessoas possam reconhecer o potencial de agência que cada sujeito possui hoje, e que isto também se vincula às dimensões coletivas, como destaca Davis (2018, p. 19), sendo “[...] parte de uma comunidade de luta em expansão.”

Sobre as aproximações entre feminismo e ecologia, caminhos de superação do dualismo natureza e cultura Ynestra King (1997, p. 127) indica há muito que: “[...] na raiz da sociedade ocidental existe uma ambivalência sobre a própria vida, sobre nossa própria fertilidade e aquela da natureza não humana, e uma terrível confusão sobre nosso lugar na natureza.” King chama atenção para essa necessidade de compreensão do sujeito como cidadão cósmico, ou, ainda, mais uma das inúmeras espécies existentes, com direito à vida digna. Segundo a autora, a sociedade patriarcal declarou guerra às mulheres e à natureza viva, de modo que nos assusta mais a vida e a potência dessa do que o que está morto, ou determinadas mortes.

Esse elemento pode ser relacionado à necropolítica vivida em tempos atuais, na qual a ética não mais é pela vida – a biopolítica – e sim em prol de que determinados corpos devem morrer, destacando-se humanos e não humanos nessa sentença.

Segundo Jurema Werneck (2006), em nossos fazeres cotidianos cria-se e recria-se a África no Brasil, que se unifica por meio do encontro de mulheres. Com isto, entendo que nos fazeres cotidianos, nos encontros de mulheres negras, indígenas e mestiças, criamos e recriamos um território, físico e simbólico, que deve ser Amefricanizado:

Aqui acredita-se que foi a partir da contribuição das mulheres que a comunidade negra veio a se organizar. Tanto através da formação de famílias matrifocais, como a partir de iniciativas culturais que proporcionaram maior identidade e coesão entre os grupos de africanos e seus descendentes (WERNECK, 2006, p. 10).

Jurema Werneck (2006) indica a centralidade das mulheres negras como figuras essenciais de expressão da diversidade cultural afrodiáspórica, iniciativas essas que possuem o intento e o efeito de fragmentar esquemas de subordinação. Indica-se que a cultura e as tradições são recriadas cotidianamente por essas protagonistas, no desafio de fortalecimento de uma ética pautada no respeito e, ainda, acolhimento da diversidade.

Werneck (2010), em pesquisa acerca das mulheres negras no samba, compreendendo a potência e os agenciamentos destas mulheres, ialodês da cultura. A autora indica a importância da cultura, podemos destacar, aqui, as linguagens e experimentações artísticas, como formas de organizar e experimentar a vida. Sendo essas produções espaços de confronto das ideologias dominantes, espaços de performances e discursos transgressores. Apesar das condições desvantajosas, adoecedoras, destacam-se os movimentos de autonomia de mulheres negras que com suas formulações políticas contestam a hegemonia e co-criam caminhos estratégicos, criativos e transformadores, nos mais diversos segmentos sociais rumo a possibilidades de construções de narrativas de si:

As ações de posicionamento cultural desenvolvidas pelas mulheres negras tiveram e têm como base a atualização seletiva de elementos da tradição afro-brasileira e de diferentes modelos que conferiam à mulher negra o poder de liderança e de agenciamentos. Se utilizarmos a ialodê como chave de leitura, como metáfora de liderança e auto-governo, verificaremos a capacidade de agenciamento embutida nas formas com que diferentes mulheres negras disputaram e disputam participação em diferentes momentos das lutas políticas. A ialodê reafirma e valoriza a presença e a ação das mulheres individual e coletivamente nos espaços públicos, sua capacidade de liderança, de ação política. Valoriza também as características individuais que Oxum e Nanã carregam: a capacidade de enfrentar ou contornar obstáculos, a negociação, a luta e sua força de vontade para realizar aquilo a que se propõem e que outras mulheres negras e a população negra esperam que façam, contra as variadas formas de violência, estereótipos e desqualificação que lhes são contrapostos. Valorizando também a capacidade de realização, de criação do novo ou da modernização, como Oxum assinala, o que inclui a preservação da tradição, atributo de Nanã (WERNECK, 2010, p. 15).

Nessa direção, Fernanda Carneiro (2008, p. 24) destaca a relevância da dimensão espiritual, localizada historicamente, marcada no corpo afrodiáspórico, que recria gestos e culturas através das religiões de matrizes africanas. A autora indica que essas religiões possuem uma enorme força organizadora e restaurativa, com efeitos de cura e desenvolvimento para os sujeitos: “E o sentir-se feliz em sua existência, comunica a ética negra”. Pode-se relacionar essa dimensão da existência à realização da potência, à busca do realizar-se do ser.

A autora indica, ainda, que a mãe-preta delineada por Lélia Gonzalez reitera o curso do rio em direção a ética do cuidado, compreendendo o enraizamento dessa ética, ao passo que, ainda com todas as marcas e atravessamentos perversos das heranças coloniais e desigualdades sociais, as mulheres negras sigam firmes no ensinamento da ética do cuidado, sobretudo com o outro.

Fernanda Carneiro (2008, p. 22) afirma que “Falar de saúde é dar expressão ao corpo. É escutá-lo como corpo expressivo, sensível, vulnerável e transcendente.” Segundo ela, é desse corpo que nasce o poder e a ética da mulher negra. Mulheres que estão em disputa pelos acessos aos atendimentos de assistência à sua saúde dignos, integridade corporal, respeito aos seus valores, crenças, à sua autonomia, configurando e fortalecendo campos de construção de estratégias criativas de inclusão, reconhecimento e reparação.

Ao serem perguntadas sobre o que é saúde, as interlocutoras, unanimemente, falam da multidimensionalidade da saúde, das várias camadas do ser, incluindo o corpo físico, espiritualidade, materialidade – a exemplo da alimentação – corporalidade, tempo para lazer, também como sinônimo de tempo para dedicar-se cuidado e para criação. Trazem, de forma evidente, a identidade enquanto mulheres negras e os atravessamentos nocivos do racismo estrutural, que inviabiliza o acesso a direitos básicos para uma vida.

Nzinga Mbandi fala sobre essa integralidade, complexidade do conceito, da experiência de saúde:

[...] porque eu acho que saúde é um componente que tem várias coisas, por exemplo, se você tem a possibilidade de se alimentar bem, tem acesso a um lazer, têm uma família tranquila, ter amigos também, vínculos estáveis, tranquilo, a sua saúde anda bem, mas se você não tem acesso a essas coisas todas já fica mais difícil, eu acho que não está muito ligado à questão médica (Nizinga Mbandi, 2018).

Quando a pergunta se direcionou ao como a saúde estava, grande parte falou sobre não ter feito exames recentemente, ou não terem ido a uma consulta médica nos últimos tempos, completando, depois, que estavam bem espiritualmente, psiquicamente. Quatro mencionaram estarem em melhor momento, após instantes de crise; três indicaram que não estavam bem no

momento, retomando cuidados consigo, de ordem médica e alternativa. As respostas foram mais direcionadas à dimensão biológica e médica, a exemplo dos adoecimentos e acompanhamentos ou não acompanhamentos desses. Nesse momento inicial, já foram indicadas demandas específicas de saúde, a exemplo de labirintite, artrose, nódulos de tensão, lesão na laringe, refluxo, alergia, hipertensão, ansiedade, urticária, dores nas costas, enquanto as dimensões subjetivas, corporais e espirituais foram contempladas no primeiro momento, ao falar de si, apresentar-se e falar acerca de sua compreensão sobre saúde.

Sobre a dimensão física, corporal, Eric Assmar (2018) indica que para ter saúde é importante ter “[...] *o corpo em plena condição de lhe permitir se expressar da forma que você quiser no seu dia a dia*”. Nesse sentido, do corpo enquanto território da materialidade da vida, Jorgete Lago diz que a dimensão física tem grande importância: “[...] *eu sempre faço tudo para me manter bem porque é desse corpo que eu preciso para sobreviver, é onde eu tiro minha força para o trabalho, pra garantir a minha renda*”.

Carol Barreto traz provocações diversas, que dizem dos atravessamentos sociais, estruturais racistas e sexistas, culturais, coloniais, capitalistas e os impactos disso na vida material dos sujeitos, psiquismo e, conseqüentemente, na saúde dos sujeitos:

O mundo da moda, do consumo, todas as aquisições que você precisa fazer para suplantarmil questões que você não quer resolver. Esse universo, o capitalismo vive do adoecimento. Precisa promover o adoecimento. A moda existe pra lhe adoecer, pra lhe desconectar, pra te colocar como inadequada no seu próprio corpo (Carol Barreto, 2018).

Segundo Souza (2004), no Brasil, tem-se apurado que a opressão racial e de gênero repercutem diretamente nos processos de saúde e doença. Aponta-se a influência direta das condições materiais, ambiente psicossocial e interação com fatores biológicos. O acesso aos serviços e assistência à saúde, relacionados a questões de classe, representações sociais, estigmas, relativos à raça e gênero, repercutem gerando desvantagens para mulheres negras, mulheres transexuais, travestis, gays e lésbicas.

Acerca da dimensão psíquica, Ariana Silva destaca a importância de estar bem:

Eu não sei fisicamente, porque eu vou confessar pra você, faz mais de um ano que eu não vou no médico, dar uma revisada, dar uma olhada nas coisas. Mas eu acho que tá bem. Eu tô bem mentalmente, isso pra mim faz muita diferença! Humm, eu creio que tá tudo bem. (pausa) Não tô tendo altos e baixos sabe? Tô... Estável. Tá tranquilo, tá legal. Acho que tô bem (Ariana Silva, 2018).

Laurisabel Assil (2018) fala sobre a saúde espiritual como “[...] não necessariamente está ligada à religião, você não precisa estar ligado à religião para ter saúde espiritual. Mas ligada à própria percepção enquanto ser humano.”

Sobre nutrição da espiritualidade, Cristiane Lima diz:

O que é cuidar do seu espírito? É você ter uma boa conduta moral, é conviver bem com as pessoas que estão próximas de você, é você tentar levar sua vida o mais leve possível, é você respeitar o próximo, é você ser caridoso, é você ser amoroso, é isso também você cuidar do espírito, não adianta ficar só orando e achar que está cuidando do espírito que isso aí é interno. Atingir o equilíbrio espiritual sozinho ninguém consegue, é no convívio com o outro, é você aceitar, respeitar, entender, compreender, ajudar, isso é você estar evoluindo espiritualmente (Cristiane Lima, 2018).

A interlocutora Cristiane Lima (2018) destaca o quão desafiador é viver em relação e o quanto esse exercício convoca a um crescimento, à dimensão da alteridade. Nesse âmbito, Barros (2014, p. 117) indica a centralidade do aspecto relacional para o humano: “Viver é relacionar-se. É estar em relação. Por isso, a vida de qualquer um de nós não pode ser analisada pelo que supostamente somos, mas pelo que acontece conosco no mundo.” Desse modo, o autor indica também que, para além das relações interpessoais, somos sujeitos que também somos atravessados por todo tipo de relação.

Deusi Magalhães traz uma dimensão da saúde como conexão com o aqui e agora, trazendo presença e contato com a natureza, as relações:

Saúde pra mim é você se sentir bem no mundo, viver feliz, bem, aproveitando todos os momentos da vida. Eu acredito muito assim, que quando a gente medita, quando a gente pratica esporte, quando a gente toma sol, quando a gente vai pra praia, quando a gente olha a lua, tudo isso faz parte de uma boa saúde, você tá atento a tudo que tem no Universo (Deusi Magalhães, 2018).

A fala de Carol Barreto sobre saúde revela enlaces de uma experiência e consciência sobre o processo de medicalização e de busca por uma interlocução na compreensão do corpo e saúde com uma profissional que esteja afinada à sua compreensão de mundo, indicando, ainda, o quanto, a partir de sua leitura de mundo, nutrida pela Epistemologia Feminista, favorece a leitura sobre relações de poder e sua posicionalidade:

E aí também a gente sabe como esse universo da saúde nos adoce, né? Eu também fui aprendendo a filtrar, sabe? Onde é que eu vou? Qual a relação de poder que essa pessoa tem comigo? Quanto ela permite que eu entenda sobre o meu próprio corpo? O quanto ela torna isso simples ou torna isso complexo pra essa pessoa como médico ou como advogado, o que for se sobrepôr, mas é uma condição que a gente, como feminista, acaba tendo, uma habilidade de leitura das relações de poder que um monte de gente não tem, né?(Carol Barreto, 2018)

Laila Rosa fala sobre sua compreensão e seus processos de nutrição da sua saúde de modo integral, cuidados cotidianos que garantem uma qualidade de vida:

E eu sempre falo, eu cuido da saúde, eu não cuido da doença, eu não tomo remédio para nada. Eu só tomei remédio quando eu fiz a cirurgia, depois disso, pra nada! Graças a Deus, assim. E sinto que tô na melhor versão de

mim mesma, assim, sabe? Na coisa da completude mesmo da saúde, que esse é o caminho. Porque eu tenho me sentido realmente aprendendo a me curar. As ferramentas tão aí, é só a gente se conscientizar e colocar em prática. A responsabilidade é nossa, né? A cura não tá fora. Ah, a minha saúde tá bem (pausa) na integralidade e eu me sinto muito mais equilibrada, tenho dormido melhor, na coisa da prática constante da disciplina do yoga, na alimentação, terapia, em várias coisas, né?(Laila Rosa, 2018)

A interlocutora Laila Rosa indica que o exercício de cuidar-se é político, compreendendo que é um movimento contra as correntezas hegemônicas sociais contemporâneas, que convidam a um tempo de produtividade, de pouco cuidado consigo e com as relações. Audre Lorde discute que:

Além do raso, a tão usada expressão “me faz sentir bem” reconhece o poder do erótico como um conhecimento legítimo, pois o que ela significa é o primeiro e mais poderoso guia que conduz a qualquer entendimento. E entendimento nada mais é do que um colo que abriga justamente, e dá sentido, aquela sabedoria nascida do mais fundo. E o erótico é o nutriente e o embalar de toda nossa sabedoria mais profunda (LORDE, p. 12).

Audre Lorde (1994) indica que a potência do poder do erótico se apresenta no adensamento do saber de si, do reconhecimento e manutenção do prazer na vida, através dos processos de autocuidado, de satisfação. E pode-se dizer que se relaciona diretamente com o conceito de saúde, com a possibilidade de experimentar-se saudável para refinar e atender essa escuta de si.

Laura Cardoso traz uma dimensão da temporalidade da vida, da importância de dedicar tempo aos processos, alimentação e relações, e o quanto isso é difícil no cotidiano. Vivemos em um fluxo de temporalidade acelerada, conectada ao capitalismo, ao produtivismo, e é um grande desafio priorizar o tempo do aqui agora, do encontro, das demandas que não estão relacionadas à produção, ao capital. Para ela saúde:

[...] é eu conseguir ter condições de me dedicar a mim mesma em todos os meus aspectos, aspectos físicos, aspectos mentais, aspectos emocionais isso significa ter tempo pra fazer as coisas que eu gosto, isso significa ter tempo pra estar com quem eu gosto, isso significa ter tempo pra cuidar da minha mente do meu espírito da minha espiritualidade que também é muito importante nesse processo, isso significa ter condições de me alimentar bem, de cozinhar, de comer bem, de ter tempo pra fazer as minha refeições ao longo do dia, isso é muito louco porque às vezes eu estou trabalhando e as horas se emendam e eu simplesmente esqueço de comer, acabo não comendo (Laura Cardoso, 2018).

Ela ainda traz a dificuldade de criar brechas no cotidiano para cuidados como marcar uma consulta médica e exames para questões que precisam de acompanhamento, da dificuldade de fazer qualquer procedimento que demande parar o trabalho. Na condição de autônoma, musicista e professora de música, ela indica as dificuldades de manutenção de uma renda estável, o que coaduna com uma lógica de precarização de trabalho e, ainda, com a

impossibilidade conjuntural e pessoal de escolha da manutenção da saúde, do prazer na vida. A interlocutora indica que:

[...] são questões também ligadas à vida musical porque a gente não tem muito suporte em relação ao nosso trabalho e isso gera um milhão de consequências que vão levando a gente a se atropelar nessa vida e diminuindo o que eu considero saúde assim nesse sentido (Laura Cardoso, 2018).

Laurisabel Assil destaca a saúde relacional como outro campo que carece de cuidado, ajustes para que as relações se tornem mais saudáveis para ela¹⁶:

[...] tem umas coisas que precisam ser ajustadas comigo, minha relação comigo mesmo, de ansiedade ainda, de coisas que precisam ser cuidadas, coisas que disparam ansiedade, que eu percebo, mas ainda não consigo debelar, ou antes, ou durante o processo. Ainda é difícil, mas que já identifico e para mim já é massa que eu antes nem percebia, embarcava e ficava enlouquecida. E em algumas relações que eu construí ao longo da vida e que fui percebendo que não era muito saudáveis né, não são relações amorosas, são relações de amizade, são amorosas, mas de amizade. De relações que não foram bem construídas, eu acho. E que precisam ser reajustadas (Laurisabel Assil, 2018).

Ainda sobre afetividade, relações interpessoais e materialidade da vida e questões de acesso e renda, Nzinga Mbandi aponta:

No meu caso quando o médico falava dessas características de transtorno eu via que o que eu precisava pra não estar na crise era ter o quê? Dinheiro que querendo ou não eu tinha que comer então eu precisava de dinheiro, então quando eu não tenho dinheiro pra comprar as coisas que eu preciso, ter minhas coisinhas direitinho eu fico mais tranquila, quando as coisas também estão tranquilas com minha família, com meus amigos e tal, eu fico mais tranquila, então na verdade essa questão é mais falta de acesso, porque eu acho que o que deixa as pessoas sem saúde é mais falta de acesso, não só dinheiro, porque se não a pessoa que tem dinheiro não seria saudável, mas a tudo assim, a estabilidade em casa, na minha família, no trabalho, no estudo, essas coisas, acho que saúde está muito por aí, é você ter um contato com a natureza, conhecer outros lugares (Nzinga Mbandi, 2018).

A interlocutora indica como as condições materiais de vida, atravessadas pelas desigualdades sociais, pelas matrizes de opressão, são geradoras de sofrimento. Nessa direção, Opal Adisa (2008) dá destaque ao estresse vivido, de modo geral, pelas mulheres negras, tendo em vista todas as questões sócio-históricas e o racismo que é reconhecido como estrutural na atualidade. Diante disso, a autora faz um convite ao balanço sob a luz do sol. Segundo a autora, as mulheres negras vivem atravessadas, de modo geral, pelo *stress*, o que termina por incidir sobre suas camadas da vida, vulnerabilizando e causando adoecimentos diversos. Segundo Opal (2008, p.111):

¹⁶Nesse momento será aprofundado o impacto das relações interpessoais na saúde, com base na Psicologia Social.

Quando as mulheres negras foram trazidas á força para o litoral americano, sendo escravizadas e mais maltratadas do que gado, elas trincaram os dentes e, decididas a sobreviver em seu destino, deram luz ao *blues*, a melancolia. Desde então, todas as mulheres afro-americanas têm procurado uma cadeira de balanço e a luz do sol para espantarem sua tristeza.

Pode-se destacar que essa imagem da mulher sentada, balançando-se e sendo aquecida pelo sol, remete a um movimento inverso, movimento de contrafluxo contemporâneo ocidental. Opal Adisa convida a um balanço de acalento, pausa para sentir, momento de embalar-se e cuidar-se. E segue criando imagens:

O stress delas é como o blues, como uma melancolia. Tem pés e dentes. Enquanto elas se balançam levemente, sempre devagarinho, movendo-se suavemente para frente e para trás, o stress pisa de mansinho nos próprios joanetes e deixa as mulheres em paz. Elas tiram um cochilo. Doces sorrisos dão contorno ás suas bocas; rugas em suas testas se alisam com suavidade. Elas sonham que caminham sobre a água, atirando flechas como faziam suas ancestrais que eram guerreiras. Esse balanço prossegue enquanto as mulheres continuam sonhando (ADISA, 2008, p. 112).

Opal Adisa (2008, p. 114) relata que a escrita é como uma válvula de escape para o seu stress, indica que o stress e a raiva irrompem quando as mulheres adiam seus sonhos, reprimem seus desejos, suas realizações, quando vivem promessas não cumpridas, falsas promessas, quando sentem a ferida aberta pelo racismo, pela subalternização, da não valorização, do não reconhecimento como bela, de tirarem vantagem, explorarem. A autora pergunta:

Por quanto tempo você pode prender a respiração sem ser asfixiada?

A autora destaca o agravamento do sofrimento, o caminho para o suicídio e, por vezes, o caminho por outras formas de matar-se, desde a morte do sorriso, do prazer, até a permanência em relações disfuncionais, escolher não partilhar a devastação vivida. Opal Adisa segue indicando como caminho para o auto-amor e prática de manutenção da vida, da saúde, a prática do encontro, a solidariedade entre mulheres e relata que a melhor medicina é o afeto trocado entre mulheres, entre parceiras:

O melhor médico, o melhor antídoto contra o que nos aflige é o reflexo de nós mesmas no espelho: nossas amizades, nossas conexões, o carinho que buscamos e que recebemos de cada uma de nós. Nas verdade, as mulheres negras não mais existiriam se não contasse umas com as outras.[...] Dependemos de nossas irmãs, de nossas amigas, e nos nutrimos mutuamente. Usamos a força e perseverança de cada uma de nós para lutarmos contra o stress que, de outra forma, poderia levar-nos a sepultura antes da hora (ADISA, 2008, p. 112).

Desse modo, Opal Adisa evidencia a força da experiência da rede de apoio, tecida em afetos e colaboração coletiva, um avivamento da condição comunitária e da experiência de

tecer redes com fios de Ouro de Oxum, firmada numa ética do cuidado consigo e com a outra. Compreendendo também esse espelho indicado como o Abebé de Ouro, símbolo de Oxum, símbolo da potência de exercícios, de observar-se e observar o entorno, de poder ser reflexo e reflexão, nutrindo o campo fértil da criação, dos nascimentos.

*Se tivermos que triunfar e deixar o mundo melhor para nossos filhos,
as mulheres negras devem balançar-se como uma vingança.*

*Balancemo-nos da forma como lutamos por liberdade,
como reivindicamos justiça; balancemo-nos sem parar.*

s-u-a-v-e-m-e-n-te,

lentamente,

num compasso ritmado

para frente e para trás,

*vamos balançar até que o Sol
se instale em nossos corações.*

Nesse balanço,

alcançaremos nossa cura

e cresceremos

como girassóis.

com nossas cabeças

erguidas.

Opal Adisa, 2008.

O Feminismo Negro apresenta a Ética do cuidado das mulheres negras na diáspora como caminho de manutenção de saúde, de existência, indicando o amor, primeiramente a si, como caminho de transformação. Ética do cuidado é se amar, amar um/a filho/a, uma companheira. Só foi ensinando o horror, o terror, violências naturalizadas pelo legado da escravidão. Famílias negras, pessoas negras precisam afirmar-se enquanto sujeitos, enquanto mulheres, mães, para então transgredir, romper, fluir nas identidades. A família é compreendida enquanto lugar de resistência, vínculos interrompidos, impossíveis de viver e, ainda assim, a escolha pelo amor. Amor enquanto prática política, tensionamento contra formas de colonização dos processos relacionais.

A fala de Rabeca Sobral (2018) acerca da saúde destaca-se porque aponta seu lugar de fala, uma mulher com uma larga trajetória acadêmica, que recentemente concluiu o doutorado e traz as suas experiências muito imbricadas à Universidade e seus processos de passagem na

instituição. Desde a graduação, com bolsa para estudos fora do país, passando por mestrado, doutorado sanduíche e, nesse momento, vivendo a consultoria acadêmica e atuando como pesquisadora associada de um departamento da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, no grupo de pesquisa *A Cor da Bahia*.

Rabeca Sobral fala do esforço, da densidade da experiência do doutorado, das dificuldades e delicadezas de trilhar o caminho da pós-graduação, incluindo a experiência de viver um tempo em outro país, todos os processos burocráticos nessa jornada, e da grande realização ao finalizar o processo, com todos os aprendizados e um trabalho que ela admira:

A minha saúde é, eu acho que, assim. Eu me machuquei muito com esse processo do doutorado, exigiu muito do meu corpo, da minha cabeça. E eu dediquei muito de tudo meu pra tese, e eu vi que não tava funcionando, que chegou o momento de ficar assim, um recolhimento que virou isolamento. Eu saí de todos os compromissos. Aí é como se, depois que, eu comecei a dar mais um tempo pra mim, a, eu comecei a ver que tinha que fazer esse balanço, sabe? É porque é muita pressão no doutorado, sobretudo quando você tem você é bolsista, exclusividade, e você tem ainda uma bolsa sanduíche (Rabeca Sobral, 2018).

Rabeca Sobral faz uma descrição das camadas que atravessam sua experiência de saúde, destacando as dimensões sociais como elementos que interferem diretamente no seu cotidiano, nos seus trânsitos, e, conseqüentemente, em sua condição de saúde: “*Então a minha saúde vai nesses termômetros de tudo isso. De como vai o meu país, de como vai a minha cidade, de como vai a minha casa, de como vai a minha universidade, de como vai o meu corpo, de como vão as relações com as pessoas*”.

2.2 CATEGORIAS SAÚDE MENTAL E BEM VIVER: NUTRINDO E SUSTENTANDO

virei no que chamam

diabo
meu couro era raro
custava quarar
rancar nem os dente
de cavalo dado
cabresto alado costuma afundar
a menos que Eleguá...

Laroyê. Masankiô.

veleiros do medo
no mei do aguaceiro
um sólido mar
salmoura incabida pra tanto
quebranto y ferida

tingida de sangue
 não-estaque / ardida
 custosa de cicatrizar.

ou era esse mar bacia do pranto infinita
 manchando de banzo sua extensa medida?

sofrência de história antiga
 sangrência insofrível resistida
 quilombismo
 dum povo
 todo
 que nem na alcunha pessoa
 ganhava guarida
 mas se fez alafiar
 entidade maior y sentida
 Orí é destino y acolhida
 e tudo no mundo tem boca
 porque come e porque
 também sabe falar

vingança retalha qualquer casa-grande
 chão palavra preta espalhado sangue
 terreiro-refeita dançalma de longe

um poder do opressor eh fazendo silêncio
 em navalha
 encruzilha nossa carne
 dilacera nossa alma
 mas aqui não,

sinhozim
 capataz
 capitão
 sacristão

aqui

não.
 tatiana nascimento¹⁷

Ao serem perguntadas sobre saúde mental, as interlocutoras apresentaram diversos olhares sobre essa dimensão, em seguida, foram perguntadas sobre como estava a sua saúde mental, treze interlocutoras indicaram estarem com boa saúde, sentindo-se bem, sem incômodos, duas indicaram que têm aspectos da saúde equilibrados, mas que possuem uma

¹⁷Lundu. 2018 (p.56).

necessidade de cuidado corporal urgente. Outra interlocutora indicou que sua saúde não vai bem, ao passo que não tem conseguido fazer acompanhamentos, nem movimentos para nutrir qualidade de vida e outra indicou que tem questões severas de dores físicas no momento. Vale destacar que ambas são mães. Duas interlocutoras relataram que a saúde não vai bem, que estão em processo de reconhecimento de suas demandas. Uma interlocutora relatou que está se “adaptando” após viver perdas de pessoas queridas, seis interlocutoras indicaram que estavam saindo de um momento de crise, encaminhando-se para um momento mais equilibrado, envolvendo sempre tentativas de ampliação de autocuidado.

Compreende-se nesse trabalho que saúde mental ou psicológica relaciona-se a:

Saúde psicológica é vista como possibilidade de transformação da realidade; saúde é capacidade de enfrentamento da realidade e suas possibilidades estão diretamente relacionadas ao meio social, às condições oferecidas pelo meio social (BOCK, 2000, p. 25).

Sobre saúde mental, as respostas, em sua maioria, indicaram a necessidade de ampliação do conceito, pensando que a saúde mental de um sujeito é atravessada pela saúde mental de outros/as, bem como atravessamentos sociais, uma indicação de que como sistemas menores se conectam aos maiores. As questões sociais mais abrangentes, indicando as questões da materialidade e do campo sutil entrelaçadas.

Valeska Zanello (2018), em seu livro *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*, indica que tecnologias de gênero são mantenedoras da ordem social sexista e patriarcal. A autora indica que o sofrimento se apresenta de forma gendrada, sendo localizado em diferentes dispositivos para mulheres e homens, em um sistema binário.

A prática psiquiátrica inicial valeu-se dessas dimensões patriarcais e sexistas, de modo a silenciar a voz das mulheres, operando em consonância com a prática de controle dos corpos das mulheres. Aquelas que fugiam às regras sociais (com destaque para as dimensões da sexualidade “normal” e maternidade não ideal) eram consideradas doentes, loucas. Ou, ainda, homens cientistas escolhiam a mulher como objeto de estudo, enfocados em seus “desvios”. Valeska Zanello (2018) segue questionando os moldes do processo diagnóstico e o quanto essa leitura fazia uso de uma lente sexista e normatizadora.

A autora salienta que a pedagogia afetiva faz parte do processo de tornar-se pessoa de um grupo, inclusive a dinâmica de gendramento, ao passo que a educação de como lidar com afetos dá-se de forma bastante distinta para homens e mulheres, assim como também para pessoas negras e brancas. Sendo assim, em culturas sexistas, tornar-se pessoa implica em tornar-se homem ou mulher. Valeska Zanello (2018) avança indicando os dispositivos mais presentes nesses grupos: (i) para mulheres, os dispositivos amoroso (mediado pelo ideal

estético) e materno; (ii) para os homens, os dispositivos da eficácia (virilidade sexual) e eficiência (virilidade laborativa).

Segundo Zanello (2018) esses dispositivos amorosos relacionam-se a uma idéia de amor romântico-burguês e heteronormativo, pautado numa disparidade de compromisso e de investimento, sendo a mulher maior direcionadora de energia e com vínculo monogâmico, enquanto para o homem a conduta poligâmica é esperada. Sawin compreende que (2011) as mulheres, de modo geral, são ensinadas a se sacrificarem pelo amor do outro. Valeska Zanello indica esse como um caminho privilegiado de subjetivação para as mulheres de modo que se subjetivam mediadas pelo olhar do outro, dessa figura para qual se direciona o amor.

As mais variadas tecnologias de gênero corroboram para essa dinâmica, a exemplo das novelas, revistas dirigidas às mulheres, filmes etc. Nessa “prateleira do amor”, metáfora usada pela autora, as mulheres experimentam a sensação de reconhecimento e satisfação ao passo que se sentem desejadas. Vale ressaltar o caráter perverso de um ideal estético completamente estrangeiro e distante da realidade da maioria das mulheres do Brasil do mundo. Esse padrão é o da branquidade, da magreza, da juventude, da riqueza.

Segundo Valeska Zanello (2018, p. 97), o casamento pode ser um fator de proteção à saúde das mulheres ou de adoecimento e vulnerabilização:

Em geral o casamento é um fator de proteção à saúde mental dos homens (independente da qualidade da relação, mas sendo maior e melhor o impacto em relações mais igualitárias e felizes – Coombs, 1991; Lee e Ono, 2012; Simon, 2014). No caso das mulheres, quanto mais a relação é simétrica /igualitária e com um parceiro que é cuidadoso (dê suporte) e “nutridor” emocional, mais o casamento é um fator de proteção à saúde mental delas (Coombs, 1991; Dush& Amato, 2005). Porém, relações ruins, marcadas pelo sexismo e/ou investimento desigual na mesma, constituem-se como forte fator de risco e de adoecimento psíquico (Dush& Amato, 2005). Nesses casos, mulheres casadas apresentam mais históricos de depressão que as solteiras em geral (SIMON, 2014).

E, ainda, a autora destaca que, nos casos de solteirice por opção, os níveis de bem-estar assemelham-se àquele das mulheres casadas ou com relações afetivas íntimas. Indica-se, ainda, a dimensão de preterimento na “prateleira do amor” das mulheres negras em relação às brancas, uma vez que o racismo figura como operador definidor da branquidade como bom e belo.

Valeska Zanello (2018) refere que estressores geram diferentes níveis de estresse para homens e mulheres, a exemplo de como discussões no casamento ou término são geradores de maior sofrimento e afetam mais a saúde mental de mulheres, enquanto restrições financeiras ou perda de um emprego são mais estressantes para homens, no geral. O dispositivo da maternagem seria a síntese da existência para o cuidado, a lida com o outro, com os filhos,

com a casa, havendo uma responsabilização pela procriação e maternagem, sendo a maternagem do bebê – ainda mais sendo um processo biológico – o ápice dessa experiência de nutrição, de doação ao outro. Esse dispositivo impacta diretamente na escolha das profissões historicamente destinadas a grupos subalternizados, outrificados – escravos de guerra, pessoas negras escravizadas (homens e mulheres negras), pobres, mulheres, não brancas e brancas. E ainda, o dispositivo amoroso pode ser lido como tecnologia de gênero que se conecta ao dispositivo materno, em um discurso de família heteronormativa.

As pedagogias afetivas reiteram essa localização das mulheres, orientadas por relações dentro de espaços formais de aprendizado como as Escolas e Universidades. Dessa forma, a autora indica que as mulheres têm sua subjetivação pautada no heterocentrismo, no outro, que é o centro, enquanto os homens vão na direção do autocentrismo. Nesse sentido, Susan Bordo (1997, p. 25) demarca:

Por um lado, nossa cultura ainda apregoa amplamente concepções domésticas da feminilidade, amarras ideológicas para uma divisão sexual de trabalho rigorosamente dualista, com a mulher como principal nutridora emocional e física. As regras dessa construção de feminidade exigem que as mulheres aprendam como alimentar outras pessoas, não a si próprias, e que considerem como voraz e excessivo qualquer desejo de auto-alimentação e cuidado consigo mesmas. Assim, exige-se das mulheres que desenvolvam uma economia emocional totalmente voltada para os outros.

Segundo Alessandra Alves, ter saúde mental:

[...] é você conseguir fazer de qualquer lugar um lugar pra si mesma, mas acho que, sobretudo, é ter a si mesma como o melhor lugar pra se estar, qualquer que seja a situação ou qualquer que seja o lugar é você ser o seu habitat natural, conseguir se sentir bem [...]. Acho que pra mim talvez nunca vai ser perfeito mas é estar bem, sabe? É estar confortável consigo mesmo, conexão consigo mesma e se respeitando assim (Alessandra Alves, 2018).

Alessandra Alves, que ao ser entrevistada evidenciou o quanto passou a experimentar um modo de vida nômade como caminho de autoconhecimento e de encontro de caminhos na sua jornada, incluindo a dimensão profissional, traz uma leitura que conecta a saúde mental ao processo de ocupação de si, compreendendo que, para estar saudável, é preciso, antes de tudo, acolher-se, estar consigo, ocupando-se de/a si, com escuta, respeito e “conexão”.

Compreendo que seria mesmo essa possibilidade de saber-se, através dos encontros relacionais, dos processos solo, um mergulho nas dimensões corporais, acessando a integralidade desse corpo. Ouso dialogar com o conceito de individuação, jornada de tornar-se a si mesmo, como uma caminhada que se dá, ainda que não haja consciência, caminha-se para a expansão da expressão de si. Sendo assim, os devires da vida convoca-nos a confrontar as demandas externas, as regras sociais, o tempo cronológico, tempo de conquistas bem

definidas e lineares com o fluxo real da vida, com o tempo interno, com a ciclicidade que nos convoca a fechamentos e recomeços.

Segundo Amn ris Maroni (1998, p. 49) individualizar-se consiste em “[...] empreender luta perigosa, mas recompensadora contra os cont idos do inconsciente coletivo, diferenciando-se das fantasias dos arquétipos e complexos. Alcançar a vitória, diferenciar-se da psique coletiva   onde repousa o verdadeiro valor.” Ou, ainda, tornar-se uma unidade separada, diferenciada da sociedade e do inconsciente coletivo, o que consiste em um projeto radical de aprofundar a no o de individuo.

Alexandra Martins faz uma leitura rica ao indicar a rela o direta entre saúde mental e autoestima, entendendo a rela o com a possibilidade de amar-se, uma leitura que inclui o confiar em si, na condi o de sustentar os processos de mudança e crescimento: *“Acho que saúde mental, eu penso muito em autoestima, assim, n ? Quando eu penso em saúde mental eu penso estar bem comigo mesma, e estar bem comigo mesma também   estar bem com o mundo n ? Com a sociedade, com as pessoas em volta de mim.”*

bell hooks (2008, p. 188) em sua primeira frase de *Vivendo de Amor* diz:

O AMOR CURA

Entendo que hooks indica um caminho de repara o e constru o de um projeto de sociedade, pautado em valores que remetem ao respeito e ao cuidado, primeiro com rela o a si mesmo e, depois, para com o outro. bell hooks (2008, p. 188) segue: *“A nossa recupera o está no ato e na arte de amor.”*

O amor pode ser compreendido como “[...] a vontade de se expandir para possibilitar o nosso próprio crescimento ou o crescimento de outra pessoa,” sendo o amor uma inten o e também a o (M. SCOTT PECK apud hooks, 2008, p. 188) A autora afirma o enorme desafio de trilhar essa jornada por corpos afrodiaspóricos, marcados por opressões e explora es, e indica que o atravessamento histórico da escravidão condicionou as pessoas negras escravizadas a reprimirem seus sentimentos como estratégia de sobrevivência e que essa herança se perpetua e, ainda, faz-se necessária uma realidade sem escolha, diante das injustiças vividas e do racismo estrutural estabelecido.

Ao reclamar a necessidade de experimentar e nutrir o amor, hooks (2008, p. 196) convoca a capacidade de transpor a “sobrevivência”, indicando que, quando nos amamos,   possível experimentar outra qualidade de vida e de rela es.   preciso criar condi es para essa vida plena, em movimento: *“Para que esteja presente (o amor)   preciso que essa mulher decida se olhar internamente, sem culpa e sem censura. E ao definir o que vêm talvez perceba que seu interior precisa de amor.”*

hooks (2008, p. 198) avança, indicando que a socialização das mulheres negras se deu em direção ao cuidado com os outros, ignorando suas necessidades e, por vezes, uma “autodestruição”, abandonando as pessoas que lhes querem bem. O amor é essa expansão, que envolve crescimento, (re)criação. Faz-se necessário, assim, que possamos nutrir as terras mais profundas e daí, com o transbordamento, adensar um rio caudaloso de transformação pautada no bem viver e no cuidado:

*Quando nós, mulheres negras,
experimentamos a força transformadora do amor
em nossas vidas,
assumimos atitudes capazes de alterar
completamente as estruturas sociais existentes.
Assim poderemos acumular forças
para enfrentar o genocídio
que mata diariamente tantos
homens,
mulheres
e crianças negras.
**Quando conhecemos o amor,
quando amamos,
é possível enxergar o passado com outros olhos;
é possível transformar o presente
e sonhar o futuro.
Esse é o poder do amor.***

O amor cura.

Nesse sentido, Ana Paula Fiúza (2018) traz a importância da espontaneidade, da autenticidade em sua expressão no mundo: “*Saúde mental pra mim é poder expressar a minha forma de ser no social, de forma que eu não me julgue que outro me julgue. Que a expressão seja de uma forma espontânea, isso é bastante complicado.*”

Essa percepção dialoga, na Psicologia, com Humanismo de Carl Rogers, ao indicar que há uma dimensão muito curativa e própria do ser humano que é poder se expressar no mundo, preservando sua espontaneidade. Entendo que gozar da saúde mental é garantir a expressão de si no mundo. Ariana Silva também compreende a relação entre expressão, saúde

mental, incluindo a dimensão da criatividade e da ação, da materialização dos desejos, dos planos:

Você conseguir fazer as coisas, usar sua criatividade com o que você quiser, usar suas, suas habilidades da forma que você quiser. Pra mim, isso tá muito relacionado com saúde mental. Você conseguir realizar. E não é realizar algo que seja pros outros, é realizar coisas que sejam suas, pra você. Isso pode ser, sei lá (pausa) pode ser planejar uma coisa e conseguir fazer acontecer, ou pode ser. Sabe, cumprir pequenos objetivos por dia?(Ariana Silva, 2018)

Cristiane Lima indica que uma mente saudável, ter uma boa saúde mental, implica em estar aberta às mudanças de pensamentos e valores, trazendo a fluidez e o movimento como importantes para receber os devires:

Acho que uma mente aberta para o novo seria uma saúde mental. E desprovida desses conceitos fechados, [...] de pensar que existem verdades únicas, que existe só um certo [...] daquilo que você levou a vida toda acreditando que era correta, aquilo ali pode algum dia mudar, acho que isso é uma mente saudável (Cristiane Lima, 2018).

Para Alexandra Martins (2018), ter uma boa saúde mental: “*É eu poder sair da forma como eu bem quero e pretendo e sou e que isso não e que isso, as críticas com isso não vão me afetar. Né? Porque, tipo, eu tô tão bem que isso vai ser meio, tipo, um nada, assim.*”

Esse pensamento reitera a dimensão de conexão com os sistemas dos quais fazemos parte, sociedade, relações interpessoais. E traz uma dimensão relativa a essa autoestima elevada, ou nutrida, como entendo, caminho para existência com menos sofrimento, visto que as críticas terão uma repercussão diferente, não lhe afetarão. Aqui, entendo a dimensão de uma afetação negativa, destrutiva da existência diversa desse sujeito, de suas escolhas, o que reafirma padrões e normas de corporalidades, existências, comportamentos socialmente esperados que impactam na possibilidade de escolha mais fluida dos sujeitos, e que, por muitas vezes, dissemina ideias alimentadas por matrizes de opressão como o racismo, sexismo e LGBTQI+fobia, geradoras de violências e sofrimento psíquico.

Ana Paula Fiúza traz a centralidade dos sentimentos e emoções na sua vida, caminho de escolha em consonância com seu bem estar, com seus sentires:

Eu me considero uma pessoa muito sensível, porque eu não consigo fazer nada de que eu não esteja de bem com as minhas emoções. As emoções são um fator muito forte na minha vida [...]. Eu faço terapia desde quando eu entrei no mestrado, tenho avançado bastante, não só com a terapia, mas também a minha própria caminhada, porque eu busco pelo conhecimento desde sempre, né, através de leituras, no máximo que eu posso ir em busca pelo autoconhecimento eu vou. Então as transformações têm sido muito grandes, mas ainda tem muito mais pra eu ir (Ana Paula Fiúza, 2018).

Ela indica sua busca pelo autoconhecimento nas escolhas da vida e traz o marco do seu início na psicoterapia, quando estava cursando o mestrado. Reconhece seu percurso, no qual tem experimentado transformações, e que esse percurso segue, em processo de expansão. Pode-se pensar que o processo psicoterapêutico é um grande aliado na jornada de autoconhecimento, promovendo o acesso a camadas mais profundas do ser, a dimensões inconscientes. Promove o contato com dimensões da sombra – dimensão relegada, indesejada com base nos valores socialmente aceitos – e persona, aspectos relativos à função social, organizados egoicamente, adequados às demandas sociais, bem como o reconhecimento de recursos já ancorados pelo sujeito, desejos, na borda entre o indivíduo e os outros, entre outros movimentos, compreendendo que é uma ferramenta geradora de bem estar.

A interlocutora Maria Belga também destaca a importância da psicoterapia na sua jornada de autoconhecimento e de fortalecimento de sua autoestima, trazendo ainda uma experiência num formato diferenciado do comum, de uma sessão que acontece ao ar livre, em um lugar público, sem o enquadramento tradicional, e afrocentrada.

Maria Belga traz um relato sobre seu processo de separação conjugal e o impacto disso na sua saúde mental, indicando as questões de gênero envolvidas nisso, uma responsabilização e culpabilização que recai de modo geral sobre as mulheres:

Há dois anos, eu tava realmente muito transtornada, fiquei muito emocionada, e aí eu comecei também uma psicoterapia com uma psicóloga, uma psicoterapia afrocentrada, bem legal a técnica dela. Ela pega uma esteira, bota na grama, assim na UFBA ali embaixo das árvores, senta e pronto. É bem sem julgamento. Porque, foi uma relação de onze anos, então foi bastante... uma coisa que eu não esperava né? A gente tava degradando, degradando a relação, mas eu sempre pensava que ia dar certo, que ia melhorar.. enfim. Me ajudou muito a reconstruir minha autoestima né? Que é sempre a mulher que tá culpada, é sempre a mulher que foi a errada, é sempre a mulher que teve isso, que fez aquilo, que... Né?(Maria Belga, 2018)

Valeska Zanello (2018) discute como as tecnologias de gênero interferem nas construções subjetivas de mulheres e homens, tendo para as mulheres a centralidade de investimento na relação afetiva-sexual, estética corporal, referentes ao dispositivo amoroso e da maternagem (cuido direcionado para outrem). A autora indica o grande impacto experimentado por mulheres, de modo geral, diante de uma situação de briga ou rompimento em uma relação afetiva-sexual, enquanto para os homens os dispositivos da eficácia e eficiência, terminam por acarretar maior grau de sofrimento no que tange questões relativas à vida laboral e sexualidade.

Carol Barreto tece uma leitura valiosa, quando indica que o acesso à compreensão da saúde mental e implicações dos discursos sociais, midiáticos, mercadológicos, é restrito, a

uma parcela da população e não tem um aporte de leitura de realidade que inclua o atravessamento das ideologias dominantes, dos ecos das matrizes dominantes de opressão que promovam sensação de inadaptação e causam adoecimentos, a exemplo do campo de trabalho da interlocutora, a moda:

Hoje eu vejo essa saúde mental como um prisma mesmo. São tantas facetas, tantas facetas, né? E lamento muito o fato da gente ter pouco acesso a esse entendimento e entendo também, né? Desse viés mais analítico, o quanto isso é estratégico, ainda mais trabalhando com moda. A promoção do adoecimento mental é o que sustenta! O mundo da moda, do consumo, todas as aquisições que você precisa fazer para suplantar mil questões que você não quer resolver. Esse universo, o capitalismo vive do adoecimento. Precisa promover o adoecimento. A moda existe pra lhe adoecer, pra lhe desconectar, pra te colocar como inadequada no seu próprio corpo (Carol Barreto, 2018).

Na atualidade, são muitos os estudos que indicam essa indústria da beleza como geradora de necessidades, inadequações e necessidades de consumo, que se atualizam a todo tempo. Em minha dissertação (2015), trabalhei com essa temática, indicando o quanto o padrão de beleza hegemônico é causador de sofrimento e há o uso de recursos para adequação, mas também são realizados movimentos estratégicos e transgressões, no grupo de mulheres pesquisado. Destaco, aqui, o chamamento de Chimamanda Adiche, que vai na direção diametralmente oposta à convocação da indústria que visa a vender soluções para a adequação a padrões de existência, de beleza, de prazer:

A primeira é a nossa premissa, a convicção firme e inabalável da qual partimos. Que premissa é essa? Nossa premissa feminista: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”. Não “enquanto”. Eu tenho igualmente valor. E ponto final. (ADICHE, p. 12, 2017).

Chimamanda frisa uma premissa do feminismo que destaca que as mulheres têm valor. Igualmente valor, se pensarmos em relação aos gêneros, também se pensarmos em relação ao próprio grupo de mulheres, incluindo as existências trans, sem dúvida, e todas as outras possibilidades de existências e corporalidades.

Dessa maneira, vale ressaltar o caráter político da estética e o quanto os discursos nutridos pelas matrizes de desigualdade entrelaçam-se e atravessam sujeitos integralmente, repercutindo nos processos de saúde e doença:

O que é ser inadequada no seu próprio corpo? A gente passou isso com o cabelo, com pele, com mil coisas que a gente não se viu, mas imagina o que é ser obesa? Imagina o que é ser trans? Imagine o que é ser anão? Ou cadeirante? Então, implantação de inadequação em cima de inadequação (Carol Barreto, 2018).

Nesse ponto, Carol amplia ainda mais a discussão, trazendo questões relativas às opressões vividas por mulheres negras cisgênero e os privilégios experimentados, evidenciando o quanto a experiência de alguns corpos, a exemplo de pessoas obesas, de pessoas transexuais, combinam uma série de atravessamentos e violências, que vão desde o não reconhecimento de seus corpos em produções midiáticas ou referências negativadas, estereotipadas de suas identidades, corpos, desejos, além, ainda, da falta de acessibilidade à cidade, à dignidade, à saúde, entendendo que isso impacta diretamente na vida, na saúde do sujeito.

Acerca da experiência das mulheres negras, fica evidente o atravessamento do racismo em suas vidas, da falta de acesso aos direitos sociais, ao bem viver. Luiz Mello e Elaine Gonçalves (2010) indicam o quanto a assistência a saúde, ou ainda, as pessoas que prestam serviços na atenção a saúde – vale considerar também a formação com viés hegemônico heteronormativo e anti-diversidade – terminam por incorrer em violências e impossibilidade de uma assistência adequada e digna, diante dos limites da intervenção, quando se trata de corpos e desejos não heteronormativos. Ao passo que as profissionais reproduzem o discurso normativo, sem abertura para a emergência da demanda do sujeito em atendimento, muitas pessoas sentem-se constrangidas ou violadas e terminam por não apresentar suas reais demandas.

Fran Ribeiro faz uma leitura muito interessante ao apresentar a boa saúde mental como a ausência do “aperto de mente”, sentido no literal, experimentado pelo corpo, em todas as camadas do indivíduo, camadas essas totalmente conectadas aos sistemas em que a pessoa convive:

Saúde mental é não ter aperto literalmente (risos) ai eu acho que é uma série de coisas, né? Tipo ai gente numa sociedade tão pesada que isso acaba afetando tudo, isso gera estresse, isso gera tristeza, gera falta de confiança, eu acho que saúde mental é tentar ter um equilíbrio pra que essas coisas aconteçam, mas é também super influenciado pelos fatores externos seja relação com família, seja relacionamento afetivo com outra pessoa, seja amizade, seja as experiências que você passa no trabalho isso tudo (Fran Ribeiro, 2018).

Essa visão dialoga diretamente com o conceito de saúde compreendido neste trabalho, com um olhar amplo para a saúde, para a saúde mental. E, consequentemente, inclui um olhar crítico para a realidade social. Sobre essa habilidade de leitura social e suas implicações nas questões individuais, Fran Ribeiro complementa acerca do seu próprio processo de reconhecimento:

Eu acho que tá sendo um processo de aceitação, de você saber responder e de você saber identificar as opressões ou os processos complicados que você

tem passado e aí se abrir pra diálogo ou pra contestação ou agir pra que as coisas mudem de alguma forma, sabe?(Fran Ribeiro, 2018)

Fran Ribeiro traz uma dimensão da ação a partir das leituras. Após trazer a consciência, há uma responsabilidade em dar conta da questão, seja através do diálogo, através de outras ações, compreendo o lugar da contestação, da mobilização e articulação pessoal e grupal, no âmbito das lutas coletivas, como formas de transformação, de ação para nutrir caminhos de sentido e saúde.

A interlocutora Fran Ribeiro indica que o comportamento de apego a “determinadas coisas”, histórias e pessoas termina, por vezes, por gerar problemas, o que ela relaciona ao condicionamento à permanência e que ela compreende gerar medo de mudar, romper. Sobre isso, ela afirma que “*quando desapeguei de determinadas histórias, pessoas e situações, a vida fluiu sabe?*” e que, portanto, para ela a liberação do que não mais é frutífero trouxe bem estar e sensação de fluidez na vida. Os elementos trazidos referem-se ao movimento, que, simbolicamente, pode ser relacionado ao elemento vento e à deusa Iansã.

IANSÃ

Sopra o vento, Mãe

Vendaval de Axé

O tempo que tange o movimento, Oyá

Iansã, epahey!

Matamba de Luz

MatambaBalè

Matamba clareia

MatambaTopê

Serena Assumpção

Muniz Sodré (1988) em *O Terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira* apresenta diversas visões de diferentes etnias africanas acerca da “força”. Destaco, aqui, o **axé**, indicado por algumas interlocutoras como força experimentada em suas vidas, em suas dinâmicas sagradas:

Para os Yorubás, a força – denominada axé – é também um princípio-chave da cosmovisão. O axé, diz Juana Elbein, “assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e odevir. Sem axé, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital. Pode-se usar aqui uma explicação de Jung relativa a outro contexto: Não é supranormal. Mas o eficaz, o poderoso, o criativo. A

energia do axé acumula-se e transmite-se por meio de determinadas substâncias (animais, vegetais, minerais, líquidas), sendo susceptível de alteração, a depender das variadas combinações dos elementos de que se compõe. Há por tanto, vários tipos de axé (SODRÉ, 1988, p. 87).

Thalita Batuk (2018) falou sobre sua saúde mental e como é denso o processo de tentar resolver suas questões sozinha, o quanto não poder partilhar com muitas pessoas sobre suas questões “*vai sobrecarregando*” e indica essa totalidade de experiência que enovela o que é físico e o que é mental, que ambos se apresentam nesse corpo quando se demanda atenção, cuidado. Ela relata que tem uma prática de conversar consigo mesma e que não reconhece isso nas pessoas no seu entorno.

Deusi Magalhães (2018) aponta que a saúde mental é nutrida por uma jornada de “atenção com o seu sentimento, com as coisas que te incomodam”, indicando que, se não houver um movimento de escuta de si e de acolhimento dos sentimentos, bem como cuidado com situações de incômodo, haverá um impacto importante na vida do sujeito, segundo ela causando “amargura”, que termina por deslocar o incômodo, a insatisfação para relações, em momentos inoportunos. A interlocutora Ellen Carvalho (2018) indica que estar com boa saúde mental é “[...] conseguir dizer: eu tô feliz! É a pessoa conseguir dizer que está feliz, que ta bem. Dentro do bem para ela”. Compreende-se aqui que esse “bem para ela” relaciona-se à capacidade de escuta de si, e sustentar seguir numa jornada de construção de autonomia que garante que essa pessoa busque o que lhe faz feliz, descolando-se dentro do possível das demandas externas, padrões e expectativas alheias.

Deusi Magalhães (2018) trouxe, ainda, o quanto o ser humano tem um grande ganho e diferença de outros seres, mas que também é a sua “maldição”: o pensamento. Segundo ela, a maldição dá-se porque “ele também inventa história, ele aumenta as coisas”, o que, por vezes, atrapalha a conexão, a compreensão. A Psicologia Analítica¹⁸ convida ao reconhecimento de diferentes inteligências, trazendo luz para as inteligências: intuitiva, sensorial e do sentimento, compreendendo o pensamento como uma das e não a única forma de ler o mundo, fazer escolhas. Vale ressaltar que essa divisão também não tem fixidez, apenas uma forma de reconhecimento de *modos operandi* mais facilitados ou não para cada sujeito.

¹⁸**Tipos Psicológicos** referem-se à atitudes psíquicas (introversão e extroversão) e as funções (sensação, intuição, pensamento e sentimento). Segundo Hermelinda Pereira e Francisco Fialho (2014) as atitudes psíquicas se definem com base no sentido, na orientação da energia da libido, o movimento da energia psíquica na introversão é voltado para o sujeito, o indivíduo introvertido volta à atenção para o seu mundo interno. O movimento na extroversão é voltado para o objeto e o indivíduo extrovertido terá o meio externo como o orientador e ambiente de suas experiências. Jung indica que as funções psicológicas e pensamento e sentimento são maneiras alternativas de elaborar julgamentos e tomar decisões. Já as funções sensação e intuição são como as formas de apreender informações, ao contrário das formas de tomar decisões.

Laila Rosa (2018) diz que experimentar uma boa saúde mental é sinônimo de “consciência e equilíbrio”, e que as práticas de meditação têm ampliado sua consciência para atender-se a importância da saúde mental. Ela relata que a meditação convoca a um afastamento do mental, convidando a assentar e acolher os pensamentos: “Você observa, deixa ir e deixar vir, é esse o controle, o processo de desidentificação, né? De consciência, de acolhimento, mas também de liberação.” Ela relata que, quando os pensamentos ficam “turvos”, traz o corpo inteiro para o movimento, a exemplo de uma caminhada e diz: “o corpo ensina né?”

Abordagens corporais da Psicologia, a exemplo da Experiência Somática, destacam essa compreensão do corpo como centralidade de experiência, como fisiologicamente potente, sinalizadora dos desconfortos, das necessidades e o quanto essa escuta, por vezes, é ignorada, causando respostas criativas desse corpo, a exemplo do adoecimento.

Sobre o processo de adoecimento, pode-se compreendê-lo, através da Psicologia Analítica, como um caminho criativo corporal de diluição da questão, de digestão. As questões que afligem o sujeito, ganham corpo. As dores advindas das relações que cerceiam, que violam, apresentam-se, bem como as experiências de bem-estar se imprimem nas células:

Um paciente, por exemplo, que enfrenta uma situação intolerável pode ter espasmos cada vez que tenta engolir: “não consegue engolir” a situação [...] Poderia citar inúmeros exemplos deste gênero, mas estas reações físicas são apenas uma das formas pelas quais se manifestam os problemas que nos afligem inconscientemente. Eles se expressam, com muito mais frequência, nos sonhos (JUNG, 2008, p.26).

Laila Rosa indica, ainda, a dimensão medicalizante da vida, dos corpos, o que vem sendo pesquisado no campo da educação e saúde, a Medicalização da vida, dos corpos:

A gente vive na lógica da naturalização do adoecimento, da medicalização. Então, é a corda bamba, é você dar umas caidinhas pra os velhos padrões e aí você volta, porque você já sabe o caminho de casa. A saúde física também, a saúde afetiva, a inteligência emocional, tudo. E a espiritualidade, tudo! Cê sai mas você já sabe o caminho de volta, então você volta (Laila Rosa, 2018).

Essa posição dialoga diretamente com o que Laura Cardoso (2018) problematiza acerca da importância de ter tempo para ter uma boa saúde mental, para se aproximar do bem estar. Ela indica a necessidade de ter tempo para “[...] *sustentar a sua vida e as suas relações sem problemas, sem preocupações, se eu tenho tempo, conseqüentemente eu consigo fazer as coisas com mais tranquilidade*”.

F48.1

cura eh um processo de low-
cura

precisa de tempo tento
passar.

tatiananascimento, 2018.

Laura Cardoso trouxe, ainda, o quanto essa gestão do tempo relaciona-se ao ritmo de trabalho e de produção, à sua condição de musicista e à precarização da vinculação de trabalho, da característica de fluxos sazonais de trabalho, e, conseqüentemente, a instabilidade financeira. Indica o impacto disso na sobrecarga de trabalho, nas dinâmicas relacionais e que essa instabilidade repercute dificultando cuidados com aspectos da vida como a espiritualidade, família e amigos, compreendendo que esses aspectos são “[...] estímulo pra vida, o contato com as pessoas, a forma como você aprecia a vida, o mundo”.

Acaba que se eu não tenho tempo pra mim, também não tenho tempo pras minhas relações, isso gera outros problemas sabe, inclusive crise de relacionamento mesmo, dificuldades tantas e de questões psicológicas, na angústia do salário, a angústia de não ter uma segurança, a angústia de não poder ficar doente, angústia de não poder enfim, milhões de angústias, isso enfim, isso acaba que interfere no que eu considero saúde mental, no que é estar tranquila, conseguir viver uma coisa de cada vez, conseguir ter tempo pra vivenciar as coisas, conseguir cuidar das coisas que eu considero importantes, que é exatamente isso, ter uma vida que você consegue apreciar as coisas, consegue se conectar, né (Laura Cardoso, 2018).

A interlocutora traz exemplos de impossibilidades de acesso à arte, justamente pelo seu exercício enquanto artista, que, pela sua condição de trabalho, dificulta o acesso à arte. Traz como exemplo o cinema “[...] se o artista não vivencia a arte isso gera uma crise interna tão grande sabe, não poder apreciar a música, não poder”. Laura Cardoso indica, assim, uma contradição desse lugar de experimentar ser artista e o quanto esse fazer, na condição presente, a impede de viver a vida de forma mais fluida e cuidadosa consigo.

Ao ser perguntada sobre o que é saúde mental, Mafá Santos respondeu, a partir da sua experiência religiosa no Ifá. Relatou que, a partir dos seus estudos na religião/filosofia, passou a fazer escolhas melhores para si, aproximando-se de movimentos de autocuidado na sua alimentação e cuidados corporais:

[...] porque começou a estudar Ifá aí você fala assim: “Ah, margarina eu não vou mais comer margarina! A salsicha, como é que eu consigo botar a salsicha dentro do meu estômago, a energia daquilo está em mim, como assim?”, aí você começa a se afastar e a procurar coisas alternativas pro seu corpo, toda linda maravilhosa se cuidando, fazendo alongamento porque corpo precisa se movimentar, na verdade fazendo meditação porque a mente precisa estar tranquila, você precisa ter equilíbrio emocional [...] (Mafá Santos, 2018).

Relata que, após um período de manutenção das escolhas mais conscientes e saudáveis para si, passou por uma situação pessoal, por meio da qual terminou por abandonar esse

processo e passou por momentos delicados, abandonando esses cuidados, ficando sem se conseguir se alimentar durante dias, o que vem tentando reconquistar. Mafá Santos (2018) indica que passou a ter consciência de que não teve uma prática de autocuidado ao longo da sua vida, até o momento de encontro com o Ifá e encontros dentro da Universidade que a convocaram a olhar-se: “[...] descobri que eu me auto-saboto né, na vida e a saúde é algo que eu não nunca me importei”.

Nzinga Mbandi (2018) relata que, para ela a saúde mental é parte da saúde integral e que é o mais importante para manutenção da mesma: “[...] começa pela mente e se você não tiver com a cabeça boa, o resto todo não anda principalmente assim, você ter a mente fresca, vamos dizer assim, o restante você vai adquirindo.” Ela indica, ainda, que, para ter uma boa saúde mental, é preciso liberar-se de muitas cobranças. Relata que está aprendendo a relaxar com as exigências cotidianas, com os compromissos. Segundo Nzinga Mbandi (2018), é uma escolha do ser humano não lidar com as suas contradições, no geral, e o quanto isso impede que os sujeitos acessem o mal que fazem a si mesmos e o mal que podem fazer para outras pessoas e “[...] isso é um processo doloroso porque é mais fácil você querer colocar também a culpa de todas o seu adoecimento mental no externo e não ver também o seu papel no processo”.

O que Nzinga Mbandi traz dialoga diretamente com o conceito de individuação de Jung, já referido, que traz para a centralidade a necessidade de integração de tudo que se é, inclusive a parte indesejada, rechaçada socialmente, mas experimentada. E, ainda, uma dimensão de projeção, que nos indica que, quando não acessamos determinados conteúdos pessoais, do humano, deslocamos para o outro, trazendo para o outro a responsabilidade pelo incômodo.

Rabeca Sobral (2018) traz uma dimensão bem interessante de sua relação com a saúde mental e a experimentação da temporalidade, segundo ela: “*Eu entendo que isso me aliviou muito a entender de que o passado é interpretativo, o futuro é especulativo, mas o presente, ele é um presente, é um presente realmente*”. Nesse sentido, destaco a dimensão do Tempo, na cosmovisão Africana, como um conceito que muito tem a nos provocar e ensinar sobre uma forma mais fluida de relacionar-se com essa entidade:

Se nas sociedades modernas o tempo é orientado para o futuro, nas sociedades tradicionais o tempo é orientado para o passado. [...] É no passado que está toda sabedoria dos ancestrais. Somente no passado o africano encontra sua identidade. [...] A concepção de tempo africana é dinâmica e sujeita a reformulações e mudanças. Vive-se no tempo atual. A tradição é continuamente retomada e atualizada (OLIVEIRA, 2006, p.48).

Rabeca Sobral diz que é “[...] *como se a vida da gente, a nossa saúde mental, ela fosse também acontecendo a partir das relações, no processo das relações. Cada relação é uma oportunidade dessa experiência, de se conhecer, de conhecer a outra pessoa.*” Rabeca traz a dimensão interrelacional como campo no qual os processos de crescimento se dão, e a possibilidade de conhecer a si mesmo e se relacionar com a parença e a diferença se dão. O ser humano é conhecido como sujeito social. É em relação que se constitui sujeito, com o nascimento físico e o cuidado primário exigido das pessoas cuidadoras, o nascimento do ego e da consciência tecidos a partir das experiências relacionais com outras pessoas e o ambiente. Nesse sentido, Carl Gustav Jung referiu:

Sim, uma pessoa nunca é representada por ela mesma. Uma pessoa só é alguma coisa em relação a outros indivíduos. Só obtemos dela um retrato completo quando a vemos em relação a seu entorno, assim como não sabemos nada sobre uma planta ou um animal quando não conhecemos seu habitat (JUNG, 2005, p. 87).

Sobre o seu processo de ampliação de sua expressão no mundo, Rabeca Sobral (2018) indica que “[...] *tô saindo do armário, quanto a isso, sobre a minha arte, meu bem viver*”. Relata que coletou as poesias escritas desde a adolescência, que não tinha coragem de mostrar a outras pessoas, e que, na graduação, as usou para peças de teatro musical. Em sua tese, fez uso de escritos poéticos e musicais, e que, dentre seus projetos de trabalho, pode surgir um livro com a sua jornada poética.

Sérgio Brito (2018), ao ser perguntado o que é saúde mental diz que é sinônimo de “*organizar suas emoções, [...] ter certo equilíbrio em suas ações e até conter suas reações em determinados resultados ou ações dos outros sei lá, [...] ter saúde emocional*”. Relata não ter feito terapia e que entende que esse processo amplia o autoconhecimento do sujeito. Comentou que se sentiu muito convocado a pensar-se depois da entrevista, trouxe que sente-se com boa saúde mental, conduzindo bem a vida, e falou de áreas da vida como os estudos e as finanças: “[...] *consigo comprar comida, consigo estudar, consigo trabalhar consigo me relacionar bem com as pessoas então eu acho que vai bem.*”

Sérgio Brito assinala após ter falado sobre esses movimentos nos diferentes campos da vida o quanto viveu desafios, atravessamentos de classe e raça. Relatou que

[...] *sempre faço a retrospectiva minha primeira grande felicidade depois que eu vim para Salvador foi poder pagar o meu próprio ônibus sabe? Eu acho que isso é um divisor de águas, eu traseirei muito ônibus, eu passei muita privação claro que, tipo assim, tem gente muito pior né, obviamente, tem gente que passa coisa muito pior, tem gente que não come, passei sem almoçar, comer maçã na hora do almoço porque não tinha comida, enfim passei às vezes a gente acaba até administrando nossas dores e aprendendo com elas e se fortalecendo mas, eu sempre faço isso em casa... Como você tá*

hoje, volta um pouquinho para ver como era antes, ver como é que está agora eu consigo fazer essa avaliação sozinho sem ajuda de ninguém e me deixa bem, me deixa tranquilo (Sérgio Brito, 2018).

O interlocutor, como homem negro de periferia, apresenta como sua jornada, atravessada por dinâmicas de privação a acessos e o quanto vive conquistas na sua jornada. É possível relacionar a fala de Sérgio Brito à compreensão Valeska Zanello (2018, p. 236), ao falar dos dispositivos que interpelam e forjam o processo de subjetivação dos homens, destaca a eficácia e a eficiência, sendo o primeiro relativo à virilidade sexual e o segundo à virilidade laboral. É possível correlacionar a dimensão de satisfação, de realização do interlocutor, ao indicar suas conquistas no campo do trabalho, alcançando uma ascensão social. Segundo a autora: “O trabalho é um pilar identitário da masculinidade para os homens e é interpelado pela forma específica a eles.”

2.3 CATEGORIA JORNADA UNIVERSITÁRIA: ENCONTROS, FRAGMENTAÇÕES E POTÊNCIAS

*adesvio:
em caso de urgência, quebre o
protocolo
tatiana nascimento, 2018.*

Denise Vieira (2015), em “Alienação do Trabalho Docente? O professor no centro da contradição” faz um mergulho na história da universidade, com destaque para Universidade Federal da Bahia (UFBA), indicando os ciclos e desafios vividos até chegar nos dias de hoje, indicando os atravessamentos da lógica capitalista, neoliberal e burocrática no ambiente universitário.

As instituições universitárias se configuram como marco na história do Estado moderno, de modo que a Inglaterra, Alemanha e França têm essas instituições como orientadoras da política e economia que serão, em seguida, modelos para o Brasil. O sentimento de Universidade no Brasil surge, no final do século XIX, com a ampliação do ideal republicano, sendo a primeira Universidade brasileira fundada no século seguinte nasce no final do século XIX, junto ao crescimento das cidades. Constata-se que de modo geral, as Universidades foram espaço de formação dos quadros de dirigentes do Estado, bem como expoentes dos campos da economia, lideranças culturais, profissionais e do ramo empresarial. Acompanhando os tensionamentos vividos socialmente, os ciclos político-econômicos, hoje a Universidade atravessa uma crise, uma fragmentação em decorrência do neoliberalismo

(VIEIRA, 2015) e do momento político brasileiro que inclui cortes de verbas na educação e impactos crescentes na educação pública.

Segundo Denise Vieira (2015), a Universidade nasce de uma demanda de construção de conhecimento independente da Igreja e do Estado, mas o que ocorre historicamente é uma tentativa de controle, manipulação e cerceamento por trás destas instâncias. Desse modo, encontra-se em uma posição de disputa de poderes, de um emaranhado de interesses, e dependente financeiramente do Estado.

Em 1930 dá-se a criação das Universidades brasileiras nas grandes cidades do período; na década de 60, com o golpe militar vive-se um momento de enorme cerceamento, censura e perseguição, uma série de medidas, dentre elas a reorientação das grades curriculares, retirando componentes que fomentam a consciência crítica de modo direto, desvio de recursos da educação e outras tantas ações absurdas. Na década de 70, tem-se um momento de novo ciclo para estas instituições, com a ampliação muito significativa de Universidades Estaduais. Na década de 80 dá-se a emergência robusta dos movimentos sociais, momento de reabertura política, fortalecimento do movimento de docentes (VIEIRA, 2015).

A Universidade Federal da Bahia foi criada em 1946, reunindo as muitas Faculdades já existentes, dentre elas as Faculdades de Filosofia, Ciências Econômicas, Direito e Medicina. Escolho destacar a história recente da Universidade que através do Projeto “Universidade Nova”, sob direção do então Reitor Naomar de Almeida, pelo Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (Reuni), a UFBA realizou a ampliação da oferta de cursos, incluindo os cursos noturnos, que favoreceram o ingresso de estudantes de camadas diversas, bem como os Bacharelados Interdisciplinares (BI) que passa a ser uma forma de ingresso na Universidade por meio de grandes áreas, em dialogo com todas as áreas de conhecimento em uma proposta inovadora de articulação de conhecimentos – primeira Universidade brasileira com o regime de ciclos.

A filósofa Marilena Chauí tem se dedicado a pesquisar e dialogar acerca da Universidade, historicidade e papel social desta instituição, há pelo menos quatro décadas. Chauí (2003) convoca a sociedade a um enfrentamento da forma atual da instituição, nutrindo uma recusa à lógica capitalista instituída, o que a autora compreende analiticamente como uma racionalidade burocrática e organizacional.

Marilena Chauí (2003) faz uma leitura da Universidade enquanto campo de intervenção, sendo necessária a defesa de um modo de funcionamento democrático e que, portanto, se compreenda político. A autora indica que para tal, é preciso que a comunidade

acadêmica se comprometa com a democratização de saberes, ao invés de coadunar com uma prática autoritária e reforçadora do sistema de exclusões estabelecido socialmente.

Em longa análise, Marilena Chauí (2003) indica que a Universidade operacional é resultado da apresentação de uma forma atual do capitalismo, do neoliberalismo, experimentada após transição do período da ditadura civil-militar. A autora destaca como principal marca do neoliberalismo no Brasil, a redução do espaço público, incluindo direitos, ao passo que se deu o aumento do espaço privado de interesses, sendo experimentado no campo da educação com a privatização das Escolas e uma progressiva mercantilização da educação, desobrigando o Estado de garantir esse direito.

Marilena Chauí (2016) qualifica a Universidade Pública desse período de incremento do neoliberalismo como universidade funcional, sendo esta comprometida com rápida formação de profissionais, a fim de atender ao mercado de trabalho para fins técnicos. Para tal, a Universidade organizou-se para dar conta dessa demanda, refazendo seus currículos, reorientando suas atividades, o que segundo a autora causou uma fragmentação entre docência e pesquisa:

[...] universidade de resultados, isto é, sem preocupação com a qualidade da docência e voltada para a pesquisa, em conformidade com as ideias de eficiência, produtividade e competitividade, ou seja, adotando o modelo do mercado para determinar a qualidade e a quantidade das pesquisas. Finalmente, na terceira fase, (1994-2002), consolidou-se como universidade operacional, entendida como organização social e, portanto, voltada para si mesma enquanto estrutura de gestão e de arbitragem de contratos (CHAUÍ, 2016, p. 3)

Segundo Marilena Chauí (2003) a forma contemporânea do capitalismo é pautada na fragmentação de todas as esferas que compõem a vida social, incluindo os meios de produção, geradores de dispersão do trabalho (espacial e temporalmente) e fragilização dos referenciais que definiam identidade de classe e formas de luta de classes. A autora destaca que essa conjuntura acarreta experiências de desfixidez e instabilidade com relação à sociedade, formando uma rede móvel orientada por disputas definidas por estratégias, interesses e organizações particulares.

Nesse sentido, a flexibilidade e condição adaptativa institucional se torna estratégia de sobrevivência das instituições. A Universidade operacional, segundo Freitag (apud Chauí, 2016) é resultado da visão operacional, instituição que passa a ser orientada por:

[...] contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e dos objetivos. Definida e estruturada por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e à formação intelectual, está

pulverizada em microorganizações que ocupam seus docentes e curvam seus estudantes a exigências exteriores ao trabalho intelectual (CHAUÍ, 2016, p. 3).

Marilena Chauí (2016) indica ainda como esse contexto impacta os pilares da docência e pesquisa, sobretudo, sendo a docência reduzida à rápida transmissão de conhecimentos técnicos para fins de profissionalização e inserção do mercado de trabalho, deixando de lado o compromisso com a formação crítica e contextualizada. Bem como o campo da pesquisa que passa a ser cada vez mais fragmentada, comprimida no espaço-tempo, submetida a uma lógica produtivista e de financiamentos específica.

Denise Vieira (2015) destaca que a Universidade hoje não dá conta, com inteireza, de seu papel social, sua finalidade política que se refere ao fortalecimento do exercício do pensamento crítico criativo, e ainda, promover a aquisição de habilidades em consonância com o mercado. Há uma cultura da especialização e competência, baseadas no produtivismo, eficácia e rendimento.

A autora localiza as/os docentes no centro dessa contradição, em um desafio de equacionar tantas atividades, ensino, pesquisa e extensão e tantas demandas de ordem administrativa, burocrática, e ainda, uma lógica produtivista que coloca essa figura numa situação delicada de corrida contra o tempo e excesso de trabalho. A autora indica que a burocracia termina por esvaziar de sentido o fazer, e desarticula o trabalho individual. Assim como a Psicologia da Educação no campo da Escola, teoricamente superou a localização da pessoa docente como “culpado” ou principal responsável, Denise Vieira indica que por vezes essa figura termina por ser esse bode expiatório de um sistema, numa complexa rede de relações, ainda orientada pela ideologia dominante, elitista e branca, prevalecem interesses privados em detrimento de interesses da comunidade (VIEIRA, 2015).

Faz-se necessário destacar como operam as matrizes de desigualdades na comunidade universitária, tendo em vista o avanço rumo à democratização do acesso, em governos passados recentes, incluindo a política de cotas e a circulação de corpos outrificados na condição de discentes e docentes em maior número. Compreende-se que há um acirramento das disputas em torno das relações étnico-raciais, relações de gênero e sexualidade.

As ações afirmativas, ao serem implementadas, geraram um acirramento das tensões experimentadas. Nesse sentido muito se questionou sobre a intelectualidade de discentes que ingressaram por meio das cotas raciais e em decorrência disso, muitos estudos foram realizados e todos indicaram que o desempenho escolar das/os discentes cotistas revela-se igual ou melhor que a das/os demais discentes. Reiterando-se que esse é um espaço de direito,

completamente legítimo e bem aplicado, a sociedade brasileira teve então de reconhecer “[...] que os estudantes cotistas são tão humanos quanto os não cotistas.” (GOMES, 2017, p. 91).

Compreende-se que esse acirramento das tensões relaciona-se ao racismo, uma resposta ao ingresso mais significativo de pessoas negras no ambiente universitário. Ao falar sobre definições de racismo, Silvio Almeida (2018, p. 27), indica três concepções de difusão do racismo na sociedade: individual, institucional e estrutural, sendo elas relativas em sequência a: “a) a relação estabelecida entre racismo e subjetividade; b) a relação estabelecida entre racismo e Estado; c) a relação estabelecida entre racismo e economia”.

Entendendo que o racismo individual parte da dimensão mais estreita, interpessoal, o racismo institucional indica a reprodução disto nas instituições e políticas mediadas pelo Estado e o racismo estrutural revela uma dimensão macro, de ordem econômica. Compreendo a importância do destaque para a dimensão mais recente e ampla que é o racismo estrutural, porém, compreendendo que as outras camadas indicadas anteriormente podem ser compreendidas como outros níveis de experiências, ainda se fazendo importante explicitá-las, compreendendo a complexidade e o avanço do reconhecimento do racismo estrutural.

O racismo institucional revela as dinâmicas de poder dentro das instituições, dinâmicas estas que geram desvantagens e privilégios com base na raça social, visando manter a hegemonia da branquidade. Segundo Silvio Almeida (2018, p. 30), “[...] é no interior das regras institucionais que os indivíduos tornam-se sujeitos, visto que suas ações e comportamentos são inseridos em um conjunto de significado previamente estabelecidos pela estrutura social.” As instituições, de modo geral, são reprodutoras da ordem social.

O racismo estrutural indica ser racismo decorrente do *modus operandi*, pautado na norma social que organiza as relações de todas as esferas da vida, portanto, política, econômica, jurídicas e familiares, algo maior do que uma doença social ou uma questão institucional, ou ainda, sendo essas dimensões intercambiáveis, nutridas e atualizadas em todas as camadas.

Pode-se compreender que dentro das instituições Universitárias esses atravessamentos do racismo se dão, revelando-se em todas as camadas. Segundo Djamila Ribeiro (2018, p.3), “Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos.” Desse modo, pode-se compreender que os feminismos negros são deveras potentes e tem colaborações largas para o fortalecimento de projetos de universidades democráticas, dotadas de relações pautadas na democracia e no respeito á diversidade.

hooks (2013, p. 28) indica que ao estar inserida no mundo acadêmico, compreendeu que a instituição universidade está distante de um processo de autoatualização. Destaca que

antes a universidade era vista como um lugar para pessoas com “conhecimento livresco, mas inaptas para integração social”, um espaço historicamente burguês e de cisões; cisão entre mente e corpo, separação dualista entre as dimensões de público e privado, favorecendo que discentes e docentes desconhecêssem relações entre as práticas de vida e os hábitos experimentados nessa díade.

bell hooks (2013, p. 32) relata que em sua experiência discente, a maioria das/os docentes não tinha interesse em sanar dúvidas; tinham, segundo ela, um fascínio pelo exercício do poder dentro do território da sala de aula, que a autora nomeia “reinho”. hooks destaca que os discentes que encontra, estão ávidos por uma troca genuína que exigem mais de docentes, “[...] querem uma educação que cure o espírito desinformado e ignorante. Querem um conhecimento significativo.”

Alessandra Alves, ao falar sobre o ambiente universitário e relações interpessoais, indicou que observou em sua graduação, especialmente no Centro Acadêmico uma falta de atenção aos processos de saúde por parte das/os discentes, vivenciando processos de esgotamento.

Acho que falta um pouco mais de cuidado com isso, saúde mental assim e vai desde a maneira como as pessoas se comunicam até muitas vezes o que é demandado, sabe? Sim, tinha alguns amigos e eu conversava com alguns deles e eles se sentiam doentes, assim, sabe? Tipo fisicamente ou muito esgotados e principalmente emocionalmente (Alessandra Alves, 2018).

Alessandra complementa que havia uma separação na comunidade acadêmica que distanciava as pessoas praticantes de atividade física e as pessoas que estavam envolvidas com centro acadêmico, com a política formal.

Com a faculdade eu sentia às vezes que existia um racha assim, sabe? Por exemplo, o pessoal que era da atlética, que era muito mais ligado a esportes e atividades físicas e tinha o pessoal do centro acadêmico e eu sentia eles muito separados, uma coisa que me incomodava porque eu adorava praticar esportes e eu me envolvi muito com política, então eu não via porque separar isso, eu sentia isso muito separado assim e então, não sei, acho que as coisas se complementam, você não precisa escolher uma em detrimento da outra, assim.” Eu acho que no espaço acadêmico institucional falta atenção a esse tipo de saúde mental e vai desde as regras do jogo, às exigências básicas para você entrar num programa de pós-graduação até enfim, o decorrer do processo. Conversando com amigos que tão na pós, seja mestrado ou alguns que já tão no doutorado, enfim, uma cobrança muito grande desde carga de leitura até cobrança de artigo, aí faz estudo de campo, aí tem que ir pra congresso, aí tem que publicar. Eu acho que falta atenção à saúde e saúde mental em espaços acadêmicos. A minha brevíssima experiência acadêmica me deixou essa impressão assim, acho que é uma coisa a ser pensada (Alessandra Alves, 2018).

Eric Assmar faz uma série de questionamentos quanto a (im)possibilidade de difusão do conhecimento acadêmico em direção à sociedade de modo geral.

A produção acadêmica poderia ser uma coisa mais ampla né? Acho que é por aí que passaria esse esforço de tentar trazer isso pra outro público. Que eu acho ainda tão distante. Talvez por isso eu seja meio em crise, assim, me sentindo, escrevendo pra nada, sabe? Por mais que eu faça uma escrita no meu lugar, que eu me posicione, mas... (pausa). A sensação de que ninguém vai se interessar por esse negócio, que não alguém da academia sabe? (Eric Assmar, 2018)

Eric Assmar questiona ainda a naturalização do sofrimento e de processos relacionais e de trabalho geradores de mal-estar na academia. Problematisa a relação discente-docente e o próprio sistema educacional de pós-graduação, burocracias, cobranças, prazos, corrida contra o tempo:

Tem que falar sobre isso com as pessoas, não dá pra tomar isso como normal. Ah, meu orientador, minha orientadora pediu que eu fizesse blábláblá. Pô, mas tá todo mundo fazendo também. Então vamo lá!. Pera aí! Se tá muito difícil pra você, é porque tem algo errado! Fale, sabe? A qual foi naturalizada por conta desses cânones e que também, aí já envolve a questão institucional das agências de fomento, das instituições, das expectativas né? Coleta Capes, aquela coisa toda de... Existe uma cobrança do que a gente entende como produtividade, então vocês vão... Tem uma gincana (Eric Assmar, 2018).

Esta pressão experimentada na pós-graduação é geradora de sofrimento psíquico, por vezes desencadeando processos diagnosticados como depressivos. Há também uma indicação de um aumento do uso de fármacos, um fenômeno relacionado com a medicalização da vida e da sociedade, processo que favorece a patologização dos sentires e um olhar de responsabilização individual pelo sofrimento.

A pressão por produtividade, por exemplo, é compreendida como um tipo de violência simbólica exercida pelos participantes da instituição que podem ser técnicas/as, administrativos/as, professoras/es, colegas ou pelas políticas adotadas pelas agências de fomento. O modelo de carreira acadêmica não incorpora outras dimensões da vida real, como família, filhos, amigos entre outros, ou seja, outros relacionamentos que pressupõem outros tipos de uso do tempo (BITENCOURT, 2014. p. 461)

Eric Assmar elabora perguntas importantes para pensar o lugar da Academia no contexto atual:

Quanta coisa tem acontecido aí no mundo, nos últimos anos, né? Qual é o papel da academia dentro disso? Qual o papel da academia dentro de quem você é? Dentro de quem eu sou?" Esse exercício de reflexão, inclusive sobre si, é fomentado na Universidade? Deveria ser feito pela Universidade? Cada sujeito é quem faz? Como as subjetividades são forjadas? Quanto é da jornada de cada sujeito essa busca?

O interlocutor nos convoca a diversos questionamentos no sentido de fortalecer a direção do compromisso da Universidade, ou ainda, da comunidade acadêmica com a sociedade.

Patrícia Passos Sampaio (2016) em sua investigação de doutorado dentro do campo da Saúde Coletiva: *Ser (In)Feliz na Universidade: Sofrimento/Prazer e Produtivismo no Contexto da Pós Graduação Em Saúde Coletiva/Saúde Pública*, discute dimensões caríssimas a esse estudo. A autora indica que ao passo que o ideal neoliberal adentrou as Universidades, na década de 90, implantou-se uma lógica gerencialista e mercantilista. Como mecanismos desta lógica, foram implementadas metas de produtividades, bem como sistemas de avaliação dos resultados gerando adensamento da competitividade entre os pares e individualismo. Criou-se o produtivismo acadêmico.

Segundo Patrícia Sampaio (2016) essa mudança gerou grandes impactos na autonomia, saúde e liberdade no contexto universitário. A autora assinala que esse contexto favoreceu a precarização do trabalho docente, intensificando a demanda de produção, flexibilização, e ainda, a universidade instituição que historicamente tem um compromisso com a autonomia intelectual e de produção de conhecimento (atravessada pelas matrizes de desigualdade), passa então a responder às demandas do mercado, com foco, sobretudo, na produtividade.

Assim, as Instituições de Ensino Superior adotaram um paradigma gerencialista, mercantil e produtivista para se manterem vivas, nutridas por uma racionalidade instrumental. Eric diz também da relação com o tempo e ao vasto acesso às informações e fluidez das teorias, leituras de mundo; seria para ele, esse o lugar de maior dificuldade na pesquisa acadêmica atualmente: “[...] isso torna o trabalho bem denso, assim. É cansativo, complicado. Eu diria que essa é a minha maior dificuldade com a pesquisa acadêmica, mais do que me expressar do meu lugar assim”.

Sérgio Brito, traz sua experiência enquanto doutorando, e os questionamentos que nascem dessa expectativa de uma produção, uma autoexigência, que parece trazer um grau de sofrimento. Quando pergunto acerca da sua saúde, ele fala diretamente do processo acadêmico, das questões que surgem dessa dinâmica de um fazer acadêmico que transita pelas atividades de leitura e escrita. Sérgio fala do seu cotidiano, sua jornada como estudante, em processo de escrita e cursando componentes curriculares, como professor, como musicista, mas que sente que não produz tanto quanto deveria.

Acho que minha saúde vai bem, às vezes eu, às vezes eu fico pensativo em relação à minha produção, mas vamos falar como está minha saúde: me

pergunte de novo para eu lembrar o que eu ia falar primeiro. Pronto, pronto, eu vou chegar logo lá porque eu acho que é bem isso, a minha saúde enfim, com os meus estudos é boa, mas vira e mexe eu mergulho no terreno de incerteza, não são incertezas em relação ao doutorado, doutorado vai acabar tese e meia com tese 80%, tese 100%, no final você faz um formato final termina aos trancos e barrancos, mas obviamente que qualitativamente você quer dar o melhor sempre. Eu quero que minha tese seja a tese, que tipo 'pô cara', diga 'pô velho, esse cara fez uma tese massa'. Mas qual o terreno que eu tô falando?, às vezes eu penso: gente eu tô conseguindo escrever? Tem dias que eu não consigo escrever tem dias que eu não consigo ler, e isso acontece. Tem dias que eu fico em dúvida sobre. Às vezes eu sinto que eu não estou produzindo muito por mais que eu esteja fazendo muita coisa, estou fazendo disciplinas que são fora do meu campo, eu tô lá em música fazendo disciplina, aqui em tecnologia fazendo como ouvinte porque a minha matrícula não permitiu que eu fizesse porque era a matrícula para graduação, mas como minha matrícula doutorado eu não poderia pegar por que na hierarquia minha matrícula é maior, mas, tipo, poderia pegar, matriculei lá enfim pelo menos eu tenho crédito lá, enfim. Mas mesmo sem ter o crédito eu tô fazendo por que acho que dentro dessa pesquisa essa abordagem é importante e o que é que eu sinto: que eu tô fazendo coisa demais, mas que eu não sei se vai ter efeito no final por mais. Mas que pareça que vai ter; às vezes fica a incerteza será que vai ter efeito no final? Será que vai dar certo esse negócio? É tranquilo, assim no geral eu sou positivo eu não sou um cara que ando na bad. Eu sou sempre, a minha projeção é sempre para cima, eu acho isso pelo perfil não sei se eu escolhi ou se foi escolhendo. Eu vi que eu escolhi viver que é de continuar meus sonhos, de ter um objetivo sempre maior que é de continuar estudando. Se eu continuar estudando, você não vai estudar pra fazer mais do mesmo, vai querer fazer melhor, fazer um pouco melhor, ter resultados um pouco mais significativos. Então, eu não fico na bad, eu digo ó vai rolar ou tá massa tipo eu consegui fazer uma coisa legal, tipo eu consegui escrever um trabalho que eu não esperava escrever não aprovou no encontro, mas aí eu tipo fiquei triste na hora, mas depois não beleza tem que analisar o que foi que faltou aqui para que não fosse aprovado só bate aquela pilha quando reprova uma vez, duas, tem alguma peça que vem depois do computador que ta errada, mas não gera um sentimento de digamos de incapacidade geral digamos um sentimento que eu tenho certa dificuldade em algumas coisas, na escrita no geral, no tipo de abordagem às vezes (Sérgio Brito, 2018).

Ele traz ao longo da sua fala o significante “incerteza” diversas vezes e se mostra inseguro com relação às escolhas do momento presente, indica que tem dúvidas se suas escolhas colaborarão para uma produção mais robusta, para a produção final da tese. O interlocutor assinala que tem dificuldade com a escrita acadêmica comum, mas que tenta manter uma postura positiva e aprender com os impasses. É possível inferir que enquanto homem negro há uma exigência para reconhecimento e legitimação mais robusta. Esse sentimento aparece também em falas de mulheres negras que trazem o lugar de sofrimento dentro da academia, com as exigências e violências vividas.

A interlocutora Jorgete Lago fala da pressão dos prazos na pós-graduação e sua percepção de como isso impacta na vida das pessoas, e as cobranças que são adensadas pela

agência de regulação e fomento à pesquisa. Traz ainda, o quanto foi difícil seu processo de finalização da tese, em virtude de prazos de suas licenças como docente, além do prazo do programa que cursava.

Aí na UFBA com as colegas são os prazos, a pós-graduação acima de tudo porque nada, nada na graduação elas dão um prazo maior de finalização do curso e você tranca e tudo mais você ainda tem né, pelo menos mais uns quatro anos de integralização do curso, você tem um tempo um pouco mais dilatado, mas na pós graduação não tem, os prazos são curtos e aí claro, né! São cobranças que vem a nível né do próprio CAPES que aí passa pelos programas de pós graduação, passam pelos professores e tem que chegar até a ponta que são as docentes e os docentes e aí eu também passei por isso. Minha agonia final quando eu já tava né extrapolando o prazo eu tava muito preocupada com isso também que além da minha finalização da UFBA eu tinha minha a finalização das minhas licenças aqui eu precisava também voltar no prazo não era só com UFBA que eu tinha compromisso, eu tinha mais dois compromissos aqui, isso realmente me deixou porque já para finalização do doutorado e da tese eu já não fiquei muito bem aí já comecei a ficar mal me refletiu muito já um pouco na minha saúde física, mas há uma pressão e realmente não tem um acompanhamento. Eu no caso tive que me virar aqui, buscar ajuda, busquei médico naturalista paguei uma nota de tratamento para finalizar porque eu vi que eu já não tinha mais condições de agir sozinha, estava me impedindo de finalizar aquilo né, mas os professores não tem né, muitos não têm, alguns tem uma parte mais humanística, tentam compreender e ser mais como é que a gente diz?(Jorgete Lago, 2018)

Cristiane Lima discorre acerca das demandas da graduação como impactantes em sua rotina, uma sobrecarga de leitura e de componentes por semestre, para dar conta do tempo previsto para o curso:

Essa questão da carga de leitura pra mim gerou um impacto muito grande porque, primeiro quando você tem uma grade que você pega cinco, não obrigatoriamente, mas você pega cinco pra se formar dentro daquele período lá médio, teria que pegar cinco disciplinas, eu não teria como dar conta, dentro do meu limite, das cinco disciplinas do meu curso, de fato seria muito... Eu teria que escolher, ou eu faria isso nas coxas ou então ficar oscilando, um semestre pega quatro, outro semestre eu pego três, outro semestre pego dois e aí eu vou variando, mas que em parte tem acrescentado muito pra mim, não só as disciplinas, mas conviver com os colegas, que acaba você fazendo algumas avaliações e com alguns professores são difíceis mesmo, são muito difíceis de conviver, que você no início do curso. No segundo semestre pensei até abandonar, mas disse "Não, não vou abandonar porque não sou a primeira nem vou se a última", depois quando fui conversando com os colegas você percebe que o problema não é só seu, que você não está sozinha naquela situação, que existem outras pessoas sabe, aí comecei a perceber, "Nossa senhora, como esses professores são problemáticos!", aí você vê lá um colega que você acha que é o "bambambam", mas que está ali sofrendo até muito mais que você, aí meu sofrimento não é só, eu não estou sozinha, e quando você senta pra desabafar com um grupo de colegas que está passando pela mesma situação que você, você pensa: É...! Eu não sinto solidão, acaba que nossa relação é de fortalecimento né, de desabafo, que teve um dia que sentou um grupo de

quatro e a gente começou a... Cada um começou a falar das suas, então tá certo eu não estou realmente na coisa da minha cabeça, o problema não é só meu, porque é difícil né. Porque eu tenho dificuldades né, claro que vem de base, mas que com muito esforço eu estou conseguindo levar, mas tem hora que... Pegam pesado né (Cristiane Lima, 2018).

Indica-se que há um sofrimento importante experimentado também na graduação.

GRADUAÇÃO
 PROVA
 ARTIGO
 SEMINÁRIO
 MOVIMENTO ESTUDANTIL
 LATTES
 GRADE CURRICULAR
 PDF EM CELULAR
 BARZINHO
 ABNT
 TCC
 ORIENTADOR
 STRESSE
 PROFESSOR
 O SEMESTRE
 ACABOU
 (Adriele do Carmo, 2018).

Apesar de todo processo desgastante, Cristiane traz a compreensão de escolher viver o curso com investimento e tempo para se nutrir dos processos, dos encontros, em um ritmo distinto do previsto, esperado, mas com sentido, com consciência do aprendizado processual e do respeito ao seu próprio ritmo. Importante registrar que em meio aos questionamentos e sensação de inadequação e impossibilidade de seguir no curso, um grupo de estudantes se percebe experimentando a mesma realidade e se fortalecendo nesta grupalidade; pode-se pensar em uma rede de apoio.

Cristiane Lima, mulher negra, indica também o quão problemática e dificultadora dos processos de ensino-aprendizagem tem sido a maioria das relações experimentadas nessa díade discente-docente, e ainda, experiências geradoras de sofrimento e adoecimento. Traz em sua experiência a dificuldade de lidar com “professores pedantes”, bem como o clima de competição não saudável vivido na comunidade acadêmica, ao passo que traz também o aprendizado adquirido. Para além do machismo, do androcentrismo, historicamente experimentado neste campo da educação formal, com destaque para o ambiente e carreiras acadêmicas, alia-se o racismo, operando de modo combinado dentro desse universo, deixando em situação de maior vulnerabilidade, mulheres negras.

A universidade é um mundo né, então quando você entra primeiro nessa questão da relação, porque quando você entra na universidade pública,

você vê que as relações na verdade, as pessoas, primeiro partem pra relação de competitividade, pra mim essa é uma relação muito ruim, de competitividade, porque muitas vezes eu vejo que não é sadia, que a gente pode estar nessa relação de competitividade a partir do momento que seja sadia. Me trouxe na verdade algumas, de suportar coisas que passam, ser mais atenta com certas coisas, não ser mais maliciosa, mas ser mais atenta a certas atitudes, isso contribui, né. O desafio de enfrentar vários professores pedantes principalmente no meu curso. Isso pra mim está sendo um impacto positivo, porque eu estou aprendendo a testar os meus limites, uma coisa que eu não sabia fazer era isso, eu tinha medo de ir em frente. Porque eu tinha medo de saber até onde eu poderia ir e isso a universidade contribuiu muito pra mim, nessa questão de testar os meus limites, saber até onde eu posso ir, o que eu sou capaz de suportar e o que eu não tenho capacidade de suportar, isso a universidade me deu. Então isso foi muito positivo (Cristiane Lima, 2018).

Dessa forma, a interlocutora Cristiane Lima indica que apesar de todos os desafios e questões experimentadas, compreende que há um ganho que vem crescendo e se desenvolvendo a partir de todos os envolvimento. Essa postura diante da vida pode ser lida como resiliência, sem excluir a importância da discussão e disputa por transformações sociais. A colocação da interlocutora parece coadunar com a síntese elaborada por Audre Lorde (1994, p. 83):

*Pensei numa maneira africana
de compreender a vida:
como uma experiência a ser vivida,
ao invés de um problema a ser resolvido.*

Laurisabel da Silva, mulher negra, narrou uma situação muito delicada vivida na sua graduação, falando deste lugar de graduanda como um lugar de maior vulnerabilidade. Destaco que as três que cursaram e uma ainda graduanda no curso de música trouxeram questões muito delicadas atravessadas pelo sexismo e racismo na relação com docentes. Laurisabel fala do impacto disso na sua trajetória durante a graduação, que inclusive, mudou de curso “para fugir” do professor:

No mestrado e hoje no doutorado ok, foi tudo, as relações são muito mais leves, mais tranquilas, as pressões rodam porque, sobretudo quando a gente é bolsista, só faltam matar a gente, né? De vez em quando a gente quase morre, produção, não sei o quê, sobre tudo em um momento de avaliação alguma coisa assim, mas é muito mais acolhedor muito mais compreensivo. Na graduação eu passei por uma situação muito séria de assédio moral. Eu tinha um professor do bacharelado e a gente tinha, era uma turma nas aulas de instrumento (o bacharelado é de formação em música e orquestra) e esse professor tinha um histórico de assédio moral, mas não resolvido naquele momento em 2004. Quando entrei, ele foi quem ficou com a gente e a gente sofreu. No primeiro momento ele passou um período fora e a gente ficou com outro professor que era muito legal, que acolheu a gente na turma, até ele voltar. E quando ele voltou, ele começou a praticar uma série de ações de agressões, de humilhação em sala de aula. Ele nunca agrediu fisicamente, mas ele gritava. Comigo ele nunca gritou, mas eu vi, eu vi ele

gritando com as outras colegas, outras mulheres e negras e aí hoje eu fico pensando se não tinha a ver com isso também. Naquele momento a gente pensava que era só porque ele já tinha um histórico de assédio moral com outros alunos e alunas, não só com mulheres, mas naquela situação e a gente achava que era por isso, mas agora pensando desse tempo para cá, pensando nisso, também não tinha isto serem mulheres, serem negros, para de repente até dar uma relaxada nele e ele achar que ele podia fazer, que não ia dar em nada. E quando a gente começou a questionar, ele começou a fazer coisas piores. Assim, ele não preparava a gente para, ele dava uma peça para estudar, às vezes uma peça além das possibilidades técnicas da gente, às vezes não, normalmente, essa além das habilidades técnicas da gente e nas aulas eles não faziam nenhuma correção, não fazia nenhum trabalho para que a gente conseguisse vencer aquela dificuldade técnica. Marcava o recital, chamava o diretor da unidade, o chefe de departamento e botava a gente numa situação de extrema humilhação. Enfim, botava a gente pra tocar algo que a gente não tinha possibilidade nenhuma de fazer, como ter uma testemunha de que as loucas éramos nós e não ele. Alguma coisa nesse sentido e aí ao invés da gente parar, a gente continuou, a gente continuava denunciando, a gente foi as mais diversas instâncias da Universidade. Aí chegou a ir a pós-graduação, mas não houve resolução, então a solução foi, no meu caso eu mudei de curso, eu fui para licenciatura para fugir dele. Continuei tocando minha flauta, estudando, mas era para fugir dele, para não ficar nessa situação. Hoje ele é aposentado, aposentado na Instituição, mais uma situação que durou um ano e meio dois anos, mais ou menos. Até a gente resolver entender que não ia conseguir nada e naquela altura já tinha outra turma, já tinha entrado outra turma além da gente, tinha mais dois meninos que passaram por situações similares. Acho que talvez menos, não sei, menos drásticas, mas eles também falaram que iam com a gente nos órgãos da universidade e também entraram com processo, porque eles também sofreram assédio de uma certa medida e também não conseguiram nada, ele era professor titular e, como dono da cadeira, era como se ele fosse praticamente Deus. Não tinha, não havia quem parasse. No máximo rolava uma reunião de colegiado pedindo para gente ter paciência, para voltar com ele, mas a gente estava sendo além de mal formado, assediado, sofrendo psicologicamente com aquilo tudo. Não tinha como continuar naquela situação, eu mudei para licenciatura e formei em licenciatura. As outras meninas, uma delas eu acho que por meio desse ano depois de 12, 13 anos. Formou ano passado, 12 anos depois e a outra foi para a Católica também para o curso de música, mas foi para a católica. Pois é, parou na gente, pelo menos porque eu acho que nós fomos as únicas e os únicos a nos mobilizarmos de fato. Mobilizar a universidade, a falarmos, entrar com processo e tudo mais. Porque os outros antes iam, conversavam com outro professor que acolheu a gente, ele acolhia as pessoas e ficava por isso mesmo. Então acho que a partir da nossa, acabou na gente, porque ele depois não teve mais nenhum aluno de graduação, não sei por que, a universidade resolver de alguma forma desse jeito e depois ele aposentou. Mas foi muito sofrimento e fiquei com a mente, para mim, sobretudo foi adicionando a tudo que já era da minha natureza e isso de me sentir assediada e não me sentir respaldada. Eu conversava com as outras professoras e professores, inclusive porque era histórico, era recorrente. Apoiavam mas dizia que não podia fazer nada porque era professor da cadeira Parará Parará, e aí todo processo: vá pra uma instância maior e tal... Mas o bom que passou, acabou e eu não sei como é que estão esses processos na UFBA. Mas eu tenho visto várias vezes e uma pesquisa de mediação de conflitos, uma denúncia sobre violência institucional, sobre

perfil socioeducativo também. Várias coisas eu tô vendo e tô achando massa. Espero que situações como essa não se repitam. Respondi a essa pesquisa com essa situação, na esperança de que isso não aconteça mais, de que se um professor se comportar dessa forma com aluna, que ele seja no mínimo no mínimo advertido de uma forma incisiva: se você continuar a fazer isso, vamos ter que tomar uma providência mais drástica, processar, tirar da cadeira e que não seja passado adiante, deixar para que outro professor resolver. A instituição que tem que fazer isso (Laurisabel Assil, 2018).

A interlocutora Laurisabel Assil faz um relato de situações graves de violência vividos em sua graduação e indica as dificuldades de acessar meios de proteção e encaminhamentos justos para a situação.

Segundo Silvana Bitencourt (2014) a fase do doutorado é compreendida como uma etapa que exige dedicação exclusiva para a investigação, adequando-se ao *habitus* acadêmico que garante a sua participação. Há um discurso comum de que esse período requer exclusividade que uma prática científica demanda. Compreende-se que há uma competição em nome de uma disputa de autoridade científica, que se relaciona ao poder social e à competência científica. Essa conjuntura desencadeia sofrimento psíquico que termina por se desdobrar, por vezes em adoecimentos mais severos, por vezes em sintomas mais isolados. Como indicado por Bitencourt (2014), há um crescimento de diagnósticos em depressão e ansiedade em pessoas universitárias pós-graduandas.

Ao falar sobre os processos dentro do mestrado e doutorado, a interlocutora traz uma expressão que denota viver um grau de pressão grave “[...] só faltam matar a gente”, ao se referir à condição de bolsista. Laurisabel Assil, diz ainda da dificuldade do andamento institucional após denúncias dos assédios vividos por ela e pelo grupo, e traz a compreensão que algo institucionalmente precisa ser mudado para que haja mais eficácia em interromper condutas desse tipo.

Neste sentido, Laura Cardoso também evidencia a importância dessa relação docente-discente. Para ela, docentes precisam se responsabilizar, agir de modo mais consciente, compreendendo o impacto subjetivo de seus comportamentos, exigências:

[...] porque acho que a universidade, ela se constrói muito com base nessa relação entre esses dois setores (estudantes e professores) e eu acho que falta uma responsabilidade maior nesse entendimento, o que a gente vivencia muito na faculdade é uma relação de poder e uma relação de exigência meio descabida, meio despreocupada com as reais questões dos alunos, daqueles que vivenciam aquele espaço né, então assim acho que falta mesmo uma relação mais emocional com as coisas que a gente faz sabe, o professor, ele precisa entender que não é só o conteúdo e a exigência do resultado sabe, acho que também existem outras coisas que perpassam essa formação né, então a faculdade de música por exemplo, a maioria dos estudantes de música já trabalham ou com música, ou outras

coisas, a gente tem uma realidade bem diversa lá, mas normalmente as pessoas já trabalham, já fazem outras coisas, as vezes esse nível de exigências aí, as próprias relações que se estabelecem no âmbito acadêmico, elas são muito segregadas e muito de uma exigência meio opressora as vezes, às vezes essas relações de poder elas trazem uma instabilidade emocional pra esse ambiente, que não precisaria existir se a gente tivesse uma relação de mais cuidado e de mais responsabilidade enquanto ação né, os professores precisam ser responsáveis por aquilo que eles instigam nos alunos, por aquilo que eles exigem dos alunos, existe uma responsabilidade social, cultural, histórica nesses ambientes sabe, então assim, o professor que não tem essa dimensão da vida da mulher na sociedade, das implicações disso na sua formação, é um professor desconectado né, que nem sempre vai conseguir realizar um trabalho que eu julgo digno, de entender que a mulher muitas vezes é mãe, muitas vezes é trabalhadora, a mulher tem as suas questões, tem as suas dificuldades, então um professor que chegue lá e se coloque como facilitador desse processo de educação, desse processo de aprendizado e de troca, ele acaba se colocando no lugar do professor opressor que diminui, que exige a um nível que não é possível corresponder sabe, ou exige de forma agressiva as vezes, porque enfim essas relações de poder que se estabelecem, essas relações de poder são muito instáveis, então o professor exige de uma forma agressiva, a pessoa, o estudante as vezes não consegue corresponder essas expectativas por questões de várias ordens, tanto questões de vida e de dinâmica de vida mesmo, dinâmicas sociais, dinâmicas trabalhistas, mas também dinâmicas mentais e psicológicas, então o aluno as vezes não tem condições de corresponder com aquilo, muitas vezes eu já passei por isso por exemplo, na faculdade né, já paguei colegas pra fazer trabalho pra mim porque eu não tinha condição de fazer, condição emocional de fazer, porque quando a gente lida com arte a gente está lidando com criatividade né, a gente está lidando com o processo artístico, ele não é mecânico, você não cria uma coisa assim na sua cabeça ó “Puf” fazer uma música, se você não está bem consigo mesmo, se você não se sente acolhido em um ambiente, como é que você se comunica e se relaciona com esse ambiente? Como é que você cria nesse ambiente entende, então durante anos do meu curso eu tive extrema dificuldade de compor, por exemplo, nesse ambiente que muitas vezes me chegava de forma agressiva, então assim, muitas vezes, todas as minhas notas em composição são assim cinco, seis entende, passando raspando porque era a condição que eu tinha de me relacionar com aquele ambiente, de conseguir me comunicar com ele e de conseguir compor e de conseguir trazer a minha identidade, trazer o meu discurso musical, e de ser acolhida nesse discurso musical, e de ter um processo educacional que facilite o meu desenvolvimento, ao invés de podar o meu desenvolvimento, ao invés de me diminuir, ao invés de me deixar insegura, então isso foi uma coisa que foi muito forte pra mim dentro da faculdade, essa minha crise eterna de conseguir me colocar nesse espaço como a pessoa que eu sou, como compositora, arranjadora, instrumentista estou aqui fazendo as minhas coisas “Olha professor, aqui a minha letra!”, a minha letra ela é emotiva mesmo, ela é espiritual sim, porque essa é minha identidade, isso é o que eu carrego sabe, mas ter seus discursos diminuídos, ter o professor chegar e dizer que isso aqui está errado, mas está errado porque, poxa é uma letra, tá errado porque fala de quem eu sou? Então assim, é muito delicado, é muito sutil, mas é muito agressivo também sabe, mas não só sob minha perspectiva, mas da perspectiva dos estudantes em geral, eu acho que falta uma responsabilidade, porque os professores sabem dessas questões né, são pessoas instruídas, são pessoas que tiveram oportunidade

de ter esse tipo de debate dentro da universidade, esses debates são muito vivos dentro na academia, mas as pessoas não se abrem mesmos por outras questões né (Laura Cardoso, 2018).

Assim como Laurisabel Assil, Laura Cardoso indica dimensões bastante delicadas das relações entre a díade professor (e aqui no masculino, indicando um forte atravessamento das relações de gênero) - discente mulher. Indicando a reprodução de um discurso-prática sexista, no sentido de subjugar, outrificar experiências de mulheres – num ambiente historicamente masculino.

Laura Cardoso reforça uma dimensão deveras importante do fazer docente, ao destacar o quanto o/a docente tem uma função social extremamente importante, que por vezes é definidora na trajetória acadêmica do sujeito – para a potência ou para o adensamento de sofrimentos – e o quanto deve haver uma leitura ética desse papel e uma responsabilização profunda pelas atitudes como tal. “No sentido mais profundo, sonhamos todos não a partir de nós, mas a partir do que está entre nós e o outro.” (JUNG, 2005, p. 94). Neste trecho Jung indica a centralidade do que há entre as pessoas, da dimensão relacional como espaço fértil para imaginarmos e sentirmos, ampliando aqui a dimensão do sonho, para além de uma experiência individual de emergência de conteúdos inconscientes, mas, compreendido também como possibilidade de imaginação e criação de um projeto de sociedade desejado.

Ana Paula Fiúza relata acerca de sua saúde mental em meio a uma sociedade adoecedora, excludente e de seu processo de resistência, contato com sua potência. Refere-se a uma dimensão perigosa da exclusão da subjetividade dos processos acadêmicos, o que também vê em outros espaços, adoecimento e medicalização. Ana Paula Fiúza cita um processo de sofrimento vivido durante o mestrado, “picos de ansiedade”:

Minha saúde mental vai bem na resistência. Existem “n” fatores pra eu “pirar”, mas eu estou na resistência buscando sempre aprendizado desses “n” fatores que querem me levar pra um lado negativo, mas que eu estou resistindo e fazendo o que me é positivo. Bem, eu percebo assim, que essa questão da saúde mental, a gente é... A nossa subjetividade ela é muito reprimida na Universidade e isso causa alguns transtornos. Não só na Universidade, mas na maioria dos espaços. E aí eu percebo pessoas que... É clara que existem pessoas que precisam ser medicamentadas, mas tem pessoas que eu vejo que só tem uma subjetividade reprimida, mas que tá ali se medicando, tomando altas doses de remédios, sendo que a questão dela seria outra. Mas eu não estou desfazendo da medicina... Uso de medicamentos para quem precisa, mas tem pessoas que eu vejo que não é o caso. Eu por exemplo, eu tenho TOC. Eu arranco cabelos. Quando eu tô com pico de ansiedade vai mesmo. Então, agora nesse processo, na busca pelo meu Bem Viver, eu estou fazendo tratamento homeopático e está surtindo efeito. Durante o processo da escrita (da dissertação), foi... Eu criei buracos na minha cabeça. De ficar sem comer (Ana Paula Fiúza, 2018)

Segundo Silvana Bitencourt (2014), em estudo realizado acerca do processo do doutoramento, as suas interlocutoras doutorandas apresentaram muitas dificuldades em lidar com medos, ansiedades, inseguranças sobre seu desempenho no processo e gestão do tempo. E ainda, o uso de psicofármacos se apresentou uma forma mais simplificada de lidar com as questões, entendidas como atitudes objetivas para lidar com os sentimentos indesejados, rejeitados socialmente (anti-produtivos).

Para a psicanalista Maria Rita Kehl (2009) os problemas de ordem emocional são entendidos como ameaçadores no que tange à construção de projetos individuais, o que ocasiona um uso exacerbado de psicofármacos. Segundo a autora, os valores que orientam a sociedade capitalista ocidental inibem as pessoas ao processo reflexão, incluindo a auto-reflexão. As emoções passam a ser lidas com estranhamento e indesejadas, ao passo que a racionalidade convoca a uma preocupação apenas com os fins. Assim, Silvana Bitencourt (2014) adverte que nessa lógica produtivista acadêmica, os sujeitos também são enredados por uma ausência de reflexão e atravessados por conflitos, e muitas, são diagnosticadas com depressão ou ansiedade.

Alexandra Martins, que tem um trabalho solo como performer, é palhaça e pesquisa sobre coletivas de mulheres artistas apresenta uma série de questões acerca do olhar da academia para as Artes, para o próprio fazer artístico. Ela vem de uma formação em Artes Visuais e traz uma problematização para a forma como as Ciências Sociais e o próprio NEIM se relacionam com a arte, compreendendo como entretenimento, sem o reconhecimento da potência do campo das artes, e sem a inclusão da produção como pesquisa, intelectualidade:

É porque eu tô num departamento de gênero, né? Que tá muito ligado às Ciências Sociais. E eu acho que, das Ciências Sociais, Filosofia e Serviço Social. E eu acho que é um campo que ele vê a arte, muito como entretenimento. Muito como: “ah, a gente não tá fazendo nada, vamo ver aquela apresentação artística ali pra gente relaxar”. E às vezes, os trabalhos não são pra relaxar, assim, sabe? Não é pra relaxar, assim. Quando eu coloco as velas das minhas costas e eu danço para os mortos, aquilo não é pra relaxar. É para os mortos verem. Os vivos tão vendo porque estão ali, mas não é pra relaxar. Porque eu não relaxo, então não é pra relaxar. Então, eu acho que hoje, no meu departamento, que também, ele é um departamento de gênero, então ele é ligado a esse campo, que eu acho que não trata a arte com uma seriedade ou com uma potência que eu acho que ele é. Trata como entretenimento, trata como, um extra, trata como um espaço pra encaixar as sobras, entendeu? Não trata como pesquisa. Né? Não vê como pesquisa. E aí eu faço muito esse paralelo porque, no campo das artes, quando eu fiz, e eu fiz, é, especialização em artes também, nas artes visuais. Cara, tipo, sei lá, o meu trabalho de pintura era ao meu projeto de pesquisa. Entendeu? Tipo assim, a gente vê a arte de outra forma, dentro da academia sabe? Não é aquilo, tinha gente que fazia pra passar de ano mesmo. Né? Isso sempre rola. Mas tinha esse tipo de

discussão, né? De como pensar. Isso que eu tô fazendo hoje, atrelado com a sociedade, porque não dá pra produzir fora dela, enfim. Eu tava num departamento que artes que ele não é só um departamento só de feitura, só de criação, mas a gente pensava aquilo que a gente faz. Inclusive, trazendo outras referências, lendo teorias, tal. Então, é bem diferente, assim, né? Então, às vezes eu sinto falta no meu departamento, e no meu campus, que é o de São Lázaro, desse tipo de visão assim, sabe? Mesmo assim, de ver a arte como algo mais potente, mais sério e menos pra colocar na parede, porque é bonitinho? Mas de ver o quanto aquilo é poderoso, aquilo também é precioso e aquilo é um processo de pesquisa, também (Alexandra Martins, 2018).

Em sabedoria proverbial, Hampâté Bâ traduziu o “simbolismo” e o “psiquismo” do corpo africano em provérbio de tradições bambara e peul: “As pessoas da pessoa são numerosas no interior da pessoa”. Esse provérbio incide no núcleo da concepção de corpo em culturas afro. A imagem proverbial enuncia que cada corpo contém ou é habitado por muitos: desde divindades e ancestrais (que vivem em costumes, tradições, artes, ofícios); as demais integrantes da comunidade com quem dividem atividades, saberes, patrimônios, até seus descendentes, aos quais transmitem e atualizam ciências, histórias, hábitos, rituais, modos de vida. Em culturas orais, corpos constituem-se em suportes da memória e para transmissão/recepção de mensagens, valores, imaginários, os corpos desdobram-se em sons e performances” (ANTONACCI, 2014, p. 114).

Maria Antonieta Antonacci (2014) avança ao indicar que diante de pessoas que habitam a pessoa, essa borda fica borrada, sendo estes corpos, em alguma medida, corpos comunitários, relativos à memória, às dimensões da espiritualidade e garante a preservação das vidas das pessoas em relação. Sendo estes corpos afrodiaspóricos reencantantes da vida, expandindo, atualizando seus legados, reverenciando suas histórias. Pode-se pensar que as artes afrodiaspóricas e ameríndias são grandes territórios de partilhas dos saberes destes corpos, ainda renegados pela ideologia dominante, indicando a potência dos fluxos de saberes síntese que esses corpos-potência criam:

Expressões acústicas, coreográficas, cinematográficas, literárias vêm sustentando arqueologia de saberes na contracorrente colonial e racial, vitalizando diferenças, ampliando entrelaçamentos culturais, desafiando processos que tentam subjugar a singularidade histórica de povos, culturas e lugares. No local, são emitidas vozes e formas de compreensão que as culturas não, mas estão em processo de Relação. [...] (ANTONACCI, 2014, p. 35)

Alexandra Martins relatou uma experiência vivida no departamento, na qual organizou uma extensão com duração de um semestre que contou muito mais com a presença de estudantes de outros departamentos. Indica o adensamento dos fazeres no campo do

Artivismo e como isso vem acontecendo nos últimos anos, exemplifica falando do Fazendo Gênero que reservou um grande espaço para a arte.

A gente organizou “Roda, arte ativa”. Né? Que foi um, que aconteceu por seis meses, a gente chamou, é, algumas, tipo que artistas pra fazer, tipo que um bate-papo e tal, “nãoseiquê” assim. Em termos institucionais a gente mobilizou, artisticamente, o departamento. E foi interessante porque as pessoas que foram, muito poucas, eram do nosso departamento. Muito poucas, assim. Tive umas duas, três, no máximo. Eram do departamento de Gênero, eram do NEIM mesmo. Teve gente que foi, que era de Comunicação, que é da Artes, é, um grupo indígena foi em peso, assim, sabe, em peso, na discussão sobre as mulheres indígenas. As mulheres do PET, elas foram em peso assim, sabe? Deram um “puta” gás. Assim, então, mas do meu departamento mesmo não foi quase ninguém. Mas a gente tava lá, tipo que mobilizando, dizendo “oh, tamo aqui, tamo querendo”. E eu acho que o departamento perde porque tem um termo que tá se crescendo muito, que é o termo do Artivismo, né? Eu fui pro Fazendo Gênero agora, eu participei da Segunda Mostra de Arte e Gênero. Expressão de arte né? Eu tinha já participado da primeira em dois mil e quatorze. Não, dois mil e doze, dois mil e treze, e teve agora no ano passado, então, sei lá, cê pega o Fazendo Gênero que é um grande evento, que é um seminário, tipo, em termos acadêmicos, né? É um dos maiores, é, um dos grandes espaços de reflexão acadêmica, tinha um espaço que era só sobre arte, passou por um processo seletivo bem pesado, tinha uma galera lá muito boa, viu? Tinha uma, porra cara, eu conhecia a, né? Tipo que artistas que em dois mil e dez eu já tava ouvindo falar delas no meu curso de artes. Tipo: “ah, é fulana. Tem um trabalho tipo tal, massa!”. E eu conheci ela lá. E eu falei: “porra, então a gente”, sabe? E isso é legal, porque começo a ver que é, ela que é um nome de referência no campo das artes, ela também tá dialogando com gênero, assim como eu entendeu? Então eu falei: “porra, então eu acho que eu tô bem!”, entendeu? Eu falei “porra, tô com uma galera massa”. Entendeu, assim? Então foi um processo que foi bem, bem funil assim, a galera trouxe uns trabalhos muito bacanas. E não só, mas no Desfazendo Gênero, que é um outro evento também que é super importante dentro dos estudos de gênero, em especial do nordeste, né? Porque ele só fica no nordeste, você teve preço mais barato, tipo assim, você teve incentivo pros artista (Alexandra Martins, 2018).

bell hooks (2013), em “Ensinando a transgredir” problematiza as práticas pedagógicas em salas de aula feminista, indicando que apesar de uma abertura inicial para novas práticas na atualidade, de modo geral, deixou-se de lado esse compromisso com uma pedagogia comprometida com a partilha e com a inovação. Compreendo, que nesse ponto pouco se avançou também nas leituras possíveis da potência da experiência artística como possibilidade de ação, de transformação pessoal e coletiva.

Sobre os processos de saúde na Universidade, Alexandra Martins diz que não sentiu mal-estar nem viveu experiências localizadas como potencializadoras da saúde, diz do seu lugar de mestranda, destacando a sua relação com sua “desorientadora” Laila Rosa, que lhe traz um contraponto, com sua postura “tranquila”. Diz ser esse lugar de relação responsável

maior pelo seu bem-estar nesse processo de jornada e produção acadêmica. Destaca o quão adoecedora pode ser essa relação orientador(a)-orientando(a):

Eu não senti experiências de saúde. De saúde, experiências de Bem Viver, de saúde na universidade. Também não senti mal-estar. Talvez, em alguma disciplina ou outra, algum professor ou outro eu, tipo que senti assim. Mas não, não foi tão doído, assim. Acho que isso lá também porque eu tenho uma desorientadora que é muito tranquila, e acho bom porque eu sou meio que agitada. Então, se ela, então enfim. Se eu vejo ela calma, eu meio que me acalmo. Entendeu? Eu acho que se ela me agitasse, eu ia ficar mais agitada ainda, entendeu? Eu acho que isso me tranqüiliza, de alguma forma. Sabe, isso me deixa mais calma pra eu fazer as coisas no meu tempo, no meu processo. E aí, eu acho que isso causa oitenta, noventa por cento do meu Bem Viver na faculdade né? Porque eu tenho lido várias coisas sobre mestrado, sobre doutorado, de pessoas muito, tipo morrendo mesmo, sabe? Tipo as falas das minhas amigas com os orientadores, com as orientadoras, é bem pesado. São bem pesados! Eu falo “porra, velho, eu não tive esse tipo de experiência”, entendeu? Eu acho que isso, sei lá, me dá oitenta, noventa por cento do meu espaço de saúde. Né? Porque, mesmo que eu tenha tipo alguma experiência ruim com algum professor, ou alguma fala que foi absurda com algum outro professor, aquilo não me afetou de alguma forma ao ponto de eu ficar, tipo, que doente assim. Eu fiquei doente fora da universidade, e foi por vários motivos. Né? De socialização, de vida. Eu fiz quatro mudanças em quatro meses né? E isso não tem a ver com a universidade, mas afetou o meu processo acadêmico. Fato. Afetou. Não tem como não afetar (Alexandra Martins, 2018).

Ariana da Silva fala da academia enquanto lugar de práticas institucionais que não pensam, incluem o Bem Viver, mas que os grupos de discentes e docentes criam grupos que incluem essa perspectiva, ela traz a sua experiência de encontro com o Bem Viver, a possibilidade de falar e ser ouvida:

A universidade em si, eu acho que não é um local que propicia é, o Bem Viver... Mas tem grupos que fazem, entendeu? Mas... Não é que a universidade não é o local certo. É que a universidade, na verdade, pra mim, pra mim especificamente, é a negação de tudo isso assim, né? É aonde você, você sei lá, a universidade universaliza o ser humano, cê perde sua, sua subjetividade. Como é que você lida com pessoas que são diferentes, sendo que são universais, assim? Então acho que não é o espaço, mas eu vejo várias tentativas de construir isso. Sei lá. A Feminária, por exemplo, isso é muito importante, a Feminária, que é o nosso grupo de pesquisa né? De você poder ir falar sem ter ninguém te cortando toda hora, sabe, de você conseguir colocar pra fora? Pra mim, isso é muito Bem Viver, é porque a gente vive sendo silenciadas, vive sendo caladas a todo momento. E a gente acaba, sei lá, no meu caso que sou preta, a gente é calada pelos brancos, pelos heterossexuais, a gente é calada pelos homens, a gente é calada por outras mulheres brancas. Você poder ir num lugar que você fala sem te interromper, eu reparei isso é, faz pouco tempo assim. Convivendo mais de perto com um amigo que é gay, preto e gay. E aí, o fato dele nunca me deixar terminar uma frase, assim, nunca! Nunca, eu não consigo conversar com ele sem terminar uma frase sabe? E aí tipo, cê vê que esse poder falar sabe? Poder colocar algumas sensações pra fora, é importante. Apesar de a gente nem sempre querer falar (risos) a gente chega lá e fica todo mundo

com vergonha. Mas a gente poder falar, tipo, tira muita coisa de dentro da gente, assim, tira... Coloca muita coisa pra fora que se ficasse lá dentro, talvez fosse bem prejudicial pra gente. Então, depois de conviver muito tempo com esse amigo, eu falei: “gente, eu preciso falar! (risos) Ele não vai me deixar falar!”. E daí cê percebe que alguns espaços são, são propícios pra isso. Mas eu não acho que a universidade seja um lugar que propicie isto, apesar de ver pessoas e grupos tentando criar isso aqui dentro. Dentro da universidade (Ariana Silva, 2018).

A interlocutora Ariana Silva (2018) diz sobre a dificuldade de falar em determinados espaços, inclusive num ambiente de sala de aula com condução feminista, indicando um atravessamento importante do machismo, ainda que realizado por um homem não heteronormativo. Pode-se pensar que em espaços feministas, de modo geral ocorre uma disputa de poder entre discentes homens e mulheres, reproduzindo o machismo ainda que as masculinidades não sejam hegemônicas. Ou ainda, entre discentes homens e docentes mulheres, outro reflexo das relações de gênero. A interlocutora Ariana Silva destaca que não compreende a Universidade como esse espaço que se propõe ser democrático, propiciando circularidade de fala, participação e construção coletiva, mas indica que há um movimento de tentativa de criação deste espaço dentro deste espaço.

Sobre a jornada acadêmica, Ana Paula Fiúza aponta uma perspectiva relacional importante, fala da centralidade do poder nas experiências relacionais na universidade e da sua dificuldade em lidar com isto. E ainda, problematiza ao ser questionada, o que é ser uma mestrandia, qual tipo de comportamento ou corpo é reconhecido enquanto acadêmico:

Mas o poder é algo muito complicado pra mim, eu tô aprendendo agora. Mas o que eu percebo na maioria das pessoas é que elas sabem lidar com o contrário. Que elas sabem muito bem lidar com o poder, mas não estão atentas para situações mínimas. E eu vejo pessoas uma ferindo as outras e passando por cima como se isso não fosse nada, como se o mais fraco é que se sente mal e fica aquela disputa, aquela competição pra ver quem é melhor. É claro sim que as minhas emoções não são compatíveis com esse movimento, e o meu grande desafio é desenvolver estratégias de ocupar espaço de poder, que não seja esse poder que existe. Eu estou aprendendo agora, através do autoconhecimento, que há forma de ocupar o poder sem essa forma negativa em que eu estava concebendo. É... Esse é meu grande desafio atual. E aí... E tudo isso começou no Rio quando eu fui fazer uma seleção, agora em dois meses em que uma amiga falou pra mim assim: “que eu nem pareço que tenho mestrado, que eu num... Num sei ocupar espaço de poder”, e aí eu fiquei me interrogando “o que é ocupar espaço de poder?”. Existe padrão pra ser mestra? Pra se portar na rua? Como é? Como é que funciona isso? Então, esse é um desafio atual pra mim.

Fala de um corpo amefricano, de uma forma de se comportar distinta daquela adequada por um conjunto de signos da branquidade. Entende-se então, que alguns desses signos, supondo ser alguns deles as roupas, o modo de falar, o uso de determinados recursos que demarcam *status*, são demandados, sobretudo de corpos não-brancos. A interlocutora

indica ainda que a universidade, nas relações de modo geral, há pouco investimento de cuidado e da ética, pouca abertura para viver a dimensão dos sentires.

A interlocutora Ana Paula Fiúza (2018) indica ainda, o quanto experimenta na vida, sobretudo no ambiente acadêmico uma experiência de convocação externa para a cisão corporeamente-espírito, humano e natureza, razão-sentimentos e o quanto internamente experimenta deste outro lugar.

*Sim, nós (os pretos) somos atrasados, simplórios,
livres nas nossas manifestações.
É que para nós, o corpo não se opõe
àquilo que vocês chamam
espírito.
Nós estamos no mundo.
E viva o casal humano-terra! [...]
Caso-me com o mundo!
Eu sou o mundo!
O branco nunca compreendeu esta substituição mágica.
O branco quer o mundo.
Ele se considera o senhor predestinado deste mundo [...]
Estabelece entre ele e o mundo uma relação de apropriação.
Mas existem valores que só se harmonizam com meu molho.
Enquanto mago,
roubo do branco
“um certo mundo”,
perdido para ele e para os seus.
[...] Aliás, nossos homens de letras nos ajudam a vos convencer.
Vossa civilização branca negligencia as riquezas finas,
a sensibilidade [...]
Eu me assumia como o poeta do mundo.
O branco tinha descoberto uma poesia
que nada tinha de poética [...].
O branco, por um instante baratinado,
demonstrou-me que, geneticamente, eu representava um estágio.
[...]. O branco estava enganado, eu não era um primitivo,
nem tampouco um meio-homem,
eu pertencia a uma raça que há dois mil anos
já trabalhava o ouro e a prata [...]
(FANON, 2008, p. 116-119)¹⁹*

Faz-se necessário articular esse padrão para ser mestra, acadêmica ou intelectual, entendendo os possíveis atravessamentos de raça, classe, gênero, comportamento, que articulados formam uma imagem esperada, corporificada de uma pessoa reconhecida como acadêmica. Carol Barreto traz exemplos diversos da deslegitimação do seu corpo na condição de docente, como mulher, negra e jovem.

¹⁹*optei por modificar “homem” por “humano”

Digo também desse lugar, marcadores estes que também atravessam Ana Paula Fiúza e nos apresentam uma negação do reconhecimento das nossas inserções acadêmicas. Como professora, vivenciei inúmeras situações no ano de 2018, e em experiências anteriores, questões disparadas inicialmente internamente e outras tantas, externamente. Destaco uma das situações, que em uma turma deste semestre, uma estudante me pediu que eu avisasse sempre que chegassem porque a turma que estava aguardando não me via passando. E prontamente devolvi com uma pergunta: Porque será que não vêm meu corpo? Ela ficou reflexiva.

Ao falar da minha experiência, trago a potência deste lugar da comunidade universitária para o encontro com a diversidade de corpos, subjetividades, compreensões, articulações com a arte e o quão potentes foram esses encontros, apesar de pontuais, muito mais presentes nesse momento de formação. Sinto que passo toda minha jornada nessa tentativa de costura de tudo que me encanta, me convoca e foi na Universidade, ainda é, que tenho a possibilidade de articular tudo isto, dentro dos espaços feministas, sobretudo. Sempre quando houve arte, sempre quando houve também afetividade nas relações dentro da sala de aula, pra mim foi muito fluido e produtivo. Mas confesso que esses momentos foram uma parcela bem pequena dentro da quantidade de tempo que eu passei em sala nesses últimos anos.

Trago ainda a dificuldade de viver a inserção ainda adolescente na graduação, acrescento o quanto foi delicado para mim esse momento de descoberta de quem era, das minhas identidades, de me relacionar com as pessoas. Parece-me evidente o processo de construção de um lugar mais confortável academicamente, que começa em um lugar de desconforto, medo, inadequação e caminha na direção de afirmação do meu lugar de fala, das minhas escolhas, reconhecimento dos meus propósitos de vida e trabalho.

Débora Campelo diz que a Universidade oferece esse contato com a arte e processos libertadores “em pequena escala”, e que isso vem crescendo, mas por uma iniciativa não institucional, ela cita os grupos de pesquisa como esses espaços de práticas que acolhem o sujeito de forma mais integral. Diz ainda na dificuldade de acesso a estes processos em decorrência das condições de vida, de uma dinâmica de trabalho intensa, estudo noturno (no momento, sem frequentar as aulas) e cuidado com sua filha, sem uma rede de apoio que possa contar para ficar com ela à noite. Desse modo, o acesso fica bastante restrito para estudantes do turno noturno, que em sua maioria trabalham durante o dia e não têm como participar das outras atividades:

Tem alguns espaços que tem meditação, yoga e acho que já tem um ano, dois anos, que tem alguns movimentos nesse sentido. Alguns são com

valores baixos e outros são gratuitos. Agora é complicado pra quem trabalha, pra gente que já trabalha, enfim. Fica muito mais complicado. Se você configura isso no horário, no momento, no horário que realmente acontece seu curso, isso pensando, não vou nem pensar em mim, mas pensando no geral. É muito mais complicado dar conta, porque, principalmente pra quem é noturno né? Pra quem é noturno, tudo é mais complicado. Porque como é que eu vou acessar? Normalmente, as pessoas trabalham o dia inteiro, e saem dos seus trabalhos e vão pra faculdade. E é aquele tipo de aula tradicional né? Onde você fica preso, sentado ali o tempo inteiro. E sai e é tudo muito corrido. Então, talvez se tivessem disciplinas voltadas pra essa questão, mesmo que o curso seja um curso de, enfim, administração ou contabilidade, ou até mesmo o bacharelado de gênero, mas que a gente tenha acesso a outras disciplinas que possam contemplar algumas coisas nesse sentido. Por que não trazer uma disciplina de dança em que possa trabalhar algum tipo de conteúdo? Enfim... ou teatro, ou algo desse tipo. Dá pra você trabalhar e fazer essa conversa. Mas isso não existe, né? Dentro. Acho que poderia ser oferecido como disciplinas optativas e seriam uma forma de trabalhar um pouco com isso. Mas não... Eu acho que hoje em dia é difícil acontecer. É disciplina, né? Escasso (Débora Campelo, 2018).

Destacando que a interlocutora Débora Campelo vivenciou essas experiências em grupos articulados ao NEIM e pode-se inferir que é um espaço mais propício para isso, destacando uma abertura maior no campo dos Estudos Feministas para participação e expressão de mulheres. Indica-se que carecemos de discussões que pautem a ampliação de acesso a atividades e na Universidade de estudantes que trabalham e/ou são.

Ellen Carvalho, graduada em psicologia e em música, psicóloga na Universidade, traz um dimensão crítica acerca dos cursos de graduação em artes, como espaços cerceantes e pouco abertos para nutrição do potencial criador das pessoas cursistas:

Eu acho que o estudo das artes ainda é um estudo, assim, muito opressor. Sabe? Não é porque a gente tá em área de artes que todo mundo é legal, todo mundo é colaborativo, não é assim. (pausa) Isso é um pouco decepcionante. Porque você ter um professor carrasco num curso de Engenharia é ridículo, mas parece esperado socialmente, não sei. Dentro de um curso de Artes é assustador, pra mim, sendo bem preconceituoso com a área de exatas né? Coitados. E rola isso sabe? Muito. Então, as artes não se tornam uma livre expressão né? Não se torna um processo bacana de se expressar, de não... Tem muita coisa chata ao redor dessas artes. Todas elas, todos os cursos de Artes. Eu já conversei com vários estudantes e tudo, e eles sentem a mesma coisa. Ai, então a universidade, ao invés de ser catalizadora né? Do potencial artístico de uma artista que entra ali, e todo mundo que entra é artista porque todo mundo fez prova, né? Todo mundo já tava apta como artista. A gente, como a gente costuma dizer, a gente vai estudar em nível de terceiro grau, só isso. Mas já tem todo mundo, já é obrigado a ter uma vivência artística antes de entrar, em qualquer curso. Na UFBA é assim né? (pausa) Então ao invés de você potencializar o artista, eu vejo que castra muito, é horrível! Muito difícil você ver artista que dentro da universidade se tornou ainda mais... Muito difícil. Tem. Mas é muito difícil. E... Falando como trabalhadora né? (Ellen Carvalho, 2018)

Ellen Carvalho também traz uma leitura riquíssima sobre a realidade da comunidade acadêmica e os cuidados em saúde mental, questiona o lugar da Psicologia e como a gestão acadêmica termina por não priorizar ações de cuidado ampliado para a comunidade. Indica ainda como tem sido crescente a mobilização estudantil para ampliação de ações institucionais de cuidado e como isso tem tensionado e mudado a realidade acadêmica:

[...] porque eu sou psicóloga da universidade, eu recebo essas pessoas, sou eu que trato todas elas: docentes, estudantes, funcionários. E, assim, te falo: a universidade é muito adoecedora! Muito mais adoecedora do que salvadora. É triste isso né? É triste. Muito triste, porque em tese você tá num lugar de tantos conhecimentos e era pra ser divertido, era pra ser legal, era pra ser interessante, rico. Logo: saudável! Mas não é, infelizmente. Infelizmente a universidade é um lugar muito adoecedor. E é por isso que eu fico triste, como trabalhadora. Por exemplo: eu sou psicóloga, pô eu estudei velho! Estudei pra tá ali! Não sou ali porque sou bonita. Estudei! Fiz um concurso, entende? Então, se eu estudei, não foi só porque eu fiz um concurso, mas porque fiz uma faculdade. Estudei. Então, chega a baleia e me diz que a parede amarela da UFBA faz ela ficar doente. Chega você: “oh, a parede amarela da UFBA me faz ficar doente”, aí chega o copo, todo mundo: “a parede amarela da UFBA me faz ficar doente”. Logo, o que eu concluo? Parede amarela tá com algum problema! Não é a baleia, nem... Você chega achando que o problema é seu. Mas eu que tô nesse lugar de escuta, vejo que é um problema geral. Quê que eu faço? Relatórios e relatórios e debates, levo essas coisas aos gestores, “olha, a parede amarela não tá legal, a parede amarela não tá funcionando. A parede amarela, vamos pintar de verde? Vamos fazer alguma coisa, destruí-la? Vamos...”. Os gestores: “ah legal, mas a gente quer a parede amarela ali”. Não é tipo: “ela é necessária”, não. “A gente quer a parede amarela ali”. [...] Porque se diversas pessoas chegam pra dizer que tais e tais coisas da universidade são adoecedoras, a gente enquanto instituição não olha pra si, né? Pra dizer: “poxa, realmente. Tá um terror isso! Então vamo consertar, resolver”, mas não faz. Não tem. O quê que eu faço? Entendeu? Fica ali como se fosse só problema do indivíduo, eu não gosto dessa perspectiva. Né? Aí, fica aí: “ah, porque a saúde mental da UFBA é incrível, tá crescendo!”, não, não tá crescendo né? Só que as pessoas tão vendo que não adianta só ir no psicólogo. Tem que recorrer à um milhão de outras instâncias pra ver se alguém faz alguma coisa. Eu tô achando ótimo! (risos) Aí os estudantes também montaram umas ligas de saúde, que foi maravilhoso também. Então, eles pressionam, via DCE, via movimento estudantil, têm voz junto ao reitor, diretamente. Então tudo isso faz muita diferença. Sabe? Cê acha que não, mas... Faz muita diferença. Porque eu não sou, profissional, que tô dizendo. É o próprio cliente, vamos dizer assim, o próprio usuário, o próprio estudante tá dizendo: “preciso que seja feita alguma coisa!”, aí o reitor: “ai meu Deus! Vamos fazer alguma coisa!”. Não é a opinião de Ellen, é uma coletividade que tá sinalizando uma questão. Isso pesa bastante (Ellen Carvalho, 2018).

O campo da Psicologia Escolar tem uma vasta produção que discute o papel dessa instituição, bem como o papel da profissional psicóloga. Os estudos sobre vida acadêmica têm se adensado, entendendo a demanda crescente em decorrência da visibilização de processos de sofrimento. Sendo assim, faz-se urgente refletir e aprimorar os fazeres psi, e ainda, o olhar

institucional para este fazer, ampliando a concepção de clínica, e ainda, compreendendo a dimensão e engajamento social da prática clínica e dos fazeres psicológicos.

Ainda sobre a assistência à saúde mental na Universidade, Nzinga Mbandi relata sua experiência com atendimento em momento de demanda:

Tem, mas a consulta é pergunta assim “Você tá se sentindo como?”, aí você fala “Tô me sentindo assim, assim, assim”, não é uma consulta assim, mais voltada pra atender processo, é mais atestado, quando eles vêem que você realmente não tem condição de frequentar e eles te dopam pra afastar, mas... E o remédio, o remédio você pode ir lá que eles não te deixam sem sua receita, isso aí não, mas por outro lado esse conceito de práticas integrativas eu já gosto porque aí lá eu já faço um Reik, faço uma massagem uma coisa assim mais... Eu gosto muito, o que eu não gosto muito de ir lá é porque lá vai muita gente e as pessoas gostam muito de conversar, eu entendo porque essas pessoas estão passando por muitos processos e querem às vezes desabafar (Nzinga Mbandi, 2018).

Nzinga Mbandi evidencia os limites do atendimento e acompanhamento em saúde mental na Universidade e relata que acessa no Hospital Universitário Professor Edgar Santos (HUPES) cuidados via Terapias Alternativas. Segundo Bárbara Pereira (2017) o ambulatório de Prática Integrativas Complementares (PIC), localizado no HUPES é o primeiro ambulatório dessa natureza em um Hospital Público Federal. O ambulatório oferece, por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS), a assistência através do que se compreendem práticas integrativas complementares, a qual se respalda em um modelo biomédico não hegemônico, pauta-se no modelo bioenergético/vitalista que tem sua origem na cultura oriental. Como práticas de nutrição da saúde são ofertadas atividades e sessões diversas: meditação, reiki, acupuntura, yoga, fitoterapia, constelação familiar, entre outras.

A interlocutora Nzinga Mbandi faz uma leitura da realidade das pessoas em sofrimento psíquico que estão demandando esses cuidados e o quanto os atravessamentos das matrizes estruturais de desigualdade atravessam a população negra, e mais especificamente estudantes negras/os:

[...] o maior erro da gente na verdade é nossa emoção, de estudantes negros muitos no sofrimento do adoecimento mental, a gente acaba se fortalecendo a partir desse vínculo, justamente pela universidade não ter esses espaços, que eu fui numa palestra da ouvidoria né, está fazendo essa campanha para as pessoas denunciarem mais os assédios essas coisas assim e me chamaram até para falar sobre racismo e eu fiquei muito assustada ano passado porque a ouvidoria disse que no ano passado até aquele momento, quatro alunas na universidade tinham se matado, eu achei muito, porque não divulga né, não pode divulgar. Mas ela disse que a situação é realmente bem alarmante, me deixou bem assustada, mas é compreensível no sentido que principalmente pessoas como eu vem de uma outra realidade social, econômica, racial entrar nesse espaço, é um espaço que não tem nada a ver com todos os seus valores, tudo que você foi criando, tudo que você viveu, então quando você entra ali você adoce de pelo menos duas forma, a

primeira forma é quando você tenta se adequar aquele espaço e você nunca vai se adequar, aí quando você não se adequa você tem a frustração porque isso te aborrece e a segunda maneira é quando você está na resistência, que você fica resistindo sempre lutando ali, denunciando tal e tal, isso também cansa, então eu hoje acho que a universidade não ela promove esse vínculo, então meu vínculo é mais fora da universidade, dentro da universidade, não tenho (Nzinga Mbandi, 2018).

No Brasil tem-se apurado que a opressão racial e de gênero repercutem diretamente nos processos de saúde e doença. Aponta-se a influência direta das condições materiais, ambiente psicossocial e interação com fatores biológicos. O acesso aos serviços e assistência à saúde, relacionados a questões de classe, representações sociais, estigmas, relativos à raça e gênero, repercutem gerando desvantagens para mulheres negras, mulheres transexuais, travestis, gays e lésbicas.

Há muita perda e demasiado sofrimento na comunidade negra. Devido às altas taxas de mortalidade infantil e homicídio, bem como ao baixo índice de expectativa de vida, muitas mulheres negras têm sofrido duras perdas já na juventude. Especialistas na área da saúde física e mental indicam que perdas mal resolvidas podem contribuir para hipertensão, stress, depressão, ansiedade e uso excessivo de drogas e álcool. Percebendo que é saudável externar a dor emocional, um número crescente de mulheres negras está recorrendo a terapeutas, amigos da família e à igreja para lidarem melhor com seu sofrimento (EVELYN C. WITE, 2006, p. 111).

A interlocutora Nzinga Mbandi indicou ainda, em outra passagem de sua entrevista, o quanto racismo dificulta, ou melhor, impede o acesso e permanência, ou ainda, uma permanência sem violação (experiência de sofrimento com o racismo) dentro dos espaços psicoterapêuticos e terapêuticos. A interlocutora destaca todas as dimensões do racismo como impeditivos nesse processo de cuidado terapêutico assistido. Relatando inclusive uma situação de racismo vivido por uma amiga em grupo terapêutico, no qual foram oferecidas roupas para doação, sugestão de compra de roupas em lojas populares, indicando sempre inadequação e hostilidade. Nesse sentido, é urgente seguir problematizando o racismo dentro dos espaços de ação da Psicologia, com destaque para espaços e relações terapêuticas que são em essência um compromisso com o Bem Viver, com uma ética do cuidado. Ainda que a Psicologia Social do Racismo tenha uma vasta e crescente produção, ainda é uma questão a ser aprofundada e assegurada nos processos formativos de profissionais da área do cuidado e assistência.

Jorgete Lago aponta que na sua jornada tem encontrado muitas pessoas, discentes e docentes adoecidas, e o quanto tem lido sobre saúde mental na universidade, bem como na escola, espaços onde circula como docente:

É no espaço de trabalho que eu tenho né, universidade e agora mais ainda, e até já fiz vários estudos, quantas pessoas estão adoecendo dentro na

universidade eu também acompanho, fico lendo artigos né principalmente na pós-graduação agora, na escola também, na escola de ensino fundamental e isso vem por conta de muito de trabalho, excesso de trabalho, violência dependendo da escola onde você trabalha vai ter também esse reflexo, pessoas com síndrome do pânico, depressão também tem que aparecido muito e na universidade por conta de outras exigências como de produção acadêmica principalmente tem acometido também essas outras né até a pessoa descobrir essas questões da depressão, bipolaridade também, então percebo muito no meu ambiente de trabalho essas doenças mentais aumentando bastante o número e aí claro junto com isso vem outras questões, problema de coração, pressão alta que vai se refletir para o corpo dessas e desses professores me deparo bastante com isso (Jorgete Lago, 2018).

Maiara Pereira relata o quanto passou por momentos de sofrimento em sua graduação, momento que relata que se sentia muito cansada, exigida, entre os afazeres da graduação e um estágio. Indica que a Universidade não propõe diretamente um cuidado em saúde mental para a comunidade acadêmica, diz do não acesso a isto. Traz a sua experiência na Feminária como uma experiência importante dentro da universidade, espaço de experimentar uma grupalidade saudável, lugar de afeto.

Eu comecei, na verdade, pra mim é muito difícil dizer, assim. Porque, desde quando eu trabalhava no museu, tinha estafa, né? Comecei a estafar, de cansaço. Mas eu não sabia o que era aquilo. Na verdade, eu achava que era estafa e ficava chorando no processo... É, aí desde então, eu já tinha esse, essa dificuldade. Mas, eu sempre fazendo minhas coisas. A Feminária me ajudou muito. Porque a gente tinha aquele negócio, grupal, de trabalhar com o corpo, de dividir texto, de discutir nossas relações pessoais, que eu acho importante... E que, eu sinto falta na facul, eu botei isso até na monografia. Desses espaços, na Feminária, de compartilhamento assim, de ser aberto pra você compartilhar o que você sente. Por que... A graduação, tipo, em si, e a faculdade em sim, você não tem muito apoio. Então assim, têm grupos de pesquisa que não te acolhem muito bem. Eu acho que na Feminária eu fui muito bem acolhida, no Gira também, eu fui bem acolhida. [...] lembro que eu saí de Laila porque foi num processo que eu comecei a desabar, assim. Não dava conta. Aí eu fiquei muito preocupada porque eu também precisava da bolsa, e continuar na faculdade. [...] Dentro da graduação em si, eu, tipo, alguns professores, eles entendiam a minha dificuldade, e eu fiquei mais de dois, tipo... Abandonando várias matérias, larguei várias matérias, abandonei várias matérias porque eu não tava dando conta. Pra escrever a monografia foi uma tortura, eu fiquei acho, um ano, um ano e meio na mesma matéria, então o professor teve muita paciência comigo também (Maiara Pereira, 2018).

Maiara Pereira trouxe a sua experiência em dois grupos de pesquisa feministas, a Feminária Musical e o Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (GIRA), como espaços de fortalecimento de autonomia, reconhecimento, (an)coragem. Traz também o quanto reconhece várias estudantes que vivem processos de adoecimento psíquico, com destaque para a ansiedade. Relatou ainda que diante dessa conjuntura de adoecimento não

compreende que a Universidade tem medidas de acolhimento e encaminhamento, mas relata que experimentou um cuidado dentro da Feminária Musical, nesse momento de fragilidade.

Porque ele entendia a situação que eu estava, mas eu não tive nenhum apoio, assim, dentro da faculdade. Tipo, falando da UFBA em si. Psicológica e tal. Eu tive que lidar com tudo isso sozinha, assim. Em momentos, por exemplo, quando eu tava com Laila, com o grupo de Laila. Eu lembro até hoje, que ela me via chorando e todo mundo me abraçando... Né? Isso foi super legal! É... Porque eu acho que ela se preocupa, né? Com as, as meninas e tal, eu acho isso legal nela. Mas é isso. Eu tive sorte porque nesse ambiente eu tinha esse acolhimento. Mas dentro da faculdade em si, não tive esse acolhimento. [...] eu acho que a gente não tem acolhimento em saúde mental dentro da UFBA, porque várias estudantes que eu conheço têm ansiedade, essas crises de ansiedade que a gente tem, e não tem nenhuma ajuda. Têm várias desistências, eu também já pensei em desistir da graduação. Já pensei, sabe? Tem esse... Eu acho que falta muito mais cuidado com os alunos dentro da UFBA (Maira Pereira, 2018).

O que se pode enfatizar a partir das falas das interlocutoras, que assim como Maiara Pereira, indicam uma lacuna no cuidado da comunidade acadêmica, é que se reitera a demanda de mais espaços que proporcionem experiências de acolhimento, afetividade, e adensamento de estratégias de cuidado institucionais. Indico que existem espaços que se propõem a isto na Universidade como aparece nas falas das entrevistadas, a exemplo dos serviços de psicologia clínica (o que também cabe uma extensa discussão), a pró-Reitoria de Assistência Estudantil e a Ouvidoria, que possuem ações diversas, entretanto, infere-se que pelo grande contingente de pessoas, pela ausência de informação e pela própria cultura acadêmica e social, não compreendem o lugar do cuidado para manutenção da vida e do processo de construção de conhecimento, e estão constituindo suas estratégias, em sua maioria, distantes destes espaços e movimentos.

Sérgio Brito traz que na universidade teve acesso a espaços nos quais pôde experimentar pensar em si, nos componentes curriculares ministrados por Laila Rosa e Pedro Abib, já mencionado anteriormente. Traz uma dimensão de apagamento de processos de saúde e autocuidado na academia.

Eu acho que tem muito setores de apagamentos disso, a cobrança excessiva da academia em relação à produção é um apagamento do autocuidado também, a cobrança pela produção de produção científica, óbvio que a produção científica há e tem que haver, mas, de forma bruta e pontual com data e hora marcada para acontecer isso é um apagamento do autocuidado. Também na minha concepção e eu já experimentei isso em disciplinas, na graduação, no mestrado também você chegar tem uma coisa pronta ou você se adéqua aquilo ou você tá fora, então você tem que sacrificar às vezes própria saúde para fazer, acontece na graduação tem disciplina de você não dormir (Sérgio Brito, 2018).

Mafá Santos, cursista do Bacharelado de Gênero e Diversidade, graduação do NEIM, relata sobre seu lugar de fala e a experiência de estar na Universidade, em um curso feminista:

[...] eu uma mulher, corpo negro, lésbica, periférica, do candomblé, tudo isso são, a universidade me lê a partir desses lugares né, agradeço por ser um curso menos pior, porque eu poderia estar agora, sei lá, com outros traumas, fazer um curso com um perspectiva feminista também me permite não estar tão oprimida no processo, porque você se vê tem espaço que você pode falar, você pode se compreender através do que está trazendo ali e a minha primeira performance saiu de um encontro de gênero e diversidade, não sei se era calourada ou se era apenas uma semana tipo, semana de gênero e que aí alguém falou: “Mafá, vai fazer isso!”, aí eu falei :”Mas eu vou fazer isso? Eu não sei fazer isso!” mas aí eu falei :”Mas ao mesmo tempo que eu não sei, sei lá, posso criar alguma coisa, ninguém tá esperando que eu faça nada, então posso criar alguma coisa!” A minha primeira performance foi na semana de gênero né, então a arte, sei lá, eu fui pra outro estágio com ela também neste mesmo lugar que, que me salvou, não, mas que não me permitiu mergulhar em um processo (Mafá Santos, 2018).

Mafá Santos cita uma experiência em condução de um aquecimento em um grupo de pesquisa que participa no NEIM e o quanto essa experiência de fato mobiliza as pessoas e o quanto sentiu a densidade da experimentação vivida. Traz também que viveu sua primeira performance solo em um evento do Bacharelado de Gênero e Diversidade, de recepção de novas estudantes ingressantes, destacando quanto foi satisfatório e se deparou com a possibilidade de criar e bancar esse lugar de performer, musicista.

Aí no grupo de pesquisa tem um aquecimento né, então as pessoas chegaram cansadas do trabalho e você traz elas pra “Vem ficar conosco, esquece lá e tal!”, aí eu usei o udu né, pra elas respirar, sentir a respiração, sentir o corpo e tal né, e duas pessoas demoraram de voltar, porque depois da simbiose lá, o processo, tocando udu e pedindo pra elas respirarem e tal, aí acabou, chegou uma parte, o momento que você fecha o aquecimento o instrumento para de tocar, aí uma ficou lá, demorou de voltar, acordou né e a outra ficou lá dormindo e eu fiquei com medo porque eu entendia para além do que Darlane e Eli estavam entendendo né, do processo do como aquilo que eu estava fazendo de fato afeta né, não é algo “Porque eu faço! Ah foi legal? foi bom!” não de entender mesmo a, sei lá, o que não é tão visível assim né e aí eu botei o instrumento no chão continuei olhando pra ela e pedindo pra ela voltar né, porque eu realmente não ia saber o que fazer se ela continuasse lá né, não sei, não sei que seria e a universidade permitiu essas experiências, então sinalizou, “Por aqui é um bom lugar! Arte se você seguir esse caminho é bom isso De Pedrão, Saberes e Fazeres da Cultura Popular. Ele mexeu, assim, em vários gatilhos e a Feminária também (Mafá Santos, 2018).

Sobre a experiência no grupo, destacou o Udu, moringa sonora, como um instrumento extremamente simbólico, ancestralmente tocado por mulheres em África, com um formato que remete ao útero, sonoridade de água, elemento também relacionado à dimensão simbólica do feminino.

Neila Kadhí fala sobre seu trânsito na universidade, como microcosmo social, que para ela não tem separação entre a vida dentro e fora da universidade e por isso vive seus afetos, buscando cuidar das relações. E ainda, traz uma crítica ao sistema educacional e indica a potência da inserção na universidade através dos cursos do Bacharelado Interdisciplinar.

Acho que a universidade é um espaço absurdo assim de potente. Acredito que nem todo mundo tem a aptidão para viver a universidade. Aptidão no sentido: eu sou uma pessoa muito a favor dos cursos técnicos, por exemplo, eu acho que para muita gente viver quatro anos numa universidade não é uma coisa tão fácil de se cogitar, de se pensar assim e tal, então eu acho que a gente poderia ter outras alternativas. Eu acho massa um curso como o BI. Me identifico completamente por ter uma linguagem multidisciplinar e que não lhe obriga a você já ter uma coisa super definida. Eu acho maravilhosa a oportunidade de ter um lugar como esse, mas acredito que mesmo nesse formato de, por exemplo, três anos de universidade, para muita gente isso não seja uma coisa tão viável. Então eu acho que urge pensar em outras formas também de se profissionalizar, de se elaborar um pouco mais os seus talentos e tal (Neila Kadhí, 2018).

Rabeca Sobral relata o quanto reconhece a jornadas das mais velhas que abriram caminho para que pudesse acessar uma formação universitária feminista e com tantas referências importantes, com destaque para as docentes do NEIM e do Programa a Cor da Bahia.

Olha, eu primeiro é reconhecer que eu fui, de alguma forma, experienciar esses lugares a partir de uma construção coletiva, de muitas pessoas desses, de todos esses, tanto dos lugares que eu fui, sobretudo de onde eu estive, minhas professoras tanto da Cor da Bahia como do NEIM construíram essas possibilidades do caminho, embora com suas contradições, com suas limitações. Mas eu tive a oportunidade de institucionalmente ter uma formação de cooperação institucional. Tanto que isso é uma coisa que pra mim faz muito sentido, que a universidade e a produção do conhecimento, ela tem que ser e troca. Porque, acho que quando você traz essa leitura do mercado do trabalho, e de como a universidade é isso também, é essa ideia de pensar: “a universidade tá dentro dessa lógica!”. A universidade é isso. A gente tá ali e tem pessoas construindo suas carreiras e sendo discentes ou sendo docentes, e esse, esse movimento de competição, de, enfim. Né? Também existe ali. É mais um lugar, é mais um espaço, não é só a universidade que tá adoecida, não é só esse espaço de convivência que tá precisando desse cuidado né? Porque as pessoas, as relações tão precisando desse cuidado. É também um espaço que precisa disso! E aí reconhecer isso também é um maior processo, pensar que o lugar da educação, da potência, o lugar de, é, que deveria ser esse espaço, né? Da gente ter contato com a criação, enfim. De ter possibilidades de, de criar, é um espaço que cerceia muito, é um espaço que sim! Tem outro lado né? Não é só. E a complexidade que vai ter também, em todos os espaços. Mas... é isso, esse desafio da gente lidar com tudo, com esse universo. Porque a partir do momento que você vela uma realidade de assédio moral, né? Que pode se desembocar pra outros tipos de assédio... Com teor sexual né? Infelizmente no próprio Fazendo Gênero eu lembro que teve, logo no início do evento, teve várias denúncias sobre assédio moral de professoras, até sexual de professoras. Então, é uma coisa (pausa) que é difícil, mas que tem

que se falar! Por que... É uma contradição. Cê tá lendo um monte de teoria feminista, black, queer e decolonial, e na verdade, (pausa) é... É puro discurso. Sei que a gente tem nossas contradições e nossos limites, e todo dia a gente vai tá aprendendo. Como eu te falei, a gente tem que tá aprendendo, discutindo sobre redução de danos e racismo, tem que, sobre outras frentes, cada vez mais se ampliam mais né? Mas ao mesmo tempo se você não tocar, porque às vezes a gente é tão crítica com determinadas coisas e com outras... Ainda são tão veladas, né? (Rabeca Sobral, 2018)

Nesta direção, Sueli Carneiro afirma a necessidade de honrar e reafirmar as dimensões de anterioridade e ancestralidade, apontando nas matrizes afrobrasileiras um terreno fértil, responsável por abrir caminhos diversos e por ensinar sobre a vida de muitas formas:

É necessário venerar os antepassados e a tradição: o passado ensina, orienta. As contadeiras de história, as ‘pretas velhas’, as cantigas, as palmas... Tudo são ensinamentos e valores de uma tradição corporal que dão sustento, estruturam personalidades e transmitem uma pedagogia. Aprendemos a trançar nossos cabelos, a envolver nossos corpos com alegres tecidos coloridos, confeccionar bonecas de pano, soltar o corpo no ritmo da dança e voltarmos a ser crianças ouvindo as histórias que mães e avós contavam. (CARNEIRO, 2006, p. 27)

Acerca das dimensões simbólicas e de sua necessidade para uma vida rica em sentido e criatividade Sueli Carneiro (2006) indica:

Numa cultura onde as pontes entre vida e símbolo, entre ato e significado fazem do encontro, fecundação, nascimento, vida e morte, ciclos, ritos e ritmos da vida, não há pecado original, castigo, condenação à dor. Nos espaços sagrados, os terreiros, a sensação de união com as irmãs e os irmãos de fé e com elementos da natureza permitem o prazer da reação espontânea, que é a base da atividade criativa e, sem dúvida, uma fonte segura para a exuberância de criatividade que configura a luta pela permanência digna da população negra no Brasil (CARNEIRO, 2006, p. 32).

Rabeca Sobral fala ainda de uma lógica de trabalho adoecedora que se dá em todos os espaços, inclusive na Universidade, compreendendo as jornadas acadêmicas como carreiras, e, portanto, espaços que são atravessados pela lógica capitalista, produtivista e por relações de competição.

Segundo Silvana Bitencourt (2014), a fase do doutorado é compreendida como uma etapa que exige dedicação exclusiva para a investigação, adequando-se ao *habitus* acadêmico que garante a sua participação. Há um discurso comum de que esse período requer exclusividade que uma prática científica demanda. Compreende-se ainda que há uma competição em nome de uma disputa de autoridade científica, que se relaciona ao poder social e à competência científica. Essa conjuntura desencadeia sofrimento psíquico, e termina por se desdobrar, por vezes em adoecimentos mais severos, por vezes em sintomas mais isolados. Como indicado por Bitencourt (2014), há um crescimento de diagnósticos em depressão e ansiedade.

A interlocutora Rabeca Sobral reitera a urgência da valorização e reflexão acerca dos processos relacionais, mesmo em espaços feministas, entendendo que os discursos por vezes estão bastante distanciados da prática cotidiana. Segue, indicando compreender a dinâmica de limites e possibilidades, a dissonância de discursos e práticas relacionais de mulheres teóricas, docentes feministas. Assim, a interlocutora abre espaço para pensar também as práticas pedagógicas, que serão aprofundadas adiante.

Sobre seu processo formativo, Sérgio Brito fala dessa jornada de autorreconhecer-se, de apropriar-se das suas identidades, inclusive enfatizando o papel formador dos movimentos sociais:

Olha, eu lembro que eu entrei na universidade, meu Deus, eu nem abria a boca! Tudo bem, eu acho que assim, eu digo, eu fico brincando, embora eu me ache tímido em alguns momentos, outros eu acho que eu sou completamente tagarela! Mas foi muito, foi uma construção de identidade. Inclusive pra ir me afirmando pra falar publicamente, a gente não é educado pra isso. A gente sabe né? E, sobretudo, nesses espaços de mulheres, nesses espaços feministas, nesses espaços de movimento social a gente vai começando a construir o seu próprio discurso, se entender no mundo né? (Sérgio Brito, 2018)

Nilma Lino Gomes (2017) destaca o potencial educador do Movimento Negro, e nesta passagem, o interlocutor reitera o caráter educador, potência de construção de discurso de si, narrativa de si, e o quanto isto incide em transformações diversas, relacionais e sociais. O interlocutor Sérgio Brito destaca os movimentos sociais de mulheres, os espaços feministas, como estes espaços que convocam a um exercício de reflexão, posicionamento e construção de discursos de si, contextualizado.

Maria Belga fala do seu olhar para a realidade universitária vivida na UFBA. Está finalizando o doutorado nessa instituição, diz ter uma jornada bastante distinta da que vivia na Bélgica, seu país de origem, onde fez uma formação que correspondente à graduação e mestrado. Maria fala do quanto busca na Universidade os seus interesses, que são voltados à cultura popular, ancestralidade, musicalidade, sobretudo:

Assim, se for na aula de Laila, tudo bem, né? Porque a gente faz yoga, faz respiração. (pausa) Mas no resto, não tem cuidado com o corpo né? Aqui no grupo de Maracatu também, a gente não faz um, um aquecimento, né? A gente fala: “vamo fazer um aquecimento!”, mas nem sempre rola, né? Então, no resto da universidade não tem essa abertura. Só o meu professor que teve, mas numa aula, eu fiz uma aula de yoga. Mas, no mais, tem um espaço na Ondina, dentro da universidade, que é uma mata inteira. Ali é um espaço alternativo de aprendizado, a universidade dentro da universidade. Aquele... Luizão né? Que cuida do espaço, ele tem uma sabedoria maravilhosa assim, em relação à música né? Musicalidade. Então... e ele, como ele faz? Ele não explica nada, ele deixa você tocar, você percebendo as coisas. Ele não corrige, não “não faça assim, faça assado”. Da mesma forma como o Tiganá (Santana) trata os músicos dentro do cd, na gravação

dos discos. Os músicos perguntavam: “como que eu faço? Você quer como?”, ele dizia: “não. Faça do seu jeito, faça como cê achar melhor!”. Isso é maravilhoso. Isso aí não tem preço, porque Luizão faz isso, ele te deixa tocar um instrumento sem um direcionamento. Mas você vai acabar percebendo, na interação, os trâmites. Pra mim, isso aí é um crescer, um aprendizado importante. Dentro da universidade (risos) (Maria Belga, 2018).

Assim como outras interlocutoras, Maria Belga indicou a Feminária Musical como espaço de cuidado e saúde dentro da Universidade. Maria Belga fez referência ainda a um espaço na área verde da Universidade que não é institucionalizado e funciona uma como um centro cultural e de partilha de saberes, local denominado Mata Inteira, localizado em uma mata no campus de Ondina. A interlocutora o nomeia como a “Universidade dentro da Universidade”, destacando a riqueza dos processos de ensino-aprendizagem vividos neste ambiente, espaço para ela de experimentação musical com liberdade, pedagogia libertária o qual permite que cada pessoa descubra seu caminho, se alinhe de forma autônoma.

Maria Belga e Mafá Santos falam da importância de uma Atividade Curricular (ACC) em Campo vivida chamada Saberes e Fazeres das Culturas Populares, conduzida por Pedro Abib, na qual tiveram contato com a cultura popular. Sobre essa ACC, Mafá Santos discorre:

[...] que tem a ver muito com ancestralidade, tem a ver muito com negritude porque trabalha com samba, gente eu sambei! Trabalha muito com samba, capoeira, Pedrão, mais conhecido como Pedrão. Foi transformador porque eu estava começando a estudar Ifá e estava tendo uma prática que me deixava muito próxima da minha ancestralidade, no sentido de isso ser uma memória coletiva, o samba a capoeira, estar em contato com a natureza, eu vinha do candomblé, então era algo que era presente. E eu comecei a ter esse contato, sentir meu corpo, minha respiração de estar consciente e tal, e aí eu comecei a fazer alongamento, aí quando veio as confusões né, atitudes erradas ou alguma coisa veio e te atropelou, aí você começa a sair de órbita né, então foi até setembro, porque eu conseguia vencer todos os monstrinhos internos, inclusive a preguiça, a falta de foco, isso tudo era algo que eu tinha que fazer todos os dias né, então eu já acordava movimentando o corpo né, dando vitalidade a ele para um dia diferente (Mafá Santos, 2018).

Mafá Santos fala do aprendizado com sentido vivido nesta ACC, contato com a ancestralidade, com a natureza, e das transformações experimentadas em seu cotidiano, mas que com o movimentar da vida, algo “atropelou” e esses cuidados com o corpo ficaram esmaecidos novamente. A ancestralidade pode ser considerada como princípio organizativo de religiões de matriz africana, é dele que derivam, ou ainda, se articulam todos os princípios e valores centrais da dinâmica civilizatória africana do povo-de-santo.

A ancestralidade indicada aqui não se refere a relações de parentesco consanguíneo, à linhagem de pessoas africanas e descendentes, e sim o elemento central da cosmovisão africana no Brasil, elemento regulador das práticas e representações do povo-de-santo. A

ancestralidade, tempos depois, torna-se também signo de resistência de pessoas negras, sendo protagonista na construção histórica e cultural do povo negro no Brasil, propositores de um projeto sócio-político fundamentado no respeito às diferenças, à desierarquização de saberes e fazeres, inclusão social, sustentabilidade, respeito à experiência de pessoas mais velhas, valorização de trabalhos reprodutivos, vida comunitária, entre outros. Modos de vida alternativos, ou ainda contra hegemônicos (OLIVEIRA, 2006).

Eduardo Oliveira (2006) propõe que a ancestralidade seja convertida em categoria analítica para interpretar as várias esferas da vida da pessoa negra brasileira e suas conexões com as tradições, produzindo manifestações culturais de pessoas negras no Brasil. Ancestralidade, vista deste prisma, possibilita compreensões acerca das múltiplas experiências garantindo a polivalência dos sentidos. A cultura é simbólica, e, portanto, é a partir do universo simbólico, dos discursos que se criam os mundos de representações e materialidades.

Rosângela Araújo e Sara Machado (2015) enfatizam o valor da capoeira como uma das tradições no contexto da diáspora africana que se insere no Brasil, e que também possuem como elemento central a ancestralidade, a valorização das pessoas mais velhas como principais elos. As autoras destacam a centralidade das corporalidades, o corpo compreendido como condutor de sentidos, de memórias, de pertença e síntese de temporalidades, conectando o passado, o presente e os devires. O corpo é entendido então, como elemento central na dimensão ética da ancestralidade:

O corpo construído se erige como signo identitário da tradição africana: é um corpo negro que se arquiteta. Porém, pelo contexto onde tudo isso acontece, o signo da africanidade é mais um desconstrutor do que um construtor de regimes. Veja: baseado na idéia geral de africanidade, que aqui funciona como um significante flutuante, desestrutura-se o corpo da racionalidade moderna ocidental (vertical, estático, linear, rígido, teleológico; que privilegia o cognitivo) para afirmar o corpo da ancestralidade africana, que ressalta a horizontalidade, as dobras, o baixo-corporal e o movimento. [...] mais para improviso e programa do que para repetição e esquema (OLIVEIRA, 2007, p.119).

A interlocutora Mafá Snatos destaca também que nesse mesmo período iniciava sua jornada no Ifá. Acerca da correlação entre religiões de matriz africana e processos de saúde, de nutrição de vida, Sueli Carneiro (2006) afirma:

Não se pode falar de saúde sem lembrar que o corpo marca e recria gestos e culturas que vêm de longe... E têm o sentido de afirmação da vida espiritual em sua espessura histórica. É indiscutível a extraordinária força das religiões como fonte de aprendizado, apoio e sustento da existência negra no Brasil. Há muitas formas de proteger a liberdade humana movidas por algo de significação verdadeira. A expressão estética ancestral se manifesta nos cultos e nos modos de viver, dançar, brincar, procriar, adoecer ou buscar a cura. E o sentir-se feliz em sua existência. A expressão corporal negra

retoma o devir das particularidades e garante uma continuidade e permanência étnica que não se justifica por leis naturais (CARNEIRO, 2006, p. 24).

E, ainda, a autora afirma que as religiões “negro-brasileiras” são fortalecedoras de processo de esperança de melhora sem caráter alienante, ao passo que proporcionam integração radical com a realidade dotada de sentidos que abraçam o corpo e a vida. Segundo Sueli Carneiro (2006), a religião garante uma identidade cultural, e ao mesmo tempo, singular à pessoa, sendo a crença um ato corporal. Compreende-se a potência de tudo que é e pode ser o corpo, sem divisão.

Ao buscar um tratamento positivo das coisas do corpo em fragmentos da História das mulheres negras no Brasil, ressalta-se a influência das religiões negras, pois elas não querem nos arrancar do corpo ou das relações com os seres vivos. Não proibem o corpo. Ao contrário, vivem nele a relação transcendente que valoriza o lúdico, a cumplicidade do encontro furtivo, o entrelaçamento. O corpo é aberto para o mundo e, por isso, vulnerável a ele. O sagrado não é algo exterior ao corpo imprimindo-lhe uma negatividade, não se reduz a objetos e não é alcançado pela renúncia ao corpo e às coisas do mundo, O corpo transa e entra em transe. Relaciona-se e luta. Uma rede de convivências e afetos fazia da senzala um lugar de festa, abrigo e de tratamento para os quilombolas: ervas, raízes e afagos eram alívio para os doentes. Era a vivência da saúde, em comunidade (CARNEIRO, 2006, p. 27).

Deusi Magalhães realiza uma leitura de que a Universidade segue distanciada do lugar de reflexão, liberdade, transformação, e se mantém como espaço de formação tecnicista, espaço de reprodução, e, portanto, distante da afetividade, da arte, do riso. Deusi diz do compromisso social da Universidade com a Sociedade, compromisso em dialogar, articular, de que as/os profissionais possam de fato ter esse compromisso social, engajamento, e do lugar da experiência da felicidade.

Eu lembro que eu tinha uma amiga que fez um trabalho, ela era de educação, ela falava assim que “o bufão sumiu da Universidade”, a figura do bufão. Ou seja, a possibilidade do riso, e aí a gente vai lembrar “o nome da rosa”, quando você tinha no medievo que não se podia ri. Eu acho que a Universidade... ela entrou por um caminho que esse riso foi meio apartado mesmo e que criou uma coisa muito densa, muito dura dentro da Universidade e que cada vez mais precisa amolecer. Porque desde a fundação as nossas Universidade sempre tiveram uma orientação mais para formar trabalhadores, e mesmo, mesmo nas Universidades teoricamente de teatro, dança e música sempre foi pensando na questão como profissional, como trabalhador. E não na questão como pensamento tão livre. Infelizmente isso é real. Eu acho assim, lógico que existem algumas pessoas lá dentro que lutam contra tudo isso. Luta contra essas coisas tão compartimentadas, tão hierarquizadas. Tem muita gente que luta. Acho que Laila é uma delas que leva uma proposta completamente inovadora de trazer a questão de gênero de raça pra dentro da Universidade de Música. A gente sabe disso. Sabe que não foi fácil pra ela também implementar isso. Como não é fácil pra ninguém que tenta romper com esse quadro tão... Tão

hierárquico, tão fechado, tão voltado pra criar profissionais, entendeu? Eu acho que a Universidade... Tudo bem que ela tem que criar profissionais, mas ela tem que criar mais o pensamento reflexivo do que os profissionais. Ela é o lugar da reflexão. Ela tem que se abrir pra mais discussões e pra mais aberturas de reflexão e mais possibilidade de criatividade dentro dela. E ter mais sorriso mesmo. Falta um bufão lá dentro (Deusi Magalhães, 2018).

Deusi Magalhães provoca a pensar sobre a ausência do bufão, do riso, da espontaneidade no espaço universitário. Pode-se pensar que tenha relação com a concepção de adultês em nossa sociedade, uma dimensão excludente do riso, do contato e expressão dos sentimentos, de um enquadre em todos os sentidos e camadas. O lugar da brincadeira vem sendo reafirmado como espaço de aprendizado essencial para as crianças, mas ainda em processo de ampliação para pensar a adultês. Entendo que essa dimensão do riso dialoga diretamente com a brincadeira e com o prazer, o erótico.

Sueli Carneiro reafirma o valor da ludicidade, e ainda, seu caráter transgressor, indicando a sua autenticidade e presença nas dimensões culturais, destaca a festa e todo seu campo simbólico:

O elemento lúdico não é fator de exibição sem fundamento: é fator autêntico da cultura. Ócio e alegria são bens integrados à vida. Ensina Sodré (1987) que a diferença negra está no valor cultural das trocas simbólicas. A festa oferece a possibilidade do ritual – tomar a palavra, exhibir a persistência do segredo nos ritmos, cantos, danças e quitutes, mostrar dissimulando a regra negra do jogo. (CARNEIRO, 2006, p. 40).

2.4 REDES DE APOIO: JORNADAS DE CRESCIMENTO

Sara Ahmed (2014) reafirma a concepção de autocuidado como um ato político, compreendendo a luta pela sobrevivência cotidiana como uma batalha política, e pode-se pesar diante de todos os indicadores de violências de todas as ordens o quão exigente é para corpos outrificados seguir. Audre Lorde (1994) refere que alguns de nós não fomos destinados a sobreviver, e pode-se pensar que com os atravessamentos das matrizes de opressão, outros tantos foram “destinados” a viver em condições de sofrimento, mutilações emocionais e adoecimentos.

Para Sara Amed (2014) sobreviver (e eu diria, viver, ainda com todos os limites) é uma ação radical, é contrair uma sentença de morte socialmente estabelecida. Para sobreviver no/ao sistema, a criatividade é indispensável. A autora estimula a pensar que quanto mais privilégios, menos criatividade é convocada ao sujeito, a criatividade não é uma habilidade demandada para sobreviver. Os sujeitos que se enquadram nos padrões de humano hegemônico têm seus direitos entregues, seu bem-estar social garantido. Ser pobre, ser negro,

ser mulher, ser uma pessoa trans, uma pessoa de religião de matriz africana, coloca a sua vida em risco. Ruth Wilson Gilmore (2007) descreve o que chama de Capitalismo racial: um sistema de saúde (doença) que promove uma distribuição desigual ao extremo de vulnerabilidades físicas - compreendo como corporais, incluindo o corpo emocional.

Ruth Gilmore assinala que o racismo é “[...] a produção e exploração supralegal e sancionada pelo estado de vulnerabilidades de certos grupos à morte prematura” (GILMORE, 2007, p. 28). Deste modo, se a saúde desse grupo (e outros tantos) já está comprometida em virtude da falta de recursos e de acessos para dar conta do viver e todas suas dimensões, estes sujeitos ainda são responsabilizados pelos seus processos de saúde-doença, pela impossibilidade de cuidar-se, (re)incidindo a violação.

Audre Lorde (1994) faz uso de uma linguagem militar para dar conta de expressar a experiência vivida de adoecimento e combate ao câncer à experiência de lutar contra o racismo. A autora diz então que o racismo ataca as células do sujeito, pode se apresentar vulnerabilizando o sistema imunológico da pessoa, ou ainda, um mundo contra você pode ser experimentado como o seu corpo contra você. Então vem a pergunta: Como cuidar-se sendo um corpo que sofre ataques diários?

Audre Lorde (1994) compreende que autocuidado é autopreservação. Aqueles que não têm quem os cuide, precisam fazer isso, por si mesmos, ainda experimentando externamente que sua existência não é protegida, apoiada, cuidada. Os privilégios não aniquilam o sofrimento do sujeito, mas funcionam como amortecedores, garantindo de modo geral, maior suporte, maior proteção quando demandado. A autora afirma que o autocuidado pode se tornar uma técnica de governança, sendo um compromisso, um dever de cuidar de si favorecendo a experiência de felicidade, bem-estar e florescimento.

Audre Lorde (1994) provoca ainda a pensarmos na autorresponsabilidade sobre a própria vida, sobre o prazer e o sentido de viver. Para a autora a sua experiência de lutar contra todas as demandas sociais que a arrebataram foram caminhos de alienação de si, ao passo que foram usadas também como rotas de evitação da sua responsabilidade de ser feliz. Deste modo, o autocuidado se torna estratégia, caminho para a existência em um mundo depreciativo. E é preciso muito cuidado para não julgar as pessoas que trilham diferentes caminhos de autoindulgentes.

Os Feminismos, com destaque para o Feminismo Negro, ensinam que falar de si, dos sentimentos, não é (de modo algum) desviar o olhar das estruturas, das matrizes de opressão. Ao contrário, pode-se compreender que desviar o olhar de si e desconsiderar as afetações, é sustentar uma lógica de não escuta, de violência e apagamento de discursos sobre si. Os

esforços de trabalho feminista, *queer* e antirracista (sobretudo o Feminismo Negro) revelam que o caminho convoca a uma experiência comunitária, ao fortalecimento e à (des)organização coletiva. É possível reparar os danos, se recompôr das feridas, com o trabalho minucioso de cuidado de si, de ocupar-se de si.

É por isso que eu tenho que insistir, eu importo, nós importamos, nós estamos transformando o que importa. As vidas das mulheres importam; as vidas dos negros importam; as vidas *queer* importam; as vidas das pessoas deficientes importam; as vidas trans importam; as pessoas pobres; idosas; encarceradas; importam. (AMED, 2014, p. 10).

Renato Santana (2019) reitera a potência das redes de apoio enquanto protetivas, promotoras de saúde, ao passo que garantem apoio, suporte emocional em caso de necessidade.

Fica muito mais fácil se cuidar quando você se conecta com outras pessoas, com aquelas que te apoiam quando as coisas não vão bem. Nesse sentido, tecer redes de apoio que sejam protetivas e nutram de afeto aumenta sua potência de vida. (SANTANA, 2019, p. 10).

2.4.1 Fora da universidade

As pessoas interlocutoras foram perguntadas sobre a experiência de redes de apoio dentro e fora da universidade, de modo unânime a família, com destaque para as relações com a mãe e irmãs e irmãos. Três quartos das interlocutoras destacam a relação com amigas/os. A relação com a mãe apareceu na fala de todas interlocutoras, compreendendo o lugar dessa figura, abrimos espaços para discussões sobre os atravessamentos de gênero, afetividade, cuidado e potência geradora.

Alessandra Alves relata que sua família constitui essa rede de apoio, incluindo mãe, pai e irmãos.

[...] mas eu acho que a ligação assim mais próxima, mais cotidiana de me abrir mais é com a minha mãe, apesar das diferenças que a gente tem. [...] Acho que essas assim: minha mãe e essas quatro amigas (Alessandra Alves, 2018).

Alessandra Alves parece indicar esse lugar de conexão com a acolhida com o feminino, uma rede de mulheres, sendo sua mãe essa maior referência de suporte.

Ao ser perguntada sobre redes de apoio fora da Universidade, a interlocutora Bruna Santos (2018) relatou que a primeira associação que fez foi suas relações fraternas, também falou de sua relação com sua companheira e amigas. Pode-se pensar que a relação entre irmãos, a experiência de fraternidade representa essa experiência entre pares.

Ariana Silva (2018) destaca as relações que compreende como mais íntimas: relação com a irmã, especialmente depois do falecimento da sua mãe, vínculo “sem máscaras”, relação afetiva muito especial com sua sobrinha e sua relação de namoro com a companheira Bruna Santos, também participante da Feminária.

Assim como Ariana Silva, Cristiane Lima diz de uma relação muito especial com sua sobrinha e destaca os vínculos entre a mais nova e a mais velha da família:

[...] essa rede de apoio é minha família que minha avó é o maior punho que eu tenho ali. O que eu quiser ela estende a mão, então o que eu escolher fazer, ela nunca disse faça isso, faça aquilo, eu não gosto, então se eu decidir fazer isso, ela sempre apóia, então o maior apoio que eu tenho hoje é minha avó e a própria doutrina que me dá esse apoio, que me dá esse suporte, eu estou a mais tempo dentro da doutrina do que fora, eu comecei adolescente, vai fazer vinte e três anos que eu estou na doutrina espírita (Cristiane Lima, 2018).

Nanã figura como Orixá anciã, representada no sincretismo religioso como avó, viu o nascimento da humanidade, é a dinvidade da lama, dos pântanos, de onde tudo brota. Responsável pelos portais de entrada e saída, aqui relacionada aos vínculos citados entre neta e avó como esse laço de conexão ancestral.

NANÃ
Nanã, mãe nanã
Okê
É flecha ligeira nas matas
É água benta nos rios
Nanã, mãe nanã
Okê
Serena Assumpção

Cristiane Lima destaca a sua religião, a doutrina espírita como um apoio e uma experiência que faz parte de sua história, inclusive muito alongada temporalmente.

Ellen Carvalho fala para além dos vínculos da família e do seu companheiro, traz uma dimensão bastante centralizada da sua experiência na maternidade, pensando que as redes de apoio hoje respondem a essa dimensão:

Essa experiência mais imediata, que eu tô vindo da maternidade, o fato de eu ter colocado algumas coisas no Facebook, por exemplo, me aproximou de pessoas que tavam bem distantes assim, da minha vida. Mas que viraram rede de apoio pra mim, quando eu tenho dúvida sobre o bebê, sobre criação, ou eu tô sofrendo com qualquer coisa, eu procuro essas pessoas hoje, virtualmente. E eu me sinto apoiada, elas me indicam textos, livros, atitudes, comportamentos. Não tem como elas pegarem a mão na massa aqui: “não, me dá aí que eu vou cuidar”. Mas eu me sinto bem, eu me sinto nessa rede de apoio de mães. Eu me sinto apoiada. Essa rede de artistas também, que são militantes... Todo mundo sofrendo muito com esse tempo temeroso aí. Eu também me sinto numa rede de apoio. Então, mas assim, imediatamente,

tô contando, digamos, com minha mãe e meu marido. Assim. Braçalmente. Tô com essas pessoas (Ellen Carvalho, 2018)

Ellen Carvalho relata acerca da diversidade de vínculos experimentados e de redes de apoio, trazendo uma dimensão da experiência vivida nas redes sociais como um importante suporte, compreendendo os limites de tempo, de disponibilidades de pares - mulheres também mães.

Pode-se pensar que, se por um lado, a virtualidade pode roubar a presença no cotidiano, garante também que vínculos sejam nutridos, que redes de apoio de paridade se estabeleçam, facilitando o contato e a partilha.

Helen Campos destaca de pronto duas relações: a relação com seu filho Davi e com as professoras que encontrou na jornada acadêmica a qual correlaciona com o tema da “autoridade”:

Eu percebi que eu tenho um vínculo forte com esse poder de autoridade que é imposto pela academia e com as expectativas que são levantadas em torno disso (Helen Campos, 2018).

Helen Campos também relata acerca do tema e fala da sua relação com o companheiro, bem como Ellen Carvalho, Eric Assmar, Ariana Silva, Fran Ribeiro, Bruna Santos sobre o apoio de suas companheiras. Destaco então, o lugar da relação afetiva sexual e conjugalidade (saudável) como experiência de relacionar-se com a diferença desde outro lugar, como possibilidade de experimentação de intimidade e construção do novo.

Destaco a diversidade de orientações sexuais das/os interlocutoras, sendo os homens identificados com a heterossexualidade e dentre as mulheres, experiências de lesbianidade, bissexualidade e heterossexualidade (além de “sexualidade livre” e “heterossexualidade ampla”).

Assim como Ellen Carvalho, Helen Campos destaca a importância da rede de apoio que a possibilita dar conta da sua vida deste lugar que inclui a experiência materna e como ela conta com o apoio da sua mãe e da sua irmã:

Eu tenho um vínculo muito gigante com minha mãe porque eu acho que é a mulher que tem feito as coisas darem certo assim porque sem ela é um suporte enorme quando tá tudo bagunçado e eu já estou aqui nos limites. “Ah eu vou desistir de alguma coisa” ela vem corre e me ajuda vem, vem corre e fica um mês vem corre e pega o Davi fala “não! resolve o que você tem para resolver essa semana que eu segura tua onda”. Então eu tenho vínculo com a minha irmã, ela faz parte de minha rede de apoio com o Davi e que também tem um filho quase da mesma idade que Davi, eu tenho vínculo com meu irmão que também tem uma filha maior que é a ídola máster dos dois (Helen Campos, 2018).

A discussão a respeito da maternidade e da falta de acessibilidade e acolhimento das mães e crianças tem se adensado cada vez mais; essa discussão tem chegando com mais força no ambiente acadêmico, ao passo que esse grupo vem crescendo e demandando suas garantias de acesso e permanência.

Helen Campos fala ainda do seu acompanhamento com uma naturóloga, da psicoterapia que há pouco precisou abrir mão, pois era via plano de saúde. A interlocutora traz ainda uma dimensão da relação e o atravessamento dos papéis de gênero e os tensionamentos vividos:

Em casa eu não gosto de colocar porque não é meu companheiro como vilão, mas eu acho que a gente é formado, acho que a palavra não é essa, mas a gente é construído e formado dentro de uma sociedade extremamente machista então eu acho que no começo era um desafio enorme da gente equilibrar nossas agendas e as duas agendas serem prioridade sabe? Encontrar um equilíbrio disse também não foi simples e ele na verdade sempre fez parte dessa rede de apoio nos momentos que eu quis assim de dizer “ ah eu não vou mais trabalhar, não vou fazer mais nada eu vou ficar com Davi e tal “ ter uma pessoa que acreditasse no que eu faço e dizer assim não “você é muito boa no que você faz para você só ficar em casa” acho que foi importante, ter uma pessoa como minha mãe, que pra outras pessoas serão outras figuras, mas para mim é a minha mãe assim quando eu passei na UNEB ela ficou seis meses aqui comigo direto porque eu falei “não vou dá conta, não vou dá conta” e ter essa pessoa foi fundamental (Helen Campos, 2018).

Helen Campos destaca a parceria vivida com o companheiro e a possibilidade de ter contado com a sua mãe para que pudesse dar conta do trabalho como docente em uma cidade do interior da Bahia, o que garantiu que ela vivesse essa experiência tão cara, pois tem como parte do seu projeto de vida seguir na carreira acadêmica. A interlocutora destaca ainda as diferentes qualidades de relação, que remetem à dimensão da necessidade de experiência em paridade também, e a dimensão do contato entre mulheres:

Amigas dentro e fora da universidade que eu acho que foram muito importante muito, muito, muito que a gente não consegue falar para o parceiro, tem coisas que a gente não consegue falar para mãe e tem coisas que mesmo você tenha uma amiga que seja uma acadêmica, mas que não são mães e tal (Helen Campos, 2018).

Jorgete Lago relata que experimenta sua família como rede de apoio, porém seus pais e irmã moram distante, e por isso, procura resolver suas questões sozinha, e quando carece de algum apoio conta com sua rede de amigos/as, colegas e vizinho:

Então eu mesmo resolvo meus problemas, vou buscando resolver realmente sozinha, mas aí se eu preciso de algo, aí eu passo para minha rede mesmo de amizades que eu tenho um colega que eu conheço, pode esclarecer uma colega que corre junto comigo aí pode me esclarecer muita coisa colega, vizinho (Jorgete Lago, 2018).

Laura Cardoso (2018) cita de pronto sua relação familiar e o quanto esta é referência de afeto e origem. Vivenciou questões delicadas o que gerou um distanciamento experimentado por ela como uma “lacuna emocional”. Afirma que por conta da sua orientação sexual e comportamentos autoritários familiares, foi preciso “[...] *ir construindo minha autonomia e sair de casa muito cedo, sabe?*”.

A interlocutora Laura Cardoso diz o quanto também experimenta como rede de apoio, a relação com amigos, parceiros de trabalho, pessoas com as quais convive mais do que familiares e a companheira por causa da rotina de trabalho:

Acaba que eu convivo muito com essas pessoas acabam se tornando grandes amigos também, eu tenho muitos bons amigos no trabalho também e a gente compartilha muito diariamente se ajuda muito então são pessoas que a gente cria uma estima também muito grande e aí (Laura Cardoso, 2018).

Carol Barreto, ao falar dos vínculos que compõem sua rede de apoio fora da universidade, fala de uma amiga-irmã, de sua amizade com Laila Rosa, o quanto sustentam se relacionar na diferença e o quanto crescem juntas em relação, de sua família nuclear e estendida “uma familhona incrível”, das suas parceiras de trabalho que se tornaram amigas, e ainda assinala uma dimensão na transformação das relações de amizade desde a infância e os movimentos de distanciamento, ou melhor, de reconhecimento de fins de ciclo relacionais, e uma leitura sobre a busca de equilíbrio entre dar e receber afeto, cuidado:

Então essa rede de amigos que, é... Eu fui filtrando pra entender o que é que eu entendo como amizade, que é troca, que não adianta eu ser aquela pessoa que propicio, que doou e sem né? A ponto de me esvair. Então hoje eu vejo na minha família, nesse núcleo familiar materno, é, essa rede de amizade e de apoio adulta, agora que estamos todos adultos, muito legal! Minha relação e minha conversa com meus irmãos, com meu irmão, com minha irmã é infinita de tudo, de tudo o que você imaginar! Sabe? É... porque as amigas de infância eu fui perdendo paulatinamente. É como se ao passo que eu fosse materializando meus objetivos profissionais de infância, alguma coisa na relação fez com que elas se afastassem. É como se muitas não tivessem conseguido conviver com... E aí se transmuta naquela: “ah, você não tem tempo pra mim!”, eu: “beleza. Se você soubesse como é meu dia a dia, você que ia tá aqui na porta ‘amiga, eu trouxe um bolo, você se alimentou?’”, sabe? Então... É, do que aconteceu nessa trajetória das amigas de infância, porque a gente cresceu junta, tipo... De criancinha mesmo, mesma rua, mesma escola, né? Então tem a questão daquilo quando você vira adulta, que eu já não era muito parecida com elas a vida inteira e adulta pior ainda, né? Mas eu sempre fui aquela pessoa que me relaciono com as pessoas pela afetividade, independente até de determinadas falas, etc. Mas aí aos poucos isso foi filtrando, filtrando e eu fui me mantendo, entendo como amiga pessoas que realmente... Dão manutenção né? (Carol Barreto, 2018)

Laurisabel Assil, diferente de Carol Barreto que saiu de sua “cidade natal” Santo Amaro e hoje mora em Salvador, segue morando no mesmo bairro que nasceu, relata que seu

círculo de amigas surge como primeira referência de rede de apoio e que é constituído por boa parte de amigas de infância que a conhecem muito profundamente, e que por vezes vive momentos de “catarse” nesses encontros, nos quais pode falar da vida, dos sentimentos, “para se sentir acolhida”. Para a interlocutora os seus “alicerces” são família e amigas, destaca a relação com sua mãe e tias que são mulheres idosas com idades entre 72 e 79 anos. Laurisabel Assil relata o quanto essa diferença geracional é experimentada, “As percepções de mundo delas são diferentes da minha”.

A interlocutora Laurisabel Assil cita sua relação com seu pai, e o quanto a relação deles já foi difícil, no entanto, hoje tem outro lugar devido a sua caminhada:

Meu pai que não mora comigo, mas que eu tenho uma relação, eu tenho não é distante eu tenho relação que não é a relação que eu tenho com a minha mãe, é totalmente diferente. Já foi muito distante e muito difícil, mas hoje não, hoje é muito mais tranqüila. Acho que por conta dos meus processos mesmo, do meu caminhar. Mas não é uma relação muito próxima, ele mora na casa dele, eu moro na minha. A gente não tem dia fixo para se encontrar, nem lugar. A gente se bate pela vida. (Laurisabel Assil, 2018)

Assim como Laurisabel Assil, Fran Ribeiro também diz da sua relação com seu pai como uma relação distinta do que se compreende uma paternidade ativa, ambas indicam uma relação distante. Vale destacar e problematizar os possíveis motivos pelos quais os pais das interlocutoras não aparecem como figuras importantes em suas redes de apoio (exceto Eric Assmar, que destaca a centralidade desse vínculo em sua jornada). Indica-se que em decorrência do ideal de masculinidade hegemônica, pelo delineamento dos papéis de gênero e divisão do trabalho (movimentos nutridos pelo sexismo e machismo), as mulheres seguem como figuras centrais de cuidado na família, e únicas em muitas das experiências indicadas.

Mafá Santos destaca como a sua comunidade espiritual é uma rede de apoio importante em sua vida, além da relação com a sua mãe que vem em um movimento de “reconstruir”, de compreender os impactos dessa relação na vida. Destaca ainda a presença de uma grande amiga, outrora companheira, que foi de grande crescimento, e faz referência também a sua relação com a natureza como esse contato precioso.

Nzinga Mbandi, assim como Mafá Santos refere-se à sua religião, o Candomblé, como importante experiência de rede de apoio, destaca a relação familiar, em especial com sua mãe, com amigos e “espiritualidade”.

Rabeca Sobral (2018) relata que neste último ano viveu perdas muito importantes, o falecimento de sua mãe e de uma “irmã baiana”. “esse último ano, praticamente as pessoas em linha de frente da minha família faleceram”. A interlocutora diz dessa permanência de referência de experiências vinculares especiais: “De alguma forma, continuam, permanecem

de outra forma, mas o material, físico né?”, e o quanto tem sentido a aproximação de novos vínculos importantes, a exemplo de uma prima do Ceará que veio morar em Salvador. Fala sobre as amigas e o quanto, a partir de uma dessas amigas, esse laço se estendeu para a família da amiga.

Sérgio Brito (2018) fala de uma rede de apoio composta por quatro mulheres: filha, mãe, avó e companheira, e que esta rede também inclui primos, *“É um círculo fechado não tem como ser eu sem essas pessoas”*. Entendo essa fala de Sérgio como uma referência à construção de sua identidade a partir destas experiências relacionais e ao conceito de anterioridade. Pode-se inferir que por uma questão de dispositivos de gênero para as mulheres, torna-se um caminho mais facilitado, a expressão afetiva, os sentimentos são mais permitidos em suas experiências e expressão (ZANELLO, 2018). Desse modo, o interlocutor se apresenta em um ambiente que lhe convidou a experimentar este movimento sem a interdição direta de um masculino hegemônico, de um modelo de masculinidade que rechaça a dimensão do sentir, podendo viver de forma mais aberta o afeto intrafamília e identidade.

Thalita Batuk, diferente de Sérgio Brito, traz a sua família como referência de rede de apoio, mas, sobretudo, compreende-se cuidada, acolhida e com possibilidade de ser compreendida dentro do seu círculo de amigas. Thalita Batuk (2018) relata que estes são os vínculos mais fortes hoje, já que sua família de origem mora em outro Estado e pelo fato da interlocutora ter um *“[...] estilo de vida muito diferente deles, do que eles imaginam de como deve ser uma vida”*. Thalita relata também que o grupo de Maracatu de mulheres que participa funciona também como um espaço de rede de apoio, no qual tem sido convocada a ampliar suas partilhas, a falar mais de si: *“[...] a gente preza muito cuidar uma da outra e que tem sido muito bonito essa relação... Eu saber que eu posso contar com outras pessoas mesmo.”*.

A interlocutora conta que sempre se viu independente, sem expectativas ou exigências com relação aos outros e que tem descoberto com esse grupo também a potência da partilha:

E esse espaço do Maracatu tem me ajudado muito com isso de estar precisando conversar. É sempre bom pra gente ouvir outros pontos de vistas. A gente não pensa de todos os pontos de vistas possível, enfim. As redes que eu tenho seriam essas, na Universidade a Feminária e fora da Universidade o Maracatu Vento de Ouro e os meus amigos que também fazem esse apoio, que me agüentam (Thalita Batuk, 2018).

2.4.2 Dentro da universidade

Acerca das redes de apoio dentro da universidade, todas as interlocutoras relataram que encontraram na Feminária este espaço vincular importante, relataram também o encontro com pessoas amigas colegas nos cursos e relações específicas com docentes, as quais fizeram

toda diferença na permanência e no acesso a possibilidades acadêmicas. Metade das interlocutoras citou diretamente a relação vincular com Laila Rosa. Todas as interlocutoras relataram não terem experimentado redes de apoio ou cuidado institucionais, exceto Nzinga Mbandi que vivenciou cuidados no Hospital Universitário e no Serviço de Saúde da Universidade.

Alessandra Alves relata que teve “[...] muitas pessoas queridas durante a graduação”, e para além da Feminária; de amigas dentro do grupo, destaca sua relação com Laila Rosa:

A Laila, a Laila foi, nossa! Uma fonte de inspiração infinita assim. Eu meio que fui atrás de professoras da UFBA ou professores enfim das áreas que eu tenho interesse que eu achei a Laila e vi o currículo da Laila e falei “Meu Deus!” aí mandei uma mensagem pra ela, ela falou ah não, tem grupo da Feminária pode vir e um ser assim muito querida e muito receptiva e foi muito importante pra mim assim também acho que foi um ponto de união me conectar com as meninas da Feminária, Laila foi muito importante assim pra mim (Alessandra Alves, 2018).

Alessandra Alves diz da comunicação fluida e do seu acolhimento, tendo vindo de outra cidade, buscando seus caminhos de vida. A interlocutora Alexandra Martins diz identificar apenas a Feminária Musical como rede de apoio dentro da Universidade, mas ao mesmo tempo, não compreende este grupo dentro da instituição Universitária, pela sua proposta, pela forma de funcionar. Quando perguntada sobre experiências de rede de apoio dentro da academia, responde que não experimentou para além do grupo em questão um espaço de acolhimento. Ariana Silva fala sobre sua relação com Laila Rosa:

Eu encontro pessoas que são minhas companheiras na universidade. Laila, se não fosse a Laila (risos) eu já tinha ido embora antes de começar mesmo o curso do mestrado, assim. Porque não é só um vínculo de orientação. “Ai Laila, tô ferrada! Eu fiz tudo errado, não sei quê...”, tá lá a Laila pra dar um conselho, pra botar o Tarô, pra me chamar pra tomar um chá, sabe? Assim, coisas que aparentemente não resolvem o problema. Mas são coisas que me deixam num estado, sei lá, de espírito que eu consigo resolver o que eu tenho que resolver (Ariana Silva, 2018).

A interlocutora Ariana Silva afirmou ainda que foram as relações interpessoais que garantiram sua permanência na universidade em suas experiências de graduação e pós-graduação. Faz menção ao vínculo com sua co-orientadora Andréia que é de Foz de Iguaçu e com outra professora, que a acompanha desde a sua graduação:

São relações que ultrapassam a questão da orientação, entende? As pessoas, elas se fazem presente e a professora Andréia foi assim também, o mesmo caso que com a Laila, tipo no começo do mestrado eu querendo desistir, não tinha bolsa, não tinha nada, tava deprimida, em Salvador. Nessa época, era inverno sabe? E eu super deprimida, não conseguia interagir com as pessoas, e a professora Andréia foi boa pessoa sabe? De me ligar e falar comigo pelo celular horas sabe? Tipo: “olha, calma! Vai resolver, vai dar certo, não sei quê...”. (pausa) Tem outra professora

também, a professora Ângela, que é uma professora negra que me acompanha desde a graduação. [...] Quando eu for professora, eu quero ser uma professora igual a professora Ângela! [...] Ela é aquela professora sabe? Eu tive muita dificuldade em viver em Foz do Iguaçu, né? Uma cidade muito preconceituosa, muito xenófoba. E quando eu falo de xenofobia eu tô falando de racismo, mesmo que xenofobia se aplica geralmente à pessoas que não são brancas, lá principalmente. Então, é uma cidade muito, muito, muito fechada, cê não consegue interagir com as pessoas, cê não consegue. E eu que já tenho dificuldade de interagir, imagina numa cidade dessa? Ficou... Tudo mais difícil. E eu tava, assim. Não só eu, mas vários outros estudantes tavam a ponto de desistir. Muitos desistiram, outros surtaram, e tal. E ela teve a grande idéia de só unir, assim, as estudantes negras. Manter... Um grupo de estudantes negras, a gente organizava evento, mas também a gente se reunia, sei lá, só pra comer, só pra conversar, só pra falar. E isso foi importante pra mim, tipo que eu via que tinham pessoas que viviam em situação muito diferentes da minha e que tavam emocionalmente na mesma situação que eu, sabe (Ariana Silva, 2018).

Ariana Silva diz da experiência de vulnerabilidade diante dos desafios experimentados de ordem financeira, emocional, atravessamentos do racismo, articulados com gênero. Relata o quanto foi cuidada e acolhida por parceiras com identidades correlatas e o quanto a estratégia de agrupamento foi uma estratégia de proteção, pode-se pensar um aquilombar-se.

A Feminária Musical se constitui como espaço gregário, de fortalecimento e troca, de acolhimento, de aquilombamento, reconhecimento da diversidade enquanto reconhecimento e afirmação de propósitos que pautam um bem comum, um senso comunitário e ao mesmo tempo um fortalecimento da autonomia dos sujeitos. Ariana Silva relatou ainda que no momento da entrevista, momento de aproximação do fechamento do seu mestrado, estava estudando junto a um grupo de mulheres negras também cursistas no PPGNEIM:

No último mês eu tô indo estudar lá no NEIM, e aí, quem vai no NEIM estudar que fica lá na salinha de estudo é um grupo de mulheres pretas, né? Tipo Cíntia, Florita, Nzínga, e você poder trocar com elas nesse momento, que pra gente é tão... é sempre tão em sacrifício, né? Esse momento de escrever assim. E você poder tá perto dessas pessoas, nossa, faz muita diferença, muita diferença! E funciona mesmo, a gente fala, a gente escreve. E se precisar, “preciso de uma bibliografia que trate disso, disso e disso”, cê sempre tem a pessoa ali. Eu acho que eu experimento redes dentro e fora da universidade assim, em aspectos muito amplos assim. Gente pra tudo (Ariana Silva, 2018).

Com relação a essa experimentação de um grupo autônomo de mulheres pretas que se formou espontaneamente para partilhas nesse momento do processo de escrita acadêmica Ariana Silva diz o quanto essa estratégia tem funcionado como uma importante rede de apoio e de produção. Pode-se discutir o quanto a qualidade de vinculação e a possibilidade de partilhas de todas as ordens auxiliam na produção criativa, no acesso ao reconhecimento de estratégias de enfrentamento dos desafios postos.

Bruna Santos, ao ser perguntada sobre redes de apoio dentro da Universidade, relatou que a experiência da Feminária foi bastante impactante na sua trajetória de vida:

Experimentei, com o projeto, a Feminária, acho que foi um vínculo muito importante na minha vida, desde o primeiro momento, de como fui chamada, de como fui... Eu estava super em casa com depressão, super em casa aí e de repente o telefone tocou e Laila, “traga os documentos mulher, venha participar do meu projeto, venha... Soube que você estava sem bolsa, venha ficar aqui comigo (Bruna Santos, 2018).

A interlocutora Bruna Santos, Bacharela em Gênero e Diversidade, declara que participou de outros projetos dentro do NEIM, com práticas e relações bastante “mecânicas”, sem desenvolvimento de leituras críticas, análises, articulações teóricas e de uma relação vincular precarizada:

[...] porque teve outros projetos pelo NEIM e que praticamente a gente batia ponto né, que tinha que anotar o horário quando chegou e tinha que dar vinte horas semanais, era uma folha de ponto que a gente batia, a gente anotava, e o projeto não era nem... Nada, né! Era automaticamente a gente escrevia e não aprendia nada, não desenvolvia, não tinha processo de criação de arte não tinha nada, era tudo muito mecânico o trabalho (risos), batia ponto e se ficasse devendo durante a semana, tinha que descontar outro dia. Não discutia nada, não discutia texto, só um trabalho muito de arrumar o arquivo, que na época tinha, a gente tinha que arrumar e nada de análise crítica, nada, muito pelo contrário, a crítica que vinha não era nada construtiva, era em relação a colocar a gente pra baixo, os pesquisadores pra baixo (Bruna Santos, 2018).

Pode-se relacionar esse fazer automatizado citado por Bruna Santos, como um fazer experimentado largamente em processos formais de Educação, destacando-se o caráter colonial, reprodutor de dinâmicas de opressão. A interlocutora chama atenção para o compromisso dos Estudos Feministas por fazeres coerentes com seus pressupostos, por uma lógica de trabalho, pesquisa e relação docente-discente comprometida com a luta feminista.

Carol Barreto, docente negra, jovem, do campo das letras e design de moda, colaboradora da Feminária, destaca sua relação com Laila Rosa e com as estudantes dos componentes ofertados no Bacharelado de Gênero e Diversidade:

Tenho sim. Laila vai aparecer toda hora, (pausa) muitas alunas, muitas, muitas, muitas! E isso na trajetória universitária toda, muito mais alunas do que colegas né? (Carol Barreto, 2018)

A interlocutora Carol Barreto relata em entrevista que não se sentiu acolhida no seu ingresso como professora na Universidade, o que se estendeu a colegas e estudantes, mas que com relação às cursistas isso foi mudando nessa jornada de seu exercício:

Quando eu comecei a ter contato com turmas fora do curso, também eu consegui, né? Acho que mais até a partir daquela sua turma lá. Que eu consegui conhecer pessoas e ter trocas que se estenderam. Por mais que a gente se visse só ali, não tinha assim uma vida social etc. e tal, mas eu sentia

que tinha ali uma rede, um suporte muito, muito legal e espontânea, principalmente (Carol Barreto, 2018).

Carol Barreto, assim como Laila Rosa, ambas docentes, reconhecem o quão importante é essa relação docente-discente, do quanto esse encontro pode ser rico em afeto, em partilhas e se constitui também como rede de apoio, mútuo.

Cristiane Lima diz de sua relação com Bruna Santos, amiga e também parceira na Feminária Musical como um vínculo muito especial. Assim como Cristiane Lima, Débora Campelo se refere à relação com Bruna Santos, como uma relação de confiança e apoio, e complementa ressaltando os vínculos potentes com Laila Rosa e Carol Barreto:

[...] hoje pra mim tem Laila também, tem Laila, tem Carol também que é muito importante pra mim. Carol apareceu na minha vida no momento que eu mais precisava, ela apareceu pra mim e ela tem uma importância muito grande na minha vida, uma pessoa que está sempre dentro das minhas orações Carol. Laila eu não preciso nem dizer que você já conhece, mas uma pessoa que está sempre receptiva, muito compreensiva [...] ela vem lá com o bálsamo... Dentro da universidade só tem a Feminária e uns dois ou três amigos que a gente sempre, de outros cursos não do meu curso, que eu tenho mais amizade na universidade que amigos do meu próprio curso e fora (Débora Campelo, 2018).

Cristiane Lima (2018) relata que sua relação com Carol Barreto nasce quando foi discente de um componente do Bacharelado em Gênero e Diversidade, quando cursava o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e ela diz desse vínculo, desse encontro num momento que ela precisava. E sobre a relação com Laila Rosa, reforça o valor vincular, sua admiração, reconhecendo-a como compreensiva e receptiva.

Ellen Carvalho relata que a relação com a Feminária Musical é essa experiência de Rede de Apoio dentro da Universidade:

A Feminária foi, como dizem, um divisor de águas, assim. Eu já tinha convivência em grupos feministas né? Mas na Feminária eu realmente mergulhei em estudos, em debates, e também foi esse feminismo mais decolonizado, vamos dizer assim. Da América do Sul, do Oriente Médio, foi bem profundo. Então, conseqüentemente, com a Laila. Aí ela foi também a minha orientadora de TCC, é uma mulher fantástica, assim. Uma amigaça, sabe? Sobre todos os aspectos, admirável! Inspiradora e tudo mais. E aí também eu fiz muita amizade com Jorgete, né? Que foi doutoranda aqui. E, fiz algumas amizades legais assim, na faculdade, na graduação.[...] Quando a gente falava, aqueles relatos ali em grupo, nossa! Me ajudava muito! Muito, a lidar com tudo né? Foi muito importante (Ellen Carvalho, 2018).

Ellen Carvalho destaca a singularidade da Feminária Musical enquanto grupo feminista, antirracista e decolonial que propõe a apropriação de um aporte teórico decolonial bastante plural, uma prática também transgressora que proporciona abertura para o encontro, para a manifestação e acolhimento das subjetividades. A interlocutora dá um exemplo de

diálogo experimentado em grupo que se direcionou à relação com os cabelos e o quanto o exercício de partilha, de escuta foram caríssimos para ela.

Assim como Ellen Carvalho, que diz de amizades dentro da Universidade como redes de apoio, Eric Assmar (2018) fala de relações de amizade, destacando duas parceiras da Feminária Musical, Laura Cardoso e Laurisabel Assil, e sua orientadora do Doutorado. Eric Assmar complementa mencionando o período que foi orientado no mestrado por Laila Rosa quando estiveram mais próximos, e o quanto esta relação também é entendida como rede de apoio.

Fran Ribeiro destaca que por não ser de Salvador, sentiu que alguns vínculos foram de grande importância para sua experiência acadêmica dentro e fora desse ambiente. Destacou a Feminária Musical como uma rede de apoio:

[...] um aporte emocional e acadêmico muito importante [...] eu penso na Feminária como uma entidade: a Feminária! Enquanto espaço em si porque individualmente a gente encontra uma galera que é da universidade também que participa de um processo parecido não necessariamente na mesma turma, no mesmo curso, mas que tem vivência atravessadas por uma série de questões que nos aproximam, mas de espaço, um grupo de apoio mesmo só a Feminária e mesmo assim é... Como eu voltei a morar em Cachoeira, né? Eu senti muita falta da Feminária (Fran Ribeiro, 2018).

A interlocutora Fran Ribeiro relatou que experimentou como rede de apoio a Feminária Musical, além do contato com pessoas do seu curso, colegas. Fran Ribeiro destacou que passou um período de seu mestrado morando em Cachoeira, local onde dialogava com suas interlocutoras da pesquisa, lembrando o quanto sentiu falta desse contato com o coletivo. A interlocutora diz pensar na Feminária Musical como uma “entidade”, o que se pode relacionar com uma dimensão da essência, e ainda, do sagrado.

Helen Campos afirma não ter experimentado apoio institucional da Universidade:

Eu acho que o apoio da academia foi zero, de verdade! Eu acho que teve muito a ver com busca e com equilíbrio financeiro que a bolsa não foi possível somente. Então saúde mental eu acho que é quando você se sente integralmente saudável, não é só o corpo, não é só a mente, mas é ter um corpo disponível no sentido de disposto, eu tava me sentindo, eu acordava cansada o tempo inteiro. Eu ia dormir cansada e acordava cansada e cumprindo as coisas, sabe? Então eu acho que saúde mental tá com colado com corpo, não tem a mente está saudável se o corpo... Na verdade tá reverberando mais o cansaço mental. Então eu acho saúde mental está integralmente saudável a mente, a psique e a alma também. No sentido de entrega, “de dizer eu tô no agora, aí eu tô dando o melhor de mim e eu acredito que as coisas vão acontecer”, eu preciso confiar (Helen Campos, 2018).

A interlocutora Helen Campos salienta o quanto sua dinâmica de vida acadêmica, sobretudo no mestrado, quando engravidou, foi deveras ansiogênica e muito exigente ao passo que estava dando conta da produção e de toda mudança de rotina e corpo.

Helen Campos indicou em outra passagem de sua fala, o quanto tinha uma visão da vida acadêmica como esse exercício intelectual pulsante e conectado a uma lógica de produtividade deveras intensa, inclusive experimentada por ela antes e depois da gestação, em seu mestrado. Silvana Bitencourt (2014), em seu estudo, indica que as doutorandas sem filhos possuíam uma tendência obsessiva no trabalho, com destaque para a publicação, causando desequilíbrio no uso do tempo.

Reitero a importância de discussão acerca da maternidade experimentada na jornada acadêmica, compreendendo que faz parte de uma parcela das mulheres universitárias e impacta profundamente as suas dinâmicas de vida. É experimentada uma mudança tão contundente na vida, longamente, desde a gestação, quando ocorre o parto e no puerpério. Isso parece ainda mais exigente quando conciliado às demandas da pós-graduação, sobretudo, o mestrado que prevê um tempo relativamente curto para dar conta de toda essa experiência. Silvana Bitencourt (2014) indica o quanto a maternidade pode ser protetiva, mas destaco que também pode ser experimentada como geradora de sofrimento dentro da lógica vigente, considerando a grande exigência física e emocional durante a gestação, parto e puerpério, e ainda, na dinâmica de cuidado com filhas/os e com a vida doméstica, tendo em vista a persistente divisão de papéis de gênero.

Na gestão do tempo, o tempo livre e o uso deste para cuidado de outras esferas da vida não apareceram no discurso das interlocutoras de Silvana Bitencourt (2014) e foi compreendido esse desequilíbrio no uso do tempo como fator gerador de conflitos internos.

A vida acadêmica é descrita como uma vida diferente das vidas normais. Neste caso, a normalidade estaria caracterizada a partir do equilíbrio entre vida profissional e vida pessoal, que na visão das doutorandas, é impossível (BITENCOURT, 2014, p. 456).

Indica-se o quanto as carreiras tradicionais foram pensadas em um padrão masculino hegemônico, que por sua vez, impossibilitam uma vivência que concilie vida familiar e estudos para mulheres, compreendendo toda carga de trabalho doméstico e maternidade (quando há). Segundo Bitencourt (2014), para os homens, de modo geral, casados e com filhos possui mais condição de produção, enquanto para mulheres em mesma circunstância, há uma leitura de que existem limitações femininas dentro da cultura organizacional universitária. E ainda, para esse grupo de mulheres doutorandas, aparece uma dificuldade de

realizar seus trabalhos dentro de suas casas, destinando tempo para sua tese, em meio às demandas domésticas, relacionais e de cuidado.

Helen Campos (2018) diz dessa impossibilidade de experimentar a saúde, a saúde mental nesse período. Discute ainda a impossibilidade de manutenção da vida com o recurso financeiro da bolsa de estudos, e o quanto a exigência de trabalho, bem como, de ocupação de espaços de poder, como ela relatou o período que esteve docente na UNEB no interior do estado, a mobilizou, a vulnerabilizou.

Estudos sobre trajetórias de pessoas doutorandas (SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2006; BITENCOURT, 2011, 2013, 2014) indicam a construção de estratégias criativas para lidar com as dimensões profissional e pessoal, caracterizando essa etapa como um período de muitas mudanças nos quadros temporais, exigindo maior racionalização no uso do tempo. Destaca-se que a vida acadêmica tende a ser mais adequada aos homens, tendo em vista a desigualdade de gênero reproduzida também nesse espaço, sendo mais difícil para as mulheres, sobretudo as mães. As autoras apontam ademais que pessoas que cursam doutorado tendem a antecipar, adiar ou até suspender projetos de vida, ou parte deles.

Em pesquisa, Silvana Bitencourt (2014) aponta que as doutorandas mães trouxeram uma tentativa de equilíbrio entre o doutorado e a maternidade. Segundo suas interlocutoras, o suporte financeiro e a disponibilidade de uma rede de apoio para auxiliar no cuidado das crianças se apresentaram como indispensáveis. A autora refere que as doutorandas com bolsa de estudos e sem filhos mostraram-se mais convidadas a atender à demanda de produção esperada. Vale destacar que o fato de ser bolsista implica em maior exigência de dedicação, sofrendo maior pressão dos Programas de Pós-Graduação, secretárias/os e orientadoras/es, e além disso, que em alguma medida, a experiência da maternidade tenha se apresentado como caráter protetivo de uma imersão integral no trabalho e na lógica de produtividade, a impossibilidade de adequação, tudo isso somado à sobrecarga de trabalho e demandas cotidianas de exigência física e emocional são questões geradoras de sofrimento que demandam maiores investigações.

Sobre isto a interlocutora Helen Campos, segue relatando:

Porque quando a gente não confia, a gente fica muito, quer dizer eu me acelero ainda mais e aí eu preciso me antecipar aos fatos, eu preciso correr e aí quando eu falo correr tem a ver com o correr fisicamente, correr mentalmente e aí eu não durmo bem, eu fico irritada com Davi é... Não lido bem com uma série de críticas porque eu tô em duas áreas de trabalho que são muito críticas, que é a academia que eu acho que aí tem uma questão também ligada a saúde mental está mostrando sua cara à tapa o tempo inteiro, fazer um texto que as pessoas vão criticar, vão falar: ah, mas é pra uma crítica construtiva, mas é que esse construtivo às vezes é feito da

piores formas. E você tá lidando com a sua criatividade ali exposta o tempo inteiro então acho que isso é uma coisa que o jornalismo e o ser professora universitária também é muito exposição. É muita exposição, então é... Ter saúde mental é você entender que não pode controlar tudo nem nunca dará e que você tá um ser humano em movimento, em crescimento e acho que isso faz a diferença pra estar numa sala de aula e entender que as pessoas que estão ali com você constroem também, ajuda a construção da formação deles, mas que você também está em formação. Acho que isso me deu uma tranquilizada assim eu dizia: “gente eu tô numa sala de aula de uma universidade e aí?”. Então era uma autocrítica muito grande e as outras críticas que normalmente a gente já sofre então eu diria que é isso: saúde mental é essa compreensão de que não somos só mente e não somos só corpo. Somos é... Somos uma complexidade, uma complexidade integrada de um elemento psíquico, mental, físico, e que a gente precisa se cuidar e que a gente precisa entender que as coisas são em construção e que a gente faz parte disso. Acho que isso tá acalmando em mim (Helen Campos, 2018).

Helen Campos destaca como vínculos importantes na Universidade, experimentados como rede de apoio, o seu orientador do doutorado, as relações com Laila e cursistas do componente com temário Música e Gênero ministrado por Laila Rosa:

Logo de cara eu acho que é o orientador, que no meu caso é de fato homem. Que é um cara super sensível, mas eu te falo que tem muito a ver com o lugar de fala, às vezes uma mulher para ser entendida precisa de uma mulher mesmo. Então assim como eu tava vivendo coisas que era para além da academia, que não é para além da academia, que eu estava na academia é um corpo que transita por outras instâncias, então me senti muito apoiada nesse lugar de Laila, das outras meninas que estavam nesse componente curricular, tomar café, de comer junto, antes de pensar no texto, de tomar um chá, se tocar, de fazer massagem, de fazer automassagem (Helen Campos, 2018).

A interlocutora indica outra forma de se relacionar com o conhecimento, podemos dizer que é um conhecimento que vem de baixo, associado à terra, à corporalidade, ao reconhecimento de si, da sua própria história e condição no momento. Há uma convocação à integração e experimentação do prazer nas dinâmicas de construção de conhecimento e escutas sensíveis de si e das outras, nesse relato acerca da sua experiência no grupo.

Helen Campos destaca ainda o quanto o encontro com mulheres feministas dentro da Universidade tem sido potente para ela:

Mulheres feministas tem sido fundamental inclusive pra eu ter coragem de dizer nas redes sociais “não, eu vou ter um programa meu, sabe? Eu produzo também” é paradoxal você dizer que quer pensar mulher no lugar de autoria da música, por exemplo, que é o meu caso e ainda se sentir tímida para dizer que também constrói, que também produz, mas eu demorei um pouquinho nisso eu me sentia apoiada por outras mulheres foi importante. São outras mulheres pesquisadoras que também estão pensando de modo, a partir de um saber localizado e tal (Helen Campos, 2018).

A interlocutora indica como há uma costura dos campos de pesquisa e articulação teórica de forma dialógica com sua jornada profissional, autoral. Pesquisa autoria e nesse

sentido vai experimentado apoio para reconhecimento e desenvolvimento do seu próprio processo de autoria, de autonomia e exposição criativa. Nesse sentido, a interlocutora reitera a potência dos encontros feministas, que favorecem a auto-autorização da expressão de si, que possibilita a experiência de pertença, legitimação, estímulo em direção aos desejos e troca de afeto. Jorgete Lago, fala de sua experimentação de redes de apoio na condição de docente em Belém, relata que não há uma experiência desta ordem:

Aqui para mim não é uma relação, é um relacionamento cortês, cordial de trabalho, mas com pessoas que são tranquilas para com quem eu lido sempre sem muita dificuldade, basicamente um amigo que eu tenho né que é um pouco mais próximo que até um amigo em comum comigo e com Laila também. Então assim como no outro trabalho também na escola é um relacionamento cortês porque eu não tenho dificuldade de lidar com as pessoas, mas eu prefiro lidar com elas só no momento do trabalho não é uma amizade que se estende para fora da Universidade nem lá da escola. Na universidade academicamente acaba vivendo, trabalhando muito só, pela experiência verificando até mesmo pelos seus professores, as professoras também, é um trabalho bastante isolado. A Universidade do Estado do Pará (UEPA) aqui não é muito diferente, não. Cada um acaba trabalhando sozinho mesmo é só em determinadas situações como elaboração do projeto político pedagógico do curso ou uma reunião de departamento é que se junta fisicamente, mas é um trabalho realmente isolado cada um trabalha por si. E aí se você tem uma amizade maior, contato maior com algum colega que você pode fazer uma parceria com ele, mas em conjunto realmente assim não há nem mesmo né. Então na universidade mesmo ou basicamente hoje você quer ter uma rede de apoio e rede de apoio política, tirando isso não existe, mais de coisas as individuais, mais interesses. Como a gente tinha no grupo do Femináriauma com as outras, é muito difícil isso de maneira conjunta né tem pessoas que vão e fazem trabalho, mas isso tudo de maneira muito individual. Não há rede de apoio para esse, nem apoio institucional para esse tipo de projeto (Jorgete Lago, 2018).

Jorgete Lago reconhece o quanto o fazer docente é experimentado por ela como um fazer solitário, um exercício que pouco compreende uma experiência de grupalidade ou comunidade. A interlocutora fez o seu mestrado no Rio de Janeiro e Doutorado na Escola de Música da UFBA, orientada por Laila Rosa. Segundo ela havia um preparo para não se vincular tão profundamente, com receio de ficar muito saudosa, mobilizada com o seu retorno para Belém:

E aí na UFBA acabei como eu já sabia que tinha tempo para voltar eu fui mais ou menos me preparando para não me apegar tanto a vocês eu uso dessas táticas, me apegar no sentido profundo mesmo, sentir muito na ausência né quando eu tive no Rio de Janeiro tive né essa dificuldade muito grande de me desvencilhar por conta né eu sabia que eu vinha embora e ficou muito difícil, foi um processo muito difícil pro meu retorno em Belém já sabendo da primeira experiência eu disse “não” lá em Salvador vou tentar manter uma distância emocional um pouquinho maior se não eu não vou conseguir voltar para Belém” não é que eu não gosto das meninas e tudo mais, nossa! De vez em quando eu lembro bate assim uma saudade, toda vez

que eu volto vocês sempre me recebem muito bem, muito acolhedor esse momento não só com vocês como os professores colegas da UFBA, mas não é para mim, compreendi tranquilamente que era só um momento e que depois essa amizade de tá próximo fisicamente ela ia acabar e ía se manter mais por outros meios, mas tenho sim um vínculo, sinto saudade mas de maneira mais tranqüila (Jorgete Lago, 2018).

Laila Rosa diz perceber que a universidade vive um “adoecimento naturalizado” e o quanto a violência permeia as dimensões sociais, desde o “macro ao micro”:

Então, se cria uma rede de hostilidade, de produtividade, de pseudoneutralidade. E então é muito legal assim, quando você encontra pessoas que também tão na universidade e tão na busca de outros diálogos. De outro lugar. Ontem mesmo eu conheci uma professora da UFRB maravilhosa! E a gente almoçou juntas e, assim, parecia que a gente se conhecia há muito tempo. Porque (pausa) tem uma empatia nas inquietações, né? Essa inquietação para além (pausa) dessa coisa profissional, de entender esse profissional como um todo. Que é a perspectiva da totalidade, da medicina tradicional chinesa, por exemplo. Nós somos o todo, né? Acupuntura é isso. Você não vai numa questão, você vai no todo. Então, se não tem como produzir conhecimento, ou produzir arte, se você tá doente. Se tá deprimido, se tá triste ou se tá infeliz, ou se você não tem dinheiro pra passagem do ônibus. Ou se você sofreu uma violência. Né? Então assim, não tem como separar, é aquela velha coisa do feminismo né? Que o pessoal é político, então... de cada vez mais firmar esse espaço pra gente ter acolhimento e se fortalecer né? Ontem mesmo nossa reunião foi linda! Foi muito legal. E eu percebo ao mesmo tempo que há uma resistência, uma não identificação e até uma desqualificação, inclusive por parte do corpo discente, que não compreende esse espaço como um espaço de produção do conhecimento, acha que é tudo porralouquice, né? (risos) O hippismo, né? Que eu sou hippie mesmo (risos) (Laila Rosa, 2018).

Laila Rosa traz uma leitura potente sobre os atravessamentos sociais, identitários e a dinâmica de vida dos sujeitos, a dimensão dos atravessamentos das matrizes de opressão que vulnerabilizam o sujeito, sua existência, conseqüentemente sua saúde, sua saúde mental. A interlocutora indica que se não há condição de existência saudável não há condição de produção desde esse lugar, como experiência mais adensadora da vida do que de processos de morte. Indica ainda, que o corpo discente, de modo geral, não compreende o Espaço da Feminária e outros espaços com caráter transgressor, como espaços potentes de produção de conhecimento. Pode-se pensar como a dimensão mais holística e os processos de autocuidado e prazer foram sendo desconsiderados em uma sociedade que compreende, confunde profissionalismo com seriedade, vulnerabilidade como fragilidade e indesejada, retira a dimensão do prazer e enaltece o sofrimento.

Laila Rosa complementa que no campo da música há uma dificuldade das pessoas, de modo geral, reconhecerem o quanto os estudos feministas e outras cosmovisões podem ser potentes para nutrir as práticas e a construção de conhecimento neste campo:

Então, acha que não... “ah, isso não tem a ver com música”. Acha que não, o importante é estudar técnica. Mas as pessoas tão lesionadas, tão tristes, tão ansiosas, (pausa) insatisfeitas, e correndo, correndo, correndo, e acha que tão perdendo tempo de tá num espaço de acolhimento. E que a gente faz tudo isso só que de outra forma. E eu vivo isso também dando aula (pausa). É, eu vejo como o engajamento que algumas pessoas têm com a disciplina, com o componente, é um não engajamento assim, é o reflexo de não levar esse experimento como um experimento válido. Né? O que é válido, o que reconhece é a coisa tradicional, da cobrança, daquele professor que martiriza e que dá zero, que reprova e pronto. Aí todo mundo respeita, todo mundo chega na hora, todo mundo, né? Agora a professora harebol, que faz a roda, que pergunta quais são as três coisas boas da semana, que faz yoga, tal, aí chega meia hora faltando pra aula, ou então, simplesmente deixa de ir porque, enfim, tem que ler muito, tem que fazer coisas que não tão habituados e fazer e não tão abertos né? Então eu sinto também! Mas eu, eu vou também na coisa da militância também. Eu acredito. Porque os resultados, as trocas têm sido muito potentes. Então acho que cada um tá no seu tempo, respeito, é negociável, também, né? Mas só fortalece mesmo quem tá no caminho certo, porque (pausa) é tão lindo, assim, os grupos que ficam são tão... Rola uma coisa, um aprofundamento tão massa. Então, acredito nisso. E dependendo da maneira, tem surgido várias alianças com professoras e professores de outras instituições, que também se sentem isolados em seus lugares, lugares de origem, né? Então agora na universidade, na escola de música, tem havido uma abertura maior. Mas não a interlocução. E aí no NEIM tem uma interlocução, pelos estudos de gênero, mas pela música não. Então... Mas tem também um acolhimento e uma... Ah, é massa também tá com outras pessoas de música, de outras universidades. Como vai ser esse simpósio lá em Manaus, por exemplo. Como foi ano passado na Irlanda, que eu fui convidada pra uma mesa de gênero e música do mundo, eu era a única representante latino-americana. Aí eu fui convidada por uma professora da Lituânia, que eu nunca vi na minha vida! (pausa) Mas que através de outro professor do Rio de Janeiro, entrou em contato comigo pelo facebook, pra eu participar dessa mesa. E foi incrível! Era eu, uma professora do Canadá, um menino da Suécia, professora da Lituânia, que acabou não indo porque a mãe adoeceu, e uma menina da Índia. Foi lindo! Sabe? Então aí você fica: uau! Tá bom aqui, tô assim isoladinha, mas olha a potência disso aqui! Tá tudo no caminho certo, vamo nessa! (Laila Rosa, 2018)

Laila Rosa reconhece que o NEIM foi o primeiro espaço de experiência forte de rede de apoio na Universidade, que também existiam dimensões de tensão e conflitos, considera como um espaço onde conseguiu “existir enquanto pesquisadora de música falando de feminismo”, o que não era possível naquele momento na Escola de Música. Refere também que as articulações foram se ampliando dentro do NEIM, com parceiras como Carol Barreto, Maíra Kubik, Darlane Andrade, Maíse Zucco e Janja Araújo: “Tantas meninas, mulheres incríveis, militantes, pesquisadoras, e Janja né? Que é mestra de capoeira. Carol, que é uma super artista. Então, pra mim é uma rede de apoio muito importante, né?”

A interlocutora relata que enquanto era estudante do doutorado participou de um grupo chamado Jovens Feministas no NEIM, em dois mil e cinco, experimentado com uma “[...]”

rede de apoio fundamental, que era, eram Zilmar, Rabeca, várias meninas, Jamile, então a gente se encontrava na residência universitária. Então, foi o primeiro grupo feminista que eu participei, e aí eu viajei e fui pro sanduíche” (Laila Rosa, 2018).

Laila Rosa destaca outros grupos feministas que participou. Importante enfatizar que os grupos feministas possuem essa conotação de partilhas, compreendendo o pessoal como político, o quanto as partilhas de ordem pessoal e os atravessamentos subjetivos são parte importante das reverberações das relações desiguais de gênero e outras dinâmicas hierarquizantes. A interlocutora reconhece a relevância de grupos feministas vinculados ao NEIM ou conduzidos por pessoas vinculadas ao NEIM, mas segue falando da Feminária e de suas conexões através desta, a exemplo do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas e de um grupo de Mulheres que encontrou em suas buscas nos caminhos de cura, no Vale do Capão, Chapada Diamantina.

Quando eu voltei, aí eu passei a frequentar o Espaço Feminista, que era lá no Nzinga, com Janja, Ana Reis, Luíza Bairros, Cláudia Pons, e Viviane Hermida, várias mulheres, né? A gente se encontrava no Alto da Sereia, várias... Então, antes disso teve, teve outro grupo que a Ana Reis organizou, antes de eu viajar, fui pros Estados Unidos, é... Que a gente se encontrou lá na casa dela, vixe ela vai me matar! Que eu não lembro o nome da rua. Que aí foi rapidinho porque eu tava já viajando... Que era uma delícia! A gente se encontrava pra falar de saúde, porque ela é médica de formação e ela é homeopata. E ela trabalhou muito tempo no Ministério da Saúde né? Ana Reis é uma figura muito importante assim, pra mim. Eu falo que é a minha mãe adotiva, né? Feminista. Foi ela que quando eu voltei dos Estados Unidos, ela falou: “ai, você tem que conhecer, umas mulheres incríveis, as mulheres negras são incríveis, os grupos são maravilhosos, esse é o feminismo da revolução e tal”. E a gente (pausa) começou a frequentar, quer dizer, ela já tava frequentando e eu frequentei também. E ela falava, fazia muita coisa com o corpo, o corpo. Eu lembro que ela propunha atividades, né? Pra gente se desenhar, enfim, falando do nosso corpo, algo bem legal! E no Jovens Feministas, a gente fez uma rodada assim, de vários bate-papos com feministas já mais velhas assim, várias oficinas de cartazes, na casa de uma, na casa de outra, e tem essa, enfim, né? (Laila Rosa, 2018)

Nesse ponto faz-se importante reiterar a grande revolução que os Feminismos Negros fazem nascer, a partir de uma construção de saber que faz sínteses, que aglutina e pauta a defesa das existências diversas, e por isso defende a democracia e o Bem Viver. Com um discurso rico e orientado pela experiência, o Feminismo Negro ensina sobre potência, reparação, anterioridade, reconhecimento da imbricação entre a dimensão social, política econômica, relacional e subjetiva. Acenando assim, para estratégias de resistências, (re)existências e integração, trazendo a arte para um lugar de legitimidade e produção de conhecimento e ação política e identitária.

E aí veio a Feminária, e agora já, um ano e meio, esse movimento assim com as mulheres do Capão, as mulheres, que participam do Conselho de

Anciãs que são terapeutas, bruxonas, que tão nesse, nesse movimento assim, de cura mesmo, são mulheres da cura, xamãs. Então essa coisa do Xamanismo assim, do Sagrado Feminino foi muito uma rede de apoio né? De um feminismo da cura (Laila Rosa, 2018).

O conceito de Sagrado Feminino, numa perspectiva que se propõe amefricana, pauta um resgate das potências que atravessam essa dimensão simbólica do feminino, sendo este um conceito que convoca a reparação, a integração do que foi impedido, violado ou desnutrido na vida das mulheres, e ainda a integração daquilo que é em alguma medida experimentado, mas investido apenas para fora, para o outro. Para Adriana Gabriela Teixeira (2016, p. 21) o Feminino Sagrado é compreendido como “[...] meio através do qual mulheres (enquanto categoria subjugada e a qual direcionei meus estudos) reencontram com a sua valentia, posto que é um reencontro e mobilização de suas potências de vida.”

O sagrado feminino amefricano agrega expressão, arte, cura, imagens de deusas, potência de ação e quietude, fusão e limite, repara, promove a ritualização da vida, dos ciclos, e ainda, a nutrição afetiva e simbólica por meio do contato com imagens de mulheres e deusas das culturas ameríndias e afrodiáspóricas. Nesse sentido há um caminho de reconexão com a potência de ser quem se é, integrando e ressignificando partes de si que foram ficando no caminho em prol da adequação, da sobrevivência, ou ainda partes de si e de suas culturas que foram deslegitimadas, criminalizadas:

Importante frisar que dentro deste universo do Feminino por hora basta dizer que o entendo como - além do ressurgimento de um crescente movimento de adoração à Grande-mãe e sua expressão através de figuras míticas das deusas, encabeçado por mulheres ao redor do mundo - como a relação com toda espécie de saberes não hegemônicos sob a égide específica da razão, calcados no respeito a vida, a existência da mulher e sua potencialidade mística e plural, pela estreita relação com a natureza intuitiva, pelo respeito aos ciclos vitais sagrados (nascimento, morte, menstruação, gestação, parto, velhice, sexualidade), ainda que não vivenciados, pela revalorização de uma vida natural, no qual caiba a conexão com as forças e elementos da natureza, seja através das danças, dos cantos, do silêncio, da partilha do alimento, do conhecimento e manipulação de energias através destas danças, cantos, gestos, alimentos, ervas, da valorização das percepções sensoriais e extrassensoriais... Mas, principalmente, como o desejo e ações que impulsionem o princípio feminino maior a se espalhar pelo mundo (TEIXEIRA, 2016, p. 28)

Nesta sociedade patriarcal, machista, que valoriza aspectos psicossociais relativos à produtividade, acúmulo de bens e consumo, o que dificulta movimentos de relações mais suaves e acolhedoras, da escuta de si, a emergência do sensível. Adriana Gabriela (2016) relata que percebe entre as mulheres com as quais se relaciona certa dificuldade de bancar seus desejos, além de um distanciamento de si, uma tendência a acatar o socialmente aceito

que as afasta de seus próprios corpos e ciclos. Nesse sentido Clarissa Pinkola Estés, psicóloga junguiana reafirma:

Observamos, ao longo dos séculos, a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento da natureza instintiva feminina. Durante longos períodos, ela foi mal gerida, à semelhança da fauna silvestre e das florestas virgens. Há alguns milênios, sempre que lhe viramos as costas, ela é relegada às regiões mais pobres da psique. As terras espirituais da Mulher Selvagem, durante o curso da história, foram saqueadas ou queimadas, com seus refúgios destruídos e seus ciclos naturais transformados à força em ritmos artificiais para agradar os outros. [...] A mulher moderna é um borrão de atividade. Ela sofre pressões no sentido de ser tudo para todos. A velha sabedoria há muito não se manifesta. (ESTÉS, 1994, p.15)

O sagrado feminino convoca, para além da experimentação de integração e reparação das mulheres, para a inclusão na vida social a integração de funções e práticas consideradas menos importantes, mas que são imprescindíveis para a vida humana, a exemplo do cuidado, contato e escuta das emoções.

A interlocutora segue indicando a importância do encontro com o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas (GRUMAP), como tocada por este Coletivo histórico de mulheres negras:

E o GRUMAP, né? Já tinha pensado já várias vezes, então um grupo de mulheres de Alto das Pombas assim, que cada vez que eu vou, que já desde dois mil e quinze que a gente tem essa, todas essas interlocuções, são sempre de cura. É... e de apoio. Então, só participar lá, poder participar das rodas de, enfim. Como orientadora do pessoal que tá se formando em licenciatura, ver as aulas, as atividades, é uma renovação da aula. Cada vez que eu vou lá é... é muito maravilhoso assim. Eu aprendi com Ritinha, eu quero um feminismo que cante a vida! Eu nunca vou esquecer disso. Sempre cito ela. Então, pra mim o GRUMAP me ensinou a, a reconhecer a importância desse feminismo que canta a vida (Laila Rosa, 2018).

O GRUMAP é um grupo histórico de mulheres moradoras do Alto das Pombas, que possui uma enorme importância histórica pela sua atuação territorial ampla e antiga. Crislane Rosa (2018, p. 63) em seu estudo sobre o Território do Alto das Pombas e participação social, retoma a memória da origem do grupo:

GRUMAP, Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, é um grupo formado por mulheres que se desenvolveu a partir da reunião de mães dentro da igreja católica. O Clube de Mães, que objetivava discutir problemas do bairro, existiu entre meados da década de 1970 e 1982, quando o GRUMAP se consolidou. A transformação do Clube de Mães em Grupo de Mulheres se deu devido à necessidade de ampliar o perfil de mulheres participantes, como afirma Rita de Cássia em entrevista: “porque não eram só mães. Eu era uma menina indo com minha mãe pro Clube. Tinham mães, não mães, meninas, mulheres homossexuais, e queríamos ampliar.” Neste processo, o GRUMAP conseguiu garantir diversos benefícios para o bairro, como saneamento básico, escolas e posto de saúde. Na década de 1980, as

principais reivindicações eram por creche, escola pública e pelo título de posse de terra, que só veio a ser conquistado por alguns recentemente, através do programa Casa Legal, lançado pela prefeitura junto à Santa Casa de Misericórdia (ROSA, 2018, p. 63).

Importante registrar o protagonismo e poder de articulação das mulheres e mães negras deste território. Indica-se que na década de 90 o grupo passou a se aliar aos movimentos que se nomeavam como feministas, alinhando o discurso (já que as práticas já estavam em curso) para discutir as relações de gênero, vinculadas ao Feminismo Negro. O GRUMAP já passou por muitas diferentes fases ao longo destes anos, vivendo desafios no que tange ao financiamento de seus projetos, tendo em vista a diminuição de recursos internacionais e nacionais que antes possuíam. O grupo também possui um cofre colaborativo e conta com a cooperação das pessoas para ter recursos. São incontáveis as atividades já realizadas pelo grupo, que segue resistindo e promovendo transformações.

Laura Cardoso discorre sobre suas redes de apoio e inicia contando sobre suas “mentoras”, “mulheres importantes” que lhe auxiliaram para além dos processos de pesquisa acadêmica, destacando as orientadoras e amigas como vínculos importantes para sua permanência na academia:

[...] porque o ambiente universitário ele é muito machista e o ambiente da escola de música é um ambiente extremamente conservador por incrível que pareça, é uma escola de arte né, uma linguagem artística, mas ainda existem muitas questões assim, delicadas sabe, coloniais mesmo a forma como as pessoas lidam com as coisas, a forma que as coisas operam lá dentro são extremamente machistas e opressoras assim e acaba que isso de forma não declarada vai segregando, né!, Então a gente tem uma evasão enorme de alunas, mulheres, por exemplo, na faculdade, de amigas que entraram no curso e nunca se formam e vão saindo e vão se esvaindo e eu senti muito a falta desse suporte durante o meu curso, porque eu fazia um curso de composição que é extremamente masculino, engraçado, eu sempre fui a única mulher da turma nesses ambientes, única ou assim, em um ano teve uma outra colega mulher que acabou saindo da faculdade sabe, no curso de composição e arranjo não tem nenhuma mulher formada desde a criação do curso por exemplo e aí quando você vai cursando, você vai entendendo o porque, se me deixarem formar, porque são outras tantas batalhas e aí a gente começa a sentir na prática de forma não declarada, mas de forma muito intensa, essa agressividade do ambiente acadêmico, tanta violência simbólica sabe, você se sente diminuída, você sente que você é mais cobrada do que os outros colegas, você sente... Sabe, então o ambiente acadêmico sempre foi assim uma relação muito de amor e ódio sabe, por muitas vezes eu pensei em desistir, eu troquei de curso, eu fiz a transferência do curso de composição pro curso de música popular justamente por essa inquietação de estar me sentindo num ambiente extremamente masculino e estar sentindo minha identidade ser metralhada lá dentro, diminuída, a música de menininha sabe, tive várias questões assim que me fizeram buscar assim, atualizar o ambiente, mudar de curso pra ver se eu consigo continuar nesse ambiente, em relação a saúde mental mesmo, em relação a segurança. Eu acabei me tornando uma aluna muito insegura na faculdade sabe, de

engavetar mesmo as minhas composições, engavetar meu trabalho autoral, engavetar quem eu sou musicalmente, porque é um ambiente meio hostil nesse sentido, os homens já estão acostumados a serem protagonistas do espaço e a falar e a mostrar sabe, e ter esse lado virtuosístico da música sabe, então o homem ele vai lá peita os espaços, ele atua, mas as mulheres elas são sempre diminuídas dentro desses espaços e não são contempladas dentro desse espaço, né! Então assim, a mulher instrumentista ela simplesmente não é chamada como deveria assim sabe, pra um trabalho musical, aí o professor que te diminui em sala de aula, você fala que toca um instrumento e ele olha pra sua cara e “Ah você tem um instrumento?” sabe assim, -“Você toca baixo, mas você tem baixo?”, -“Tenho professor!”, -“E você, você toca onde?” sabe, -“Você toca com quem?”, -“Mas e aí, você improvisa?” sabe, esse tipo de discurso que vai te diminuindo, que vai te confrontando, então algumas pessoas lá dentro tiveram uma grande importância, algumas amigas cantoras e compositoras lá dentro tiveram grande importância nesse processo que vão sendo suporte né, e aí um amigo também lá dentro, um amigo negro que também passou por vários problemáticas lá dentro, que também foi um grande suporte, a gente se agarrou um ao outro durante essa formação, porque a gente compartilhava das mesmas angústias lá dentro sabe, a gente até morou junto um tempo, então assim foi uma pessoa muito próxima também a mim, e aí essas pessoas vão te dando suporte né, -“Não, num ligue não!”, -“Oh, bola pra frente!”, então agora por exemplo, eu estou movendo um processo contra, um processo não, um processo administrativo de revisão de nota de um professor lá dentro entendeu, então assim, a gente sempre se sente sendo golpeada sabe e assim, sendo impedida de trilhar nossos caminhos como deveria assim, fui reprovada por falta em uma disciplina que eu tenho todas as minha faltas anotadas assim, que eu sei que eu não faltei o limite de falta, numa disciplina que o professor sequer anotava falta sabe, então esse tipo de problema, ele vai te desestruturando lá dentro, né! (Laura Cardoso, 2018)

Laura Cardoso, assim como Laurisabel Assil e Laila Rosa, faz alusão à dificuldade de serem mulheres instrumentistas e compositoras, destacando os atravessamentos do sexismo (e racismo) que se apresenta ao longo do processo formativo nesse campo historicamente na academia dominado por homens brancos. Vale destacar o quanto o sexismo opera, bem como o racismo, também indicado pelas interlocutoras. A própria Feminária Musical problematiza a invisibilidade de cantautoras, instrumentistas e compositoras, bem como as discussões sobre relações de gênero, sexualidade e étnico-raciais dentro do campo da música.

Laura Cardoso indica ainda que nessa situação de diversas violências experimentadas ao longo de sua formação, faz-se extremamente necessário contar com uma rede de apoio; ela indica a evasão como um índice importante que revela a hostilidade do ambiente para a permanência de mulheres, ainda mais, pensando na possibilidade de permanência com saúde.

Se você não tem um suporte de pessoas pra se agarrar é difícil, então por isso que a Feminária musical foi tão importante sabe, porque essa discussão não era uma, eu vim do interior, então assim eu tinha acabado de chegar em Salvador, tava recém chegada a Salvador. Passei durante toda minha vida por esse processo de ser mulher e ser musicista na sociedade é difícil

mesmo, mas as discussões propostas pela Feminária me fortaleceram muito, me deram um entendimento de uma resistência que foi muito importante sabe, pra minha vida musical de aprender a lidar com isso de uma forma mais tranqüila também, me fortalecer. A Feminária Musical é um grupo muito assim, que tem uma forma de lidar com as coisas que é uma forma muito artística, muito musical, muito feminina no sentido de que a gente se aproxima muito uma das outras, então é um suporte assim muito grande. É um ambiente familiar mesmo, no sentido de que cria uma proximidade que em outros ambientes eu não teria, de mulheres que fazem arte, que fazem música, que discutem, então isso foi bastante importante pra mim assim, ter contato com esse tipo de discussão, com esse tipo de entendimento e trabalhando também outras questões em relação a diversidade, em relação a gênero. Para mim eram discussões novas também sabe, porque no interior eu não tinha essas referências, foi quando eu entrei na Feminária que eu também fui começar a ter referências positivas de mulheres que atuam nos tantos setores acadêmicos e artísticos. Refletir de forma consciente sobre essas coisas, a gente de forma inconsciente né assim: Ah, na vida você mira essa, essa e essa...mas, de forma consciente e politizada muito na Feminária, então foi um ambiente bem importante pra mim! (Laura Cardoso, 2018)

A interlocutora Laura Cardoso discorre sobre a importância da co-criação experimentada no coletivo, como um espaço de acesso a uma representatividade de mulheres na música e na academia, bem como, espaço de acesso a novas discussões no campo das relações de gênero e sexualidade.

Na verdade eu cheguei a procurar essa rede apoio quando eu estava passando por alguns conflitos familiares bem sérios em relação a minha sexualidade, que estava interferindo diretamente nos meus estudos, tava uma relação bem delicada e eu não tinha condições de sair de casa, financeiramente falando, e eu procurei o PROAE, pra procurar um auxílio, um auxílio moradia, eu precisava sair de casa porque eu estava me adoecendo mesmo psicologicamente, estava me abalando muito essa relação familiar, mas enfim eu não julgo também, eu não consegui porque também tinham questões mais delicadas, eu acho que eu não me coloco como a pessoa mais importante do universo, que precisava mais que outras pessoas, eu acho que o PROAE atende também outros casos tantos, importantes, talvez mais importantes que o meu, mais delicados que o meu sabe, e eu acabei não conseguindo por conta disso, mas eu também procurei assim, tem uma psicóloga lá no PROAE e eu fui conversar com ela e não me senti muito acolhida e aí isso que me chateou um pouquinho, que eu realmente estava precisando de suporte, de ajuda, de como conseguir assim, não sei, estava me sentindo perdida e tá, se não for financeiro como é que eu posso, me ajude aí sabe e realmente acabou não dando em nada, a gente teve uma conversa que a pessoa me pediu pra escrever essas coisas que eu estava sentindo sabe, pediu pra eu escrever em uma carta pra anexar pra um setor, então é uma questão burocrática pra uma questão de ordem outra né, de outra instância e aí eu lá escrevendo uma carta sobre as coisas que estava acontecendo e anexei com uma solicitação pra não sei quem e nunca tive um retorno disso e aí fui procurar outras instancias né, que é trabalhar muito pra poder sair de casa e foi isso que aconteceu, mas esse suporte não tive, não consegui (Laura Cardoso, 2018).

Laurisabel Assil cita relações que permanecem desde a sua graduação, mestrado e seguem no doutorado com suas orientadoras e amigas. Acerca da Feminária Musical, a interlocutora relata que:

[...] quando eu estava no Feminária isso era uma grande rede de apoio né, porque não é só grupo de experimentação, é também de troca de experiência, de vivência e Laila, ela também tem o hábito de fazer um pouquinho daquilo que foi no Feminária e um pouquinho nas aulas. Então a gente dava sempre um momento de respiração, momento de a gente conversar um pouco sobre a vida e isso é importante (Laurisabel Assil, 2018).

Pode-se afirmar que essas práticas de respiração e outras atividades que são de acolhimento e aquecimento corporal são valiosas para fortalecimento da autopercepção, auto-observação, posicionamento, elaboração de discurso sobre si, e favorecem a expressão e vinculação, além de auxiliarem nos processos de trocas de saberes e aprendizados na Universidade, colaborando para a experiência de saúde neste ambiente.

Maiara Diana Pereira relata que para além das amigas construídas ao longo da graduação destaca como redes de apoio dentro da Universidade, A Feminária Musical e o grupo Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (GIRA):

Feminária e do Gira. Que foram os grupos que mais, que foram onde eu tive apoio, né? Onde eu ficava, me sentia melhor dentro da faculdade. Dentro da graduação, dentro da faculdade. Foram lugares que eu me sentia mais, mais bem acolhida (Maiara Pereira, 2018).

A interlocutora relata ainda sobre a experiência na Feminária Musical:

[...] eu gostava muito de tá com pé num lugar que me trazia muito, muita coisa boa, muito aprendizado, paz né? Porque Laila é isso. (risos) então, assim, na Feminária eu aprendi muito, é um lugar que eu carrego até hoje assim. Tipo, sempre lembro, sempre falo pra todo mundo da Feminária (Maiara Pereira, 2018).

Pode-se pensar que essa dimensão de “paz” trazida pela interlocutora dialoga com uma dimensão de vinculação saudável. A interlocutora falou sobre um momento de sua graduação no qual era estagiária em um museu da cidade e que as relações de trabalho eram bastante difíceis, e que neste momento “enfrentava” muitos desafios:

Entrando na faculdade, eu trabalhando no museu e levando porrada de diretor, que era, que era antropólogo, né? Que era o que queria fazer (risos) mas... aí também construí relações, amigas com as outras meninas, que trabalham lá, é... algumas permaneceram lá, outras não. Mas assim, eu construí vínculos de amizade, também, com as pessoas que trabalhavam lá. A gente manteve uma relação de amizade, até pra aguentar os ‘baque’ ‘memo’, que era lá no museu. (pausa) A gente, e até hoje também são minhas amigas, compartilho várias coisas assim, com elas (Maiara Pereira, 2018).

Maria Belga reconhece a Universidade como espaço que lhe ofereceu possibilidades de relações especiais, amizades com pessoas que entende não encontraria em sua rede de relacionamentos:

E, acho que foi o que mais me oxigenou nesses tempos, agora aí que eu tava sofrendo separação, né? Aquela coisa. Que foi um choque pra mim. Mas, a faculdade, esse universo de, de novas pessoas, novas conversas, cada um cheio de ideias borbulhantes sabe? Várias pessoas me abriram a cabeça, mais do que os professores, né? São os alunos (Maria Belga, 2018).

A interlocutora Maria Belga também destacou a Feminária como esse espaço de experimentação de rede de apoio. Interessante o grifo da interlocutora quanto às relações com seus pares como vínculos especiais, mais potentes e transgressores do que a relação com docentes de modo geral.

Mafá Santos destacou a sua experiência na Atividade Curricular em Campo (ACC) focalizada por Pedro Abib, de Culturas Populares, bem como o professor Cristiano Rodrigues que ministrou o componente “Feminismo Negro”, e o quanto o vínculo estabelecido a convocou a adquirir seu primeiro livro.

Nossa! Foi a melhor matéria que eu fiz. Eu consegui ler um livro, o primeiro livro que eu comprei, eu tinha conseguido comprar um livro e lê-lo pra matéria porque eu precisava fazer uma resenha e era um livro de Chimamanda chamado Americana, então isso foi, tipo, um carimbo né? de alguém que eu estabeleci um vínculo (Mafá Santos, 2018).

Faz-se necessário destacar que as culturas africanas e afro-brasileiras foram confinadas ao campo do folclore, e, portanto, restritas à memória. Desse modo, folclorizar significa reduzir, simplificar uma cultura a representações estereotipadas, distantes do contexto de criação e de práticas. A alienação dos sujeitos de suas possibilidades de produção de significados sobre seus signos, produção de discursos sobre si, constitui uma estratégia de dominação deveras efetiva, que termina por facilitar o processo de expropriação, exploração econômica e semiótica. Portanto, a epistemologia, entendida por fonte da produção de significados, é basilar para a afirmação ou negação de um povo, sua cultura e tradições (OLIVEIRA, 2006). Compreende-se que a ACC citada, bem como a Feminária Musical, se lança nesse desafio de produção e reconhecimento da cultura e tradições afrodiaspóricas e ameríndias.

Mafá Santos citou sua relação com Laila Rosa, e com a Feminária Musical, como primeira experiência de diálogo dentro da Universidade:

[...] me permitiu o improviso né, gente o improviso, como assim o improviso, eu ficava tensa com aquilo, porque o improviso, regra, começa assim termina assim, isso também foi muito importante, até pra eu conseguir fazer uma performance sozinha, consegui chegar eu e minha moringa e aí fazer

uma música e recitar um poema, nossa! São construções (Mafá Santos, 2018).

Nesta passagem fica evidente que o processo de improvisado é um processo de transgressão, de construção espontânea e o quanto esse recurso foi experimentado como um desafio que garantiu depois a experiência de expressão, de exposição da interlocutora em uma performance solo.

Mafá Santos discorre sobre sua experiência na Atividade Curricular em Campo (ACC), destacando correlações entre a educação popular e a prática educacional feminista:

[...] a ACC né, Pedrão, assim, que era uma figura masculina, eu tenho questões com a figura masculina, não sei lidar muito bem com elas. Eu achava que com brancos eu tinha mais problemas, mas eu tenho mais com homens e aí foi muito difícil, foi muito difícil. Mas a matéria, foi tipo, surreal né, e enquanto educação também, a perspectiva que a gente pensa de educação, e pensando na educação feminista né, que de alguma forma a educação popular e a educação feminista elas dialogam né, porque são modelos diferentes desses que são colocados né, acho simbólico ter um pandeiro sabia, de repente a gente aqui conversando, aí aparece um som chamado pandeiro, é porque as coisas deixam de ser apenas coisas, elas passam a existir com consciência, ainda que seja minha né, fez sentido para mim, é isso né, ter contato com os mais velhos, porque a gente perde um pouco isso também né, os nossos velhos estão em asilo, estão sustentando famílias. Se reúnem em finais de semana, feriados, semana santa pra confraternizar, mas assim, pessoas com cem anos, cento e dois, noventa tocando como o que, sambando como o que, nossa peraê, eu com vinte e seis não estou nem conseguindo nem fazer um alongamento seis horas da manhã, isso enquanto pessoa mexeu muito comigo assim. É isso a universidade.

Importante destacar a potência das atividades de extensão universitária que proporcionam encontros entre as comunidades e a academia, favorecendo troca, cooperação e diálogo. Neila Khadí assinala haver experimentado sentir-se só no espaço acadêmico, mas que não experimentou nada “desesperador”, relatou que a Feminária Musical é sua maior referência de rede de apoio na Universidade. Rememorou uma atividade experimentada no grupo e o quanto a intimidade e a possibilidade de partilha ocorreram por conta da confiança estabelecida grupalmente:

Mas é uma atividade que a gente escreveu sobre a gente e a gente leu em grupo lá. E aí eu percebi que ali é... Primeiro que eu me vi compartilhando com essa página assim que eu iria logo logo compartilhar com essas pessoas todas as coisas muito íntimas e que quando eu percebi não tinha filtro, assim, prático: Eu vou falar sobre isso, eu não vou falar sobre isso. O que comunicou para mim o nível de confiança que eu tenho naquelas pessoas, que nós temos na gente, no quanto a gente se apóia, do quanto a gente se não se julga. Isso para mim é muito valioso, então eu diria dessa atividade como algo que me marcou muito. De onde eu falei de coisas muito íntimas, de onde eu vivi experiências e em momento da vida delas de muita intimidade e de muita cumplicidade ali assim então, era isso: era escrever

sobre você, sobre coisas que você tinha vontade de compartilhar e a gente compartilhou. Tem muito tempo, né?(Neila Kadhí, 2018)

Essa passagem da entrevista de Neila Khadí comunica a possibilidade de vinculação dentro desse espaço grupal, a partir de experiências de intimidade, afetividade, partilha, exposição de vulnerabilidades e acolhimento. Pode-se destacar o quão valiosos são os espaços, as relações nas quais os sujeitos se permitem ser inteiros, apresentando as suas questões.

Nzinga Mbandi discorre sobre as relações vinculares dentro da academia, indicando que há uma dificuldade de vinculação saudável por ser um “espaço muito competitivo”:

[...] então os esforços pra você ter relações de vínculo afetivo lá dentro são maiores, que eu acho que a gente é muito impelido a estar disputando entre si algum espaço que às vezes não é nem um espaço real, a possibilidade de ter um espaço, então eu sinto uma dificuldade de estabelecer vínculos na universidade, agora mesmo no doutorado eu tenho das mais próximas, eu tenho poucas pessoas por realmente não estar disposta a também formar vínculos que eu sei que não são verdadeiros entende, eu sei que não são... Que são vínculos que a pessoa quer estabelecer ali pra usufruir de algo que você tem, eu realmente não estou disposta, então eu dentro da universidade formo poucos vínculos (Nzinga Mbandi, 2018).

A interlocutora Nzinga indica ainda que a própria jornada da pós-graduação, diferente da graduação na qual há uma sequência de acompanhamento da turma, não existe um tempo alongado de convivência, sobretudo no doutorado que “é você e a escrita” e essa descontinuidade da convivência não favorece a criação e manutenção de vínculos.

Nzinga Mbandi relata ainda que buscou atendimento psicoterapêutico no serviço da Universidade não encontrando vaga para tal serviço:

Na UFBA as coisas são meio difícil de todas as formas, por exemplo, essa parte médica, eu já tentei varias vezes fazer terapia lá, mas o serviço médico pra estudante tem apenas dois psicólogos, então com a quantidade de alunos que está aí mal, você não consegue então essa questão medica é bem... Psiquiatra não, porque psiquiatra é fácil, você só vai lá e pega a receita (Nzinga Mbandi, 2018).

A interlocutora Nzinga Mbandi indica duas questões bastante delicadas, a dimensão da grande demanda de discentes que carecem de acompanhamento e não conseguem acesso e o acompanhamento psiquiátrico que segundo ela, restringe-se apenas à administração medicamentosa. Compreende-se a necessidade de investigações mais profundas acerca dos processos de assistência e oferta de cuidado institucional.

Ao se referir sobre uma rede de colegas do período da sua graduação, muitas hoje, professoras universitárias, Rabeca Sobral diz dessa busca e nutrição de relações “saudáveis de trocas”:

Que são muito relevantes, são meus gurus, guianças, né? Que, sobretudo, a Laila e agora recentemente a Suki, que já me acolheu lá na escola de Dança (Rabeca Sobral, 2018).

A interlocutora Rabeca Sobral discorre acerca de sua relação com a Universidade, espaço que frequenta há vinte anos e o quanto vive muita satisfação e crescimento, experimentou também dimensões delicadas, complexas, exaustão, cansaço:

Que eu sei que a universidade, ao mesmo tempo que ela pode ser esse lugar extremamente vibrante, que acordei nesses últimos vinte anos todo dia praticamente feliz porque eu ia pra universidade, mesmo quando eu tava exausta (risos), quando eu tava cansada, quando eu tava preocupada, quando eu tava chorosa, tinha momentos difíceis, de questões difíceis que a gente tem que enfrentar. Mas que eram um, um, não sei, talvez uma prática do meu propósito sabe? Eu me encontrava tanto, era uma realização tão grande, enfrentar todos aqueles desafios né? Eu acho que, de alguma forma, essas pessoas fazem essa rede de, de apoio, de prática mesmo, real. E eu quero muito aprender a fazer também! (Rabeca Sobral, 2018)

Compreendo que Rabeca Sobral fala da sua trajetória com diversos desafios, mas, ao mesmo tempo, com um apaixonamento e engajamento com o seu fazer, deste modo, fica evidente o quanto seu trabalho acadêmico a conecta com sua potência criadora. Neste sentido, Audre Lorde afirmou:

A energia que recebo do meu trabalho ajuda-me a neutralizar as forças de pessimismo e autodestruição que a América branca trata de implantar em mim com o intuito de impedir que meu poder criativo se desenvolva de forma eficiente e desafiadora. (LORDE, 1994, p. 86).

E mais, a interlocutora indica a importância de ter experimentado uma rede de apoio e seu desejo de fortalecer essa experiência de suporte, de troca. Sérgio Brito destaca a vivência na Feminária, a relação de amizade construída, sobretudo com Ariana Silva e sobre sua relação com Laila Rosa “amo de paixão”. Complementa falando de experiências com outras/os docentes e amigos, fazendo também menção a um grupo do qual participou, que não se definia como rede de apoio na época em que fez parte, mas foram experimentados como tal, grupo de “discussão sobre ações afirmativas do movimento negro” durante a graduação e o mestrado. Mais uma vez reiterando a potência do Movimento Negro como educador, e ainda, rede de cuidado e afeto.

Sérgio Brito relata sobre as dimensões de reconhecimento e representatividade dentro do espaço da Universidade e o quanto, como homem negro oriundo da periferia, ele se reconhece e procura vincular-se, ter uma atenção com profissionais terceirizados:

[...] eu tenho com muitos colegas que foram cotistas e eu tenho vínculo diferente que eu tento me vincular muito com a galera que é terceirizada e os técnicos principalmente por que acho que a galera mais parecida comigo tipo eu falo com todo mundo educadamente, mas, por exemplo, eu dou atenção mais se eu passar aqui cara aqui varrendo eu dou atenção e aí tudo

bem, beleza eu dou atenção porque acho que a galera que mais parece comigo sabe e isso no meu local de trabalho também é assim parece mais comigo fisicamente em sua maioria só são pessoas negras que trabalham terceirizadas nos trabalhos mais difíceis, então a galera da portaria sempre falo sempre apertado a mão porque o próximo eu me vinculo mais com essas pessoas (Sérgio Brito, 2018).

Thalita Batuk relata sobre sua jornada acadêmica e o quanto estava focada, sobretudo, na dimensão profissional de sua formação, em uma fase da vida querendo se instrumentalizar para o trabalho, e entende que não estava muito disponível para fazer amizades, ainda porque conta com uma rede de apoio vincular de amizades fora da universidade com a qual dialogou durante todo o processo:

Na Faculdade eu não fiz muitos amigos. Eu acho que por causa do processo que eu estava também. Entrei na Universidade mais velha, eu entre eu tinha vinte e cinco já. Então eu tava num outro momento. De muita gente que tá ali que entra com seus dezoito. Então eu já tinha minha vida, já tinha saído de casa, eu já trabalhava, eu que me sustentava (Thalita Batuk, 2018).

A interlocutora Thalita Batuk destaca ainda a Feminária Musical como esse espaço de experimentação de rede de apoio dentro da Universidade, único compreendido por ela:

A Feminária foi caso a parte na minha vida. Porque aprendi muita coisa, acho que desenvolvi muita coisa assim de mente, de indivíduo. A Feminária foi muito importante dentro desse processo na Universidade e fora da Universidade também. Eu enquanto eu para o mundo. A Feminária foi um divisor de águas mesmo, assim na minha vida. Bahia me ensinou muita coisa e a Feminária me mostrou muita coisa, me ensinou a eu entender muita coisa que acontece aqui (Thalita Batuk, 2018).

Nesta passagem Thalita Batuk reconhece o quão preciosa foi sua experiência no coletivo e o quanto aprendeu, trocou muitas coisas que colaboraram inclusive para a compreensão de uma leitura das dinâmicas sociais, e ainda, ela diz de um desenvolvimento mental, que entendo como acesso a muitas dimensões da subjetividade, da sua individualidade, fortalecimento de autonomia.

Ao serem perguntadas sobre suas jornadas na Feminária Musical as interlocutoras relataram acerca dos seus processos de chegada e experimentações no grupo. Destaco algumas narrativas a fim de visibilizar diferentes lugares de fala.

2.5 ARTE, CORPORALIDADES E PERFORMANCES: ARTIVISMOS COMO POTÊNCIA

Pautada no conceito de Estética da Existência, bell hooks (1995) aponta entrelaçamentos entre grupos negros, o movimento negro, arte e estética. Entende a estética como algo que vai além do que a filosofia ou teorias da arte e beleza seria um modo de criação e uso dos espaços que reflete paz, beleza e harmonia, uma estética existencial. Visibiliza a ideia de que a estética é por si, à parte, mas sem deixar de revelar seu contexto,

questões históricas, com caráter intersubjetivo, simbólico das produções e ao mesmo tempo dotado de certa coletividade.

bell hooks (1995) explicita que a descolonização cultural não ocorre apenas através do repúdio por tudo que parece ter relação com a cultura colonizadora. David Foster (1983) contrapõe à compreensão da existência de uma experiência estética à parte, sem "propósito", indicando o potencial que a arte possui de realização no agora, sendo uma intervenção co-criada (inter)subjetivamente, que se apresenta de modo concreto, e dotada de uma rica carga simbólica. Tomando a posição de que uma anti-estética "[...] sinaliza uma prática, interdisciplinar por natureza, que é sensível a formas culturais envolvidas em uma política (por exemplo, a arte feminista) ou enraizadas em um vernáculo, isto é, as formas que negam a idéia de um reino estético privilegiado" (hooks, 1995, p. 70).

David Foster (1983) sinaliza a possibilidade de antiestéticas que seriam práticas interdisciplinares, envolvidas com política, como a arte feminista, que negam um única referência, ou ainda uma mesma referência tida como clássica ou primeira. Valorizando assim as produções de grupos marginalizados, que possuem um caráter mais transgressor, romper com velhas e tradicionais formas de olhar as realidades. Tendo em vista que para qualquer processo de descolonização, é necessário desenvolver um diálogo permanente com os discursos dominantes, para que seja possível analisá-los criticamente, intervir criticamente. Não é possível fazer isto descartando os trabalhos realizados por brancos e tradições ocidentais; dialogar é a marca da agência crítica e da liberdade. Nesse sentido, se afirma que o racismo não é um problema apenas do negro e não deve ser analisado apenas por essa ótica, é um problema também do branco, logo, deve-se incluir esta outra perspectiva na análise.

E ainda, com um crescente corpo de trabalho, com os estudos culturais, teorias feministas, é notório o adensamento de estudos que incluem as categorias raça, classe, gênero e outros importantes marcadores para análises críticas. Não deve existir um padrão crítico para avaliação de trabalhos artísticos, a estética radical aponta que as pessoas estão em constante mudança, suas subjetividades, posições, preocupações, desejos, e que estas direções devem corresponder a mudanças no pensamento crítico. Além disso, estéticas muito definidas terminam por colocar parte da arte negra novamente à margem, novas posturas de acolhimento de produções transgressoras, estranhas a priori, devem ser acolhidas, assim haveria um encorajamento para ousadias, para novos modos de produção.

A preocupação do meu trabalho se aproxima daquela apresentada por hooks (1995), de uma produção que fortaleça o desenvolvimento de uma consciência crítica, mais localmente situada e referenciada, que adense o movimento e as identidades de resistência.

Continuo apaixonadamente comprometida com uma estética que incide sobre a finalidade e função da beleza, da arte na vida cotidiana, especialmente a vida dos pobres, que procura explorar e celebrar a conexão entre nossa capacidade de envolver-se em crítica resistência e nossa capacidade de sentir prazer e beleza. Eu quero criar um trabalho que compartilha com o público, particularmente os grupos oprimidos e marginalizados, a sensação de agência arte oferece, o *empowerment*. Quero compartilhar a herança estética passada até mim pela minha avó e gerações de antepassados negros, cuja forma de pensar sobre o assunto têm sido globalmente em forma na diáspora Africano e informado pelo experiência do exílio e da dominação. Quero reiterar a mensagem de que "devemos aprender a ver." Vendo aqui se entende metafisicamente como maior consciência e compreensão, intensificação de sua capacidade de experimentar a realidade através do domínio dos sentidos. Lembrando as casas da minha infância, eu vejo o quão profundamente a minha preocupação com a estética foi moldada por mulheres negras que foram disfarçando uma estética da existência, que lutam para criar uma visão de mundo de oposição para os seus filhos, trabalhando com espaço para torná-lo habitável. Deve ser lembrado mais uma vez que a capacidade de nomear algo (especialmente por escrito termos como estética, o pós-modernismo, desconstrução, etc.) não é sinônimo de criação ou propriedade da condição ou circunstância em que tais termos podem se referir. Muitas pessoas de camadas populares e negras que não conhecem linguagem teórica acadêmica convencional estão pensando criticamente sobre a estética. A riqueza de seus pensamentos é raramente documentada nos livros (hooks, 1995, p. 71).

A autora articula que o racismo criou e mantém uma estética que fere negras e negros, um modo de compreender a beleza de modo amplo que causa dor. É preciso ver a escuridão com outros olhos, ressignificar, para que se fortaleçam novas visões e estéticas, precisamos de uma estética negra estranha, bizarra, transgressora.

A qualidade que chamamos de beleza, no entanto, deve sempre crescer a partir das realidades da vida, e os nossos antepassados, obrigados a viver em quartos escuros, hoje veio a descobrir a beleza nas sombras, em última análise, para orientar sombras em direção ao fim da beleza (hooks, 1995).

Assim, pode-se ter estéticas e antiestéticas como práticas interdisciplinares, envolvidas com política, como a arte feminista, que negam uma única referência, ou ainda uma mesma referência tida como clássica ou primeira. É imprescindível valorizar produções de grupos marginalizados, já que estas são possuidoras de importante caráter transgressor, rompem com velhas e tradicionais formas de olhar as realidades. Logo, não é interessante existir um padrão crítico para avaliação de trabalhos artísticos de modo a hierarquizá-los. Dessa forma, compreendem-se os fazeres da Feminária Musical, uma provocação à criação, à autoria sem exigências canônicas, clássicas ou cerceantes de algum modo.

No que tange às escritas acadêmicas, pode-se pensar no alargamento de modelos, na maior liberdade para escritas criativas. A estética radical assinala que as pessoas estão em

constante mudança, suas subjetividades, posições, preocupações, desejos, logo, essas direções devem corresponder a mudanças no pensamento crítico. Propõem-se então posturas de acolhimento de produções transgressoras, estranhas, assim haveria um encorajamento para ousadias, para novos modos de produção.

No que tange à Teoria Cultural, fica evidenciado o poder da cultura na construção das subjetividades, de suas relações, e como esta pode ser limitadora, destrutiva, geradora de sofrimento. Propõem-se papéis rígidos baseados em gêneros, entretanto, entende-se que existe algo particular de cada um, algo que se desdobra em tipos de exercício de poder e autonomia, em habilidades e negociações.

Glória Anzaldúa (2004) frisa que as mulheres indígenas e mestiças procuram apagar, ou ainda, criminalizar a índia que possuem, porém, muitas práticas e valores de nossas antepassadas estão presentes sem serem necessariamente reconhecidas. Destaca-se que as mulheres do terceiro mundo são geralmente representadas como objeto e não como sujeitos de sua própria história, tendo em vista que o feminismo nasce situado em um determinado tempo e espaço, e os feminismos hoje precisam considerar vários tempos e espaços, incluir, falar sobre as diferenças e potência das diferentes mulheres (CURIEL, 2009). Pode-se relacionar essa dimensão com processo de autoria na Feminária, uma provocação-convide ao exercício do posicionamento, da expressão, no mergulho em si para a emergência de uma leitura própria.

Faz-se necessário, portanto, descolonizar o feminismo, e ainda, os corpos, tendo em vista que as questões de diversidade não são comumente consideradas. Para Ochy Curiel, o conceito de descolonização é uma proposta epistemológica “como política para explicitar y compartir ciertas posiciones críticas y también las propuestas de varias feministas [...] de la autonomía y la radicalidad, [...] perspectiva que articula la raza, la etnia, la clase y la sexualidad como pilares centrales” (CURIEL, 2009, p. 1).

Entende-se por eurocentrismo, a construção de conhecimento no mundo baseado na cultura, ideias europeias, geradoras de construções de subjetividades e intersubjetividades entre europeus e não europeus, além de fortalecer os binarismos – civilização e barbárie, escravos e senhores – a universalização da epistemologia européia/ocidental. Segundo Ochy Curiel (2009), nas sociedades antigas, antes das colonizações, não existiam divisões ou hierarquias, não havia divisão sexual, as sociedades yorubás e indígenas da América do Norte organizavam-se basicamente considerando a idade cronológica, e as mulheres tinham acesso igualitário ao poder público e simbólico, além de respeitarem e estimarem a homossexualidade. Com a chegada de culturas europeias e o processo de dominação,

constitui-se uma lógica de subordinação das culturas colonizadas e pequenos privilégios para uma minoria.

Curiel (2009) aponta que homens colonizados e mulheres ocidentais possuem privilégios, e por esse motivo possuem certa cumplicidade com os colonizadores, enquanto as mulheres negras não possuem nenhum tipo de privilégio. Salienta a dificuldade de disseminação das Epistemologias do Sul e que poucos nomes hoje são conhecidos nessa área, assim como no Feminismo de Terceiro Mundo. Além disso, a educação básica tradicional segue repetindo discursos coloniais e são poucos os espaços que travam essas discussões e propõem mudanças, entretanto, é fundamental lutar por espaços, pelo saber e poder, contra colonialismos, racismos, classismos e desigualdades de gênero.

Carol Barreto e Laila Rosa (2018, p. 27) em *'Falando em línguas': Artivismo como forma de produção de conhecimento feminista*, fazem transgressões na escrita e através de suas escrevivências apresentam seus artivismos; sobre essa jornada, dizem:

Os caminhos têm sido diversos, desde a presença de corpos cis ou trans negros, femininos, masculinos, híbridos, quebra de padrões de silhuetas corporais hegemônicas (branca e magra), cabelos crespos naturais ao vento, coloridos, cabeças raspadas etc.; sonoridades expandidas experimentais improvisatórias como parâmetros de horizontalidade na criação musical e na performance; presença de música tradicional indígena ou de matriz africana; dessacralização dos espaços onde se produzem imagens de moda ou música, ocupando espaços públicos e teatros em desfiles performáticos, shows, oficinas, intervenções, encontros etc.; engajamento na construção de epistemologias que dêem conta de nossas produções artísticas e teóricas feministas através da autoetnografia e da escrita performática e poética para assumirmos, no campo da subjetividade, a afetividade no ato da escrita e da criação artista, propondo, também, uma ampliação da perspectiva de artivismo feminismo que alia produção de conhecimento a experimentos artísticos individuais e coletivos (BARRETO E ROSA, 2018, p. 27).

Em uma das autoetnografias apresentadas, o *Artivismo 6* refere-se a uma performance realizada por Laila Rosa, com a participação de Carol Barreto e da Feminária Musical, em novembro de 2013, no show de lançamento do disco *Água Viva* de Rosa. A roda foi uma ritualização segundo a autora, ao passo que foi feita uma improvisação vocal e instrumental coletiva, homenageado mulheres negras e indígenas. Ariadila Queiróz Pataxó, na época ativa no grupo, mulher da etnia Pataxó, estava presente e cantou cantos tradicionais da sua etnia, acompanhada por todo grupo participante.

Laila Rosa (2018, p. 35) destaca as dimensões ritualísticas e artistas da performance:

[...] o formato de semicírculo (no palco) e círculo (incluindo a presença da platéia que nos assistia e que interagiu conosco); a improvisação experimental (vocal e com instrumentos de percussão leve com apitos, alcarinas e chocalhos) que horizontaliza os saberes musicais, pois não são pré-estabelecidas estruturas sonoras a serem seguidas; a interação da

platéiaque convidamos para que cantasse com a gente o “canto de dentro”, estabelecendo, assim, uma conexão também horizontalizada e de consagração da coletividade através da música viva e líquida proposta nesse show e no CD (ROSA, 2018, p.35).

Laila Rosa (2018, p. 35) indica as repercussões das participantes da performance em suas partilhas após a experimentação, e ainda, em que consistiu o trabalho de preparação das mulheres participantes:

[...] As mulheres que nunca haviam subido no palco; ouvimos, posteriormente, seus desconfortos e surpresas de empoderamento com este lugar de destaque e enorme visibilidade, desta vez onde artistas sobem ao palco na relação sacralizada palco-platéia. Na ampliação do convite para participação do espetáculo às mulheres que não são artistas profissionais buscou-se desconstruir essa definição e encorajá-las a atuações que diferem de seu universo cotidiano, estimulando-as ao contato com as artes e ao questionamento do seu lugar de espectadoras ou protagonistas. Foi uma experiência muito bonita, amorosa, musical, sagrada e de enfrentamento para todxs nós (ROSA, 2018, p.35).

Maria Antonieta Antonacci (2014) assinala que diante das culturas do individualismo, competição, consumismo, as pessoas artistas são intelectuais, que provocam, sensibilizam percepções. Desse modo, indica-se que a descolonização do conhecimento da mente é uma tarefa que deve ser encarada em conjunto, artistas-intelectuais e intelectuais, acadêmicos como colaboradoras por gerações.

Eduardo Oliveira (2006), ao apresentar a Cosmovisão Africana, um recorte de algumas regiões deste continente (Império do Gana, Mali e Songai), destaca diversos conceitos centrais para esta. Destaco aqui alguns destes que dialogam com as narrativas das interlocutoras e compreensões acerca das dimensões relacionais e Bem Viver.

O universo está prenhe de sagrado. O “segredo” faz parte do universo tanto quanto o revelado. Tudo que se manifesta ou oculta-se, segundo a cosmovisão africana, compõe o universo. Para estes povos o universo não pode ser compreendido um múltiplo de correspondências, analogias e interações com o humano e com todos os seres que compõem essa totalidade (OLIVEIRA, 2006, p. 42).

Apresenta-se uma imagem do universo africano como uma grande teia de aranha, sendo o toque em qualquer parte da teia, a certeza de reverberação por toda sua extensão. Essa imagem reforça uma visão ecológica que ressalta a necessidade de cuidado com toda vida. Desse modo há uma convocação para o pertencimento comunitário e autorresponsabilização pelos atos, pelas escolhas. A dimensão do todo, do conjunto, do universo, faz-se presente.

O sagrado apresenta-se como conceito orientador de qualquer esfera da experiência pautada nessa cosmovisão, sendo o sagrado pautado na dimensão da ancestralidade. A

formação da pessoa africana é um processo coletivo e ritualístico, uma responsabilidade social e experimentada em comunidade (OLIVEIRA, 2006)

É nessa dança de expressão que o saber-se é construído.

2.6 CATEGORIA ARTE: SENTIDOS E PROPÓSITOS

A Universidade é tradicionalmente espaço de uma perspectiva ideológica hegemônica, bem como todas as outras instituições, forjadas para controlar, produzir, normalizar, universalizar o conhecimento.

O corpo pode ser entendido como o maior patrimônio da pessoa, tudo que há de expressivo nele comunica algo sobre o individual e o coletivo – seria uma espécie de amálgama psíquico, físico, social, o qual inclui as dimensões individuais, coletivas que somente por meio da abstração é possível separar (RODRIGUES, 1999). Dessa forma, o corpo não deve ser entendido como reflexo ou objeto de ação; é importante compreendê-lo como dotado de autonomia, não como um mero receptor de símbolos culturais, mas como lócus privilegiado de produção de sentido.

Seeger e Roberto da Matta (1979), em *A construção da Pessoa nas sociedades indígenas brasileira*, apoiados em uma comparação entre sociedades ameríndias, indicam a centralidade do corpo, não como suporte de papéis sociais ou identidades, identificações, mas um “[...] articulador de sentidos e significados cosmológicos, matriz de símbolos e objeto de pensamento” (MALUF, 2002, p. 92).

Além disso, nessas sociedades, o corpo é entendido como englobando uma diversidade de níveis, ou seja, não como algo reduzido ao físico e biológico, mas sim, relacionado a outras referências e entendimentos de corpos que não aqueles comumente conhecidos pela cultural ocidental.

Na contemporaneidade, a dicotomia cartesiana entre corpo e mente, corpo e espírito, vem sendo duramente criticada, ou até superada, e Foucault apresenta-se como um dos principais pensadores (reconhecidos) modernos a respeito da temática. Inicialmente, ele compreende o corpo como passivo, pressionado e formado pelos poderes disciplinares, entretanto, a partir da ideia de micro-poderes, apresenta uma nova possibilidade, uma brecha para a existência das resistências e inovações.

Helen Campos aponta a descolonização como possibilidade de ampliar o olhar para a saúde, considerando-a integralmente, um olhar para o sujeito em todas as suas dimensões. Ela indica o quão difícil é esse processo de integração, mas que compreende a potência disto e vem trilhando em sua jornada:

Essa é palavra tem me escapado muito porque eu acho que pensar o termo descolonização tem a ver também com pensar em saúde integralmente por isso que eu digo que me escapa muito porque eu me sinto ainda descolonizando a cabeça e o corpo. Aliás, ainda está separada cabeça e corpo. Porque eu dividia muito eu acho que divido muito ainda, acho que as pessoas em geral dividem muito as coisas ainda e entender saúde como estar fisicamente bem e racionalmente legal eu acho que é completude, sabe? E tá mente, corpo, alma, inteiro (Helen Campos, 2018).

Para Carol Barreto essa polarização mente-corpo, essa separação, uma herança branca, europeia se estende. Relata que tem experimentado cada vez mais esse lugar da consciência, da inexistência dessa separação, e traz a importância da atenção ao corpo e dos cuidados demandados, e ainda, a yoga como recurso importante de alinhamento corporal, de distensionamento:

A consciência racial me fez perceber muita coisa ao longo do tempo, dessa diferença entre o valor do trabalho braçal e do trabalho intelectual versus o valor do corpo e o valor da mente. Essa polarização toda que vem de uma imposição de uma cultura branco-européia né? E aí... Eu sempre inferi, né? A relação do, do corpo e mente, hoje eu tenho plena consciência. A yoga ajuda muito nisso, especialmente no auge de determinados problemas e que eu tento, não tenho tido assim, uma continuidade, mas na hora de uma, de um enlouquecimento, eu vou fazer uma yoga em casa. E quantas posturas destravavam aquilo: “oh, a raiva que você, a raiva que você teve hoje, de tal pessoa, de uma situação tal, assim, assim, assim, está na sua escápula”. [...] Leia bem como é que tá seu corpo e perceba se você quer sentir isso todo dia. Não que seja evitável, mas observe como é que essa sensação, ela se projeta no seu corpo e como isso pesa, como isso adocece”. Quando a gente fala de adoecimento não é brincadeira. Pra mim é muito surpreendente esse percurso da mente pro corpo. Eu sempre entendi mais do corpo pra mente, mas entender da mente pro corpo... é barril! E pra gente que é muito racional, que é muito intelectual, você dizer: “você é apenas um animal”. Eu tenho mil reservas com esse animal, óbvio né? A gente não estuda cultura pra achar que... A gente é refém da natureza. só isso, mas, é... Se afastar isso, negar isso é impossível (Carol Barreto, 2018).

Carol Barreto fala ainda da intelectualidade do desvalor às demandas do corpo e de como isso nos distancia do “animal” que somos, das dimensões biológicas, compreendendo que há um atravessamento cultural muito importante. Segundo Alessandra Alves arte é:

É uma maneira de se expressar e expressar o mundo também. Por diferentes meios seja por palavras, por cor, por silêncio, por notas, por cores, por formas é... E acho que arte pra mim também passa também por causar impacto que vai desde a beleza até o choque, até o questionamento. Acho que é ter esse poder assim de impactar de alguma maneira assim (Carol Barreto, 2018).

Segundo Débora Campelo, a arte é a possibilidade de expressão mais genuína: “Você pode trazer pra aquele momento o que tá dentro de você, o que você sente, o que você quer colocar pra fora. O que é verdadeiramente seu.” Para Alexandra Martins a arte tem a potência de uma combustão, destruição, renovação, criação:

Eu acho que ela pode ser, tipo, que terapia, ela pode ser cômoda, ela pode ser escape. Mas acho que pra mim, ela é combustão. Combustão pra muitas coisas, pra movimento, combustão pra incêndio. “Incêndios” da melhor forma que pode se pensar incêndio. Não incêndio de destruição... Ou que, se for destruir, que se, que se renove né? Tipo, que de novo, né? Como a fênix, né? Que ela se auto de, de, destrói, depois ela sai desse fogo, né? Renascida, então. Que também que se destrua, mas que, mas acho que ela é combustão, é energia, movimento. E é escape (Alexandra Martins, 2018).

Alexandra Martins revela o quão complexa é a experiência artística para ela, sendo, dentre tantas coisas, a experiência do ciclo de vida-morte-vida, território de transgressão e convocação ao movimento.

Eric Assmar (2018) afirma que “Arte é o que tá me mantendo vivo”, diante dos desafios experimentados a partir do falecimento do seu pai, figura extremamente importante em sua jornada de vida, sua grande referência afetiva e de trabalho no fazer musical. Ao falar de seu processo de luto, o interlocutor Eric indica que é o fazer arte, incluindo os projetos que se configuram como continuidade do fazer do seu pai que tem garantido uma continuidade na sua vida, em seu propósito de vida.

Neila Kadhí fala sobre a centralidade da arte em sua jornada, das dimensões de conexão vividas, conectando-se ao sagrado, à sua ancestralidade, ao seu propósito de vida:

É muita coisa, né? Para mim a arte é subjetividade, é espiritual, é a conexão com o divino, assim. Por exemplo, quando eu tô no palco, estou falando com a minha, com meu íntimo assim, não sei se poderia chamar isso de Deus. Estou falando com a minha ancestralidade. Eu acho que é a coisa que me faz sentir mais conectada com esse mundo mais potente e que talvez me faça ser. Acho que é isso que eu definiria. Eu acho que eu experimento ser aqui nesse plano. Não consigo ver sentido para mim ou na minha vida sem isso. Assim, sem a arte, sem essa forma de atuar ou sem esse... Eu acho que é um meio de comunicação, é a forma que eu me conecto com esse divino ou a forma com que eu posso dizer pro mundo as coisas que eu penso, as coisas que eu sinto, que me traz alegria, que me traz a celebração, encontros (Neilha Kadhí, 2018).

Sendo a arte reconhecida como território de síntese, de encontro, conexão consigo, com sua história e ancestralidade, Deusi Magalhães relaciona a arte a uma inquietação humana, ela traz a dimensão existencial, a busca e a possibilidade de viver outras realidades com as experimentações em artes:

Arte é o sonho, ele te cria possibilidade psicológica de outro universo e a arte traz para a realidade a possibilidade de você criar esse outro universo. A vida só não basta pra ninguém, exatamente por isso que eu te falei, uma questão filosófica desde o princípio da humanidade, entender essa busca do entender porque que nós estamos aqui. E ninguém tem a resposta absolutamente perfeita. Ninguém... Cada um imagina, pondera, mas ninguém vai saber por que estamos aqui, pra onde vamos e exatamente o que somos. Não sabemos. Acho que essa grande incógnita e que todo ser humano carrega em si. Todos. Não sei se em todas as épocas, e vai

continuar, acho que não tem uma resposta. Eu acho o que existe é exatamente a possibilidade de você reinventar, reinventar formas, reinventar mundos, reinventar significados (Deusi Magalhães, 2018).

Sobre a potência e pluralidade das experimentações em arte, Laila Rosa afirma que:

Ah, é amor e é política. É revolução e é cura. É conhecimento, um monte de coisa. É beleza, é superação, e é raiva também, é catarse né? É... um monte de coisa (Laila Rosa, 2018).

Acerca da decolonialidade do fazer artístico e da concepção de arte Alexandra Martins diz:

Acho que tudo assim, acho que o mundo é o meu ateliê, assim. Né? Tem uma porque se tem uma ideia do artista como aquela pessoa, e aí eu falo mais do meu campo que é o das visuais, da fotografia, não sei o quê. Tem-se uma ideia que é bem tradicional, que é a do artista que vai pro se ateliê, e é uma, e é um ateliê que é longe da cidade, então é longe da, do mundo, e você vai lá pra aquele lugar, tal. E sabe, a ideia é bem burguesa, né? Bem branca, bem burguesa, bem classista, né? Porque, enfim. Quem é que tem um espaço pra ter um ateliê né? Então, não sei, o meu ateliê é no quarto, o meu ateliê é o quintal, o meu ateliê é tá no ônibus e ter alguma ideia, o meu ateliê é o, ele é o dia a dia né? São as coisas que eu olho e vejo: caraca, isso aqui é massa. Entendeu? Dá pra pegar uma coisa daí, entendeu? (pausa) é, eu falei isso tudo, nã, nã, nã... Qual era a pergunta mesmo? Tipo de como eu me afeto pelas coisas, pelos espaços que eu vou, pelas pessoas que eu encontro, e disso eu consigo me afetar e sair algumas coisas (Alexandra Martins, 2018).

Carol Barreto desestabiliza o conceito clássico de arte e indica como somos constituídas, assim como as criações, pelos encontros cotidianos, afetados pelos espaços, pelas relações, travessias, rompendo com um distanciamento entre popular e clássico, e compreendendo todos os espaços da vida como potências de laboratórios para alquimias criativas. Neste sentido, Carol Barreto também traz a sua experiência enquanto criadora conectada ao mundo, observadora e em relação com este, e ainda indica como os atravessamentos de uma urbanidade e de uma cultura acontecem de modo a distanciar a natureza, a compreensão holística e relacional da vida:

Eu ia com minha maletinha de caixa de ferramenta de kombi, de couro, pro curso de pintura que era longe né? E aí o que eu significava no ônibus era a minha grande experiência do dia, o que eu significava nas cidades que eu habitava? Era, eram as minhas grandes experiências porque a maneira como as pessoas reagiam a mim... Ao que eu vestia, aos elementos que eu colocava que provocavam as pessoas, “isso não é uma boa, não sei quê, não sei quê”. E aí, dessas coisas aí da natureza, é... Eu lembro de um estalo desse, de reflexão, de como a gente foi, nos ambientes urbanos, separado radicalmente da natureza e dessa fruição do, do, de todos os sentido, né? Que o contato com a natureza né? A fauna e a flora, e os sabores nos ocupam, e como a arte veio de qualquer maneira. Como a necessidade de produzir algo, em lugar disso ou em paralelo disso, como essas belezas todas que, eu costumava reagir diante de uma pintura... De uma instalação

de uma escultura, dessa busca toda que eu sempre tive (Carol Barreto, 2018).

E, ainda, a interlocutora questiona e desconstrói, a partir de diálogos e aprofundamentos, a ideia canônica de arte aprendida em graduação:

Porque eu estudei formalmente Arte, e aí bateu na minha cabeça eternamente de que a arte tem em si a característica de ser gratuita e inútil. A arte é criada de maneira gratuita, não tem um objetivo, só que o design tem um objetivo. E ele não deixa de ser um processo artístico. Porque mobiliza camadas de uma subjetividade e de um Eu, e de uma condição humana que só a arte pode mobilizar a meu ver. De tudo de arte que eu tive contato nesse tempo. Ao mesmo tempo, é gratuito, a arte é gratuita, ou seja, ela não pode ser funcional. Qual a função de um quadro? Esses quadros são meus, não sei se você conhece. O meu entendimento de arte é um entendimento de vida. A vida como processo de criação contínua e, e nessa mutualidade que lhe afeta em diversos âmbitos. Não existe uma obra separada da vida, não existe uma autobiografia, que independente da sua capacidade de materialização da criação artística, não tem uma forma de criação artística. Só que eu fui entender criação artística a partir do entendimento do design, como metodologia. Por mais que eu me ache uma pessoa super... Brainstorming, não sou, sou uma pessoa organizada. E é essa organização que o design pôde me fazer entender, me ajudou a, tipo, todos os quadros têm discursos políticos. E aí fui confeccionando também muito conscientemente no meu trabalho, isso óbvio, foi repercutindo, nos, em todos né? No trabalho acadêmico né? É questionar esse conceito de arte sobre a perspectiva racial foi o que me deu o sopro. E aí numa conversa com Laila, a gente falando alguma coisa, ela falou: “sim gata, e que condição tem desse conceito de arte da gratuidade, do não sei o quê, uma mulher indígena tem de fazer uma cestaria e botar na parede? Ela precisa usar, aquilo é funcional (Carol Barreto, 2018).

Laurisabel Assil alarga a concepção e a possibilidade de reconhecimento de arte, e também questiona o sentido clássico e eurocêntrico de arte, quando traz essa dimensão para a proximidade do cotidiano e para um fazer que se alinha ao empenho, investimento, e à estética da existência, do que toca, que se conecta à sua realidade:

Poxa para mim é tudo que me mobiliza. Assim, às vezes uma algo que não é não é visto enquanto arte no corrente, assim para mim é. Sei lá, uma parede, um pedreiro subindo uma parede bem bonitinha com os blocos super ajeitadinho pra mim é arte estou falando isso porque eu me lembrei de uma vez que estavam construindo um muro do lado da minha casa eu parei e vi o muro bonito. O muro tava sem reboco, sem nada, só subindo e para mim o muro estava incrivelmente bonito com arranjo dos tijolos. A maneira como colocaram o cimento para mim tava massa, tava linda. Então é tudo que me provoca essa sensação de “Uau, que bonito”, não necessariamente é uma obra de arte entendida classicamente mas é alguma coisa que de repente foi feita com tanto esmero que ficou bonito. Tá bonito daquele jeito, tá bonito. Acho que é isso (Laurisabel Assil, 2018).

Laurisabel Assil, ao trazer um olhar sensível e decolonizado para o reconhecimento do fazer artístico, fala de um lugar de reconhecimento de beleza e potência num fazer artesanal e

cuidadoso. Pode-se relacionar com o conceito de Estética da existência, revelando o reconhecimento do que é precioso em seu cotidiano, em seu bairro, em sua trajetória.

Maiara Pereira compreende arte como algo terapêutico, segundo ela a arte traz conforto.

Serve como terapia, né? Que é isso que eu tô dizendo, ouvir música, assistir um filme, é... Ir num show, essas coisas. Eu acho que arte é essa, serve pra isso entendeu? Nossas manifestações, uma parte de nossa manifestação intelectual, cultural, assim. Que serve também de ajuda pras pessoas, em vários aspectos (Maiara Pereira, 2018).

Com as expressões criativas, se desvela o universo de cada pessoa, um sistema complexo e único, integral, total em si mesmo. As características simbólicas são apresentadas por meio das imagens construídas nas produções artísticas, e por isso, facilitam integração de aspectos do sujeito não reconhecidos, não acolhidos. Com as produções, é possível incluir dimensões intuitivas, emocionais e metafóricas a entendimentos literais, pessoais.

Neste sentido, vale destacar a existência da Arteterapia. A arte na Arteterapia é compreendida como uma ferramenta usada para o resgate do *self*, do si mesmo. É um conceito que organiza práticas antigas relacionadas à arte, é uma prática que promove o equilíbrio emocional e que vem sendo cada vez mais reconhecida, permeando diversos espaços no campo da saúde. A arte seria uma espécie de autorretrato da psique, tendo em vista que toda produção artística está relacionada à experiência da pessoa que a cria por meio de metáforas ou analogias. A arte funciona como eixo comunicacional entre o consciente e o inconsciente, entre os mundos interno e externo. É a arte que possibilita novos meios de expressão, o contato com o lúdico, com a intuição, traz prazer para o processo e reforça o que há de potente no sujeito, o que há de saudável na psique (MACIEL, 2015).

Na Arteterapia o valor simbólico da produção artística é o elemento essencial; o valor estético não faz parte da finalidade deste trabalho. As modalidades artísticas são inúmeras e os materiais utilizados também apresentam uma enorme variedade. Destas modalidades, destacam-se as Artes Plásticas, que compreende pintura, desenho, colagem, modelagem, mosaico, sucata, entre outras; as Performáticas, teatro, dança e música e outras como fotografia, conto de fadas, marionetes, máscaras, escrita, clowns.

Maria Belga traz uma dimensão da arte feita para nutrir os fazeres cotidianos, arte ligada aos fazeres laborais e sem uma dimensão hierárquica ou restritiva do fazer arte.

Pra mim, não precisa ser artista pra fazer arte. Todo mundo faz e pode fazer arte. E pra mim, a arte é uma forma de incluir também essas pessoas, mas sem separação palco-público. Numa forma mais orgânica, tipo em roda de samba e pé no chão, né? E aí, isso é arte. Improviso, improvisar é rimar. O cotidiano é arte, é tudo dentro. Eu acho que é isso. As pessoas que fazem a

roça. Vai botando a roça, mas tá cantando um samba ali. Tá cortando a cana, tá cantando no ritmo do machete, do facão, pra mim é arte. Assim, as coisas mais singelas. Uma renda, as mulheres fazendo renda, fazendo bonecas de pano, coisas maravilhosas (Maria Belga, 2018).

A interlocutora Maria Belga faz menção à potência da sua experiência com saberes afrodiaspóricos partilhados, sem divisão e sem exclusão, espaços formativos ancestrais, negros, sertanejos, a exemplo do samba de roda, da capoeira, do canto laboral no roçado. Acerca das relações interpessoais na cosmovisão africana, Oliveira (2006, p. 220) indica o caráter horizontal da solidariedade, numa experiência circular que promove a inclusão de todos, e o convite à interação entre todos. E ainda, sujeito e natureza são compreendidos como cúmplices, já que “[...] é o corpo da natureza que se dará corpo à vida [...]”. Estão presentes os princípios da ancestralidade, integração, tradição e diversidade. Considerando que a filosofia africana representa o enlace entre as dimensões do encantamento, ancestralidade e alteridade.

Nzinga Mbandi fala sobre a arte como criação cotidiana, a exemplo de cozinhar uma comida diferente ou lavar roupas, ela pesquisa sobre o legado cultural e artístico da sua família.

Eu pesquiso o discurso sobre gênero, raça e religiosidade nos congados em Minas Gerais, que é uma manifestação cultural religiosa que minha família faz parte. Isso tem a ver com minha história. Minha família tem a guarda né, que é a estrutura que a minha bisavó, desde minha bisavó e eu cresci ali nesse meio e agora eu pesquiso essas relações. Sim, da minha inserção, de como eu conheci, de toda essa influência que eu tive dessa área cultural, minha família tem essa guarda de congado, tem o coral da Família Alcântara e já apresentou, hoje está mais parado por diversas questões também que eu vou falar na minha pesquisa, um teatro que chama raízes que conta a chegada da nossa família no Brasil, já apresentamos várias vezes (Nzinga Mbandi, 2018).

Nzinga Mbandi diz trabalhar com dimensões da Estética da Existência, bem como da Ética do cuidado, alinhando dimensões de anterioridade, ancestralidade, afetividade, identidade e religiosidade no campo de criação experimentado pela sua família. Indica-se o quão reparador, reorganizador é esse fazer da interlocutora.

Ao falar sobre arte, Rabeca Sobral fala sobre “afirmação da existência”, resistência, expressão, e relaciona diretamente sua experiência em dança e na Feminária Musical.

Arte é uma expressão da vida! A arte pra mim é você criar atividade pra pensar sobre o mundo, é... (pausa) Arte... Possa ser o próprio processo criativo, né? Sabe? Entre uma pessoa e esse ambiente do qual a gente, na verdade a arte acaba sendo esse diálogo do artista com esse mundo, por quem vê, a forma como cada um interpreta. Mas a arte é muito estratégia de resistência, pra mim também né? É muito uma forma de existir, de alguma forma assim. Quem tem experiência, quem sabia como tratar, quem sabe como tratar esse material pode me ensinar como tratar. Como de alguma forma, minhas orientadoras deram dignidade ao meu trabalho, aos meus

textos, que eu amo tanto, né? Porque elas souberam tratar aquele material. Então de alguma forma, eu acho que a área de conhecimento de Dança, de arte, nas artes, o próprio espaço da Feminária é um lugar de formação e de parceria pra isso. Então meu Bem Viver tem a ver também com afirmação da minha existência, dessas experiências reais.

A interlocutora Rabeca Sobral indica que a artista atua como antena captadora dos processos, sentimentos humanos. Sérgio Brito assinala uma dimensão da liberdade e de que é possível fazer artes sem ter recursos, necessariamente. Traz ainda a dimensão da linguagem na produção musical de MC Loma, jovem artista negra da periferia de Recife:

Arte para mim é liberdade, Arte é uma coisa que não dá para se definir... Tudo bem, mas liberdade porque eu vou trazer a parte da música, eu costumo dizer sempre que a música é livre música te dá uma liberdade por mais que tem essa questão da prática instrumental você tem um instrumento, mas você pode ter ou pode não ter, você pode ter seu corpo e você faz música com o corpo. Você faz música com a boca, se você quiser com materiais não convencionais e com instrumentos convencionais, então a arte essa coisa de liberdade Tão falando dessa Mc Loma, gente eu vi o clipe ontem e amei, amei, pirei o negócio lá do senta, senta e a menina ensinando como é que vai sentar ela fala do jeito que eu queria ouvir, velho tipo ela usa a língua dela sabe? Tipo tudo bem a formalmente a língua dela não tá no português e daí e daí? Quer dizer tá lá viralizando e isso é grana é arte que é como ela está exercendo arte dela né, acho que, acho a liberdade acima de tudo, a liberdade (Sérgio Brito, 2018).

O interlocutor Sérgio Brito destaca o valor da produção local, do uso da linguagem corrente e especificamente carregada de sentidos e subjetividade corporificada, territorialmente localizada.

Thalita Batuk traz uma dimensão também da centralidade da arte em sua vida, para ela significa a saída de um sufocamento, um respiro em meio à vida permeada por tantos atropelos de tempo:

Arte é a vida. É o que me “dessufoca”. Nossa... Eu, esse amigo meu, ele é... Ai! Só ele pra me aguentar quando eu toco. Porque quando eu toco... Gente, mas eu falo. Meu Deus! Acho que se o mundo acabasse hoje, acabava comigo falando, porque me descarrega de um jeito sabe? Me deixa alegre. É a música, acho que não só a música, eu gosto muito de fazer colagem em casa, de pintar um negócio, acho que a arte em geral ela é salvadora. Acho que o mundo, ele, exige muito da gente, tipo o sistema. Ele exige muito da gente. Tipo, você tem que fazer isso, assim, assado, por cima, caixinha quadradinha. Eu acho que isso apaga um pouco do que a gente é e de quem a gente é. Acho que a arte ajuda a gente a se reencontrar nesses sufocos que a vida bota pra gente. Se a gente... Mas é isso, se a gente não parar pra falar com a gente pra entender o que está acontecendo a gente surta. E se a gente não puder ser louco um pouquinho pra sair, disso pra se achar no meio dessa loucura toda. Eu acho que arte ela permite isso, seja da forma que for né. Seja você recortando, seja pintando, seja desenhando, seja tocando, seja dançando, seja interpretando. Eu acho que ela consegue te tirar, te dar o ar da vida. Te tirar do sufoco, fazer você tomar um ar e... Pra seguir. E, assim, acho que é o ar. É um dos ares da vida. O suspiro da vida

acho que é a arte, tipo assim “ah”. Pronto! Agora vamos lá de novo, saca? (Thalita Batuk, 2018).

A interlocutora Thalita Batuk relata a tensão experimentada diante das exigências externas, de uma lógica de produtividade e aceleração dos fazeres e das relações, as expectativas sociais, em constante tensionamento com o tempo interno e as demandas pessoais, mais profundas.

Ariana Silva (2018) diz que “[...] o ser humano nasceu pra criar.” E quando executa a criação faz arte. Nesse sentido Laura Cardoso traz para o centro da experiência humana a produção artística:

[...] que a arte é a comunicação primeira do universo, a comunicação mais intuitiva e instintiva que a gente tem com as coisas eu acho, na história da humanidade sabe, a forma como as pessoas se conectam verdadeiramente com elas mesmas e com os outros, a gente festeja, se a gente for parar pra olhar a história cultura, em diferentes culturas a gente vai encontrar coisa que se conectam, que é a forma como as pessoas celebram de maneira ritualística ou não, mas nem sempre religiosos, mas muitas vezes rituais são celebrações de vida, a forma como as pessoas, os seus modos de fazer e de viver culturalmente as coisas né! As nossas práticas cotidianas são muito artísticas se a gente for parar pra pensar, a forma que a gente celebra várias vezes ao ano as mesmas coisas, a forma como a gente se conecta em determinadas situações, tudo isso tem muita musicalidade, tudo isso tem muito corpo nesses momentos. Então eu acho que a arte ela parte de uma estruturação disso, desses modos de vida e quando eu parto pra estudar música popular é justamente por essa vontade de entender um pouco mais sobre isso também, sobre como a vida em comunidade é importante pra essa configuração do que é arte sabe, que são os modos como a gente se conecta um com o outro e é engraçado porque normalmente tem som, tem corpo e tem comunicação, tem a linguagem seja literária, seja visual, seja... Então acho que a arte ela é mesmo que um reflexo desses modos de vida mesmo, da forma como as pessoas se conectam mesmo emocionalmente umas com as outras, nas diferentes linguagens, eu acho que é um pouco isso assim (Laura Cardoso, 2018).

Sobre isto, Sueli Carneiro (2006) indica como os modos de vida e cultura se constituem conteúdos e táticas de liberdade e constituem uma memória coletiva, que se apresentam na cultura, no cotidiano como alternativa de vida. Sobre o corpo como potência desse movimento, a autora afirma:

Outra demarcação metodológica importante para desenvolver esta narrativa é o que a observação antropológica demonstra, com exemplos inumeráveis, sobre a associação de procedimentos corporais, os mais variados, tais como as danças, os cânticos, os passes, exageros dramáticos, ritos de cura, cerimônias de iniciação, que, do ponto de vista da pessoa, representam caminhos e modos culturais para o conhecimento do corpo, fortalecimento de sua personalidade e disposição para a vida (Lowen, 1972). São terapias, na linguagem moderna. Concordamos que a tentativa de compreender a condição humana, aí incluindo-se a saúde, apenas em termos de conceitos científicos, ecológicos e objetivos, deixa de considerar uma grande parte da

experiência humana em sua significação subjetiva e simbólica que afeta profundamente a saúde (CARNEIRO, 2006, p. 24).

Fran Ribeiro (2018) relata que arte é:

[...] transformação, transmutação, ela é resistência e ela é possibilidade de você falar e viver coisas através de outra linguagem que talvez menos racional e mais sensitiva, mais afetiva.

Indica que a arte é implicada, geradora de empatia, curiosidade:

Arte pra mim interfere no Bem Viver, interfere na saúde mental, a arte acaba sendo um tratamento, uma medicina, uma válvula de escape. A arte você consegue ver o mundo um pouco mais colorido quando ele tá extremamente cinza, você vai lá lê uma poesia, você vai lá escuta uma música, ou você desenha, ou você dança isso é como se você transcendesse acho que a arte é transcendência também (Fran Ribeiro, 2018)

Certamente, é no corpo que se dá, de modo mais facilitado, o encontro de si, o encontro daquilo que se perdeu, ou melhor, das habilidades e potencialidades existentes, que por vezes foram relegadas à sombra. O corpo revela os mistérios, as marcas, as dores e conquistas, as contradições e possibilidades de enlace entre o pensar, sentir e agir. O corpo físico foi sendo distanciado, gerando dissociações, e as experiências artísticas funcionam como integradoras.

CAPÍTULO 3. SOBRE TORNAR-SE ACADÊMICA: TENSIONAMENTOS, PROCESSOS GRUPAIS, IDENTIFICAÇÃO E PERTENÇA

3.1 PSICOLOGIAS: COLABORAÇÕES PROVOCATIVAS PARA PENSAR A ACADEMIA

A Psicologia tem sua origem formal em um contexto de tentativa de normalização e controle, a serviço da ideologia dominante. Durante muito tempo, corroborou para a patologização da diferença e da diversidade com destaque para a difusão de discursos racistas, sexistas e LGBTQI+fóbicos. Com o passar do tempo e da ampliação das descobertas, bem como muitas colaborações das ciências sociais, a Psicologia passa a tencionar e se ver numa demanda de reparação e reconhecimento, hoje tendo abordagens e grupos com compromisso ético e político bastante definido. Destaco a Psicologia Sócio-histórica, que reclama a localização sócio-histórica dos processos e das leituras que cabem ao campo psi.

Enfatizo também a Psicologia Social, a qual passou a encabeçar discussões sobre racismo e impactos nas subjetividades, e a Psicologia Social com enfoque em processos grupais, que destaca dinâmicas vivenciadas em grupo e a potência destas experiências, a Psicologia Feminista, ainda em vias de adensamento e a Psicologia Preta. A Psicologia Escolar, que ainda que seu nome refira-se apenas ao campo da instituição escolar, instrumentaliza reflexões e ações na direção de uma leitura crítica de realidade, contra normatizações e tentativas de enquadramento, podendo ser de grande valia para pensar as Universidades. Também merece ser mencionada a Psicologia Comunitária, evocando essa dimensão como imprescindível para vida, indicando os atravessamentos do território e vivências comuns, como possibilidade de fortalecimento de rede de cuidado.

Ana Bock (2015) contextualiza o “nascimento” da Psicologia, nos idos de 1875, período que a burguesia moderna tem sua ascensão como classe social, de modo a localizar a conjuntura e, portanto, a ideologia que estava a serviço desta ciência, a princípio. A autora evidencia o quanto essa ciência, até para o seu reconhecimento, vestiu-se com as roupas da ciência racional, propondo-se a um método científico “rigoroso” e cartesiano – conhecimento adquirido através da razão, uma razão que se propunha neutra, objetiva e universal. A psicologia nasce nos laboratórios e logo é dividida entre Psicologia Experimental e Psicologia Social. E dessa divisão vão se organizando as abordagens nascentes. Inicialmente o sujeito é pensado como máquina, seus comportamentos investigados desde uma lógica linear, buscando causalidades. A psicologia Histórico-cultural apresentou-se como um caminho para a superação de visões dicotômicas, excludentes, uma Psicologia que se propunha dialética e

crítica. Segundo Ana Bock (2015) a psicologia construiu visões de sujeito e do fenômeno psicológico que precisam ser superadas com urgência, concepções descoladas da realidade, da materialidade, das questões de ordem social, política, econômica.

Com a transição do período do feudalismo, no qual não existia possibilidade de existência ou reconhecimento de individualidades, o liberalismo convoca a esse reconhecimento, e então, o indivíduo passa ao centro. O capitalismo passa a jogar com as ideias liberais, nutrindo a compreensão de sujeitos como consumidores e mão-de-obra. Desenvolve-se a noção de vida privada. Nesse momento, a Psicologia torna-se necessária, contudo, ganhou-se força para que as populações vulneráveis realizassem questionamentos às hierarquias sociais e ações frente às desigualdades.

A visão de fenômeno psicológico dominante na psicologia refere-se a uma unidade descolada da realidade vivida pelo sujeito descorporificado e, por isso, de responsabilidade apenas do sujeito, algo interno, desconectado da dinâmica de vida, sendo o discurso vigente o de adaptação do mundo interno ao externo, como possibilidade de desenvolvimento, já que é preciso estar nesse mundo. A Psicologia Sócio-histórica reclama uma concepção corporificada e socialmente localizada do fenômeno psicológico sendo ele “não pertencente à natureza Humana, não preexistente ao humano e reflexo da condição social, econômica e cultural em que se vive.” (BOCK, 2011, p.30). Desse modo, falar de fenômeno psicológico requer, obrigatoriamente, falar da sociedade.

Logo, o fenômeno psicológico passa a ser compreendido vinculado, em processo dialético constante com o mundo social, dando uma base material robusta. Segundo Ana Bock (2011), há anos, a Psicologia tem colaborado para a responsabilização dos sujeitos pelos seus fracassos e sucessos.

Ao falar da Psicologia da Educação neste estudo pretende-se localizar de modo breve as colaborações das discussões nutridas nesse campo que podem ser transpostas para pensar o ambiente e as relações dentro do espaço acadêmico. A Psicologia da Educação debruça-se sobre os processos de Aprendizagem e educação, discutindo e visibilizando como esse processo se dá. Estuda ainda acerca das diferenças individuais, dificuldades, inteligências, desenvolvimento, sobretudo infantil e socialização. Cabe destacar que dentro de outro campo da Psicologia, as fases de desenvolvimento são mais pesquisadas na atualidade; refere-se a fases de maior vulnerabilidade e demanda de cuidado: infância, adolescência e velhice. Pouco se dedica aos estudos da adultês e as experiências dos jovens adultos, fase que também apresenta desafios específicos e refere-se à fase de passagem pelas instituições universitárias.

A Psicologia da Educação compromete-se a lançar um olhar complexo para os problemas dentro do campo em questão, sendo destacado neste estudo campo de potência de fortalecimento de movimentos contra-hegemônicos, um marco teórico-prático que favorece um olhar ampliado para as questões da educação, de modo a contextualizar e compreendê-las como localizadas sócio-historicamente (neste caso em consonância com a Psicologia Sócio-histórica).

Sendo a aprendizagem um processo fundamental e contínuo na vida humana, e ainda, com toda demanda de adequação, normatização, tornou-se central dos estudos deste campo. A aprendizagem é um processo fundamental para a vida humana e segundo Ana Bock (2009), os estudos das subjetividades vêm abrindo caminho para aprofundamentos das investigações acerca dos processos de aprendizagem. Pesquisando sua eficácia, constatou-se a importância do planejamento da intervenção pedagógica no que tange à educação formal e informal. Cada pessoa adquire, a partir de suas interações, competências, habilidades, apreende regras, valores e informações. O processo de ensino-aprendizagem se dá a todo tempo e em paridade. Dentro do ambiente escolar, e para esse espaço especificamente tem-se a Psicologia Escolar, que pauta e problematiza demandas deste contexto, tem-se uma intencionalidade de ensinar e aprender que está posta. Nem tudo que se aprende é adequado ou desejado, não se controla tudo que se ensina. Não adentrarei às Teorias da Aprendizagem, por não intencionar aprofundar nesse aspecto, e sim, elenco algumas autoras que problematizam os processos de ensino-aprendizagem, questionando a instituição escola (e aqui amplio para trazer a Universidade para esse lugar de questionamento): com qual ideologia coadunam? Como os espaços de educação podem nutrir um projeto democrático de sociedade?

Se a aprendizagem se dá a partir de novos comportamentos, incorporados ao repertório individual da pessoa, quais comportamentos docentes precisam ter para colaborar para esse projeto de sociedade citado acima? Como as instituições se posicionam frente a isso?

Se a aprendizagem é um processo social que se dá via comunicação, quais são os cuidados com a comunicação? Quais são os aportes que profissionais da educação possuem?

A Psicologia é uma ciência que em seu início esteve, sobretudo, a serviço do discurso dominante de uma elite européia, como indica Maria Helena Souza Patto (1984), precursora destes estudos no Brasil desde uma perspectiva crítica, colaborando com os fazeres constituídos para atender à sociedade em sua demanda de “[...] selecionar, adaptar, controlar e prever comportamento, com finalidade de impactar o aumento da produtividade” (PATTO, 1984, p. 11).

Com um crescimento significativo, a Psicologia torna-se plural, diversa em campos de atuação, interesses e abordagens. Mais recentemente, com um reconhecimento da função social e política da profissão com a democracia e com a existência de todas as pessoas, inaugura-se um momento de compromisso (ainda que em disputa) com as reais necessidades da população, visando uma melhoria na condição de vida desta. Neste sentido, pauta-se o respeito à diversidade, atravessamentos sócio-históricos (sendo nutrida pela Psicologia Sócio-histórica, Psicologia Social do racismo e mais recentemente a Psicologia Feminista e Preta), leitura crítica da realidade, desnaturalização dos processos psicológicos, das relações, e corporificação dos processos subjetivos (BOCK, 2000).

A Psicologia engajada propõe-se um fazer que implica em problematizar, desconstruir e transgredir, é esta Psicologia que me interessa. Nessa direção, pauta-se a problematização da normalidade, da norma, comprometendo-se com um projeto de pluralidade “Pautada na compreensão epistemológica, práxis e consciência histórica” (FREIRE, 1980, p.26).

É nesse sentido que a teoria também converge com a obra de Paulo Freire, resgatando o valor da práxis, compreendendo que esse trabalho é vivo, o valor da formação crítico-reflexiva, e um cuidado com a comunidade escolar, leia-se também acadêmica. A educação pautada é a “Educação como prática social, contrapondo ao trabalho alienado o trabalho socialmente produtivo” (LAROCCA, 1999, p. 4).

Segundo Priscila Larroca (2000), a função social da escola (leia-se também Universidade) é colaborar para uma formação cidadã, garantindo espaços para a constante problematização de temas necessário ao cotidiano das pessoas, que compreendo como dimensões do Bem Viver. São muitas as colaborações deste campo para o refinamento das práticas e relações vividas na comunidade escolar e acadêmica, e para além destas. Ao passo que se compreende que o campo da Psicologia não uma subjetividade flutuante e descontextualizada, e sim, uma subjetividade corporificada, localizada historicamente, com identidades, etc., estabelece-se uma práxis atenta ao aqui e agora e cuidadosa de modo a não reproduzir ou validar práticas discriminatórias (famílias plurais; identidade de gênero, sexualidades plurais), bem como a Laicidade (não reforçar privilégio de discursos dominantes) das instituições e a defesa de acesso e permanência na Escola e Universidade. Maria Helena Souza Patto reitera o caráter político da Escola e obviamente, isso se dá na academia:

[...] E quando falo em “política” não estou obviamente me referindo a doutrinas político-partidárias, mas à dimensão das *relações de poder* em vigor em sociedades concretas, das quais as teorias e as práticas fazem parte,

seja para reafirmar essas relações, seja para contestá-las (PATTO, 2009, p.30).

São incontáveis os desafios dentro do campo da educação, a exemplo da Educação inclusiva, da Medicalização da Vida e da Sociedade. Sobre este último. Adriana Machado (2011) reitera:

Buscam-se soluções imediatas individuais para adoecimentos que se estabelecem socialmente: atendimentos, remédios, lexitans, ritalinas, florais, nutricionistas, psicólogos, especialistas... Como formas de enfrentar um funcionamento social em que se intensificam a competição, o consumo, a necessidade de mais e mais e a sensação de que, se não conseguimos algo, é porque nos faltou força individual para lutar. Com isso o aumento de pânico, depressão, comportamentos irrequietos, corpos insatisfeitos. Esse quadro fala de forças perigosas, adoecedoras [...] (MACHADO, 2011, p. 67).

Indica-se o compromisso de olhar para além do sintoma; amplificar, investigar demanda, considerando a construção histórica do fenômeno social. E ainda, neste campo, investiga-se dimensão da precarização do trabalho docente, também delineada por Adriana Machado (2011):

As situações vividas revestem-se de muita intensidade. A pobreza, o tráfico, o sofrimento, a violência, o abuso, a solidão, a miséria, a doença, as más condições de trabalho, o excesso de aulas, a banalização e naturalização dos acontecimentos cotidianos, entre outros, estão presentes em muitas histórias (MACHADO, 2011, p. 63).

A autora, em 2011, relata sobre o desmantelamento da educação pública, questão que segue e se agrava, com a diminuição de recursos, de autonomia, a lógica produtivista, a culpabilização da atividade docente, o empobrecimento da qualidade e o adensamento de processos de exclusão e marginalização nas escolas (e Universidades). Segundo a autora, sem tempo para criar formas de enfrentamento, as condições de trabalho têm gerado adoecimento na categoria docente, com aumento expressivo de “[...] pedidos de licença médica, abonos, faltas, uso de medicações para dormir e viver.” (MACHADO, 2011, p. 64). Pode-se indicar que isso se dá na comunidade escolar e universitária de modo geral, incluindo discentes, e no caso das universidades: técnicos administrativos e terceirizados.

Com toda essa conjuntura como as Psicologias podem colaborar? Compreende-se que uma das principais colaborações das Psicologias citadas (e de outras) refere-se a destinar tempo para pensar, acolher, dialogar e problematizar, e ainda, tempo para cuidar-se, fazendo brotar movimentos de cuidado e negociações possíveis. Potencializar o que é gerador de saúde na Escola/Contexto educacional: o acesso ao novo, à criatividade, à troca, socializar, descobrir-se, com a abertura de espaços de fala-escuta, acolhimento e construções de estratégias coletivas.

[...] propostas de intervenção da Psicologia nas instituições escolares cuja perspectiva é abrir “espaços de fala”, permitindo que os vários agentes educacionais – equipe técnica, professores, alunos, pais e funcionários - possam expressar suas concepções, práticas e relações escolares, e assim explicitar as contradições que a caracterizam, bem como expressar as práticas alternativas, que comprometidas com os alunos e com as tentativas de superação das contradições, não encontram canais de expressão (SAWAYA, 2002, p. 210).

Segundo Sawaya (2002) as contribuições da psicologia são a colaboração na formação docente, com uma revisão crítica das relações e concepções que operam nesse fazer, modos de atuação, relação interpessoal, compreendendo como esta prática consolida a instituição educacional com movimentos de “[...] reprodução, contradição, conflito ou de transformação social”. Neste sentido, a autora elenca as seguintes colaborações, tomadas como provocações a serem feitas dentro das instituições educacionais, aqui com destaque para a Universidade – formadora das/os profissionais deste campo:

1. Repensar a idéia de estudante ideal e como isso impacta na relação docente-estudante;
2. Compromisso estudante-sujeito em suas diferenças, capacidades e necessidades;
3. Revisão dos problemas escolares e relação com questões de classe;
4. Representações de habilidades e dificuldades de estudantes, de família e cuidado e impacto disto nas relações com estudantes;
5. A recuperação com docentes de suas relações de trabalho – representações negativas na sociedade (desvalorização e precarização) (SAWAYA, 2002, p. 211).

Assim, articulo mais indicações que buscam colaborar com a saúde das comunidades educacionais:

- Não podemos culpabilizar ou individualizar questões, configura-se como um perigo: busca de alívio ou adaptações imediatas;
- A Escola precisa ser articulada com a vida; fluidez e abertura para pensar/sentir o entorno, a comunidade, as famílias, as questões que se conectam ao território e à cultura; o esforço precisa ser coletivo;
- Olhar para sujeitos/subjetividades/individualidades, sempre considerando o contexto histórico-socioeconômico;
- Provocação: olhar ampliado e fluido, aberto para movimento, para o novo (ciência, conhecimento como construção, mudança constante);
- Favorecer postura decolonial (fazer e saberes – postura, pedagogia e conteúdos);
- Diálogo horizontalizado; legitimação dos saberes; combate ao silenciamento; estímulo à busca, curiosidade, busca;

- Caminhos para compreender e transformar as realidades;
- Desequilibrar crenças cristalizadas;
- Relação de fortalecimento de autonomias (autoestima e criatividade);
- Promoção de espaços de escuta e valorização das conquistas; menos orientações, culpabilizações;
- Autocuidado e grupalidade funcional/saudável;
- Espaço/tempo para pensar sua prática e desdobramentos;
- Nutrir-se do que se gosta – arte e criação (recursos para manutenção da saúde);
- Atenção e valorização dos processos e não apenas resultados como possibilidade de não simplificação ou generalização;
- Educação permanente; atualizações e acolhimentos;
- Projeto político pedagógico para pensar formação para licenciaturas (muito além do técnico, assumindo papel de sujeito);
- Expansão do tempo de docentes para reflexão, ações, escolhas;
- Expansão de questionamentos para o contexto educacional de modo geral, espaços de produção ou reprodução?;
- Necessário uma crítica ao sistema – caminhos para ação.

Segundo Adriana Machado (2011, p 71), “[...] é na experimentação que se criam saberes”, e apostando na deriva a serviço da subjetivação e não do assujeitamento que se promovem alterações no campo de forças. Indica-se que desse lugar de tensionamentos e construções de conhecimento coletivo é possível nutrir reflexões sobre os processos vividos no ensino superior, nessa díade discente-docente, caminho que se relaciona às experiências já vividas dentro da Feminária Musical, como ratificado pelas interlocutoras.

Lucas Veiga (2017, p. 1), psicólogo que atua embasado na Psicologia Preta, relata que há uma herança muito densa nas subjetividades afrodiáspóricas em decorrência de todo sofrimento experimentado por pessoas negras escravizadas. A desumanização dilacerou vidas, seus corpos e subjetividades, destaca-se o desenraizamento e todas as estratégias de desagrupamento e não comunicação entre os sujeitos submetidos à escravidão:

A retirada forçada de sua terra, de sua comunidade, de sua língua, de seus laços afetivos e a subsequente diáspora pelo mundo na condição de escravos teve efeitos de desterro e de perda de referências tão acentuados que a própria identidade e consciência corporal entraram num processo de desintegração (VEIGA, 2017, p. 1).

O autor indica que o resgate da(s) cultura(s) africana(s) se deu através das rodas de dança, do canto e da espiritualidade, elementos estes que promoveram, e ainda promovem a

preservação (em parte) da saúde mental dos africanos no período colonial e das subjetividades afrodiaspóricas na contemporaneidade. Segundo Lucas Veiga (2017) os terrores vividos durante a escravidão de pessoas afetou e afeta seus descendentes, com a perpetuação de uma memória corporal que é encharcada com as marcas deste período histórico. Somado a isto, o Estado brasileiro lançou mão de diversas estratégias, via políticas públicas, de embranquecimento da população e hoje é notadamente o Estado que corrobora com práticas genocidas da população negra periférica, Veiga (2017) indica:

[...] a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado; a expectativa de vida dos negros é seis anos menor do que a dos brancos; 75% da população mais pobre é negra; a renda *per capita* de famílias negras é 200% menor do que a renda de famílias brancas; apesar de ser mais de 54% da população nacional, negros são minoria no congresso, nas universidades, na televisão e em todos os espaços de poder e prestígio da sociedade (VEIGA, 2017, p. 4).

Se vivemos em um país anti-negro, isso tem uma repercussão enorme nas subjetividades de todos, sendo para a população negra um atravessamento que se dá em todas as esferas da vida e é geradora de grande sofrimento. Lucas Veiga (2017) chama de “efeito diáspora”, a experiência de não acolhimento nas dinâmicas sociais desde um lugar equânime, subalternizado, e a sensação de não pertencer ao ambiente que vive. Destacam-se ainda os sentimentos de desprezo e ódio lançados, ou melhor, projetados da branquidade sobre as vidas negras, o que por vezes, nutre um auto-ódio em pessoas negras, que pode ser lido também como falta de amor por si mesmo.

Segundo Lucas Veiga (2017) a ação da branquidade termina por gerar a introjeção de pessoas negras deste sentimento externo, uma dinâmica próxima à experiência de abuso ou outra violência, ao passo que o sujeito compreende-se culpado e atravessado pelo auto-ódio. Dessa forma, os efeitos podem se aproximar da culpabilização por sua condição socioeconômica precária, auto-ódio por si e seus pares, sentir-se falho, sem qualidades diante dos privilégios experimentados na branquidade. Veiga afirma ainda que uma importante direção de tratamento para a cura dessas dimensões de sofrimento nas subjetividades afrodiaspóricas consistem em devolver ao abusador, a branquidade, a responsabilidade pelas violências decorrentes do racismo e deixar com eles esses (des)afetos.

Seria então um caminho para o “empoderamento”, a liberação e devolução justa destes (des)afetos. Com a liberação do auto-ódio, é possível ganhar espaço para a construção de outra relação consigo, com seus pares, como todas as pessoas. A experiência de “efeito diáspora” cede espaço para a criação de formas singulares e criativas de (re)existências ricas e pulsantes, sendo fonte para produções artísticas, culturais, políticas e acadêmicas. Compreendo que Conceição Evaristo mostra um caminho desta liberação experimentado por

diferentes gerações em Vozes-mulheres, ao passo que cada uma caminha e favorece e apoia o caminhar da seguinte, nessa direção da liberdade.

Vozes-Mulheres

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.*

*Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.*

(Poemas de recordação e outros movimentos, p. 10-11)

3.2 PSICOLOGIA SOCIAL E GRUPOS OPERATIVOS: PENSANDO PROCESSOS, VÍNCULOS E SÍNTESES DIANTE DAS DIFERENÇAS

Maria Leonor Gayotto (1992) define o campo da Psicologia Social como território de estudo do sujeito, das subjetividades de modo contextualizado, debruçando-se sobre as interações, relações, fenômenos inter-grupais e intra-grupais, dando visibilidade ao intercâmbio entre vida psíquica e estrutura social. Nessa direção, compreende-se que a constituição subjetiva do sujeito é atravessada por contradições: é preciso responder às suas

necessidades, entrar em contato com o outro (as necessidades deste), vincular-se e dar conta do mundo externo (das demandas normativas).

Nesta trama se configura o sujeito, eminentemente social, inscrito numa cultura, na qual viverá vinculações, identificações, relações sociais que irão orientar a constituição do seu psiquismo, seu processo de subjetivação. Além da família, de modo geral, primeiro grupo que o sujeito experimenta, outros (tantos) grupos vão fazendo parte da trajetória da pessoa no curso do seu desenvolvimento, a exemplo da escola, espaços de lazer, práticas esportivas, grupos no bairro, mais adiante Universidade, trabalho e outras tantas possibilidades. Destaca-se aqui que o grupo é considerado espaço privilegiado no processo de elaboração do conhecimento de si e do mundo, é em relação que se constitui sujeito, sua subjetividade e psiquismo (GAYOTO, 1992).

A fim de adensar o corpus teórico do estudo, no que tange os processos grupais, lanço um olhar desde a teoria de Henrique Pichón Rivièrre para alguns de seus principais conceitos que se apresentam como indispensáveis para pensar a importância e potência da experiência grupal. Destaco a complexidade da teoria e que neste momento me dedico a apresentar um breve panorama dos conceitos mais caros para pensar a conjuntura universitária apresentada e a experiência grupal na Feminária Musical.

Pichón Rivièrre tem como nascedouro da sua teoria, a sua experiência com a autorregulação de um grupo de pessoas, pacientes psiquiátricas, as quais ele acompanhava e observou a influência do grupo familiar em seus pacientes. Pautado nas Ciências sociais, Psicanálise e na Psicologia Social, Pichón construiu uma Teoria que alinhavou diversas influências teóricas, sendo extremamente comprometido com a transformação social e a saúde, e para isso indica como indispensável a transformação de si, dos outros e do contexto (BASTOS, 2010).

Ao falar sobre os processos grupais, Pichón refere-se à Aprendizagem como sinônimo de mudança, ao passo que há sempre um movimento dialético de confrontação entre o novo e o antigo e a criação de uma terceira coisa, uma síntese, defendendo a não cristalização, a não estereotipia. Dessa forma, a aprendizagem centrada nos processos grupais, diz de uma forma de elaboração de conhecimento bastante completa, complexa, enquanto o processo envolve diferentes atrizes e atores em interação, comunicação e co-criação.

A teoria de Pichón constituiu a técnica de grupos operativos, uma metodologia de trabalho em grupo com foco na transformação social, objetivando aprendizagem para os sujeitos envolvidos. A aprendizagem para o autor refere-se à leitura crítica da realidade, com atitude investigativa, garantindo abertura, dúvidas, inquietações e contradições ao longo do

processo (e depois dele). O grupo é então um instrumento de transformação da realidade, convergente com o compromisso do Bem Viver, compreendendo que o processo de se desenvolver implica o envolver-se. O sujeito da Psicologia social de Pichón é descentrado, intersubjetivo, produzido no (des)encontro, nas relações.

Pichon Rivière (1988) traz uma leitura deveras significativa para discutir a relação interpessoal. Segundo ele, numa relação vincular há sempre o caráter social, tendo em vista que ocorre a presença de figuras internalizadas, presentes na relação. Ou melhor, quando há uma relação entre duas pessoas, essa figura internalizada forja um terceiro na relação, sendo este complexificador na comunicação, no encontro real.

Alice Bastos (2010) indica que o vínculo é uma estrutura complexa, ao passo que é internalizada, abre caminho para uma tecitura da relação. A grupalidade para Pichón (1998), conforma-se como uma estrutura operativa propiciadora para que as pessoas participantes se relacionem. Caracteriza-se como grupo, um coletivo de pessoas que possui uma tarefa em comum, e essa tarefa divide-se em explícita (objetivando a aprendizagem, diagnóstico ou tratamento) e implícita (dimensões pessoais relativas à forma como cada sujeito experimenta a vivência grupal), e ainda, faz-se necessário um enquadre, que diz respeito às dimensões práticas e logísticas do encontro (tempo de trabalho, duração dos encontros, frequência, papéis de coordenação e de observação).

A tarefa principal do grupo, segundo Pichon Rivière (1998), refere-se a analisar as contradições que emergem, há sempre um movimento de estruturação, desestruturação e reestruturação de um grupo. Pichón delimitou o que chamou de Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO), o qual é plasmado na imagem de um cone invertido, instrumento que possibilita a análise metodológica do processo grupal pro meio dos vetores.

De modo bastante sintético, os vetores são: a pertença, refere-se à sensação de pertencente ao grupo; a cooperação, relaciona-se à colaboração entre os sujeitos e a eficácia e pertinência nas atividades realizadas; a comunicação, conceito deveras complexo, que indica as dimensões das trocas de informações (e muito mais); a aprendizagem, correspondente à apreensão instrumental da realidade e a telé, relativa à distância afetiva (positiva-negativa).

Nessa jornada grupal, têm-se também os papéis e posições diversas frente á tarefa do grupo. No momento da pré-tarefa apresentam-se as resistências das pessoas participantes integrantes no contato consigo e com as/os demais, compreendendo-se que o novo (incluindo contato com o grupo) é gerador de ansiedade e medo. O medo relaciona-se ao receio de perder seu próprio referencial, sendo convocado a mudar suas certezas e o conforto de tê-las. No

momento em que esse desafio é atravessado, as ansiedades básicas são elaboradas, e há abertura para o novo, chega-se à tarefa (BASTOS, 2010).

É nessa jornada de interações que o grupo constrói seu aprendizado acerca das dificuldades emergentes e elabora um projeto comum, o projeto de mudança. Outros dois conceitos caros à compreensão do funcionamento grupal são verticalidade e horizontalidade; a verticalidade refere-se ao eixo do sujeito, suas demandas e questões, sua história pessoal (consciente e inconsciente), enquanto a horizontalidade refere-se a uma dimensão compartilhada, uma história do grupo, uma identidade grupal resultado da interação dos sujeitos – muito mais do que a soma das verticalidades, é como um processo alquímico que cria algo novo com a mistura das substâncias.

Na jornada do grupo, uma dimensão da comunicação demanda atenção, há um exercício essencial para o avanço, ou ainda, o desenvolvimento dos processos grupais, que consiste em tornar explícito o que está implícito. Esse exercício me parece ser uma grande questão para os processos comunicacionais e também diz de um lugar de habilidade para uma escuta apurada do que é sentido, pensado e como se age. Nesta metodologia é preciso que haja uma figura na função de coordenadora, bem como pessoas observadoras (que realiza um registro para memória e análise posterior), que acompanham o processo do grupo e participam. A função da coordenadora refere-se à convocação à tarefa comum, à escuta e à intervenção no sentido de síntese, também indaga, problematiza.

Dessa forma, é ofertado um espaço confortável e seguro para formações de vínculos, partilhas, e com isso, se dão as identificações, projeções, sempre trabalhando as dimensões das singularidades das pessoas participantes. Pode-se dizer que há um caráter terapêutico nesse processo, garante-se que há um processo de transformação e oportunidade de elaboração diante das dificuldades e conflitos emergentes. Para Pichón Rivière (1988) a saúde mental é sinônimo de aprendizagem, à medida que a apropriação ativa da realidade ocorre integrando experiências novas de aprendizados, havendo ainda, um fortalecimento de integração do sentir, pensar e agir.

A Feminária Musical aproxima-se do enquadre de um grupo operativo, apesar de não se pautar nesta metodologia. Aproxima-se na dimensão da garantia das verticalidades, acolhendo as subjetividades, fazendo circular a possibilidade de expressão, e nutre a dimensão da horizontalidade, ao passo que há uma construção bastante fluida, mas bastante consolidada de uma identidade grupal, além de possuir uma definição de tarefa explícita que diz respeito à aprendizagem e promoção da saúde. Todos os vetores brevemente apresentados podem ser lidos como presentes na experimentação do grupo em questão, movimentando-se junto aos

ciclos do grupo, o que se pode indicar é que, de modo geral, há um clima de cooperação, telepositiva, comunicação aberta e em processo de refinamento, verticalidades e horizontalidades coexistentes. Sendo também experimentada ciclicamente, a contradição e os conflitos.

3.3 CATEGORIA JORNADAS NA FEMINÁRIA MUSICAL

As ingressantes na Feminária apresentaram basicamente duas vias de ingresso no grupo, uma parcela foi convidada, orientada a buscar o grupo por Carol Barreto – como Ana Paula, Cristiane Lima – e outra parcela entrou em contato direto com Laila Rosa, via e-mail, a fim de ingressar na área de Arte e Cultura, Etnomusicologia e Estudos de gênero, como Alessandra Alves, Alexandra Martins. Todas as pessoas interlocutoras entrevistadas trouxeram relatos de uma recepção muito disponível de Laila Rosa, do grupo, com caráter acolhedor.

Alessandra Alves relatou que se sentiu “muito acolhida”, observando a heterogeneidade de experiências, de mulheres do grupo, que com toda diferença acolheram-na. Vinda de outro estado para adensar suas buscas, relata:

[...] senti um espaço de cuidado e respeito que eu nunca tinha visto em nenhum espaço que eu tinha participado e que eu tinha visto assim. Vi que outras dinâmicas fora e dentro da academia enquanto grupo de mulheres são possíveis também, então foi maravilhoso enfim. Quero voltar em breve (Alessandra Alves, 2018).

A interlocutora lançou-se em suas buscas, experimentando viajar, conta o quanto a Feminária Musical mostrou-se um grupo de mulheres diferenciado que circula dentro e fora da academia, e apresenta novas possibilidades e interlocuções.

Alexandra Martins, ao falar da sua jornada na Feminária Musical afirma o quanto compreende esse coletivo como externo à UFBA, e diz não conseguir ver a vinculação de forma direta, ainda que institucionalmente esteja vinculada:

[...] Se eu for pensar na Feminária, eu tenho, penso, sei lá, junto como um grupo de palhaças, não que vocês sejam, que a gente seja. Mas entendeu? Enfim, nesse campo de também saúde. Mas, sei lá, num campo mais tipo que artístico, entendeu assim? Não vinculado à UFBA, assim. Mesmo que ela seja assim. Talvez, também, porque a gente faz muitas coisas fora da universidade, em comunidade (Alexandra Martins, 2018).

Alexandra Martins avalia que pela natureza do grupo ser artística, performática e por estar em diálogo constante com a comunidade extramuros da Universidade, ela compreende como um espaço distinto.

Compreendo aqui que também há uma relação com uma grupalidade vinculada à saúde, como diz a interlocutora, que distancia de uma lógica tradicional desse espaço universitário. Sobre sua chegada na Feminária Musical e no NEIM, Alexandra Martins diz

que ao entrar em contato com Laila Rosa, esta a chamou para participar da próxima reunião da Feminária que aconteceria e que seria na sua casa:

E ela super falou: “ah! Vai lá pra reunião, vai ser lá em casa”. E eu falei: “na sua casa?” eu sou estranha. Pensar em saúde, no processo de gratidão mesmo. É isso, é um, um espaço de casa, né? Isso faz toda uma diferença de tá numa sala de aula, né? Então, acho que eu achei estranho um pouco, e depois achei importante, interessante e gostoso. [...] Acho que é produzir junto, como os outros grupos. Acho que a Feminária, ela permite se ter espaço dentro e fora da universidade, né? O que vincula ao grupo: Acho que o acolhimento, a possibilidade de espaço de criação. Voltando, é um espaço de acolhimento né? De criação junto e, institucionalmente, por poder fazer parte de um grupo de pesquisa. Mas se eu posso juntar o útil com o agradável que é um grupo de pesquisa que consegue me trazer discussões que vão fomentar a minha pesquisa, e é um espaço de saúde, é um espaço saudável, melhor ainda (Alexandra Martins, 2018).

A interlocutora Alexandra Martins traz ainda imagens bem relevantes para pensar o grupo, a experimentação de um espaço de casa, de intimidade, acolhimento, encontro e, ao mesmo tempo, o casamento com as dinâmicas institucionais, com uma experiência de entre-lugar que permite síntese, que permite transgressões importantes no campo acadêmico e nas dinâmicas pessoais das participantes.

Helen Campos relata que conheceu a Feminária Musical a partir do contato com Laila Rosa em um componente curricular que foi discente no começo de seu doutorado. Relata que esse componente possibilitou uma expansão no seu olhar para os processos que vivia no âmbito da academia:

[...] tinha uma série de coisas assim, que era pra dizer “olha você não sabe talvez seu lugar não seja aqui, porque tem uma série de formas da academia te dizer isso, sem te dizer com palavras”. Então é “ah! teu o recorte não é recorte, ah! Teu objeto”, sabe? Uma série de coisinhas assim e aí eu fui me cobrando, me cobrando... Eu já não conseguia estudar como antes, porque eu tenho um projeto hoje que é orientar e nutrir de todas as formas possíveis outro ser humano; e aí é nisso eu fui fazer a disciplina com Laila e aí cheguei lá assim muito fragilizada e até chorei na primeira aula que era uma aula muito ligada ao corpo, fazer um alongamento, olhar um pouco pra si, a pensar esse objeto a partir desse lugar; desse corpo quem é que tá falando. Eu acho que foi muito reencontro, eu acho que na graduação eu tinha muito esse olhar até porque meu jornalismo; eu sempre quis fazer um jornalismo mais literário, mais pessoal e acaba que quando eu me joguei na academia e me afastou um pouco. E aí no doutorado foi meio que esse reencontro, essa coisa de falar: “Não! Eu vou falar de mim também... Que corpo é esse? Como é que está esse corpo?” Então foi um momento bem importante para reconstrução do recorte do meu objeto, da minha metodologia e do meu olhar para o mundo também. Eu acho que se eu pudesse resumir acho seria isso, então eu fui catar todas as mulheres que eu já conhecia e não estava no projeto, eu fui ler outras mulheres pra ver como isso mudava meu olhar até para o recorte que eu estava fazendo da pesquisa, e aí eu comecei a ouvir na FACOM; e eu tinha esse suporte da FEMINÁRIA, de Laila e do grupo, mas aí me diziam assim, os colegas, né ?

Que a gente lia o projeto e tal: “isso não é pesquisa, né? Você tá falando de uma coisa que você gosta”. Ai eu trouxe afeto, pra pensar afeto dentro da pesquisa, e pensar de uma forma meio filosófica mesmo, afeto quando eu digo que eu gosto de um cabelo crespo, ou que eu não gosto desse tipo de musicalidade; “o que é que tem aí nessa afetação do não gostar, do gostar, de sentir?” aí eu procurei sarna pra me coçar porque eu trouxe um monte de coisas que eu ainda não estou dando conta na pesquisa porque são muitas coisas, muitas questões. Eu acho que pensar os marcadores sociais da diferença na constituição artística, e na constituição do ser mulher pesquisadora e do ser mulher de uma forma geral é algo que uma narrativa não dá conta porque a gente está o tempo todo em construção, em devir, mas eu acho que hoje eu diria que meu desafio e meu fôlego ao mesmo tempo é esse. Eu acho que inclusive eu comecei a sentir até mais prazer na pesquisa quando rolou esse desafio de pensar a mulher e a constituição artística, musical dessas mulheres em atravessamento desses marcadores. Não é só questão econômica, não é só essa questão de ser mulher, de gênero e sexualidade; são esses atravessamentos que nos compõe e que nos recompõe o tempo inteiro (Helen Campos, 2018).

Helen Campos traz uma fala riquíssima a respeito dos processos de tensionamento de poder dentro da academia, ao expor quando foi se apercebendo que os discursos, os questionamentos sobre sua escrita, sobre suas escolhas, atravessavam diretamente esse corpo produtor de conhecimento, uma mulher negra, jovem, pesquisando sobre outras mulheres negras. Fica evidenciado como o racismo e o sexismo operam, trazendo a insegurança à baila, por meio de questionamentos sobre as opções da intelectual negra, sua capacidade intelectual.

Verena Stolke (2006) explora aspectos históricos para evidenciar o modo como as categorias raça, sexo e sexualidade se entrelaçam historicamente, culturalmente, e repercutem nas relações sociais da atualidade. Fica marcado o quanto as sociedades colonizadas foram oprimidas e que os valores dos colonizadores constituíram a raiz de idéias contemporâneas sobre raça, gênero, sexo e classe..

Rita Segato (1995) apresenta a raça como uma representação social que possui status existencial de realidade, plenamente simbólico. Ela aponta a centralidade dos fenótipos no Brasil para a classificação de raças, entretanto, não tem o mesmo significado para grupos indígenas, por exemplo. O sistema que inicialmente era colonial, e o atual, nacional, são muito próximos no sentido que ambos são outrificadores, excludentes. A autora destaca a importância das cotas raciais diante da falta de representatividade de pessoas negras em espaços de poder, de prestígio.

Liv Sovik (2014) parte da música popular brasileira para evidenciar o que chama de corpo dançante emblema da nação, expondo a marca da ligação entre negros e brancos no dia a dia. Sobre a obra e branquitude, a autora comenta:

A branquitude brasileira é um lugar de fala, envolvendo relações socioeconômicas, socioculturais e psíquicas, como Ruth Frankenberg (1997)

afirma sobre a norte-americana. Está arraigada em questões de imagem e autoimagem, como dizem Muniz Sodré (1999) e Guerreiro Ramos (1995). E é formada ao longo de uma história específica (SOVIK, 2014, p. 168).

Liv Sovik (2014, p. 169) compreende como estratégia eficaz para redimensionar a posição da branquitude, destronando-a “de seu olhar soberano” o reconhecimento e valorização da cultura negra afrodiaspórica. Compreendo que esse é um exercício colocado em prática pela Feminária Musical, considerando que há um movimento de valorização dessa cultura, compreendendo as matrizes históricas e atravessamentos experimentados pelos corpos majoritariamente amefricanos.

A interlocutora Helen Campos (2018) comenta que foi possível se apropriar de aspectos teóricos importantes que redirecionaram sua jornada acadêmica, bem como sua vida, e mais do que isso, experimentou um espaço de reflexão sobre si, sobre seus processos, possibilidade de ampliação e renovação de sentido nas suas buscas, seus fazeres. Helen Campos fala ainda que se sente vinculada afetivamente, emocionalmente com sua pesquisa, com as sua interlocutoras, as cantautoras e o quanto isso traz uma enorme satisfação e desafio diante da complexidade de leitura de realidade compreendida.

Ana Paula Fiúza relata o quanto experimentou o espaço da Feminária Musical como fértil para nutrir suas habilidades, para ampliação de sua expressão:

Minha história no grupo pra mim é muito importante, porque lá eu pude materializar algumas habilidades que eu tenho internamente, mas que não teria coragem de materializar essas habilidades sozinha. Que é fazer performances, performar poesias dando um recado político através da arte. Então, é um lugar que pra mim é sagrado, também, assim (Ana Paula Fiúza, 2018).

A interlocutora destaca o quanto as leituras, as referências partilhadas no grupo, orientadas por Laila Rosa, foram importantes no processo de concepção de sua dissertação:

[...] eu lembro que alguns textos me descortinaram bastante, por incrível que pareça, são textos acadêmicos. Mas esses textos eles me salvaram mesmo no processo da escrita do mestrado. Glória Anzaldúa, tem Lélia Gonzalez, eu sou muito grata a essas mulheres escritoras. O que me mantém vinculada ao é a questão da afetividade mesmo. Que envolve essa questão afetiva, por que se não tivesse, com certeza, eu não estaria. Mas pra mim afetividade também está relacionada com atitude. Só que a política que eu manifesto no meu ser não é uma política partidária. É uma política que se manifesta na sutileza (Ana Paula Fiúza, 2018).

Assim como Ana Paula Fiúza, todas as interlocutoras destacaram o desejo de permanência no grupo, indicando que o que as vincula é a experiência de afeto com as pessoas.

Ariana Silva, sobre sua chegada, diz que se deu a partir de um contato direto com Laila após ver seu trabalho, linha de pesquisa, e a forma como foi acolhida na Feminária. Fala

também de sua relação de afeto com o grupo e sobre seu primeiro encontro com o grupo, relata:

Foi legal. Foi, foi divertido, eu juro que eu cheguei na sala e falei: “ai, esse povo haribô vai me dar nos nervos” (risos). Eu sou essa pessoa estressada, né? “Esse povo haribô vai me dar nos nervos! Não vai dar certo”. E, e daí com o tempo eu fui descobrindo que talvez, (risos) a Feminária era o equilíbrio que eu tava precisando né? Porque tava muito desequilibrada emocionalmente eu digo, não, não doida de pedra, tipo. A gente passa por isso. Por esses processos, né? E aí, tipo, e aí na Feminária eu encontrei o equilíbrio que eu tava precisando naquele momento assim, sabe? Tipo, de pessoas pra conversar, de pessoas que tão interessadas nos mesmos assuntos, ou de pessoas que trazem outros assuntos. (pausa) Eu não sei. Foi uma troca muito doida assim, de, de me aproximar muito rápido das pessoas e conversar muito com várias pessoas. E, e fui assim, não sei. É, eu entrei achando que não era o meu lugar e depois eu fui... “É meu lugar sim! Eu tô bem e tal”, tipo (risos) (Ariana Silva, 2018).

Outro relato de Ariana Silva versa sobre as dimensões da afetividade:

O grupo, em si, me proporciona um equilíbrio, assim. Sabe? De, de você conversar com pessoas muito diferentes, sei lá. Eu adoro conversar com a Cris e depois ir conversar com a Nzinga. E elas são muito diferentes, e muito parecidas, ao mesmo tempo, e, e é legal. E... É como é que eu explico isso? Eu não sei, o grupo em si me mantém bem vinculada ao grupo. O grupo de pessoas me mantém vinculada à Feminária. [...] eu me vinculei tanto ao grupo Feminária institucional, quanto às pessoas que fazem parte daquele grupo. É uma afeição assim, mesmo. Sabe? Tipo, é uma relação afetiva com as pessoas (Ariana Silva, 2018).

Ao falar de sua vinculação com o grupo, a interlocutora destacou pelo menos quatro relações diferentes, enfatizando o quanto o vínculo com as pessoas tornou-se especial. Laila Rosa relata sobre a criação do grupo, um grupo híbrido e por isso sentido em sua potência de articulação entre campos de saber, de ação:

Porque, infelizmente, ainda na Escola de Música existe um, não tem um perfil de militância assim, é... Feminista ainda. Tá se construindo agora, mais recentemente. E eu também fico me perguntando de que maneira eu posso contribuir pra isso, por que... Ainda tem alguma coisa que eu tô (pausa), é, refletindo né? Porque como é que um grupo que atrai tanta gente de fora, e as próprias meninas de música né? Não chegam, ficam condicionadas pela bolsa né? Então, aí só em dois mil e doze que as três bolsas que não foram aprovadas em dois mil e onze, pelo Pibic, foram aprovadas pelo Permanecer. E aí tinha tudo a ver, porque aí eram três bolsistas Permanecer. Luciano, Sheila, de Vitória da Conquista, e Neila. Em primeiro lugar, é... foi um exercício, foi um desejo de criar um espaço que me acolhesse! Um espaço que eu não tive. E que eu gostaria muito de ter tido. (pausa) Então, é esse espaço seguro, digamos assim né? Então hoje, pra mim, é muito natural, já tranquilo, porque já foi um espaço conquistado né? Assim, como o NEIM, tá fora também do PPGNEIM (pausa) também dá um respaldo, assim. De tá em música, mas não tá só em música né? De... Então, fazer essa intersecção, esse trânsito. Sempre foi nesse lugar, de ser a única feminista em música e a única musicista no feminismo. Mas acabou que vem se tornando também um espaço

interessante, porque vem pegando (pausa) perfis diversos, e abertos assim, e que é bem minha cara. (risos) Então acho que a gente tá criando outro espaço, uma outra, é aquela coisa né? Da, da consciência mestiça né? Da fronteira, de ser outro né? Não tô na margem oposta, não tô na margem oposta, tô em outro lugar. Num lugar novo que não existia antes, assim. Pelo menos para mim né? Então aí eu tô achando tudo muito legal! E mais legal ainda de ver que é um movimento que não é isolado assim, que tem surgido né? Então vai ganhando força e legitimidade também. (pausa) Hoje eu consigo propor as coisas com tranqüilidade, assim, e assertividade também, enfim. Essa coisa da, das alianças, dos, das movimentações assim. Tem sido bem (pausa)... Não é fácil, a estrutura da universidade não é fácil, não é tranqüila, mas também tem muita autonomia, né? Quando eu terminei o doutorado, aí eu achava que não ia voltar pra universidade nunca, porque eu tava bem cansada dessa vida de estudante. Porque emendei escola na graduação, mestrado e doutorado. E fiz: “não, eu quero ser profissional. E a universidade não é nada, a universidade não sei quê, não sei quê...”. Aí eu fui trabalhar na fundação. E aí eu vi o que é trabalhar numa organização que não é governamental, privada. E a lógica e tal, e... Embora o tema fosse na periferia, né? E enfim, voltado pra temática da cultura de matriz africana, é... aí eu fui vendo as contradições, né? Com amadurecimento meu mesmo! Que não era peculiar dali, daquele espaço. Mas eu fui reconhecendo, de volta, como a universidade é um espaço de autonomia. Então mesmo eu sendo uma feminista isolada ali da Escola de música, eu faço o que eu quiser! Eu proponho o que eu quiser, meus projetos são aprovados, né? Não tem dinheiro, mas também não existe um impedimento. Não existe uma patrulha. E isso pra mim é muito valioso! (Laila Rosa, 2018).

3.4 FEMINISMOS NEGRO E DECOLONIAL: AMEFRICANIZANDO O FEMININO SAGRADO E AS ARTES

Audre Lorde (1984) ressalta o quanto sua experiência de adoecimento, relativo ao câncer de mama, repercutiu subjetivamente despertando-lhe questionamentos sobre seu silêncio, seus medos, gerando com isso, diversas reflexões e elaborações acerca de si, do grupo de mulheres negras. A autora relata que os pequenos silêncios que fizera só a haviam traído, pois, para ela, as mulheres compartilham da tirania do silêncio, são educadas a fazê-lo, a se calar diante das violências vividas por medo do outro, por medo de uma violência maior. A transformação do silêncio em linguagem, escrita e ação funcionam como autorreveladores, libertadores, “[...] no silêncio, cada uma de nós desvia o olhar de seus próprios medos – medo do desprezo, da censura, do julgamento, ou do reconhecimento, do desafio, do aniquilamento” (LORDE, 1984, p. 18). Portanto, a visibilidade de mulheres negras, lésbicas e/ou de terceiro mundo ainda é uma bandeira necessária, é preciso ocupar espaços, territórios.

Stephen Nachmanovitch (1993) defende a arte como essencial para a vida, considera a criação o único antídoto para a destruição. Segundo ele a arte se torna cada vez mais imprescindível, não apenas a arte com preocupação estética, mas principalmente a arte ligada à criatividade, à vida com interligação, flexibilidade, serenidade, totalidade. Sendo assim, o

importante não é a arte pela arte, e sim, a arte pela vida, pela libertação da imaginação, da criatividade. A arte pode ser entendida como uma alquimia, que inclui dimensões do ser e dimensões materiais. A mentalidade moderna, ao supervalorizar a racionalidade, relegou à arte, tudo que envolve sensações e emoções, a proposta é que retomemos tudo isso.

Segundo Nise da Silveira (1994), a obra é uma produção ao mesmo tempo pessoal e impessoal, é reflexo do inconsciente individual e coletivo, ao passo que revela a alma da humanidade naquele tempo e também expressa algo muito particular. Jung (apud SILVEIRA, 1994, p.161) compara a planta à arte neste trecho: “A planta não é apenas um produto do terreno. É também um processo fechado, vivo e criador cuja essência nada tem a ver com a natureza do terreno”.

Aquilo que atualiza o mito é o rito – entendido como um conjunto de práticas reguladoras que lançam pontes em direção ao mito, à dimensão simbólica, imaginária, com funções, ao mesmo tempo, de atualização dos propósitos das pessoas, individualmente ou grupalmente, conectando-as à história, às ancestralidades, ao passado, o que garante o contato no presente e o vislumbre futuro, ao buscar novos modos, configurando-se assim como um processo de libertação de modelos aprisionadores, e favorecendo contato com caminhos mais respeitosos, dignos.

Uma das urgências contemporâneas é a contestação de modelos femininos únicos e eurocentrados, na tentativa de pluralizar formas de ser, estar, relacionar-se com o feminino, gerando atualizações nos conceitos, valores e desejos de mulheres. O que vem sendo experimentado e pautado, cada vez mais, é a desconstrução de um modelo, sem pretensão de apresentar outro, e sim múltiplos, orientados internamente, enfraquecendo, diluindo com a finalidade de extinguir formas prontas, modelos, estereótipos. É possível reconhecer inúmeros avanços, mas também é possível ler a manutenção de papéis e padrões limitadores vividos por mulheres.

Naranda Borges (2011) indica que os impactos negativos são evidenciados nos corpos de mulheres, experimentados como descompasso de sensações de perda de sentido existencial, e demandam aproximação maior com a natureza, maternidade, amor, fecundidade, criatividade e intuição. Entende-se que essas demandas dizem da subjetividade, da corporeidade e da possibilidade de acionar o potencial criador, transformador. Dito isto, enfatizo o potencial da arte como processo de autoconhecimento e desconhecimento, à medida que aproxima o sujeito de uma ampliação de consciência e leitura de sua jornada, ao mesmo tempo que o convida a se desidentificar com uma história única e linear sobre si.

Liana Netto (2012) indica que existe uma identidade psico-corporal, construída a partir de inputs simbólicos, e que todas as partes do corpo exercem importante função de símbolo estruturante para o desenvolvimento psíquico. Salienta que ao viver de modo criativo e adequado à corporalidade, o sujeito tem recursos para transformar padrões de movimento, por exemplo, relativos à tensão, o que inclui as dinâmicas psicológicas.

A respeito da dança, Liana Netto (2012) ressalta que assim como todas as outras atividades humanas, a dança distanciou-se, cada vez mais, de uma experimentação orgânica, instintiva e tornou-se padronizada, submetida a métodos específicos para sua transmissão, tornou-se capacidade de reprodução, entretanto, a dança terapêutica, ou o uso da expressão corporal em um processo arteterapêutico propõe uma via facilitada de acesso ao chamado inconsciente somático, acervo autobiográfico do sujeito, propiciador da conexão da pessoa com seus impulsos internos e potencialidades.

Os padrões das pessoas cuidadoras da criança, assim como as expectativas destes sobre seus filhos são incorporados pelo ego. A educação, de modo geral, coloca-se como cerceadora do livre fluxo dos instintos e pulsões, a ser experimentado, e pode ser apeado na corporalidade. Pode-se pensar que há um fluxo desse corpo que segue em direção à sua diferenciação, dando passos no sentido da manutenção da saúde psíquica, tomando como base da consciência, o movimento. Se há movimento, há ritmo e o tempo é que organiza este (NETTO, 2012).

Maria Urrutigaray (2003) aponta que, enquanto a ciência “modernizou-se”, a psicologia e as outras áreas fragmentaram-se. Assim, a compreensão da psique terminou por ser direcionada para dados classificatórios, os quais originaram identificações de fenômenos psicológicos, e os diagnósticos, o que tem grande importância, entretanto, apenas com a nova epistemologia construtivista apresentaram-se leituras mais globais, integrais sobre o sujeito e sua relação com a sociedade, com o meio. Entende-se que houve um sufocamento das possibilidades das mãos e da psique que estava sob a égide do racionalismo, uma cultura eminentemente cerebral no período do Iluminismo e da Revolução Industrial. Desse modo, de uma abordagem quantitativa, passa-se a pensar em uma abordagem qualitativa, na qual se insere a dimensão simbólica. Símbolo significa “lançar coisas de tal forma que elas permaneçam juntas. Num processo complexo significa re-unir as realidades, congregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe” (BOFF, 1999, apud URRUTIGARAY, 2003. p.17).

Segundo Maria Urrutigaray (1999), a percepção de imagens gera encontros do consciente com o inconsciente, promovendo o contato do sujeito com acontecimentos

psíquicos não percebidos, esquecidos, recalçados. Esse encontro se dá via símbolo, via imagens e por intermédio delas é que advém o processo de individuação e, ao mesmo tempo, pode-se acompanhar esse processo, os elementos repetidos, por exemplo.

A criatividade refere-se à capacidade humana de inovar, de responder de forma original a uma questão, possibilidade de quebra de padrões e condicionamentos. A criatividade é um tipo de transgressão essencial para o desenvolvimento humano, para a saúde, tendo em vista a autopreservação. Ao se desenvolver habilidade de criação, tem-se maior facilidade de superação, resolução de problemas, o que garante uma melhor saúde mental.

Logo, a criatividade é libertadora e tem um caráter regenerador, integrador, e conseqüentemente repercute numa melhora da autoestima e autoconfiança do indivíduo. Para Jung, a criatividade é uma função psíquica, e por isso estruturante na psique. Entende-se que a criação é uma necessidade existencial, que amplia a experiência de vitalidade. Destaca-se a necessidade do contato com o lúdico, com a alma infantil para que a criatividade possa emergir. A improvisação é a chave para o exercício da criatividade, envolve uma criação espontânea.

Constata-se que uma vida digna e saudável se faz por meio da criatividade, do crescimento, e isso será sempre feito com medo, com angústia, com dor, com mortes simbólicas (ou não), mas esse é o caminho (LORDE, 1984). Para a psicanálise, ao invés de pensarmos para falar, falamos para pensar, assim, faço um paralelo com a escrita, com a performance: não pensamos para escrever ou performar, e sim, principalmente, escrevemos e performamos para pensar, sentir, experimentar-se de modo integral. É um exercício de elaboração, de articulação de ideias e de sentidos.

Com as expressões criativas, de ordem plástica ou performativa, revela-se o universo de cada pessoa, um sistema complexo e único, integral, total em si mesmo. As características simbólicas são apresentadas mediante imagens construídas nas produções artísticas, e por essa razão, facilitam integração de aspectos do sujeito não reconhecidos, não acolhidos. Com as produções, é possível incluir dimensões intuitivas, emocionais e metafóricas a entendimentos literais, impessoais.

CAPÍTULO 4. “ENSINANDO A TRANSGREDIR”: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA, FEMINISMO NEGRO E DECOLONIAL NA DÍADE DOCENTE-DISCENTES

4.1 POR PEDAGOGIAS CORPORIFICADAS, CONTEXTUALIZADAS E DEMOCRÁTICAS

A rasteira está dada.

O Brasil está

E

é

A

(ME)

F

R

I

C

A

N

I

Z

A

D

O

Lélia Gonzalez

Destaco como principais autoras e autor basilares para as discussões desta sessão: bell hooks, Nilma Lino Gomes e Paulo Freire, salientando colaborações importantíssimas da Pedagogia da Autonomia, bem como a Pedagogia transgressora proposta por bellhooks, e a leitura de Nilma Lino Gomes indicando a potência educadora do Movimento Negro. Destaco também colaborações da Psicologia para a nutrição de práticas educadoras libertárias, advindas da Psicologia da Educação/Escolar e da Psicologia Humanista.

Enfatizo ainda, a pedagogia da ancestralidade afrodiáspórica e ameríndia, a pedagogia ensinada com base em valores e práticas orientadas nos saberes dos mais velhos, na oralidade, como reitera Fernanda Carneiro (2008):

É necessário venerar os antepassados e a tradição: o passado ensina, orienta. As contadeiras de história, as “pretas velhas”, as cantigas e as palmas... São ensinamentos e valores de uma tradição corporal que dão sustento, estruturam personalidades e transmitem uma pedagogia (CARNEIRO, 2008, p. 27).

A autora faz uma leitura riquíssima acerca da revolta, lida como expressão de saúde de pessoas negras no Brasil. Sendo a revolta vivida coletivamente, ela informa, põe limite, é afirmação da dignidade de uma comunidade estabelecida e que compreende seus próprios

interesses. Seria a expressão da indignação, da não aceitação da injustiça, da indignidade e, portanto, um ato de saúde, um ato em direção ao Bem Viver.

Essa idéia tão potente dialoga com aspectos trabalhados por Paulo Freire na *Pedagogia da Autonomia*, intelectual de extrema relevância e obra poderosa, compreendia a educação engajada como caminho para o desenvolvimento de leitura crítica de mundo, bem como aprendizado contextualizado, localizado como fundamental para facilitar processos de aprendizagem, e mais, compreensão de conjuntura.

Paulo Freire (1997) teorizou sobre a educação bancária, tão corrente em seu tempo, e hoje, como ato de imposição de informações, deposição de conteúdos numa via única de docente para discente, sem espaço para reflexão, contextualização ou problematização. O autor indicava que esse método de deposição era um consumo de informação esvaziado de sentido e de potência transformadora, consistindo apenas em exercício de memorização e armazenamento. Freire encorajou e criou metodologias para a emergência do que chamava “conscientização” nos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula. Indicou ainda que essa dimensão hierarquizante era deveras contraproducente e reprodutora de sistemas de dominação, dando destaque às dimensões de classe e origem.

Freire (1997) revelou a potência da “práxis”, postura de ação e reflexão contínua sobre o mundo, com intenção de modificá-lo no sentido das lutas progressistas por liberdade, justiça.

bell hooks (2013) em *Ensinando a Transgredir: A educação como Prática de Liberdade*, já citado, a autora relata sobre a construção de sua prática pedagógica, desde o seu lugar de fala, apresentando sua jornada de vida e atravessamentos vividos na sua jornada educacional formal. Relata que ao encontrar a obra de Paulo Freire teve seu primeiro contato com a *Pedagogia Crítica* segundo ela o autor tornou-se seu “guia”, visto que assim como ela, compreendia a potência libertadora da educação. Deste modo, hooks nutriu-se da obra, abrindo espaço para diálogos com os feminismos e passou também a questionar as práticas pedagógicas em salas de aula feminista.

A autora indica que logo se deu conta que nem a teoria de Freire, nem os espaços de educação feministas incluíam a noção de prazer na sala de aula. E passou a adensar a discussão sobre o papel do entusiasmo na graduação e pós-graduação, propondo um esquema flexível, com espaço para a espontaneidade, para os emergentes, ao invés da prática de esquemas fixos. hooks segue assinalando que esse entusiasmo é afetado pelas relações interpessoais, logo seria preciso uma experiência de vinculação saudável, de reconhecimento e respeito às diversidades.

hooks (2013) destaca que é preciso que a/o docente valorize as experiências de das pessoas no processo educacional, em sala de aula, compreendendo que todas elas podem colaborar desde os seus lugares de experiências e saberes – absorvendo do teórico Paulo Freire essa concepção. Sinaliza a necessidade de um exercício de desconstrução da lógica vigente, colonialista e reducionista na qual a/o docente é unicamente responsável pela dinâmica em sala de aula e que apesar de ser a figura responsável institucionalmente, a responsabilidade pela construção é coletiva, é do grupo ali presente. Reitera o caráter comunitário deste espaço, visto que essa compreensão ajuda na autorresponsabilização e colaboração dos sujeitos.

A autora diz que o nascimento da sua prática pedagógica se deu no encontro das pedagogias anticolonialista, crítica e feminista:

Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só os paradigmas, mas também no modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, dialogando com o mundo fora dela. (hooks, 2013, p.23).

hooks (2013, p. 25) convoca a uma atenção constante, um exercício dialético e cíclico de escuta sensível e cocriação. Acho belíssimo e poderoso o jeito como a autora compreende a docência. Segundo ela, é um fazer que tem um aspecto sagrado; ela se compromete com este fazer o qual, a seu ver, envolve respeitar e proteger as almas das pessoas em convivência, enfatizando as/os discentes; “[...] para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo”.

A autora relata que se conectou, sobretudo, às/aos docentes que transgrediram as fronteiras estabelecidas de modo convencional, distanciando, e de produção. E avança trazendo como referência importante Tich Nhat Hanh, monge budista, fonte de inspiração para suas elaborações no campo das relações, da docência, da vida, que comprara o fazer da/o docente com o da/o médica/o:

[...] Tich Nhat Hanh apresenta uma maneira de pensar sobre a pedagogia que põe em evidência a integridade, uma união da mente, corpo e espírito. Sua abordagem holística ao aprendizado e a prática espiritual me permitiu vencer anos e anos de socialização que haviam me levado a acreditar que a sala de aula perde importância quando os alunos e professores encaram uns aos outros como seres humanos “integrais”, buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo (hooks, 2013, p. 26).

bell hooks diz que em sua experiência percebeu docentes, de modo geral, muito incomodados com essa demanda ou convite de encontro relacional entre pessoas, como seres humanos integrais. A autora relata que as salas de aula feministas eram os únicos espaços nos quais havia alguma escuta, admitindo-se que as questões teóricas eram atravessadas pelas

experiências corporificadas, mas, ainda assim, com questões importantes a serem revisadas, aprimoradas. Complementa, reforçando que reconhecendo que nas suas experiências mais recentes não percebe esse compromisso de docentes feministas com práticas pedagógicas transgressoras e inovadoras.

hooks (2013) avança brilhantemente ao indicar que a educação progressiva e holística, bem como, a pedagogia engajada, são mais complexas e transgressoras do que uma pedagogia crítica ou feminista convencional. Estas enfatizam o bem-estar, compreendendo que é papel do docente a manutenção do seu próprio bem-estar e de autoatualização, e que apenas desta forma poderão estar inteiros para relacionar-se com discentes.

Thich Nhat Hanh ressalta que a prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar muita gente (hooks, 2013, p. 28).

Em *Intelectuais Negras*, bell hooks (1995) expõe acerca dos desafios de ser uma intelectual e negra, convocando inclusive um olhar para a produção intelectual como uma ativismo político de grande valia dentro da sociedade, tendo em vista as disputas empreendidas para a produção pautada na autonomia e construção de discursos sobre si e sobre as dinâmicas sociais:

Vivendo numa sociedade fundamentalmente anti-intelectual e difícil para os intelectuais comprometidos e preocupados com mudanças sociais radicais afirmar sempre que o trabalho que fazemos tem impacto significativo. Nos círculos políticos progressistas o trabalho dos intelectuais raramente é reconhecido como uma forma de ativismo. Na verdade expressões mais visíveis de ativismo concreto (como fazer piquetes nas ruas ou viajar para um país do Terceiro Mundo e outros atos de contestação e resistência) são consideradas mais importantes para a luta revolucionária que o trabalho mental. É essa desvalorização do trabalho intelectual que muitas vezes torna difícil para indivíduos que vêm de grupos marginalizados considerarem importante o trabalho intelectual isto e uma atividade útil. Ao longo de nossa história como afro-americanos, nos Estados Unidos surgiram intelectuais negros de todas as classes e camadas da vida. Contudo, a decisão de trilhar conscientemente um caminho intelectual foi sempre uma opção excepcional e difícil. Para muitos de nós tem parecido mais um chamado que uma escolha vocacional. Somos impelidos, até mesmo empurrados para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual (hooks, 1995, p. 464).

A autora refere-se ao trabalho intelectual como inseparável da dimensão política do cotidiano, caminho de ampliação da condição de leitura da realidade e segundo ela, essa opção de jornada docente não implica no abandono da separação de uma experiência comunitária. Sendo a intelectualidade (engajada, contra-hegemônica) um caminho formador, capacitador para uma vida mais plena em comunidade – instituições, incluindo a universidade, escola e família:

Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes (hooks1995, p. 466).

Carol Barreto e Laila Rosa (2018) em *“Falando em línguas”*: *Artivismo como forma de produção de conhecimento feminista*, relatam suas experiências artivistas feministas, e indicam como, desde o lugar que ocupam enquanto artistas e docentes, pensam o processo de ensino-aprendizagem com base nas epistemologias feministas pós-coloniais. Entendem que esse fazer envolve uma construção colaborativa com base em relações horizontais e igualitárias, e relatam que em sala de aula são utilizados textos e é garantido espaço para expressão e partilhas das histórias de vida:

[...] interpretações pessoais e mediadas por obras artísticas que expressam algumas “realidades” produzidas em cada contexto, bem como técnicas de leitura e escrita criativas que não separam o vocabulário “acadêmico” dos “ditos populares”, gírias e abraços, acreditamos que a sala de aula e os diversos encontros dentro e fora dela devam corresponder a espaços de fruição de afetividade e das relações interpessoais. Ou seja, estamos no mesmo barco... Nos lançando do cais ao mar... De infinitas possibilidades (BARRETO E ROSA, 2018, p. 40).

Chimamanda Adiche (2015) em *Sejamos todos feministas* reafirma a dimensão cerceante para ambos os gêneros, que corrobora para subjetivações orientadas pelos papéis sociais de gênero, pautadas em uma lógica sexista, redutora e geradora de sofrimento. Chimamanda destaca a masculinidade tóxica como uma construção social, reafirma nos processos de ensino-aprendizagem e convoca a sociedade para uma prática educacional coerente, em direção à subjetivações mais livres e, conseqüentemente mais autênticos e felizes:

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo. Nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausuramos-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque têm de ser, como se diz na Nigéria, homens duros (ADICHE, 2015, p.28).

Em *Para educar crianças feministas: um manifesto*, Chimamanda Adiche (2017), dá sugestões para uma educação feminista, apesar de não se referir à dimensão institucional formal de educação e sim a criação de filhos por seus responsáveis. Chimamanda traz

colaborações que podem e devem ser transpostas para o compromisso de uma educação democrática, com respeito à diversidade. Sobre a necessidade de decolonialidade do saber, bem como a disputa por diversas histórias sobre seu povo, e não uma apenas, a autora ressalta a importância do ensino da história da matriz ancestral africana, desde um olhar de dentro, reconhecendo e fortalecendo um olhar para a potência cultural das etnias e territórios:

Ensine-lhe a sentir orgulho da história dos africanos e da diáspora negra. Encontre heróis e heroínas negros na história. Existem. Você talvez precise contradizer algumas coisas que ela aprenderá na escola — o currículo nigeriano não é muito imbuído da ideia de ensinar as crianças a sentirem orgulho de sua história. Os professores serão ótimos em ensinar matemática, ciências, artes e música, mas você mesma é que terá de lhe ensinar orgulho (ADICHE, 2017, p.52).

Chimamanda avança ainda trazendo a noção de diferença como comum, normal, convocando uma relação respeitosa às diferenças, étnico-raciais, de identidade de gênero, sexualidade, origem etc., com destaque para dimensões de valores e crenças, estilos de vida. A autora marca que esse ensinamento também permite uma liberação de si mesmo, ao passo que não é preciso se aprisionar, ou manter-se aprisionada por padrões ou normas que convocam a apenas uma direção de experiência, de reconhecimento:

15. DÉCIMA QUINTA SUGESTÃO: Ensine-lhe sobre a diferença. Torne a diferença algo comum. Torne a diferença normal. Ensine-a a não atribuir valor à diferença. E isso não para ser justa ou boazinha, mas simplesmente para ser humana e prática. Porque a diferença é a realidade de nosso mundo. E, ao lhe ensinar sobre a diferença, você a prepara para sobreviver num mundo diversificado. Ela precisa saber e entender que as pessoas percorrem caminhos diferentes no mundo e que esses caminhos, desde que não prejudiquem as outras pessoas, são válidos e ela deve respeitá-los. Ensine-lhe que não sabemos — não podemos saber — tudo sobre a vida. A religião e a ciência têm espaços para as coisas que não sabemos, e isso basta para nos reconciliarmos com esse fato. Ensine-lhe a nunca universalizar seus critérios ou experiências pessoais. Ensine-lhe que seus critérios valem apenas para ela e não para as outras pessoas. Esta é a única forma necessária de humildade: a percepção de que a diferença é normal (ADICHE, 2017, p.76).

Destaco como especial, a concepção da autora que abre espaço para o reconhecimento da importância e dos domínios da ciência e das religiões, mas evidencia a dimensão do não saber, dos mistérios, das possibilidades e devires.

Nilma Lino Gomes (2017), em *O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*, afirma belamente a potência educativa, desde um lugar de engajamento e disputa por um projeto democrático de sociedade, feito pelo Movimento Negro. Todos os movimentos sociais são deveras educadores e firmam uma trilha de disputa por esse projeto político pautado na restauração e na equidade.

Uma coisa é certa: se não fosse a luta do Movimento negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização – com todas as tensões, os

desafios e os limites – muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria sido aprendido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de promoção da igualdade racial teriam sido construídas e implementadas. (GOMES, 2017, p. 10).

Nessa direção, compreende-se o enorme impacto social educacional do movimento negro, que gerou e segue gerando conhecimento novo, olhares complexos, recontando histórias e pautando demandas no presente, acenando para uma possibilidade de futuro mais justo. Boa Ventura Souza Santos que prefacia o livro da autora, nomeia de “pedagogias abissais”, essa profunda proposta de transgressão.

Nilma Lino Gomes (2017) indica que essa fissura, ou melhor, todas essas fissuras, buracos abertos pelos corpos afrodiaspóricos em movimento são práticas decoloniais, desestabilizadoras de uma lógica hegemônica da branquidade. Ainda que estejamos em um momento no qual a fragilidade da democracia vivida fique evidente e que as disputas parecem estar mais acirradas, os movimentos sociais seguem fazendo disputas desde um lugar de pautar o respeito e reconhecimento à diversidade, diversidades das mais diversas, reclamado o direito à vida, o direito à terra, à cidade, à moradia, a sexualidades diversas, a performances diversas.

Vivemos, no momento que escrevo esse livro, tempos de profundas mudanças econômicas e políticas no Brasil e na nossa democracia. Tempos de reorganização do capitalismo nacional e internacional e das lutas sociais. Nesse contexto, há quem pense que a força dos movimentos sociais está enfraquecida. Mas, pelo contrário. Eles continuam atuando como protagonistas políticos da emancipação social e como faróis que brilham em tempos tenebrosos, mostrando o caminho para aqueles que lutam pela emancipação social e pela democracia. Por isso, é importante que a memória e a história dos movimentos sociais não sejam perdidas (GOMES, 2017, p. 16).

A autora evidencia o caráter transformador e criador de conhecimento dos movimentos sociais, saberes construídos por grupos não hegemônicos, atravessados pelas matrizes sociais de opressão, que atuam como pedagogas/os nas relações políticas e sociais, ao passo que fortalecem novas formas de subjetivação e disputam o Bem Viver de modo democrático. Destaca-se ainda que muito dos saberes emancipatórios, nos campos da educação, sociologia e antropologia no país ocorreram com base nas construções desses movimentos, dessas atrizes e atores sociais que revolucionaram e seguem revolucionando o modo de fazer ciência, bem como o modo de fazer política:

[...] principal protagonista para que as ações afirmativas se transformassem em questão social, política e acadêmica e jurídica em nossa sociedade, compreendidas como políticas de correção de desigualdades raciais

desenvolvidas pelo Estado brasileiro. É também o Movimento Negro responsável por trazer arte, a corporeidade, o cabelo crespo, as cores da África para o campo da estética, da beleza, do reconhecimento e da representatividade (GOMES, 2017, p. 16).

Diante desta exposição, pode-se pensar então o Movimento Negro também como um movimento que disputa pelo Bem Viver, sendo reivindicada justiça social que atravessa todas as dimensões da vida e todas as camadas dos sujeitos, com destaque o Movimento Feminista Negro.

O Movimento Negro faz uma jornada poderosa de resignificação e politização da ideia de raça, compreendendo esse conceito e os processos identitários como potência de empoderamento. Segundo Nilma Lino Gomes (2017, p. 25), o campo da educação foi compreendido pelo Movimento Negro como “[...] importante espaço-tempo passível de intervenção e de emancipação social, mesmo em meio às ondas de regulação conservadora e da violência capitalista.” Sendo espaço de constante tensionamento entre interesses progressistas e conservadores.

Dessa maneira, a autora reitera o caráter fluido desse campo, reconhecendo-o como “inquieto”, em constante troca e atualização, em diálogo com os coletivos sociais. A autora afirma que toda experiência social é produtora de conhecimento, sendo território de reconfigurações identitárias, questionamentos e resignificações sobre si mesmo e sobre o entorno. Nilma Gomes (2017) destaca a construção dos saberes emancipatórios realizados pelo Movimento Negro, deslocamentos de realidades, reflexões epistemológicas, políticas e sociais que revertem o contexto de desesperança em recuperação da esperança:

Uma esperança que reside como possibilidade de criar campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente às evidências da inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos os tempos e lugares, exceto naqueles em que ocorrem efetivamente. É este o realismo utópico que preside as iniciativas dos grupos oprimidos, que num mundo onde parece ter desaparecido a alternativa, vão construindo, um pouco por toda a parte, alternativas locais que tornam possível uma vida (SANTOS, 2002, p. 36).

Segundo Nilma Lino Gomes (2017), com a vigência das ações afirmativas estruturou-se outro perfil de juventude negra que se afirma tanto na ocupação de lugares sociais e acadêmicos, como de sua estética, juventude que possui uma autoestima mais elevada, de modo geral, que com acessos a narrativas afrocentradas passa a ter um discurso de orgulho de suas matrizes, com uma postura afirmativa, protagonistas.

Nilma Gomes (2017, p. 79) nomeia de saberes estético-corporais, compondo um campo que corresponde “[...] não somente a estética à arte, mas a estética como forma de sentir o mundo, com corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo.” Saberes estes

nutridos, sobretudo, pelas mulheres negras, pelo feminismo negro, afirmando a presença e ancestralidade afrodiáspórica como motivo de orgulho, caminho de empoderamento desde um lugar ancestral. Desse modo, reposiciona-se o corpo negro e a arte negra, reconhecidos como belos.

Boaventura Souza Santos (1996) ao falar sobre o projeto educativo emancipatório indica que este consiste num movimento de recuperarmos nossa capacidade de indignação e orientá-la no sentido da colaboração de um terreno fértil para o florescimento de subjetividades rebeldes e inconformistas, assinala:

Só o passado como opção e como conflito é capaz de desestabilizar a repetição presente. Maximizar essa desestabilização é a razão de ser de um projeto educativo emancipatório. Para isso, tem de ser, por um lado, um projeto de memória e denúncia e, por outro, um projeto de comunicação e cumplicidade (SANTOS, 1996, p. 17).

A psicologia Humanista destaca o caráter comunitário da vida em sociedade, com uma proposta de intervenção nos problemas sociais. Compreende-se como a “recuperação” do humano como caminho para um projeto de sociedade saudável e justa. Existe uma crise nas instituições, desde a esfera governamental até a família, sistema de ensino, entre outras. Nutrido pela Filosofia oriental, Carl Rogers, teórico criador da Psicologia Humanista, pauta o não-diretívismo no campo da psicologia, convidando um exercício de relação que garanta liberdade para os sujeitos:

*Se eu deixar de interferir nas pessoas,
Elas se encarregarão de si mesmas,
Se eu deixar de comandar as pessoas,
Elas se comportarão por si mesmas,
Se eu deixar de pregar às pessoas,
Elas se aperfeiçoarão por si mesmas,
Se eu deixar de me impor às pessoas,
Elas se tornarão elas mesmas.*

Lao-Tsé

Uma provocação para o exercício de autonomia, relações não violentas e de não tutela do outro. Por conta destas dimensões, a abordagem se estendeu ao campo da Educação e dentre muitas provocações, trouxe colaborações para repensar este campo de trocas. Rogers (1971) destacou que “[...] somente pessoas podem desenvolver pessoas”. Segundo Iris Goulart (2015), há uma dimensão da autenticidade que tem centralidade na teoria rogeriana, a convocação à liberdade de gozar da sua autenticidade, do seu modo de ser no mundo. Rogers convoca para um encontro genuíno entre pessoas, que em processo de formação, são antes de suas profissões, títulos, pessoas. As pessoas em sua autenticidade, são únicas e, portanto, há

uma diversidade de modos de ser, de viver, visto que cada pessoa tem seus valores próprios que não são apenas palavras, é o seu modo de vida.

Segundo Goulart (2015), Rogers caracterizou a aprendizagem significativa como “autoiniciada, penetrante, avaliada pelo educando e marcada pelo envolvimento pessoal”, sendo as principais conclusões deste tipo de aprendizagem:

- 1) a aprendizagem é facilitada quando o aluno participa responsabilmente do seu processo – escolhe suas direções, ajuda a descobrir recursos próprios ao seu aprendizado, formula problemas que lhe interessam, escolhe a linha de ação a seguir e avalia as consequências da sua escolha;
- 2) o facilitador da aprendizagem é aquela pessoa que consciente de suas limitações e de suas possibilidades, estabelece um clima de receptividade, no qual se torna, progressivamente, um aprendiz participante, um mentor do grupo, uma pessoa que oferece participação que os alunos podem acolher ou recusar. A preocupação rogeriana não é, pois, o “que ensinar” mas “como” facilitar o aprender (GOULART, 2015, p. 95)

A perspectiva rogeriana propõe um exercício que parece dialogar com uma proposta de pedagogia decolonial, ao passo que indica a necessidade de um rompimento com as hierarquizações para que não haja a reprodução de um modelo de submissão na díade docente-discente. Para ser efetiva e adequada, uma relação que não deve possuir caráter ameaçador, apresentando-se como qualidades necessárias à pessoa facilitadora do processo de ensino-aprendizagem: autenticidade, confiança, empatia e aceitação do outro. A atitude docente adequada proporciona, segundo o autor, um clima de liberdade, potencializando o processo de aprendizado.

Iris Goulart (2015) sintetiza os conceitos centrais para eficácia do processo de aprendizagem rogeriana:

[...] autenticidade do facilitador diz respeito à sua disposição para ser uma pessoa, para ter e viver os sentimentos e as idéias do momento. A confiança básica é a convicção de que a outra pessoa (o aluno) é fundamentalmente merecedora de crédito; é designada também como apreço e aceitação. A compreensão empática é a capacidade de compreender as reações íntimas do aluno, de estar na situação do outro, de ver pelos olhos do aluno. Essa espécie de compreensão difere fundamentalmente da avaliativa, que se baseia no modelo: compreendo o que há de errado com você (GOULART, 2015, p. 96).

4.2 FAZERES PEDAGÓGICOS NA FEMINÁRIA

Dentro do contexto universitário a relação com docentes destacou-se como aspectos de sombra e luz, muitas indicaram a potência do encontro com algumas docentes e relações com desdobramentos bastante delicados, adoecedores. Sobre a potência do encontro, entre as interlocutoras docentes, isso também foi afirmado.

Ariana Silva relata sua enorme admiração e reconhecimento pelas três docentes feministas que ao longo de sua jornada acadêmica a têm apoiado:

É massa ver assim, que são três mulheres assim, eu acho muito divertido (risos) isso. São três mulheres, uma delas é negra, as três são feministas. E de ver que elas colocam na prática. Então talvez, um dia, se eu for professora eu vou querer ser desse jeitinho né? Colocar o Feminismo na prática, mesmo sabe? Aquele apoio desinteressado sabe? Só de apoiar realmente que, sei lá... Não é só comigo, eu sei que tem outros grupos de estudantes que elas apóiam também. Mas, sabe? De não esperar nada em troca. Elas fazem (pausa) porque, de alguma forma, elas acham que esse é o papel delas e tá ótimo, e, e você se sente acolhida num ambiente que é muito depressivo né? Pras outras pessoas. Eu fico vendo relatos mesmo de galera de curso e tal. As dificuldades que têm nesse ambiente e como faz diferença, ter certas pessoas sabe?(Ariana Silva, 2018)

Ariana Silva destaca que essa tríade de docentes é constituída por mulheres feministas, uma delas negra, e o quanto se sente convocada a ser uma professora como estas, que experimentam em ação, em relação ao feminismo. Compreendendo aqui a potência do encontro, o que bell hooks (2013) indica ser uma abertura para o encontro vivido nessa díade docente-discente como potencia de educação transgressora, que se dá pela via do ensinamento pelo amor, pelo afeto, um caminho que frutifica.

Carol Barreto referindo-se ao início de sua jornada docente descreve o quanto dificuldades foram experimentadas nesse fazer, sendo mulher negra jovem lecionando sobre relações de gênero e sexualidade:

Mas a técnica que eu comecei a usar em sala de aula é aula expositiva, lembra que a gente falava no Tirocínio? Aula expositiva, texto, discussão, não sei quê. Agora a gente vai aproveitar, porque vocês tão entendendo que todo mundo é adulto e que isso aqui é um conteúdo científico e que se a minha ciência perpassa por um entendimento holístico do ser humano antes da pessoa pesquisadora, não é de um dia pra outro que essa menina de segundo semestre do BI em Saúde vai entender. E eu tava colecionando brigas, Anni. Eu tava colecionando inimigas em sala de aula. Você chegou a conviver com gente que me gritou em sala de aula. Entendeu? Não que isso vá ser eliminado, mas como é que eu consigo, no meio termo, estruturar um ritmo de grupo de pesquisa, estruturar um ritmo de sala de aula e sintonizando passar a aproveitar o que as pessoas, a partir da leitura e da reflexão, vão ter a oportunidade de alcançar? [...] É forma, é metodologia, é uma forma estratégica de pensar as coisas a partir de muita leitura, de muito estudo, de muita consciência. Porque vez ou outra, a gente tem que lembrar que o que a gente faz é ciência. Entendeu? [...] E aí? Você abre, abre, abre, e aí com essas minúcias? Eles podem usar relações de poder, você é contratada pra isso. Pra ficar com vergonha dos mecanismos que a instituição lhe sugere para uma averiguação que tem que gerar um número no final? Quando eu pegava duas disciplinas consecutivas com a mesma turma em Gênero, na segunda vez tava todo mundo oh, “tclan” (som com a língua), e eu precisava gritar. Precisava ser a pessoa que eu não gosto de ser... pra galera lembrar que tem uma relação ali de respeito, e que quando você chega na sala: “ah, nem li”, isso é falta de respeito. (pausa) É babado!

É, esse tempo de distância acho que... que também ajuda né? Porque aí eu pude ser estudante, eu fui estudante sendo professora né? (Carol Barreto, 2018)

A interlocutora Carol Barreto traz inúmeras questões que indicam a complexidade da experiência docente, somando a isto as questões identitárias lidas nas relações docente-discente, bem como a dimensão de uma ciência que ainda precisa ser a todo tempo apresentada, justificada como tal, no caso dos Estudos Feministas. A interlocutora destaca diferentes tipos de comunicação as quais são demandados em diferentes situações e o quanto esse distanciamento da rotina docente, para a sua experiência do doutorado, oportunizou repensar sobre essa díade docente-discente.

Importante ressaltar ou devo salientar o quanto a minha relação com Carol Barreto, assim como com Laila Rosa contempla essa dimensão da luz, do lugar da inspiração, representatividade e confirmação da possibilidade de transgressões dentro do sistema educacional, em especial, a Universidade. Fui cursista em alguns componentes ministrados por Carol Barreto quando eu estava no final do curso do Bacharelado Interdisciplinar, uma experiência de transformação, de confirmação do desejo de seguir estudante, de seguir aprendendo sobre as Epistemologias Feministas. E tempos depois, fui tirocinante em um componente ministrado por ela:

Foi muito bom assim, o efeito que você construiu com a turma foi... Sabe? Porque você chegou assim: “esse texto por isso e por aquilo”, e não teve aquela coisa de “ah, vou subestimar uma turma de graduação”. “Ah, por que esse texto, Anni?”, “porque eu estou apaixonada por ele! Eu quero dividir esta paixão”. E aí quando eu volto, tá todo mundo apaixonado! E aí você faz uma prova de fuder com aquele texto, e elas tiram dez! E elas terminam, e aí recentemente daquela turma, que era uma turma gigante de BI. [...] E é você também, vamos dizer, não tratar a pessoa com pena. Por que e aí na hora de desafiar? Quando você tem pena ou quando você economiza determinadas discussões, cê tá subestimando o potencial (Carol Barreto, 2018)

Carol Barreto traz uma dimensão do reconhecimento da agência do sujeito, bastante prezada pelos Estudos Feministas como caríssima para o desenvolvimento das pessoas, das pessoas enquanto estudantes. Compreendo que a sala de aula, ou ainda, a universidade, pode ser esse espaço de contato, de estímulo, de experimentação e fortalecimento de habilidades, de reconhecimento de si e sua potência, lugar de histórias múltiplas e não únicas sobre si, sobre os saberes.

Helen Campos relata sobre sua experiência como docente:

[...] eu tenho tentado me divertir porque eu adoro fazer o que eu faço, eu adoro tá em sala de aula, eu adoro entender a galera ali, mesmo muito nova como parceiros e parceiras de pessoas que estão construindo juntos o meu autocuidado está em eu não estar no lugar de saber tudo porque isso me

cansa muito, porque isso é o inatingível. Então assim, como professora meu autocuidado é muito de me divertir com a galera em fazer coisas que a galera queira, goste e que eu também goste. Eu dava aula na área de imagem então assim de entender com eles “olha que imagem é essa? Quem produz essa imagem?” de tá puxando as coisas da minha pesquisa para lá também, sabe? De tá dizendo “olha, vocês são quase pessoas negras, como é que você se vem ou não nas imagens?” Que é uma coisa mais óbvia para ele enquanto aluno de graduação dentro da universidade, mas enquanto produtores e produtoras isso é muito naturalizado não pensar em quem tá produzindo essas imagens (Helen Campos, 2018).

A interlocutora Helen Campos indica que tem se sentido convocada a experimentar o prazer em sala de aula e ainda, a experimentar o não saber como algo confortável, o não saber de tudo, o saber localizado como potente, dialógico, como caminho de construção coletiva de saberes que são nutridos por aquela grupalidade. E ainda, a interlocutora reconhece como sua pesquisa a nutre no seu fazer, e o quanto as dimensões das relações de gênero, raça, classe são apresentadas dentro do campo do saber da comunicação, das imagens, provocando a reflexão ao reconhecimento das dinâmicas sociais, políticas, econômicas, um saber contextualizado, corporificado, a construção de um saber pautado no Feminismo Negro que considera o compromisso ético e político com a sociedade, bem como a preservação e o prazer na prática pessoal.

Eric Assmar (2018) ao falar sobre afetividade diz: “[...] a parte de afetividade dentro da academia, historicamente, ela é muito sabotada e silenciada, né?”

Neila Kadhí (2018) relata que os vínculos afetivos na universidade são diversos, sendo experimentados por vezes como “passageiros”, em decorrência dos diferentes caminhos na jornada acadêmica, componentes, afinidades, que por vezes, são contatos que não se prolongam. A interlocutora reconhece os encontros e vínculos afetivos que perduram: “*Mas também você encontra um monte de gente que vira amigo e que fica amigo para o resto da vida. Professores que viram amigos, que sei lá...*”

Nzinga Mbandi relata que tem vivido uma experiência de criação de um coletivo de estudantes negros e que tem sido difícil:

[...] eu não sei, eu acho que de maneira geral as pessoas então muito com essa dificuldade de vínculo, então, por exemplo, a gente fez um grupo que o objetivo era de pelo menos uma vez no mês ir pra casa de um colega assistir um filme, fazer algo fora desse cotidiano da universidade, aí a gente só conseguiu fazer dois encontros porque nunca a pessoa não pode, é isso e aquilo, é aquilo outro entendeu, acaba não indo... As pessoas e aqui em Salvador, pra mim eu acho mais difícil, porque lá em Minas, meus amigos, a gente conseguia fazer mais isso de fazer uma comida em casa, mesmo que tivesse pouco dinheiro, um macarrão, comprava um vinho barato e ficava ali dando risada, quando eu vou pra lá a gente ainda consegue fazer isso, aqui em Salvador eu tive a maior dificuldade de fazer amizades assim sabia, eu acho que a cultura é diferente das pessoas que eu convivo pelo menos, as

peças não vão muito um na casa do outro, você combina com as pessoas e elas só falam que vai, acho diferente é mais fácil você encontrar as pessoas numa festa do que, se falar que tem uma festa, as pessoas vão, mas algo menos assim, é difícil [...](Nzinga Mbandi, 2018).

Nesta passagem da fala da interlocutora Nzinga Mbandi, pode-se evidenciar uma dimensão cultural importante no que tange os dois territórios indicados por ela, e pode-se supor que há também um recorte de experiência grupal, ou experiência de convivência em um grupo composto por pessoas inseridas em processos formativos em pós-graduação, como grupo mais indisponível para atividades sociais, prioridades de experiências afetivas. Segundo Silvana Bitencourt (2014), em decorrência de uma lógica produtivista, suas interlocutoras doutorandas indicaram a gestão do tempo como grande desafio, gerando um direcionamento quase exclusivo para o trabalho, no qual se coloca uma impossibilidade de uma vida relacional experimentada com tempo, com qualidade.

Rabeca Sobral refere acerca das redes de apoio experimentadas em grupos feministas, com parcerias diversas:

Eu acho que eu só tô viva por conta dessas redes de apoio. Desse autocuidado e dessas redes de cuidado, de solidariedade feminista, de solidariedade entre mulheres, e no final das contas eu acho que é assim que eu cheguei até aqui, né? Vim em diáspora pra uma cidade que eu não conhecia e nem ninguém. Depois vim pra universidade, pra um lugar elitista na época que era quando eu entrei. (pausa) Morar num pensionato por cinco anos, com pessoas que eu não conhecia, que eu conheci praticamente quando eu cheguei lá. Acho que foi essa rede de solidariedade, dessas parcerias. Não só com, com mulheres, uma grande maioria com mulheres, mas também, homens também participaram dessa rede de solidariedade (Rabeca Sobral, 2018)

A interlocutora relata o quanto experimentou relações afetivas e sexuais de parceria que possibilitaram sua permanência, e as conquistas desejadas. Segue discorrendo sobre essa dimensão política do privado, das relações interpessoais.

Eu acho que na verdade, foi no movimento de solidariedade que a gente vai conseguindo permanecer, que a gente vai conseguindo fortalecer, que a gente vai conseguindo abrir novos caminhos. Só essa escuta, só essa troca de experiência, só essa orientação de outras perspectivas de visão de mundo, nossa! Isso me ajudou demais! Isso... Acho que é isso, de alguma forma, que foi, foram as minhas ações afirmativas no mundo do privado, né? De alguma forma. Privado, que eu digo, nas relações pessoais, não institucionalizadas (Rabeca Sobral, 2018)

Desse modo, a interlocutora reitera que a dimensão do privado é política, ou ainda, se fizermos o exercício de fragmentar essa divisão das esferas, é possível favorecer uma politização das relações como campos potenciais de promoção de saúde das pessoas, das comunidades.

Sobre qual é a Pedagogia vigente na Feminária Musical, partilhou-se nomeando:

Pedagogia da **Parceria**
 Pedagogia da **Gratidão**
 Pedagogia **Feminista**
 Do Afeto
Afeto
 Pedagogia da **Ludicidade**
Integradora
 Pedagogia **performática**
Corporificada
 Do **Compartilhamento**
Situada
Circular
 Do **Acolhimento**
 Pedagogia da **Implicação**
Horizontal
 Pedagogia da **Positividade**
 Da **Autonomia**
 Pedagogia **Feminista** para **empoderamento**, de perspectiva **antirracista**, para a **diversidade**
 Pedagogia do **AMOR**

Alessandra Alves identifica a Pedagogia experimentada na Feminária Musical como uma “Pedagogia da Parceria”, diz associar ao educador Paulo Freire:

[...] uma perspectiva que não vê professor e aluno, um é o depositar, a depositora de conhecimento e as outras são meras receptoras, acho que eu sempre senti muito uma parceria na Feminária, acho que a Laila, senti essa abertura de espaço. [...] acho que desenvolvia muito a autonomia. [...] Mas sem esquecer da pessoa que não é só a orientanda ou a orientadora, não é só o lado profissional, eu acho que pensar também como tudo isso ta conectado assim, né? E a gente vê um pouco da personalidade, das histórias que a gente traz, e se propõe a fazer, então eu acho que é o desenvolvimento da autonomia, respeito e acolhida com a história de cada um, de cada pessoa que ali faz parte assim e é isso assim. Vê a si mesma como construtora (Alessandra Alves, 2018)

Em meio a um a grande riqueza da sua produção que inspirou e segue inspirando práticas libertárias, Alessandra Alves relaciona a prática pedagógica da Feminária Musical com a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. Dentre tantas colaborações para as Pedagogias libertárias, Freire (2001, p. 79) indica o caráter contínuo do processo de aprendizagem para todos, incluindo quem está no papel de docente, indicando a potência de um exercício dialético, pautado em processo de reflexão, problematização, ação e transformação social, convocando ao compromisso da mudança social começando pelo próprio sujeito e sua relação com o mundo:

Aprendemos experimentando, transformando em prática o que aprendemos continuamente. A maneira sempre aberta como me experimentei [...] com

direito posto em prática, de perguntar, de discordar, de criticar, [...] Minha prática dialógica me preparara para continuar a vivê-la [...].

Não nasci, porém, marcado para ser alguém reativo à vida. Vim me tornando desta forma no corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas ou à prática de outros sujeitos, na leitura persistente, crítica, de textos teóricos, não importa se com eles estava de acordo ou não. É impossível ensaiarmos estar sendo deste modo sem uma abertura crítica aos diferentes e às diferenças, com quem e com que é sempre provável aprender. Nasci aspirando ser melhor, aprendendo, mediado por emoções que podem vir manifestar-se na mudança de um novo ser.

Uma das condições necessárias para que nos tornemos um intelectual que não teme a mudança é a percepção e a aceitação de que não há vida na imobilidade. De que não há progresso na estagnação. De que, se sou, na verdade, social e politicamente responsável, não posso me acomodar às estruturas injustas da sociedade. Não posso, traindo a vida, bendizê-la. [...] Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte.

Alessandra Alves relata dimensões importantes da pedagogia para o educador Paulo Freire, bem como dimensões do Humanismo e da Pedagogia Feminista, fazendo uma convocação de uma disponibilidade para o encontro e transformação mútua.

Alexandra Martins nomeia a pedagogia do grupo como “pedagogia da gratidão” e “da calma”:

É, talvez, até de agradecer antes de começar, inclusive, né? Eu acho que uma “pedagogia da calma”, também. E daí, porque eu sou uma pessoa bem “tchá, tchá, tchá, tchá, bora, bora, bora!”, às vezes eu tô a mil, já se passou meia hora, e a Laíla: “agora vamos fazer uma yoga”, eu: “uma yoga? Já se passou meia hora, como assim?”. E é isso, acho que isso me acalma também, assim. Então, acho que é uma “pedagogia da gratidão” e uma “pedagogia da calma”. Né? Que eu acho que me faz com que eu me, me desacelere. E eu passe a: “okay, vamos entrar nesse local”, assim. E que, não sei se é um local sagrado, não sei. É porque eu fico com um pé atrás de falar “a aula como um local sagrado”, assim. Mas não é aula, é a possibilidade do encontro com as pessoas, né? Então, é um termo que eu gosto muito do Rancière, que ele também, muitas pessoas da arte usam ele. Porque ele fala da “partilha do sensível”, é muito gostoso esse termo dele (Alexandra Martins, 2018)

Ao abordar a experiência grupal, a interlocutora Alexandra Martins fala de uma possibilidade de experimentação de outro tempo, de acesso à sensação de calma e gratidão, um contratempo do experimentado na contemporaneidade atravessada pelo capitalismo e lógica produtivista. Destaca a (des)identificação desse espaço de encontro com o sagrado, o que ela relaciona à potência do encontro de qualidade, de entrega junto ao outro, com as outras pessoas.

Jacques Rancière (2007) indica que há uma origem comum na política e na arte. Compreende que a formação da comunidade política se dá a partir do encontro discordante

das percepções individuais. Para o autor, a política é essencialmente estética, sendo o mundo sensível sua base, do mesmo modo que ocorre a expressão artística. Rancière declara que um regime político só pode ser considerado democrático na medida em que incentiva a multiplicidade de manifestações dentro da comunidade.

O autor pauta uma estética para além de “[...] uma captura perversa da política por uma vontade de arte” (p. 16), uma estética primeira, nascente de uma experiência sensível comum, compartilhada no contato entre sujeitos. As práticas artísticas são vistas como “[...] maneiras de fazer que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (p. 17). Indica assim o poder de exemplaridade política exercido pelas práticas artísticas no que tange aos discursos históricos e às demais práticas.

Bruna Santos nomeou como “Pedagogia do Afeto” a pedagogia experimentada nessa grupalidade, destacando ainda, emocionada, a pedagogia experimentada na relação com Laila Rosa “pelo amor”. A emoção, as lágrimas brotaram da interlocutora ao falar da sua relação com Laila e com o coletivo:

[...] afeto é o que cura mesmo, o que me curou de momentos que eu estava passando da minha separação e que fui pro grupo e a gente ia fazer, num lembro, alguma coisa, escrever, ler algum texto e de repente eu chorei, eu chorei e ela, “gente muda tudo, muda tudo”, aí cantou e mudou a que era pra ser feito naquele dia, e aí falou que a gente não ia fazer isso porque não era o momento de a gente fazer agora. A gente ia discutir algum texto, num lembro o que foi, mas só que a gente mudou o que ia fazer no dia que não era o momento de a gente falar da gente, e acho que foi esse momento que me curou, que ela cantou a música de “mamãe oxum”, sabe, que me fortaleceu, me marcou bastante e que depois dessa música que ela cantou que eu descobri que meu orixá é LogunEdé, que seria o filho do santo que ela cantou pra mim, a música, me botou no colo e me ninou. [...] Nossa! depois que ele me falou isso, o santo que me regia, era o filho da música que ela cantou pra mim, me botou no colo, um momento de cura que eu saí fortalecida, e eu acho que é isso, a pesquisa né, a metodologia é pelo amor, pelo afeto mesmo, então a gente na verdade, vai quebrando vai mudando as estruturas. Geralmente, na verdade é pelo ódio né, a política do ódio, na verdade a gente vai nadando contra a maré, o que é que está aí já? É o ódio, é a política do ódio, a metodologia dos professores de não querer saber da sua vida, é só aquilo ali, é o teórico, não é para além disso, sabe, do afeto, acho que isso que muda bastante e que fortalece, é a política do amor! (Bruna Santos, 2018)

Em sua partilha, Bruna Santos diz da ritualização de um momento de cuidado e acolhimento experimentado em grupo, com a condução sensível de Laila Rosa e o quão importante, integradora em um momento de dor vivido. E ainda, a interlocutora faz referência a uma política do ódio experimentada em relações com docentes, quando não se há responsabilidade e ética nas relações interpessoais. Diz ainda da importância de uma Política

do amor, de uma política do afeto, que propõe ser reparadora, nutridora de aspectos saudáveis nas vidas dos sujeitos.

Carol Barreto relata que se sentiu bastante desafiada nas experimentações feitas no componente que cursou ministrado por Laila Rosa e pelo encontro e parceria em diversos trabalhos juntas. Segundo ela deu-se conta de limitações, cerceamentos seus e “[...] várias imposições sobre a minha corporalidade me limitaram... E que limitaram ela também, mas ela vinha de um ponto de assumir, reconhecer e tentar transcender daquilo, dessa questão da improvisação.”

Carol Barreto (2018) assinala ainda o quanto fez opções de flexibilizar dinâmicas em sala de aula, bem como “desconstruir algumas opressões”, mas que também faz o uso estratégico de mecanismos de controle e organização em seus componentes, para reconhecimento e até por demanda de discentes “a prova, o formato, a frequência [...]”. E ainda indica a compreensão de que esses recursos, em alguma medida, geram sensação de segurança, uma vez que “a galera coleciona vários medos quando entra em contato com a gente, com os nossos conteúdos, né?”. Compreendendo o quanto o campo de Estudos Feministas por si geram uma série de desconstruções e que quando há ainda uma desconstrução no formato, nas práticas em sala, isso pode gerar certo desconforto, insegurança para uma parte das discentes.

Carol Barreto compreende que há um risco grande de não aproveitamento e até mesmo de relações desrespeitosas quando há uma postura mais transgressora na condução de um componente ou até mesmo em um grupo de pesquisa. Segundo a interlocutora deve existir um preparo antes, um amadurecimento da compreensão da potência do espaço e dos métodos para que haja uma valorização desse processo. Carol Barreto assinala:

Quem tá em outro nível de consciência e de maturidade vai afetar Laila em níveis de desrespeito. E eu acho que acontece muito no Feminária. Entendeu? Tem esse espaço de acolhimento e dela fazer a coisa incrível, que a maioria das bolsistas não respeita. Você ganha uma bolsa aonde pra trabalhar um dia na semana? E ter alguns compromissos extremamente prazerosos e de impulsionamento de ser humano, que são as performances e os eventos todos incríveis que o Feminária tá? Mas você reclama... Você reclama do trabalho, você reclama do relatório, você reclama à sua orientadora que tem tanta coisa pra fazer, não pode ler, responder imediatamente. Você acha que ela é sua parceira, entendeu? Aí já é uma questão da outra pessoa, que não é problema de Laila (Carol Barreto, 2018)

Carol Barreto marca o quanto as relações interpessoais carecem de borda, e que nesse caso da ruptura de um terreno hierárquico opressivo pode existir uma confusão dos papéis. Pode-se pensar que as dimensões dos tensionamentos e conflitos interpessoais são inevitáveis, existirão, mas o que compreendo ser um grande ganho na experiência da Feminária Musical é

a abertura para acolhimento do incômodo, da possibilidade restaurativa que existe em relações saudáveis e maduras. Entendendo também que o coletivo é diverso e fluído, composto por fases diversas e dinâmicas de tensão vividas de diferentes formas. O que pode ser indicado é que a condução da facilitadora indica essa abertura para a contradição, para os tensionamentos e dinâmicas reparatórias.

Débora Campelo aponta que a pedagogia da Feminária Musical se assemelha à Arte-Educação, por incluir uma diversidade de linguagens artísticas, mesclando com conteúdos acadêmicos formais, e nomeou-a como Pedagogia da Ludicidade.

Deusi Magalhães referiu-se à Pedagogia do grupo como a pedagogia do “compartilhamento”, destacando a heterogeneidade da composição do grupo, a diversidade de origens, fazeres, habilidades e compreendendo que o compartilhar é parte fundamental para os processos criativos. Disse ainda que a pedagogia é afetiva, criando uma:

[...] forma de aprendizado amorosa, respeitosa, compartilhada e nem por isso solta total, ela tem um fundamento bibliográfico, ela tem um fundamento de pesquisa, ela é séria. Mas ao mesmo tempo ela consegue catalisar essa possibilidade de que existem saberes outros que a gente não abarca e que não está na Universidade, eles podem chegar juntos e ensinar a gente.

Pode-se dialogar com a dimensão de equidade sócio-cognitiva, ao passo que a Feminária Musical dialoga com diferentes campos de produção de saberes e cosmovisões de mundo, fazendo uma síntese entre academia e movimentos populares educadores, entre cosmovisões tradicionais, por habitar um campo institucional acadêmico e transitar, visibilizando experiências e produções afrodiáspóricas e ameríndias.

Ellen Carvalho nomeia a Pedagogia da Feminária Musical como Integradora, indicando que há uma tentativa de gestão compartilhada e que isso ora dá certo e ora não dá, diz que isso “Depende muito dos sujeitos que tão ali.”. Pode-se pensar que esse é um exercício de fortalecimento de autonomia, que inclui autogerência, autorresponsabilidade e uma organização grupal para dar conta das demandas que surgem.

A interlocutora Ellen Carvalho indica ainda que há um aspecto muito valioso na experiência pedagógica do grupo que é a ampliação da discussão acadêmica para:

[...] inserir em nossas vivências artísticas, espirituais... Ela mesma traz as dela. Né? Tipo eu tava bem meditante, a gente passou um tempo sempre fazendo coisas de meditação ou yoga, na Feminária. É... Aí teve uma época que nós todas estávamos assim, bem culinárias naturebas, começando, né? A ver receitinhas. E, então assim. A gente vai fazendo essas vivências. Que eu acho legal, acho legal como proposta, mas não toca todo mundo de maneira igual. Alguns querem dividir aquilo, outros não. (pausa) e normal, tudo bem também. Então a gente tenta, na Feminária, seria uma pedagogia, sei lá, integralizadora, digamos assim. Que tenta integrar tudo que a gente

tá vivenciando, tipo... Receba tava super balé, né? “Pô, eu treino balé, todo mundo tem que entrar, vamos entrar todo mundo!”. Ela também passou outra fase bem capoeirista, feminista. “Todo mundo tem que entrar!”, e aí conseguiu levar algumas pra capoeira, que é mais a ver. De integrar, tentar integrar tudo que nós estamos vivendo (Ellen Carvalho, 2018)

Ellen Carvalho destaca como as descobertas e as experimentações fora da universidade são igualmente acolhidas no grupo, compreendendo também a dimensão de partilha de estratégias de Bem Viver e autoconhecimento e desconhecimento nas práticas corporais, ancestrais.

Eric Assmar nomeia a pedagogia experimentada no grupo como “performática” ou “corporificada”, indicando que há um atravessamento desse corpo, desse lugar de existência, de fala e da potência de criação. Fran Ribeiro nomeia como pedagogia “do afeto”, “do acolhimento”. Segundo a interlocutora:

[...] você acolhe, você recebe, você devolve amor, literalmente a Feminária é isso. Ela recebe você e aí a partir disso vivencia você devolve pra quem chega depois é... É uma pedagogia do autoconhecimento, da autoconfiança, do auto cuidado também e aí e é massa que é um auto cuidado coletivo então a gente se cuida e acaba cuidando pensando cuidado com as outras também.

Ao falar de autocuidado coletivo, faz-se uma imagem de rede, de tecitura de rede de cuidado, de apoio, de reconhecimento, de sustentação e segurança para lançar-se em outras experiências, desafios, certificando-se do que é possível, do seu poder de criação e transgressão, a exemplo de Fran Ribeiro que se tronou professora substituta no Bacharelado de Gênero e Diversidade, outras tantas que finalizaram o mestrado, outras que se lançaram ao doutorado. A Feminária Musical, no ano corrente, conta com uma maior parte de estudantes da pós-graduação entre mestrado e doutorado, muitas se aproximando do fechamento desses ciclos.

Laila Rosa nomeia a pedagogia nutrida por ela como Pedagogia da implicação:

Essa coisa da roda, da escuta. Bom, a Feminária não foi criada coletivamente, né? Foi uma proposta minha enquanto pesquisadora, tal. E há uma coordenação nisso, existe, é fato. E aí, desde esse lugar, fortalecer a potência da roda me implicando mesmo, me colocando e estando aberta para a escuta. Então fortalecendo essa rede de afeto mesmo. E porque a partir daí a gente fala mais na verdade e menos na institucionalidade, né? Acho que isso é bem uma coisa que me deixa bem feliz é ver que hoje, eu sempre brinco que eu sou a cota branca da Feminária, e pra mim é uma grande honra! E uma grande responsabilidade, de sentir que majoritariamente é um grupo formado por mulheres negras que estão nas suas qualificações, nas suas jornadas de poder. Porque elas, vocês todas já trazem isso. E de ser, e dentro disso a gente se juntar e conseguir se, se articular e, e trocar ideia e se potencializar, sabe? Vê tanta coisa linda né? Com Helen, ela não, ela tá trabalhando, então não pode chegar tanto. Mas ela vê fazendo uma disciplina, um componente junto com Carol, nossa!

Quando ela chegou, é um negócio! Agora o projeto dela, é emocionante sabe? Claro que tava nela já, né? Claro que já tava em você, já tava em Fran, já tava em Cris, tava em todo mundo. Mas desse encontro sabe? A potência assim: “pá!”. Então, pra mim é isso. A potência da roda mesmo, do corpo, da troca, do choro, da comida, da alegria, do riso, da música! De cantar, de falar as três coisas boas da semana, de falar também das coisas que não são boas, mas que precisam ser ditas. Então, é esse não ter forma e ir se abrindo assim, pra que seja o dia mais gostoso da semana. (risos) Eu falando: a quinta-feira é meu dia favorito da semana! O dia do afeto mesmo, da abertura, e de firmar presença mesmo no nosso propósito individual e coletivamente. E das alianças né? Quais são as alianças que a gente faz, quem é que a gente liga, vê... Então, a gente falando com Sérgio, né? “Tá. Pedagogia feminista, anti-racista? É”, eu disse “tá”. Aí ele citando autoras né? Autoras negras, representatividade, trazendo compositoras, escolhendo repertórios, tal. Então assim, é um homem negro falando de pedagogia feminista, mas de que maneira você tá trabalhando isso com a sua turma, né? Então não é só falar lá na teoria. Então, de colocar como uma práxis mesmo! Acho que a gente traz muito isso. Os estudos sobre branquitude, as autoras negras, as autoras trans, essas interlocuções todas refletem né? Todas nós e nossos engajamentos. O ENNA (Encontro Novembro Negro nas Artes, ocorrido no ano de 2018 no Terreiro do gantois) pra mim foi, oh, mil corações! Porque tava todo mundo lá, e isso, é pra mim o respaldo maior assim, de que sim, estamos no caminho de uma pedagogia feminista, antirracista, pela diversidade humana! Então... E todo mundo ali junto. A ativista trans, negra, do terreiro, do maracatu, da universidade, de vários lugares. Então, acho que a gente tem sido bem feliz (Laila Rosa, 2018)

Nessa fala, Laila Rosa indica a potência do encontro como possibilidade de espelhamentos de poder umas das outras, destacando o poder de criação, o poder de transformação dos espaços nos quais circulamos, do alargamento dos nossos discursos e da materialização destes em nossas práticas.

hooks (2013) assinala que a educação como prática de liberdade é uma via de mão dupla, na qual discente e docentes abrem-se para o contato, para a relação, a/o docente também experimenta crescimento, aprendizado. Desse modo, com a partilha mútua, conjunta, a/o discente não fica em uma situação de reconhecimento da vulnerabilidade sozinho. hooks (2013, p. 34) salienta: “Nas minhas aulas, não quero que os alunos corram nenhum risco que eu mesma não vou correr, não quero que partilhem nada que eu mesma não partilharia.”

De repente a sala de aula feminista já não é mais aquele porto seguro que muitos alunos de Estudos da Mulher imaginavam que fosse; é, ao contrário, um lugar de conflito, tensões e, às vezes, permanente hostilidade. Para nos confrontarmos mutuamente de um lado e do outro das nossas diferenças, temos de mudar a idéia acerca de como aprendemos; em vez de ter medo do conflito, temos de usá-lo como catalisador para uma nova maneira de pensar, para o crescimento. Os alunos negros frequentemente introduzem nos estudos feministas essa noção positiva de desafio, de investigação rigorosa (hooks, 2013, p. 154).

Compreendo que ao falar dos tensionamentos em sala, hooks indica um novo momento nos estudos feministas, momento que congrega uma diversidade, uma

heterogeneidade de corpos e experiências que passam a lançar olhares caleidoscópicos, desde os seus lugares, para as discussões e teorias feministas, fazendo um exercício de refinamento e materialização.

A autora reitera que o diálogo é o recurso mais simples e mais potente dentro de uma relação, aqui destacando as relações entre docente-discente, docentes, acadêmicos, lideranças culturais e outros, que de fato, podem transpor as barreiras erguidas e mantidas pelas matrizes de opressão, pelo sistema, pela heteronormatividade, sexismo, racismo, classismo e outros atravessamentos cortantes.

Laila Rosa diz também das dimensões densas das experiências relacionais em grupo:

Claro que tem conflitos, percalços, desencontros, tenho os meus próprios também, me ausentei bastante nesse tempo de coordenadora, e também tranquilo, respirando também nesse lugar, e enfim. Momentos de vida, exercitando e aprendendo com, com a jornada mesmo assim, muita coisa. Eu aprendo muito! Eu aprendo muito assim, pra mim o que é ensinar? É aprender. É aprender assim, nossa! Eu aprendo muito! Muito! Eu aprendi sagrado feminino com você, com Ana Paula e com Adriana Gabriela, assim. Eu fui ler com vocês! Eu aprendi decolonialidade radical, negra, lésbica com Ariana, cada vez mais! Aprendi que a gente ainda precisa aprofundar a questão da acessibilidade, com Xanda, com Alexandra Martins que tá fazendo mestrado e que trouxe essa questão na própria identidade dela, né? Enfim. Eu só aprendo! A Nzinga né? Que é a princesa do congado mineiro, que aí já traz outras questões. Então aí eu só fico calada, ouvindo assim, “uau!”, que privilégio! E agora Daniel que vai chegar, mais um menino negro, gay, maravilhoso, que tá trabalhando sobre masculinidades negras. Uma figura das masculinidades, super feminista, LGBT, que nossa! Poeta escreve divinamente! Leituras assim, incríveis, que eu nunca tive na minha vida né? Aprendo com Helen Campos nesses aprofundamentos sobre as cantautoras. Rebeca Sobral foi lá fazer o doutorado sanduíche, trouxe tantas leituras sobre feminismo queer, negro, que eu não tenho ainda! E Jorgete Lago, que trouxe tanta coisa sobre as mestras. Fran, que o trabalho dela lindo assim, ela, Laurisabel. Neila, que agora tá num musical de Elza Soares no Rio de Janeiro, gente! Então assim, eu fico assim né? É. Fatalmente eu entro nesse lugar, da Yemanjá assim, mamãe, toda orgulhosa! E aí isso com certeza é uma questão né? É uma projeção. Mas é que eu fico assim, bestinha. Porque eu vi nascer né? E se reconhecendo, e vendo assim “pô velho!”. Aí vê Fran aqui, preparando aula e “aí Fran, faz isso!, ela “aí, fiz o exercício sobre privilégio, fiz o quê”, coisas que aprendeu na Feminária, que fez e botando nas aulas dela, e outras coisas que ela traz, naturalmente dela né? Eu fico: “uau! Que massa!”, essa troca né? Essa potência, só se renova! Nossa! Pensar que as meninas foram sozinhas, não sei se tu foi, pro IFBA de Feira de Santana. Disseram que fizeram um negócio assim, duzentos jovens assim, e todos indo, fizeram e aconteceram. Fiquei emocionada só de saber! “Uau! Que massa as meninas!”. Primeira performance que a gente fez foi no desfile performático de Carol, ninguém foi. No meu show, todo mundo com vergonha de palco. Depois, o Pet, né? Comunidades indígenas. Aquele foi, o vídeo que vocês fizeram, eu não tava gente! É! E o vídeo que vocês fizeram, não tive nada a ver! Eu sempre falo: “gente, eu não estava lá!”. Eu recebi esse vídeo e eu mostro, mostrei na Espanha, mostrei, mostrei na Irlanda, mostrei em Nova

York, mostrei, sabe? Produzido, produção Feminária e Pet! Eu não tive nada a ver com isso! Mas coisas que a gente debatia, que a gente construía. E coisas que vocês pensaram em tudo, roteiro, figurino, tudo! Vídeo, né? O vídeo lá pra o show de Ellen, o trabalho de Ellen sobre compositoras e o show dela, ela cantando só compositoras. E aí o vídeo que Xanda fez, Ellen deu (inaudível). Que é um vídeo que eu uso para tudo. Pra falar de feminicídio e racismo! Eu fico emocionada! Fico assim: “uau! Que massa! Que bom que a gente tá junta! Muito maravilhoso!” (Laila Rosa, 2018)

Laila Rosa indica a beleza de experimentar acompanhar a jornada das feminárias, bem como vai sendo nutrida e aprendendo com as discussões, interesses, provocações de cada pessoa.

Laura Cardoso relata que a pedagogia experimentada na Feminária Musical é:

Libertária, no sentido de que acolhe e te ensina, te ensina não, mas que te motiva a se valorizar, te motiva a se expressar e se expressar sem pré requisitos o que é muito importante, nos ambientes musicais, por exemplo, não existe, você tem que se expressar a partir de um código, de um método, de uma forma muito bem definida sabe, o que na Feminária não existe, então assim, é uma perspectiva de um desenvolvimento de uma consciência de grupo que é muito corpo a corpo mesmo, muito aberta, muito reflexiva, então essa coisa de fortalecer sempre a reflexão sobre aquilo que a gente faz. Isso é uma coisa que a Feminária demonstra muito na prática né, a gente está fazendo música, a gente está fazendo arte, são mulheres se colocando, mas a gente sempre reflete as coisas que a gente faz e a gente reflete também de forma acadêmica, a gente também reflete de forma política, então é importante também essa dimensão de não ficar também só no simbólico, foi uma coisa que eu também aprendi muito com a Feminária, a gente tem esse processo que é emocional, mas que também tem um outro processo (Laura Cardoso, 2018).

Laura Cardoso indica que há uma síntese experimentada na medida em que as dimensões simbólicas, afetivas e de ordem emocional possuem lugar, mas que a Feminária Musical é produtora de conhecimento, e a partir disso, com o casamento com outros recursos, como o movimento reflexivo – exercício racional de análise, um exercício dialógico entre teoria e práxis – uma construção pautada no movimento. Segundo Laura, para as pessoas que vêm de uma formação musical acadêmica há uma grande transgressão experimentada na Feminária, a partir das experimentações sonoras, das improvisações, da possibilidade de ousar em ambiente seguro, o reconhecimento de suas competências, potências.

Laurisabel Assil compreende a prática pedagógica na Feminária Musical como uma “pedagogia situada”, evidenciado neste trecho do seu relato:

[...] apesar de ser uma pós-graduação em música às vezes tem aula que não tem música nenhuma, sim e às vezes isso é muito louco, muitas vezes, mas ela sempre leva música, faz a gente refletir sobre as músicas que a gente escuta, a luz dos marcadores sociais de diferença, a luz da própria etnomusicologia enquanto lugar social, enquanto grupo comunitário, quem produz aquilo, as pessoas que estão por trás daquelas produções musicais todas (Laurisabel Assil, 2018).

Laurisbel Assil destaca o quanto o próprio espaço formativo acadêmico no campo da música, de modo geral, negligencia a experiência com a mesma, deixando a linguagem musical fora do campo de aprendizado. A interlocutora reitera o quanto a pedagogia da Feminária Musical e aquela utilizada por Laila Rosa nos componentes curriculares que ministra, trazem à baila uma dimensão preciosa à etnomusicologia, bem como, os Estudos Feministas que é a dimensão dos sujeitos que produzem, indicando uma análise de matrizes de desigualdades, ideologias, representatividades e tentativas de apagamento e invisibilização de existências e culturas.

Maiara Diana Pereira nomeia a pedagogia experimentada pelo grupo como “horizontal”, “circular”:

[...] poderia falar horizontal por não ter hierarquia, mas, talvez circular porque eu acho que a gente, eu lembro como a gente se sentava e se reunia e que era cada uma dividindo, cada uma ensinando, cada uma aprendendo, lógico que Laila orientando, né? Porque era a função dela. Mas nunca num nível de que, uma obrigação, é... Não sei explicar assim... Tipo, hierarquizada, de, de ego, eu acho que é uma pedagogia que ela usa que é muito tranqüila, e muito boa. Que é isso mesmo, que é de troca mesmo, de conhecimento. Ela também permite que a gente se expresse. E ela busca isso na gente. Que, eu mesma era toda tímida, não queria falar, e ela buscava um jeito que eu falasse, que eu me expressasse. Então, assim, além dela falar pra eu falar, não era só ela que falava. A gente também tinha o nosso espaço. Então eu penso como uma troca. E é isso né? Como a gente sentava em círculo, eu penso muito que é essa coisa circular mesmo. Assim, ela ensina, ela bota a gente pra ler, ela manda a gente ler, ela, lógico que ela cobra. Né? Tem que entregar os projetos, entregar os artigos, entregar as coisas, participações no que a gente deve fazer. Mas, ela também faz com que a gente fale, e que a gente também troque com ela, idéias, e ela também permite muito essa troca, né? Não é uma coisa, fechada, tipo distanciada (Maiara Pereira, 2018).

Maiara Belga indica o quanto foi convidada, provocada a se posicionar, a se colocar, e o quanto esse espaço era garantido dentro do grupo, reitera a dimensão da experiência relacional próxima, e o quanto o fato de experimentarem sentar-se em círculo também trazia uma dinâmica de circularidade da palavra, do saber.

A circularidade apresenta-se como elemento de organização e contato em diversas expressões culturais afrodiáspóricas, como a capoeira, o samba de roda e outras formas de expressão e pedagogia.

*Ciranda de amor e luta
Giramos com a ciranda
Ciranda de cura
Cirando de amor
Ciranda de luta
Circularidades essa é nossa missão,
artes, cuidados, ativismo*

Marchamos em ação
O mundo roda
Mulheres giram com força e amor
Mudamos nossas vidas
Giramos, giramos
Giramos, giramos
Martinha do Coco²⁰

A interlocutora Maria Belga (2018) denomina a pedagogia experimentada como “Pedagogia da positividade”; segundo ela há um “*exercício de pensamento positivo o tempo todo. Essa coisa de não se justificar né? De, de quando a gente apresentar um trabalho ela sempre elogiar. É um exercício de positividade. Pra mim, é uma pedagogia da positividade.*” Maria Belga indica que há uma dimensão de consideração dos aspectos positivos dentro da vida das pessoas que circulam no grupo, com atividades de reconhecimento das coisas boas que acontecem na semana, como já dito por Laila Rosa e outras interlocutoras, bem como, uma comunicação não violenta de retornos sobre produções apresentadas. Importante indicar como culturalmente vivemos uma herança colonial de relações pautadas na violência, na subjugação e o quanto isso se apresenta nas dinâmicas relacionais e comunicacionais. Conforme são comunicadas e reforçadas as potências das produtoras, criadoras, autoras e suas produções, torna-se possível sustentar dimensões de aprimoramento, de fortalecimento de uma função construtiva.

Marshall Rosenberg apresenta a Comunicação Não-Violenta (CNV) como caminho para melhoria nas relações e conseqüentemente na qualidade de vida. Arun Gandhi, no prefácio do livro de Rosenberg (2006) relata um importante aprendizado que viveu com seu avô Mahatma Gandhi, este o ensinou a compreender o conceito de não-violência e a reconhecer o quanto somos violentos de modo geral e que isso nos convoca a uma jornada de mudança de atitudes. O autor indica que junto a seu avô mapeou no seu cotidiano diversas ações de violência, incluindo a violência passiva e que esta era geradora de raiva no sujeito que terminava por retornar essa raiva para o coletivo, seria alimento para a violência física.

Arun Gandhi (2006) afirma que o mundo hoje é impiedoso porque assim foi feito por nós e convoca a um exercício de autorresponsabilização e exercício de uma micro-política da paz e do afeto. Começando pela linguagem, pelos métodos de comunicação caminhando para um mundo mais compassivo. A CNV seria um recurso de reconexão, segundo Rosenberg

²⁰ “Ciranda sobre o significado de sua participação na roda do Paranoá. Mulher negra, ativista social e cultural, moradora do Paranoá, foi trabalhadora doméstica e gari. Hoje é compositora e cantora da cultura popular, reconhecida como Mestre da Cultura Popular pelo Ministério da Cultura.” Extraído do documento do CFEMEA já indicado.

(2006, p.21): “O objetivo é nos lembrar do que já sabemos – de como nós humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros – e nos ajudar a viver de modo que se manifeste concretamente este conhecimento.”

Mafá Santos relata que a pedagogia utilizada na Feminária Musical pode ser nomeada como pedagogia da autonomia, ao passo que segunda ela Laila Rosa compõe o grupo, não é “o centro das atenções” e o grupo é experimentado como um “organismo”, no qual todos têm de “participar de forma efetiva” e se movimentam dentro do grupo. A interlocutora Neila Kadhí nomeia como Pedagogia do Amor, reiterando uma dimensão trazida por Mafá Santos e outras anteriormente. Neila indica que há uma hierarquia, considerando que Laila é a responsável institucional, mas é experimentada uma “independência”, uma autonomia, uma vivência que envolve um enquadre complexo: “[...] *porque tem limite, porque não tem; porque tem liberdade; porque tem obrigação.*”

Ariana da Silva, junto a Rabeca Sobral, identifica prontamente a Pedagogia utilizada no grupo como uma Pedagogia Feminista. Ariana Silva destaca:

De conseguir colocar na prática mesmo, dentro da sala de aula, o que é muito difícil eu acho. Mas ela consegue colocar uma pedagogia feminista. Uma pedagogia transgressora. Ela passou um livro pra gente que se chamava “Ensinando a transgredir”, da bellhooks. Daí tem tudo a ver com o que ela faz. Tanto na escola de música e dentro do NEIM também. Porque a área de artes lá do NEIM é meio difícil de sair do lugar, assim. E ela faz isso, dos dois lados, com a Feminária (Ariana Silva, 2018).

A interlocutora Ariana Silva nomeia ainda de “pedagogia decolonial” o que é experimentado na Feminária Musical, segundo ela há uma:

[...] eliminação das hierarquias dentro da sala. Não tem uma hierarquia, assim. Ela tá lá! É o componente dela, é a disciplina dela, mas ela não é o principal da disciplina. É tudo muito coletivo, é tudo muito dividido. Tipo, eu lembro que tinha um negócio das pessoas escreverem e, sei lá, escreverem poemas, escreverem músicas, o que quisessem, e ler na sala de aula. Quando eu acompanhei essa disciplina, assim, eu lembro, lembro muito forte, do menino que chamava Dandan, dos poemas que ele lia, das referências que ele trazia e, sei lá. De poetas negros, gays, da década de trinta, lá dos Estados Unidos, e ele trazia umas referências assim. E é isso. Eu penso numa pedagogia decolonial, de não manter essa hierarquia. Que é muito, muito acadêmica, muito eurocêntrica, muito branca, né? Tudo é muito colonial, essa, essa hierarquia dentro da academia. Diria que é uma pedagogia feminista, que é uma pedagogia transgressora, e que é uma pedagogia decolonial (Ariana Silva, 2018).

A interlocutora indica a prática de uma construção de saber coletivo, compreendendo a riqueza na partilha de saberes e trajetórias dos sujeitos em grupo. Ariana Silva destaca a pedagogia decolonial como essa experiência de vinculada a uma pedagogia feminista e

transgressora. Compreendo que é uma leitura de uma Pedagogia Feminista pautada no arcabouço teórico dos Feminismos Negros.

Rabeca Sobral nomeia a Pedagogia experimentada na Feminária Musical como “pedagogia feminista antirracista para a diversidade”. Rabeca Sobral indica o quanto sua jornada na Feminária Musical e no componente ministrado por Laila Rosa abriu caminho para o contato com referências importantíssimas, com experimentos de produção criativa, e o quanto essa jornada fortaleceu sua autonomia e a nutriu para seus trânsitos diversos:

E sobre os componentes, nossa! Além dos grupos de estudo, da literatura indicada, que são pérolas! São textos que talvez não tivesse encontrado tão facilmente, se não tivesse esse local de debate, de discussão, mas a disciplina dela “Música e Feminismo”, nossa, pra mim foi um diferencial! Porque ela permitiu que eu criasse, realmente, a minha proposta de estudo, né? Embasada na literatura extremamente diversa, de escritora ameríndias, latino-americanas, à africanas, à feministas negras estadunidenses, à escritoras nordestinas. Então de pensadores, de homens pensando música, a própria antropologia da música, eu que venho de Ciências Sociais, nunca tinha escutado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, antropologia da música. Pra mim, de alguma forma, foi Laila que nos convidou pra entrar nesse caminho. Então, pra mim, eu desejo muita prosperidade pros trabalhos de Laila! Acho que é uma proposta muito, acho que ela nos empoderou também, né? Fez a gente ter uma formação que a gente já pode fazer isso (Rabeca Sobral, 2018)

4.3 COMO SE CONFIGURA UMA PEDAGOGIA FEMINISTA?

Segundo Cecília Sardenberg (2011, p. 20), as pedagogias feministas são definidas por um “[...] conjunto de princípios e práticas que objetivam conscientizar indivíduos da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la”. Nesse sentido, objetiva a libertação de mulheres e homens das hierarquias de gênero, fortalecendo um projeto de sociedade com equidade entre os gêneros. Importante destacar que as pedagogias culturais e as feministas se originam das pedagogias críticas que consiste em um arcabouço teórico-prático de instrumentalização dos sujeitos para o fortalecimento de uma conscientização das dinâmicas sociais, e assim, uma compreensão crítica das opressões que experimentam (e reproduzem).

Muito importante destacar que uma das estratégias pedagógicas feministas, muito utilizadas em seu “começo”, na década de 60, foi a formação dos chamados grupos de reflexão ou de autoconsciência. Esses grupos eram de modo geral, informais e pequenos, nos quais as mulheres compartilhavam, trocavam acerca de suas experiências de vida. Com esse processo de partilha das dinâmicas privadas, deram-se conta dos atravessamentos coletivos experimentados por serem mulheres, e o que era compreendida como uma questão individual vai sendo lida como uma questão social.

A Pedagogia Feminista promove uma ruptura, assim como as Epistemologias Feministas, ao assinalar que o saber encontra-se apenas em um transmissor considerado autoridade, indicando a potência das vozes diversas e revelando o androcentrismo presente nos campos de conhecimento e sistematização destes. Dessa forma, compreende-se ser um processo de colaboração e construção coletiva (de muitas vozes), fortalecendo os saberes diversos.

Neste estudo, a compreensão de Pedagogia Feminista assenta-se na teoria-prática e poética do Feminismo Negro. Compreendendo a potência de uma pedagogia feminista engajada, comprometida com um projeto político de libertação de todas as pessoas, que transborda as dimensões das relações de gênero, até por entender que as matrizes de opressão atuam em conjunto, logo, não é possível a construção de uma prática libertadora apenas para algumas pessoas, ou pensando em alguns grupos. O Feminismo Negro abre espaço para a radicalização e o compromisso ético e político com a existência de todas as pessoas, firmando a necessidade, a urgência de pautar todas as identidades vulnerabilizadas, todas as interseccionalidades possíveis.

Elisabeth Tisdell (1998) delinea três modelos mais difundidos de pedagogias feministas: o psicológico, estrutural e o pós-estrutural. Todos estes trabalham, de formas distintas, com temas afins: o conhecimento é construído (portanto, não é neutro e responde a uma ideologia), é preciso garantir voz para as mulheres (ou ainda, que essas vozes sejam escutadas), lidar com autoridade e como lidar com a diferença entre mulheres.

O primeiro modelo é direcionado, sobretudo, para a criação de condições de forma que as mulheres possam usar suas vozes, reconhecendo-se como produtoras de conhecimento, com ênfase no fortalecimento da autoestima e empoderamento – pouco foco nas estruturas sociais, afastando-se das pedagogias críticas, – pautado no Feminismo Liberal. Os modelos estruturais são baseados na Pedagogia Freiriana, com o refinamento e inclusão da leitura de relações de poder para além da classe, incluindo as dimensões de gênero, raça, orientação sexual, modelos pautados nos Feminismos: marxista, socialista e radical.

O modelo estrutural, como indica o nome, reserva mais atenção aos processos estruturais, deixando à margem as dimensões individuais e agenciamentos. O modelo pós-estrutural propõe-se uma síntese, trazendo a coexistência e importância dos âmbitos micro e macro, incluindo as dimensões pessoais, individuais e subjetivas, ao passo que também considera e problematiza as dimensões estruturais. Nesse sentido, cabe assinalar que a Feminária Musical coaduna com esse terceiro modelo, fazendo um exercício de síntese e

reconhecimento desse tensionamento existente entre estrutura e sujeito, entre cerceamento e liberdade/transgressão.

Cecília Sardenberg (2011) destaca que as oficinas de autoconsciência, tão populares no início da organização do Movimento Feminista branco e ainda muito utilizadas, sobretudo com mulheres de setores populares, movimentos sociais, apresentam uma eficácia, sendo pautadas nas seguintes noções e práticas:

- Partir da realidade e experiência das mulheres;
- Reconhecer os saberes intuitivos, implícitos que as mulheres trazem, tornando-os explícitos;
- Estimular a análise das noções trazidas pelas participantes e das novas concepções geradas no grupo;
- Incentivar a busca da compreensão das raízes dos preconceitos, mitos e condições de subordinação das mulheres;
- Criar um ambiente de livre expressão e de estímulo à participação de todas;
- Trabalhar as mensagens de transformação, os novos saberes, de maneira que façam e tenham sentido para as mulheres nas suas condições particulares;
- Reconhecer que cada mulher tem seu próprio ritmo no processo;
- Criar um espaço tido como “específico” do grupo, que sirva não apenas para reflexões, mas também para as atividades lúdicas;
- Criar um sentimento de pertencimento ao grupo, de identidade de grupo, o que facilita a construção das participantes como sujeitos sociais, com consciência de gênero;
- Fazer amplo uso de oficinas, seminários e módulos participativos com eventos que estimulem a participação e o diálogo, geradores de processos de autoestima, autonomia e empoderamento; e
- Utilizar cartilhas e manuais interativos, com bastante imagens, casos e exemplos. (SARDENBERG, 2011, p. 27)

A prática de oficinas de autoconsciência são espaços potentes de expressão, afetação e construção de discurso, espaços de troca de experiências, desde um lugar de intimidade e segurança, como também espaço de articulações de estratégias de enfrentamento, transformação e saúde. Pode-se pensar que a Feminária Musical bebe nessa fonte de experiência grupal, contendo todas as características descritas por Cecília Sardenberg, favorecendo um terreno fértil para o florescimento da autoestima e autonomia, abrindo espaço para a vivência da ludicidade, do prazer, novos saberes, caminhando na direção do reconhecimento das dinâmicas de hierarquias, oriundas das matrizes sociais de desigualdade.

As pedagogias feministas operam de forma colaborativa e incluem uma postura de disponibilidade e aprendizado por parte da facilitadora/docente, que também se depara com seus medos e são convocadas à autorreflexão e a novas elaborações (SARDENBERG, 2011).

Após serem perguntadas sobre o tipo de pedagogia que experimentaram ou experimentam na Feminária Musical, as interlocutoras foram perguntadas sobre o que

compreendem por Pedagogia Feminista. Neste momento muitas reconheceram que o que acabaram de falar acerca da experiência na Feminária poderia ser lida como uma Pedagogia Feminista.

*Eu vim do corpo da minha mãe,
Ela me deu semente boa,
Nutriu meu corpo, se espalha em bênçãos,
Sou plantadeira de semente boa.
Minuska*

Partindo dessa música-poesia canalizada por Minuska, muito utilizada nas atividades da Feminária, pode-se entender o lugar do Feminismo Negro, ou ainda, das práticas pedagógicas em consonância a essa trilha rumo à integração, reparação. Compreendendo como espaço de experimentação de reconstrução histórica, buscando na anterioridade, referência e reparação para as mulheres que tiveram suas vidas-narrativas sufocadas e, mais do que isso, disseminando toda sabedoria criada por estas. Também é o Feminismo Negro que nos conecta às “sementes boas” das práticas e movimentos de equidade que se conectam ao direito ao reconhecimento e respeito de toda vida, de todo tipo de existência e nos convoca ao exercício do amor como ato político, orientando vidas e um projeto de sociedade mais democrático.

Alessandra Alves (2018) relatou que para se construir uma Pedagogia Feminista é preciso contar com uma bibliografia majoritariamente composta por mulheres de diferentes campos, e cita “literatura, música”, destacando as experiências dessas mulheres e suas produções teóricas, e ainda, teria um “modus operandis de cuidado”, garantindo um espaço de cuidado, “energia de receber, de acolhida, eu acho que acolher as pessoas que participam daquele grupo, acolher as propostas, acolher as dúvidas e as agonias que estão.” Destaca o fato de “Não ter medo de propor coisas, de questionar”, e ter um cuidado com o uso da palavra, um cuidado ao falar, uma escuta sensível, por fim compreende que ser um espaço de potencializar “[...] o que cada mulher deseja ser ou busca ser, a fazer, busca tornasse. Eu acho que é um grupo com uma pedagogia e prática feminista, é ser um caminho por onde mulheres se exponenciam, sabe? E se unam e construam juntas. Acho que é isso.”

Alexandra Martins relata que uma pedagogia feminista é experimentada quando:

[...] a gente não tenha medo de se expor, não tenha medo de falar, onde a gente pode ser a gente, onde a gente é a gente, com todos os problemas, com todos os percalços, com todas as dificuldades, que a gente carrega, tem e é. Mas, que a gente tá ali juntas. Eu vou ser um pouquinho radical, acho que é uma pedagogia de mulheres, sejam mulheres cis ou mulheres trans, sei... Não sei se existem homens feministas, acho, pra mim existem homens que apóiam o Feminismo, que são parceiros, [...] mas eu tenho isso, eu não sei se são feministas. Não creio em homens feministas. Porque acho que o

Feminismo é muito, de uma experiência de uma relação de mulheres, dessa experiência, de mulheres cis e trans. Também entendo que existem homens trans que são experiências bem diferentes de homens cis e heterossexuais, assim. Mas, ainda assim, não sei, tão dentro de um campo de masculinidade que já tá bem... Não também. É que é diferente. Não dá pra dizer que o fato de ter também, um útero, uma boceta nos alinha à isso. Também não acho que nos destrói, tipo, não é uma coisa contra a outra. Mas entender isso é ocupar esses espaços auto-organizados, como espaços de diferença, e que essa diferença, ela seja respeitada. Com todas as outras diferenças que elas têm (Alexandra Martins, 2018).

Alexandra Martins, assim como Alessandra Alves indicou, a experiência de não ter medo como algo importantíssimo para se experimentar com liberdade, ser quem se é. Uma dimensão de um atravessamento tão cortante e presente na vida das mulheres: o medo. O medo difundido socialmente tem caráter alienante da potência, alienante da capacidade, da força, do poder da mulher e da experiência em grupo. Destaca-se o quanto o medo é usado como mecanismo de controle e o quanto espaços no geral não são espaços que permitem que existências outrificadas possam dialogar.

O medo é usado como mecanismo de controle e de dispersão de organização social, elemento silenciador, se materializando como mordança. Neste sentido, Audre Lorde (1994) convoca ao rompimento do medo e do silêncio:

Acima de tudo, penso no quão importante para nós é compartilhar os poderes sepultados no interior do silêncio que rompemos sobre nossos corpos e nossas saúdes, ainda que nos tenham ensinado a guardar segredo e a sermos estoicas sobre nossa dor e saúde. Mas esse estoicismo e silêncio não nos servem, nem às nossa comunidades; somente nos servem a força das coisas como elas são (LORDE, 1994, p. 85).

Segundo Ariana da Silva a pedagogia feminista refere-se a uma “política de igualdade”, seria “garantir que essa igualdade exista naquele ambiente [...], sem imposições”. Segundo a interlocutora seria abrir espaço para que o grupo se dê conta das dinâmicas de poder existentes ali e uma transformação naquele espaço, cita como exemplo:

Porque, sei lá, se você tem um estudante homem, né? Do sexo masculino, e eu tô falando de homem cis né? Porque homens trans é, é uma outra discussão. Mas de você conseguir fazer ele entender que, tipo, a coleguinha dele tá lá do lado e o que ela tem pra falar tem o mesmo valor do que ele tem pra falar. E ele conseguir abrir mão dessa, desse machismo com tudo, abrir mão dessa necessidade, né? Porque eu acho que é uma necessidade de poder. Abrir mão desse poder relacional, assim, e deixar a coleguinha falar porque a coleguinha precisa falar. Ela não só precisa falar mas, como ela deve falar! Aí ela pode falar, e não é só a voz dele que deve ser ouvida. Eu acho que isso é fundamental. Tipo, dentro de uma pedagogia feminista. E sem a imposição, porque né? Se for pra ser imposto, talvez... Tenha alguma coisa errada. Se você precisa impor, se você precisa obrigar as pessoas, não quer dizer que elas aprenderam. Quer dizer que você tá exercendo seu poder sobre elas pra fazer com que elas executem aquilo ali. Mas, daí, elas vão sair daí e vão fazer do jeito que elas sempre quiseram fazer. Então acho que

é isso, sem essa necessidade de impor, mas fazer as pessoas entenderem essa igualdade. E, e não só de gênero, né? Porque eu acho que o Feminismo agora é muito mais amplo. Então, muito mais que isso. De pensar, sei lá, as interseccionalidades dentro desses gêneros, e de pensar a diversidade sexual dentro desses gêneros, pensar a identidade de gênero de cada pessoa. Então, a pedagogia feminista eu acho que leva em conta subjetividades únicas. Tipo, pensar cada subjetividade dentro desse espaço que deve ter uma, uma relação igual, assim. Uma relação de igualdade. Apesar de eu não gostar muito da palavra “igualdade”, mas eu não sei qual outra que usar nesse momento. Então, “igualdade” eu acho que explica. Acho que é isso uma pedagogia feminista (Ariana Silva, 2018).

Ariana da Silva traz uma dimensão preciosa do quanto à discussão teórica dos feminismos, considera que deve ser experimentada nas subjetividades corporificadas em sala, salientando o quanto é precioso se há uma provocação, uma compreensão de uma diversidade de pessoas dos seus privilégios, de suas identidades e como reproduzimos tensionamentos, disputas de poder e ainda, o quanto isso deve ser experimentado em sala de aula de forma autêntica, provocada e não vivida como uma imposição, um modelo de educação depositária que não trará impacto na vida do sujeito depois da saída desse espaço de sala de aula.

Bruna Santos relata que entende que a Pedagogia Feminista é a experimentada na Feminária Musical, diz ter se questionado bastante “no meio das feministas” sobre a ausência de momentos de trocas sobre si:

[...] a gente nunca falava da gente, o tempo todo contra a universidade e quando eu fui com o barrigão, eu lembro também de Salete, antes de Laila, falava que entrava com barrigão, de noite, indo toda inchada e Salete, “você tá fazendo o que aqui? Vai pra casa” isso também me marcou bastante “vá pra casa, com esse barrigão, com pressão alta, tá fazendo o quê? Olha seus pés como estão, vá pra casa minha filha” e eu falei, “não, mas vai ter prova” e ela “não vá pra casa” e eu fiz a prova a distância. É você compreender que não é só no teórico né, como os outros professores, na prática também, aí que a gente reconhece, que a gente sente, aí que eu senti na verdade, no mexer, no mover, no tocar a gente (Bruna Santos, 2018).

Bruna Santos, em seu relato conta sobre a sua experiência de gestação e o quanto foi acolhida pela professora Salete, o quanto se sentiu cuidada e o quanto experimentou em (rel)ação a esse discurso feminista.

Carol Barreto diz que uma Pedagogia Feminista é pautada na:

[...] tentativa de desconstruir as hierarquias que sustentam essa relação de poder entre docentes e discentes... Ao mesmo tempo, enxergar isso como um formato que está estabelecido que funciona como estratégia de comunicação. Que ela não é verdadeira, ela não é a realidade mas ela é linguagem. Pronto, acho que eu consegui me entender também. Ela é linguagem. E como linguagem pra você desconstruir qualquer coisa, e aí eu lembro muito sobre as questões de desconstrução em Picasso, contexto da seleção do doutorado. Que para fazer as máscaras africanas, ele precisou mimeticamente reproduzir cada corpo, você precisa aprender a desenhar

para aprender a desdesenhar. Você precisa aprender a construir para poder aprender a desconstruir. O que se pretende desconstrução imediata, fica superficial. Porque você não tem as bases, os instrumentais, né? O aporte pra poder dizer: “oh, é a partir daqui que eu desconstruo”. Numa conversa também com alguém da área de arte e que era super acadêmico, não sei quê, era artista também, e que falou que o estágio pós-doutoral na universidade de Paris, no centro lá de belas artes, não sei quê, não sei quê, era. Essa pessoa, quando tava no mais alto nível, era quem tinha condição de dar cursos livres para as pessoas sem escolaridade na universidade. Que tinha se transformado em humano suficiente para poder ensinar humanos. Aí: “velho, que coisa incrível!”. Então, dentro do, entendendo que o pensamento feminista começa também na identificação né? A antropologia feminista é identificar as relações de poder, e nossa sala de aula é um campo o tempo inteiro, então essa pedagogia feminista vai ser pautada numa antropologia feminista de qualquer maneira. Eu preciso entender a relação de poder que eu ocupo. Então, por mais que eu diga: “oh, eu sou sua parceira”, eu não sou. Não sou! Eu tô ali concursada pra ser professora. E tem mil questões, é o comentário que eu vou fazer, o vocabulário que eu uso que me distancia de você. Isso é inevitável. Então eu vou me, me, me aproximar muito mais a partir de uma pedagogia, de uma metodologia, de um entendimento estratégico do que de uma: “ah, somos todos iguais”. Não somos todos iguais. Não somos. Eu não sei o que é a angústia, a chegada em casa dela. Eu não sei o que é. Mesmo quando ela me fala e pede pra sair na hora tal, porque o ônibus só passa na hora tal, eu não sinto o que ela sente pra chegar em casa. Eu moro aqui. E o carro de polícia que tá aí na frente do Vale das Pedrinhas? Esse mês inteiro e que eu, na minha bolhinha, alguém me comentou que tava acontecendo. Né? E meus amigos que moram aí? Eu posso evitar ir na padaria ali, eles não. Então, né? Esse salvacionismo ou esse excesso de... não sei nem que palavra usar, também é bem equivocado. Acho que enxergar, identificar, se esforçar pra renovar a lente dos óculos a cada experiência, cada encontro é uma pedagogia feminista mais efetiva do que a ilusão da total desconstrução.

Carol Barreto indica dimensões deveras materiais das diferentes experiências de existências, como isso se apresenta dentro do espaço acadêmico, entendendo os diferentes lugares, demandas, angústias e linguagens dos sujeitos, bem como a possibilidade de uso estratégico como caminhos para mudanças assentadas na corporificação da experiência e num compromisso ético, numa análise amparada nas dimensões materiais.

Débora Campelo, assim como Bruna Santos, cursista do Bacharelado de Gênero e Diversidade do NEIM, ao ser perguntada sobre o que compreende sobre Pedagogia Feminista fez menção à docente Salete Maria, relatou um componente curricular ministrado por esta, com este nome “Pedagogia Feminista”, no qual, segundo a interlocutora, muito se trouxe sobre Paulo Freire.

[...] de como você trabalhar com dinâmicas, trabalhar com afetividade, como você trabalhar de outra forma esses conteúdos. A questão do contato, enfim. Eu não me dou muito bem com esse nome, não consigo trabalhar muito com esse nome, Pedagogia Feminista. Não. Mas eu acredito que a gente pode pensar, se eu fosse pensar num, não sei, pedagogia de mulheres (risos), talvez. Mas quando eu penso em mulheres e esse processo

acontecendo, eu penso muito nesse processo de círculo mesmo, de roda, de afetividade, de troca. Eu vejo muito como um espaço de troca, de afetividade, (pausa) de luta, enfim. De entender uma o processo da outra, (pausa) e de se juntar pra alguma coisa, se juntar em prol de uma melhora. Seja ela pessoal ou coletiva (Débora Campelo, 2018).

A interlocutora salienta que nessa pedagogia existe algo da circularidade, do afeto, da troca presente como experimentação potente, de sínteses de dimensões individuais e coletivas, de luta e afetividade, de espaço gregário também de crianças, homens, pessoas de diferentes gerações:

Se a gente for pensar no que a gente pode levar pro outro, seria pensar, ou mesmo trabalhar, sobre como construir. Quando eu penso, levando pra outro lado, é pensar em como construir o hoje, o hoje com as crianças que a gente tem, com a juventude que a gente tem, até com os homens. É esse novo sentido de construção do que é masculino e do que é feminino. De tentar desconstruir muita coisa que a gente tem, e trazer isso de outra forma. De uma forma mais aberta, mas levar essa desconstrução do que tá posto né? Pra tentar construir algo melhor, algo pelo menos mais equitativo (Débora Campelo, 2018)

O Feminismo Negro está comprometido com o Bem Viver e a Ética do Cuidado. Compreende que o sofrimento da população negra, genocídio da juventude negra (homens em sua maioria), bem como as questões acerca da população carcerária (eminentemente negra) é uma questão nossa, uma questão que atravessa as trajetórias das mulheres negras, incide sobre a sociedade de modo devastador. Indica ainda o compromisso com as questões que tocam a infância, compreendendo a responsabilidade social para garantia de uma vida digna desde o nascimento.

Deusi Magalhães traz uma leitura de uma dimensão simbólica do que é uma Pedagogia feita por mulheres, que dialoga com a que Débora trouxe anteriormente, indicando que para além da construção teórica dos Feminismos e da proposta de experimentação de equidade, há algo de uma postura mais desenvolvida socialmente por mulheres:

Tem a ver com a mulher, a mulher é líquida, a mulher é... Então eu acho que talvez seja essa coisa afetiva meio mãezona, meio tudo ali. Porque é uma coisa assim, fica um com o cuidado com o outro, afetivamente com o outro. Você não vê, por exemplo, você não vê as pessoas quebrando o pau na Feminária. Você não vê violência ao contrário, você ouve, você até discorda ou não. Mas você começa a entender o outro de outra perspectiva e da própria voz do outro e depois voltando pra sua. Talvez eu não saberia como estrutura essa nova pedagogia, mas eu acho que a Feminária é uma pedagogia bem, bem feminina. Acho que é feminina mesmo (Deusi Magalhães, 2018)

A interlocutora Deusi Magalhães diz de uma pedagogia feminina, feita por mulheres, até ampliando a dimensão da pedagogia, do exercício do educar como uma prática eminentemente feminina.

Eric Assmar (2018) compreende a Pedagogia Feminista como um fazer que “corporifica os saberes”, relacionado à negação da neutralidade, algo bem conectado à ciência feminista. Fran Ribeiro destaca a dimensão da sensibilidade, do encontro, da compreensão de que as questões de uma pessoa podem e devem ser compreendidas como questões que atravessam outras, e serem organizadas ações coletivas buscando acolher a demanda e transformar as dimensões de incomodo, de sofrimento:

A pedagogia feminista seria uma pedagogia da sensibilidade e aí você pensa uma sensibilidade de entender a vivência e a experiência da outra pessoa e como é que você é atravessado por ela também. Então tipo como é que a experiência da outra pessoa te toca e como é que a partir da sua experiência você pode indicar ou construir junto uma alternativa pra aquelas coisas assim e construir enfrentamento e aí você constrói coletivamente o enfrentamento é isso! Eu penso muito o feminismo a partir desse lance do companheirismo, a partir deste cuidado mesmo assim sabe? Não o cuidado maternal ou como a própria sociedade capitalista coloca, mas de você pegar na mão da outra pessoa olhar nos olhos e dizer: “olha eu tô aqui com você e tipo o que você tá passando enfrentar junto” e em nível de igualdade sem menos atravessamento de cada vivência construir a mudança assim e aí construir projetos e construir produção de conhecimento é trocas, é fazer arte, é fazer música é construir rede de apoio, acho que é isso (Fran Ribeiro, 2018)

Nesse sentido de encontro com a potência e o reconhecimento entre pares, Laura Cardoso compreende a Pedagogia Feminista como:

[...] justamente essa valorização de quem somos enquanto mulheres na sociedade, aquilo que fazemos é importante, aquilo que fazemos é bonito, aquilo que fazemos tem valor, então podemos ser tanto ou mais do que aquele lugar que nos colocam, então é esse entendimento de que essa divisão social, essa divisão que é feita dos nossos espaços de atuação, essa divisão ela não existe né, a gente começa a se perceber mais forte, a se perceber maior, então acho que uma pedagogia feminista também parte muito desse pressuposto de você se entender forte, de se entender potente, se entender sabe, em uma relação mais diversa, mais equilibrada e justa em relação as pessoas e as coisas também, acho que é um pouco isso (Laura Cardoso, 2018)

Laurisabel Assil (2018) relata que a pedagogia feminista tem um espectro de atuação que compreende “[...] as percepções sobre construções de raça, classe, etnia, geração, gênero, sexualidade, porque tudo isso constrói e nos constrói socialmente.” Para ela tem um aporte nas ciências sociais que permitem uma leitura social das identidades e matrizes de opressão, favorecendo que o sujeito veja as dinâmicas de tensionamento, privilégios e atravessamentos que experimenta.

Maiara Diana Pereira indica que uma Pedagogia Feminista inclui o “compartilhar experiências de mulheres”, visando o fortalecimento, apoio mútuo, partilha de dores, e

produção, relata sobre a importância de espaços que contemplem esses aspectos na Universidade:

Tipo a UFBA, muita gente ansiosa, muita mulher ansiosa. Tem casos que tipo, cara que abusa da mulher e estuda no mesmo curso, e a menina tá lá. Então, assim, uma pedagogia feminista pra gente aprender a lidar nesses espaços como mulheres, como alunas, como professoras. Saber cuidar uma da outra, não sei se você tá entendendo. Tipo assim, criar grupos de apoio, dentro dos espaços né? Institucionais, acadêmicos, da pedagogia. É, pode ser na escola também, onde trata a questão da mulher, qual o lugar da mulher na escola, tanto professora como alunas, quais as relações que a gente mantém dentro dessas salas de aula, com essas questões né? Que a gente tem (Maiara Pereira, 2018).

Maiara Pereira indica a necessidade de articulações de mulheres em diversos espaços, com destaque para a universidade e escola, como espaços de experiências de violência de gênero, opressões nutridas pelo machismo, sexismo e interseccionalidades, pensando como grupo podem ser espaços de sororidade, de experiência de partilhas, articulação política, proteção e permanência nos espaços.

Mafá Santos (2018) relata que compreende Pedagogia Feminista como outra forma de lidar com educação, ou melhor, “[...] uma desconstrução ousada, inclusive, e laboriosa”, possibilitando instrumentalização de sujeitos para a construção de uma nova sociedade. Neila Kadhí diz de uma Pedagogia do amor: “[...] desde que eu me entendo como feminista, eu me entendo alguém mais ancorada no respeito. Assim... E me ensinou no respeito, na compaixão e no amor mesmo.”

Rabeca Sobral traz diversos elementos que compõem uma prática feminista em sala de aula. Compreende que a Pedagogia Feminista consiste no reconhecimento:

[...] das sujeitas da história, ela reconhece as contribuições dessas experiências das mulheres... Uma Pedagogia Feminista, ela rompe com um eixo de um pensamento colonial em torno da educação, da produção do conhecimento, ela... Respeita e se interessa pelos corpos não-normativos, e, sobretudo ela cria oportunidades horizontais de diálogo. Gosto muito de pensar nessa idéia de uma roda ancestral de conhecimentos que, de alguma forma, permitem uma troca, não de hierarquizar... Reconhece as contribuições de diferentes perspectivas. Eu acho que é muito embasada numa idéia de educação popular, que pensa novas metodologias, que pensa outros métodos de aprendizado, que explora diferentes técnicas, e que não vem como uma coisa pronta, não vem com uma coisa pronta. Ela propõe! Mas, que ela trabalha muito uma ideia de construção coletiva. Isso... Por isso que, de alguma forma, as oficinas ou essa própria idéia de encontros, elas, elas traduzem muito mais uma demanda real, da gente tando em um desses espaços de conhecimento, do que uma aula com uma professora lá na frente, as estudantes aqui atrás (Rabeca Sobral, 2018).

4.4 CATEGORIAS AUTOCUIDADO E BEM VIVER: GARANTINDO A EXISTÊNCIA

Alessandra Alves ao ser perguntada sobre o que experimenta de autocuidado, indica que as conversas são um cuidado: “eu sempre me revejo conversando com as pessoas, tenho novas referências, novas experiências de vida, novas de maneiras de ver. Eu acho que isso sempre me faz me sentir um pouco mais plena. Eu tentar enxergar as coisas com mais complexidade, sabe? Não ter resposta pronta.” Entende-se aqui a relação como caminho de ampliação do olhar, o exercício da escuta e da fala como caminho de encontro com novos prismas.

Alessandra Alves (2018) diz “[...] *Minhas três alquimias: música, sexo e comida, eu acho maravilhoso.*” A interlocutora articula esses três espaços de experiência de prazer e traz o significante alquimia. Por alquimia pode-se pensar nesta prática de mistura de elementos como um fazer que demanda presença, interação, criação. Alessandra Alves articula autocuidado e bem-estar ao fato de poder estar em uma região com praias, pois como diz o mar é para ela de efeito “curativo”: “*O mar traz uma imensidão assim sabe aquele texto do Galliano “ai Pai, me ajuda a olhar”, olhar pro mar assim, me dá aquele vislumbre assim infinito e me puxa também, mas também tem que ter um respeito até porque é um organismo todo vivo.*”

Entendo que essa relação trazida pela interlocutora abre espaço para compreensão da importância do contato com a natureza, observação, contato, experiência e ainda a possibilidade de leitura interpretativa simbólica para amplificar o significado do mar e água. Assim como Ana Paula Fiúza, que trouxe a correlação entre o mar, as águas e as emoções, e o quanto tem feito o exercício de percepção dos seus desejos, do que é prazeroso para si: “[...] *eu tô voltando mais a mim para perceber o que eu gosto de comer, o que eu gosto de ouvir, quais os locais que eu quero estar presente, do contato com a água, contanto com o mar que são emoções, isso pra mim nesse momento é autocuidado.*”.

Recorro então ao Livro dos símbolos (2012) que indica que o oceano é:

Antigo e essencial, o oceano é a nossa mãe de todas as mães, a Grande Esfera no interior de cujo fluido se iniciou a vida e de cujas regiões férteis os primeiros audaciosos se precipitara sobre a areia. [...] Podemos ser embalados como uma criança cósmica no berço dos seus bancos de areia, do mesmo modo que o ego se rende a união universal de sono e sonho. Podemos ser erguidos numa onda de inspiração criativa, e ser levados para a praia com estimulação arrebatadora (TASCHEN, 2010, p. 36)

Alexandra Martins (2018), também traz o significante água: “[...] *tomar água, tenho tomado muita água, plantas, água, cuidar de gatos que apareceram aqui em casa mas não são de casa, é eu acho que dormir bem, e descansar. Tô aprendendo a descansar.*” Relaciono

o simbolismo da água e das dimensões de cuidado com a orixá Yemanjá, tão presente nas atividades da Feminária.

YEMANJÁ

*Aqui estou eu com minha voz, recebendo a luz desse chão
Sagrado caminho que corre infinito
pros braços abertos do mar
Seus filhos e filhas se banham
No canto das águas que passam*

*Águas que passam renovam os sonhos no leito
No colo do mar*

*Que possamos andar com clareza, seguindo seus passos
Conchas fechando e abrindo*

*Segredo do mar
Caminho de pérola
Segredo do mar
Odojá é peixe de prata
Odojá é sal que sustenta
Odojá é sereia que encanta
Odojá na beira do mar
Iemanjá, bom dia!
[...]
Serena Assumpção*

Ariana da Silva (2018) relata que “nunca” viveu essa discussão de autocuidado de forma direta, diz que lê como autocuidado seu cuidado com a alimentação, a ação de ir escolher o que consumir, cozinhar, traz a opção por comidas consideradas mais saudáveis como os integrais. Relata que esse cuidado tem acontecido “por influência da Laila, principalmente. (risos) Tô comendo menos açúcar, tomando menos refrigerante, e isso é autocuidado!”

Ariana Silva traz ainda uma crítica à dinâmica de vida que ela entende comum, que é uma “terceirização” da vida, fala da alimentação em lanchonetes e restaurantes e o quanto a interlocutora tem priorizado se alimentarem casa, cuidado disto e o quanto ficar em casa também é sinônimo de cuidado consigo.

Bruna Santos (2018) relata que experimentar o autocuidado é estar em relação com sua companheira e experimentar estar sozinha, momentos de “[...] não me preocupar com nada, nem com Abayomi, nem com filho, nem com ninguém, um tempo que eu tiro pra mim [...]”, relata que consegue fazer isso “nem sempre” quando sua filha fica sob os cuidados do pai. Bruna traz estas duas dimensões, uma delas a relação sexo-afetiva como espaço de troca de cuidado e a possibilidade de experimentar a sua individualidade após a maternidade.

Carol Barreto (2018) relata sobre sua jornada, que após uma crise de ansiedade vivida há anos atrás acessou uma demanda: “[...] *é, então eu preciso realmente redesenhar minha rotina e inserir os autocuidados como dinâmica de vida mesmo, porque se não tiver o cuidado aqui, eu não consigo nesse túnel da meta, do que eu quero ser politicamente, eu não consigo chegar.*” A interlocutora relata que se deu conta de que para sua sustentação na vida, para a nutrição da sua saúde seria preciso abrir espaço e ressignificar esses fazeres de cuidado, ela traz como exemplo de se exercitar na academia de ginástica o quanto passou a valorar e priorizar essa prática como cotidiana, fazendo desse um momento ritual de cuidado: “*E transformei aquilo fora do universo que o capitalismo impôs sobre o que é uma academia, aqueles corpos, eu construí naquilo o meu momento de respirar, o meu momento de começar meu dia.*” Carol traz uma leitura potente para pensar como é possível deslocar o sentido comum do fazer, e ainda, uma leitura de que é preciso acessar o que é possível, confortável “*não adianta pegar o padrão de outra pessoa [...]*”.

A interlocutora traz como cuidado também, atenção à alimentação, e a importância de garantir momentos de prazer dentro de uma dinâmica de aceleração, fortalecendo um compromisso com o movimento na vida, com a auto-responsabilidade:

Entender que nenhuma cura vem de fora, nenhuma cura vem se você não se movimentar pra isso, nenhuma oportunidade ou mudança na vida vem se você não for se movimentar. Eu sou uma pessoa que acredita no movimento. E no movimento consciente e voluntário para a melhora de qualquer coisa (Carol Barreto, 2018)

Nesse sentido, Carol Barreto ainda complementa: “*Por que é que eu não cuidei daquilo? Por que é que aquilo eu deixei pra depois? [...] E eu só tomei consciência, e estou tentando mudar! Ainda estou em processo, que vai ser da vida inteira, de tentar mudar.*” Carol problematiza ainda como para as mulheres nas “separações identitárias entre mulheres mais ou menos politizadas” se coloca um tensionamento entre o que é Bem Viver e adequação, e o que é prática política contra-hegemônica, e o quanto isso repercute no que se entende de saúde, bem-estar. Segundo a interlocutora, para os homens não há esse tensionamento, pensando também na relação entre a masculinidade hegemônica relacionada a *status*, poder financeiro, “então eles não vão ter crise nenhuma com aquilo que eles aparentam!” Sobre isso ela traz a referência de uma música da cantora e compositora Alicia Keys, “[...] numa passagem de música dela, ela tá no estúdio assim, como se tivesse gravando com os caras da banda, ela pergunta: ‘tem alguma coisa do seu corpo que lhe incomoda?’ , ‘ah, uma unha encravada’. *Ela disse: ‘e você sabia que a maioria das mulheres tem coisas que tiram elas delas mesmas?’*”.

Carol Barreto identifica ainda as contradições experimentadas, o quão desafiador é lidar com as tecnologias de gênero e os atravessamentos das matrizes dominantes, mesmo tendo um trabalho sólido neste campo:

Aí eu falo sobre isso, eu discuto isso, eu faço isso no meu trabalho mas na hora de aplicar no meu corpo, as mesmas barreiras sociais estão em mim do mesmo jeito! Aí eu pude tratar minha mente, meu emocional com a terapia, aceitei isso e agora eu tô num processo de independente daquilo que as pessoas de fora olham como um corpo tal, uma idade tal, não sei quê, mas aí é o padrão de exigência das pessoas. Eu não posso me acomodar com aquilo que as pessoas vêem de mim [...] Definitivamente eu sou minha prioridade [...] Porque depois dessa mudança corporal, eu falei: rapaz... olha o que é possível! Olha o que você é possível, oh o que você é capaz de produzir com você mesma, a depender do que você desliga, do botãozinho que você desliga! (Carol Barreto, 2018)

Carol Barreto indica neste trecho uma demanda de liberação do “padrão de exigência das pessoas” e um comprometimento consigo, tornando-se sua prioridade e se dando conta do que pode produzir para si, da potência de criação do seu corpo e do quanto isso lhe convoca a auto-responsabilidade e autocuidado experimentado como central, não mais apenas como ato de “desestressar”, mas como fundamento de Bem Viver. Relata ainda que “quem me manteve viva no mestrado foi a academia, e minhas andadas pela avenida sete né?” e que as terapias alternativas á “*medicina dita oficial*” como “Acupuntura, respiração, yoga, enfim, reiki, passe no centro espírita, o que for”, trazem outra lógica de cuidado, compreensão de saúde mental mais ampla, incluindo também a “saúde energética”. As terapias integrativas têm ganhado notoriedade e têm se popularizado como caminhos de acesso a cuidados advindos, sobretudo, da cultura oriental.

Carol Barreto ainda fala da dimensão densa de trilhar o caminho da vida:

Só se ganha. E a experiência é sempre sofrida né? Não dá pra se enganar com isso. Eu lembro, a gente tava na ocupação da Reitoria, eu e meus dramas de artista solitários, eu peguei um livro que falava sobre Marx pelo imperativo “ser do movimento social e ter lido Marx”, sendo que eu fiz Letras não fiz História né? Então não tinha como eu Letras eu ler Marx. Aí peguei um livro que falava sobre Marx, pra facilitar. E aí quando eu abri, tinha assim: “mudar é correr o risco de morrer”. Eu fechei o livro, entreguei na biblioteca e falei: “okay, já li” (risos) (Carol Barreto, 2018).

A interlocutora traz discussões profundas, desde a dimensão da fragmentação do conhecimento, dos imperativos colocados nos campos de experimentação, e de acesso à informação deste outro lugar, ao se deparar com uma frase que foi capaz de provocá-la e a fez compreender que aquele livro já havia lhe transmitido uma mensagem suficiente, potente. Sobre a mensagem “mudar é correr o risco de morrer”, ela segue aprofundando o quanto as

questões filosóficas que provocam a reflexão sobre como pensamos, sobre como nos organizamos, nominamos e conceituamos nos convoca a beber nas águas da filosofia.

Carol Barreto segue trazendo a sua jornada de buscas:

Incrível, incrível! E aí essa experiência de quase morte, que tantas filósofas da literatura... Que eu pude me deliciar na vida, que é uma coisa que eu deixei de fazer inclusive, assim, de “não, agora eu não tenho tempo para essas leituras bobas, eu preciso ler texto teórico”. Porque na graduação semanalmente eu tinha o dia de ir sozinha pra biblioteca, me trancar numa casinha lá, “vou chorar com Clarisse Lispector. Vou chorar com Walt Whitman. Vou chorar com não sei quem”. Chorava, chorava, chorava, “ah!”. Ia viver. Me recheava, me recheava, me recheava lendo. Tinha esse privilégio. A vida começou “tchiu”. Aí parei de comprar também livros de literatura, mil coisas né? Que você vai parando desse autocuidado. E aí um livro que meu amigo, que é professor de literatura, que é o meu amparo, me indicou pra eu ter coragem de quebrar as coisas de escrita, que eu quebrei na minha dissertação, mas eu tava sem coragem de quebrar no, de novo na tese [...] E aí ele me deu um livro, Argonautas, que eu posso até lhe emprestar depois, que é uma leitura de literatura. E é uma tese. Eu falei: gente, olha a poesia do negócio... (Carol Barreto, 2018)

Nesta passagem destaca alguns dos tesouros visibilizados pela interlocutora. Ela indica que há uma nutrição nos campos da filosofia e da literatura, destacando a literatura e a abertura de caminhos para o sentir para o se “recheiar” e seguir vivendo. E ainda, Carol Barreto indica como o campo acadêmico convoca a uma divisão e hierarquização acerca das produções, valorizando o teórico, o que é eminentemente regido pelo científico tradicional e rechaçando outras produções que dialogam com outras formas de comunicação, provocação, desvalorando o artístico, o que carrega em si o poder da criação, da transgressão. Ela relata também que fez transgressões na sua escrita no mestrado, nutrida por esses campos artísticos, literários, com os quais tanto dialoga também em seu processo criativo na moda, e que nesse momento, em seu doutorado não estava sentindo que faria o mesmo, até que teve uma leitura inspiradora indicada por seu amigo, uma produção que faz essa síntese entre escrita artística, performática e é uma tese.

Cristiane Lima relata que entende esse autocuidado como algo que deve nutrir o físico, o espiritual e o mental, relata que vem fazendo terapia e se cuidando espiritualmente, mas que carece de maior cuidado com seu “corpo físico”. Sobre as práticas de autocuidado, a interlocutora relatou que tem fluído na vida, aproveitando as oportunidades, fazendo o que deseja, garantindo momentos sozinha, e inclui que tem aprendido a conviver com pessoas, trazendo para o centro essa habilidade de convivência:

[...] acho que também passa muito por isso o Bem Viver, o convívio, porque a gente está sempre convivendo com o outro, de todas as experiências da vida acho que o conviver, principalmente quando você mora numa casa que você tem outras pessoas, [...] no meu caso que moro com mais cinco

peessoas, então são seis personalidade diferentes, seis individualidades, seis naturezas diferentes, pensamentos diferentes, então é uma prova muito grande. O maior laboratório que a gente tem de convivência é dentro de casa, estar em equilíbrio com a minha família, então passa por isso e que pra mim contam muito, porque se algum deles não estão bem, pra mim acaba me atingindo, meus amigos contam muito também (Cristiane Lima, 2018).

Nesta sua fala, Cristiane Lima traz uma leitura bem profunda do desafio da convivência com a diferença e ainda, sobre como cada sujeito tem “naturezas diferentes” entendendo a pluralidade de formas de existir e o quanto a relação família é um grande “laboratório” de desenvolvimento, o primeiro, e aquele que é sempre atualizado por conta das relações primeiras da vida.

Cristiane Lima indica também que há uma exigência maior na partilha do espaço doméstico por dividir a casa com mais cinco pessoas, o que podemos relacionar ao atravessamento de classe e o quanto essa experiência de partilha pode ser extremamente potente e fortalecedora de experiências de pertencimento.

Débora Campelo, ao ser perguntada sobre os processos de autocuidado, demorou a pensar em movimentos que a remetessem ao cuidado consigo, relatou sobre a sua rotina de vida bastante preenchida pelo trabalho e pela maternagem, sem uma rede de apoio próxima na cidade. Depois de um tempo, respondeu que o momento de oração é um momento de autocuidado:

Eu gosto de, enfim, um dia que eu sinta que eu deva fazer. Então normalmente uma vez na semana, duas vezes na semana eu gosto de acender uma vela, de fazer uma oração, e de acender um incenso... Essas coisas me fazem bem, assim. Não tem nada além disso (Débora Campelo, 2018).

Pode-se (e deve-se) pautar os limites experimentados na maternidade e exercício da maternagem, indica-se ainda que a falta de rede de apoio vulnerabiliza e cerceia as experiências de autocuidado, saúde, de autorrealização. Compreendendo que para além da rede familiar e de pessoas amigas, pode-se pensar a implicação do Estado e falta de Políticas Públicas que dêem conta das demandas das mulheres negras mães.

Deusi Magalhães, quando perguntada sobre o que é autocuidado, responde de pronto que este está relacionado com autoestima e com “se amar”:

Então é fundamental pra toda mulher ter seu autocuidado, pra todo ser humano, né. Mas eu digo muito pra mulher, porque a mulher é muito pisoteada na nossa sociedade. Pra mulher mais ainda. Ela tem que se cuidar em dobro pra poder estar bem e viver bem e se colocar no mundo de forma digna, que seja de forma... Que seja respeitada. Então ela precisa ter muito autoconhecimento, se amar muito pra jogar as coisas pra frente mesmo tomando bordoadas. Eu acho que o autocuidado é exatamente isso, é se amar. É saber que você é importante, que você faz a diferença e que você

precisa estar bem no mundo pra poder fazer as coisas bacanas (Deusi Magalhães, 2018)

O relato de Deusi Magalhães convoca uma reflexão potente sobre a demanda de autocuidado da mulher em nossa sociedade, tendo em vista as matrizes de opressão que operam o sexismo e o cisheteropatriarcado, o quanto estar em uma sociedade adoecedora e violadora de mulheres, e aqui se destaca também as interseccionalidades que atravessam essa categoria extremamente plural, exige uma dinâmica de cuidado e exercícios de resistência, preservação e reparação constantes. Demandando que as mulheres se amem como estratégia de existência, se priorizem e façam movimentos em direção a suas curas, tendo em vista tantas feridas históricas.

Segundo Neusa Santos Souza (1983, p.17) “[...] uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”. Nesse mesmo seguimento, Grada Kilomba²¹ afirma:

*[...] enquanto escrevo,
eu me torno a narradora
e
a escritora
da minha própria realidade,
a autora
e
a autoridade
na minha própria história.
Nesse sentido, eu me torno a oposição
absoluta
do que o projeto colonial predeterminou.*

Ellen Carvalho relata que entende a atividade física como grande ferramenta de autocuidado, assim como cuidados da higiene pessoal, como banho e o que se refere à “ vaidade ”:

[...] me maquiar, passar creme, me vestir legal, acho que é um autocuidado. E assim, me ocupar das relações. Tentar manter relações com pessoas mais otimistas, mais alegres sabe? Eu faço oração, medito. Eu procuro não ficar, assim, com problemas dentro de mim, procuro resolver logo. Procuro conversar com as pessoas, se elas me incomodaram ou me ofenderam de alguma forma. Procuro (pausa) não é só dizer “ah, você me ofendeu”, mas “olha, isso que você fez me ofendeu. Será que a gente consegue juntos, encontrar uma forma de eu não me sentir ofendida de novo? Procuro sempre com as pessoas que importam, óbvio (Ellen Carvalho, 2018).

Ellen Carvalho traz diversas dimensões de autocuidado, destaco a vaidade, o cuidado estético, como possibilidade de sentir-se sendo cuidada, na ritualização desse fazer e no uso dos símbolos, cores, formas, que dizem as identidades dos sujeitos, na contramão de uma

²¹ Enquanto escrevo. Vídeo Instalação - The Desire Project, Ato III - Exposição no MAAT em Lisboa, 2017.

experiência de sensação de inadequação e de uso de recursos para adaptação a padrões de beleza eurocentrados.

A interlocutora afirma que procura comunicar-se sobre os incômodos nas relações com as pessoas que são importantes em sua vida, e o quanto isso é valioso partindo do pressuposto de que em todas as relações existem frustrações, mal entendido, mas que há possibilidade de reparação se há abertura para uma relação, desde o lugar do contato com a vulnerabilidade de si e do outro e com implicação na manutenção dessa relação. Ellen Carvalho fala ainda sobre o que procura cultivar em seu cotidiano que representa autocuidado:

Procuro me divertir, relaxar, comer coisa gostosa e passar um dia legal. É... falar besteira, sei lá. Dançar, botar um som alto e dançar. Assim, também. Fazer coisas inúteis, digamos assim, né? Coisas bobas que são maravilhosas (risos), brincar né mamãe? (Entrevistada se refere ao filho no colo) (risos) Assim (Ellen Carvalho, 2018).

Eric Assmar, referindo-se ao seu processo de autocuidado trouxe que está em processo de “reparo” de sua saúde mental, após o falecimento de seu pai e o quanto isso impactou sua relação com a vida, com suas escolhas e provocou muitos questionamentos sobre suas escolhas, inclusive sua relação com a música e a guitarra:

[...] como se tivesse meio perdido um sentido pra mim. Mas tô... assim, no auge da minha reles condição de mortal, eu acho que é uma coisa que eu vou (pausa) ter que conviver com ela e ir construindo aí à minha, às minhas maneiras de conviver, né? Alguns dias mais difíceis, outros dias mais fáceis, outros dias que você se quer tem vontade de viver, outros dias que bate aquela vontade de você falar aquela coisa que só pode ser falada para aquela pessoa, naquele momento, e que aquela pessoa não tá aqui, você também cria um desespero por conta disso (Eric Assmar, 2018).

Fala da fragilidade humana diante da morte, e do quanto isso reverbera na relação do sujeito com a vida, sobretudo, por conta de um laço relacional tão central em sua vida. Pode-se pensar como o processo de luto é de fato uma experiência de atravessamento. Eric Assmar fala ainda sobre o que tem lhe conectado à vida; ao falar de arte ele traz a centralidade para si e, ainda sobre autocuidado, relata acerca dos projetos que tem nutrido e que eram organizados pelo seu pai, a exemplo de um programa musical no rádio:

Aí assim, essas coisas de eu me sentir sendo útil, sabe? Cuidando da parte dele, né? Que ficou. Me fazem sentir um pouco útil, próximo dele. Eu diria até que respondendo aquela parte do “quem sou eu?”, essas coisinhas vão me ajudando a dar um sentido, dar um, dar uma mola pra minha vida, sabe? E, eventualmente, coisa simples do dia a dia né? Uma simples caminhada, não sei, sei lá. Eu... Eu uso carro né? Então, no dia a dia, meu dia a dia é bem carrocrata, bem confinado nessa rotina de carro aqui na cidade e tal. Mas, vez ou outra, gosto de dar umas caminhadas, de ir fazer algumas coisas a pé, ir ali dar uma volta, e... Enfim. Botar a cara no sol né? (Eric Assmar, 2018)

O interlocutor traz o movimento esporádico do corpo como autocuidado, em contraposição a uma vida “carrocrata” e o quanto também relaciona autocuidado aos prazeres gastronômicos e ao contato com crianças, com destaque para seu sobrinho, relação de apaixonamento, de vinculação especial.

Fran Ribeiro traz leituras de autocuidado no seu cotidiano e, em consonância com outras interlocutoras, destaca, assim como Cristiane Lima, Bruna Santos e outras o valor de experimentar a solidão, bem como, experimentar cuidados com o corpo e alimentação, como trouxeram Carol Barreto, Laila Rosa, Ariana Silva, Eric Assmar e outras interlocutoras. Fran Ribeiro traz ainda a experimentação e nutrição do autoamor, e como vem aprendendo “[...] a confiar no meu sentimento e me entender, a minha intuição [...]”. A interlocutora, que finalizou seu mestrado recentemente, relata que nesse momento da vida:

[...] eu só fazia estudar então tipo eu acabei não vivendo coisas na cidade que interferiram muito nessa questão de saúde mental [...]. Eu acho que eu não vivia, na verdade, porque eu tava muito fechada no objetivo da pesquisa e aí fechava num modelo de relacionamento que era dependente e isso não me deixava me priorizar no autocuidado, no entender como é que eu tava vivendo mesmo assim, eu projetava toda a minha vida a partir de outra pessoa e essa pessoa era prioridade tipo, eu várias coisas eu ficava aqui estudando, estudando, estudando e aí o corpo cansava e eu não entendia porque o corpo cansava [...] não me arriscava também a buscar uma alternativa pra essas coisas todas. Voltar pra cá é já pensar que tudo isso pode ser diferente sabe então tipo, nesse momento eu busco esse autocuidado, autoconhecimento [...] o que tá rolando assim tá em processo, uma mulher em processo. É viver a universidade de outra forma, as transformações são ótimas, as mudanças são ótimas e to feliz isso super ajuda (Fran Ribeiro, 2018).

No momento da entrevista Fran Ribeiro estava retornando de sua cidade natal para ser professora substituta na graduação do Bacharelado em Gênero e Diversidade do NEIM, pensando a possibilidade de experimentar a universidade deste outro lugar, uma relação de maior cuidado consigo dentro dos processos produtivos acadêmicos. E ainda, se define como “mulher em processo”, o que compreendo como se ver em trânsito, em movimento cíclico, transmutações e novas experimentações a partir dos desafios e devires da nova vida. A interlocutora relatou dimensões importantes trazidas à consciência acerca do seu relacionamento e da dinâmica de priorizar a outra em detrimento de si. Entende-se que sua leitura sobre projeções e escolha de passar a priorizar-se a reposiciona na dimensão relacional sexo-afetiva.

Helen Campos, referindo-se ao autocuidado, fala de seu cuidado diário com os chakras, o que diz que em outros momentos da vida não acreditava, e que hoje ao ter detectado alguns com “bloqueios”, entendendo-os como elementos “físicos e psíquicos”: “[...]”

isso pra mim tá sendo “oh!” bem único assim é um momento em que eu paro, eu sinto o cheiro, então às vezes não dá pra fazer de uma forma tão calma, às vezes eu vou no banheiro e só o fato de eu ir no banheiro, dar um tempo pra mim...”. Relatou também que está fazendo uso de fitoterápico, que voltou a fazer uma atividade física, porque nesse momento do doutorado vinha

[...] só lendo, lendo, lendo e me movimentei pra caramba até pouquíssimo tempo eu subia escada eu tava morta, sem vontade de brincar com o Davi. Cansada. Eternamente cansada. Então esse autocuidado é que eu ainda derrapo pra caramba. Quando tem que priorizar eu priorizo tudo e não priorizo ainda o movimento do corpo, eu sempre acho que movimentar a cabeça, ir às reuniões, a leitura e tal, eu ainda priorizo isso, sabe? (Helen Campos, 2018)

Hellen Campos indica que com a dinâmica de vida de pesquisadora doutoranda, e ainda, pelo seu lugar de desejo de nutrição de uma vida acadêmica, há uma prioridade para o movimento da cabeça, para as ações neste campo de uma intelectualidade geralmente descolada de uma fisicalidade.

Jorgete Lago (2018) relata que precisa cuidar-se “[...] minimamente me preservar, nem me dá o trabalho, nem dá trabalho pra minha mãe também.”, já que mora só em Belém e sua mãe mora distante, relata que um dos seus cuidados é um “autoconhecimento”, lendo o que seu corpo está “reclamando”, traz uma dimensão simbólica dos adoecimentos, a exemplo da dor de cabeça, estômago, cansaço. A interlocutora diz do seu movimento de escuta corporal, que vai indicando o que precisa: “*Tem momento que eu paro realmente para refletir o que tá passando, o que tá provocando determinado mal estar ou coisa assim, aí esse é outro recurso que eu utilizo também, conhecer o meu corpo.*”

Laila Rosa relata outros cuidados, para além do cuidado com a alimentação, prática de yoga e meditação, a sua experiência com a aromaterapia, acupuntura e massoterapia, e indica desejo de se aprofundar nos estudos da ayurveda. Reitera o lugar das práticas integrativas como vias de cuidado alternativas a uma medicina tradicional, um lugar de cuidados cotidianos que envolvem diversos recursos de outras matrizes de saberes e compreensão do processo de saúde como um investimento de cuidado e atenção constantes e de artesanaria.

Laura Cardoso traz como primeiro processo de autocuidado, a alimentação, práticas corporais de alongamento e meditação, mas traz a impossibilidade de realizar isso rotineiramente, ainda que saiba seus benefícios. Relata que faz uso de Floral de Bach e que tem os cuidados relativos à sua espiritualidade e a religião candomblé, a exemplo do banho de folhas e “Ah, vou acender uma velinha aqui pra ver se eu me sinto melhor, com mais força

pra seguir nesse momento”, relata que esses campos, religião e espiritualidade, são os que ela mais cuida:

[...] quem tem fé acaba que em primeira instância recorrendo ao lado espiritual pra resolver essas questões tanto emocionais, quanto enfim, não recorrendo como uma coisa mercadológica como um mercado de troca, vou lá e vou fazer isso, não, mas é uma crença de que se você também está cuidando da sua espiritualidade, você também está cuidando das suas energias, então eu tenho uma relação muito forte com essa coisa da energia, então eu procuro trazer sempre pra minha vida, auto cuidado nesse sentido de que eu não uso preto sabe assim, auto cuidado no sentido de que eu procuro trazer essa leveza pro meu cotidiano, essa leveza também significa “estar limpa” espiritualmente falando, então são coisas que eu procuro sempre ter na minha vida, lá em casa eu tenho meu altarzinho que eu cuido e que eu dedico um tempo pra fazer isso por exemplo (Laura Cardoso, 2018).

Laurisabel Assil, musicista e doutoranda, relatou que os seus movimentos de autocuidado são “[...] as atividades físicas; eu danço, corro, ando também e faço pilates, todos os dias da semana eu faço alguma dessas coisas [...]”, o que para ela é cuidado da saúde e estético, e que também tem um cuidado espiritual e religioso que envolve frequentar um Centro Espírita, leitura do Evangelho e o Budismo. Relata também, que faz parte dos seus cuidados consigo:

[...] sempre ter um tempo para conversar com as amigas, conversar com minha mãe, conversar com meu tio, de mexer [...] me manter tocando, em atividade, também, porque na pós-graduação se a gente deixar a gente larga todas as coisas, por que a demanda é muito grande e difícil de equacionar. Bem difícil. Então eu faço disso meio que obrigação, de não deixar de tocar e não deixar minhas atividades musicais de lado por conta da pós. [...] Estudar outras coisas... Estou estudando inglês, estudando libras, para estar fora. Então isso me dá um prazer enorme. Eu adoro! Então também é um ótimo cuidado. Cozinhar é um autocuidado. Aprendi a cozinhar por conta da minha vontade de me tornar vegetariana, no primeiro momento, depois vegana (Laurisabel Assil, 2018).

Laurisabel Assil, assim como Laila Rosa e Ana Paula Fiúza indicam que são veganas ou vegetarianas, compreendendo a gastropolítica como espaço potente para novos olhares, práticas e relações entre as espécies, e de um cuidado e consciência política com as escolhas do que se ingere, de uma perspectiva que pauta uma lógica de cultura no campo de forma respeitosa com a produção de alimentos e com as famílias produtoras, em oposição a uma lógica de monocultura e uso irresponsável do solo, bem como na gerência das vidas dos animais e na disputa de território.

Segundo Ynestra King (1997) não há como as lutas progressistas não incluírem a dimensão da ecologia. Destaco aqui a vida de populações ameríndias, remanescentes, resistentes aos ataques desde o tempo inaugural da colonialidade, e que são necessariamente

conectadas à terra, ao território em todas as suas dimensões. Então, a não garantia da preservação ambiental implica, primeiro, a vida dessas populações, incluindo quilombolas, ribeirinhos, comunidades pesqueiras, de floresta e outras. Pode-se pensar que o mesmo se dá com o processo de urbanização e gentrificação na cidade, o desenraizamento, a segregação e morte. King relata que carecemos, enquanto sociedade ocidental, de uma reconciliação das partes humanas e não humanas, e disso pode-se pensar o quanto essa dimensão de reconciliação convoca aos humanos a uma reconciliação com partes de si, compromisso de um percurso de reconhecimento, localização histórica, lugar de fala e ação em prol da vida, do Bem Viver.

A interlocutora Laurisabel Assil relatou que possui um ritual ao acordar e ao dormir, com tempo de contato consigo através da meditação e à noite com recursos que a convocam a ir “desacelerando”, como a respiração. Com isso, mesmo com tantas atividades, incluindo a jornada acadêmica com prazos para escrita, consegue flexibilizar e ir atender seu desejo, mesmo que rapidamente de, por exemplo, contemplar um dia bonito. Importante destacar que em outras falas, Laurisabel Assil relatou sobre processos de sofrimento dentro do ambiente acadêmico, sobretudo na sua graduação e o quanto esse posicionamento de priorizar-se em seu autocuidado pode indicar um movimento estratégico de permanência na universidade, com saúde.

Maiara Diana Pereira conta que seus cuidados passam pelo uso das folhas, para chás e banhos, sua relação com a música e a criação, escutando, dançando, meditando e escrevendo. Fala de um bloqueio com a escrita e o quanto deseja exercitar mais, abrir espaço para isso, expressado também por muitas interlocutoras, a exemplo de Laila Rosa, Rabeca Sobral, Alexandra Martins, Alessandra Alves.

Maria Belga relata que tem suas práticas diárias de meditação e yoga, além de fazer seus próprios cosméticos que, aliados à aromaterapia, vão sendo usados a depender do que demanda no dia, além do uso de chás, o que remete às suas origens. O banho é entendido por ela como ritual de purificação:

De você chegar da rua, viveu várias coisas, várias coisas não muito legais, quando você toma um banho é como um banho de cachoeira, na verdade. É uma limpeza total assim... é um, tirar as preocupações, angústias e (pausa), é isso. Vestir uma roupa branca de vez em quando, você se sente mais leve (Maria Belga, 2018).

O relato da interlocutora e os símbolos por ela trazidos remetem à orixá Oxum, o lavar-se em cachoeira, como ritual de limpeza, auto-cuidado.

Iêiê, iêiê...
A sua luz reluz os seus encantos
A sua luz reluz o seu axé
A sua luz que vem da cachoeira
Das santas águas doces
De mamãe oxum
Iêiê, ô
Iêiê, ô
Meu caminhar se enfeita com as miçangas
Das santas águas doces de mamãe oxum
A sua luz reluz os seus encantos
A sua luz reluz o seu axé
A sua luz que vem da cachoeira
Das santas águas doces
De mamãe oxum
Iêiê, ô
Iêiê, ô
Meu caminhar se enfeita com as miçangas
Das santas águas doces de mamãe oxum
Iyalodê, Iyalodê
 Serena Assumpção

Mafá Santos (2018) fala de um lugar de anterior distanciamento de práticas de cuidado e de uma experiência redesenhada pelos encontros na sua religião, Ifá, e em relações dentro da Universidade, relata que tem experimentado movimentos de autocuidado permeado por novos conhecimentos: “[...] *estou começando a aprender sobre chá, sobre banho de assento, sobre vaporização, sobre alimentação é como se você estivesse reaprendendo algo por você, pra você [...]*”, e ao falar, a interlocutora diz de uma ação de reaprender, o que se pode relacionar aos saberes que são dos sujeitos, que fazem parte das suas histórias e que são desaprendidos, desconsiderados e que em dado momento, são reconhecidos, reaprendidos, e novamente ganham lugar de cuidado, de saber dotado de sentido e afetividade.

Mafá Santos relata que após começar a “seguir Ifá” foi apresentada às questões que a paralisavam, e que vem numa jornada de cuidados que envolvem orações e meditações na busca de compreender os processos vividos. Continua dizendo que os seus movimentos de cuidado relacionam-se ao que falou sobre seus processos de nutrição de uma vida saudável, que envolve o contato com a natureza, com as pessoas:

Aquela coisa lá da mata, do mar, da música, dos amigos, das leituras que podem ampliar né, minha consciência né, porque ela estando mais ampla eu estou melhor, não é que o mundo mudou, mas eu mudando eu me comporto melhor o mundo, então eu vivo melhor o mundo (Mafá Santos, 2018).

A interlocutora Mafá Santos, ao falar de sua mudança e o seu viver melhor no mundo, traz uma dimensão valiosíssima para pensar a centralidade estratégica do viver cuidando-se, priorizando-se nos cuidados e investimentos, entendendo que é deste modo que curas

históricas podem ser experimentadas, compreendendo sempre o valor e a não separação das intervenções sociais, coletivas, comunitárias. Reiterado por Valeska Zanello (2017), ao indicar a centralidade do dispositivo da maternagem na sociabilidade e processo de subjetivação das mulheres, podemos destacar que isso se faz ainda mais presente dentro do grupo de mulheres negras, historicamente direcionadas para o cuidado de outrem.

Neila Kadhí (2018), ao falar de seus processos de autocuidado destaca algumas “ferramentas” como Reiki, Barra de *Acsses* e *Emotional Freedom Technique* (EFT), recursos de curas, de contato em diversos níveis. A interlocutora relata também outros cuidados como: escalda pés, chás, suco verde, ingestão de limão, banho de mar. Neila Kadhí também faz referência ao contato com a natureza, destacando a praia como espaço especial de autocuidado, de conexão consigo. Reforçando o contato com a natureza e com a água, a interlocutora fala também da praia, do mar, o Livro dos Símbolos colabora para amplificação desta imagem:

Sejamos inveterados amantes das zonas interiores ou habitemos perpetuamente junto ao mar, temos uma memória oceânica. Na verdade, são tais correspondências entre o oceano e as nossas profundezas psíquicas que ambos podem ser formas visíveis e invisíveis da mesma realidade. Num e noutro, coalescem fluidos subterrâneos e celestiais. [...] Ecossistemas inteiros, intocados pela luz, florescem no mar, assim como as redes de experiência acumulada florescem na psique, enriquecendo as águas, independentemente do nosso conhecimento acerca da sua existência. Nas veias mnemônicas de cada um de nós correm salgadas águas amnióticas. As correntes das marés fluem pelas nossas profundezas e superfícies, cedendo à influência rítmica da lua e do sol. As ondulações das nossas inúmeras intensidades combinam-se em padrões sempre em mutação, refletidos nas nossas superfícies como padrões das sequências de ondas – misturando-se, submergindo-se, ultrapassando-se ou, às vezes, engolindo-se umas às outras – são infinitamente reconstituídos ao longo da superfície do mar. (TASCHEN, 2010, p. 36).

Nzinga Mbandi relatou que tem um grande prazer em viajar, conhecer novos lugares, inclusive dentro da cidade que reside. Diz ainda que iniciou a prática de hidroginástica como cuidado corporal, que procura sair com amigos e o quanto sua religião Candomblé, o contato com o sagrado lhe faz bem:

[...] eu gosto de estar no axé, eu gosto de estar ajudando ali preparar as coisas pra festa, então é algo que ajuda na questão do contato com o sagrado, embora a convivência com as pessoas seja muito difícil, mas esse contato com o sagrado, essa ligação pra mim é bem legal, tem me ajudado (Nzinga Mbandi, 2018).

Destaco o quanto as religiões de matrizes Africanas envolvem uma relação de síntese entre os fazeres tangíveis, da matéria e o mais sutil, trazem para uma dimensão da

responsabilidade da feitura, da artesanania das coisas, o que envolve a experiência estreita entre os sujeitos e uma experiência comunitária potente, apesar das dificuldades inter-relacionais.

Rabeca Sobral, ao falar dos rituais de autocuidado diz de uma:

[...] rede das minhas amigas, a gente acaba tendo talvez esse (risos) o assunto central. A gente, no final das coisas, tá sempre dizendo sobre isso. Seja qual for a frente de trabalho, questões pessoais, relacionamento, cuidado com os filhos, uso do tempo, estratégias de trabalho, cuidar da alimentação, a própria economia, é... De alguma forma, eu sinto que essa é uma perspectiva muito feminista! (Rabeca Sobral, 2018)

A interlocutora relatou que há uma “rede de troca” entre as amigas e o quanto procura estar sempre conectada a trocas construtivas, curativas, fortalecedoras de autonomia e que tem descoberto novas formas de autocuidado como os mantras, também intercambiados nessa rede. Relatou ainda que tem usado os mantras como ferramenta de Bem Viver no trabalho, indicando também para as pessoas que acompanha como tutora acadêmica e que os retornos têm sido preciosos. “[...] essas experiências de autocuidado e de trocas sobre autocuidado têm, cada vez, feito mais sentido. É como se elas sempre existiram, mas que a gente tendo consciência, começa a potencializar, sabe?”.

Rabeca Sobral faz uma leitura de que a ritualização traz uma dimensão de “empoderamento”, uma possibilidade de experimentação de criação e reconhecimento de “micropoderes”, que a interlocutora nomeia de “vitaminas de empoderamento”: “Você se emperiquita e nessa emperiquitação você vibra, não só sua natureza, mas também seu processo criativo. E de alguma forma, o poder de um batom, o poder de um sono, uma noite bem dormida, sabe? O poder de um abraço.” Destaco nesta fala da interlocutora o quanto o processo criativo é poderoso para essa dimensão da própria experiência da possibilidade da comunicação, de sua expressão. A criação de si acontece nos rituais cotidianos, nas narrativas que se usa, se escolhe se rompe.

Thalita Batuk fala de processos de autocuidado relativos a se “desconectar um pouco do mundo real”. Segundo ela o encontro com amigos e o uso da cannabis são recursos para experimentar essa desconexão e também compensar o “cansaço”. A interlocutora diz também da companhia do seu gato como recurso de Bem Viver e do trabalho que faz circulando em coletivos da cidade apresentando-se tocando pandeiro e cantando:

[...]às vezes quando eu tô assim, um pouco “ahhh”, aí eu falo “aí, vamos trabalhar!”. Eu pego o pandeiro, subo no ônibus. Porque é muito louco também as relações que acontecem dentro dos ônibus. Você conhece pessoas, você toca pessoas, e essas pessoas vêm falar com você depois como elas foram tocadas e isso melhora meu dia. Às vezes eu saio pra tocar, assim, cheia de problemas, às vezes eu saio pra tocar e sei que eu tô cantando mal, porque eu não tô bem, mas aí alguém fala alguma coisa

“Nossa que massa!”, “Nossa!”. Igual noutra dia eu peguei um ônibus uma menina falou “Nossa! Eu tava mal hoje, eu tava buscando umas respostas e você tocou duas músicas que me deu a luz, simplesmente, obrigada!”. Então como que eu não vou me sentir bem (Thalita Batuk, 2018).

Thalita Batuk relata o quanto seu trabalho a convoca a esse encontro com outras pessoas e a troca que existe ao tocar e ser tocada, afetada pelas pessoas. A expressão artística tem potência de afetar, mobilizar de modo surpreendente, promovendo contatos e experiências profundas.

Em grande parte das colocações das interlocutoras foram aparecendo diversas terapias alternativas, práticas integrativas complementares. Para além do que já foi apresentado anteriormente, Laila Rosa discorreu sobre outras práticas experimentadas como:

[...] uso de chás, fitoterapia, comidinha, espalda pé, bolsinha de água quente, banho de assento [...] homeopatia, fiz a tintura do sangue menstrual, vários processos de cura assim de outros sistemas de conhecimento, das parteiras, que ela faz a medicina da placenta. Então tem toda uma outra lógica (pausa) medicinal, terapêutica (Laila Rosa, 2018).

Indicando suas buscas por outros referenciais de medicinas, de processos de cuidar-se, com destaque para saberes de figuras de saber ancestral amefricano, como as parteiras e erveiras, Maria Belgareitera quem aprendido sobre o uso das folhas como medicina e dos óleos essenciais.

Laurisabel Assil relatou sobre um processo denso vivido ao longo da sua graduação, um distanciamento de “percepções de autocuidado”, e com isso, o quanto se “violentava muito”, inclusive durante o mestrado, tempos depois, o que envolvia abdicar das coisas que desejava fazer, com um afrouxamento dos limites relacionais que a levava para a satisfação das demandas das pessoas em detrimento de si.

[...] então nem percebia que eu tava me violentando e nem percebia que eu não tava fazendo as coisas que eu queria, não percebia mesmo, ia passando feito um rolo compressor por cima de mim mesma e no mestrado eu já tinha essa percepção, embora não fosse muito consolidada mas eu percebia que eu não tava fazendo o que eu queria, eu percebia que estava fazendo as coisas que eram demandas de outras pessoas assim, porque eu não conseguia dar limite, eu não conseguia dizer não, eu não tinha essa rede de autocuidado (Laurisabel Assil, 2018).

A interlocutora relata que foi “cortando tudo” que não estava diretamente conectado às demandas acadêmicas do mestrado, mas que nesse momento começou a compreender o que estava acontecendo, a ganhar em condição de leitura do seu movimento e relata que hoje “montou” para si, “[...] me dei de presente” essa rede de cuidado, e que a manutenção dessa rede de cuidado é hoje “[...] o presente que eu me dou, de perceber as coisas que me fazem mal e agradam na minha vida”.

Laurisabel relata que a única coisa que não deixou de fazer ao longo da sua graduação e mestrado foi sua prática instrumental, que fazia “religiosamente”. A interlocutora discorreu que neste período fazia psicoterapia “[...] mas ainda não tinha o mergulho profundo nas coisas, nas minhas coisas, nas minhas autopercepções” e também acerca da sua relação familiar. Relata que sua relação com o trabalho, ofício de pesquisadora, a convocou para um distanciamento das relações em sua casa, que se mantinha “muda” muitas vezes porque estava em seu processo de dedicação muito direcionada para sua escrita. Relata ter percebido que esse campo do trabalho do exercício profissional não era em si um “sustentáculo” e a relação familiar, que não lhe parecia ser, foi reconhecida como tal, depois desse período:

Quando eu terminei o mestrado eu tava psicicamente esgotada, não só fisicamente, eu estava arrasada, devastada psicicamente e aí e eu não me percebi o tanto que eu tava arrasada psicicamente. Eu percebia o meu cansaço físico porque o cansaço físico é óbvio no final do processo eu só fazia dormir no final do processo da correção, da defesa e tudo mais e quando não tava corrigindo eu tava dormindo porque eu estava esgotada fisicamente, e eu defendi no período de carnaval. Uma semana ou duas antes. Então eu passei o carnaval todo corrigindo. O carnaval rolando lá na rua de cima e eu de cá. De vez em quando eu subia, mas não tinha essa percepção de que esse negócio tá rolando na porta de sua casa não tem porque tá aqui o tempo inteiro e enlouquecer. Eu só fui perceber isso tudo quando eu aprofundei o meu processo terapêutico. Depois que eu defendi, dois meses depois eu fui para Europa porque eu tinha que apresentar um trabalho lá. Fiquei dois meses lá e essa viagem foi fundamental para ressignificar um monte de coisa e quando eu voltei o processo terapêutico foi se aprofundando com tempo e aí eu fui percebendo essas coisas, fui percebendo as minhas negligências em relação a mim mesma, a minha não escuta, a minha dificuldade dessa auto percepção e tudo mais. E aí hoje, eu lido de outra forma né, como falei, não ligo nada que eu sei que me serve, não paro, não ligo nada e se puder me acrescentar coisa, que venha, porque eu sei que sem isso eu não consigo. Eu consigo porque eu sou meio “worcaholic”, mas eu vou conseguir com a qualidade péssima para mim, eu vou me violentar por causa disso e não tá mais na pauta me violentar, me agredir pra conseguir essas coisas (Laurisabel Assil, 2018).

Laurisabel Assil relata sobre sua experiência acadêmica e o quanto essa jornada, aliada ao processo terapêutico possibilitou que acessasse muitos movimentos seus, inclusive de violência, negligência consigo, mas também experiência de viagem, de pausa, trazendo percepções de si, importantes para a sua autopreservação. Compreendo que esse processo de crescimento, no sentido de novas narrativas sobre si passa por essa experimentação da vida, e na possibilidade de criação de caminhos e sentidos que se direcionam para o bem-estar, aquilo que é compreendido pela pessoa como tal. Neste sentido, pode-se pensar que a cura é experimentada com o exercício e a introjeção da suavidade (consigo primeiro):

Curar trauma significa trazer de volta seu corpo inteiro para si mesmo.
A cura precisa ser suave porque o trauma é violento. A cura vem em

pequenas doses para que cada uma de nós possa permitir que aconteça, não mais do que o que cada uma de nós permite. Não mais rápido do que precisamos (JELENA DJORDJEVIC/CFMEA, 2016.p. 66).

Rabeca Sobral relaciona saúde com felicidade experimentada no momento e realização, o que relaciona ao seu prazer com seu trabalho no campo acadêmico e tudo que envolve suas experimentações artísticas, como a escrita poética. Relata que por vezes, há também uma auto-cobrança para além dos prazos e outras cobranças externas:

[...] às vezes é difícil, é pesado, com essa, essa rotina do trabalho acadêmico, quando você vê você trabalho os três turnos. Essa, a semana toda. Trabalho sábado, domingo e feriado. Cê tá cansada, eu aprendi isso muito no doutorado, a reconhecer o que era cansaço, o que era frustração, o que era sobrecarga e também o que era realmente que eu tava querendo fazer né? Tipo, hoje, agora, de alguma forma, eu experimento essa realização, esse prazer de ver a minha tese pronta! (Rabeca Sobral, 2018)

Rabeca Sobral discorre acerca do seu processo de produção acadêmica e o quanto experimentou essa dedicação exclusiva ao longo de períodos do doutorado, experimentando um investimento no trabalho sem pausa. A interlocutora relatou ainda o quão desgastante este processo foi para sua saúde e que *“Talvez eu pudesse ter usado outras estratégias de saúde, mas me dá saúde ver o meu trabalho pronto, me dá realização!”*. Segundo ela o desgaste, a exigência “do corpo e da cabeça” experimentada foi revertido depois do fechamento desse ciclo, e que o recolhimento tornou-se isolamento em determinado momento, *“[...] porque é muita pressão no doutorado, sobretudo quando você tem, você é bolsista, exclusividade, e você tem ainda uma bolsa sanduíche.”* A interlocutora destaca que existem agravantes na exigência externa na medida em que a estudante é bolsista, tem uma dedicação exclusiva nesse fazer, o que já foi indicado anteriormente com base no estudo de Silvana Bitencourt.

Muitas mulheres mencionaram vivências relativas à psicoterapia, algumas em processo no momento e outras relataram ganhos experimentados enquanto estavam vivendo processos dessa ordem em outros momentos da vida. Alexandra Martins (2018) relatou que fizera psicoterapia em outro momento de vida e que no período da entrevista, momento de fechamento do mestrado (já finalizado no momento presente) sentia necessidade de retornar à psicoterapia. A interlocutora relata que percebe padrões, repetições de comportamentos: *“Sabe, algumas repetições, de umas formas de lidar com algumas pessoas que eu falo: “cara, eu tô, tipo, de novo fazendo isso? Né? Não tá rolando, né? Bora se rever, bora mudar isso né? Que que tá acontecendo?”*. Para ela, esse compromisso é parte do *“[...] processo de autocuidado, de Bem Viver, de saúde mental, enfim. Faz um bocado de coisa, desse pacote, enfim.”*

Ana Paula Fiúza relata que já viveu alguns processos terapêuticos que tiveram curta duração e destaca que sempre buscou em momentos “cruciais”, indicando o mestrado como um destes. Segundo a interlocutora:

[...] no momento do mestrado foi um momento crucial também que estava chegando vários desafios e que eu percebi que não tinha como dá conta daquilo sozinha, porque meu histórico familiar tem limitações que estavam me rompendo naquele momento, atrapalhando a minha escrita. De novo essa questão da emoção. Então eu percebia que eu tinha que fazer a as pazes com a minha emoção para que a escrita pudesse fluir. E foi isso que aconteceu (Ana Paula Fiúza, 2018).

Ana Paula Fiúza diz de sua experiência no momento do mestrado, momento de demanda de expressão por diversas vias, que culminam na experiência da produção escrita. A interlocutora relatou o quanto se sentiu exigida nesse processo e o quanto precisou de um auxílio para cuidado com dimensões que se apresentaram, incidindo em sua saúde.

Carol Barreto (2018) indica que sempre se compreendeu durante muito tempo como uma “máquina de trabalho” e por trabalhar com processo criativo de modo muito intenso e envolvendo muito prazer diz de uma dificuldade de borda, de limite de investimento de energia de trabalho. Para a interlocutora o trabalho “*[...] é outra fonte de prazer, é outra forma de trabalhar com amor, mas quando sem limite vira a mesma doença, né? E aí eu precisei, a partir de uma crise de ansiedade em dois mil e quatorze, aí procurar terapia, que tinha super... sabe? Enfim, mil preconceitos, né?*”

A interlocutora fala de sua relação com o trabalho e o quanto esse investimento no trabalho te traz prazer, mas ao passo que não há uma borda bem delineada, um limite de investimento, há um adoecimento há uma relação disfuncional ou pouco saudável. Pode-se pensar que diante disso o corpo responderá também de formas criativas e o adoecimento surge como uma possibilidade de sinalização, de busca de homeostase do corpo, entendendo também que há um lugar diferente da experiência de trabalho racializada e o atravessamento da classe.

Carol Barreto traz em outro momento da entrevista, de forma bastante direta, uma leitura sobre o atravessamento do racismo na vida de famílias negras, acerca do acesso a discussão mais ampla sobre saúde e a própria autorização do sentir, a legitimação e possibilidade da experiência emocional.

Também não venho de um universo cultural de uma família onde se falou sobre saúde mental, né? Nas famílias negras e pobres se resolvem as questões de outra maneira, não é com um abraço às vezes né? “Você tem que ser forte, você tem que aguentar, você tem que não sei quê”. Por mais que isso não seja verbalizado, é isso que você internaliza de qualquer maneira porque você tá vendo isso no exemplo (Carol Barreto, 2018).

Carol Barreto refere sua experiência vivida em família, a separação de seus pais e o quanto isto impactou de diferentes maneiras a si e seus irmãos, pela diferença de idade e participação, relação com o pai dentro do mesmo ambiente doméstico. Relata também o movimento da sua mãe que vivendo o processo de separação, emagreceu bastante, tinha de dar conta do cuidado com três filhos, e foi fazer universidade.

Carol Barreto trouxe que o processo terapêutico a “[...] ajudou a entender saúde de outra forma, como manutenção”, algo que precisa ser cuidado constantemente, que precisa ser nutrido, sustentado com regularidade. Relata ainda o quanto esse processo a reposicionou diante do sentimento de culpa que experimentava ao fazer atividades para si que não estavam relacionadas ao âmbito do trabalho:

Então quando você me pergunta lá na frente, o que é que você gosta de fazer, se eu lhe respondesse isso há alguns anos atrás, “tá, eu gosto de fazer isso, mas eu preciso agendar o dia que eu vou na praia, eu preciso agendar o dia que eu vou ver uma amiga”, ainda preciso, okay. Né? Porque a gente tem muita coisa pra fazer sim! Mas a culpa que eu carregava de não estar trabalhando, eu consegui amenizar. (risos) (Carol Barreto, 2018).

Pode-se pensar o quanto esta fala relaciona-se à experiência social de centralidade do trabalho dentre os âmbitos da vida, e o quanto isso se relaciona ao capitalismo e todos atravessamentos sociais de matrizes de opressão, com destaque para o racismo e sexismo, inclusive, indicados por Carol Barreto.

Laurisabel Assil (2018) começa a falar sobre saúde mental a partir da sua experiência em psicoterapia. Ela indica que iniciou seu processo há anos, durante a graduação porque “era muito ansiosa, ainda sou, não deixo de ser. Aprendi a lidar...”, trazendo a ansiedade como uma experiência desde a adolescência, com um comportamento de controle, que se deparava com a impossibilidade e que desencadeava “medo injustificado”, que segundo ela, “seexacerbou no final da graduação”.

Sobre o processo terapêutico, Laurisabel Assil diz ainda da densidade que é sustentar o processo de se ver, desvelar-se, revelar-se, o que por vezes é desconfortável, pois carece de um investimento financeiro, que requer condição para bancar o processo durante um tempo considerável, e é um processo de “construir uma autonomia para se pensar enquanto sujeito” e isso “não é nada fácil”. Segundo ela o processo “exigia parar pra pensar, parar pra me escutar, inclusive porque não tava acostumada com a autoescuta, autopercepção, então às vezes precisava parar e eu não tinha naquele momento, pelo menos no início do período da terapia, eu não tinha muito tempo para parar”.

Assim, Laurisabel Assil indicou a dificuldade desse exercício de autonomia e autocuidado porque fora do setting terapêutico, o mundo te convoca “justamente pro

contrário” dar conta dos fazeres, das produções, para um ritmo intenso de demandas “para fora”, restando “muito pouco para o trabalho interno, para se pensar, para respirar, prestar atenção no que está sentindo”. A interlocutora referiu que no momento atual, mesmo sem estar em terapia segue em processo de autorreflexão.

Laurisabel Assil, assim como Ana Paula Fiúza e outras mestras ou mestradas interlocutoras, destaca a exigência de uma nova adaptação ao universo acadêmico na jornada da pós-graduação. Relata que estava em processo terapêutico naquele momento de sua vida acadêmica o que a ajudou a lidar com as novas demandas, o que para ela gerou “muita ansiedade” mesmo para ela que havia tido experiência como colaboradora bolsista de pesquisa no Programa de Iniciação Científica durante a graduação. Segundo a interlocutora, ao passo que vivia essas exigências desse novo lugar na academia, experimentou também “[...] *um processo afetivo pessoal muito complicado em que eu tive que refazer, ressignificar muitas coisas, né?*” e relata que a psicoterapia foi terreno fértil para essas ressignificações e crucial para que conseguisse lidar com essa conjuntura. Complementa dizendo ainda que a religião espírita, embora não estivesse frequentando, também a auxiliou muitíssimo e junto ao processo psicoterapêutico garantiu que ela não “implodisse psiquicamente”.

Laurisabel Assil (2018) relata que depois da experiência do mestrado, na qual deixou de nutrir as dimensões diversas da vida e se dedicou exclusivamente a esse papel, experimenta o doutorado desse outro lugar, compreendendo que “[...] *é uma partezinha da vida. Não é a parte toda da vida, nem a vida toda.*” Dizendo desse redimensionamento do seu fazer acadêmico e um afrouxamento da exigência interna e fortalecimento de seus processos de autocuidado que hoje são sustentados, como relata suas atividades de dança, o estudo do seu instrumento, frequência no Centro de suas *religiões* “*O meu lugar nesse processo hoje é muito maior e em situação de autocuidado, de reflexão. O doutorado é apenas uma parte de você, não vai durar tanto tempo assim e não precisa ser o dia inteiro.*”

Iara Bonin (2015) discute colaborações da concepção de Bem Viver Indígena andino para a vida em sociedade, pensando o futuro da humanidade. A autora indica a complexidade do conceito e começa por relacioná-lo com as dimensões da memória e horizonte, sendo a memória relacionada ao período pré-colonial e tradicional e a dimensão de protesto e luta contra os excessos do agronegócio. No que tange ao horizonte, seria uma retomada deste, pautando uma lógica de continuidade, de futuro, de planejamento e cuidado, do aqui e agora, também pensando nos tempos que estão por vir.

Os povos quéchuas relatam que sua tradição (tempo mítico e histórico) relaciona-se ao Bem Viver, uma compreensão que contempla a convivência harmoniosa entre humanidade,

natureza e cosmo. Essa relação com o tempo passado se apresenta como nutridora de transformações na realidade presente. A autora destaca o *Plan Nacional para El Buen Vivir* (2009-2013), do Equador, o qual propõe um refinamento do conceito de desenvolvimento, regulando uma lógica sustentável no uso dos recursos e nas relações, e propondo democratização de acesso à terra, à água, ao conhecimento e ao crédito. É uma referência para um compromisso com um projeto de sociedade mais justa, diversa e intercultural, inclusive pautando um compromisso de investimento do Estado em educação, com ênfase para a pesquisa científica e a saúde.

Desse modo, segundo Iara Bonin (2015, p. 3) a luta indígena pelo Bem Viver relaciona-se a uma ampla aliança pela preservação da vida neste Planeta. A autora afirma que para pensar e experimentar o Bem Viver é indispensável beber da fonte ancestral, como uma forma de firmar ensinamentos e modos de vida que respaldam a contínua produção deste presente e de um futuro. A autora indica a centralidade da espiritualidade e ancestralidade para o Bem Viver indígena com falas de pessoas indígenas. Destaco aqui duas dessas falas:

O Bem Viver também depende da espiritualidade que cultivamos. E nós, os Tupinambá, chamamos sempre por Tupã e sempre invocamos nossos Encantados. Temos muita fé nos Encantados. Quando temos isso, temos prosperidade em nossa casa (CACIQUE BABAU, BAHIA).

Estamos lutando para viver com nossa cultura, falar nossa língua, comer o peixe pescado na hora, sentir o cheiro da floresta, isso é o Bem Viver! Não é Bem Viver estar à beira da estrada, passar fome, sem a nossa terra, que é a nossa mãe. Quero que meu filho viva a plantação e a colheita, viva do peixe, da água, do alimento. Não quero ver meu filho tendo que deixar a floresta para trás. Nós somos a terra! (KURÁKANAMARI, AMAZONAS)

A cosmovisão indígena diz de povos que não são orientados pela produção, não vivem para produzir, mas sim produzem, trabalham e usam os recursos necessários para viver. A espiritualidade apresenta-se como essencial nessas culturas e é experimentada, ritualizada através do corpo e da expressão artística, com danças, rezas, rituais festivos, cantos. Há uma dimensão comunitária que organiza a vida na experiência de partilha, todas as pessoas colaboram. Destaca-se uma importante direção de apaziguamento, a compreensão de que a pessoa humana é natureza, envolvida com tudo que se dá na Terra, incluindo sua relação com os animais, minerais, com todos os seres.

O Bem Viver é um conceito democrático, radical e requer uma mudança nas estruturas econômicas, pactuando o desenvolvimento que se propõe resguardar e potencializar a vida, logo, não cabe projetos de exploração de animais, da terra ou de seres humanos (BONIN, 2015).

O ecofeminismo se cruza com o conceito de Bem Viver, atendendo a um projeto de sociedade que se compromete com uma política de vida para todos os seres, incluindo todas as camadas da organização social humana, as dimensões econômicas, políticas, sociais. Segundo Maria Mies e Vandana Shiva (2013) o ecofeminismo, como o nome já indica, apresenta uma conexão entre a ecologia e o feminismo, constitui-se como uma teoria, filosofia de vida e prática ativista que defende a centralidade de todos os seres, sem hierarquização de valor de vida, deslocando a natureza da margem e questionando modos de vida que propõem o consumo indiscriminado e a acumulação. Desse modo, a proposta é uma mudança de paradigma que põe limite e consciência a uma guerra à vida.

Acerca do Bem Viver, as interlocutoras relataram em parte uma compreensão do Bem Viver referente aos aspectos relacionais e outra parcela incluiu de modo robusto as dimensões sociais, os atravessamentos das matrizes de opressão, com destaque para o racismo, classismo e sexismo.

Alessandra Alves (2018) compreende Bem Viver como “conexão” consigo e com o entorno, com as pessoas “[...] *sentindo que eu sou uma partícula única, individual, mas também faço parte de uma totalidade maior, e que eu sozinha não giro nessa totalidade, assim.*” Alexandra Martins relata que Bem Viver: “[...] *é o não ter medo de me relacionar com as pessoas. É eu poder confiar nelas, de forma tranquila, assim.*” A interlocutora indica então uma centralidade da relação interpessoal e da possibilidade de experimentação de confiança dentro dos vínculos, inclusive, em seu relato diz da importância dessa qualidade de contato com pessoas desconhecidas. Ana Paula Fiúza traz uma leitura de Bem Viver como experiência de liberdade de ser: “[...] *é eu ser livre pra manifestar minha natureza, minha energia da forma natural, sem ter que me adequar a padrões.*” Nesta mesma direção, Eric Assmar (2018) indica a liberdade como sinônimo de Bem Viver: “[...] *Ter a vida que eu tenho. Fazer o que você ama, tá com pessoas que você ama, (pausa) poder ter liberdade de provocar uma curva brusca nesse curso, em algum momento, se você desejar. Bem Viver é liberdade pra mim, passa muito por isso.*”

Ariana Silva (2018) relata que o Bem Viver para si, relaciona-se: “[...] *a você conseguir fazer as coisas que você quer, de uma forma que você não se mate. Não se sacrifique também. [...] Pra mim saúde e Bem Viver é muito relacional, assim. [...] tá bem atrelado à qualidade de vida. É você conseguir viver em paz, sabe? Não viver com medo.*” Pode-se pensar que a interlocutora diz de uma dimensão da possibilidade de realização como uma experimentação de satisfação, de agência, de exercício de autonomia, e ainda, indica a importância de se viver sem medo.

Bruna Santos (2018) indica de forma direta a dimensão do acesso aos direitos como sinônimo de Bem Viver, de sistemas macros para micros: “*É tipo a garantia dos acessos né, acesso à saúde seria, ou tranquilidade, moradia, estrutura em relação à família, em relação a tudo, tudo organizado, seria Bem Viver.*” A interlocutora indica a importância da garantia ao acesso aos direitos fundamentais como a saúde, a moradia. Entendo que ao falar de estrutura em relação à família, refira-se à vida em condição digna, com acesso a trabalho e relações saudáveis, funcionais, uma organização no sentido de garantias básicas que permitem uma vida com amparo.

Nesse mesmo sentido, Débora Campelo (2018) fala diretamente da importância do amparo social, das dimensões de acesso aos direitos, “[...] acessar aquilo que lhe mantém socialmente bem.” Cristiane Lima relata que para ela Bem Viver refere-se à moradia confortável, a relações familiares vinculares de cuidado, e ainda, à rede de apoio, dimensões do acesso ao lazer:

[...] chegar em casa, ter minha cama lá arrumadinha, limpinha pra dormir, ter minha família me aguardando, você viajar, num tem coisa melhor que você viajar e ter alguém te esperando em casa esperando retornar, isso é viver, é você quer sair, ligar para os amigos, ou então você estar triste e ter alguém pra lhe ouvir, é você sobreviver, é você sair, muitas coisas bonitas assim que Deus deu e de graça... Ir na praia, um programa assim tão simples. [...] Estar com as pessoas que a gente gosta é Bem Viver. Fazer o que você gosta é Bem Viver (Cristiane Lima, 2018).

Nzinga Mbandi ao falar de Bem Viver, indica que é mais do que “sobreviver”, “se sustentar”, seria mais do que uma dedicação central ao trabalho. A interlocutora problematiza uma experiência de ordem econômica, um atravessamento de classe, mas, mais do que isso, pode-se pensar que ela traz à baila a escolha do prazer na vida, a escolha de poder se relacionar consigo, com a natureza, priorizando essas dimensões no cotidiano:

Bem Viver é muito nessa linha entendeu, no sentido assim de você não ter uma vida que é só trabalhar e voltar pra casa, o dinheiro que você ganha só pra, gastar nessas coisas de se sobreviver de se sustentar, acho que Bem Viver é você poder ir numa praia, você ir pra cachoeira, poder se reunir com a seus amigos na sua casa, poder passar um tempo com sua família, poder ir ao teatro, ter acesso a essas coisas que dão tranquilidade, que dão prazer, você poder estar andando na rua sem a preocupação de ser violentada, de ser assaltada, não sobreviver, porque sobreviver é o que? Você trabalha, trabalha, trabalha porque todo mundo só sabe trabalhar! Aquele dinheiro que você ganha, você não pode usufruir dele porque você está cansado, você não pode fazer uma viagem, você não pode ir para praia, aí é sobreviver, é diferente né, então eu acho que Bem Viver é isso assim, essa possibilidade (Nzinga Mbandi, 2018).

Rabeca Sobral relata que para ela Bem Viver é sinônimo de “dignidade” e relaciona diretamente à dimensão do trabalho, saúde, direito à cidade, à moradia digna, confortável:

Tipo, você trabalhar e receber, você ter oportunidade de trabalho, você ter oportunidade de ter paz e respeito na sua casa. É você poder escolher o que você come, você ter relações saudáveis, você cuidar não só da sua cabeça mas você também cuidar da sua saúde, é como um equilíbrio de uma balança né? A questão talvez é que, acho que de alguma forma tem a ver com a gente mas tem a ver também com o externo. Tem a ver com o quê que esse Estado tá te proporcionando, como é que tá retornando seus impostos, como é que tá o bairro que você mora. Por exemplo, quando eu morava no Dois de Julho eu lembro que tinha as vezes que eu achava assim: “meu Deus! Tá virando uma cracolândia!”, sabe? E quando eu me mudei pro Rio Vermelho, eu vi que, não que tá a coisa mais linda do mundo, continua sendo o Brasil, continua sendo na Bahia né? Em Salvador, numa cidade desigual. Mas a rua tá limpa! Sabe? A rua tá limpa, tem uma calçada que eu posso andar! Sabe? Minimamente, sabe? Tem a ver com isso, mas eu sei que tem a ver também com o interno, com, enfim, o equilíbrio que eu tenho comigo, em todas essas inquietações internas e expectativas, e projeções. Mas é um diálogo entre esses dois mundos né? Pra mim, o Bem Viver é um equilíbrio entre esses dois mundos (Rabeca Sobral, 2018).

Rabeca Sobral relata sobre essa interlocução entre os dois mundos, o mundo interno e externo, destacando também a responsabilidade do Estado no Bem Viver das cidadãs e cidadãos. Rabeca exemplifica o quanto sua dinâmica de vida mudou com a sua mudança de bairro, destacou como essa dimensão da desigualdade, da pobreza e experimentada em trânsito na cidade.

Nzinga Mbandi diz ainda do quanto às condições e o estilo de vida, podem impedir essas experiências do que compreende Bem Viver, por vezes retirando, diluindo o prazer do encontro, da pausa, a impossibilidade de experimentar o tempo com qualidade em decorrência do cansaço da rotina de trabalho. A interlocutora relata também acerca do direito à cidade e o quanto a sensação de medo na mobilidade urbana impacta na qualidade de vida. Compreendendo aí as dimensões de vulnerabilidade experimentadas por mulheres e outras identidades. Nesta direção, Fran Ribeiro relatou que Bem Viver segue na direção do contato com o conforto, confiança relacional, incluindo essa dimensão da experiência individual e coletiva, incluindo dimensões de lazer, de prazer.

Deusi Magalhães (2018) indica como Bem Viver a possibilidade de “trabalhar feliz”, reconhecendo o trabalho como uma dimensão importante da vida e como uma possibilidade de experiência de saúde, de potência, enquanto colaboração social. Compreende-se o valor do trabalho como um dos importantes fatores de Bem Viver. A interlocutora indica ainda que Bem Viver é também “usufruir das linguagens artísticas”, o que podemos entender também como acesso a fontes plurais de expressão, contato com narrativas e possibilidades de reflexão, de autorreflexão.

Eu não saberia viver sem apreciar as linguagens artísticas. Por um acaso eu trabalho com arte, mas mesmo se eu não trabalhasse com a arte

propriamente dita, eu acho que ela ajuda a gente ter um Bem Viver. Porque ela traz pra gente uma abertura de pensamento, uma amplidão do sentido das coisas. [...] Bem Viver pra mim é ter os amigos do lado. O Bem Viver pra mim também é compartilhar, compartilhar com o vizinho, com a cidade, com o rapaz da venda, com o rapaz que vende picolé, compartilhar no espaço que eu vivo. É dividir a vida mesmo. É dividir a alegria, é dividir tristezas. É essa convivência compartilhada, generosa e afetiva que traz o Bem Viver. É você ter saúde junto com todas esses atos emocionais que te dão alegria, que você sai na rua e sorri, dá um bom dia, vê uma árvore florida, isso pra mim é um Bem Viver. Ver um céu azul, ver o mar, ver as pessoas sorrindo (Deusi Magalhães, 2018).

Deusi Magalhães indica a potência da experiência com as expressões artísticas e ainda a colaboração desta com a dimensão do Bem Viver, como também o contato com a natureza, com o ambiente, as pessoas do nosso convívio, incluindo ainda, a dimensão da experiência na cidade, o direito à cidade.

Ellen Carvalho (2018) diz de uma dimensão bastante existencial e sistêmica do que entende ser Bem Viver: *“Estar em paz. Em paz com sua história, em paz com suas escolhas. Aí cê tá num Bem Viver, numa vida boa.”* Uma possibilidade de leitura desse estar em “paz” com a sua história, a conquista de uma relação de acolhimento com as suas matrizes de relações, de aprendizado, as histórias ancestrais, conforto experimentado ao integrar as diferentes dimensões de si.

Helen Campos traz uma dimensão de temporalidade para dizer de sua relação com o Bem Viver:

Viver bem é tá no presente porque presente que se atualiza o tempo todo em futuro. Eu tô me aproximando de uma perspectiva de tempo a partir da ancestralidade banto, a gente entender que o tempo presente tem a ver com o passado que eu carrego e com o devir. O tempo inteiro os tempos estão todos aí atravessados não estão separados... Bem Viver é se entender se aceitando no mundo, acho que para mim não é algo completamente resolvido não. O tempo inteiro eu acho uma coisa feia em mim assim que às vezes no discurso está bem lindo bem, organizado, mas que as vezes eu olho no espelho e digo “poxa antes da maternidade meu corpo não era assim, poxa”, sabe? Passado muito separado ainda (Helen Campos, 2018).

Helen Campos indica ainda uma dimensão da temporalidade na experiência consigo, seu corpo e as mudanças. Relata que a dimensão de se aceitar no mundo é mais fácil de ser dita, acessada no discurso do que no campo da experiência.

Para Laila Rosa Bem Viver refere-se a:

[...] bem-estar, auto-amor, consciência, suavidade, equilíbrio, política, gastropolítica, consciência ambiental, e respeito à Pachamama. Amor manifestado... Em todos os níveis né? Desde o auto-amor ao respeito, à não-violência. Tem um princípio do yoga que chama “Ahimsa”, que é a não-violência. Um dos princípios. Então... Primeiro a não-violência consigo né? Então se eu tenho essa consciência da não-violência comigo, eu consigo

praticar e valorar a não-violência com o outro e com a natureza, e com todos os seres (Laila Rosa, 2018).

Deste modo, Laila Rosa indica a potência de uma conexão com a vida, com um propósito de não violência consigo e com o outro, incluindo a natureza, outros seres vivos, o que dialoga diretamente com o Ecofeminismo, e matrizes relacionais pautadas na violência por todas as heranças históricas de desumanização de corpos, de grupos que foram subalternizados, dizimados, explorados, violados de todas as formas.

Laurisabel Assil aponta Bem Viver como uma dimensão da resiliência. Segundo a interlocutora é preciso:

[...] saber lidar com o poder fazer tudo que você quer e o não poder você fazer tudo que você quer. Nem sempre dá fazer tudo que você quer, nem sempre rola fazer tudo o que a gente planeja e o bem-viver engloba saber lidar com situações que não sai do jeito que a gente planejou e saber que às vezes no fim dá o que a gente quer. Mas normalmente o processo é bem mais complicado. Bem Viver é saber lidar com essas, com as possibilidades e as impossibilidades. Não consigo ainda não, tem hora que dá né gente, mas tem gente que consegue (Laurisabel Assil, 2018).

Laurisabel Assil diz de uma sustentação à frustração e confiança nos caminhos, tendo em vista que há uma dimensão de direcionamento e sustentação do desejo possível, fazer o que se quer, mas há algo do incontável, da experiência que também frustra, ensina, inclui sofrimento, e experimentar isso também faz parte da vida, ou ainda, saber lidar com isso faz parte de um Bem Viver, segundo ela.

Mafá Santos é a única interlocutora que relaciona de modo direto o conceito Bem Viver com a discussão e prática política de coletivos feministas negros do país e indica que para ela ainda é um conceito que reverbera em muitos questionamentos:

Bem Viver, essa palavra começou aparecer pra mim, que eu fui fazer um projeto lá no subúrbio sobre violência contra a mulher e tinha essa palavra “Bem Viver”, Bem Viver é viver bem? É isso? Aí depois veio a marcha das mulheres negras que falava sobre o Bem Viver, falei: “Gente, eu não estou acompanhando Bem Viver não né, eu sei que ele é importante, que tá legal, mas não estou acompanhando Bem Viver!”, aí fiquei, Bem Viver né, seria a pessoa existir simplesmente por ela e ter os direitos garantidos? Não sei dizer o que é Bem Viver ainda, acho que vai por esse caminho, mas eu não tenho algo concreto, inclusive consegui dizer que não tenho algo concreto, porque eu estava assim que “Você tem que ter as respostas tudo pronta!”, não, você pode não saber isso. É normal, é normal! (Mafá Santos, 2018).

A interlocutora fala sobre a relação entre o Bem Viver e a garantia de direitos, mas, indica que devem existir mais dimensões para contemplar esse estado, essa experiência de Bem Viver e que segue nesse movimento de questionar e deixar em aberto, na construção de respostas. Traz inclusive que “Eu tenho diálogos comigo mesma né, pra avançar?!”, o quanto

esse movimento de autorreflexão, autopercepção faz parte do seu pensar-falar, inclusive durante a entrevista.

Alexandra Martins, hoje ativista, anteriormente inserida de modo formal no movimento de mulheres lésbicas, relata que vê um distanciamento entre Bem Viver e militância, ou melhor, práticas de grupos e pessoas militantes dissonantes da experiência de um Bem Viver. Segundo a interlocutora:

Quando eu penso espaço de militância, grupos de militância, aí grupos de movimento de lésbicas, também uma coisa assim mais formalizado, eu não vejo como espaço de acolhimento. Eu vejo como espaços de militância, espaços de justiça, mas não de acolhimento, né? Que é uma coisa que, tanto a universidade quanto a militância, também tão comendo mosca, que é o Bem Viver né? É de pensar o Bem Viver. Então, é muito recente que a militância tem se pensado o Bem Viver. Eu vou te passar um livro que, depois eu tenho ali, que foi feito pelo CFEMEA, no ano passado, que o CFEMEA é lá de Brasília, eles fizeram um manual, uma coisa de Bem Viver dentro da militância. Então, mas isso é muito recente. Mas é interessante estar se pensando nisso porque muita gente anteriormente já morreu ou tá, tipo, morrendo ou saiu da militância porque cansou, porque ficou doente. Então isso é muito simbólico, assim. E daí acho que talvez eu fico meio que preguiçosa, assim, com reuniões longas que não dão em nada, mas as pessoas, elas falam bem, elas tem uma falatória muito linda que não vai dar em nada (Alexandra Martins, 2018).

Alexandra Martins relata o quanto identifica os espaços dos movimentos sociais com “justiça” e não com “acolhimento” ou “Bem Viver”, sinalizando que a dimensão da luta, da disputa adocece, fragiliza, faz evadir, desistir. Riquíssima a reflexão dela que em alguma medida convoca os movimentos de mulheres para ampliação de ações, transgressões nas práticas, nas relações. Compreendo que a Feminária dialoga diretamente com essa compreensão do fazer enquanto potência de prática transformadora e genuinamente feminista, antirracista, transbordando o discurso. A interlocutora sinaliza ainda uma importante referência sobre reabertura de espaços de cuidado, acolhimento dentro dos movimentos de mulheres, a exemplo dos trabalhos e da produção escrita do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA).

Alexandra Martins identifica na militância dos movimentos de mulheres “vícios partidários” que impedem avanços, novas formas de experiência, de transformação, algo que mobilize deste outro lugar, o que a interlocutora nomeia como “interessante”:

[...] como, por exemplo, eu vejo algumas auto-organizações artísticas fazendo trabalhos sociais super interessantes. Né? Eu vou tá recebendo em casa a mesa do ano, a Janine, que é uma palhaça do Rio de Janeiro, que ela é do Maria das Graças, primeiro coletivo de palhaças que teve aqui no Brasil. A Maria das Graças, elas fizeram [...] Um trabalho de técnicas de palhaçaria para mulheres em situação de encarceramento. Então, isso é uma militância, pra mim, muito mais interessante do que uma conferência,

do que uma conferência de saúde onde você vai ficar discutindo na sala a política, tipo, políticas públicas do nã, nã, nã, pra no final, sair o relatório que vai ser enviado pra Brasília, pra todos os ministérios, e os técnicos, né? E os técnicos. Ainda mais esses que devem tá vindo agora, né? Com esse golpe, vão ler aquilo e vão falar: “grande merda!”. Que é o que vai acontecer, que é o que tá meio que acontecendo, né? A gente vai pras conferências, se discute, se discute, se discute, gasta um dinheirão público com essas porra, fica quatro dias, uma semana, discutindo, discutindo, discutindo, faz um relatório, demora quase um ano pra sair e quando sai, cê já têm uma outra formulação dentro dos ministérios, que eles não tão mais... Aí, enfim, é uma disputa política. E eu conheci esse trâmite burocrático porque eu morei lá em Brasília, sou da militância já tem um chão, conheço alguns trâmites, como é que funcionam; a gente fica, eu fico cansada, fico doente. Eu começo a não crer que esse espaços, eles vão me dar alguma coisa [...]. E aí eu começo a ver algumas coisas artísticas e falo: “porra, essa galera tá superando”. Tem uma mulher lá em São Paulo que é a Andréia Macêra, que também é uma mestra na palhaçaria, que por muitos anos, ela fez oficinas de palhaçaria para as mulheres. Não, dentro de hospício. E ela fala disso de uma forma muito, enfim, ela fala dessa experiência, de como é que aquilo reconstrói totalmente as pessoas. E, né? Enfim. E o quanto que os médicos super achavam aquilo uma besteira. Né? Não achava que era interessante, e ela super, sabe, assim? E, ainda mais agora, né? Que eu tô no Raros, que é um grupo de palhaço de hospital, que okay, também tem seus trancos e barrancos, [...]. Mas sei lá, você entrar no hospital, dentro de. E aí, a gente mexe só com as crianças mesmo, em específico. Sei lá, num espaço de oncologia, que são as crianças com câncer, e conseguir tirar um sorriso, fazer alguma coisa é, pra mim é mais interessante do que tudo. De ficar numa reunião de tarde? Fim de semana, discutindo, pela milésima vez, lesbofobia, pra todo mundo que já sabe o que é, assim. Sabe? Tipo, que teoricamente sabe o que quer, já passou. Tipo assim, não querendo, não desmerecendo elas. Porque eu acho que é importante as pessoas falarem sobre suas dores e tal. Mas eu não sei se eu tô a fim de resgatar as dores de novo, assim (Alexandra Martins, 2018).

O CFEMEA, a partir do ano de 2015, adensou suas ações e produções orientadas para a dimensão do Bem Viver e autocuidado. No ano de 2016 publicou a Cartilha *BEM VIVER PARA A MILITÂNCIA FEMINISTA: Metodologias e Experiências de Autocuidado e Cuidado entre Mulheres Ativistas*, e no ano seguinte publicou um artigo e vídeo *Autocuidado e Cuidado entre Ativistas: Uma estratégia para fortalecer as lutas das mulheres* que versa sobre as experiências em suas atividades com mulheres ativistas.

O CFEMEA indica que sua iniciativa na direção das ações e aporte teórico e prático dos processos de Bem Viver e autocuidado das militantes objetiva, antes de tudo, a possibilidade de garantia da sustentabilidade dos ativismos de mulheres, compreendendo que essas dimensões precisam ser integradas para a manutenção dos movimentos feministas. Entende-se que o Bem Viver é imprescindível, tanto no que tange ao aprimoramento de estratégias de resistências às ofensivas anti-direitos, anti-vida e anti-diversidade, como

também garantem um olhar mais complexo para o que se compreende como transformação social a longo prazo.

A cartilha é a síntese de experiências e metodologias criadas pelo grupo do CFEMEA e experimentadas em ações do grupo, a fim de reafirmar a não existência de fronteira entre as dimensões pessoal e política, convidando as ativistas à prática de autocuidado consigo e entre elas. Compreende-se que para se manter viva, saudável e na luta pelo projeto de sociedade pautado pelas feministas faz-se necessário o cuidado de si e ainda, romper com modos de fazer política que pautam fragmentação, a divisão entre emoção e razão, pessoal e político, que reproduzem discursos e práticas racistas, LGBTQI+fóbicas, capacitistas, classistas, etnocêntricas, genocidas.

Nossos espaços político-organizativos podem ser inspiradores, libertadores, nutritivos, acolhedores, promotores de resiliência e, mais que isso, propiciar a vivência e a experiência do Bem Viver, a partir da perspectiva feminista, tem sido uma linha estratégica de trabalho do CFEMEA, desenvolvida de maneira colaborativa com muitas ativistas e organizações feministas e de mulheres negras (CFEMEA, 2016, p. 2).

São incontáveis os desafios, as violações e as tentativas de controle sobre os corpos, as vidas das mulheres (sempre pensando as identidades combinadas, a exemplo das mulheres negras transexuais), e a disputa que está sendo experimentada na atualidade no país revela desafios bastante específicos. Segundo a cartilha há uma exacerbação da violência, da tentativa de retirada dos corpos e vidas outrificados do lugar de autonomia, de cidadania. Levando-se em conta a existência do reforço de uma cultura do estupro, da criminalização do aborto e do feminicídio, pode-se indicar que nesse momento, em meio a esse (des)governo, vive-se um agravo.

Nessa conjuntura, os desafios experimentados pelas ativistas, por aquelas que estão fazendo suas resistências, suas transgressões cotidianamente são enormes. É do corpo que se gera a energia de disputa, de tensionamento das estruturas, o que implica em uma tripla ou quádrupla jornada. Há uma tentativa de manutenção da organização e da mobilização, mesmo com o recrudescimento na política formal e a violência e o ódio mais ativados. O CFEMEA (2016) indica que tem trilhado caminhos de fortalecimento e sustentação de um olhar para as mulheres ativistas mais complexos, incluindo as dimensões das emoções, diálogos, reflexão, integralidade corpo-alma, imaginação e pautando ações em rede. Buscam-se sínteses entre o que foi dissociado, fragmentado fora e dentro.

Há uma afirmação da importância de cultivar vínculos afetivos e o contato com as emoções, como impulsores para os processos de autoconhecimento e autocuidado individual, bem como as dimensões de partilha e transformação no campo coletivo. Reafirma-se ainda, a

importância da experiência grupal com qualidade, com confiança para partilhas desde um lugar de segurança. Fomentando um exercício de sustentação da individualidade ao tempo em que também se trabalha o pertencimento à dimensão grupal, coletiva.

Não temos dúvida que o processo de transformação social será tão mais profundo quanto mais pudermos avançar em termos de transformação da subjetividade das mulheres em seu próprio benefício e de suas comunidades, até que ambas frentes sejam sinônimas. Entretanto, sabemos que no Brasil, como ademais em todo o continente latino-americano, nós mulheres estamos marcadas por traumas profundos e históricos. Os estupros coloniais, perpetuados ao longo do tempo, manifestam-se hoje nos números alarmantes, impunes e banalizados pela cultura negra (CFEMEA, 2016, p. 16).

Desse modo, pode-se relacionar esses fazeres e essa compreensão do CFEMEA como uma prática e uma construção também nutrida e experimentada na Feminária Musical. Ao passo que existe um cuidado e reafirmação das dimensões individuais, dos diversos saberes corporificados, lugares de fala distintos, há também um movimento de fortalecimento de pertença e sentido comum. Há uma colaboração para a construção e manutenção de um espaço seguro de exposição e construção de discursos sobre si, à medida que há uma convocação à partilha e a um fazer direcionado para a transformação social.

A interlocutora destaca uma dimensão dos ativismos e da saída dos espaços formais de trocas para o encontro com outros segmentos da população; a arte enquanto experiência de encontro, de afetividade, de transformação e militância. Rabeca Sobral refere a respeito da militância acadêmica como um caminho, uma escolha de dedicação e compromisso social escolhido por ela, compreendendo que se remete a um processo de criação, de produção e difusão de conhecimento “proposto em coletivo”.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A JORNADA

5.1 LIMITES, POSSIBILIDADES E TRANSBORDAMENTOS

Os resultados encontrados no estudo corroboraram com as hipóteses levantadas inicialmente, revelando achados não pensados e convocando novos caminhos de pesquisa. As categorias Saúde e Saúde mental revelaram uma concepção ampla desses conceitos, reafirmando-se como holísticos e sócio-historicamente localizados. Destacaram-se as dimensões físicas, espirituais e psicológicas, como facetas da existência que carecem/merecem nutrição para a composição de uma experiência de saúde. Revelou-se que o grupo (quase que unanimemente) possui uma compreensão de saúde, não como ausência de doença ou perfeito bem-estar, tampouco uma experiência descolada da realidade social, mas como uma produção dessa interação individual com as dinâmicas relacionais vividas, e as identidades e trajetórias.

No que tange à Saúde Mental, o grupo indicou a grande importância de estar psicologicamente organizada para a experiência de um bem-estar geral. Ficou evidente como esta é influenciada de modo bastante direto pelo ambiente, pelas dinâmicas sociais, revelando o impacto das matrizes estruturais na saúde psicológica das participantes. Uma parcela das participantes indicou ter vivido recentemente situações de sofrimento importantes e que estão em processos de cuidado.

Na categoria Arte, o grupo fez diversas leituras do conceito, convocando para uma compreensão decolonial de arte, reiterando o rompimento de uma leitura canônica e eurocentrada das artes. Ficou evidenciado o quanto o conceito de arte não comunica apenas sobre um tipo de arte, e sim, pode ser lida como toda artesanaria que é feita no cotidiano. Foram inúmeros exemplos de observação da realidade, de interações, transformações e produções que fogem a uma ideia hegemônica e excludente do fazer arte. A arte foi entendida como gestada, e nascente em contato com o mundo, andando de ônibus, escritório que é itinerante e circula na cidade, com os corpos e as sensibilidades. A construção de uma parede foi lida como um fazer artístico de grande beleza e todas as linguagens artísticas se revelaram potência de expressão e construção de si. A arte se revelou como razão de vida, como respiro, reconexão, ofício, sagrado, sombra, prazer.

Acerca das experiências na Universidade, as trajetórias compartilhadas indicaram diversos desafios na permanência (sobretudo, com saúde) e no atravessamento de questões na Graduação e Pós-Graduação. Destacou-se a centralidade da relação discente-docente como fonte de tensão, relacionamentos abusivos, como também experiências de parceira e

inspiração, garantidoras de permanência e conquistas. Reafirmou-se o quanto o ambiente acadêmico ainda é fortemente atravessado pelo sexismo e machismo, bem como o racismo, compreendido como estrutural e muito presente nas relações dentro desse espaço, e ainda, a colonialidade que se mantém nas relações hierárquicas, na manutenção majoritária de referências e cosmovisão do norte global.

Grande parte das interlocutoras relatou que não experimentou uma rede de apoio institucional na UFBA, e uma delas que vivenciou assinalou as limitações do acompanhamento, bem como, os atravessamentos interseccionais que fragilizam de forma recorrente corpos de mulheres negras, sobretudo. As interlocutoras indicaram a Feminária Musical como importante recurso de socialização e vinculação, sendo considerado um espaço de rede de apoio deveras importante. Assim como a experiência em aulas ministradas por Laila Rosa, foram referidas outras professoras do NEIM e uma Atividade Curricular em Campo sobre Culturas Populares, e ainda, as amizades e parcerias construídas no universo acadêmico.

Com relação à experiência de Redes de Apoio fora da Universidade ficou evidente que a família, com destaque para mãe e irmãs/ãos, representam os principais vínculos de manutenção de saúde. Apesar de ter sido também relacionada a experiências de tensionamento, conflitos e distanciamento, foi indicada pela maioria das entrevistadas, como vínculos protetivos, nutridores da saúde emocional. E ainda, houve um significativo indicativo da importância de amigas/os como vínculos fortalecedores de saúde emocional.

Acerca da Jornada na Feminária Musical, as interlocutoras apresentaram principalmente dois caminhos de ingresso: indicação através da docente e colaboradora Carol Barreto, e através do contato direto via e-mail com Laila Rosa. Todas as pessoas indicaram a abertura para inserção e participação no grupo, experimentando desde o primeiro contato à construção de uma vinculação cuidadosa, respeitosa da diversidade e afetiva. Ficou evidente nos relatos a quantidade de momentos especiais e transformações experimentadas pelas interlocutoras e o carinho pelo grupo. Destacou-se a potência de síntese grupal que compõe uma experiência corporal, artística, criativa, ao passo que também garante um aporte teórico transgressor e robusto, e ainda, espaço para a vivência de vinculação, de expressão e construção de narrativas de si através dos encontros e dos ativismos realizados.

Livres para nomear como quisessem a Pedagogia utilizada na Feminária Musical, as interlocutoras denominaram de muitas formas diferentes, sem se preocupar em encaixar em uma pedagogia já conhecida. A priori, apenas duas interlocutoras definiram como uma pedagogia feminista (uma delas incluindo a decolonialidade e outra a compreensão da

inclusão de uma perspectiva antirracista e pró-diversidade), enquanto as demais nomearam a pedagogia utilizada na Feminária como: do Afeto, Circularidade, Positividade, Gratidão, entre outras, que convergem para uma Pedagogia comprometida com o Bem Viver, engajada com a transformação social, o compromisso com a coletividade, mas sem negligenciar as dimensões individuais, as demandas de cada sujeito em seu processo de crescimento e sustentação dos desafios na vida. Tudo isso vivido de forma corporificada e afetiva.

Acerca da categoria Pedagogia Feminista, deu-se o reconhecimento da identidade pedagógica da Feminária Musical, indicando inclusive o quanto um ambiente, uma classe ou docente feminista não garantem uma prática feminista. Ou ainda, a Pedagogia Feminista é a possibilidade de experimentar na vida pessoal e relacional tudo que é pautado pelas Epistemologias, buscando politizar as relações e atravessamentos sem se violentar nesse processo. A Pedagogia feminista é reconhecida em sua potência transformadora e geradora de experiências de contato, partilha, co-criação, transformação e aprendizagem mútua, compreendendo docente como figura participante do processo, inteira, corporificada, bem como discentes, sujeitos de saberes legítimos e co-criadores de um ambiente fértil.

O conceito de autocuidado e as práticas citadas como experimentadas pelas interlocutoras foram inúmeras, destaco aqui as práticas de cuidado com o corpo, a psicoterapia, as terapias alternativas, práticas complementares integrativas e ritualizações com banhos e ervas. Duas interlocutoras indicaram questões que se destacaram, e uma delas disse não ter parado para pensar nesse termo e nos seus movimentos de cuidado; outra, mãe, relatou não ter esses momentos, e depois de um resgate elencou apenas um movimento de autocuidado realizado em seu momento de vida. Nesse campo as dimensões simbólicas apresentam-se, relacionou-se a práticas de cuidado consigo e contato com a natureza interior e “externa”.

O Bem Viver foi compreendido, sobretudo, como sinônimo de qualidade de vida, destacando a experiência de prazer e bem-estar, embora uma parcela tenha indicado o conceito de Bem Viver relacionado à perspectiva do Feminismo Negro. Uma das interlocutoras, inclusive, citou a Marcha das Mulheres Negras como referência para pensar o conceito. Vale destacar que o Bem Viver é lido como algo que só pode ocorrer de forma coletiva, integrada às relações, aos territórios, e, portanto, em disputa por um projeto democrático de sociedade, pautado no direito de todas as pessoas à vida.

Compreendo que os achados que se destacam referem-se à urgência da discussão das questões maternas dentro do ambiente acadêmico, sobretudo as experiências de mulheres negras mães, e os impactos das matrizes de opressão em suas trajetórias. Também se faz

necessário pautar a importância de uma discussão ampliada sobre saúde em nossa sociedade, assinalando a Universidade como espaço que tem um compromisso com a construção de saberes engajados e práticas sociais transformadoras, comprometidas em garantir a equidade.

Apresenta-se ainda de modo contundente, o quanto o racismo, sexismo, machismo, LGBTQI+fobia entre outras matrizes de opressão, operam de modo cortante dentro dos próprios espaços que se propõem ser nutridores de saúde, a exemplo da psicologia clínica, dos grupos terapêuticos, bem como, nas salas de aulas, nas relações dentro da universidade e em outros espaços formativos.

Pode-se considerar a compreensão dos Movimentos sociais, com destaque para o Movimento Negro, Movimento Feminista e LGBTQI+ como promotores de saúde, existência e com um caráter pedagógico diante da sociedade, e por conta do foco do estudo, ressalta-se o quanto a academia vem sendo transformada internamente, e esses corpos negros, de mulheres, de pessoas indígenas, LGBTQI+ vêm (re)existindo dentro da Universidade, construindo trajetórias de fortalecimento de fazeres e saberes com compromisso social com a democracia.

As hipóteses referidas inicialmente indicavam as dimensões de saúde e doença coexistindo dentro da universidade, produzindo tensões e adoecimentos, mas também saúde. A Feminária Musical, de fato, apresenta-se como um grupo extremamente potente, que através de uma Pedagogia Feminista implicada com uma construção de saber e relações libertárias, mantém-se como espaço ímpar dentro da Universidade.

O grupo apresenta os ativismos como experiência rica de contato e expressão, o uso da criatividade, o contato desde um lugar de cooperação e afeto, fazem do grupo um espaço de promoção de saúde e fortalecimento de autonomia. Nesse sentido, constatou-se que a Feminária Musical, reconhecendo a responsabilidade de Laila Rosa como condutora da jornada grupal, favorece processos de autocuidado e autonomia das participantes, bem como fortalecimento de espaços democráticos na academia e para além desta.

Compreendo como limites deste estudo a impossibilidade de dar conta de uma análise mais profunda das interseccionalidades apresentadas, tendo em vista o grande contingente de pessoas, além do mais, a dimensão da sexualidade pode ser mais aprofundada, em trabalhos posteriores.

Diante do exposto, compreende-se que a Feminária Musical coaduna com a Ética do cuidado pautada pelo Feminismo Negro, indicando que o afeto tem potência revolucionária, favorecendo processos reparatórios e de posicionamento e transformações relacionais e sociais amplas. A grupalidade tem suas ações apoiadas em uma Pedagogia Libertadora, que

pode ser nomeada como Pedagogia da Autonomia, do Amor, fazendo uma importante síntese entre construção de saber engajado, corporalidades e afetos.

Entende-se que ao contar e recontar suas histórias em suas comunicações diversas e em expressar-se performaticamente, essas mulheres fazem um exercício de (re)construção de si, encontro consigo, e favorece elaborações subjetivas suas e de outras mulheres, ou ainda, promove um reposicionamento de si e, conseqüentemente, uma visibilização, uma desestabilização dos tensionamentos correntes na sociedade, pautados em matrizes de desigualdades, tais como o sexismo, racismo, classismo, etarismo e heteronormatividade.

Nessa mesma direção, a Pedagogia Feminista nutrida pelo Feminismo Negro, apresenta-se como um caminho transgressor, convocando a ruptura do silêncio, a experimentação relacional, e construção conhecimento engajado e comprometido com o Bem Viver, com a construção de espaços relacionais saudáveis, processos formativos realmente transformadores e práticas sociais coerentes. Pode-se compreender então que essa Pedagogia Feminista retoma a importância da Arte, das experimentações corporais, artísticas, do campo da sensação, emoção e intuição como inteligências a serem legitimadas e incluídas, bem como a necessidade de difusão de outras cosmovisões.

A transformação do silêncio em linguagem e ação funciona como auto-reveladora, como libertadora, e pode ser experimentada por vias mais facilitadas, espontâneas e reveladoras, as experiências artísticas. A equidade e visibilidade de mulheres negras, lésbicas, terceiro-mundistas ainda são bandeiras necessárias, o que Gayatri Spivak²² (1985) nomeia de essencialismo estratégico. Precisamos ocupar nossos espaços, territórios, não permitir mais que “nossa terra seja envenenada”. Audre Lorde (1984) enfatiza a importância da união das mulheres, da coletividade, sororidade para maiores mudanças, para a construção de melhores vidas, de um mundo com menos desigualdades, menos violências.

Ocupar nosso lugar, o lugar de cada uma na vida é um grande esforço em uma sociedade que convoca mulheres a desocuparem seus corpos, suas vidas e se ocuparem de outras vidas, apenas.

Mas em princípio, para todas nós, é necessário ensinar com a vida e com as palavras essas verdades que acreditamos e conhecemos além do entendimento. Porque só assim sobreviveremos, participando num processo de vida criativo, contínuo e em crescimento. E sempre se fará com medo – da visibilidade, da dura luz da análise, talvez do julgamento, da dor, da morte (LORDE, 1984, p. 4)

²² SPIVAK, Gayatri C. Interview with Angela McRobbie. *Block* (10), 1985, p.5-9.

Logo, coaduno com a ideia de que uma vida digna e saudável se dá através da criatividade, do fortalecimento da autonomia e um projeto radical de sociedade comprometida com todas as formas de existência. Dessa forma, entende-se a centralidade do recurso dos discursos e corporalidades, expressões artísticas, o que será sempre feito com algum grau de medo, angústia, dor, com mortes simbólicas (ou não), mas esse é o caminho, o que está relacionado aos padrões sociocognitivos valorados em nossa sociedade, padrões ainda eurocentrados. “Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que à nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar” (LORDE, 1984, p. 4).

Faz-se necessário pautar a equidade e seus enlaces com a criação de relações justas entre gêneros, raças, novas possibilidades de organização econômica, política e social, que favoreçam melhores condições de vida, e saúde. Fica evidente o quanto a epistemologia precisa ser descentrada, a fim de horizontalizar as diferentes sabedorias e campos de conhecimento, e assim, as pessoas e suas experiências. Indica-se o valor das manifestações culturais para a vida, para a saúde e fortalecimento de compreensões, corporalidades contra hegemônicas e saberes ancestrais.

A interação entre o olho do colonizador, suas ações e colonizadas/os, desembocou no desenvolvimento de habilidades. As mulheres “terceiro-mundistas” possuem essa habilidade. Haraway (1995) diz que não estamos presentes para nós mesmo e que, para tal, para o desenvolvimento do auto-conhecimento faz-se necessário uma “semiótica-material relacionando significados e corpos”, gerando uma abertura de sujeitos, que são agentes e territórios de suas próprias histórias. O eu de hoje, dividido e contraditório, que vacila, é que pode mudar a história.

Nessa jornada de contato com as interlocutoras que de forma muito generosa, compartilharam suas intimidades, suas crenças, experiências e belezas, suas “culturas”, referências, potências, conquistas, dores, estas apresentaram também como minhas, num movimento de reconhecimento, identificação, e na diferença, empatia. Nessa jornada me apercebo de novas faces da luta coletiva pautada pelas interlocutoras e pela Feminária Musical enquanto grupalidade artista dentro e fora do espaço acadêmico. Disputando, tensionando, lutando, mas sem dúvida, brilhando, pulsando, encantando, emocionando. Valho-me de palavras de Angela Davis (2018) que ao ser perguntada: “A luta é interminável?” indica o caráter cíclico dos desafios e da aquisição de maturidade:

Eu diria que, à medida que amadurecem, nossas lutas produzem novas ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca

pela liberdade. Como Nelson Mandela, devemos ter disposição para abraçar uma longa jornada rumo à liberdade (DAVIS, 2018, p. 27).

Ao passo que Angela Davis indica esse caráter interminável e cíclico, pode-se reforçar a compreensão que o empreendimento de viver, de seguir em direção ao Bem Viver, que por si já implica em uma dimensão coletiva e comunitária, implica em ABRAÇAR essa jornada rumo à liberdade, e assim me sinto, nessa jornada, acompanhada da Feminária Musical.

Algumas vezes temos o privilégio de escolher a hora, o local e a forma da nossa revolução. Mas comumente precisamos lutar onde quer que estejamos. Não importa se estivermos num laboratório radioativo, na sala de um médico, numa companhia telefônica, nas ruas, num serviço público ou numa sala de aula. A verdadeira bênção reside em poder dispor de quem que eu seja, onde quer que eu esteja, ao lado do maior número de pessoas possível, ou sozinha se preciso for (LORDE, 1994, p. 87).

É nesse sentido que reconheço os esforços das interlocutoras, de Laila Rosa, da Feminária Musical para essa construção de espaços, transbordando o território universitário, prenes de vida e criação de existências livres. Para encerrar, valho-me das palavras poético-musicais de Laila Rosa que trazem a água, elemento tão citado no estudo como referência de nutrição da vida, de fluidez, flexibilidade, força, profundidade, referência mais uma vez às Orixás das águas Oxum e Iemanjá que nos convocam a sentir e inspiram a Ética do cuidado.

Líquida

*Água que pinga molhada
Faz amolecer a existência.
Água que molha líquida
Navega límpida.*

*Carrega vida,
Contorna o mundo.
Oxum, ora iêiê
Iemanjá, Odô mio...
Carrega vida,
Contorna o mundo.*

*Água que pinga molhada
Faz amolecer a existência.
Água que molha líquida
Navega límpida.*

*Rio,
Corredeira...
Mar,
Cachoeira...*

*Miolo de pote.
Pingo d'água.
Chuva fina.*

*Igarapé.
Riachinho.
Temporal.*

*Música.
Líquida.
Fluida.
Feminina...*

*Chué, chuá, chuá, chuá... Água vida.
Chué, chuá, chuá, chuá... Água Viva...
Laila Rosa*

Corpo-livre é o destino.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, L. Imagem e fotografia: aprendendo a olhar. In LEAL, Ondina Fachel (org.), **Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social**, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- ADICHE, Chimamanda. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1.ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ADISA, Opal Palmer. **Balançando sob a luz do sol**. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn (Org.). **O livro da saúde de Mulheres Negras: nosso passos vem de longe**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.
- AHMED, Sara. **Cuidar de mim mesma não é autoindulgência, é autopreservação, e isso é um ato político**. 2014. Texto escrito e publicado pela autora no seu blog. Tradução do inglês Larissa Brainer. Disponível em <https://feministkilljoys.com>. Acesso em mar. 2018.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias Ancoradas Em Corpos Negros**. 2. ed. São Paulo: Educ, 2014.
- ANZALDÚA, Gloria. Los movimientos de rebeldía y las culturas que traicionam. In: ANZALDÚA, Gloria. **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras** (obra colectiva). Traficantes de Sueños: Madrid, 2004. p. 71-80.
- _____. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritores do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. Ano 8, 1º semestre, 2000, p. 209-236.
- _____. La consciencia de la mestiça. Rumo a uma nova consciência. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.13, n.3, 320, setembro/dezembro 2005, p. 704-719.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018** (para diagramação). Uberlândia, maio de 2019.
- AZEVEDO, Elaine. PELED, Yiftah. “Artevismo” Ailementar. In: **Contemporanea**, v.5, n.2, jul-dez. 2015, p. 495-520.
- BARRETO, Carol; ROSA, Laila. “Falando em línguas”: Artevismo como forma de produção de conhecimento feminista. In: GROSSI, Miriam; BONETTI (Org.). **Caminhos feministas no Brasil: Teorias e Movimentos Sociais**. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2018.
- BARROS José Flavio Pessoa; TEIXEIRA, Maria Lina Leão. Sassanhe: “O catar das Folhas” e a construção do ser. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- BARROS, Clovis. **A vida que vale apenas ser vivida**. 12. ed. – Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. *Estudos Feministas*, v.. 3, n. 2, 1995, p. 458-463.
- BASTOS, Alice Beatriz. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon **Psicólogo in Formação**, ano 14, n. 14 jan./dez. 2010.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Viva**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1980.

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia Social do Racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58.
- BILAC, E. D. Gênero, vulnerabilidade das famílias e capital social: algumas reflexões. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). **Novas metrópolis paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2006. p. 51-65.
- BITENCOURT Silvana Maria. Os efeitos da política de produtividade para as novas gerações de acadêmicas na fase do doutorado. **Estud. sociol.** Araraquara, v.19, n.37, p.451-468 jul.-dez. 2014.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, Ana Maria, GONÇALVES, Maria Graça; FURTADO, Odair (Org.). **A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6.ed. – São Paulo: Cortez, 2015.
- BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 179 p.
- BONIN, Iara. O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade **Encarte Pedagógico X** Publicação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Disponível em www.cimi.org.br. Acesso em dez. 2015.
- BORDO, S.. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A.M.; BORDO, S.R. (Org.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997. p.19-41.
- BORGES, Naranda Costa. **Dançaar: uma autopoiesis do feminino através da dança**. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Dança/Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n.26, jan./jun. 2006, p. 329-376.
- BYINGTON, Carlos Amadeu. **A construção Amorosa do Saber: o fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana**. 2. ed. São Paulo: Linear B, 2011.
- CALDWELL, Kia Lilly. “Look at her hair”. The body politics of black womanhood. In: CALDWELL, Kia Lilly. **Negras in Brazil**. Re-envisioning black women, citizenship, and the politics of identity, 2007.p. 81-106.
- CARDOSO, Claudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva das mulheres negras brasileiras**. 2012. 383f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo- Universidade Federal da Bahia, 2012.
- CARLSON, Marvin. **Performance.Uma introdução crítica**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.
- CARMO, Adriele. **Guarda-versos: palavras que não pude calar**. Cole-sãEscrevivências, nº 30. Distrito federal: Padê editorial, 2018.
- CARNEIRO, Fernanda. Nossos passos vem de longe... In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn (Org.). **O livro da saúde de Mulheres Negras: nosso passos vem de longe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento: Enegrecendo o feminismo**. Estudos Avançados, 2003, v.17, n. 49, p. 117-132.

Cartilha BEM VIVER PARA A MILITÂNCIA FEMINISTA. Metodologias e experiências de autocuidado e cuidado entre mulheres ativistas Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA). 2016.

CARVER, M. Heather. Methodology of the heart. A Performative Writing Response. *Liminalities. A Journal of Performance Studies*. v. 3, n. 1, march, 2007, p. 1-14.

CASTELLANOS, M.E.P.; LOYOLA; IRIART, J.A.B. Ciências Sociais em Saúde Coletiva. In: ALMEIDA-FILHO, Naomar de; PAIM, Jairnilson Silva (Org.). **Saúde coletiva**: teoria e prática. Rio de Janeiro: MedBook, 2014. p. 567-584

CAVALCANTI, Raissa. **Mito das águas**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva (comunicação proferida na abertura da 26ª Reunião Nacional da ANPED, em outubro de 2003). **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 5-15. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf> Acesso: 10/09/2018.

_____. 2016. **Contra a universidade operacional e a servidão voluntária** (in-tervenção realizada no Congresso da Universidade Federal da Bahia, em julho de 2016). Disponível em: <https://www.ufba.br/noticias/conhe%C3%A7a-palestra-contr-a-universidade-operacional-e-servidaovoluntaria> Acesso: 10/09/2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. 2.ed, New York:Routledge, 2000.

COSTA, Claudia de Lima. A urgência do pós-colonial e os desafios dos feminismos latino-americanos. **Terceira Margem**, v. 13, p. 70-85, 2009.

CRENSHAW, Kimberle W. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las practicas políticas del feminismo antirracistas. **Nómadas**. Colômbia, n.26, 2007, p.92-101.

_____. **Descolonizando el feminismo**: una perspectiva desde America Latina y el Caribe. Disponível em http://www.4shared.com/office/FhxP6zWA/Ochy_Curiel_Descolonizando_e.html. Acesso em ago. 2019.

DAS, Veena. **O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade**. *Cad. Pagu*[online], 2011, n. 37 [cited 2015-03-20], pp. 9-41. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332011000200002&lng=en&nrm=iso. ISSN 0104-8333.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. José Olympio, Rio de Janeiro: 1993. p. 89-101.

DETONI, José. A ARTE E O HOMEM – UMA VISÃO FILOSÓFICA. **SABER CIENTÍFICO**, Porto Velho, v.2, n.2, p. 98 -102, jul./dez.,2009.

EISLER, R. A Deusa da Natureza e da Espiritualidade: um manifesto ecológico. In: CAMPBELL, Joseph; EISLER, Riane; GIMBUTAS, Marija; MUSÈS, Charles. **Todos os nomes da deusa**. Trad. Beatriz Pena. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Trad. Waldéa Barcellos. 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FANON, Frantz. A experiência vivida do negro. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA. 2008.p. 103-126.

FARAH, Rosa Maria. Introdução. In: ZIMMERMANN, E. (Org.). **Corpo e individuação.** Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7-14.

FERNANDES, Ermelinda Ganem. **Oxum e a iniciação feminina.** Salvador: Editora Gato Preto, 2019.

FIÚZA, Ana Paula dos Anjos. **MULHERES AFROINDÍGENAS PELO DIREITO AO BEM VIVER E ÀS SUBJETIVIDADES.** 2018. Disponível em www.redor2018.sinteseeventos.com.br > arquivo > downloadpublic. Acesso em ago. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios.** 6. ed. São Paulo, Cortez, 2001.p.79 – 88

FRÓES BURNHAM, Teresinha. Análise cognitiva, um campo multirreferencial do conhecimento? Aproximações iniciais para sua construção. In:FRÓES BURNHAM, Teresinha. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento.** Salvador: EDUFBA, 2012.

FURTADO, Odair. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, Ana Maria; GONÇALVES, Maraia Graça, FURTADO, Odair (Org.). **A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** 6.ed. – São Paulo: Cortez, 2015.

GALVÃO, Ana Maria. M. O. ; BATISTA, Antonio G. Oralidade e escrita: uma revisão. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 403-432, maio/ago., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a07.pdf>. Acesso em 20 mai. 2015.

GAYOTTO, M. L. **Conceitos básicos que facilitam a compreensão do início de um grupo.** Artigo referente ao curso de especialização em Coordenação de grupos operativos do Instituto Pichon-Rivière. [S.l.: s.n.], 1992.

GILMORE, Ruth Wilson. **Golden Gulag: Prisons, Surplus, Crisis, and Opposition in Globalizing.** California:University of California Press, 2007.

ROTTENBURG, Catherine. “The Rise of Neoliberal Feminism”.**Cultural Studies.** 2013. Disponível em <http://www.bgu.ac.il/~rottenbe/The%20rise%20of%20neoliberal%20feminism.pdf>. Acesso em ago. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: GOMES, Nilma Lino. **Educação antirracista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. 2002. São Paulo: USP, 2002.

_____. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo afrolatinoamericano”. **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

GOULART, Iris. **Psicologia da Educação: Fundamentos Teóricos Aplicações à Prática Pedagógica**. 21.ed. – Petropolis, RJ: Vozes, 2015.

GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com raça em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, 2003.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **CadernosPagu**, 1995, n. 5, p. 07-41.

HARDING, Sandra. **The Feminist Standpoint Theory Reader**. New York: Routledge, 2004.

HOOKS, bell. Alisando os nossos cabelos. **Revista Gazeta de Cuba** - Unión de escritores y Artista de Cuba, jan/fev 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em blogspot.com/alisando-o-nosso-cabelo.html. Acesso em 20 set. 2018.

_____. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. EROS, EROTISMO E O PROCESSO PEDAGÓGICO. In: **Gênero, sexualidade e educação**, 1997.

_____. Intelectuais Negras. *Revista Estudos feministas*. Nº2/95. vol.3. 1995.

_____. **Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista. Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras** (obra coletiva). Madrid: Traficantes de sueños, 2004, p. 33-50.

_____. **Vivendo de amor**. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn (orgs.). *O livro da saúde de Mulheres Negras: nosso passos vem de longe*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.

JESUS, Bruna. Relatório PIBIC 2017 **Feminaria Musical ou epistemologias feministas em música no Brasil IV: etnografias, saberes e vivências poético-musicais**.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JUNG, Carl Gustav. **Sobre o Amor**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Every Day Racism**. Münster: UnrastVerlag. 2. Auflage, 2010.

KING, Yestra. Curando as feridas: Feminismo, Ecologia e Dualismo Natureza e cultura. In: **Gênero, Corpo e Conhecimento**. Jaggar, Alison e BORDO, Susan (org). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

LANDES, Ruth. **Acidade das Mulheres**. 1970.

LORDE, Audre (1988). *A Burst of Light, Essays*. London; Sheba Feminist Publishers.

_____. **The Cancer Journals**. Aunt Lute Books: San Francisco. 1997.

_____. **Sister Outsider**, 1984. Traduzido por Tatiana nascimento dos santos – dezembro de 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petropólis-RJ: Vozes, 1997.

- VEIGA, Lucas. **Descolonizar a Psicologia: Considerações a uma Psicologia Preta**. 2017. Disponível em <https://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/20238/descolonizar-a-psicologia-consideracoes-a-uma-psicologia-preta>. Acesso em 10 fev. 2019.
- MACHADO, Sara Abreu da Mata; ARAÚJO, Rosângela Costa. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 99-112, jul./dez. 2015.
- MAIA, Suzana. Identificando a *branquidade* inominada: corpo, raça e nação nas representações sobre Gisele Bündchen na Mídia Transnacional. **Cadernos Pagu**, jan./jun. 2012, n. 38, p. 309-341.
- MALUF, Sônia W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**, 2002. v. 9, p. 87-101.
- MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOGAN, Daniel Joseph. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 33-43, jan./mar. 2006.
- MARONI, Amnéris. **Jung: individualidade e coletividade**. Coleção Logos, São Paulo: Moderna, 1998.
- MARQUES, J., & PAÉZ, D. (2006). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In: VALA ; J.; MONTEIRO, M. B. (Org.), **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian< ANO. p.333-384.
- MELLO, Luis; GONÇALVES, Elaine. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. **Dossiê Trans-formações em gênero**, v. 11, n. 2, 2010.
- MORAES, 2011. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, M, AMANTINO, M (Org.) **História do corpo no Brasil**, São Paulo, Unesp, 2011.
- MOREIRA, Thalita Couto. **Música, Materialidade**. 2012, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música Programa de Pós-Graduação em Música. Belo Horizonte, 2012.
- MUNANGA, K. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania**. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica. São Paulo, s/d. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/05diversidade.pdf> . (Acesso em 15 abr. 2014).
- _____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos Penesb**, Niterói, Editora da UFF, n.5, p. 15-34, 2003.
- MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo: O poder da improvisação na vida e na arte**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1993.
- NASCIMENTO, Tatiana. **Lundu**. 2.ed. Brasília: Padê Editorial, 2018
- NETTO, Liana. Dança e Expressão corporal: Uma análise junguiana sobre a terapêutica artística. In: NETTO, Liana. **Diálogos criativos entre a arteterapia e a psicologia Junguiana**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. Trad. Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silvia Mourão Netto. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

_____. **Filosofia da ancestralidade:** corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

ONG, Walter. Writing is a technology that restructures thought. In: BAUMANN, G. **The Written word:** literacy in transition. Oxford: Clarendon Press, 1986. p.23-50.

PAIVA, E. Corpos pretos e mestiços no mundo moderno – deslocamentos de gente, trânsito e imagens. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.) **História do corpo no Brasil.** São Paulo: UNESP, 2011.

PARIS, Gilles. **Meditações pagãs:** os mundos de Afroditê, Ártesmis e Héstia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PATTO, Maria Helena Souza. **Psicologia e ideologia:** uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

PEREIRA, Bárbara Maria Dultra. **Mãos que Abraçam:** afetividade, cuidado e as práticas integrativas complementares, no Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgar Santos da UFBA. 239 f. il. 2017. Tese (Doutorado) -- Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

PEREIRA, Hermelinda Ganem Fernandes, FIALHO, Francisco Antônio Pereira. **Tipologias e Arquétipos** – Coleção Jung sai pra rua. v. 1. Florianópolis: Insular, 2014.

PHILIPPINI, Angela. **Para entender Arteterapia:** Cartografias da Coragem. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Teoria do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PIKAZA, X. **Para compreender hombre y mujer em lãs religiones.** Estella: Verbo Divino, 1996.

PIRES, Mara Fernanda Chiari. **Docentes negros na universidade pública brasileira:** docência e pesquisa como resistência e luta / Mara Fernanda Chiari Pires. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

POLLACK, R. **O corpo da deusa: no mito, na cultura e nas artes.** Trad. Magna Lopes. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.

POLLOCK, Della. **Performing writing. The ends of performance.** New York: University of New York Press, 1998. p. 73-103

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Instituto Kuanza, 2006.

PORTILLO, V. G. **O complexo materno não resolvido.** 2004. Disponível em: <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos>. Acesso em 16 nov. 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (comp.) **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e Ciências Sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; DINIZ, Edite Luiz Ana; BASTOS, Cecília de Sousa. Relato descritivo da experiência de parto por parteira: o poder da mulher quilombola. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza; GOMBERG, Estélio (Org.) **Leituras afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes.** São Cristóvão: Editora UFS; EDUFBA, 2009. 344 p.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1999, p. 43-87.

ROSA, Crislane Palma da Silva. **Quem se apropria do espaço público? Classe Social, Raça e Sexo sob o olhar do Alto das Pombas, Salvador-BA** / Crislane Palma da Silva Rosa. Salvador, 2018. 124 f.: Orientador: Angelo Szaniecki Perret Serpa. TCC (Graduação - Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2018.

ROSA, Laila Andresa Cavalcante. **As juremeiras da nação Xambá (Olinda/PE)**. Músicas, performances e relações do feminino e relações de gênero na jurema sagrada. 359f. Tese (Doutorado em Etnomusicologia). Programa de Pós-graduação em Música - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

_____. **Epahei Iansã! Música e resistência na Nação Xambá: uma história de mulheres**. 290 f. Dissertação (Mestrado em Etnomusicologia). Programa de Pós-graduação em Música – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. 255.

_____. Pode Performance ser no feminino? **Revista ICTUS**, v.11, p. 83-99, 2010.

Disponível em <http://www.ictus.ufba.br/index.php/ictus/article/view/218>. Acesso em 20 mai. 2016.

_____; CARDOSO, Laura e SOBRAL, Rebeca. Feminaria Musical o que (não) se produz sobre mulheres e música no Brasil. Encontro Nacional da Associação de Etnomusicologia no Brasil. 7. 2015. Florianópolis. **Anais**. Florianópolis, UFSC, 2015. Disponível em <http://www.abetmusica.org.br/conteudo.php?&sys=downloads> Acesso em 13 jul 2017.

_____; HORA, Eric; SILVA, Laurisabel. "Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros". Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos. **Anais...** Florianópolis, UFSC, 2013. Disponível em: <Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385055525_ARQUIVO_Laila_Rosa.pdf. Acesso em 11 fev. 2016.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

ROTH, W. **Introdução à psicologia de C. G. Jung**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SALLEH, Ariel. Prólogo. In: SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo: teoria, crítica y perspectivas**. Icaria Antrazyt – Mujeres, vocês y propuestas, 2013.p. 11-15.

SAMPAIO, Patrícia passos. **Ser (In)Feliz Na Universidade: Sofrimento/Prazer E Produtivismo No Contexto Da Pós Graduação Em Saúde Coletiva/Saúde Pública**. Tese (Doutorado Em Saúde Coletiva). 2016. Universidade Estadual Do Ceará-Uece; Universidade Federal Do Ceará-UFC; Universidade De Fortaleza-Unifor. Fortaleza – Ceará 2016.

SANTANA, Renato Xavier. **Minimanual de autocuidado para corpos invisibilizados: 7 orientações iniciais**. E-book para lista de transmissão - Renato Xavier Santana. São Paulo, 2019. 16 p.

SANTOS, Boaventura S. Por uma pedagogia do conflito. In: SILVA, L.H. et. al. (Org.). **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre; Sulina, 1996.

- SARDENBERG, Cecília. A mulher frente à cultura da eterna juventude: Reflexões teóricas e pessoas de uma feminista “cinquentona”. In: FERREIRA, L, NASCIMENTO, E (Org.). *Imagens na Cultura Contemporânea. Coleção Bahianas*, n. 7,. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.
- _____. **In the Backyard of the Factory: Gender, Class, Power and Community in Bahia, Brazil**. Ph.D. dissertation, Boston University, Boston. Ann Arbor, Michigan: UMI Dissertation Services. 1997.
- _____. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS ÀS PEDAGOGIAS FEMINISTAS. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo. **Ensino e Gênero : Perspectivas Transversais**. Salvador : NEIM. 2011
- SCOTT, Joan. Prefácio a *Gender and Politics of History*. **Cadernos Pagu**, 1994, n. 3, p.11-27.
- SEEGER, Anthony. **Os índios e nós**. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro : Editora Campus, 1980.
- _____; DAMATTA, Roberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras. **Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia**, n.32, p. 2-19.
- SEIXAS, Larissa Martins. Encantando Arteterapeutas. In: MACIEL, Carla e CARNEIRO, Celeste (Orgs.). **Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana**. Rio de Janeiro: WAK, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**.. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SILVEIRA, Nise. **Jung: Vida e Obra**. Coleção Vida e Obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- STOLKE Verena. O enigma das interseções: classe, O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX . **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 336, janeiro-abril/2006
- SWAIN, Patricia E. Performance at the Nexus of Gender, Power and Desire: Reconsidering Bauman's Verbal Art from the Perspective Gendered Subjectivity as Performance. **American Folklore Society**. v. 115, n. 455. Toward New Perspectives on Verbal Art as Performance. (Winter, 2002).p. 28-61.
- TASCHEN. **O Livro dos Símbolos: Reflexões sobre Imagens Arquetípicas**. The Archive for research in Archetypal symbolism: Taschen, 2012.
- TEIXEIRA, Adriana Gabriela Santos. **MULHER NO PALCO: Ritos Poéticos Teatrais de Iniciação ao Feminino Sagrado**. 2016.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Escola de Teatro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador/BA: UFBA, 2016.
- TOMAZ, Tadeu da Silva. A produção social da identidade e da diferença In:TOMAZ, Tadeu da Silva (Org.).**Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-102.
- TOMLINSON, Gary. **The Singing of the New World. Indigenous Voice in the Era of European Contact**. New York: Cambridge University Press, 2007.

URRUTIGARAY, Maria. **Arteterapia: A transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

VALLADARES, Ana Cláudia. **A Arteterapia Humanizando os Espaços de Saúde**. São Paulo: Casapsi Livraria, Editora e Gráfica, 2008.

VICTORA, C. As imagens do corpo: representações do aparelho reprodutor feminino e reapropriações dos modelos médicos. In LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social**, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

VIEIRA, Denise. **Alienação no trabalho docente? O professor no centro da contradição**. Salvador: Quarteto, 2015.

WERNECK, Jurema. Nossos Passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias de políticas contra o racismo e o sexismo. **Boletim Gênero, Raça e Etnia**. Ed.7. Março, 2010.

_____. Conferência proferida na Mesa IV - Feminismos nas ONGs no II Seminário Nacional, XVI Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre mulher e relações de gênero, promovido pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher (NEIM/UFBA). “**O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas**”. Salvador, nov. 2006.

WHITMONT, E. C. **O retorno da deusa**. Trad. Maria Sílvia Mourão. São Paulo: Summus, 1991.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A. ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DE ENTREVISTA

PARTE I

DADOS PESSOAIS/MARCADORES IDENTITÁRIOS

1. Nome/nome social
2. Idade
3. Cidade de origem
4. Bairro que reside
5. Reside com alguém? (Se sim, com quem?)
6. Gênero
7. Raça/etnia
8. Sexualidade
9. Vive um relacionamento afetivo/sexual/amoroso?
10. Possui religião? Se sim, qual?
11. Qual a sua renda (ou renda familiar, no caso de residirem juntos)?
12. É beneficiária de algum programa social (no caso da UFBA, se recebe benefícios da PROAE)? Ou bolsista de pesquisa, ensino ou extensão?
13. Possui filhas/os? Qual/is idade/s? Como é a experiência de ser mãe/pai? Já pensou sobre maternidade e paternidade? O que pensa?
14. Ocupação/trabalho
15. Se estudante da universidade:
16. Qual curso? Está em que semestre? O que pesquisa?
17. Qual turno está matriculada?
18. Participa de grupos? (Dentro ou fora da UFBA)
19. Faz atividades artísticas/corporais? Se sim, quais?

PARTE II

PERGUNTAS ABERTAS

1. Quem é você? Como se vê hoje?
2. O que gosta de fazer/viver/sentir?
3. O que não gosta de fazer/viver/sentir?
4. Quais são seus vínculos relacionais mais importantes?
5. E na universidade?
6. O que é saúde para você?

7. O que é Bem Viver?
8. Como vai a sua saúde?
9. O que é saúde mental?
10. Experimenta autocuidado? Como?
11. Como vai a sua saúde mental?
12. O que é arte para você?
13. O que vive/experimenta de artes?
14. O que faz/experimenta para o seu Bem Viver?
15. Como vive esses aspectos na universidade? Como se sente nos diferentes espaços da UFBA?
16. Tem redes de apoio dentro e/ou fora da universidade?
17. Já participou de encontros, oficinas, grupos, atividades que te mobilizaram dentro ou fora da UFBA?
18. Há quanto tempo está grupo (Feminária ou GRUMAP)?
19. Porque entrou no grupo? Como foi sua entrada?
20. O que destaca da sua história no grupo?
21. O que mais te marcou? (Experiência, atividade, performance)
22. O que te mantém no grupo ou o que te levou a parar de acompanhar as atividades do grupo?
23. Como é para você se expressar publicamente?
24. Que pedagogia entende que é usada no grupo?
25. O que seria uma pedagogia feminista para você?

APÊNDICE B. ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO - COORDENADORA DO GRUPO**PARTE I****DADOS PESSOAIS/MARCADORES IDENTITÁRIOS**

1. Nome/nome social
2. Idade
3. Cidade de origem
4. Bairro que reside
5. Reside com quem?
6. Gênero
7. Raça/etnia
8. Classe
9. Sexualidade
10. Relacionamento afetivo/sexual/amoroso
11. Possui religião? Qual?
12. Qual a sua renda (ou renda familiar, no caso de residirem juntos)
13. É beneficiária de algum programa social?
14. Possui filhas/os? Qual/is idade/s? Como é a experiência de ser mãe/pai? Já pensou sobre maternidade e paternidade?
15. Ocupação/trabalho
16. O que pesquisa?
17. Participa de grupos? (Dentro ou fora da UFBA)
18. Faz atividades artísticas/corporais? Se sim, quais?

PARTE II**PERGUNTAS ABERTAS**

1. Quem é você?
2. O que gosta de fazer/viver/sentir?
3. O que não gosta de fazer/viver/sentir?
4. Quais são seus vínculos mais importantes?
5. E na universidade?
6. O que é saúde para você?
7. O que é Bem Viver?
8. Como vai a sua saúde?

9. O que é saúde mental?
10. Como vai a sua saúde mental?
11. O que é arte para você?
12. O que vive/experimenta de artes?
13. O que faz/experimenta para o seu Bem Viver?
14. Como vive esses aspectos na universidade? Como se sente nos diferentes espaços da UFBA?
15. Tem redes de apoio dentro e fora da universidade? Quais?
16. Já participou de encontros, oficinas, grupos, atividades que te mobilizaram dentro ou fora da UFBA?
17. Há quanto tempo está grupo (Feminária ou GRUMAP)?
18. Como foi o processo de criação do grupo? Fale um pouco da história.
19. O que destaca da sua história no grupo?
20. O que mais te marcou? (Experiência, atividade, performance)
21. O que te mantém no grupo?
22. Como vê sua condução no grupo?
23. Já pensou sobre pedagogias fortalecedoras de autonomia? O que é? Como pensa ser?
24. O que é uma pedagogia feminista?

APÊNDICE C. DADOS DAS ENTREVISTAS

Interlocutoras/es	Tempo de entrevista	Data
Alessandra Alves	1h16m	23/03/2018
Alexandra Martins	1h23m	18/04/2018
Ana Paula Fiúza	44m	09/05/2018
Ariana da Silva	1h12m	15/05/2018
Bruna Santos	53m	23/04/2018
Carol Barreto	2h35m	17/05/2018
Cristiane Lima	1h06m	19/02/2018
Débora Campelo	1h31m	06/06/2018
Deusi Magalhães	1h35m	16/03/2018
Ellen Carvalho	1h15m	18/04/2018
Eric Assmar	1h12m	23/05/2018
Fran Ribeiro	1h12m	26/03/2018
Helen Campos	1h30m	07/02/2018
Italo Neno	30m	28/03/2018
Jorgete Lago	1h06m	14/02/2018
Laila Rosa	1h50m	05/03/2018
Laura Cardoso	1h55m	24/05/2018
Laurisabel da Silva Assil	1h44m	27/04/2018
Maiara Pereira	1h04m	24/07/2018
Maria Belga	1h22m	13/03/2018
Mafá Santos	1h34m	03/06/2018
NeilaKadhí	1h18m	24/03/2018
NzingaMbandi	1h	19/03/2018
Rabeca Sobral	3h50m	10/06/2018
Sérgio Brito	1h20m	21/02/2018
Thalita Batuk	1h2m	30/01/2018

APÊNDICE D. PERFIL SOCIOECONÔMICO E IDENTITÁRIO DAS PESSOAS INTERLOCUTORAS

Interlocutoras /es	Idade	Raça/cor	Identidade de Gênero	Orientação Sexual	Origem	Bairro que vive	Renda (nº de salários mínimos)	Filhas/os	Religião	Relacionamento afetivo/sexual	Formação/ocupação
Alessandra Alves	28	Branca	Mulher	Heterossexual	São Paulo-SP	Bairro central em São Paulo	Sem renda fixa (residindo com os pais)	Não	Não possui	Sim	Jornalista
Alexandra Martins	34	Não-branca	Mulher	Lésbica	Brasília-DF	Ondina – Alto da Sereia	Dois (Divide residência com outras pessoas)	Não	Não possui	Não	Artista Visual e Jornalista; Performer/Finalizando o mestrado NEIM/UFBA
Ana Paula Fiúza	36	Negra	Mulher	Heterossexual	Cruz das Almas-BA	Federação	Sem renda fixa (Mora sozinha)	Não	Não possui	Não	Museóloga/ sem trabalho fixo no momento
Ariana da Silva	34	Negra	Mulher	Lésbica	São Paulo-SP	Federação	1 e ½ (Reside sozinha)	Não	Não possui	Sim	RI e História/Mestranda NEIM
Bruna Santos	31	Negra	Mulher	Bissexual	Salvador-BA	São Rafael/ Pau da Lima	5 (Reside com a família – pais e filha)	Filha de 4 anos	Não Possui	Sim	Bacharela em Gênero e Diversidade/Eventos Infantis
Carol Barreto	38	Negra	Mulher	Heterossexual ampla	Salvador-BA	Rio Vermelho	6 (Reside sozinha)	Não	Umbanda	Não	Design de Moda e Docente NEIMUFBA/ Doutoranda IHAC
Cristiane Lima	38	Negra	Mulher	Bissexual	Salvador-BA	Federação	6 (família de 6 pessoas)	Não	Espírita progressista	Não	Bacharela Interdisciplinar em Humanidades e graduanda em História
Débora Campelo	38	Negra	Mulher	Heterossexual	Salvador-BA	Tancredo Neves/ Beirú	2 (reside com a filha)	Filha de 1a e 8m	Não	Não	Pedagoga e graduanda no Bacharela em Gênero e Diversidade

Interlocutoras/es	Idade	Raça/cor	Identidade de Gênero	Orientação Sexual	Origem	Bairro que vive	Renda (nº de salários mínimos)	Filhas/os	Religião	Relacionamento afetivo/sexual	Formação/ocupação
Deusi Magalhães	57	Branca “misturada”	Mulher	Heterossexual	Uberlândia – MG	Barra	20	Não	Não possui	Sim	Atriz e diretora de Cinema, Teatro e TV
Ellen Carvalho	37	Branca	Mulher	Bissexual	São Paulo – SP	Barris	7 (Reside com o marido e filho)	Filho de seis meses	Ifá	Sim	Psicóloga e musicista
Eric Assmar	30	Branco	Homem	Heterossexual	Salvador - BA	Graça	Variável entre 5 e 10 salários mínimos (Reside com a mãe e a namorada)	Não	Não possui	Sim	Musicista e Doutorando em Música
Fran Ribeiro	30	Negra “Americana”	Mulher	Lésbica	Contagem - MG	Rio vermelho – Alto da Sereia	Não possui renda fixa (Reside sozinha)	Não	Não possui	Sim	Jornalista/ Autônoma
Helen Campos	33	Negra	Mulher	Heterossexual	Feira de Santana - BA	Federação	5 (Reside com o marido e o filho)	Não	Não possui	Sim	Comunicóloga/Doutoranda FACOM/UFBA
Italo Neno	28	“Pardo”	Homem	Heterossexual	Petrolina-PE	Bairro central em Aracajú	5 (Reside com a esposa)	Não	Cristão	Sim	Musicista/ Doutorando em Música na Universidade de Aveiro - Portugal
Jorgete Lago	40	Negra	Mulher	Heterossexual	Belém - PA	Marco em Belém	11 (Reside sozinha)	Não	Não Possui	Não	Musicista, professora universitária da UEPA e professora na rede Municipal de Belém
Laila Rosa	39	Branca	Mulher	Bissexual	Recife - PE	Rio Vermelho	10 (Reside sozinha)	Não	Ubandaime	Não	Musicista/Docente EMUS/NEIM UFBA
Laura Cardoso	25	Branca	Mulher	Lésbica	Bernardino de Campos - SP	Saúde/Pituba	Variável (Reside sozinha)	Não	Candomblé	Sim	Musicista/Professora de música
Laurisabel da Silva Assil	36	Negra	Mulher	Heterossexual	Salvador-BA	Nordeste de Amaralina	3 e ½ (Reside com a mãe)	Não	Espírita	Não	Musicista, professora de música e Doutoranda EMUS

Interlocutoras/es	Idade	Raça/cor	Identidade de Gênero	Orientação Sexual	Origem	Bairro que vive	Renda (nº de salários mínimos)	Filhas/os	Religião	Relacionamento afetivo/sexual	Formação/ocupação
Maiara Pereira	27	Branca	Mulher	Heterossexual	Macaúbas-BA	Pituba	Sem renda fixa (Reside com a irmã)	Não	Não possui	Não	Antropóloga e Mestranda PPGA/UFBA
Maria Belga	45	Branca	Mulher	Heterossexual	Bruxelas-Bélgica	Federação – Estrada de São Lazaro	4 (reside com dois filhos)	3 filhos (maior de 16 e menor de 3 anos)	Não possui	Não	Graduada em Engenharia Comercial na Bélgica/ Doutoranda no IHAC/UFBA
Mafá Santos	26	Negra	Mulher	Lésbica	Salvador - BA	Engenho Velho da Federação	½ (renda variável, reside sozinha)	Não	Ifá	Não	Musicista e Bacharelada em Gênero e Diversidade
NeilaKadhí	33	Negra “Negra clara”	Mulher	Bissexual	Salvador-BA	Campo Grande	Variável entre 1 e 3 (Reside com a namorada e sogra)	Não	Não possui	Sim	Musicista Bacharelado Intrdisciplinar em Artes IHAC/UFBA
NzingaMbandi	26	Negra	Mulher	Heterossexual	João Monlevade - MG	Garcia	1 e ½ (Reside sozinha)	Não	Candomblé	Não	Cientista Política/ Doutoranda NEIM/UFBA
Rabeca Sobral	39	Negra	Mulher	Bissexual	Fortaleza - CE	Rio Vermelho	Sem renda fixa	Não	Não possui	Não	Cientista Política, Doutora pelo NEIM/UFBA
Sérgio Brito	33	Negro	Homem	Heterossexual	Salvador – B A	Alto de Coutos	4 (Reside com a companheira)	Filha de 6 anos	Não possui	Sim	Musicista Docente em um IF/ Doutorando na EMUS/UFBA
Thalita Batuk	30	Não branca	Mulher	Sexualidade livre	Goiatuba - GO	Rio Vermelho - Vila Matos	1 (Reside sozinha)	Não	Não possui - Espiritualista	Não	Percussionista e Bacharelada em Artes IHAC/UFBA

APÊNCICE E. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO: SAÚDE, ARTIVISMOS E PEDAGOGIA FEMINISTA: A FEMINÁRIA MUSICAL NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Anni de Novais Carneiro

E-mail: anni_carneiro@hotmail.com

DATA: _____

LOCAL: Salvador, Bahia

DESCRIÇÃO DO ESTUDO E OBJETIVOS: Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa sobre Arte, Saúde, Processos Criativos e Grupais e Bem Viver. As interlocutoras são participantes (ativas e inativas), coordenadora e facilitadora da Feminária: Grupo de Pesquisa e Experimentações, e serão convidadas a partilhar acerca das suas relações e afetações vividas nestes grupos e na Universidade Federal da Bahia (UFBA), bem como suas experiências fora da Universidade referentes a estes temas já citados.

PARTICIPAÇÃO E INTERRUPÇÃO: Sua participação neste estudo é voluntária. Caso venha a aceitar este convite, você poderá mudar de idéia a qualquer instante e interromper sua participação no estudo, sem o menor problema. Esta entrevista será áudio-gravada.

BENEFÍCIOS E RISCOS: Nesta pesquisa os riscos implicados serão de baixa gravidade, de risco mínimo, tendo em vista a Res. 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Há mínima possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase da pesquisa. Este projeto de pesquisa enquadra-se na categoria de Estudos que empregam técnicas e métodos retrospectivos de pesquisa, não se propondo realizar intervenção ou modificação intencional alguma no que tange as variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais de interlocutoras que vierem a participar do estudo. A coleta de dados sedará através de entrevistas com base em questionário semi-estruturado, considerando o caráter não invasivo à intimidade do indivíduo.

Os benefícios desta pesquisa dizem respeito à aquisição de conhecimento generalizável, que tem sua definição na resolução 196/96 como: "O conhecimento generalizável consiste em teorias, relações ou princípios ou no acúmulo de informações sobre as quais estão baseados, que possam ser corroborados por métodos científicos aceitos de observação e inferência" (BRASIL, 1996). Inclui-se entre os benefícios, a possibilidade de devolutiva à instituição universitária, bem como ao próprio grupo de pesquisa e Programa de Pós-Graduação, acerca dos resultados encontrados, os quais poderão embasar o delineamento de novas práticas de apoio às mulheres universitárias.

DIVULGAÇÃO E CONFIDENCIALIDADE: As informações prestadas por você serão codificadas e, em conjunto com as informações coletadas com as outras pessoas, serão analisadas para a elaboração de uma avaliação com o objetivo de construir um trabalho de conclusão de curso. Poderão igualmente fundamentar trabalhos acadêmicos do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher ou, eventualmente, apresentação de trabalhos científicos. A sua identidade será mantida confidencial, caso deseje, caso contrário, a fim de visibilizar sua história e ação no grupo será apresentada e identificada. Este documento será guardado separadamente, também para preservar sua confidencialidade, se assim desejar.

Declaro que estou ciente das informações que me foram transmitidas acima e concordo em participar do referido estudo.

Assinatura da participante _____